DO AUTOR DE SILO

ALGUNS SEGREDOS JAMAIS DEVERIAM SER DESENTERRADOS.

ORDEM

HUGH HOWEY

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

ORDEM

HUGH HOWEY

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS

Copyright © 2013 by Hugh Howey

TÍTULO ORIGINAL
Shift

PREPARAÇÃO
André Marinho

REVISÃO
Flora Pinheiro

FOTOGRAFIA DE CAPA
© Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-682-5

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

You
Tube

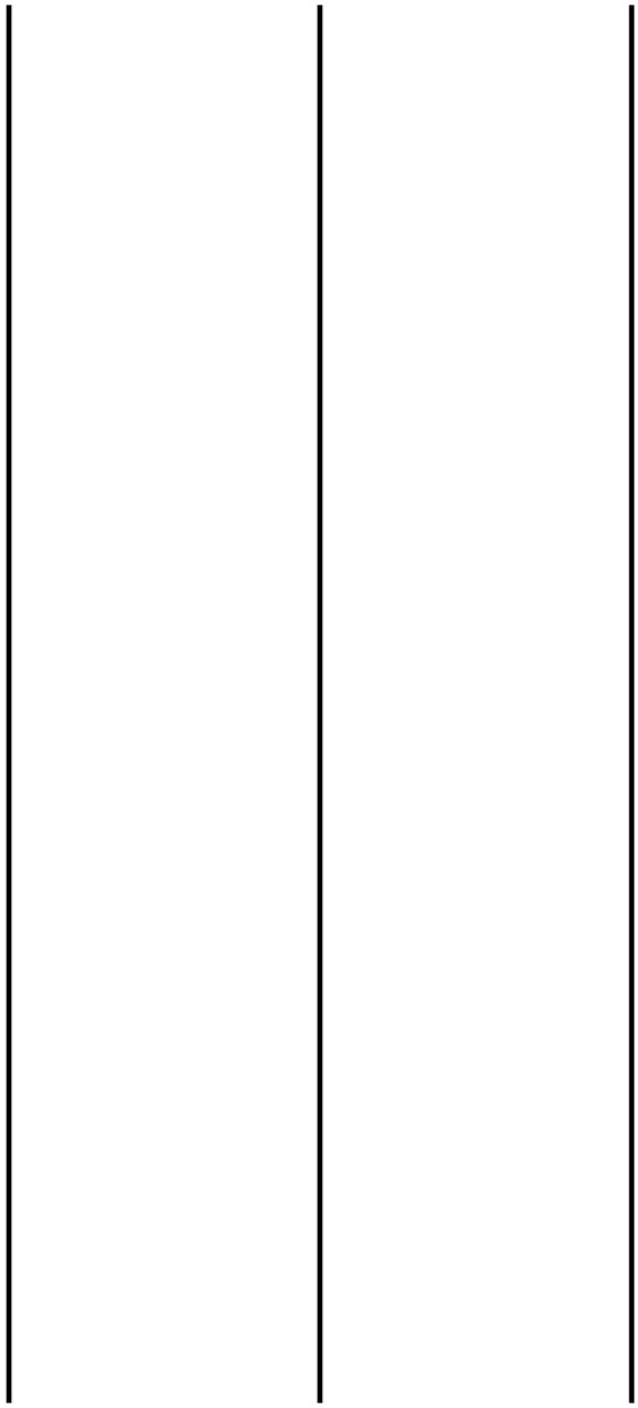
intrínseca

Para aqueles que estão completamente sozinhos

Em 2007, o Centro para Automação em Nanobiotecnologia (CAN) projetou as plataformas de hardware e software que um dia levariam à criação de robôs menores que células humanas para realizar diagnósticos médicos, reparos e até se autorreproduzirem.

No mesmo ano, a rede de TV CBS reprisou um programa sobre os efeitos do propranolol em vítimas de traumas graves. Haviam descoberto que um simples comprimido podia apagar a lembrança de qualquer evento traumático.

Quase ao mesmo tempo na longa história da humanidade, a espécie humana havia descoberto os meios para provocar sua destruição completa. E a habilidade de esquecer que tal destruição já havia ocorrido.



Primeiro Turno — Legado

PRÓLOGO

Ano 2110
Sob as colinas do condado de Fulton, Geórgia

Troy voltou à vida e se viu no interior de um caixão. Ele despertou em um mundo de confinamento, com uma grossa placa de vidro coberta de gelo muito perto de seu rosto.

Formas escuras se moviam do outro lado, na escuridão congelada. Ele tentou levantar os braços, bater no vidro, mas seus músculos estavam fracos demais. Tentou gritar, mas só conseguiu tossir. Sentia um gosto ruim na boca. Os ouvidos ressoaram com o ruído metálico de trancas pesadas se abrindo, o chiado do ar, o ranger de dobradiças havia muito inativas.

As luzes no alto eram fortes; as mãos sobre ele, quentes. Eles o ajudaram a se sentar enquanto Troy não parava de tossir. Sua respiração formava nuvens no ar gelado. Alguém tinha água. Comprimidos a tomar. A água estava fria; os comprimidos, amargos. Troy se esforçou para beber alguns goles. Não conseguia segurar o copo sozinho. Suas mãos tremiam enquanto as memórias irrompiam, cenas de longos pesadelos. A sensação de um tempo remoto e dias passados se misturando. Sentiu um calafrio.

Uma bata cirúrgica de papel. A dor do esparadrapo sendo arrancado. Um puxão no braço. Um tubo puxado de sua virilha. Dois homens vestidos de branco o ajudaram a sair do caixão. O vapor emanava ao seu redor, o ar se condensando e se dispersando.

Sentado e piscando os olhos contra a luz ofuscante, exercitando as pálpebras havia muito fechadas, Troy olhou para a fileira de caixões cheios de vivos que se estendia junto às paredes distantes e curvas. O teto parecia baixo; podia sentir a pressão sufocante da terra acumulada acima deles. E os anos. Tantos tinham se passado. Todo mundo que ele amava devia estar morto.

Tudo estava morto.

Os comprimidos machucaram sua garganta. Ele tentou engolir. Memórias desapareceram como sonhos ao acordar, e ele sentiu que perdia a capacidade de se relacionar com tudo que conhecia.

Caiu para trás, mas os homens de macacão branco perceberam o que ia acontecer. Eles o seguraram e o puseram no chão. A bata de papel roçava em sua pele trêmula.

Imagens ressurgiram em sua mente; lembranças se lançavam como bombas e desapareciam.

O efeito dos comprimidos não ia além disso. Levaria tempo para destruir o passado.

Troy começou a chorar cobrindo o rosto com as mãos, enquanto outra, solidária, pousava em sua cabeça. Os dois homens de branco permitiram que ele tivesse aquele momento. Não apressaram o processo. Era uma cortesia passada de uma alma despertada para a seguinte, algo que todos os homens adormecidos em seus caixões um dia acordariam para descobrir.

E, por fim... esquecer.

1

Ano 2049
Washington, D.C.

Os altos armários de vidro para guardar troféus já tinham sido usados como estantes de livros. Havia indícios disso. As prateleiras tinham séculos, ao passo que as dobradiças e as pequenas fechaduras das portas de vidro aparentavam apenas poucas décadas. A moldura dos vidros era de cerejeira, mas o restante era de carvalho. Alguém tinha tentado minimizar a diferença com algumas camadas de verniz, mas as texturas das madeiras eram bem distintas. A cor não era perfeita. Para olhos muito observadores, detalhes como esse eram gritantes.

O deputado Donald Keene reuniu essas informações sem querer. Ele simplesmente viu que muito tempo atrás uma grande limpeza havia sido feita para abrir espaço. Em algum momento no passado, a sala de espera do senador começou a perder os livros jurídicos obrigatórios até sobrarem apenas alguns. Esses volumes jaziam silenciosos nos cantos mal-iluminados dos armários. Estavam trancados lá dentro, com as lombadas marcadas por rachaduras, couro velho descascando como pele queimada pelo sol.

Alguns dos colegas novatos de Keene enchiam a sala. Andavam de um lado para outro, agitados com o início do mandato. Como Donald, eram jovens e ainda incorrigivelmente otimistas. Estavam trazendo mudanças para a Colina do Capitólio. Esperavam realizar alguma coisa que seus antecessores não tivessem realizado.

Enquanto esperavam a vez para falar com o grande senador Thurman, de seu estado de origem, a Geórgia, eles conversavam nervosamente entre si. Eram como um grupo barulhento de padres, pensou Donald, todos em fila para falar com o papa e beijar seu anel. Ele respirou fundo e se concentrou no conteúdo do armário. Perdeu-se nos tesouros atrás do vidro, enquanto um colega da bancada da Geórgia tagarelava sobre os Centros de Controle e Prevenção de Doenças de seu distrito.

— ...e eles têm esse guia detalhado em seu site, esse manual de ação e prontidão para o caso de, escutem só essa, um apocalipse zumbi! Dá para acreditar nisso? Zumbis, porra! Como se até o CCPD achasse que algo pudesse dar errado e de repente nós todos fôssemos começar a *comer* uns aos outros...

Donald conteve um sorriso, temendo que seu reflexo fosse visto no vidro. Ele se virou e viu uma coleção de fotografias nas paredes. Em cada uma delas o senador estava ao lado de um dos últimos quatro presidentes. A mesma pose e o mesmo aperto de mão em todas as fotos, o mesmo fundo sem janelas, com bandeiras e enormes brasões elaborados. O senador parecia quase o mesmo ao longo dos anos. Seu cabelo era branco no começo e continuava assim. Parecia completamente intocado pelo passar das décadas.

Ver as fotos lado a lado de algum modo desvalorizava todas elas. Pareciam encenadas. Falsas. Era como se todos os homens mais poderosos do mundo tivessem implorado pela oportunidade de posar ao lado de uma imagem de papelão recortada, uma atração de beira de estrada.

Donald riu, e o deputado de Atlanta se juntou a ele.

— É demais, não é? Zumbis. Muito engraçado. Mas pense comigo, ok? Por que o CCPD *teria* esse manual se não...?

Donald queria corrigir o colega, contar a ele do que realmente estava rindo. *Veja os sorrisos*, ele queria dizer. Os sorrisos estavam nos rostos dos *presidentes*. O senador parecia preferir estar em qualquer outro lugar. Era como se cada um naquela sucessão de comandantes supremos soubesse

quem era o homem mais poderoso, quem ainda estaria ali muito depois de eles próprios terem deixado o cargo.

— ...são conselhos do tipo: todos devem ter em casa um taco de beisebol, lanternas e velas, não é? Só por garantia. Você sabe, para esmagar uns cérebros.

Donald pegou o celular e checou a hora. Olhou para a porta e se perguntou por quanto tempo ainda teria que esperar. Guardou o aparelho, virou outra vez para o armário e analisou uma prateleira em que havia um uniforme militar arrumado cuidadosamente, como se fosse um delicado origami. A parte superior esquerda do peito do dólmã exibia uma sequência de medalhas; as mangas estavam dobradas e presas com alfinetes para destacar os galões dourados que decoravam os punhos. À frente do uniforme, havia uma coleção de moedas decorativas em um suporte de madeira feito sob medida, símbolos de respeito e estima dos homens e mulheres que estavam na ativa.

Tanto o uniforme do passado como o suporte com a coleção de moedas do pessoal na ativa diziam muita coisa. Eram os marcos de duas guerras. Uma em que o senador lutara quando jovem, e outra pela qual ele batalhara para evitar, quando já era mais velho e sábio.

— ...é, parece loucura, eu sei, mas você sabe o que a raiva faz com um cachorro? Quer dizer, o que ela *realmente* faz, a parte biológica?

Donald se inclinou para examinar as moedas decorativas. O número e o lema em cada uma delas representavam um grupo que tinha entrado em combate. Ou seria um batalhão? Não conseguia lembrar. Sua irmã Charlotte devia saber. Ela estava ali em algum lugar, no campo de batalha.

— Ei, você não está nem um pouco preocupado?

Donald percebeu que a pergunta tinha sido dirigida a ele. Então virou-se e olhou para o falante deputado. Ele devia ter trinta e poucos anos, mais ou menos a mesma idade que Donald. Ele podia ver no homem seu próprio cabelo rareando, o início de sua própria barriguinha, aquela degradação desconfortável rumo à meia-idade.

— Se estou preocupado com zumbis? — Donald riu. — Não, eu não diria isso.

O deputado se aproximou de Donald, seus olhos focando o aprumado uniforme, como se no interior da vestimenta ainda houvesse o peitoral atlético de um guerreiro.

— Não — disse o homem. — Preocupado em falar com *ele*.

A porta da recepção se abriu, e então pode-se ouvir os sons dos telefones do outro lado.

— Deputado Keene?

Uma recepcionista idosa estava parada junto à porta. A blusa branca e a saia preta evidenciavam um corpo magro e atlético.

— O senador Thurman vai recebê-lo agora — informou ela.

Donald deu um tapinha no ombro no deputado de Atlanta quando passou por ele.

— Ei, boa sorte — balbuciou o homem enquanto ele se afastava.

Donald sorriu. Resistiu à tentação de se virar e dizer a ele que conhecia muito bem o senador, que tinha brincado de cavalinho em seus joelhos quando era criança. Só que Donald estava preocupado demais em esconder o próprio nervosismo para fazer isso.

Ele atravessou a grossa porta, constituída por painéis de diversos tipos de madeira de lei, e entrou no santuário particular do senador. Isso não era como entrar em uma casa para buscar a filha de um homem e levá-la para um encontro. Era diferente. Era a pressão de encontrá-lo como um colega, ao passo que Donald ainda se sentia como o menininho que cavalgava no joelho do senador.

— Por aqui — indicou a recepcionista.

Ela conduziu Donald por entre duas fileiras de mesas grandes e ocupadas, com uma dezena de telefones chamando em toques curtos. Homens e mulheres jovens, de terno e camisas impecáveis, seguravam um aparelho em cada mão. Suas expressões entediadas sugeriam que aquela era uma quantidade normal de trabalho para uma manhã de dia útil.

Donald esticou a mão ao passar por uma das mesas e sentiu a madeira com as pontas dos dedos. Mogno. Os assessores ali tinham mesas melhores que a dele. E a decoração era constituída por um carpete macio, antigas e largas cornijas, teto revestido e lustres pendentes que deviam ser de cristal de verdade.

Ao fundo da sala barulhenta, outra porta de painéis de madeira se abriu e dela surgiu o deputado Mick Webb, que havia terminado uma reunião. Mick não viu Donald. Estava concentrado demais na pasta aberta que tinha à sua frente.

Donald parou e esperou que o colega e velho amigo de faculdade se aproximasse.

— E aí? — perguntou a Mick. — Como foi?

Mick ergueu os olhos e fechou rapidamente a pasta. Em seguida, enfiou-a embaixo do braço e balançou a cabeça.

— É, é... Foi ótimo. — Ele sorriu. — Desculpe se demoramos muito. O velho não queria me largar.

Donald riu. Ele acreditava nisso. Mick fora eleito com facilidade. Ele tinha o carisma e a confiança que acompanhavam o fato de ser alto e bonito. Donald costumava brincar que se o amigo não fosse tão ruim com nomes, um dia seria presidente.

— Sem problema — respondeu Donald. Ele apontou com o polegar para trás por cima do ombro. — Eu estava fazendo novos amigos.

Mick deu um sorriso forçado.

— Aposto que sim.

— É. Bem, vejo você de novo na fazenda.

— Com certeza. — Mick bateu em seu braço com a pasta e seguiu para a saída.

Donald captou o olhar da recepcionista e se apressou. Ela gesticulou para que ele entrasse no gabinete pouco iluminado e fechou a porta em seguida.

— Deputado Keene.

O senador Paul Thurman estava de pé atrás de sua mesa e estendeu-lhe a mão. Deu um sorriso familiar, que Donald conhecia tanto de fotos

e da TV quanto de sua infância. Apesar da idade, quase uns setenta anos (se é que já não tinha isso), o senador estava saudável e em boa forma. Sob a camisa social, havia o corpo atlético típico dos militares; o pescoço grosso destacava-se acima do colarinho e da gravata; os cabelos brancos continuavam curtos e bem-aparados, como se o homem ainda estivesse na ativa.

Donald atravessou a sala escura e apertou a mão do senador.

— É bom vê-lo, senhor.

— Sente-se, por favor. — Thurman soltou a mão de Donald e gesticulou na direção de uma das cadeiras diante da mesa.

Donald ocupou o assento de couro vermelho-vivo com ilhoses dourados, que lembravam os fortes rebites de uma viga de aço.

— Como vai Helen?

— Helen? — Donald ajeitou a gravata. — Ótima. Ela voltou para Savannah. E gostou muito de vê-lo na recepção.

— Sua esposa é linda.

— Obrigado, senhor.

Donald estava se forçando a relaxar, o que não ajudava. O gabinete parecia escuro, mesmo com as luzes acesas. As nuvens lá fora haviam ficado feias, baixas e escuras. Se chovesse, ele teria que voltar ao gabinete pelo túnel. Odiava o túnel. Apesar de o lugar ter sido decorado com carpetes e pequenos lustres, Donald ainda sabia que estava sob a terra. Os túneis em Washington o faziam sentir como um rato circulando pelos esgotos. Sempre parecia que o teto estava prestes a desabar.

— O que está achando do emprego até agora?

— O emprego é bom — disse. — É muito trabalho, mas é bom.

Ele ia perguntar ao senador como Anna estava, mas a porta às suas costas se abriu antes que pudesse fazer isso. A recepcionista entrou, trazendo duas garrafas de água. Donald agradeceu, girou a tampa e viu que já estava aberta.

— Espero que não esteja ocupado demais para trabalhar em algo para mim — propôs o senador Thurman, erguendo uma sobrancelha.

Donald tomou um gole e se perguntou se aquela era uma habilidade que ele podia aprender, aquele erguer de sobrancelha. Despertava o impulso de pular em posição de sentido e bater continência.

— Ah, eu arranjo tempo — respondeu. — Depois de todo o seu apoio à minha campanha? Sem ele, acho que eu não teria conseguido passar nem das primárias.

Brincou com a garrafa de água no colo.

— Você e Mick Webb se conhecem há tempos, não é? Dois Bulldogs?

Donald levou um segundo para entender que o senador estava se referindo à mascote de sua faculdade. Não tinha passado muito tempo na Geórgia acompanhando esportes.

— Sim, senhor. Força, Bulldogs!

Torceu para que fossem as palavras certas. O senador sorriu e se debruçou para a frente, de modo que o rosto ficou no foco da luz suave que iluminava sua mesa. Donald observou as sombras de rugas que, de outro modo, seriam quase imperceptíveis. O rosto magro de Thurman, de queixo quadrado, provavelmente fazia com que parecesse mais jovem de frente que de perfil. Ali estava um homem que chegava aonde queria abordando os outros diretamente, em vez de emboscá-los.

— Você estudou arquitetura na Universidade da Geórgia.

Donald assentiu. Era fácil esquecer que conhecia Thurman melhor do que o senador o conhecia. Um ganhava muito mais manchetes de jornal que o outro.

— Isso mesmo. Já durante a faculdade, eu comecei a pensar em fazer mestrado. Mas percebi que poderia ajudar mais governando as pessoas do que criando caixas para elas.

Ele fez uma careta ao se ouvir dizendo essa frase. Era um clichê de faculdade, algo que devia ter deixado para trás junto com coisas como amassar latas de cerveja na testa e correr atrás de qualquer rabo de saia. Donald se perguntou pela enésima vez por que ele e os novos deputados tinham sido convocados. Quando recebeu o convite, achou que fosse uma visita social. Depois, Mick começou a se vangloriar da própria

reunião, e Donald achou que era alguma espécie de formalidade ou tradição. Naquele momento, porém, ele começava a desconfiar que se tratava de um jogo de poder, uma chance de conquistar republicanos da Geórgia, para quando Thurman precisasse de um voto em particular na câmara *menos importante*.

— Diga, Donny, você é bom em guardar segredos?

O sangue de Donald gelou. Ele se forçou a rir para espantar o nervosismo.

— Eu consegui ser eleito, não consegui?

O senador Thurman sorriu.

— Então provavelmente aprendeu a melhor lição que existe sobre segredos. — O homem ergueu a garrafa de plástico como se estivesse fazendo um brinde. — *A negação*.

Donald assentiu e tomou um gole de sua água. Não tinha certeza de aonde aquilo ia dar, mas já estava se sentindo desconfortável. Percebia que estava perto de um daqueles acordos de bastidores cuja eliminação ele havia prometido a seus eleitores, caso fosse eleito.

O senador se recostou na cadeira.

— A negação é o tempero secreto desta cidade — disse ele. — É o sabor que une todos os outros ingredientes. Sabe o que eu digo a todos os recém-eleitos? Que a verdade virá à tona, ela sempre vem, mas virá misturada com um monte de *mentiras*. — O senador girou uma das mãos no ar. — Você precisa negar verdades e mentiras com a mesma convicção. Deixe que os sites e os fofoqueiros que reclamam da ocultação de fatos confundam o público *por* você.

— Hã, sim, senhor.

Donald não sabia o que dizer além disso, então tomou outro gole de água. O senador tornou a erguer uma sobrancelha. Ficou imóvel por um instante, depois, do nada, perguntou:

— Você acredita em alienígenas, Donny?

Donald quase soltou água pelo nariz. Cobriu a boca com a mão, engasgou e teve que secar o queixo. O senador não se alterou.

— Alienígenas? — Donald sacudiu a cabeça e passou a palma da mão molhada na coxa. — Não, senhor. Quer dizer, não aquele tipo que abduz pessoas. Por quê?

O jovem se perguntou se aquilo era alguma espécie de *briefing*. Por que o senador tinha perguntado se sabia guardar segredos? Seria uma iniciação de segurança? O senador continuava em silêncio.

— Eles não existem — disse Donald, por fim. E procurou algum movimento ou sinal de seu interlocutor. — Ou existem?

O homem mais velho deu um sorriso.

— Essa é a questão — respondeu. — Existindo ou não, o blá-blá-blá lá fora seria exatamente o mesmo. Você ficaria surpreso se eu lhe contasse que eles são muito reais?

— Nossa, claro, eu ficaria surpreso.

— Bom.

O senador empurrou uma pasta para o outro lado da mesa. Donald a olhou e ergueu a mão.

— Espere. Eles existem ou não? O que o senhor está tentando me dizer?

O senador Thurman riu.

— Claro que não. — Ele tirou as mãos da pasta e apoiou os cotovelos na mesa. — Você já viu quanto a NASA quer de nós para voarem até Marte e voltar? Não há como irmos até outra estrela. Nunca. E ninguém virá até aqui. Ora, por que fariam isso?

Donald não sabia *em que* pensar, o que estava bem longe de como ele se sentira um minuto antes. Tinha entendido o que o senador queria dizer, como a verdade e a mentira pareciam preto e branco, mas, quando misturadas, tornavam tudo cinza e confuso. Baixou os olhos para a pasta. Era parecida com a que Mick estava carregando, e isso o fez pensar no gosto do governo por coisas ultrapassadas.

— Isso é negação, certo? — Ele estudou o senador. — É isso o que o senhor está fazendo agora. Está tentando me confundir.

— Não. O que estou dizendo é que é melhor você parar de assistir a tantos filmes de ficção científica. Na verdade, por que acha que esses

cientistas sempre estão sonhando em colonizar outro planeta? Tem ideia de quanto isso custaria? É ridículo. Não compensa.

Donald deu de ombros. Não achava ridículo. Tampou outra vez a água.

— Está em nossa natureza sonhar com espaços abertos — retrucou. — Encontrar lugares para nos espalharmos. Não foi assim que viemos parar aqui?

— Aqui? Na América? — O senador riu. — Nós não viemos aqui e encontramos uma área vazia. Fizemos um bando de gente ficar doente, matamos as pessoas e abrimos espaço à força. — Thurman apontou para a pasta. — O que me traz a isso. Eu tenho uma coisa em que gostaria que você trabalhasse.

Donald pousou a garrafa no forro de couro da enorme mesa e pegou a pasta.

— É algo vindo dos comitês?

Tentou conter a empolgação. Era sedutor pensar em ser coautor de um projeto de lei em seu primeiro ano de mandato. Abriu a pasta e virou-a na direção da janela, onde nuvens de tempestade se aglomeravam.

— Não. Nada do gênero. Isso é sobre as InConDes.

Donald assentiu. É claro. O preâmbulo sobre segredos e conspirações de repente fez todo o sentido, assim como aqueles tantos representantes da Geórgia na sala de espera. Aquilo tinha a ver com as Instalações de Contenção e Descarte, apelidadas de InConDes, que estavam no centro do novo projeto de lei de energia do senador, o complexo que um dia abrigaria a maior parte do combustível nuclear usado no mundo. Ou, segundo os sites aos quais Thurman tinha se referido, seria a próxima Área 51, ou o lugar onde uma superbomba nova e aperfeiçoada estava sendo construída, ou uma prisão de segurança máxima para libertários que tivessem comprado armas demais. E assim por diante. Havia boatos suficientes lá fora para esconder *qualquer* verdade.

— É — disse Donald, desanimado. — Tenho recebido telefonemas muito interessantes do meu distrito. — Ele não ousou mencionar um

sobre homens-lagarto. — Quero que o senhor saiba que, particularmente, sou cem por cento a favor dessa instalação. — Ele olhou para o senador. — Fico feliz que a votação não tenha sido aberta, é claro, mas já era hora de *alguém* oferecer o seu quintal, não é mesmo?

— Exatamente. Pelo bem comum. — O senador Thurman deu um grande gole de água, recostou-se em sua cadeira e pigarreou. — Você é um jovem inteligente, Donny. Nem todo mundo enxerga quanto isso ajudará nosso estado. Um verdadeiro salva-vidas. — Ele sorriu. — Desculpe, ainda chamam você de Donny, não é? Ou é Donald agora?

— Tanto faz — mentiu Donald.

Ele não gostava mais de ser chamado de Donny, mas mudar de nome no meio da vida era praticamente impossível. Ele voltou para a pasta e virou a carta da primeira página. Por baixo havia um desenho que lhe pareceu deslocado. Era... familiar demais. Familiar, mas, mesmo assim, não pertencia àquele lugar... Era de outra vida.

— Você já viu os relatórios econômicos? — perguntou Thurman. — Sabe quantos empregos esse projeto de lei criou da noite para o dia? Quarenta mil, assim. — Ele estalou os dedos. — E isso só na Geórgia. Muitos vão ser no seu distrito, muitos carregamentos, muitos estivadores. Claro, agora que foi aprovado, nossos colegas menos espertos estão reclamando que também deviam ter tido a chance de incluir propostas...

— Eu desenhei isso — interrompeu Donald, pegando a folha de papel.

Ele mostrou o desenho a Thurman, como se o senador fosse ficar surpreso ao ver que aquilo tinha saído da pasta. Donald se perguntou se aquilo era coisa da filha do senador, algum tipo de piada ou cumprimento de Anna. Thurman assentiu.

— Sim, bem, mas precisa de mais detalhes, não acha?

Donald estudou o projeto arquitetônico e se perguntou que tipo de teste era aquele. Ele se lembrava do desenho. Fora um projeto de última hora para sua aula de arquitetura sustentável do último ano da faculdade. Não tinha nada de incomum nem maravilhoso; era apenas uma grande

estrutura cilíndrica com cerca de cem andares de vidro e concreto, e sacadas arborizadas, e um recorte lateral do prédio que revelava níveis intercalados de habitação, trabalho e comércio. O projeto dele era simples onde, Donald lembrava, os colegas tinham se arriscado; era utilitário onde poderia ter sido ousado. Arbustos verdes se projetavam do teto plano — um clichê horrível, uma resposta à neutralização de carbono.

Em suma: era insípido e sem graça. Donald não conseguia imaginar um projeto tão banal se erguendo nos desertos de Dubai, ao lado da grandiosa nova geração de arranha-céus autossustentáveis. E com certeza não compreendia para que o senador poderia querer usar aquilo.

— Mais detalhes — murmurou ele, repetindo as palavras do senador. Folheou o restante do conteúdo da pasta em busca de alguma pista, algum contexto. — Espere. — Donald estudou uma lista de exigências escrita como se por um cliente em potencial. — Isso parece uma proposta de projeto.

Palavras que ele já esquecera ter aprendido chamaram sua atenção: *fluxo de tráfego interno, planta do andar, aquecimento, ventilação, refrigeração, hidropônico...*

— Você não vai contar com a luz do sol.

A cadeira do senador Thurman rangeu quando ele se debruçou na mesa.

— Como? — Donald ergueu a pasta. — O que exatamente o senhor quer que eu faça?

— Eu sugeriria algo como as lâmpadas que minha mulher usa. — Ele formou um pequeno círculo com os dedos e apontou para o centro. — Ela consegue fazer sementinhas brotarem no inverno. Usa umas lâmpadas que me custaram uma fortuna.

— O senhor quer dizer luzes de cultivo.

Thurman estalou os dedos de novo.

— E não se preocupe com os custos. Pode usar o que for necessário. Também vou lhe conseguir ajuda com a parte mecânica. Um engenheiro. Uma equipe inteira.

Donald folheou o restante do conteúdo da pasta.

— Isso é *para quê*? E por que eu?

— Isso é o que chamamos de edifício *só por garantia*. Provavelmente nunca vai ser usado, mas não vão nos deixar armazenar o combustível nuclear por lá se não pusermos esse treco por perto. É como a janela do meu porão. Eu tive que baixá-la ou minha casa não ia passar na inspeção. Foi para fazer uma... Como é mesmo?

— Saída de emergência — disse Donald, a expressão lhe ocorrendo naturalmente.

— Isso, saída de emergência. — Ele apontou para a pasta. — Esse prédio é como a minha janela, algo que precisamos construir para que o restante passe pela inspeção. É para onde, no caso improvável de um ataque ou vazamento, os empregados das instalações iriam. Um abrigo. E precisa ficar *perfeito*, ou o projeto vai ser derrubado em um piscar de olhos. O fato de nosso projeto de lei ter sido aprovado e assinado não significa que ele vá se concretizar, Donny. Havia um projeto no Oeste que foi aprovado décadas atrás e tinha até verba para a construção. Mas, no fim, não deu em nada.

Donald sabia do que ele estava falando. Uma instalação de contenção debaixo de uma montanha. Os rumores no Capitólio eram de que o projeto da Geórgia tinha as mesmas chances de sucesso. Quando pensou nisso, o peso da pasta de repente triplicou. Estavam lhe pedindo que participasse de um futuro fracasso. E ele teria que apostar seu cargo recém-conquistado nisso.

— Coloquei Mick Webb para trabalhar em algo relacionado também. Logística e planejamento. Vocês dois vão ter que trabalhar juntos em algumas coisas. E Anna vai tirar uma licença do emprego no MIT para ajudar.

— *Anna*?

Donald estendeu a mão trêmula para pegar a garrafa de água.

— É claro. Ela vai ser a engenheira-chefe do projeto. Na pasta estão os detalhes sobre o que ela vai precisar em relação a aproveitamento de espaço.

Donald tomou um grande gole de água e teve dificuldade para engolir.

— Há muita gente que eu poderia pedir para participar, claro, mas esse projeto não pode dar errado, entende? Ele precisa funcionar como uma *família*. Por isso eu quis chamar conhecidos, pessoas de confiança. — O senador Thurman entrelaçou os dedos. — Se essa é a única coisa que você foi eleito para fazer, quero que você faça bem feita. Foi por isso que resolvi apoiar sua candidatura, para começo de conversa.

— É claro. — Donald assentiu para disfarçar sua confusão.

Incomodara-o, durante as eleições, que o apoio do senador se devesse aos antigos laços familiares. Isso, agora, era de certo modo ainda pior. Donald não tinha usado o senador, de jeito nenhum; acontecera exatamente o *contrário*. Enquanto estudava o desenho em seu colo, o deputado recém-eleito sentiu o emprego para o qual não estava tão bem-preparado começar a escapar de suas mãos, apenas para ser substituído por *outro* que parecia igualmente intimidador.

— Espere. Ainda não entendi. — Ele estudou o desenho antigo. — Por que as luzes de cultivo?

— Porque, Donny... O prédio que quero que projete para mim... ele vai ser *subterrâneo*.

2

Ano 2110
Silo 1

Troy prendeu a respiração e tentou permanecer calmo enquanto o médico pressionava a bombinha de borracha. A faixa inflável se encheu em torno de seu bíceps até apertar sua pele. Ele não tinha certeza se respirar mais lentamente e controlar seus batimentos cardíacos afetariam a pressão arterial, mas sentiu uma forte necessidade de impressionar o homem de macacão branco. Ele queria que sua pressão estivesse *normal*.

O braço latejou um pouco enquanto o ponteiro oscilava e o ar escapava com um chiado.

— Oito por cinco.

Pelo som, o elástico parecia ter se rompido ao ser afrouxado. Troy esfregou a pele.

— Isso é bom?

O médico fez uma anotação em sua prancheta.

— Está baixa, mas dentro dos padrões.

Atrás dele, o assistente etiquetou um recipiente contendo urina escura e cinzenta antes de botá-lo em uma pequena geladeira. Troy reparou em um sanduíche comido pela metade em meio às amostras, não estava nem ao menos embrulhado.

Ele olhou para os joelhos descobertos que surgiam por baixo da bata azul de papel. Suas pernas estavam pálidas e pareciam menores do que ele se lembrava. Ossudas.

— Ainda não consigo fechar totalmente a mão — informou ao médico enquanto ensaiava o movimento.

— Isso é perfeitamente normal. Sua força vai voltar. Olhe para a luz, por favor.

Troy seguiu o foco brilhante e tentou não piscar.

— Há quanto tempo o senhor faz isso? — perguntou ao médico.

— Você é meu terceiro que desperta. Já botei dois para dormir. — Ele baixou a luz e sorriu para Troy. — Eu mesmo só acordei há algumas semanas. Posso garantir que a força vai voltar.

Troy assentiu. O assistente do médico lhe deu outro comprimido e um copo de água. Troy hesitou. Olhou para a cápsula azul aninhada na palma de sua mão.

— Uma dose dupla esta manhã — recomendou o médico. — Depois você vai tomar outra no café da manhã e mais uma no jantar. Por favor, não deixe de tomar os comprimidos.

Troy olhou para ele.

— O que acontece se eu não tomar?

O médico balançou a cabeça e franziu a testa, mas não disse nada.

Troy jogou o comprimido na boca e o engoliu com água. Um gosto amargo percorreu sua garganta.

— Um dos meus assistentes vai lhe trazer roupas e uma refeição líquida para acionar seu intestino. Se sentir tonteira ou calafrios, deve me procurar imediatamente. Se não, nos vemos aqui outra vez em seis meses. — O médico fez mais uma anotação e riu. — Bem, outra pessoa vai ver você. Meu turno terá terminado.

— Tudo bem.

Troy estremeceu. O médico ergueu os olhos da prancheta.

— Você não está sentindo frio, está? Eu mantenho a temperatura daqui mais quente do que o habitual.

Troy hesitou antes de responder.

— Não, doutor. Não estou com frio. Não mais.

* * *

Com as pernas ainda fracas, Troy entrou no elevador no fim do corredor e estudou o conjunto de botões numerados. As ordens que havia recebido incluíam instruções para encontrar sua sala, mas ele se lembrava vagamente de como chegar lá. Grande parte de sua orientação havia sobrevivido a décadas de sono. Ele se lembrava de estudar aquele mesmo livro repetidas vezes, milhares de homens designados para vários turnos visitando as instalações antes de serem postos para dormir como as mulheres. A orientação parecia ter ocorrido no dia anterior; eram as lembranças antigas que pareciam estar se apagando.

As portas do elevador se fecharam automaticamente. Seu apartamento ficava no trinta e sete; ele lembrava disso. Sua sala ficava no trinta e quatro. Ele estendeu o braço para apertar um botão, pensando em seguir direto para sua mesa, mas em vez disso viu a própria mão deslizar para o topo dos números. Ainda tinha alguns minutos antes que precisasse estar em algum lugar, e sentiu uma estranha necessidade, uma vontade de subir o mais alto possível e romper o solo que fazia pressão por todos os lados.

O elevador emitiu um baixo ruído e se moveu rapidamente para cima. Houve um barulho quando outro elevador ou talvez o contrapeso passou zunindo. Os botões redondos piscavam conforme o elevador avançava pelos andares. Havia um grande número deles, setenta ao todo. Muitos botões estavam gastos pelos anos de uso. Aquilo parecia estranho. Era como se ontem estivessem novos e brilhando. Ontem mesmo, como *tudo*.

O elevador desacelerou. Troy se apoiou na parede para se equilibrar. Suas pernas ainda estavam fracas.

Ouviu-se um sinal sonoro e a porta deslizou. Troy piscou diante das luzes fortes no corredor e então caminhou uma curta distância em direção à sala de onde vinha o som de vozes. As botas novas ainda estavam desconfortáveis; o genérico macacão cinza pinicava. Tentou imaginar como seria despertar daquela maneira outras nove vezes, se sentindo fraco e desorientado. Dez turnos de seis meses cada. Dez

turnos para os quais não tinha se oferecido. Ele se perguntou se ficaria cada vez mais fácil ou se apenas ia piorar.

A agitação no refeitório diminuiu quando ele entrou. Algumas pessoas olharam em sua direção. Troy imediatamente percebeu que seu macacão cinza não era tão genérico. Havia uma variedade de cores sentada às mesas: um grande grupo de vermelhos, diversos amarelos, um homem de laranja; nenhum outro de cinza.

Aquela primeira refeição pastosa e pegajosa que lhe deram fez com que seu estômago roncasse mais uma vez. Ele não podia comer mais nada por seis horas, o que tornava o cheiro dos alimentos enlatados irresistível. Lembrou-se da ração; tinha vivido dela durante a orientação. Semanas e semanas da mesma papa. Agora seriam meses. Seriam séculos.

— Senhor.

Um jovem acenou com a cabeça para Troy quando passou a caminho dos elevadores. Troy achou que sabia quem era, mas não tinha certeza. O cavalheiro *certamente* pareceu reconhecê-lo. Ou será que era o macacão cinza que chamava a atenção?

— Primeiro turno?

Um homem mais velho se aproximou, magro, com cabelos brancos e ralos circundando a cabeça. Ele segurava uma bandeja e sorriu para Troy. Abriu uma lata de lixo reciclável e jogou lá dentro a bandeja inteira, que caiu ruidosamente.

— Veio aqui em cima por causa da vista? — perguntou o homem.

Troy assentiu. Só havia homens em todo o refeitório. Só homens. Eles tinham explicado por que desse modo era mais seguro. Ele tentou se lembrar, enquanto o homem com manchas senis na pele cruzou os braços e parou do seu lado. Nenhum dos dois se apresentou. Troy se perguntou se os nomes significavam menos durante aqueles curtos turnos de seis meses. Ele olhou para fora, acima das mesas movimentadas, em direção ao enorme telão que cobria toda a parede oposta.

Redemoinhos de poeira e nuvens baixas pairavam acima de uma planície coberta de destroços espalhados e retorcidos. Algumas estacas de metal se projetavam do chão e se envergavam sem vida, suas tendas e bandeiras havia muito tempo desaparecidas. Troy pensou em algo, mas não soube dizer o quê. Seu estômago se retorceu como um punho apertando a papa e o comprimido amargo que tinha ingerido.

— Este vai ser meu segundo turno — disse o homem.

Troy mal escutou. Seus olhos marejados moveram-se pelas colinas calcinadas, cujas encostas cinzentas se erguiam na direção de nuvens escuras e ameaçadoras. Destroços, espalhados por toda parte, estavam se deteriorando. No próximo turno, ou no seguinte, tudo teria desaparecido.

— Você conseguiria ver mais coisas lá do salão. — O homem se virou e apontou na direção da parede. Troy sabia muito bem a que salão ele estava se referindo. Aquela parte do prédio era familiar a Troy de um jeito que aquele homem mal podia supor.

— Não, mas obrigado — gaguejou. Ele dispensou o homem com um aceno. — Acho que já vi o suficiente.

Rostos curiosos se voltaram para as próprias bandejas, e as conversas recomeçaram, intercaladas com o tilintar de colheres e garfos em tigelas e pratos de metal. Troy saiu sem dizer nenhuma palavra. Deixou para trás aquela visão terrível, deu as costas para seu horror silencioso. Seguiu apressado, cambaleando, na direção do elevador. A fraqueza dos joelhos tinha outra razão além do repouso prolongado. Ele precisava ficar sozinho. Naquele momento, não queria ninguém a sua volta, não queria mãos solidárias tentando confortá-lo enquanto chorava.

3

Ano 2049
Washington, D.C.

Donald enfiou a pasta grossa dentro do paletó e correu pela chuva. Preferiu ficar encharcado ao atravessar a praça em vez de encarar sua claustrofobia nos túneis.

Os carros chiavam ao passar pelo asfalto molhado. Ele esperou por uma pausa do tráfego, ignorou o sinal de pedestres e atravessou correndo.

À frente dele, os degraus de mármore do Rayburn, o prédio dos gabinetes da Câmara, brilhavam traiçoeiramente. Subiu com cuidado e agradeceu ao porteiro ao entrar.

Lá dentro, um oficial de segurança permaneceu impassível enquanto o cartão de identificação de Donald era escaneado. O aparelho com olhos vermelhos que não piscavam emitia sons ao ler o código de barras. Ele conferiu a pasta que Thurman lhe entregara, verificou se ainda estava seca e se questionou por que aquelas relíquias ainda eram consideradas mais seguras que um e-mail ou uma cópia digital.

Seu gabinete ficava no andar de cima. Preferiu seguir pelas escadas, pois não gostava dos elevadores antigos e lentos do Rayburn. Seus sapatos rangeram no piso quando ele deixou o tapete felpudo em frente à porta.

O corredor no andar de cima estava a bagunça de sempre. Dois jovens alunos do programa de estágio do Congresso passaram correndo, muito provavelmente em busca de café. Uma equipe de TV se

encontrava à porta do gabinete de Amanda Kelly. A luz das câmeras dava destaque à mulher e ao repórter. Era possível identificar eleitores preocupados e lobistas ávidos graças aos crachás de visitante pendurados no pescoço. Podia-se distinguir esses dois grupos com facilidade. Os eleitores tinham expressões fechadas e pareciam sempre perdidos. Os lobistas eram os que exibiam largos sorrisos e percorriam os corredores com mais confiança até mesmo que os recém-eleitos.

Donald abriu a pasta e fingiu ler algo dentro dela enquanto seguia em meio ao caos, tentando evitar conversas. Ele passou com dificuldade por trás do operador de câmera e se encolheu para entrar em seu gabinete, na porta ao lado.

Margaret, sua secretária, levantou da mesa.

— O senhor tem *visita*.

Donald examinou a sala de espera. Estava vazia. Viu que a porta de seu gabinete estava entreaberta.

— Sinto muito, eu a deixei entrar. — Margaret imitou uma pessoa carregando uma caixa, com as mãos para a frente e as costas arqueadas. — Ela tinha um pacote. Disse que era do senador.

Donald fez um gesto com a mão para tranquilizá-la. Margaret era mais velha que ele, estava na casa dos quarenta, e fora extremamente recomendada, mas tinha um ar conspiratório. Talvez fosse por conta dos anos de experiência.

— Tudo bem — falou Donald. Ele achou interessante haver cem senadores, dois de seu estado, mas que se referissem a apenas um como *o senador*. — Vou ver do que se trata. Enquanto isso, preciso que você abra um espaço diário em minha agenda. Uma ou duas horas pela manhã seria o ideal. — Ele lhe mostrou a pasta. — Tenho uma coisa que vai tomar boa parte do meu tempo.

Margaret assentiu e sentou-se diante do computador. Donald virou-se para se dirigir a seu gabinete.

— Ah, senhor...

Ele olhou para trás. Ela apontou para a própria cabeça.

— Seu *cabelo* — sussurrou.

Ele passou os dedos pelos fios e gotas d'água voaram como se fossem moscas assustadas. Margaret franziu a testa e deu de ombros, um gesto que demonstrava que não poderia ajudar. Donald desistiu e empurrou a porta de seu gabinete, esperando encontrar alguém sentado diante de sua mesa.

Em vez disso, viu alguém se mexendo *embaixo* dela.

— Olá?

A porta tinha batido em alguma coisa no chão. Donald espiou atrás dela e viu uma grande caixa com a imagem de um monitor de computador. Olhou para a mesa e viu que o equipamento já estava montado.

— Ah, oi!

O cumprimento foi abafado pelo tampo da mesa. Quadris magros em uma saia de lã espinha de peixe se moveram em sua direção. Donald soube quem era antes que erguesse a cabeça. Sentiu uma onda de culpa, de raiva por ela estar ali sem ter sido anunciada.

— Sabe, você devia mandar a faxineira limpar aqui embaixo de vez em quando. — Anna Thurman ficou de pé e sorriu. Ela esfregou as mãos antes de estender uma delas na direção de Donald, que a apertou nervosamente. — Olá. Faz muito tempo.

— É. Oi. — A água da chuva ainda escorria por seu rosto e seu pescoço, escondendo um súbito fluxo de transpiração. — O que está acontecendo? — Ele deu a volta na mesa para criar algum espaço entre os dois. Havia um monitor novo e inofensivo, com plástico protetor embaçando a tela.

— Papai achou que você talvez precisasse de mais um. — Anna enfiou uma mecha do cabelo castanho atrás da orelha. Ela ainda possuía uma aparência sedutora e travessa mesmo quando suas orelhas ficavam expostas daquele jeito. — Eu me ofereci — explicou ela, dando de ombros.

— Ah. — Ele colocou a pasta na mesa e pensou no projeto do prédio, que logo tinha desconfiado ser dela. E agora ela estava ali.

Olhando o próprio reflexo no monitor novo, percebeu o estado em que tinha deixado o cabelo. Passou a mão para tentar ajeitá-lo.

— Outra coisa — disse Anna. — Seu computador ia ficar melhor *em cima* de sua mesa. Sei que não é bonito, mas a poeira vai acabar destruindo essa coisa. Poeira é a *morte* para essas máquinas.

— É, está bem.

Ele se sentou e percebeu que não conseguia mais ver a cadeira diante de sua mesa. Empurrou o monitor novo para o lado enquanto Anna fez a volta e parou perto dele, de braços cruzados e completamente relaxada. Como se eles tivessem se visto no dia anterior.

— Então — começou ele. — Quer dizer que você está na cidade.

— Desde a semana passada. Eu ia visitar você e Helen no sábado, mas andei muito ocupada com a mudança. Desencaixotando coisas, você sabe...

— Sei. — Ele esbarrou acidentalmente no mouse, e o monitor velho acendeu. O computador estava funcionando. O terror de estar na mesma sala que uma ex diminuiu apenas o suficiente para que ele entendesse a cronologia dos acontecimentos do dia.

— Espere. — Virou-se para Anna. — Você estava aqui *instalando* isso ao mesmo tempo em que seu pai me perguntava se eu tinha interesse no projeto dele? E se eu tivesse recusado?

Ela ergueu a sobrancelha. Donald percebeu que aquilo não era algo que se aprendia, era um talento dos membros daquela família.

— Ele praticamente deu a eleição de presente para você — disse ela sem rodeios.

Donald pegou a pasta e folheou as páginas rapidamente, como se fossem um baralho.

— A ilusão do livre-arbítrio teria sido boa, só isso.

Anna riu. Donald podia sentir que ela estava prestes a ajeitar o cabelo dele. Tirou a mão da pasta, tateou o bolso do paletó e sentiu o celular. Era como se Helen estivesse ali com ele. Sentiu vontade de ligar para ela.

— Papai pelo menos foi gentil com você?

Donald olhou e viu que ela não tinha se movido. Os braços ainda estavam cruzados e o cabelo dele permanecia intocado, não havia razão para pânico.

— O quê? Ah, sim. Ele foi simpático. Como nos velhos tempos. Na verdade, é como se ele não tivesse envelhecido nem um dia.

— Na verdade, ele não envelhece, você sabe. — Ela atravessou o gabinete e pegou os grandes pedaços de espuma que sobraram da embalagem, depois jogou-os ruidosamente dentro da caixa vazia.

Donald percebeu que seus olhos se detinham na saia dela e se esforçou para não olhar.

— Ele se submete aos nanotratamentos quase religiosamente. Começou por causa dos joelhos. As Forças Armadas pagaram o procedimento por um tempo. E agora ele tem total confiança na eficácia do tratamento.

— Eu não sabia disso — mentiu Donald. Já tinha ouvido boatos, é claro. Era "Botox para o corpo inteiro", diziam as pessoas. Melhor que suplementos a base de testosterona. Custavam uma fortuna e você não ia viver para sempre, mas com certeza poderia retardar as dores do envelhecimento.

Anna estreitou os olhos.

— Você não acha que há algo *errado* nisso, acha?

— O quê? Não. Acho que não tem problema. Só que eu não faria. Espere. Por quê? Não me diga que você...

Anna pôs as mãos na cintura e inclinou a cabeça para o lado. Havia algo estranhamente sedutor naquela postura defensiva, algo que apagava os anos que tinha ficado sem vê-la.

— Você acha que eu *precisava*? — perguntou ela.

— Não, não. Não é isso... — Ele brincou com as mãos. — Só acho que *eu* nunca faria.

Um sorriso malicioso estreitou os lábios de Anna. A maturidade endurecera a beleza da mulher, afinara sua estrutura elegante, mas a energia da juventude permanecia.

— Você diz isso agora — começou ela —, mas espere até as articulações e as costas começarem a doer por algo tão simples quanto virar a cabeça rápido demais. Aí você vai ver.

— Está certo. Bem. — Ele bateu uma única palma. — Hoje foi um dia difícil, de enfrentar o passado.

— É, foi mesmo. E agora, qual é o melhor dia para você? — Anna fechou as abas da grande caixa e a empurrou com o pé para perto da porta. Em seguida deu a volta na mesa e parou ao lado dele, com uma das mãos na cadeira e a outra no mouse.

— Qual *dia*...?

Ele observou enquanto ela mudava algumas configurações em seu computador e o novo monitor acendeu. Donald podia sentir uma pulsação entre as pernas, podia sentir o perfume familiar. A brisa que ela provocara ao caminhar pelo aposento parecia envolvê-lo. Aquilo era tão próximo de uma carícia, de um toque físico, que ele se perguntou se estava traindo Helen naquele exato momento, enquanto Anna fazia pouco mais que alterar as configurações em seu painel de controle.

— Você sabe usar isso, certo? — Ela deslizou o cursor de uma tela para outra, arrastando a janela do jogo de paciência.

— Hã, sei. — Donald se mexeu desconfortavelmente na cadeira. — Hum... o que você quer dizer com o melhor dia para mim?

Ela soltou o mouse. Era como se tivesse tirado a mão da coxa dele.

— Meu pai quer que eu cuide da parte mecânica dos projetos. — Ela apontou para a pasta como se soubesse exatamente o que havia no interior. — Tirei uma licença do MIT até que esse projeto de Atlanta esteja pronto. Acho que vamos ter que nos encontrar uma vez por semana para discutir as coisas.

— Ah. Certo. Tenho que ver isso com você depois. Meu horário aqui é muito irregular. Muda todo dia.

Ele imaginou o que Helen ia dizer sobre ele e Anna se encontrarem uma vez por semana.

— Nós podíamos, você sabe, criar um arquivo compartilhado no AutoCAD — sugeriu ele. — Posso te dar acesso a meu documento...

— Podemos fazer isso.

— E trocar e-mails. Fazer videoconferências. O que acha?

Anna franziu a testa. Donald se deu conta de que estava sendo óbvio demais.

— É, vamos fazer alguma coisa assim — respondeu ela.

Um vislumbre de decepção passou pelo rosto de Anna quando ela se virou para a caixa, e Donald sentiu vontade de se desculpar, mas fazer isso seria como expor o problema em um letreiro de luzes de neon: *Eu não confio em mim perto de você. Nós não vamos ser amigos. O que você está fazendo aqui, porra?*

— Você precisa mesmo dar um jeito nessa poeira. — Ela olhou para a mesa dele. — É sério. Ou você vai acabar com seu computador.

— Tudo bem. Vou cuidar disso. — Ele levantou e deu a volta na mesa com pressa, para acompanhá-la até a porta.

Anna se abaixou para pegar a caixa.

— Eu pego isso — ofereceu ele.

— Deixe de ser bobo.

Ela levantou, segurando a grande caixa entre o braço e o quadril. Então sorriu e prendeu o cabelo outra vez atrás da orelha. A cena seria a mesma se ela estivesse saindo de seu dormitório na faculdade. Era como aquele momento estranho ao se despedir na manhã do dia seguinte, ainda usando as mesmas roupas da noite anterior.

— Certo, então você tem meu e-mail? — perguntou ele.

— Agora você está na lista de contatos do governo — lembrou ela.

— Ah, é.

— Aliás, você está muito bem.

E antes que ele pudesse recuar ou se defender, ela estava ajeitando o cabelo dele com um sorriso.

Donald congelou. Quando conseguiu se mover, algum tempo depois, Anna tinha ido embora e o deixado ali, parado, sozinho, imerso em culpa.

4

Ano 2110
Silo 1

Troy ia se atrasar. Era o primeiro dia de seu primeiro turno, e ele já estava totalmente estressado e ia se atrasar. Na pressa para sair do refeitório, a fim de ficar sozinho, tinha pegado o parador por acidente. Agora, enquanto tentava se recompor, o elevador parecia parar em todos os andares de propósito, em sua descida para embarcar e desembarcar passageiros.

Ele estava no canto quando o elevador parou mais uma vez e um homem se esforçou para entrar com um carrinho repleto de caixas pesadas. Um cavalheiro que carregava cebolinhas apertou-se atrás dele e ficou perto de Troy por algumas paradas. Ninguém falava. Quando o homem das cebolinhas saiu do elevador, o cheiro persistiu. Troy estremeceu, um tremor violento que subiu por suas costas e percorreu os braços, mas ao qual ele não deu importância. Saiu no trinta e quatro e tentou lembrar por que tinha ficado aborrecido mais cedo.

O elevador central dava para um corredor estreito que o conduzia na direção de uma guarita de segurança. A planta do andar era vagamente familiar e, de algum modo, desconhecida. Dava nervoso perceber os sinais de desgaste no carpete e o aço com a pintura descascada no meio da catraca, bem no local onde as coxas esbarravam ao longo dos anos. Anos que não tinham existido para Troy. O desgaste e a deterioração tinham aparecido como que por mágica, como hematomas após uma noite de bebedeira.

O guarda em serviço tirou os olhos de algo que estava lendo e o cumprimentou com a cabeça. Troy botou a palma da mão em uma tela que tinha ficado turva devido ao uso. Não houve conversa, nenhuma troca de amenidades, nenhuma expectativa de estabelecer uma relação duradoura. Uma luz verde piscou acima do painel. Ouviu-se um clique alto, e o metal da catraca sofreu mais um pouco de desgaste quando Troy empurrou a barra para passar.

No fim do corredor, ele parou e tirou suas ordens do bolso do peito do macacão. No verso, havia um bilhete do médico. Ele virou a folha e girou o pequeno mapa para olhar na direção certa. Tinha quase certeza de que conhecia o caminho, mas tudo estava entrando e saindo de foco.

Os riscos vermelhos no mapa lembravam-lhe as rotas de incêndio que ele tinha visto nas paredes de outro lugar. Seguindo o trajeto, passou por uma sequência de pequenos escritórios. Dedos digitando, pessoas falando, telefones tocando... os sons do ambiente de trabalho de repente fizeram com que se sentisse cansado. E também acenderam uma chama de insegurança, por ter assumido uma tarefa que com certeza não tinha condições de realizar.

— Troy?

Ele parou e olhou para trás, encarando o homem de pé junto à porta por onde havia passado. Uma olhada em seu mapa evidenciou que por pouco não tinha passado da sala.

— Sou eu.

— Merriman. — O cavalheiro não estendeu a mão. — Você está atrasado. Entre.

Merriman virou-se e desapareceu no interior da sala. Troy o seguiu, com as pernas doloridas por causa da caminhada. Ele reconheceu o homem, ou achou que reconhecia. Não lembrava se era da orientação ou de outra época.

— Desculpe pelo atraso — começou a explicar Troy. — Eu peguei o elevador errado...

Merriman levantou a mão para interrompê-lo.

— Não tem problema. Precisa beber alguma coisa?

— Eles me alimentaram.

— Ah, claro.

Merriman pegou em sua mesa uma garrafa térmica transparente que continha um líquido azul-claro e tomou um gole. Troy se lembrou do gosto ruim. O homem mais velho estalou os lábios e deu um suspiro enquanto pousava a garrafa.

— Essa coisa é horrível — disse ele.

— É. — Troy examinou a sala, seu posto nos seis meses seguintes. O lugar, ele percebeu, havia envelhecido bastante. Merriman também. Era difícil dizer se ele estava um pouco mais grisalho por causa dos últimos seis meses, mas tinha mantido o lugar em ordem. Troy decidiu estender a mesma cortesia ao próximo homem.

— Você se lembra de suas instruções?

Merriman mexeu em algumas pastas em sua mesa.

— Como se fosse ontem — respondeu Troy.

Merriman ergueu os olhos, com um sorriso malicioso no rosto.

— Ótimo. Bem, não aconteceu nada interessante nos últimos meses. Tivemos algumas questões mecânicas quando comecei meu turno, mas essas eu resolvi. Tem um cara chamado Jones com quem você vai querer trabalhar. Ele despertou há algumas semanas e é muito mais esperto que o anterior. Tem sido a minha salvação. Ele fica lá embaixo no sessenta e oito, na usina de energia, mas é bom em qualquer lugar, pode consertar praticamente tudo.

Troy assentiu.

— Jones. Entendi.

— Certo. E, bem, deixei algumas anotações para você nessas pastas. Houve profissionais que tivemos de mandar para o congelamento profundo, alguns que não estão aptos para mais um turno. — Ele ergueu os olhos com uma expressão séria no rosto. — Tome cuidado, está bem? Muitos caras aqui iam adorar dormir direto em vez de trabalhar. Não recorra ao congelamento a menos que tenha certeza de que eles não possam mesmo aguentar.

— Não vou recorrer.

— Muito bem. — Merriman balançou a cabeça. — Espero que você tenha um turno tranquilo. Preciso correr antes que essa coisa faça efeito. — Ele deu outro gole grande, e Troy fez um movimento com a boca, demonstrando solidariedade. Merriman passou por Troy, deu um tapinha em seu ombro e estendeu a mão até o interruptor de luz. Parou no último segundo, olhou para trás, balançou a cabeça e foi embora.

E, desse jeito, Troy assumiu o comando.

— Ei, espere! — Olhou ao redor da sala e saiu apressado atrás de Merriman, que já estava virando no saguão principal na direção do portão de segurança. Troy teve que correr para alcançá-lo.

— Você deixa a luz acesa? — perguntou Merriman.

Troy olhou para trás.

— É, mas...

— Bons hábitos — disse Merriman. Ele sacudiu a garrafa térmica. — Forme os seus.

Um homem corpulento saiu correndo de uma das salas e se esforçou para chegar até eles.

— Merriman! Terminou seu turno?

Os dois homens trocaram um aperto de mão caloroso. Merriman sorriu, balançando a cabeça.

— Terminei. O Troy vai assumir meu lugar.

O homem deu de ombros, não se apresentou.

— Vou terminar em duas semanas — disse ele, como se isso explicasse sua indiferença.

— Olhe, estou ficando atrasado — disse Merriman, lançando um olhar acusador para Troy. Ele passou a garrafa térmica para o amigo. — Aqui. Pode ficar com o que sobrou. — Virou-se para ir embora. Troy o seguiu.

— Não, obrigado! — exclamou o homem, acenando com a garrafa e rindo.

Merriman olhou para Troy.

— Desculpe, você tem alguma pergunta? — Ele passou pela catraca, e Troy foi atrás dele. O guarda não tirou os olhos de seu tablet.

— Tenho algumas, sim. Por acaso se importa se eu descer com você? Eu não estava... acompanhando muito bem a orientação. Fui promovido de repente. Gostaria de esclarecer algumas coisas.

— É, não posso impedi-lo. Você está no comando.

Merriman apertou o botão para chamar o elevador expresso.

— Então, basicamente, eu estou aqui só para o caso de algo dar errado? — perguntou Troy.

As portas do elevador se abriram. Merriman virou e encarou Troy estreitando os olhos, como se avaliasse se ele estava falando sério.

— Seu trabalho é *garantir* que nada dê errado. — Os dois entraram, e o elevador desceu em alta velocidade.

— Sim. É claro. Foi isso o que eu quis dizer.

— Você leu a Ordem, certo?

Troy assentiu. *Mas não para este cargo*, ele queria dizer. Tinha estudado para administrar apenas um único silo, não aquele que supervisionava todos eles.

— É só seguir o roteiro. De vez em quando, vai receber perguntas dos outros silos. Acho que o mais inteligente é dizer o mínimo que puder. Apenas fique quieto e escute. Tenha em mente que eles são, em sua maioria, sobreviventes de segunda e terceira gerações, então o vocabulário deles já é um pouco diferente. Há na sua pasta uma folha com algumas colas e outra com palavras proibidas.

Troy sentiu uma tonteira e quase caiu no chão com o tranco da parada do elevador. Ainda estava incrivelmente fraco.

A porta se abriu. Ele seguiu Merriman por um curto corredor, o mesmo de onde viera algumas horas antes. O médico e seu assistente aguardavam na sala seguinte, preparando uma injeção intravenosa. O médico olhou para Troy com curiosidade, como se não planejasse vê-lo tão cedo, ou nunca.

— Terminou sua última refeição? — perguntou o médico, apontando um banco para Merriman.

— Até a última gota. Horrível.

Merriman desabotoou a parte de cima do macacão e deixou-a cair em torno da cintura. Ele sentou e estendeu o braço, com a palma da mão para cima. Troy viu como a pele de Merriman era pálida, o emaranhado disperso de linhas arroxeadas se entrelaçando a partir da dobra do cotovelo. Tentou não olhar a agulha perfurando a pele.

— Você vai encontrar tudo isso nas minhas anotações — continuou Merriman —, mas é melhor você procurar o Victor no Consultório de Serviços Psicológicos. Fica bem em frente a sua sala. Há umas coisas estranhas acontecendo em alguns silos, problemas maiores do que esperávamos. Tente entender e controlar isso para o próximo homem.

Troy assentiu.

— Precisamos levar o senhor para sua câmara — informou o médico.

O jovem assistente estava posicionado ao lado, segurando uma bata de papel. Todo o procedimento parecia muito familiar. O médico olhou para Troy como se ele fosse uma mancha que precisava ser limpa.

Troy saiu e olhou para o corredor na direção da seção de congelamento. As mulheres e as crianças eram mantidas ali, junto com os homens que não aguentavam chegar até o fim de seus turnos.

— Se importa se eu... — Ele sentiu uma enorme força empurrando-o naquela direção.

Tanto Merriman como o médico franziram a testa.

— Não é uma boa ideia... — começou o médico.

— Eu não faria isso — disse Merriman. — Fui lá algumas vezes nas primeiras semanas. É um erro. Não vá.

Troy olhou fixamente para o fim do corredor. Não sabia exatamente o que ia encontrar lá.

— Cumpra seus próximos seis meses — disse Merriman. — Passa rápido. Tudo passa rápido.

Troy concordou. O médico o despachou com os olhos, enquanto Merriman começava a tirar as botas. Troy virou-se e lançou um último olhar para a pesada porta no fim do corredor, depois seguiu para os elevadores na direção oposta.

Ele esperava que Merriman estivesse certo. Enquanto apertava o botão para chamar o expresso, tentou imaginar seu turno inteiro passando em um piscar de olhos. E o seguinte. E o outro. Até que aquela insanidade completasse seu ciclo, sem pensar muito no que viria depois.

5

Ano 2049
Washington, D.C.

O tempo voava para Donald Keene. Outro dia terminou, outra semana, e ele ainda precisava de mais tempo. Quando olhou, parecia que o sol tinha acabado de se pôr, mas já passava das onze.

Helen. Foi tomado pelo pânico enquanto procurava o celular. Ele havia prometido à mulher que sempre ligaria antes das dez. Uma onda de calor e culpa percorreu seu corpo. Ele a imaginou sentada ao lado do telefone, olhando fixamente para o aparelho, esperando e esperando.

O telefone nem chegou a chamar quando ela atendeu.

— Até que enfim — disse ela, com a voz tranquila e sonolenta, um tom que demonstrava mais alívio que raiva.

— Querida. Meu Deus, me desculpe. Eu perdi totalmente a noção da hora.

— Não tem problema, meu bem. — Ela bocejou, e Donald teve que se esforçar para não ceder à vontade contagiosa de fazer o mesmo. — Escreveu alguma lei interessante hoje?

Ele riu e esfregou o rosto.

— Na verdade, eles não me deixam fazer isso. Ainda não. Eu me ocupo mais com esse projetinho para o senador...

Ele parou imediatamente. Donald tinha hesitado a semana inteira, buscando a melhor maneira de contar a ela e decidindo quais partes manteria em segredo. Olhou para o monitor extra em sua mesa. O

perfume de Anna de algum modo permanecia no ar, ainda flutuando a sua volta uma semana depois.

Pela voz, Helen parecia interessada:

— É mesmo?

Ele conseguia visualizá-la. Helen de camisola, o lado dele da cama ainda imaculadamente arrumado, com um copo de água ao alcance dela. Ele sentia muito a sua falta. A culpa, apesar de sua inocência, fazia com que sentisse ainda mais saudade.

— O que ele quer que você faça? Espero que seja lícito.

— O quê? Claro que é lícito. É... uma coisa arquitetônica, na verdade. — Donald inclinou-se para pegar o copo com apenas um dedo de uísque Gold Label. — Para ser honesto, eu tinha me esquecido de como gosto desse trabalho. Eu teria sido um bom arquiteto, se tivesse me dedicado a isso.

Tomou um gole, que desceu queimando, e olhou para os monitores, ambos haviam se desligado para poupar o equipamento. Ele estava louco para voltar ao trabalho. Tudo se desfazia, desaparecia, quando ele mergulhava no projeto.

— Querido, não acho que os contribuintes tenham mandado você até Washington para fazer um banheiro novo no gabinete do senador.

Donald sorriu e terminou a bebida. Ele praticamente podia ouvir a mulher sorrindo do outro lado da linha. Pousou o copo de volta na mesa e colocou os pés para cima.

— Não é nada disso — insistiu ele. — São projetos para aquelas instalações que eles estão construindo perto de Atlanta. Na verdade, é apenas uma pequena parte dela. Mas, se eu não fizer direito, pode não dar em nada.

Ele olhou para a pasta aberta na mesa. Sua mulher soltou uma risada sonolenta.

— Por que diabo escolheram você para fazer uma coisa dessas? — perguntou ela. — Se é tão importante, por que não pagam alguém que saiba o que está fazendo?

Donald riu com desdém, por mais que concordasse. Não podia deixar de se sentir vítima do hábito de Washington de dar tarefas a pessoas sem as qualificações essenciais.

— Na verdade, sou muito bom nisso — disse para a mulher. — Estou começando a achar que sou melhor arquiteto que deputado.

— Tenho certeza de que você é ótimo. — A mulher bocejou de novo. — Mas podia ter ficado em *casa* e se tornado arquiteto, podia ficar trabalhando até tarde *aqui*.

— É, eu sei. — Donald se lembrou das discussões a respeito da dúvida de se candidatar ou não ao cargo, se ia valer a pena os dois viverem separados. Agora passava seu tempo longe, fazendo exatamente o que os dois haviam concordado que ele devia abrir mão. — Acho que isso é só algo pelo que eles nos fazem passar no primeiro ano — continuou. — Pense que isso é como um estágio. Vai melhorar. E, além do mais, acho que é um *bom* sinal ele me querer nisso. Ele vê essa coisa de Atlanta como um projeto familiar, algo para ser mantido em casa. Na verdade, meu trabalho chamou a atenção dele...

— Projeto *familiar.*

— Bem, não *literalmente* familiar, é mais como... — Não era assim que ele queria contar a ela. Foi um mau começo. Era nisso que dava adiar, esperar até que estivesse assim, exausto e um pouco embriagado.

— É por isso que você está trabalhando até tarde? Por que está me ligando depois das dez?

— Amor, eu perdi a noção do tempo. Estava no computador. — Ele olhou para o copo e viu que mal restava um gole, só o resíduo dourado que havia escorrido pelo vidro depois que bebera pela última vez. — Isso é uma boa notícia para a gente. Vou passar a ir em casa com mais frequência por causa disso. Tenho certeza de que vão precisar de mim para acompanhar a construção, conversar com o responsável pelos operários da obra...

— Isso *seria* uma boa notícia. Seu cachorro sente sua falta.

Donald sorriu.

— Espero que vocês *dois* sintam.

— Você sabe que eu sinto.

— Que bom. — Ele agitou a última gota no copo e bebeu. — Escute, sei como você vai se sentir em relação a isso, e juro que não posso fazer nada para mudar a situação, mas a filha do senador está trabalhando nesse projeto comigo. Mick Webb também. Você se lembra dele?

Seguiu-se um silêncio glacial.

E então:

— Eu me lembro da filha do senador.

Donald pigarreou.

— E, bem, Mick está fazendo parte do trabalho de organização, providenciando o terreno, lidando com as empreiteiras. Afinal de contas, é praticamente o distrito eleitoral dele. E você sabe que nenhum de nós estaria onde está hoje sem o apoio do senador...

— O que eu lembro é que vocês dois costumavam sair juntos. E que ela dava mole para você na minha frente.

Donald riu.

— Está falando sério? Anna Thurman? Ah, querida, por favor... Isso foi há séculos.

— De qualquer modo, eu achei que você viria mais vezes para casa. Nos fins de semana. — Ele ouviu a mulher suspirar. — Olhe, está tarde. Por que nós dois não dormimos um pouco? Podemos conversar sobre isso amanhã.

— Tudo bem. Claro. E querida...

Ela esperou.

— Não vai acontecer nada entre nós, está bem? Esta é uma grande oportunidade para mim. Em uma coisa que sou realmente bom. Tinha me esquecido de como sou bom nisso.

Pausa.

— Você é bom em muitas coisas — disse a mulher. — Você é um bom marido, e eu sei que vai ser um bom deputado. Só não confio nas pessoas que você está mantendo a sua volta.

— Mas você sabe que eu não teria conseguido se não fosse por ele.

— Sim, eu sei.

— Vou tomar cuidado, prometo.

— Tudo bem. Amanhã nós conversamos. Durma bem. Eu te amo.

Ela desligou, e quando Donald olhou para o celular viu que tinha vários e-mails à sua espera. Decidiu ignorá-los até o dia seguinte. Esfregou os olhos, tentando se manter acordado para pensar mais claramente. Mexeu no mouse para acionar os monitores. Eles podiam se dar ao luxo de cochilar, apagar por alguns instantes, mas ele, não.

Em sua nova tela, havia uma planta em 3D. Donald diminuiu o zoom para ver melhor a imagem e notou um corredor. Depois, dezenas de alojamentos em formato triangular, idênticos, surgiram dos cantos. As especificações do prédio exigiam um abrigo que pudesse receber dez mil pessoas por pelo menos um ano — um completo exagero. Donald encarou a tarefa como faria com qualquer outro projeto arquitetônico. Ele se imaginou no lugar daquelas pessoas, um acidente tóxico, um vazamento ou uma precipitação radioativa horrível, um ataque terrorista, algo que pudesse enviar todos os trabalhadores das instalações para o subsolo onde teriam que permanecer por semanas ou meses até a área ser limpa.

Afastou ainda mais a imagem, de modo que outros andares surgiram acima e abaixo, pavimentos vazios que ele teria que preencher com depósitos, corredores, mais apartamentos. Outros andares inteiros e espaços para equipamentos mecânicos tinham sido reservados para Anna...

— Donny?

A porta da sala se abriu, a batida veio depois. Os braços de Donald se contraíram com tanta força que o mouse escapuliu do mousepad e deslizou sobre a mesa. Ele se endireitou na cadeira, olhou por cima dos monitores e viu Mick Webb sorrindo para ele da porta. Mick mantinha o paletó dobrado embaixo do braço, a gravata frouxa e uma barba grisalha por fazer sobre a pele morena. Riu da expressão assustada de Donald e atravessou tranquilamente a sala. Donald tateou até achar o mouse e com um movimento rápido minimizou a janela do AutoCAD.

— Merda, cara, você não começou a investir na bolsa, né?

— Investir na bolsa? — Donald se recostou na cadeira.

— É. Que esquema novo é esse?

Mick deu a volta na mesa e apoiou a mão nas costas da cadeira de Donald. Havia um vergonhoso jogo de paciência abandonado na tela menor.

— Ah, o monitor extra. — Donald minimizou o jogo e virou a cadeira. — Gosto de usar vários programas ao mesmo tempo.

— Dá para perceber.

Mick fez um gesto para as telas dos monitores, havia apenas o papel de parede com flores de cerejeira emoldurando o Jefferson Memorial.

Donald riu e esfregou o rosto. Ele já podia sentir a própria barba arranhando. Tinha esquecido de jantar. O projeto havia começado apenas uma semana antes, e ele já estava um caco.

— Vou sair para beber alguma coisa — avisou Mick. — Quer vir?

— Não, obrigado. Tenho mais algumas coisas para fazer aqui.

Mick segurou o ombro dele e apertou até doer.

— Odeio desapontá-lo, mas você vai ter que começar de novo, pois desse jeito não tem volta. Venha, vamos beber alguma coisa.

— É sério, não posso. — Donald se contorceu, esquivou-se do amigo e virou para encará-lo. — Estou trabalhando nesse projeto de Atlanta. Não devo mostrar a ninguém. É ultrassecreto.

Para dar ênfase, ele fechou a pasta sobre a mesa. O senador lhe dissera que haveria uma divisão de tarefas e que tudo deveria permanecer em extremo sigilo.

— Ahhhh. *Ultrassecreto*. — Mick agitou as mãos. — Estou trabalhando no mesmo projeto, babaca. — Ele apontou para o monitor. — E você está fazendo as plantas do projeto? O que isso quer dizer? Minhas notas foram mais altas que as suas. — Ele debruçou sobre a mesa e olhou para a barra de tarefas na tela do monitor. — AutoCAD? Legal. Vamos, me mostre.

— Ahã, vou mostrar, sim.

— Vamos lá, porra. Deixe de criancice.

Donald riu.

— Olhe, nem as pessoas da minha equipe vão ver todo o projeto. E nem eu.

— Isso é ridículo.

— Não, é como as merdas do governo são feitas. Você não vai me ver bisbilhotando a sua parte.

Mick fez um gesto com indiferença.

— Enfim. Pegue o casaco. Vamos sair.

— Claro, vamos. — Donald deu tapinhas no rosto, tentando acordar. — Vou trabalhar melhor pela manhã.

— Trabalhar no sábado. Thurman deve amar você.

— Vamos torcer que sim. Só me dê uns minutos para fechar isso.

Mick riu.

— Vá em frente. Não estou olhando.

Ele caminhou até a porta enquanto Donald desligava tudo.

Quando Donald levantou para deixar a sala, o telefone de sua mesa tocou. A secretária não estava mais lá, portanto, era alguém que tinha seu número direto. Donald pegou o aparelho e ergueu o indicador para Mick, pedindo um minuto.

— Helen...

Uma pessoa pigarreou do outro lado.

— Desculpe, não é ela — informou a voz grave e áspera.

— Ah. — Donald olhou para Mick, que batia com o dedo no relógio. — Olá, senhor.

— Vocês, rapazes, vão sair? — perguntou o senador Thurman.

Donald virou-se para a janela.

— Como é?

— Você e Mick. É sexta-feira à noite. Vocês vão a algum lugar?

— Ah, vamos só tomar um drinque, senhor.

O que Donald queria entender era como diabo o senador sabia que Mick estava ali.

— Muito bem. Diga a Mick que preciso vê-lo na segunda-feira de manhã bem cedo. No meu gabinete. Você também. Precisamos discutir

sua primeira ida ao local da construção.

— Ah, sim. Está bem.

Donald esperou, perguntando-se se aquilo era tudo.

— Cada vez mais vocês dois vão trabalhar juntos, rapazes, à medida que a construção avançar.

— Que bom. Claro.

— Como discutimos na semana passada, não será preciso compartilhar com outros membros do projeto detalhes daquilo em que estão trabalhando. O mesmo vale para Mick.

— Sim, senhor. Com certeza. Eu me lembro de nossa conversa.

— Excelente. Divirtam-se, rapazes. Ah, e se Mick começar a falar demais, você tem minha autorização para matá-lo no ato.

Houve um momento de silêncio, seguido da gargalhada sonora de um homem cuja disposição soava muito mais jovem que sua verdadeira idade.

— Ah. — Donald observava Mick, que tinha tirado a tampa de uma garrafa de licor para dar uma cheirada. — Está bem, senhor. Vou me assegurar disso.

— Ótimo. Vejo vocês na segunda-feira.

O senador desligou de forma abrupta. Enquanto Donald recolocava o fone no gancho e pegava o casaco, o novo monitor permanecia silencioso e inexpressivo em sua mesa, observando-o.

6

Ano 2110
Silo 1

A desgastada bandeja de plástico que Troy usava em suas refeições deslizou pelo balcão atrás da vidraça suja. Depois que seu cartão de identificação passou pelo escâner, uma porção de vagem enlatada caiu de um tubo e formou um pequeno monte fumegante em seu prato. Uma fatia perfeitamente redonda de carne de peru surgiu do tubo seguinte, com as marcas dos sulcos da lata ainda visíveis. Purê de batatas foi cuspido do último tubo, como uma criança brincando com uma zarabatana. O molho da carne veio em seguida, na forma de um jato nada apetitoso.

Atrás do balcão havia um homem corpulento de macacão branco, as mãos entrelaçadas atrás do corpo. Não parecia interessado na comida. Estava concentrado nos trabalhadores em fila para pegar a refeição.

Quando a bandeja de Troy chegou ao fim da bancada, um homem mais jovem, provavelmente na casa dos vinte anos, usando macacão verde-claro, arrumou talheres e guardanapos junto ao prato. Depois, pegou um copo de água de uma bandeja próxima. A última etapa era como um cumprimento ritualizado, do qual Troy se lembrava de seus meses de orientação: um copinho de plástico lhe foi entregue com um comprimido chacoalhando no fundo, uma forma azul borrada e pouco visível através do recipiente translúcido.

Troy se arrastou até o homem.

— Olá, senhor.

Um sorriso jovem e forçado. Dentes perfeitos. Todos o chamavam de senhor, mesmo pessoas mais velhas que ele. Era embaraçoso, não importava de quem viesse.

O comprimido chacoalhava no plástico. Troy pegou o copinho e jogou o comprimido na boca. Engoliu-o a seco, pegou sua bandeja e tentou não atrapalhar a fila. Enquanto procurava um lugar para sentar, percebeu que o homem corpulento o observava. Todos ali pareciam pensar que Troy estava no comando, mas ele não se deixava enganar: era apenas mais uma pessoa fazendo um trabalho, seguindo um roteiro. Encontrou um lugar vazio de frente para o telão. Ao contrário do primeiro dia, não o incomodava mais ver o mundo calcinado lá fora. A vista tinha se tornado estranhamente reconfortante. Criava uma dor latente em seu peito, o que era quase como sentir *alguma coisa*.

Uma garfada do purê de batatas e molho o livrou do gosto do comprimido. Água nunca resolvia isso, nunca tirava o amargo. Comendo metodicamente, ele viu o sol se pôr na primeira semana de seu primeiro turno. Faltavam vinte e cinco semanas. Dizendo desse jeito, era um número que se podia contar. Parecia mais curto que meio ano.

Um cavalheiro mais velho de macacão azul e cabelos parcos sentou em uma linha diagonal à sua frente, educado o bastante para não bloquear sua vista. Troy reconheceu o homem, tinha falado com ele uma vez perto da lata de lixo reciclável. Quando ele ergueu os olhos, Troy o cumprimentou com um aceno de cabeça.

O burburinho no refeitório enquanto os dois comiam era agradável. Algumas conversas abafadas se erguiam e silenciavam. Plástico, vidro e metal produziam uma música sem ritmo.

Troy olhou ao redor e sentiu que havia algo que ele deveria saber, algo que sempre esquecia. Despertava todas as manhãs com formas familiares margeando sua mente, podia sentir memórias se aproximando, mas quando chegava a hora do café da manhã elas já estavam desaparecendo. No jantar, não existiam mais. Aquilo deixava Troy triste, com uma sensação fria e um vazio no estômago — diferente de fome —, algo que

sentia em dias chuvosos quando era criança e não sabia como ocupar seu tempo.

O senhor sentado do outro lado da mesa chegou mais perto e pigarreou.

— As coisas estão indo bem? — perguntou.

Ele lembrava alguém. O rosto envelhecido tinha a pele manchada e flácida. Do queixo duplo pendia uma feia dobra de carne na altura do pomo de adão.

— As coisas? — repetiu Troy.

Ele devolveu o sorriso.

— Qualquer coisa, imagino. Só curiosidade. Eu sou Hal. — O homem se ergueu. Troy repetiu o gesto. Era quase um aperto de mão.

— Troy.

Imaginou que para algumas pessoas o próprio nome ainda era importante.

Hal deu um grande gole em seu copo. Sua garganta se movimentou e fez barulho ao engolir. Tímido, Troy deu um gole pequeno e terminou de comer sua vagem com carne de peru.

— Percebi que algumas pessoas sentam de frente para lá, e outras, de costas.

Hal apontou com o polegar para trás, por cima do ombro.

Troy olhou para o telão, mastigou a comida e não disse nada.

— Acho que os que sentam e olham estão tentando se lembrar de alguma coisa — continuou Hal.

Troy engoliu a comida e se obrigou a dar de ombros.

— E nós, aqueles que não querem olhar — prosseguiu o homem —, imagino que estejamos fazendo o possível para esquecer.

Troy sabia que eles não deviam estar tendo aquela conversa, mas agora que ela havia começado, queria ver aonde ia dar.

— São as coisas ruins — disse Hal. Ele encarou os elevadores. — Já percebeu isso? São só as coisas ruins que desaparecem. Nós nos lembramos muito bem de todas as coisas sem importância.

Troy não disse nada. Espetou alguns grãos de vagem, apesar de não planejar comê-los.

— Isso faz você pensar, não é? Por que todos nos sentimos podres por dentro?

Hal terminou a comida, despediu-se em silêncio, apenas com um aceno de cabeça, e se levantou para ir embora. Troy ficou sozinho. Ele se viu olhando fixamente para o telão, com uma dor latente em seu interior que ele não sabia explicar. Era o exato momento da tarde pouco antes de as montanhas desaparecerem, antes de elas escurecerem e sumirem no céu cheio de nuvens.

7

Ano 2049
Washington, D.C.

Donald ficou satisfeito por ter decidido ir a pé para a reunião com o senador. A chuva da semana anterior tinha finalmente cessado, e o trânsito no Dupont Circle estava bem lento. Ao caminhar pela avenida Connecticut, encarando um vento congelante, ele se perguntou por que a reunião tinha sido transferida para um lugar como a Kramerbooks. Havia dezenas de cafés melhores e muito mais perto do gabinete.

Atravessou a rua transversal e subiu apressado o curto lance de escadas que levava à livraria. A porta da frente da Kramer era uma daquelas coisas que os antigos estabelecimentos exibiam com orgulho, uma prova de resistência. Quando ele empurrou a porta, dobradiças rangeram e sinos de verdade tilintaram acima dela. Uma moça que arrumava livros na mesa central em que ficavam os títulos mais vendidos olhou para ele e o cumprimentou com um sorriso.

Donald viu que o café da livraria estava lotado de homens e mulheres de terno com suas xícaras brancas de porcelana. Não havia sinal do senador. Estava prestes a conferir seu celular para checar se tinha chegado cedo demais quando notou um agente do serviço secreto.

O agente de ombros largos estava parado próximo ao final de um dos corredores repleto de livros, em um pequeno canto da Kramer onde funcionava o café da livraria. Donald riu de como o homem estava disfarçado e ao mesmo tempo tão à vista: o fone do rádio de segurança no ouvido, o volume junto às costelas, os óculos escuros num lugar

fechado. Donald seguiu na direção do agente. As antigas tábuas do piso rangiam a cada passo.

O olhar do agente moveu-se em sua direção, mas era difícil dizer se ele estava olhando para Donald ou para a entrada da livraria.

— Estou aqui para me encontrar com o senador Thurman — disse Donald, com a voz um pouco confusa. — Eu tenho uma reunião.

O agente virou a cabeça para o lado. Donald acompanhou o gesto, olhou para um corredor de livros e viu Thurman examinando as estantes no fundo.

— Ah. Obrigado. — Ele caminhou em meio às altas estantes de livros antigos, onde a luz era mais fraca e o aroma de café era substituído pelo cheiro de mofo misturado com couro.

— O que acha deste aqui?

O senador Thurman estendeu um livro quando Donald se aproximou. Nenhum cumprimento, só a pergunta.

Donald conferiu o título dourado gravado na grossa capa de couro.

— Nunca ouvi falar.

O senador Thurman riu.

— Claro que não. Tem mais de cem anos e é francês. O que quero dizer é: o que acha da *encadernação*?

Ele entregou o livro a Donald, que ficou surpreso ao sentir como era pesado. Abriu o exemplar e folheou-o. Parecia um livro de direito, tinha a mesma quantidade de texto, mas podia ver que era um romance pelo espaço em branco entre as linhas dos diálogos. Enquanto virava as páginas, admirava como as folhas eram finas. Estavam presas à lombada por uma costura de pequenos fios azuis e dourados. Ele tinha amigos que ainda eram defensores de livros físicos, não para decoração, mas realmente para leitura. Ao examinar o exemplar que tinha em mãos, Donald pôde entender a afeição nostálgica deles.

— A encadernação é muito boa — respondeu ele, alisando-a com as pontas dos dedos. — É um livro lindo. — Devolveu o romance ao senador. — É assim que o senhor compra o que vai ler? Escolhe principalmente pela capa?

Thurman colocou o livro embaixo do braço e tirou outro da prateleira.

— É só uma amostra para outro projeto em que estou trabalhando.

O senador virou e estreitou os olhos para observar Donald. O olhar foi desconfortável. Donald se sentiu como uma presa.

— Como vai sua irmã? — quis saber Thurman.

A pergunta pegou Donald de surpresa. Sentiu um nó na garganta.

— Charlotte? Ela... ela está bem, eu acho. Foi transferida. Tenho certeza que o senhor soube.

— Sim. — Thurman devolveu à prateleira o livro que estava segurando e avaliou com a mão o peso do exemplar que Donald examinara. — Tive orgulho dela quando se realistou. Ela é um orgulho para o país.

Donald pensou o que custava a uma família para deixar um país orgulhoso.

— É — disse ele. — Quer dizer, sei que meus pais na verdade estavam ansiosos para tê-la de volta em casa, mas Charlotte teve dificuldades para se adaptar ao ritmo daqui. É... eu não acho que ela vai conseguir *relaxar* de verdade até a guerra terminar, sabe?

— Sei. E mesmo assim ela pode não encontrar a paz.

Não era isso que Donald queria ouvir. Ele observou o senador deslizar o dedo por uma lombada ornamentada com sulcos, relevos e letras gravadas. Os olhos do homem mais velho pareciam estar focados além das fileiras de livros.

— Posso ligar para ela se você quiser. Às vezes tudo que um soldado precisa ouvir é que não há problema em procurar alguém.

— Se está falando de um psiquiatra, ela não vai querer. — Donald se lembrou das mudanças em sua irmã na época de suas sessões. — Nós já tentamos.

Os lábios de Thurman se estreitaram em uma linha fina e enrugada. A preocupação revelava os sinais da idade.

— Vou conversar com ela. Acredite em mim, conheço bem a arrogância da juventude. Eu tinha a mesma atitude quando era mais

novo. Achava que não precisava da ajuda de ninguém, que podia fazer tudo sozinho. — Ele virou para encarar Donald. — A profissão evoluiu muito. Eles agora têm comprimidos que podem ajudá-la com a fadiga de combate.

Donald balançou a cabeça.

— Não. Ela tomou uns desses algum tempo. Eles fizeram com que ela ficasse muito esquecida. E provocaram um... — hesitou, não queria falar sobre aquilo. — Um *tique*.

Ele queria dizer tremores, mas aquilo pareceu duro demais. E mesmo que apreciasse a preocupação do senador, gostasse daquela sensação de que o homem pertencia à família, ainda sentia-se desconfortável discutindo os problemas da irmã. Ele lembrou da última vez que ela esteve em casa, a discussão que tiveram enquanto viam as fotos dele e de Helen no México. Donald perguntara a Charlotte se ela se lembrava da viagem a Cozumel, quando eram crianças, e ela insistira que nunca havia estado lá. A discordância virou uma grande discussão, e ele mentiu, disse que suas lágrimas eram de frustração. Partes da vida da irmã foram apagadas, e a única explicação que os médicos podiam oferecer era que devia ser algo que Charlotte *queria* esquecer. E o que podia haver de errado naquilo?

Thurman pousou a mão no braço de Donald.

— Confie em mim — disse ele em voz baixa. — Vou falar com ela. Sei pelo que ela está passando.

Donald assentiu.

— Sim. Está bem. Eu agradeço. — Ele quase acrescentou que não ia adiantar nada, que talvez até piorasse a situação, mas era um gesto amável. E viria de alguém que sua irmã admirava, em vez da família.

— E, ei, Donny, ela está pilotando drones, aquelas aeronaves não tripuladas. — Thurman o estudou e pareceu perceber sua preocupação. — Não é como se ela estivesse correndo algum risco físico.

Donald alisou a lombada de um livro na estante.

— É, risco físico, não.

Eles ficaram em silêncio, e Donald soltou um profundo suspiro. Podia ouvir o burburinho no café, o tilintar de uma colher mexendo o açúcar, os sinos contra a velha porta de madeira, o apito e o chiado do leite fervendo.

Ele tinha visto vídeos do que Charlotte fazia, gravações das câmeras dos drones e depois dos mísseis enquanto eram guiados na direção de seus alvos. A qualidade dos vídeos era impressionante. Era possível ver as pessoas surpresas virando a cabeça para cima para olhar o céu, os últimos momentos de suas vidas, assim como assistir ao vídeo quadro a quadro e decidir, depois dos acontecimentos, se aquele tinha sido o homem certo ou não. Ele sabia o que a irmã fazia, com o que ela tinha que lidar.

— Falei mais cedo com Mick — disse Thurman, parecendo saber que tinha levantado um assunto doloroso. — Vocês dois vão viajar até Atlanta para ver o andamento das escavações.

Donald voltou a si.

— Sim, é claro. Vai ser bom ver em que pé estão as coisas. Eu já dei uma boa adiantada em meus projetos na semana passada, adequando-os às medidas que o senhor determinou. O senhor tem noção da profundidade que isso vai ter, certo?

— É por isso que já estão escavando as fundações. As paredes externas devem começar a ser construídas nas próximas semanas. — O senador Thurman deu um tapinha no ombro de Donald e apontou o fim do corredor com a cabeça, sinalizando que eles tinham terminado de ver os livros.

— Espere. Eles já estão *escavando*? — Donald caminhou ao lado de Thurman. — Eu só tenho um esboço pronto. Espero que estejam guardando minha parte para o fim.

— O complexo inteiro está sendo construído simultaneamente. Tudo o que vão erguer são as paredes externas e os alicerces, cujas dimensões são fixas. Vamos finalizar todas as estruturas de baixo para cima. Os apartamentos serão totalmente mobiliados antes que a laje do teto seja posta entre um andar e outro. É por isso que eu preciso que vocês vejam

como está o andamento da obra. Tudo está parecendo um pesadelo com a montagem dos andaimes. Tenho cem equipes de mais de dez países trabalhando em diversos níveis enquanto os materiais vão se empilhando por todos os lados. Não posso estar em dez lugares ao mesmo tempo, por isso preciso que vocês avaliem a situação e me façam um relatório.

Quando se aproximaram do agente do serviço secreto no fim do corredor, o senador entregou ao homem o livro antigo com a gravação em relevo em francês. O homem de óculos escuros fez um gesto com a cabeça e seguiu na direção do caixa.

— Enquanto você estiver lá embaixo — começou Thurman —, quero que conheça Charlie Rhodes. Ele está cuidando da entrega da maior parte do material de construção. Veja se ele precisa de alguma coisa.

— *Charles* Rhodes? O governador de Oklahoma?

— Isso mesmo. Nós servimos juntos. E, olhe, estou pensando em promover você e Mick para um dos cargos mais altos desse projeto. Nossa equipe de liderança ainda precisa de uma dezena de membros. Então continue fazendo um bom trabalho. Você já impressionou algumas pessoas importantes com o que realizou até agora, e Anna parece confiante que você vai conseguir se manter à frente dos prazos. Ela diz que vocês dois formam uma grande equipe.

Donald concordou. Sentiu-se corar de orgulho. Sentiu também como as novas responsabilidades eram inevitáveis, pois significavam mais cortes em seu tempo cada vez mais reduzido. Helen não ia gostar de saber que seu envolvimento no projeto podia aumentar. Na verdade, talvez Mick e Anna fossem as únicas pessoas com quem conseguiria dividir a novidade, os únicos com quem poderia conversar. Todo detalhe sobre a construção parecia exigir diversos níveis de autorização. Ele não sabia se temiam o lixo nuclear, a ameaça de um ataque terrorista ou a probabilidade de que o projeto pudesse ir por água abaixo.

O agente voltou e assumiu sua posição ao lado do senador com uma sacola da livraria na mão. Ele olhou para Donald e pareceu estudá-lo através dos impenetráveis óculos escuros. Não pela primeira vez, Donald se sentiu observado.

O senador Thurman apertou a mão de Donald e lhe pediu que o mantivesse informado. Outro agente se materializou do nada e se posicionou do outro lado do senador. Os dois marcharam acompanhando Thurman ao passarem pela porta tilintante, e Donald só relaxou quando eles desapareceram de vista.

8

Ano 2110
Silo 1

O livro da Ordem estava aberto em sua mesa, as páginas presas à lombada com uma encadernação costurada para durar muitos anos. Troy estudou mais uma vez o procedimento que deveria fazer, seu ato oficial como chefe do Sistema de Intervenção 50, e isso trouxe à sua mente a imagem de uma cerimônia de inauguração, uma grande exibição em que o homem que cortava a fita com a tesoura levava todo o crédito pelo trabalho árduo dos outros.

A Ordem, ele decidira, era mais um livro de receitas que um manual de operações. Os psiquiatras que o haviam escrito tinham feito referência a tudo, cada aspecto peculiar da natureza humana. E, como no campo da psicologia, ou qualquer área que envolva a natureza humana, as partes que não faziam sentido em geral serviam a um propósito mais profundo.

Aquilo fez Troy se perguntar qual era o *seu* propósito. O quanto sua posição era necessária. Ele havia estudado para um emprego muito diferente, devia ser o chefe de um único silo, não de todos eles. Fora promovido no último minuto, e isso o fazia pensar que a escolha havia sido arbitrária, como se qualquer um pudesse ocupar seu lugar.

Mesmo que seu mandato fosse uma mera formalidade, talvez servisse para algum propósito simbólico. Talvez ele não estivesse ali para comandar, mas para dar aos outros a ilusão *de que alguém estava no comando*.

Troy voltou dois parágrafos na Ordem. Seus olhos tinham percorrido todas as palavras, mas não haviam registrado nenhuma delas. Tudo em sua nova vida o tornava propenso à distração, o fazia pensar demais. Tudo tinha sido perfeitamente organizado, todos os níveis, tarefas e descrições das funções. Mas para quê? Para a máxima *apatia*?

Ergueu os olhos do livro e viu Victor sentado à sua mesa no Consultório de Serviços Psicológicos, que ficava bem em frente à sua sala. Seria mais fácil andar até lá e perguntar. Aqueles profissionais, mais que qualquer arquiteto, haviam projetado o lugar. Ele podia lhes perguntar como tinham feito aquilo, como fizeram para que as pessoas se sentissem tão vazias por dentro.

Abrigar mulheres e crianças servia a um propósito; Troy tinha certeza disso. As mulheres e crianças do Silo 1 haviam recebido a dádiva de um longo sono, enquanto os homens tinham permanecido acordados, trabalhando em seus turnos. Isso afastou a paixão, eliminou o risco de os homens lutarem entre si.

E ainda havia a rotina, a rotina que entorpecia as mentes. Era a castração do pensamento, a pulverização diária de um trabalhador de escritório que olhava apático para o relógio, batia o ponto, assistia à TV até cair no sono, batia três vezes no despertador e fazia tudo mais uma vez. Ficava ainda pior pela falta de fins de semana. Não havia dias de folga. Eram seis meses sem parar, e depois *décadas* sem trabalho.

Troy tinha inveja do restante das instalações, de todos os outros silos, onde os corredores deviam ecoar com o riso de crianças e as vozes de mulheres; faltava paixão e felicidade àquele abrigo que era o centro de tudo. Ali, tudo o que via era letargia, dezenas de salas comunitárias onde filmes passavam ininterruptamente em televisões de tela plana, dezenas de olhos vidrados acomodados em poltronas confortáveis. Ninguém estava realmente desperto. Ninguém estava realmente vivo. Aquilo devia ser intencional.

Ao checar o relógio em seu computador, Troy viu que era hora de ir. Mais um dia havia terminado. Outro dia mais perto do fim de seu turno.

Fechou sua cópia da Ordem, trancou-a na gaveta de sua mesa e seguiu para a sala de comunicação no fim do corredor.

Duas cabeças se ergueram dos equipamentos de rádio para olhá-lo, dois homens de macacões laranja franzindo as testas e as sobrancelhas. Troy respirou fundo e se empertigou. Aquilo era como um escritório. Um emprego. E ele era o homem no comando. Tinha apenas que manter tudo aquilo funcionando. Estava lá apenas para cortar a fita.

Saul, um dos chefes dos técnicos de rádio, tirou seu fone e levantou para cumprimentá-lo. Troy conhecia Saul vagamente. Eles viviam na mesma ala executiva e às vezes se encontravam na academia. Enquanto apertavam as mãos, o rosto bonito e largo de Saul provocou alguma lembrança profunda, uma ansiedade que Troy aprendera a ignorar. Talvez fosse alguém que ele tivesse conhecido em sua orientação, muito antes de seu longo sono.

Saul o apresentou ao outro técnico da sala de comunicação, que acenou sem tirar o headset. O nome foi imediatamente esquecido. Não importava. Pegaram um headset extra de uma prateleira. Troy pôs o aparelho em torno do pescoço, com os fones longe dos ouvidos, de modo que ainda conseguisse ouvir. Saul encontrou o plugue prateado na extremidade do cabo e passou os dedos por uma série de cinquenta entradas numeradas. O painel e a sala lembraram a Troy antigas fotografias de telefonistas antes de serem substituídas por computadores e vozes eletrônicas.

A imagem mental de tempos passados se misturou e fervilhou com o nervosismo de Troy e os tremores provocados pelos comprimidos, e ele sentiu um repentino acesso de riso prestes a vir à tona. Quase deixou o riso escapar, mas conseguiu se conter. Não seria um bom sinal o chefe geral de operações ter um surto histérico quando estava prestes a avaliar a capacidade de um futuro chefe de silo.

— ...e você só vai repassar as perguntas predeterminadas — disse Saul.

Ele tinha um cartão de plástico estendido na direção de Troy, que estava quase certo de que jamais precisaria daquilo, mas o pegou mesmo

assim. Troy havia passado a maior parte do dia decorando os procedimentos de rotina. Além do mais, sabia que o que dissesse não teria importância. A tarefa de avaliar a capacidade de um candidato era mais precisa se executada por máquinas e computadores, com todos os sensores embutidos em um headset.

— Tudo bem. Esta é a ligação. — Saul apontou para uma luz piscando no painel repleto de luzes piscantes. — Estou conectando você.

Troy colocou os fones nos ouvidos enquanto o técnico tentava iniciar a ligação. Ouviu alguns bipes antes de a linha emitir um breve ruído e se estabelecer. Alguém respirava pesadamente do outro lado. Troy lembrou a si mesmo que aquele jovem devia estar muito mais nervoso que ele. Afinal, precisava *responder* às perguntas, enquanto Troy tinha apenas que fazê-las.

Com a mente subitamente vazia, olhou para o cartão em sua mão, grato por terem lhe dado aquilo.

— Nome? — perguntou ao jovem.

— Marcus Dent, senhor.

Havia uma discreta confiança naquela voz jovem, o som de um peito estufado de orgulho. Troy se lembrou de quando se sentira assim, muito tempo atrás. Então pensou no mundo em que Marcus Dent havia nascido, um legado que *ele* só iria conhecer através dos livros.

— Conte-me sobre seu treinamento — pediu Troy, seguindo o roteiro no cartão.

Ele tentava manter a voz tranquila, grave e com autoridade, apesar de os computadores serem projetados para fazer isso por ele. Saul fez um sinal de ok com a mão, para indicar que estava conseguindo obter dados importantes com a ajuda do fone do rapaz. Troy se perguntou se seu headset era equipado com sensores semelhantes. Será que alguém naquela sala, ou em qualquer outra sala, sabia o quanto ele estava nervoso?

— Bem, senhor, eu fui sombra do delegado Willis antes de ser transferido para a segurança da TI. Isso foi há um ano. Estou estudando a Ordem há seis semanas. Eu me sinto preparado, senhor.

Ser sombra. Troy tinha esquecido que era esse o termo utilizado. Não lembrara de trazer o cartão com o vocabulário mais recente.

— Qual é o seu principal dever com o... silo? — Ele quase disse *as instalações*.

— Manter a Ordem, senhor.

— E o que você deve proteger acima de tudo?

Troy falava com uma voz inexpressiva. Conseguiria obter as melhores leituras se não deixasse o homem que estava sendo avaliado perceber suas emoções.

— A vida e o Legado — declamou Marcus.

Troy teve dificuldades para ler a próxima pergunta, pois a frase tinha se tornado indistinta por causa de uma inesperada cortina de lágrimas. Sua mão tremia. Ele baixou o cartão junto ao corpo antes que alguém percebesse.

— E o que é preciso para proteger as coisas que nos são mais preciosas? — perguntou ele. A voz soou como se fosse de outra pessoa. Ele cerrou os dentes para que não batessem. Havia algo errado com ele. Algo muito errado.

— Sacrifício — disse Marcus, firme como uma rocha.

Troy piscou rapidamente para conseguir enxergar, e Saul ergueu a mão para sinalizar que ele podia continuar, que estavam obtendo as informações. Agora eles precisavam de dados básicos de referência para que a biometria pudesse extrair a sinceridade do rapaz com base nas primeiras respostas.

— Marcus, me diga, você tem namorada?

Ele não sabia por que aquela foi a primeira coisa que passou por sua cabeça. Talvez fosse inveja pelo fato de os outros silos não congelarem as mulheres, não congelarem ninguém. Nenhuma pessoa na sala de comunicação pareceu reagir ou se importar. A parte formal do teste estava terminada.

— Ah, sim, senhor — respondeu Marcus. Troy ouviu a respiração do rapaz mudar, e pôde imaginar seu corpo relaxando. — Nós entramos

com um requerimento para nos casarmos, senhor. Estamos apenas aguardando a resposta.

— Bem, acho que vocês não vão ter que esperar por muito tempo. Qual o nome dela?

— Melanie, senhor. Ela trabalha aqui, na TI.

— Isso é ótimo.

Troy esfregou os olhos para afastar as lágrimas. Os tremores passaram. Saul fez um gesto acima da cabeça, indicando que ele já podia encerrar. Eles tinham o suficiente.

— Marcus Dent — disse ele. — Bem-vindo ao Sistema de Intervenção 50 Operativos.

— Obrigado, senhor. — A voz do rapaz soou uma oitava acima.

Houve uma pausa, em seguida o som de uma respiração profunda e presa.

— Senhor, posso lhe fazer uma pergunta?

Troy olhou para os outros, que deram de ombro e não fizeram muita coisa além disso. Ele refletiu sobre o papel que aquele rapaz tinha acabado de assumir, conhecia bem a sensação de ser promovido com novas responsabilidades, aquele misto de medo, entusiasmo e confusão.

— Claro. Uma pergunta. — Ele viu que estava no comando. Podia criar algumas regras por conta própria.

Marcus pigarreou, e Troy visualizou aquele sombra e o chefe de seu silo sentados juntos em uma sala distante, o mestre estudando seu aluno.

— Eu perdi minha bisavó há alguns anos — começou Marcus. — Ela costumava deixar escapar algumas coisinhas sobre o mundo de antigamente. Não de maneira proibida, mas por causa de sua senilidade. Os médicos disseram que ela apresentava resistência aos medicamentos.

Troy não gostou do que estava ouvindo, que sobreviventes de terceira geração estavam obtendo qualquer informação sobre o passado. Marcus podia estar autorizado a ter acesso a essas coisas, mas outros, não.

— Qual é sua pergunta? — falou Troy.

— O Legado, senhor. Li sobre ele também, sem prejudicar meus estudos da Ordem e do Pacto, é claro, e há uma coisa que preciso saber.

Outra respiração profunda.

— Tudo que está no Legado é verdade?

Troy pensou naquilo. Ele respeitava a grande coleção de livros que reunia a história mundial, uma história cuidadosamente editada. Em sua cabeça, podia ver as lombadas de couro e as páginas com bordas douradas, as fileiras e fileiras de livros que haviam lhe mostrado durante sua orientação.

Balançou a cabeça e se viu novamente tendo que limpar as lágrimas.

— Sim — disse a Marcus, com a voz seca e monótona. — É verdade. — Alguém na sala fungou. Troy sabia que a cerimônia já tinha durado demais. — Tudo o que está lá é absolutamente verdadeiro.

Ele não acrescentou que *nem toda verdade* estava escrita no Legado. Muita coisa tinha ficado de fora. E ele desconfiava que ainda havia outras, que nenhum deles sabia, eliminadas tanto de livros como de cérebros.

Teve vontade de dizer que o Legado era a verdade permitida, a verdade transmitida de uma geração para outra. Mas mentir, pensou consigo mesmo, era o que eles faziam ali no Silo 1, naquele abrigo repleto de homens medicados e de algum modo responsável pela sobrevivência da humanidade.

9

Ano 2049
Condado de Fulton, Geórgia

A retroescavadeira soltou um ruído rouco enquanto subia a colina com dificuldade, um gêiser negro saindo de seu cano de descarga. Quando chegou ao topo, uma carga de terra desmoronou da caçamba dentada, e Donald percebeu que a retroescavadeira não estava exatamente subindo a colina, mas criando-a.

Montes de terra fresca como aquele estavam surgindo por toda a área. Entre eles, pelos caminhos temporários abertos como um labirinto organizado, caminhões de caçamba basculante carregavam a terra e as rochas dos poços cavernosos que estavam sendo escavados. Pelos mapas topográficos, Donald sabia que aquelas passagens no solo um dia seriam fechadas, deixando pouco mais que uma rasa cavidade no ponto onde cada colina encontrava a outra.

Parado em uma dessas colinas crescentes, Donald observava o balé da maquinaria pesada, enquanto Mick Webb conversava com um empreiteiro sobre os atrasos da obra. Os dois deputados pareciam deslocados em suas camisas brancas e gravatas tremulantes. Os homens de capacete, com rostos duros, mãos calejadas e nós dos dedos machucados, pertenciam ao local. Ele e Mick, com os paletós dobrados embaixo do braço e manchas de suor se espalhando por conta do calor úmido da Geórgia, estavam de algum modo, ao menos oficialmente, no comando daquela confusão infernal.

Outra retroescavadeira despejou um monte de terra enquanto Donald virava para olhar o centro de Atlanta. Mais adiante das enormes clareiras com as colinas que iam surgindo e os topos das árvores ainda sem folhas pelo fim do inverno, erguiam-se as torres de vidro e aço da velha parte sul da cidade. Um canto inteiro do pouco povoado condado de Fulton havia sido desmatado. Vestígios de um campo de golfe permaneciam visíveis em uma extremidade onde as máquinas ainda não haviam revirado a terra.

Perto do estacionamento principal, uma área de depósito do tamanho de vários campos de futebol abrigava milhares de contêineres de carga repletos de materiais de construção, mais do que Donald achava necessário. Mas ele estava aprendendo a cada momento que era assim que funcionavam os projetos do governo, pois as expectativas do público eram tão altas quanto os limites do orçamento. Tudo era feito com exagero ou simplesmente não era feito. Os projetos para os quais fora designado quase imploravam por proporções insanas, e seu prédio não era nem um componente fundamental de todo o complexo. Só estava ali para o caso de uma emergência.

Entre Donald e a área com contêineres de carga havia uma extensa cidade de trailers. Alguns funcionavam como escritórios, mas a maioria deles servia de moradia. Era ali que os milhares de homens e mulheres que trabalhavam na construção podiam tirar os capacetes, bater o ponto e aproveitar o merecido descanso.

Bandeiras tremulavam acima de vários trailers. A força de trabalho era tão multinacional quanto uma vila olímpica. Combustível nuclear de todo o mundo um dia seria enterrado no solo puro do condado de Fulton. Isso significava que o mundo tinha interesse no sucesso do projeto. O pesadelo logístico que aquilo representava não parecia preocupar os responsáveis pelos acordos de bastidores. Donald e Mick estavam descobrindo que muitos dos primeiros atrasos na construção podiam estar ligados a barreiras de linguagem, pois equipes vizinhas não conseguiam se comunicar e era evidente que tinham desistido de tentar.

Todos apenas abaixavam a cabeça e trabalhavam em sua parte do projeto, ignorando o restante.

Próximo àquela temporária cidade de metal, havia um estacionamento extenso por onde Donald e Mick tinham passado. Donald podia ver seu carro alugado lá embaixo, a única coisa elétrica e silenciosa à vista. Pequeno e prateado, o veículo parecia encolhido em meio aos caminhões basculantes e retroescavadeiras soltando fumaça por todos os lados. O carro subjugado era um símbolo de como Donald se sentia, tanto naquela baixa colina no canteiro de obras quanto na Colina do Capitólio, em Washington.

— Dois meses de atraso. — Mick bateu no braço dele com sua prancheta. — Ei, você me ouviu? Já estamos dois meses atrasados, e eles começaram as primeiras escavações há seis meses. Como isso é possível?

Donald deu de ombros enquanto se afastavam dos trabalhadores de expressão fechada e desciam a colina na direção do estacionamento.

— Talvez seja porque tenham eleito políticos para que fingissem fazer um trabalho que pertence à iniciativa privada — sugeriu.

Mick riu e apertou o ombro de Donald.

— Meu Deus, Donny, você parece um maldito republicano!

— É? Bom, não acho que vamos conseguir dar conta de tudo isso. — Ele apontou com o braço para a depressão entre as colinas que estavam circundando, uma profunda cavidade escavada na terra. Vários caminhões betoneiras despejavam concreto no enorme buraco. Outros aguardavam em fila, a betoneira girando impacientemente.

— Você se dá conta — começou Donald — de que um desses buracos vai abrigar o prédio que eles *me* deixaram projetar? Isso não assusta você? Todo esse dinheiro? Toda essa gente. Isso com certeza me assusta muito.

Os dedos de Mick pressionaram dolorosamente o pescoço de Donald.

— Pegue leve. Não venha com esse papo filosófico para cima de mim.

— Estou falando sério — disse Donald. — Bilhões de dólares dos contribuintes vão ficar aqui, enterrados nessa construção que *eu*

desenhei. Antes, parecia tão... *abstrato*.

— Meu Deus, isso não é sobre seus projetos — repreendeu Mick.

Ele bateu em Donald com a prancheta e a usou para apontar a área dos contêineres. Em meio a uma nuvem de poeira, um homem grande com chapéu de caubói acenou para que eles se aproximassem.

— Além disso — continuou Mick, enquanto desviavam do estacionamento —, quais são as chances de que alguém ao menos chegue a usar seu pequeno abrigo? Tudo isso é sobre independência energética. É sobre o fim do carvão. Sabe, parece que nós estamos construindo uma bela e grande casa aqui, enquanto você está em um canto preocupado com o local onde vai pendurar o extintor de incêndio...

— *Pequeno abrigo*? — Donald levou o blazer até a boca quando uma nuvem de poeira passou por eles. — Sabe a *profundidade* que essa coisa vai ter? Se fosse construído acima do solo, seria o edifício mais alto do mundo.

Mick riu.

— Não por muito tempo. Não se fosse projetado por você.

O homem com chapéu de caubói se aproximou. Ele sorria abertamente enquanto subia pela terra batida para encontrá-los, e Donald finalmente o reconheceu da TV: Charles Rhodes, o governador de Oklahoma.

— Vocês são os rapazes do senador Degelo?

O governador Rhodes tinha o autêntico sotaque que combinava com o autêntico chapéu, as autênticas botas e a autêntica fivela de cinto. Estava com as mãos nos quadris largos, uma delas segurando uma prancheta.

Mick assentiu.

— Sim, senhor. Sou o deputado Webb. Este é o deputado Keene.

Os dois homens trocaram um aperto de mão. Depois foi a vez de Donald.

— Governador — disse ele.

— Trouxe o que encomendaram.

Apontou a prancheta para a área de depósito.

— Faltam só uns cem contêineres. Deve ter coisas chegando toda semana. Preciso que um de vocês assine aqui.

Mick estendeu a mão e pegou a prancheta. Donald viu uma oportunidade de perguntar alguma coisa sobre o senador Thurman, algo que ele imaginava que um velho companheiro de guerra pudesse saber.

— Por que algumas pessoas o chamam de Degelo? — perguntou.

Mick folheou a nota de entrega, o vento mantinha erguidas as folhas já viradas.

— Ouvi que o chamavam assim quando ele não estava por perto — explicou Donald. — Mas sempre tive muito medo para perguntar.

Mick ergueu os olhos da nota com um sorriso.

— É porque na guerra ele era um matador frio como o gelo, não é?

Donald se encolheu. O governador Rhodes riu.

— Nada a ver com isso — disse ele. — Isso é verdade, mas não tem nada a ver.

O governador olhou de um para o outro. Mick passou a prancheta para Donald, indicou uma página relacionada às instalações dos alojamentos de emergência. Donald examinou a lista de materiais.

— Rapazes, vocês estão familiarizados com essa lei anticriogenia? — perguntou o governador Rhodes.

Ele entregou uma caneta a Donald, parecendo esperar que ele apenas assinasse sem ler.

Mick balançou a cabeça e protegeu os olhos do sol da Geórgia.

— Anticriogenia? — perguntou ele.

— É. Ah, droga, isso deve ser de antes de vocês fedelhos terem nascido. O senador Degelo redigiu a lei que acabou com aquela onda de criogenia. Tornou ilegal tirar vantagem dos ricos e transformá-los em cubos de gelo. Isso chegou à Suprema Corte, onde eles decidiram por cinco a quatro, e de repente dezenas de milhares de picolés com mais dinheiro que bom senso foram descongelados e enterrados direito. Eram pessoas que tinham autorizado o próprio congelamento na esperança de

que médicos do futuro descobrissem algum procedimento para extrair suas cabeças ricas de seus corpos ricos de merda!

O governador riu com a própria piada, e Mick o acompanhou. Uma linha na nota de entrega chamou a atenção de Donald. Ele virou a prancheta e a mostrou ao governador.

— Hum, aqui mostra dois mil rolos de fibra ótica. Tenho certeza de que meu projeto utiliza quarenta rolos.

— Deixe-me ver.

O governador Rhodes pegou a prancheta e pegou outra caneta em seu bolso. Ele clicou três vezes no acionador da ponta e depois riscou a quantidade, escrevendo um número novo ao lado.

— Espere, o preço vai ser alterado?

— O preço é o mesmo — informou ele. — É só assinar embaixo.

— Mas...

— Filho, é por isso que martelos custam ao Pentágono seu peso em ouro. É contabilidade do governo. Só uma assinatura, por favor.

— Mas são *cinquenta vezes* mais fibra ótica do que vamos precisar — reclamou Donald, mesmo enquanto se via escrevendo o próprio nome. Passou a prancheta para Mick, que assinou pelo restante do material.

— Ah, está tudo certo. — Rhodes pegou a prancheta e tocou a ponta do chapéu. — Tenho certeza de que vão encontrar uso para isso em algum lugar.

— Ei, sabe — começou Mick —, eu me lembro dessa lei da criogenia. Da faculdade de direito. Houve ações judiciais, não houve? Um grupo de famílias acusou os policiais federais de assassinato?

O governador sorriu.

— É, mas isso não foi muito longe. É difícil provar que você matou pessoas que já tinham sido declaradas mortas. E também havia os maus investimentos do Degelo. Eles acabaram sendo uma salvação.

Rhodes enfiou o polegar no cinto e estufou o peito.

— O problema é que ele tinha investido uma fortuna em uma dessas empresas de criogenia antes de mergulhar fundo e reconsiderar os... princípios éticos. O velho Degelo pode ter perdido a maior parte do seu

dinheiro, mas isso acabou salvando sua pele em Washington. Fez com que ele ficasse parecendo uma espécie de santo ao sofrer uma perda como essa. A única defesa melhor teria sido desconectar os cabos da cápsula criogênica da própria mãe junto com a dos outros.

Mick e o governador riram. Donald não conseguia entender o que era tão engraçado.

— Tudo bem, agora. Vocês, rapazes, se cuidem. O bom estado de Oklahoma vai trazer uma carga nova para vocês em algumas semanas.

— Parece bom — disse Mick, agarrando e sacudindo aquela pata enorme do Meio-Oeste.

Donald também apertou a mão do governador, e ele e Mick saíram andando na direção de seu carro alugado. Mais acima, no céu azul iluminado do Sul, trilhas de condensação, parecendo cordas brancas esticadas, revelavam os trajetos dos inúmeros jatos que partiam do movimentado centro de conexões do Aeroporto Internacional de Atlanta. À medida que o ruído rouco do canteiro de obras sumia, os gritos dos manifestantes antienergia nuclear podiam ser ouvidos do lado de fora das altas cercas de segurança. Os dois atravessaram o portão de segurança e entraram no estacionamento, enquanto o guarda indicava para que passassem.

— Ei, se importa se eu deixar você no aeroporto um pouco mais cedo? — perguntou Donald. — Eu queria escapar do trânsito e chegar a Savannah ainda com a luz do dia.

— Tudo bem — respondeu Mick, com um sorriso. — Você tem um encontro bem quente esta noite.

Donald riu.

— Isso mesmo, cara. Me deixe e vá se divertir com sua mulher.

— Obrigado.

Mick pegou as chaves do carro alugado.

— Mas você sabe, na verdade eu estava esperando que você me convidasse para ir junto. Eu podia jantar com os dois, dormir na sua casa e sair para beber como nos velhos tempos.

— Sem chance — rebateu Donald.

Mick deu um tapa na nuca de Donald e apertou os dedos.

— É, bem, de qualquer modo, feliz aniversário de casamento.

Donald fez uma expressão de dor quando o amigo beliscou seu pescoço.

— Obrigado — disse ele. — Prometo que mando lembranças suas para Helen.

10

Ano 2110
Silo 1

Troy jogava uma partida de paciência enquanto o Silo 12 entrava em colapso. Havia algo no jogo que ele achava deliciosamente entorpecente. O movimento repetitivo detinha as ondas da depressão ainda melhor que os comprimidos. A falta de habilidade exigida ia além da distração e adentrava os domínios da total estupidez. A verdade era que o jogador ganhava ou perdia já no momento em que o computador embaralhava as cartas. O restante era um simples processo de descoberta.

Para um jogo de computador, era absurdamente rudimentar. Em vez de cartas, havia apenas um conjunto de letras e números acompanhados de asterisco, um "e" comercial ou sinal de mais ou de porcentagem para indicar o naipe. Troy se incomodava em não saber que símbolo representava copas, paus ou ouros. Apesar de isso ser arbitrário, apesar de não ter nenhuma importância real, deixava-o frustrado não saber.

Ele tinha se deparado com aquele jogo por acaso enquanto pesquisava alguns arquivos. Precisou experimentar um pouco para aprender a embaralhar as cartas com a barra de espaço e distribuí-las com as setas, mas tinha tempo de sobra para resolver coisas desse tipo. Além de reuniões com chefes de departamento, ler as anotações de Merriman e se manter atualizado com a Ordem, tudo o que ele tinha era tempo. Tempo para cair no chão do banheiro de sua sala e chorar até o catarro escorrer pelo queixo, tempo para sentar sob a água escaldante do

chuveiro e tremer, tempo para esconder comprimidos em sua boca e guardá-los para quando a dor ficasse pior, tempo para se perguntar por que os medicamentos não faziam o mesmo efeito de antes, mesmo quando dobrava a dose por conta própria.

Talvez os poderes entorpecentes do jogo fossem a razão de sua própria existência, o motivo de alguém ter se dado ao trabalho de criá-lo, e o porquê de chefes posteriores o manterem em segredo. Ele o havia visto no rosto de Merriman durante aquela viagem de elevador no fim de seu turno. As substâncias químicas eliminavam apenas o pior da dor, aquele latejar indefinível. Mas as feridas menores ressurgiam. Ondas de tristeza repentina deviam vir de algum lugar.

As últimas cartas se encaixaram no lugar enquanto sua mente viajava. O computador havia embaralhado para uma vitória, e Troy recebeu todo o crédito por confirmá-la. A tela piscou *BOM TRABALHO*! em grandes letras de fôrma. Era estranhamente satisfatório que um jogo tão rudimentar lhe dissesse isso, dissesse que você tinha feito um bom trabalho. Havia uma sensação de realização, de ter *feito* alguma coisa com seu dia.

Ele deixou a mensagem piscando na tela e olhou ao redor da sala em busca de outra coisa para fazer. Havia emendas a incluir na Ordem, anúncios a escrever para os chefes dos outros silos, e ele precisava se assegurar que o vocabulário dessas circulares estivesse adequado aos padrões que sempre mudavam.

Ele mesmo errava, sempre usando "abrigos" em vez de "silos". Era difícil para os que tinham vivido na época do Legado. Um vocabulário antigo, um modo de ver o mundo, persistia apesar da medicação. Ele sentia inveja dos homens e mulheres nos outros silos, aqueles que tinham nascido e iam morrer em seus próprios mundinhos, que iam amar, deixar de amar, que iam guardar seus sofrimentos na memória, iam senti-los, aprender com eles, mudar com eles. Ele tinha mais inveja dessas pessoas do que das mulheres de seu próprio silo, que permaneciam em seus longos sonos salvadores...

Houve uma batida na porta aberta. Troy olhou e viu Randall parado na porta. Ele trabalhava em frente à sua sala, no Consultório de Serviços Psicológicos. Ele fez um gesto com uma das mãos para que o homem entrasse e com a outra minimizou o jogo. Mexeu na cópia da Ordem em sua mesa, tentando parecer ocupado.

— Trouxe os relatórios de crença que você queria. — Randall acenou com uma pasta.

— Ah, bom. Bom.

Troy pegou a pasta. Sempre com as pastas. Ele se lembrou dos dois grupos que haviam construído aquele lugar: os políticos e os médicos. Ambos tinham ficado presos em uma era anterior, um tempo em que o papel era importante. Ou será que nenhum dos grupos confiava em qualquer informação que não pudesse ser rasgada ou queimada?

— O chefe do Silo 6 tem um novo substituto escolhido e já preparado. Ele quer marcar uma conversa com o senhor, formalizar a posse — disse Randall.

— Ah, está bem.

Troy folheou o material da pasta e viu transcrições da sala de comunicação sobre cada um dos silos. Ele aguardava ansioso outra cerimônia de posse. Qualquer tarefa que já tivesse feito antes o deixava menos temeroso.

— Além disso, o relatório populacional do Silo 32 está um pouco preocupante — prosseguiu Randall, dando a volta na mesa de Troy e lambendo o polegar antes de folhear os relatórios. Troy olhou para o monitor para se assegurar de que havia minimizado o jogo. — Eles estão se aproximando do máximo. E rápido. O Dr. Haines acha que pode ser um lote ruim de implantes de controle de natalidade. O chefe do Silo 32, um tal de Biggers... Veja o que diz. — Randall pegou o relatório. — Ele nega isso, diz que nenhuma mulher com um implante ativo ficou grávida. Ele acha que a loteria está sendo manipulada ou que há algo errado com nossos computadores.

— Hum. — Troy pegou o relatório e o olhou com atenção. O Silo 32 tinha passado dos nove mil habitantes, e a idade média tinha caído para

pouco mais de vinte anos. — Vamos agendar um telefonema para amanhã cedo. Não acredito que a loteria esteja sendo manipulada. Eles não deviam nem estar fazendo uma loteria, não é? Até terem mais espaço?

— Foi o que eu disse.

— E a contagem populacional de todos os silos é feita pelo mesmo computador. — Troy se esforçou para que aquilo não parecesse uma pergunta, mas era. Ele não se lembrava.

— É — confirmou Randall.

— Então isso significa que estão mentindo para nós. Quer dizer, isso não acontece da noite para o dia, certo? Biggers deve ter visto que isso estava acontecendo, o que significa que ele sabia disso antes. Por isso, ou ele é cúmplice ou perdeu o controle por lá.

— Exatamente.

— Tudo bem. O que nós sabemos sobre o segundo de Biggers?

— Seu sombra? — hesitou Randall. — Eu preciso pegar esse arquivo, mas sei que ele ocupa essa posição há bastante tempo. Ele já fazia isso antes de começarmos nossos turnos.

— Muito bem. Vou conversar com ele amanhã. Sozinho.

— Acha que devíamos substituir Biggers?

Troy assentiu severamente. A Ordem era clara acerca de problemas sem explicações: *Comece pelo topo. Parta do pressuposto de que a explicação é mentira.* Por causa das regras, ele e Randall estavam falando sobre um homem ser substituído como se fosse uma máquina com defeito.

— Certo, mais uma coisa...

O estrondo de botas pelo corredor interrompeu o pensamento. Randall e Troy olharam quando Saul entrou de modo brusco na sala, com os olhos arregalados de medo.

— Senhores...

— Saul. O que está acontecendo?

O oficial de comunicações parecia ter visto mil fantasmas.

— Precisamos do senhor na sala de comunicação. Agora mesmo.

Troy saiu de trás da mesa. Randall estava bem atrás dele.

— O que é? — perguntou Troy.

Saul seguiu apressado pelo corredor.

— É o Silo 12, senhor.

Os três passaram correndo por um homem em uma escada que estava trocando uma lâmpada comprida que havia queimado. A grande tampa retangular acima dele pendia aberta como uma porta para os céus. Troy se viu respirando com dificuldade enquanto se esforçava para acompanhá-los.

— O que *houve* com o Silo 12? — perguntou, quase sem ar.

Saul olhou rapidamente para trás, com o rosto contorcido de preocupação.

— Acho que o estamos perdendo, senhor.

— O quê? Perdendo contato? Não está conseguindo falar com eles?

— Não, senhor. Perdendo o *12*, senhor. O *silo*. A coisa toda.

11

Ano 2049
Savannah, Geórgia

Donald não era muito do tipo que usa guardanapos, mas respeitou o decoro balançando o tecido dobrado e o estendendo em seu colo. Cada um dos guardanapos nos outros lugares da mesa tinha sido arrumado em uma pirâmide decorativa que se erguia ereta em meio aos talheres. Ele não se lembrava de que o Corner Diner tivesse guardanapos de pano quando estava no ensino médio. Eles não usavam aqueles porta-guardanapos de papel cheio de amassados por causa dos anos de uso? E aqueles galheteiros com tampas de metal? Até eles tinham ficado mais elegantes. Perto do arranjo de flores, havia um recipiente que ele supôs conter sal marinho, mas se quisesse pimenta teria que esperar alguém vir moê-la sobre a comida.

Ele ia mencionar isso para a esposa quando viu que ela estava olhando para além dele, para o reservado às suas costas. Donald virou-se no assento, fazendo o forro de vinil soltar um ruído embaixo dele. Olhou para o casal mais velho no reservado em que ele e Helen haviam sentado em seu primeiro encontro.

— Juro que pedi que o reservassem para nós — justificou Donald.

O olhar da mulher voltou para ele.

— Acho que eles não devem ter entendido quando eu descrevi qual era. — Ele girou o dedo no ar. — Ou talvez eu tenha me confundido quando expliquei.

Ela fez um gesto com a mão.

— Meu bem, esqueça. Nós podíamos estar comendo queijo-quente em casa que eu estaria feliz. Eu estava só olhando para o nada.

Helen abriu o próprio guardanapo com cuidado e delicadeza, quase como se estivesse estudando as dobras, vendo como refazê-las, como devolver a coisa desfeita a seu estado original. O garçom chegou rapidamente e encheu seus copos de água sem muito cuidado, respingando a toalha de mesa. Ele se desculpou pela espera, depois deixou-os esperando um pouco mais.

— Esse lugar com certeza mudou — disse Donald.

— É. Está mais adulto.

Os dois pegaram suas águas ao mesmo tempo. Donald sorriu e ergueu o copo.

— Quinze anos desde que seu pai cometeu o erro de deixar você chegar em casa depois do horário.

Helen sorriu e tocou o copo no dele.

— A mais quinze — disse ela.

Eles beberam.

— Se este lugar continuar nesse ritmo, em quinze anos não vamos ter dinheiro para comer aqui — disse Donald.

Helen riu. Ela tinha mudado muito pouco desde aquele primeiro encontro. Ou talvez fosse porque as mudanças tinham sido muito sutis. Não era como ir a um restaurante a cada cinco anos e ver as mudanças todas de uma vez. Era como irmãos envelheciam, em vez de primos distantes.

— Você viaja de volta amanhã de manhã? — perguntou Helen.

— É, mas para Boston. Tenho uma reunião com o senador.

— Por que Boston?

Donald mexeu a mão.

— Ele está fazendo um daqueles nanotratamentos dele. Acho que a cada vez ele fica trancado lá por uma semana, algo assim. De algum jeito, ele continua trabalhando...

— É, fazendo seus serviçais *irem* até lá...

— Não somos seus *serviçais* — falou Donald, rindo.

— ...para beijar seu anel e levar presentes, como Reis Magos.

— Pare com isso, não é assim.

— Apenas me preocupa que você esteja se esforçando demais. Quanto do seu tempo livre você está gastando nesse projeto dele?

Muito, ele teve vontade de dizer. Queria contar a sua mulher como o trabalho era exaustivo, mas sabia como ela ia reagir.

— Não consome tanto tempo quanto você imagina.

— É mesmo? Porque parece ser a única coisa de que você fala. Nem sei mais o que você faz além disso.

O garçom passou com uma bandeja cheia de bebidas e disse que ia demorar só mais um pouquinho. Helen estudou o cardápio.

— Vou terminar minha parte do projeto em mais alguns meses — disse para ela. — Depois não vou mais chatear você com isso.

— Querido, você não me chateia. Só não quero que ele se aproveite de você. Não foi para isso que você se candidatou. Você resolveu *não* ser arquiteto, lembra? Para isso, você não precisaria ficar longe de casa.

— Amor, quero que você saiba... — Ele baixou a voz. — Esse projeto em que estamos trabalhando é...

— É muito importante, eu sei. Você me falou, e acredito em você. Mas aí, em seus momentos de insegurança, você admite que na verdade sua parte em todo o esquema é supérflua e nunca vai ser usada.

Donald esquecera que eles já haviam tido aquela conversa.

— Eu só vou ficar satisfeita quando terminar — disse ela. — Não estou nem aí se passarem com caminhões de combustível nuclear pelo nosso *bairro*. Só enterrem essa coisa toda, cubram bem de terra e mudem de assunto.

Aquilo era outra coisa. Donald pensou nos telefonemas e e-mails que estava recebendo de seu distrito, todas as manchetes e os alarmistas preocupados com a rota que as barras de combustível nuclear usadas iam fazer, os caminhões saindo do porto e ladeando Atlanta. Toda vez que Helen ouvia algo sobre o projeto, tudo que conseguia pensar era que o marido estava desperdiçando seu tempo em vez de fazer um trabalho de

verdade. Ou no fato de que ele podia ter ficado em Savannah para fazer a mesma coisa.

Helen pigarreou.

— Então... — Ela estava hesitante. — Anna estava no canteiro de obras hoje?

Ela espiou por cima da borda do copo, e Donald percebeu, naquele instante, no que sua esposa estava *realmente* pensando quando surgiu o assunto do projeto da InConDes e das barras de combustível nuclear. Era a insegurança de ele trabalhar com *ela*, por estar tão longe de casa.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Não. Na verdade nós não nos encontramos. Enviamos projetos um para o outro. Mick e eu fomos, só nós dois. Ele está coordenando grande parte dos materiais e equipes...

O garçom chegou, puxou um bloco de capa preta do avental e acionou sua caneta.

— Os senhores desejam beber algo para começar?

Donald pediu duas taças do merlot da casa. Helen recusou a entrada.

— Sempre que falo sobre ela — disse Helen quando o garçom saiu na direção do bar — você fala de Mick. Pare de mudar de assunto.

— Por favor, Helen, podemos não falar dela? — Donald juntou as mãos sobre a mesa. — Eu me encontrei com ela uma vez desde que começamos a trabalhar nisso. Dei um jeito para que não precisássemos nos reunir porque sabia que você não ia gostar. Não sinto nada por ela, querida. Absolutamente nada. Por favor, hoje a noite é nossa.

— Trabalhar com ela está deixando você com dúvidas?

— Dúvidas sobre o quê? Sobre aceitar o trabalho? Ou sobre ser um arquiteto?

— Sobre... *qualquer coisa*. — Ela olhou para o outro reservado, onde eles deveriam estar.

— Não. Meu Deus, não. Querida, por que você está me perguntando uma coisa dessas?

O garçom voltou com o vinho. Abriu o bloco de capa preta e olhou para os dois.

— Já escolheram?

Helen abriu o cardápio e olhou do garçom para Donald.

— Vou querer o de sempre — disse ela.

Apontou para o que antes era um simples sanduíche de queijo acompanhado de fritas e agora parecia uma receita sofisticada, envolvendo tomates verdes fritos tradicionais, queijo gruyère, uma camada de mel com xarope de bordo e batatas fritas extrafinas com molho tártaro.

— E para o senhor?

Donald examinou o cardápio. A conversa o havia deixado confuso, mas ele sentiu a pressão para escolher, e escolher rápido.

— Acho que vou experimentar algo diferente — disse ele, com uma péssima escolha de palavras.

12

Ano 2110
Silo 1

O Silo 12 estava entrando em colapso, e quando Troy e os outros chegaram a sala de comunicação estava tomada pelo barulho das conversas no rádio e pelo cheiro de suor. Quatro homens se aglomeravam em torno de uma central de comunicação, que costumava ser acionada por apenas um operador. Todos pareciam exatamente como Troy se sentia: em pânico, sem ter ideia do que fazer, prontos para se encolher e se esconder em algum lugar. Aquilo o acalmou. O pânico deles era sua força. Ele podia disfarçar. Ele podia se segurar.

Dois homens usavam pijamas em vez dos macacões laranja, dando a entender que o turno da noite tinha sido chamado às pressas. Troy se perguntou por quanto tempo o Silo 12 esteve com problemas até eles finalmente decidirem *chamá-lo*.

— Quais são as últimas informações? — perguntou Saul a um senhor mais velho que segurava um fone junto a uma das orelhas.

O senhor se virou. Sua cabeça calva brilhou sob a luz do teto, havia suor nas rugas da testa, as sobrancelhas erguidas de preocupação.

— Não consigo que alguém atenda o servidor — disse ele.

— *Apenas* nos mostre o que temos do 12 — disse Troy, apontando para um dos outros três trabalhadores.

Um homem que ele havia conhecido cerca de uma semana antes tirou seus fones e girou uma chave. Os alto-falantes na sala zuniram com gritos e ordens. Os outros pararam o que estavam fazendo para escutar.

Um dos outros homens, na casa dos trinta anos, examinava dezenas de imagens nos vídeos. Havia caos por toda parte. Viam a cena de uma escada em caracol repleta de pessoas empurrando umas às outras. Uma cabeça desapareceu, uma pessoa caindo, provavelmente sendo pisoteada enquanto o restante avançava. Os olhos arregalados de medo, os dentes trincados ou as bocas gritando.

— Vamos ver a sala dos servidores — disse Troy.

O homem controlando as imagens digitou algo em seu teclado. A multidão desapareceu e foi substituída por uma vista calma de salas perfeitamente imóveis. As caixas de proteção dos servidores e as grades do piso pulsavam com as luzes vindas do teto, identificando uma ligação não atendida.

— O que aconteceu? — perguntou Troy.

Ele se sentia estranhamente calmo.

— Ainda estamos tentando descobrir, senhor.

Puseram uma pasta em suas mãos. Algumas pessoas se juntavam no corredor e espiavam dentro da sala de comunicação. A notícia estava se espalhando, uma multidão começava a se aglomerar. Troy sentiu uma gota de suor escorrer pela nuca, mas também aquela calmaria estranha, uma resignação àquela inevitabilidade estatística.

Uma voz desesperada de um dos rádios interrompeu todo o resto. O pânico era evidente.

— *...eles estão entrando. Droga, eles estão derrubando a porta. Eles vão passar...*

Todos na sala de comunicação prenderam a respiração. Toda a tensão e a atividade cessaram enquanto ouviam e esperavam. Troy estava quase certo sobre qual porta o homem em pânico estava falando. Havia uma única porta entre o refeitório e a câmara pressurizada. Ela devia ter sido feita para ser mais forte. Muitas coisas deviam ter sido feitas para ser mais fortes.

— *...estou sozinho aqui, gente. Eles vão entrar. Merda, eles vão entrar...*

— Isso é um delegado? — perguntou Troy.

Ele folheou a pasta. Havia atualizações de status do chefe da TI do Silo 12. Nenhum alarme. Dois anos desde a última limpeza. O índice de medo estava estabilizado em oito na última vez que tinha sido medido. Não era tão alto, mas também não era baixo demais.

— É, eu acho que é um delegado — disse Saul.

O homem no vídeo olhou para Troy.

— Senhor, nós vamos ter um êxodo em massa.

— Os rádios deles estão bloqueados, não estão?

Saul assentiu.

— Nós bloqueamos as repetidoras. Eles podem falar entre si, mas só isso.

Troy lutou contra a vontade de se virar e ver os rostos curiosos que espiavam do corredor.

— Bom — disse ele.

A prioridade naquela situação era conter a deflagração: não deixar que se espalhasse para as células vizinhas. Aquilo era um câncer. Devíamos extirpá-lo. Não lamentar a perda.

O rádio fez um ruído:

— *...eles estão quase entrando, eles estão quase entrando, eles estão quase entrando...*

Troy tentou imaginar o estouro, a multidão se espremendo, como o pânico tinha se espalhado. A Ordem era clara sobre não intervir, mas sua consciência estava confusa. Ele estendeu a mão para o operador do rádio.

— Deixe-me falar com ele — disse Troy.

Cabeças se viraram em sua direção. Um grupo que sempre operava de acordo com os protocolos permaneceu sentado, atônito. Após uma pausa, o aparelho foi colocado na palma de sua mão. Troy não hesitou. Ligou o microfone.

— Delegado?

— *Alô? Xerife?*

O operador de vídeo passou pelas outras imagens, depois fez um gesto com a mão e apontou para um dos monitores. O andar setenta e

dois estava no canto da tela, e um homem de macacão prateado jazia jogado sobre uma mesa. Tinha uma arma na mão, uma poça de sangue em volta do teclado.

— É o xerife? — perguntou Troy.

O operador esfregou a testa e assentiu.

— *Xerife? O que eu faço?*

Troy apertou o botão para acionar o microfone novamente.

— O xerife está morto — disse ele ao delegado, surpreso com a firmeza da própria voz.

Ele segurava o botão de transmissão e refletia sobre o destino do homem. Ele começava a se dar conta de que a maioria dos residentes dos silos achava que estava sozinha. Eles não sabiam da existência dos outros, e desconheciam seu verdadeiro propósito. E agora Troy tinha feito contato, uma voz incorpórea saída das nuvens.

Uma das imagens do vídeo foi enviada para o delegado, que segurava um receptor cujo fio em espiral seguia até um rádio montado na parede. O mostrador do andar no canto dizia "1".

— Você precisa se trancar na cela de custódia — disse Troy por rádio, vendo que a melhor solução era a menos óbvia. Ao menos era uma solução temporária. — Tome cuidado para não esquecer nenhum molho de chaves.

Ele observou o homem na tela. Toda a sala e também as pessoas no corredor assistiam ao homem.

A porta do escritório de segurança superior estava visível na imagem distorcida, registrada através da grande-angular da câmera. As quinas da porta pareciam saltar para fora por causa da lente. E, por sua vez, o centro da porta se curvava para *dentro* por causa das pessoas. Estavam derrubando a porta a pancadas. O delegado não respondeu. Largou o microfone e deu a volta na mesa correndo. Suas mãos tremiam de modo tão violento no momento em que foi pegar as chaves que era possível identificar o movimento mesmo na imagem granulada captada pela câmera.

A porta rachou bem no centro. Alguém na sala de comunicação respirou fundo ruidosamente. Troy queria entrar nas estatísticas. Ele tinha estudado e treinado para estar do *outro* lado daquilo, para liderar um pequeno grupo de pessoas no caso de uma catástrofe, não para ser o líder de *todos*.

Talvez por isso ele estivesse tão calmo. Estava assistindo a uma cena de horror em que ele devia estar envolvido, que devia ter vivenciado e que o teria matado.

O delegado finalmente pegou as chaves. Atravessou a sala correndo e sumiu de vista. Troy o imaginou com dificuldades para acertar a fechadura da cela quando a porta foi arrebentada e uma multidão furiosa forçou sua entrada pelo vão rachado na madeira. Era uma porta sólida, forte, mas não forte o bastante. Era impossível dizer se o delegado tinha conseguido chegar à cela em segurança. Não que isso importasse. Era temporário. Tudo era temporário. Se eles abrissem as portas, se conseguissem sair, o delegado teria um destino bem pior do que ser pisoteado.

— A porta interna da câmara pressurizada está aberta, senhor. Eles estão tentando sair.

Troy assentiu. O problema provavelmente tinha começado na TI e se espalhado. Talvez o chefe, mas mais provavelmente seu sombra. Alguém com senhas de ativação. Ali estava o problema: devia haver uma pessoa no comando, que guardasse os segredos. Alguns não tinham condições de assumir essa responsabilidade. Era estatisticamente previsível. Ele se lembrou de que era inevitável, as cartas já estavam embaralhadas, a partida apenas esperava para ser jogada.

— Senhor, temos uma falha. A porta externa.

— Dispare as cargas agora — ordenou Troy.

Saul mandou um rádio para a sala de controle no fim do corredor e transmitiu a mensagem. A visão da câmara pressurizada se encheu com uma névoa branca.

— Isolem a sala dos servidores — acrescentou Troy. — Tranquem-na.

Ele tinha decorado essa parte da Ordem.

— Cuidem para que tenhamos um backup recente, só por garantia. Façam com que nossa própria energia os mantenha funcionando.

— Sim, senhor.

Quem estava na sala e tinha algo a fazer parecia menos ansioso do que os outros que foram deixados perambulando por ali, nervosos enquanto assistiam e escutavam.

— Onde está a minha vista externa? — perguntou Troy.

A imagem de pessoas empurrando umas às outras em meio a uma nuvem branca foi substituída por uma tomada aberta do exterior, de uma multidão claustrofóbica fugindo por uma terra árida, de pessoas caindo de joelhos, segurando os rostos e as gargantas em desespero, com uma coluna de névoa subindo da rampa apinhada.

Ninguém se mexia nem dizia uma palavra na sala de comunicação. Um grito abafado veio do corredor. Troy não devia ter permitido que eles ficassem ali e assistissem.

— Está bem — disse ele. — Pode cortar.

A imagem do exterior se apagou. Não fazia sentido ver a multidão lutar para voltar, não fazia sentido testemunhar homens e mulheres assustados morrerem nas colinas.

— Quero saber por que isso aconteceu. — Troy virou e estudou todos na sala. — Quero saber o porquê e quero saber o que faremos para prevenir isso da próxima vez. — Ele devolveu a pasta e o microfone para os homens em seus postos de trabalho. — Não contem ainda aos chefes dos outros silos. Não até que tenhamos respostas para as perguntas que eles vão fazer.

Saul levantou a mão.

— E as pessoas que ainda estão no interior do 12?

— A única diferença entre as pessoas no Silo 12 e as no Silo 13 é que não haverá futuras gerações crescendo no Silo 12. Só isso. Todo mundo em todos os silos vai acabar morrendo. Todos morremos, Saul. Até nós. Hoje só foi o dia deles. — Ele apontou com a cabeça para o monitor apagado e tentou não pensar no que estava realmente acontecendo por

lá. — Nós sabíamos que isso ia acontecer, e não vai ser a última vez. Vamos nos concentrar nos outros, aprender com esse episódio.

As pessoas balançaram a cabeça pela sala, concordando.

— Quero relatórios individuais ao final deste turno — disse Troy, sentindo pela primeira vez que realmente estava no comando de alguma coisa. — E se conseguirem contato com alguém da equipe da TI do Silo 12, obtenham o máximo de informações. Quero saber quem, por que e como.

Várias das pessoas exaustas na sala se empertigaram antes de tentar parecer ocupadas. A aglomeração no corredor se dissipou ao perceberem que o show tinha acabado e o chefe estava seguindo em sua direção.

O chefe.

Troy sentiu pela primeira vez a plenitude de seu cargo, o grande peso da responsabilidade. Houve murmúrios e olhares de esguelha quando ele passou de volta para sua sala. Houve acenos de cabeça de simpatia e aprovação, homens agradecidos por ocuparem postos mais baixos. Ele caminhou a passos largos por todos eles.

Outros mais vão tentar escapar, pensou Troy. Mesmo com todo o cuidado de engenharia, não havia como fazer algo infalível. O melhor que podiam fazer era planejar com antecipação, estocar peças sobressalentes, não chorar ao descartar um cilindro escuro e sem vida e se voltar para outros com esperança.

De volta à sua sala, fechou a porta e se encostou nela por um instante. Seus ombros estavam colados no macacão por causa do suor resultante da rápida caminhada. Respirou fundo algumas vezes antes de ir até sua mesa e apoiar a mão em seu exemplar da Ordem. Ele ainda estava com medo de que tivessem entendido tudo errado. Como uma sala cheia de médicos podia planejar tudo? Será que realmente ficaria mais fácil com o passar das gerações, à medida que as pessoas esquecessem, e os sussurros dos primeiros sobreviventes desaparecessem?

Troy não tinha tanta certeza. Ele olhou para sua parede de gráficos e esquemas, aquela planta enorme que mostrava todos os silos espalhados

em meio às colinas, cinquenta círculos espaçados como estrelas em uma bandeira antiga à qual ele um dia servira.

Um forte tremor atravessou o corpo de Troy: seus ombros, cotovelos e mãos se contorceram. Ele se segurou na quina da mesa até passar. Ao abrir a gaveta superior, pegou um marcador vermelho e foi até a grande planta, com calafrios ainda devastando seu peito.

Antes que pudesse pensar na permanência do que estava prestes a fazer, antes que pudesse pensar que sua marca ficaria em exibição para todos os turnos futuros, antes que pudesse pensar que aquilo poderia se tornar uma tendência, uma ação tomada por seus substitutos, ele riscou um grosso X sobre o Silo 12.

O marcador guinchou quando foi arrastado com força sobre o papel. Ele parecia gritar. Troy piscou para clarear a visão lacrimejante do X vermelho e caiu de joelhos. Inclinou-se para a frente até sua cabeça encostar nas grandes folhas de papel abertas, plantas antigas que farfalhavam e ameaçavam se rasgar quando seu peito se movia com soluços pesados.

Com as mãos no colo, os ombros curvados pelo peso de outro trabalho que tinha sido pressionado a fazer, Troy chorou. E chorou o mais baixo que pôde para não ser ouvido pelas pessoas no corredor.

13

Ano 2049
RYT Hospital, Dwayne Medical Center

Donald tinha feito um tour pelo Pentágono uma vez, ido à Casa Branca em duas ocasiões, entrado e saído do Capitólio dezenas de vezes por semana, mas nada do que tinha visto em D.C. o preparou para a segurança em torno do RYT Hospital, no Dwayne Medical Center. As verificações demoradas mal fizeram a visita de meia hora ao senador valer a pena.

Quando ele passou pelos escâneres de corpo inteiro que levavam à ala de nanobiotecnologia, já tinha trocado sua roupa por uma roupa cirúrgica esterilizada, haviam tirado uma amostra de seu sangue, e ele permitira que todo tipo de escaneamento e luz brilhante examinassem seus olhos e registrassem, segundo disseram, o padrão capilar infravermelho de seu rosto.

Portas pesadas e homens corpulentos bloqueavam todos os corredores conforme penetravam cada vez mais na ala de nanobiotecnologia. Quando Donald avistou os agentes do serviço secreto, que tiveram permissão de permanecer com seus ternos e óculos escuros, soube que estava chegando perto. Uma enfermeira o examinou através de um último conjunto de portas de aço inoxidável. A câmara nanobiótica o aguardava no interior.

Donald olhou desconfiado para a máquina maciça. Ele as havia visto apenas em filmes na TV, e aquela ali, ao vivo, impressionava ainda mais. Parecia um submarino pequeno abandonado nos andares superiores do

RYT. Cabos e mangueiras saíam em feixes de seu exterior curvilíneo e imaculado. Havia pequenas janelas dispostas ao longo de sua lateral, lembrando as escotilhas de um navio.

— E você tem certeza de que é seguro que eu entre? — Ele virou para a enfermeira. — Porque eu não me importo de esperar e visitá-lo mais tarde.

A enfermeira sorriu. Não podia ter mais de vinte e poucos anos. Os cabelos castanhos estavam presos em um coque, era bonita de um jeito simples.

— É perfeitamente seguro — garantiu a ele. — Os nanos dele não vão interagir com o seu corpo. Nós costumamos tratar vários pacientes em uma única câmara.

Ela o conduziu até a extremidade da máquina, girou e destravou a peça circular, parecida com uma roda, que a trancava. Uma portinhola se abriu com o som de algo colante se soltando das juntas de borracha e lançou uma rápida lufada de ar devido à diferença de pressão.

— Se é tão seguro, então por que as paredes são tão *grossas*?

Um riso baixo.

— O senhor vai ficar bem. — Ela gesticulou para ele na direção da portinhola. — Vai haver um leve delay e um pequeno zumbido assim que eu fechar esta porta, depois a trava interna vai se soltar. Aí é só girar a roda e empurrar para abrir.

— Sou um pouco claustrofóbico — admitiu Donald.

Meu Deus, o que ele estava dizendo? Era um adulto. Por que não podia apenas dizer que não queria entrar, e isso seria o suficiente? Por que estava se deixando ser pressionado daquela maneira?

— Por favor, entre, Sr. Keene.

A enfermeira pôs a mão na lombar de Donald. De algum modo, a pressão do olhar de uma mulher jovem e bonita era mais forte que seu terror abjeto daquela cápsula enorme cheia de engrenagens invisíveis. Ele cedeu e se viu agachando para passar pela baixa portinhola, a garganta se fechando por causa do medo.

A porta se fechou atrás dele com um estrondo, deixando-o em um espaço arqueado onde mal cabiam duas pessoas. As travas se fecharam com um ruído metálico. Dos dois lados havia pequenos assentos de metal embutidos nas paredes curvas. Ele tentou levantar, mas sua cabeça tocava o teto.

Um zunido furioso tomou a câmara. Os pelos da nuca de Donald se eriçaram, e o ar ficou carregado de eletricidade. Ele procurou um intercomunicador, algum modo de entrar em contato com o senador através da porta interna, para não ter que entrar ainda mais na câmara. Parecia que ele não conseguia respirar. Precisava *sair*. Não havia uma roda na porta externa. Tudo estava fora de seu controle...

As trancas internas destravaram com um estridente som de metal. Donald se lançou em direção à porta e tentou usar a roda giratória. Prendendo a respiração, ele abriu a escotilha e escapou da pequena câmara pressurizada para a câmara maior no centro da cápsula.

— Donald! — O senador Thurman tirou os olhos de um livro grosso.

Ele estava deitado em um dos bancos que se estendia por todo o comprimento do longo cilindro. Havia um bloco e uma caneta em uma mesinha; uma bandeja de plástico guardava os restos do jantar.

— Olá, senhor — disse ele, mal abrindo os lábios.

— Não fique aí parado, entre. Você está deixando os bichinhos saírem.

Indo contra todos os seus impulsos, Donald entrou, empurrou e fechou a porta, e o senador Thurman riu.

— Você devia respirar também, filho. Eles poderiam atravessar direto pela sua pele se quisessem.

Donald soltou a respiração e sentiu um calafrio. Talvez fosse sua imaginação, mas sentiu toda a pele pinicar, como picadas dos mosquitinhos de Savannah em dias de verão.

— Você não pode senti-los — informou o senador Thurman. — Está tudo em sua cabeça. Eles sabem a diferença entre nós.

Donald olhou para baixo e percebeu que estava coçando o braço.

— Sente-se — disse Thurman, apontando para o banco em frente ao dele.

Ele vestia roupas cirúrgicas da mesma cor e barba de alguns dias por fazer. Donald percebeu que o fim da cápsula se abria para um pequeno banheiro, que tinha um chuveiro com uma mangueira flexível presa à parede. Thurman jogou os pés descalços para fora do banco, pegou uma garrafa de água pela metade e tomou um gole.

Donald obedeceu e se sentou, com um suor nervoso fazendo cócegas em seu couro cabeludo. Havia uma pilha de travesseiros e lençóis dobrados na extremidade do banco. Viu como as estruturas se abriam em camas, mas não conseguia se imaginar dormindo naquele caixão apertado.

— O senhor queria me ver? — Tentou manter sua voz tranquila.

O ar tinha um sabor metálico, o travo das máquinas em sua língua.

— Uma bebida? — O senador abriu um frigobar embaixo do banco e pegou uma garrafa de água.

— Obrigado. — Donald aceitou a água, mas não a abriu, apenas desfrutou o frescor na palma de sua mão. — Mick disse que atualizou o senhor. — Ele queria acrescentar que achava aquela reunião desnecessária.

Thurman assentiu.

— Atualizou. Nós nos encontramos ontem. Ele é um rapaz de confiança. — O senador sorriu e balançou a cabeça. — A ironia é esse grupo que acabou de tomar posse, sabe? É provavelmente a melhor bancada que o Capitólio vê em muito tempo.

— A ironia?

Thurman fez um gesto com a mão, desprezando a pergunta.

— Sabe o que eu amo nesse tratamento?

Viver praticamente para sempre?, Donald quase deixou escapar.

— Ele me dá tempo para pensar. Alguns dias aqui dentro, não podendo utilizar nada que necessite de baterias, com apenas alguns livros para ler e algo para escrever... isso realmente ajuda a pensar com mais clareza.

Donald guardou suas opiniões para si mesmo. Não queria admitir como o procedimento o deixava desconfortável, como era aterrorizante estar no interior daquele ambiente bem naquele momento. Saber que máquinas minúsculas estavam viajando pelo corpo do senador, pegando suas células uma a uma e fazendo reparos, isso lhe causava repulsa. Supostamente, a urina ficava da cor de carvão quando as máquinas paravam de funcionar. Ele estremeceu com a ideia.

— Isso não é bom? — perguntou Thurman. Ele inspirou fundo e soltou o ar. — O silêncio?

Donald não respondeu. Percebeu que estava prendendo a respiração de novo.

Thurman olhou para o livro em seu colo, depois ergueu os olhos para estudar Donald.

— Sabia que seu avô me ensinou a jogar golfe?

Donald riu.

— É. Vi fotos de vocês dois juntos.

Donald se lembrou da avó folheando álbuns de retratos antigos. Ela tinha essa obsessão fora de moda de imprimir as fotos de seu computador e colocá-las em álbuns. Dizia que ficavam mais reais quando eram exibidas assim.

— Para mim, você e sua irmã sempre foram como da família — disse o senador.

A franqueza repentina foi desconfortável. Um pequeno ventilador no canto da cápsula fazia circular um pouco de ar, mas ainda fazia calor.

— Eu fico grato por isso, senhor.

— Quero você nesse projeto — disse Thurman. — De corpo e alma.

Donald engoliu em seco.

— Senhor, estou totalmente comprometido. Eu juro.

Thurman ergueu a mão e balançou a cabeça.

— Não, não como... — Ele deixou a mão cair sobre o colo e olhou para a porta. — Sabe, eu achava que não dava para esconder mais nada. Não nos dias de hoje. Está tudo aí fora, para quem quiser ver, sabia? —

Ele agitou os dedos no ar. — Porra, você concorreu a um cargo e conseguiu se virar em meio a toda essa confusão. Você sabe como é.

Donald assentiu.

— É, houve algumas coisas que fui obrigado a reconhecer.

O senador uniu as mãos em concha.

— É como tentar segurar água sem deixar cair uma só gota.

Donald concordou com um gesto de cabeça.

— Um presidente não pode nem mais ganhar um boquete sem que o mundo descubra.

O olhar confuso de Donald viu Thurman gesticulando no ar.

— Antes do seu tempo. Mas o negócio é esse: sabe o que descobri? Em Washington e no exterior? São as gotas *sem importância* que vazam. Os pequenos pecados. Coisas embaraçosas, não casos de vida ou morte. Quer invadir um país estrangeiro? Veja o Dia D. Porra, veja Pearl Harbor. Ou o 11 de Setembro. Nenhum problema.

— Desculpe, senhor, não vejo o que...

A mão de Thurman subiu. Os dedos se fecharam bruscamente como se beliscasse o ar. Donald pensou por um instante que o homem queria que ele ficasse quieto, mas então o senador se inclinou para a frente e estendeu a mão com os dedos muito juntos para mostrar algo a Donald, como se tivesse acabado de pegar um mosquito.

— Veja — disse ele.

Donald inclinou-se para perto, mas ainda não conseguia enxergar nada. Ele balançou a cabeça.

— Não estou vendo, senhor...

— Isso mesmo. E também não perceberia quando acontecesse. É nisso que eles estão trabalhando, aqueles traiçoeiros.

O senador Thurman soltou o que quer que estivesse prendendo entre os dedos e estudou as digitais do polegar por um instante. Soprou uma baforada de ar sobre o dedo.

— Se esses bichinhos podem costurar qualquer coisa, também podem *descosturar*.

Ele olhou para Donald do outro lado da cápsula.

— Sabe por que entramos no Irã pela primeira vez? Não foi por causa de armas nucleares, isso eu garanto. Eu rastejei por todos os buracos que já foram escavados naquelas dunas lá, e aqueles ratos estavam atrás de um prêmio maior que armas nucleares. Sabe, eles tinham descoberto como nos atacar sem serem *vistos*, sem ter que explodir a si mesmos, e com repercussão *zero*.

Donald tinha certeza de que não tinha autorização para ouvir nada daquilo.

— Bem, os iranianos não descobriram isso sozinhos, apenas copiaram algo em que Israel estava trabalhando. — Ele sorriu para Donald. — Por isso, é claro, tivemos que correr atrás.

— Eu não enten...

— Essas criaturas aqui são programadas para o meu DNA, Donny. Pense nisso. Você já teve sua ancestralidade testada? — Ele olhou Donald de cima a baixo como se estivesse avaliando um vira-lata malhado. — E o que você é, afinal? Escocês?

— Talvez irlandês, senhor. Honestamente não sei dizer. — Não queria admitir que não tinha importância para ele. Parecia um assunto muito relevante para Thurman.

— Bem, esses bichinhos podem dizer. Isso se um dia forem aperfeiçoados. Eles poderiam dizer de que clã você veio. E é nisso que os iranianos estão trabalhando: uma arma que você não pode ver, que não pode deter, e se ela decidir que você é judeu, mesmo que *um quarto* judeu... — Thurman passou o dedo horizontalmente pelo próprio pescoço.

— Achei que estivéssemos enganados em relação a isso. Nunca encontramos nenhum traço de nanobiotecnologia no Irã.

— Isso porque eles mesmos se destruíram. *Remotamente. Puf!* — Os olhos do homem se arregalaram.

Donald riu.

— O senhor parece um desses teóricos da conspiração...

O senador Thurman se recostou e apoiou a cabeça na parede.

— Donald, os teóricos da conspiração parecem *conosco*.

Donald esperou que o senador risse. Ou sorrisse. Nenhuma das duas coisas aconteceu.

— O que isso tem a ver comigo? — perguntou ele. — Ou com nosso projeto?

Thurman fechou os olhos, com a cabeça ainda inclinada para trás.

— Sabe por que o amanhecer é tão bonito na Flórida?

Donald teve vontade de gritar. Quis bater na porta até que o tirassem dali em uma camisa de força. Em vez disso, bebeu um gole de água.

Thurman entreabriu um olho. Estudou-o outra vez.

— É porque a areia da África é soprada para o outro lado do Atlântico.

Donald assentiu. Ele entendeu aonde o senador queria chegar. Ele já tinha visto o mesmo alarmismo em canais de notícias, mostrando como toxinas e máquinas microscópicas podem dar a volta ao mundo, do mesmo modo que sementes e pólen têm feito há milênios.

— Está próximo, Donny. Eu sei que está. Tenho olhos e ouvidos em toda parte, mesmo estando aqui. Pedi para que você viesse me encontrar porque quero que participe da festa que virá *depois*.

— Senhor?

— Você e Helen, os dois.

Donald coçou o braço e olhou para a porta.

— Por enquanto, é só um plano de emergência, entende? Há planos em andamento para tudo. Montanhas em que o presidente possa se esconder... Mas nós precisamos de outra coisa.

Donald se lembrou do deputado de Atlanta falando sobre zumbis e o CCPD. Parecia uma loucura do tipo.

— Estou disposto a trabalhar em qualquer comitê que o senhor considere importante...

— Bom. — O senador pegou o livro em seu colo e o entregou a Donald. — Leia isso — disse Thurman.

Donald conferiu a capa. Era familiar, mas em vez da inscrição em francês, estava escrito *Ordem*. Ele abriu o pesado exemplar em uma página aleatória e começou a examiná-lo.

— Esta agora é sua bíblia, filho. Quando eu estava na guerra, conheci meninos da altura do seu joelho que tinham decorado o Corão inteiro, cada verso. Você precisa fazer melhor.

— Decorar?

— O máximo que puder. E não se preocupe, você tem alguns anos.

Donald ergueu as sobrancelhas, surpreso, e em seguida fechou o livro e examinou a lombada.

— Bom, eu vou precisar.

Ele queria saber se haveria algum aumento ou apenas mais milhares de reuniões de comitê. Aquilo parecia loucura, mas não estava disposto a recusar nada ao velho, não com sua reeleição se aproximando a cada dois anos.

— Está certo. Bem-vindo. — Thurman se inclinou para a frente e estendeu a mão. Donald procurou manter a mão firme enquanto cumprimentava o senador. Isso fazia o aperto do velho doer bem menos. — Agora você pode ir.

— Obrigado, senhor.

Ele levantou e respirou aliviado. Abraçou o livro e seguiu na direção da porta da câmara pressurizada.

— Ah, Donny...

Ele se virou.

— Sim, senhor?

— A Convenção Nacional ocorrerá em poucos anos. Quero que você já a coloque em sua agenda. E garanta que Helen esteja lá.

Donald sentiu arrepios percorrerem seus braços. Será que aquilo significava uma possibilidade real de promoção? Talvez um discurso no palco principal?

— Com certeza, senhor.

Ele sabia que estava sorrindo.

— Ah. E infelizmente não fui completamente honesto com você em relação às criaturas aqui dentro.

— Como assim, senhor?

Donald engoliu em seco. Seu sorriso se desfez. Ele estava com a não na roda para destravar a porta. Sua mente voltou a lhe pregar peças, ele sentiu o travo metálico na língua, picadas por toda a pele.

— Alguns dos bichinhos aqui são especialmente para você.

O senador Thurman olhou fixamente para Donald por um instante, depois começou a rir.

Donald se virou, com a testa brilhando de suor enquanto girava a roda da porta com a mão livre. Só quando fechou a porta da câmara pressurizada, e as juntas abafaram o riso do senador, ele voltou a respirar.

O ar zuniu ao seu redor, um choque de estática para matar alguma criatura desgarrada. Donald soltou a respiração, com mais força que o normal, e saiu andando cambaleante.

14

Ano 2110
Silo 1

Os psiquiatras mantinham a porta de Troy trancada e entregavam suas refeições enquanto ele examinava sozinho os relatórios do Silo 12. Ele abria as páginas em cima de seu teclado, a uma distância segura da beirada da mesa. Assim, quando caíam algumas lágrimas perdidas, elas não molhavam o papel.

Por alguma razão, Troy não conseguia parar de chorar. Os psiquiatras, prescrevendo uma dieta rigorosa, tinham tirado seus medicamentos havia dois dias, tempo suficiente para Troy compilar suas descobertas com sobriedade, livre do esquecimento trazido pelos comprimidos. Ele tinha um prazo. Depois de terminar suas últimas anotações, eles lhe dariam alguma coisa para aliviar a dor.

Imagens dos mortos interrompiam seus pensamentos, a imagem do exterior, de pessoas sufocando e caindo de joelhos. Troy se lembrava de ter dado a ordem. Seu maior arrependimento era ter feito outra pessoa apertar o botão.

Parar de tomar seus medicamentos trouxe de volta outros fantasmas inesperados. Ele começou a se lembrar do pai, de acontecimentos anteriores à sua orientação. E o preocupava o fato de que os bilhões que tinham sido dizimados podiam ser sentidos apenas como uma leve dor em suas entranhas, enquanto os poucos milhares do Silo 12, que tinham corrido para suas próprias mortes, o faziam ter vontade de se encolher e morrer.

Os relatórios em seu teclado contavam a história de um sombra que tinha perdido o controle, uma chefe da TI que não conseguira ver os problemas do sombra surgindo, e um chefe de segurança muito honesto que tinha tomado uma péssima decisão. Só foi preciso que várias pessoas aparentemente decentes botassem a pessoa errada no poder e depois pagassem por sua escolha inocente.

Os códigos que identificavam cada vídeo ficavam nas margens. Aquilo o lembrava de um velho livro que conhecera. As referências tinham um estilo parecido.

Jason 2:17 identificava um vídeo do sombra da chefe da TI. Troy prestou atenção na ação que era exibida em seu monitor. Um rapaz, provavelmente no fim da adolescência, no máximo com vinte e poucos anos, estava sentado no chão da sala dos servidores. Ele se encontrava de costas para a câmera, e era possível ver os cantos de uma bandeja plástica em seu colo. Estava debruçado sobre uma refeição, os ossos de sua coluna projetando uma linha de pontos marcados que descia pelas costas de seu macacão.

Troy assistia à cena. Olhou para o relatório para conferir o *timecode* do vídeo. Ele não queria perder aquilo.

Na imagem, o cotovelo direito de Jason movia-se para a frente e para trás. Ele parecia estar comendo. O momento estava próximo. Troy não queria piscar. Podia sentir seus olhos lacrimejarem pelo esforço.

Um barulho assustou Jason. O jovem sombra da TI olhou para o lado. Seu perfil ficou visível por um momento, um rosto magro e anguloso, o resultado de semanas de privações. Ele tirou a bandeja do colo. Foi a primeira vez que Troy viu a manga enrolada. E ali, enquanto ele lutava com a manga para desenrolá-la de volta, viu as linhas escuras paralelas que atravessavam seu antebraço, e nada em sua bandeja que exigisse o uso de uma faca.

O restante do vídeo era apenas Jason falando com a chefe da TI, uma mulher carinhosa e maternal, que tocou o ombro do sombra e apertou seu cotovelo. Troy pôde relembrar a voz dela. Tinha falado com a mulher uma ou duas vezes para escrever um relatório. Em mais algumas

semanas, iam marcar um horário para conversar com Jason e formalizar sua nomeação.

O vídeo terminava com Jason descendo de volta para o espaço abaixo da sala dos servidores, uma sombra engolindo um sombra. A chefe da TI, a *verdadeira* chefe do Silo 12, ficou parada sozinha por um instante com a mão no queixo. Ela parecia muito *viva*. Troy teve um impulso infantil de estender o braço e passar os dedos no monitor, para prestar seu reconhecimento àquele fantasma, desculpar-se por decepcioná-la.

Em vez disso, ele viu algo que os relatórios haviam deixado passar. Viu o corpo dela se mover na direção da escotilha, parar, congelar por um instante e depois se afastar.

Troy clicou na barra de carregamento na parte inferior da tela para ver o vídeo outra vez. Lá estava ela esfregando o ombro de seu sombra, conversando com ele. Jason concordava com a cabeça. Ela apertou seu cotovelo, estava preocupada com ele. O sombra lhe assegurava que tudo estava bem.

Assim que ele foi embora, quando ela ficou sozinha, foi tomada por dúvidas e medos. Não havia como Troy ter certeza disso, mas podia *sentir*. Ela sabia que algo sinistro estava começando a nascer, e ali estava sua chance de destruí-lo. Expressou sua preocupação, estava pendendo para este lado, depois reconsiderou e saiu.

Troy pausou o vídeo e fez algumas anotações, registrou os *timecodes*. Os psiquiatras teriam que verificar suas descobertas. Ao juntar os papéis, se perguntou se havia algo que precisasse ver outra vez. Uma mulher decente havia sido morta porque não tinha conseguido fazer o mesmo: matar para proteger. E um chefe de segurança tinha soltado um monstro que havia dominado a arte de esconder sua dor, um jovem que havia aprendido a manipular os outros, que queria *sair*.

Ele digitou suas conclusões. Era uma idade perigosa para ser sombra, observou em seu relatório. Ali estava um garoto entre a adolescência e os vinte e poucos anos, uma idade em que estava mergulhado em dúvidas, ainda sem muito autocontrole. Troy perguntava em seu relatório se alguém naquela idade poderia estar pronto. Ele citou o primeiro chefe

da TI que ele empossara, a pergunta que o rapaz fizera após ouvir histórias de sua bisavó senil. Era certo expor alguém àquelas verdades? Será que se podia esperar que homens em uma idade tão frágil suportassem golpes tão duros sem entrar em colapso?

O que ele não acrescentou, o que perguntou a si mesmo, foi se qualquer um, em *qualquer* idade, poderia estar pronto.

Havia precedentes, digitou, de restringir certas posições de autoridade por idade. E mesmo que isso levasse a mandatos mais curtos, o que significava submeter mais almas infelizes ao sofrimento de serem trancadas e de verem seu Legado, não seria melhor passar pelo maldito processo mais vezes do que assumir riscos como aquele?

Ele sabia que aquele relatório teria pouca importância. Não havia como prevenir a insanidade. Com o tempo, depois de tantas revoluções e eleições, inúmeras transferências de poder, algum maluco acabaria assumindo a liderança. Era inevitável. Eles haviam feito seu planejamento contando com essas possibilidades. Era por isso que haviam construído tantos.

Troy levantou de sua mesa, caminhou até a porta e bateu nela com força. No canto de sua sala, uma impressora começou a funcionar e cuspiu quatro páginas. Ele as pegou. Ainda estavam quentes quando guardou-as na pasta, aqueles relatórios sobre os últimos mortos e os que ainda estavam morrendo. Podia sentir a vida e o calor se esvaindo daquelas páginas impressas. Logo estariam tão frias quanto o ar em torno delas. Ele pegou uma caneta em sua mesa e assinou o documento.

Uma chave fez barulho na fechadura, e em seguida a porta se abriu.

— Já terminou? — perguntou Victor.

O psiquiatra grisalho parou em frente à mesa. As chaves tilintaram ao voltarem para seu bolso. Ele tinha um pequeno copo plástico na mão.

Troy entregou a pasta a ele.

— Os sinais estavam lá — disse ele ao médico. — Mas não foram tomadas providências.

Victor pegou a pasta com uma das mãos e estendeu o copo plástico com a outra.

Troy digitou alguns comandos em seu computador e apagou sua cópia dos vídeos. As câmeras não tinham utilidade para prever e prevenir aqueles tipos de problema. Era coisa demais para observar ao mesmo tempo. Não dava para botar gente suficiente diante da tela e monitorar uma população inteira. Eles estavam ali para examinar os destroços, para o que viesse depois.

— Parece bom — disse Victor, folheando a pasta.

O copo plástico estava na mesa de Troy, com dois comprimidos dentro. Eles tinham aumentado a dose para a mesma que ele havia tomado no início de seu turno, um pouco a mais para reduzir a dor.

— Quer que eu pegue um pouco de água para você?

Troy balançou a cabeça. Hesitou. Olhou para o copo, depois para Victor, e perguntou:

— Quanto tempo acha que ainda vai demorar? Estou falando do Silo 12. Antes que todas aquelas pessoas morram.

Victor deu de ombros.

— Não muito, imagino. Dias.

Troy assentiu. Victor o observou com atenção. Troy inclinou a cabeça para trás e jogou os comprimidos entre os lábios trêmulos. Sentiu o gosto amargo na língua e fingiu engolir.

— Sinto muito que tenha sido no seu turno — disse Victor. — Sei que não foi para esse emprego que você se candidatou.

Troy assentiu.

— Na verdade, ainda bem que foi no meu — disse ele após um instante. — Eu odiaria que tivesse sido no turno de outra pessoa.

Victor esfregou a pasta com uma das mãos.

— Você vai receber uma recomendação em meu relatório.

— Obrigado — agradeceu Troy.

Ele não sabia para que porra aquilo ia servir.

Acenando com a pasta, Victor finalmente se virou para voltar à mesa do lado oposto no corredor, onde podia sentar e de vez em quando dar uma olhada em Troy.

E naquele breve momento que Victor levou para caminhar até lá, de costas para ele, Troy cuspiu os comprimidos na palma da mão.

Movendo o mouse para despertar o monitor e iniciar um novo jogo de paciência, Troy sorriu para Victor, já sentado na sala no lado oposto do corredor. Ele sorriu de volta. Na palma da outra mão, ainda grudentos porque a cobertura externa estava se dissolvendo com a saliva, havia dois comprimidos. Troy estava cansado de esquecer. Tinha decidido lembrar.

15

Ano 2049
Savannah, Geórgia

Donald seguia em alta velocidade pela autoestrada 17. Uma luz vermelha piscando no painel o alertava de que estava acima do limite de velocidade local. Ele não se importava em ser parado, não se importava que lhe enviassem uma multa ou que aumentassem o valor do seu seguro. Tudo parecia banal. O fato de haver circuitos funcionando em seu carro, registrando tudo o que ele fazia, não era nada em comparação à desconfiança de que as máquinas em seu *sangue* estivessem fazendo o mesmo.

Os pneus cantaram quando fez a curva para pegar a saída rápido demais. Ele pegou o Berwick Boulevard, as luzes dos postes eram flashes em seu para-brisa enquanto ele voava sob elas. Olhando para seu colo, via o texto gravado em dourado no livro pulsar ao ritmo das luzes.

Ordem. Ordem. Ordem.

Ele havia lido o suficiente para se preocupar, para se perguntar em que tinha se metido. Helen estivera certa em alertá-lo, mas errada sobre a escala do perigo.

Ao entrar em sua vizinhança, Donald se lembrou de uma conversa de muito tempo antes, lembrou-se de Helen implorando que ele não se candidatasse ao Congresso, dizendo que aquilo ia mudá-lo, que ele não ia conseguir consertar nada por lá, mas que com certeza podia voltar para casa destruído.

O quanto ela estava certa?

Ele parou na frente de casa e teve que deixar o carro junto do meio-fio. O Jeep de Helen estava bem na entrada da garagem. Mais um hábito desenvolvido em sua ausência, um lembrete de que ele não vivia mais ali, não tinha um lar de verdade.

Ele deixou a bagagem na mala do carro, levou apenas o livro e as chaves. O livro já era pesado o suficiente.

O sensor de movimento acendeu a luz da entrada quando ele se aproximou da varanda. Viu uma forma perto da janela, ouviu um arranhar nervoso do outro lado. Helen abriu a porta, e Karma saiu correndo, o rabo batendo no batente da porta, a língua para fora. Ela crescera muito nas poucas semanas em que ele estivera ausente.

Donald agachou, acariciou a cabeça dela e deixou que a cadela lambesse seu rosto.

— Boa menina — disse.

Ele tentou parecer contente. O vazio gelado em seu peito se intensificou ao chegar em casa. As coisas que deviam trazer uma sensação de conforto só fizeram com que se sentisse pior.

— Oi, querida. — Ele sorriu para a mulher.

— Chegou cedo.

Helen jogou os braços em volta de seu pescoço quando ele levantou. Karma sentou e ganiu para os dois, com o rabo se agitando no chão. O beijo de Helen tinha gosto de café.

— Peguei um voo mais cedo.

Olhando por cima do ombro, ele reparou nas ruas escuras de sua vizinhança. Era como se alguém precisasse segui-lo.

— Onde está sua bagagem?

— Posso pegar de manhã. Venha, Karma. Vamos entrar. — Ele conduziu a cadela pela porta.

— Está tudo bem? — perguntou Helen.

Donald foi até a cozinha. Pôs o livro em cima da bancada central e procurou um copo no armário. Helen o observou com preocupação quando ele pegou uma garrafa de conhaque no bar.

— Meu bem, o que está acontecendo?

— Talvez nada — disse ele. — Loucos... — Ele serviu três dedos de conhaque, olhou para Helen e ergueu a garrafa para saber se ela queria um pouco. Ela balançou a cabeça. — Mas, afinal — prosseguiu ele —, talvez seja alguma coisa. — Ele bebeu mais que um gole. A outra mão não havia largado a garrafa.

— Meu bem, você está estranho. Venha, sente. Tire o casaco.

Ele assentiu e deixou que ela o ajudasse a tirar o paletó. Soltou a gravata, viu a preocupação no rosto dela, sabia que era um reflexo da sua própria.

— O que você faria se achasse que tudo fosse acabar? — perguntou ele à mulher. — O que você faria?

— Se o quê? Está falando de nós? Ah, quer dizer a vida? Querido, alguém morreu? Me diga o que está acontecendo.

— Não, não alguém. Todo mundo. Tudo.

Ele botou a garrafa embaixo do braço, pegou o copo e o livro e foi para a sala. Helen e Karma o seguiram. Antes que chegasse lá, a cadela já estava no sofá esperando que ele se sentasse, alheia a tudo que ele estava dizendo, apenas empolgada por ver a matilha reunida.

— Parece que você teve um dia muito cheio — disse Helen, tentando encontrar desculpas para ele.

Donald sentou no sofá e botou a garrafa e o livro na mesa de centro. Ele afastou o copo do focinho curioso de Karma.

— Preciso te contar uma coisa — começou ele.

Helen estava parada no meio da sala, de braços cruzados.

— Isso seria uma bela mudança. — Ela sorriu para que ele soubesse que estava brincando.

Donald balançou a cabeça.

— Eu sei, eu sei — disse ele. Seus olhos caíram sobre o livro. — Isso aqui não é sobre aquele projeto. E, honestamente, acha que gosto de esconder minha vida de você?

Helen andou até a poltrona reclinável ao lado do sofá e sentou.

— Do que você está falando?

— Disseram que posso falar com você sobre uma... promoção. Bem, mais uma missão que uma promoção. Na verdade, não é uma missão, é mais como estar na Guarda Nacional, só em caso de necessidade...

Helen estendeu o braço e apertou o joelho dele.

— Calma — sussurrou ela.

As sobrancelhas dela estavam franzidas. Havia confusão e preocupação sob elas.

Donald respirou fundo. Ainda estava agitado por repassar aquela conversa em sua cabeça, por dirigir muito rápido. Nas semanas desde seu encontro com Thurman, ele tinha lido demais aquele livro, e repassado demais aquela conversa. Ele não sabia se estava começando a entender as coisas ou apenas surtando.

— Quanto você tem acompanhado do que está acontecendo no Irã? — perguntou ele, coçando o braço. — E na Coreia?

Ela deu de ombros.

— Vejo algumas notícias na internet.

— Hum. — Ele tomou um grande gole de conhaque, estalou os lábios e tentou relaxar e aproveitar o arrepio entorpecente que percorria seu corpo. — Eles estão trabalhando em maneiras de acabar com tudo — disse ele.

— Quem? *Nós* estamos? — A voz de Helen se elevou. — Nós estamos pensando em acabar com *eles*?

— Não, não...

— Tem certeza de que eu posso ouvir isso?

— Não, querida, eles estão projetando armas para acabar com *a gente*. Armas que não podem ser detidas, contra as quais não há defesa.

Helen se inclinou para a frente, as mãos apertadas, os cotovelos nos joelhos.

— São essas coisas que você está aprendendo em Washington? Coisas confidenciais?

Ele mexeu a mão.

— Mais que confidenciais. Veja, sabe por que entramos no Irã...

— Eu sei por que *disseram* que entramos...

— Não foi por bobagem — disse ele, interrompendo-a. — Bem, talvez tenha sido. Talvez ainda não tivessem descoberto, não tivessem aprendido a...

— Meu bem, mais devagar.

— Sim.

Ele respirou fundo mais uma vez. Tinha na cabeça a imagem de uma grande montanha no Oeste, uma estrada de concreto que desaparecia direto na rocha, portas grossas de uma câmara abertas enquanto filas de políticos se acotovelavam para entrar com suas famílias.

— Eu me encontrei com o senador há algumas semanas. — Ele baixou os olhos para a bebida avermelhada em seu copo.

— Em Boston — completou Helen.

Ele assentiu.

— Isso. Bem, ele quer que nós estejamos nessa equipe de alerta...

— Você e Mick.

Ele se virou para a mulher.

— Não... nós.

— *Nós?* — Helen pôs a mão no peito. — O que quer dizer com "nós"? Você e eu?

— Agora, escute...

— Você *me* ofereceu como voluntária para uma das...

— Amor, eu não tinha ideia do que isso se tratava. — Ele pôs o copo na mesa de centro e pegou o livro. — Ele me deu isso para ler.

Helen franziu a testa.

— O que é isso?

— É uma espécie de manual de instruções para... para o *depois*. Eu acho.

Helen levantou da poltrona reclinável e caminhou até o espaço entre ele e a mesa de centro. Cutucou Karma para que saísse do caminho. A cadela rosnou ao ser perturbada. Ela sentou ao lado dele e pôs a mão em suas costas, com os olhos brilhando de preocupação.

— Donny, você bebeu no avião?

— Não. — Ele se afastou. — Por favor, só me escute. Não importa *quem* as tem, só importa *quando*. Você não entende? Essa é a ameaça final. Para acabar com o mundo. Tenho lido sobre as possibilidades nesse site...

— Um site — disse ela, com desânimo e ceticismo na voz.

— É. Escute. Você se lembra daqueles tratamentos que o senador faz? Aqueles nanos são vida sintética. Imagine se alguém os transformasse em um vírus que não se importasse com seu hospedeiro, que não precisasse de *nós* para se propagar. Eles já podem estar aí fora. — Ele bateu no peito, olhou ao redor da sala desconfiado e respirou fundo. — Eles podiam estar em todos nós agora mesmo, bombas-relógio minúsculas esperando o momento certo...

— Querido...

— Pessoas muito más estão trabalhando nisso, tentando fazer com que se torne realidade. — Ele pegou o copo. — Não podemos ficar parados e deixar que eles ataquem primeiro. Então nós vamos fazer isso. — A bebida balançava. Sua mão estava tremendo. — Meu Deus, querida, tenho quase certeza de que vamos conseguir fazer isso antes *deles*.

— Você está me assustando, amor.

— Bom. — Outro gole desceu queimando. Ele segurou o copo com as duas mãos para estabilizá-lo. — Nós devíamos mesmo estar assustados.

— Quer que eu telefone para o Dr. Martin?

— Quem? — Ele tentou manter um espaço entre eles, esbarrou no braço do sofá. — O médico da minha irmã? O *psiquiatra*?

Ela assentiu com seriedade.

— Escute o que eu estou dizendo — pediu ele com o indicador levantado. — Essas máquinas minúsculas são *reais*. — A mente dele estava acelerada. Ele ia começar a balbuciar e não conseguiria convencê-la de nada além de sua paranoia. — Olhe, nós as usamos na medicina, certo?

Helen assentiu. Estava dando uma chance a ele, uma pequena chance. Mas ele percebia que ela realmente queria falar com alguém. A mãe dela, um médico, a mãe *dele*.

— É como quando descobrimos a radiação, sabe? A primeira coisa que pensamos era que seria uma cura, uma descoberta médica. Raios X, mas aí as pessoas começaram a tomar gotas de rádio como um elixir...

— Elas se envenenaram — disse Helen. — Achavam que estavam fazendo uma coisa boa. — Ela pareceu relaxar um pouco. — É com isso que você está preocupado? Que os nanos entrem em mutação e se voltem contra nós? Ainda está surtado por ter entrado naquela máquina?

— Não, não é nada disso. Estou falando de como procuramos primeiro por usos medicinais, e depois acabamos construindo a bomba. Isso é a *mesma coisa*. — Ele fez uma pausa, torcendo para que ela entendesse. — Estou começando a achar que nós também estamos construindo isso. Máquinas minúsculas, como aquelas dos nanobanhos que remendam a pele e as juntas das pessoas. Só que *essas* vão destroçar as pessoas.

Helen não reagiu. Não disse uma palavra. Donald percebeu que estava parecendo louco, que tudo aquilo já estava na internet e em *podcasts* transmitidos de porões solitários por ondas radiofônicas solitárias. O senador estava certo. Misture verdades e mentiras e você não será capaz de diferenciá-las. O livro em sua mesa de centro e um guia de sobrevivência contra zumbis seriam tratados do mesmo jeito.

— Estou dizendo a você que eles são reais — disse ele, sem conseguir parar. — Eles vão se reproduzir. Vão ser invisíveis. Não vai haver nenhum alerta quando forem soltos, só poeira ao vento, entende? E vão se reproduzir sem parar. E essa guerra invisível vai ser travada sozinha à nossa volta enquanto somos esmagados.

Helen permaneceu em silêncio. Ele percebeu que ela estava esperando que terminasse, e então ligaria para a própria mãe e perguntaria o que fazer. Ou ia telefonar para o Dr. Martin e pedir algum conselho.

Donald começou a reclamar, podia sentir a raiva se acumulando, e sabia que qualquer coisa que dissesse iria apenas confirmar os temores de Helen e não convencê-la dos seus.

— Tem mais alguma coisa? — murmurou ela, à procura de permissão para sair, dar seus telefonemas e conversar com alguém racional.

Donald se sentia entorpecido. Desamparado e solitário.

— A Convenção Nacional vai ser em Atlanta. — Ele passou a mão sob os olhos, tentou fazer com que parecesse cansaço, como o esforço da viagem. — O Comitê Nacional Democrata ainda não anunciou, mas Mick me contou antes que eu embarcasse no voo. — Ele virou-se para Helen. — O senador quer que nós dois estejamos presentes, já está planejando algo grande.

— Claro, meu bem. — Ela pousou a mão na coxa dele e o olhou como se fosse seu paciente.

— E vou pedir para passar mais tempo aqui, talvez fazer meu trabalho de casa nos fins de semana, olhar o projeto mais de perto.

— Isso seria ótimo. — Ela pousou a outra mão no braço dele.

— Quero que nós sejamos bons um com o outro — disse ele. — Pelo tempo que ainda nos restar...

— Shhh, querido, está tudo bem. — Ela passou o braço por suas costas e tentou silenciá-lo outra vez, na tentativa de acalmá-lo. — Eu te amo — disse ela.

Ele tornou a esfregar os olhos.

— Nós vamos sair dessa — continuou ela.

Donald balançou a cabeça.

— Eu sei — disse ele. — Eu sei que vamos.

A cadela grunhiu e enfiou o focinho no colo de Helen; podia sentir que havia algo errado. Donald acariciou o pescoço do filhote. Ele olhou para a mulher com lágrimas nos olhos.

— Eu sei que vamos sair dessa — disse, tentando se acalmar. — Mas e *as outras pessoas*?

16

Ano 2110
Silo 1

Troy precisava ver um médico. Algumas aftas haviam se formado dos dois lados de sua boca, entre a gengiva e a parte interna das bochechas. Podia senti-las como bolinhas de algodão cravadas na carne. De manhã, ele guardava o comprimido do lado esquerdo. No jantar, no direito. E dos dois lados o sabor amargo do medicamento queimava e ressecava sua boca, mas ele suportava.

Ele raramente usava guardanapo nas refeições, um mau hábito que adquirira muito tempo antes. Colocava-o no colo por educação e, depois, no prato, quando terminava. Agora tinha uma rotina diferente. Comia uma pequena porção de qualquer coisa, esfregava a boca, cuspia o comprimido azul que queimava, tomava um grande gole de água e bochechava.

A parte mais difícil era não verificar se alguém estava olhando enquanto ele cuspia. Ele sentava de costas para o telão na parede, imaginando olhares atravessando suas têmporas, mas mantinha os olhos fixos à frente e mastigava a comida.

Lembrava-se de usar o guardanapo de vez em quando para se limpar com as duas mãos, sempre com as duas mãos, cobrindo toda a boca, com firmeza. Ele sorriu para o homem à sua frente com cuidado para não deixar o comprimido cair. O olhar do homem passou por cima de seu ombro e se fixou na vista do mundo exterior, no telão.

Troy não virou para olhar. Ainda sentia a mesma atração pelo topo do silo, a mesma compulsão por estar o mais alto possível, por escapar das profundezas sufocantes, mas não tinha mais desejo de ver o exterior. Algo havia mudado.

Viu Hal na mesa próxima à sua, reconheceu sua cabeça careca e manchada. O velho estava sentado de costas para ele. Troy esperou que ele se virasse e o visse, mas em nenhum momento Hal olhou para trás.

Terminou sua porção de milho e encarou as beterrabas. Já tinha cuspido o comprimido havia tempo suficiente para poder arriscar uma olhada na fila para pegar as refeições. Tubos cuspiam comida; pratos faziam barulho nas bandejas ao recebê-la; um dos médicos do consultório de Victor estava atrás do vidro, de braços cruzados e com um sorriso exausto. Ele estava examinando os homens na fila e vigiando as mesas. Por quê? Troy queria saber o que havia ali para vigiar. Tinha dezenas de perguntas como essa fervilhando. Às vezes as respostas surgiam, mas também fugiam se ele mantivesse o foco nelas.

As beterrabas estavam horríveis.

Ele terminou de comê-las quando o cavalheiro do outro lado da mesa levantou com sua bandeja. Não demorou muito para alguém ocupar seu lugar. Troy olhou de uma ponta a outra da fileira de mesas. A maioria de trabalhadores estava sentada do *outro* lado, para poder ver o exterior. Só alguns sentavam como ele e Hal. Era estranho que ele nunca tivesse percebido isso antes.

Nas últimas semanas, parecia que estava ficando mais fácil identificar padrões, mesmo quando suas outras habilidades vacilavam. Cortou um pedaço borrachudo de presunto enlatado. A faca fez barulho ao arranhar o prato, e ele se perguntou quando iria conseguir dormir de verdade. Não podia pedir aos médicos nada para ajudar, não podia lhes mostrar suas gengivas. Havia a chance de descobrirem que ele não estava tomando os remédios. A insônia era terrível. Podia cochilar por um ou dois minutos, mas não conseguia dormir um sono profundo. E em vez de se lembrar de algo concreto, tudo o que tinha eram aquelas dores

latejantes, aqueles terríveis surtos de tristeza e a sensação inevitável de que havia algo muito errado.

Troy percebeu que um dos médicos o observava. Olhou para a mesa e viu homens ombro a ombro do outro lado, olhando para a paisagem. Não fazia muito tempo, ele gostava de sentar e olhar, enfeitiçado pelas colinas cinzentas no telão. Mas agora ele se sentia fraco quando captava sequer um vislumbre; a vista o deixava à beira das lágrimas.

Ele levantou com sua bandeja, depois se preocupou com a possibilidade de estar sendo óbvio. O guardanapo caiu de seu colo no chão, e alguma coisa rolou para longe de seus pés.

O coração de Troy quase parou. Ele abaixou e pegou o guardanapo, correu até a fila, à procura do comprimido. Bateu em uma cadeira que estava afastada da mesa e sentiu todos os olhos do salão o observando.

O comprimido. Encontrou-o e pegou-o com o guardanapo, a bandeja balançando perigosamente na palma de sua mão. Ele levantou e se recompôs. Uma gota de suor fez sua cabeça coçar e escorreu pela nuca. Todo mundo sabia.

Troy virou e caminhou na direção do bebedouro, sem ousar olhar para as câmeras nem para os médicos. Estava perdendo o controle. Ficando paranoico. E faltava pouco mais de um mês para o fim de seu turno. Um mês que testaria cada gota da força de vontade que lhe restava.

Tentar caminhar naturalmente com tantos olhos sobre ele era impossível. Troy apoiou a borda da bandeja no bebedouro, pisou no pedal e encheu seu copo. Era para isso que tinha levantado: estava com sede. Sentiu como se estivesse anunciando aquele fato bem alto.

Ao voltar para as mesas, Troy se espremeu entre dois outros trabalhadores e sentou de frente para o telão. Ele embolou o guardanapo, sentiu o comprimido escondido entre as dobras do tecido e o enfiou entre as coxas. Ficou ali sentado, bebendo a água, de frente para o telão como todo mundo, como devia estar. Mas ele não ousava olhar.

17

Ano 2051
Washington, D.C.

As gotas pesadas no toldo do restaurante De'Angelo's soavam como batidas sem ritmo em um tambor. O trânsito na L Street chiava sobre poças que se acumulavam junto ao meio-fio, e o asfalto brilhava entre os carros, negro e reluzente ao refletir as luzes da rua. Donald virou um frasco plástico e dois comprimidos caíram na palma de sua mão. Dois anos tomando aqueles medicamentos. Dois anos completamente livre da ansiedade, imerso em um maravilhoso torpor.

Olhou para a etiqueta e pensou em Charlotte, na necessidade de conseguir a receita no nome dela, depois os jogou na boca. Engoliu. Estava cansado da chuva, preferia a limpeza da neve. O inverno tinha sido quente demais outra vez.

Ele se afastou do fluxo de pedestres que passava pelas portas, levou seu celular ao ouvido e escutou pacientemente a mulher insistir para que Karma fizesse xixi.

— Talvez ela não precise ir — sugeriu.

Ele jogou o frasco no bolso do casaco e protegeu o telefone com a mão, enquanto a mulher ao seu lado lutava com o guarda-chuva, jogando água para todo lado.

Helen continuava a bajular Karma com palavras que a pobre cadela não entendia. Aquela era uma conversa típica entre Helen e Donald nos últimos tempos. Não havia nada para dizerem um ao outro de verdade.

— Mas ela não faz desde o *almoço* — insistiu Helen.

— Ela não fez em algum lugar da casa, fez?

— Ela tem quatro anos.

Donald esqueceu. Ultimamente, o tempo parecia não passar. Ele se perguntou se era efeito colateral da medicação ou se era o excesso de trabalho. Sempre que alguma coisa agora parecia... diferente, ele sempre achava que devia ser por causa dos remédios. Antes, podiam ser os caprichos da vida; podia ser qualquer coisa. De algum modo, era pior ter algo novo e concreto para responsabilizar.

Houve gritos do outro lado da rua. Dois sem-teto berravam um com o outro sob a chuva, discutindo por um saco de latinhas. Mais guarda-chuvas foram sacudidos, e mais vestidos entraram esvoaçantes no restaurante. Aquela era uma cidade encarregada de governar todas as outras e não conseguia nem cuidar de si mesma. Essas coisas costumavam preocupá-lo mais. Ele deu um tapinha no frasco de remédio no bolso, uma mania reconfortante que ele desenvolvera.

— Ela não quer fazer — disse sua mulher, exausta.

— Querida, me desculpe por estar aqui e você ter que cuidar de tudo. Mas olhe, eu preciso mesmo entrar. Vamos tentar terminar as revisões daqueles projetos hoje à noite.

— E como tudo isso está indo? Você está quase terminando?

Uma fila de táxis passou procurando passageiros, os pneus grossos girando por camadas de água como cobras sibilantes. Donald observou quando um deles reduziu a velocidade e parou, cantando pneu sobre a pista molhada. Ele não reconheceu o homem que saiu do carro com o casaco erguido sobre a cabeça. Não era Mick.

— Hã? Ah, está indo bem. É, estamos praticamente acabando, talvez mais alguns detalhes aqui e ali. As estruturas externas estão prontas, e os andares inferiores já...

— Quero saber se está terminando de trabalhar com *ela*.

Ele virou de costas para o trânsito para ouvi-la melhor.

— Com quem? Anna? Sim. Olhe, já falei com você. A gente só consulta um ao outro eventualmente. E quase sempre pelo computador.

— E Mick está aí?

— Está.

Outro táxi reduziu a velocidade ao passar. Donald virou, mas o carro não parou.

— Certo. Tudo bem, não trabalhe até muito tarde. E me ligue amanhã.

— Vou ligar. Eu te amo.

— Eu te amo... Ah! Boa menina! Assim, boa menina, Karma...

— Falo com você amanh...

Mas a ligação já havia terminado. Donald olhou para o celular antes de guardá-lo, tremeu com a noite fria e úmida. Ele se espremeu no meio da multidão em frente à porta e abriu caminho até a mesa.

— Está tudo bem? — perguntou Anna.

Ela estava sentada sozinha a uma mesa com três lugares. Vestia um suéter de gola larga, puxado para baixo o suficiente para expor um ombro. Ela pegou com apenas dois dedos a taça de vinho pela haste delicada. Havia uma meia-lua cor-de-rosa de batom na borda. O cabelo castanho-avermelhado estava preso em um coque, as sardas do nariz quase invisíveis graças à fina camada de maquiagem. De um modo quase impossível, ela parecia mais atraente do que na época da faculdade.

— É, está tudo bem. — Donald girou sua aliança com o polegar, era um hábito. — Tem notícias do Mick? — Ele enfiou a mão no bolso, pegou o telefone e conferiu suas mensagens. Pensou em mandar mais uma, mas já havia quatro mensagens aguardando resposta.

— Não. Ele não ia chegar do Texas hoje de manhã? Talvez o voo tenha atrasado.

Donald viu que sua taça, que havia deixado quase vazia quando saíra para dar o telefonema, estava cheia novamente. Helen não ia gostar que ele estivesse sentado ali sozinho com Anna, embora nada fosse acontecer. Jamais ia acontecer.

— Nós sempre podemos deixar isso para outra hora — sugeriu ele. — Eu detestaria que Mick ficasse de fora.

Ela pousou a taça e estudou o cardápio.

— Nós também podíamos comer enquanto estamos aqui. Está um pouco tarde para encontrar outro lugar. Além disso, a logística de Mick é independente de nosso projeto. Podemos mandar para ele depois o relatório de material.

Anna se inclinou para o lado e pegou alguma coisa em sua bolsa. O suéter se revelou perigosamente aberto. Donald afastou o olhar na mesma hora, uma onda de calor tomando sua nuca. Ela tirou o tablet e o colocou em cima do envelope pardo dele, esperando a tela ligar.

— Acho que o terço inferior do projeto está sólido. — Ela girou o tablet para que ele pudesse ver. — Eu gostaria de liberar essa parte para eles poderem construir os próximos andares.

— Bem, grande parte disso é sua responsabilidade — disse ele, pensando no espaço da Mecânica no fundo. — Confio na sua opinião.

Donald pegou o tablet, aliviado pela conversa não ter se desviado do trabalho. Ele se sentia um tolo por pensar que Anna tivesse qualquer outra coisa em mente. Os dois tinham trocado e-mails e atualizado os projetos um do outro por mais de dois anos e nunca houvera nenhum comportamento inadequado. Ele permaneceu alerta para não deixar que o ambiente, a música e as brancas toalhas de mesa o enganassem.

— Tem *uma* mudança de última hora de que você não vai gostar — disse ela. — O poço do elevador central precisa ser um pouco modificado. Mas acho que ainda podemos trabalhar com o mesmo projeto geral. Isso não vai afetar em nada os andares.

Ele observou os arquivos conhecidos até identificar a diferença. A escada de emergência tinha sido movida da parede do poço bem para o centro. O próprio poço parecia menor, talvez porque todos os equipamentos tivessem sido removidos. Agora havia espaço vazio, os andares circulares se transformaram em *donuts*. Ele tirou os olhos do tablet e viu o garçom se aproximar.

— Como assim? Sem elevador?

Ele quis ter certeza de que havia entendido direito. Pediu uma água ao garçom e disse que precisava de mais tempo com o cardápio.

O garçom fez uma reverência e se afastou. Anna pôs o guardanapo sobre a mesa e passou para a cadeira ao lado da dele.

— A direção disse que tinha suas razões.

— A direção médica? — Donald bufou. Ele estava farto daquelas intromissões e sugestões, mas havia desistido de lutar contra eles. Ele nunca vencia. — Eles não deviam estar preocupados com pessoas caindo desses corrimões e quebrando o pescoço?

Anna riu.

— Você sabe que eles não fazem esse tipo de medicina. Eles só conseguem pensar no que esses trabalhadores podem enfrentar emocionalmente se ficarem presos ali por algumas semanas. Eles queriam que o projeto fosse mais simples. Mais... *aberto*.

— Mais aberto. — Donald riu e segurou a taça de vinho. — E o que eles querem dizer com "presos por algumas semanas"?

Anna deu de ombros.

— Você é o político eleito. Achei que soubesse mais sobre essas bobagens do governo que eu. Sou apenas uma consultora. Sou paga apenas para instalar as tubulações.

Ela terminou o vinho, e o garçom voltou com a água de Donald e um bloco para anotar os pedidos. Anna ergueu a sobrancelha, um trejeito familiar que requeria uma resposta: *Você está pronto*? Antigamente aquilo costumava significar muito mais, pensou Donald, enquanto olhava para o cardápio.

— Você não quer escolher por mim? — disse ele por fim, desistindo.

Anna fez o pedido, e o garçom o anotou.

— Então agora eles querem uma única escada, hein? — Donald imaginou a quantidade de concreto necessária para aquilo, depois pensou em um design espiralado feito em metal. Mais forte e barato. — Podemos manter o elevador de serviço, certo? Por que não podemos chegar isso para o lado e deixar bem aqui?

Ele mostrou o tablet a ela.

— Não. Nada de elevadores. Tudo tem que ser simples e aberto. Foi isso que eles disseram.

Ele não gostou daquilo. Mesmo que as instalações jamais fossem usadas, deveriam ser construídas para que fossem. Se não, por que se dar ao trabalho? Tinha visto uma lista parcial de suprimentos que seriam estocados no interior. Carregá-los por escadas parecia impossível, a menos que planejassem estocar nos andares antes que as partes pré-fabricadas fossem instaladas no interior com a ajuda de guindastes. Aquilo era mais uma coisa para o departamento de Mick cuidar. Essa era uma das muitas razões por que desejava que o amigo estivesse ali.

— Você sabe, é por isso que não me dediquei à arquitetura. — Ele olhou os projetos e viu todos os lugares em que suas plantas tinham sido modificadas. — Eu me lembro da primeira aula em que tivemos que sair e nos reunir com clientes de mentira, e eles sempre queriam algo impossível ou completamente idiota, ou as duas coisas. E foi aí que eu soube que a arquitetura não era para mim.

— Aí entrou para a política. — Anna riu.

— É. Bom argumento. — Donald sorriu, percebendo a ironia. — Mas, ei, funcionou para o seu pai.

— Meu pai entrou para a política porque não sabia mais o que fazer. Ele deu baixa do Exército, investiu dinheiro demais em um negócio errado atrás do outro, então descobriu que podia servir a seu país de outra maneira.

Ela o estudou por um longo momento.

— Esse é o legado *dele*, você sabe. — Ela debruçou para a frente e apoiou os cotovelos na mesa, depois tocou no tablet com um gesto gracioso. — Esta é uma das coisas que disseram que nunca seria feita, e *ele* está fazendo.

Donald largou o tablet e se recostou na cadeira.

— Ele sempre me fala a mesma coisa — disse ele. — Esse projeto é nosso legado. Eu disse a ele que me sinto muito jovem para estar realizando meu maior feito.

Anna sorriu. Os dois tomaram goles de vinho. Um cesto de pão foi deixado na mesa, mas nenhum dos dois fez menção de comer.

— Por falar em legados e deixar coisas para a posteridade... Há alguma razão para você e Helen terem resolvido não ter filhos? — perguntou Anna.

Donald colocou a taça de volta na mesa. Anna levantou a garrafa, mas ele recusou com um gesto.

— Bem, não é por falta de vontade. É que saímos direto da faculdade para nossas carreiras, você sabe. Nós ainda achamos que...

— Que vocês sempre poderão ter, certo? Que sempre vão ter tempo. Que não há pressa.

— Não. Não é isso...

Ele esfregou a ponta dos dedos na toalha de mesa e sentiu aquele tecido caro e suave deslizando sobre outra toalha por baixo. Imaginou que quando terminassem de comer e saíssem dali o tecido de cima seria dobrado e levado com seus farelos, revelando outra camada. Como a pele. Ou as gerações. Ele tomou um gole de vinho. Os taninos deixaram seus lábios dormentes.

— Acho que é exatamente isso — insistiu Anna. — Toda geração está esperando cada vez mais para engravidar. Minha mãe tinha quase quarenta quando eu nasci, e isso é cada vez mais comum.

Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Talvez estejamos todos pensando que podemos ser a primeira geração que simplesmente não vai morrer — prosseguiu ela. — Que vai viver para sempre. — Ela ergueu as sobrancelhas. — Hoje todos *esperamos* chegar aos cento e trinta, talvez mais, como se fosse nosso direito. Então essa é minha teoria...

Ela se inclinou para mais perto. Donald já estava desconfortável com o rumo da conversa.

— Crianças *costumavam* ser nosso legado, certo? — continuou. — Elas eram nossa chance de enganar a morte, de passar adiante aqueles pedacinhos de nós. Mas agora esperamos que *nós mesmos* possamos fazer isso.

— Você está falando de clonagem? É por isso que é ilegal.

— Não estou falando de clonagem, e, além disso, eu e você sabemos que as pessoas fazem isso mesmo sendo ilegal. — Ela tomou um gole de vinho e apontou com a cabeça para uma família em um reservado mais adiante. — Veja, ele é *igual* ao pai.

Donald seguiu seu olhar e observou a criança por um instante, depois percebeu que ela estava só querendo provar o que dizia.

— E o *meu* pai? — perguntou ela. — Aqueles nanobanhos, todas aquelas vitaminas de células-tronco que toma. Ele realmente acha que vai viver para sempre. Sabe que ele comprou muitas ações de uma daquelas empresas de criogenia alguns anos atrás?

Donald riu.

— Eu soube. E soube que não se saiu muito bem. Além disso, há anos estão tentando coisas como essas...

— E cada vez chegam mais perto — disse ela. — Tudo que nunca conseguiram fazer foi reparar as células danificadas pelo congelamento, e agora isso não é mais um sonho tão louco, certo?

— Bem, espero que as pessoas que sonham com tais coisas consigam o que elas estão buscando, mas você está errada sobre nós. Helen e eu falamos sobre ter filhos o tempo todo. Conheço pessoas que têm o primeiro filho depois dos cinquenta. Nós temos tempo.

— Hum. — Ela terminou o que restava na taça e pegou a garrafa. — Você é que pensa — disse. — Todos acham que têm todo o tempo do mundo. — Anna o encarou com seus olhos frios e cinzentos. — Mas nunca param para se perguntar quanto tempo.

* * *

Depois do jantar, sob o toldo do restaurante, esperaram o motorista trazer o carro de Anna. Donald recusou a carona, dizendo que precisava voltar ao escritório e que pegaria um táxi. A chuva que atingia o toldo havia mudado e passara a ficar sombria.

O carro dela parou, um Lincoln negro reluzente, no momento em que o celular de Donald começou a vibrar. Ele estava tateando o bolso quando ela se inclinou para abraçá-lo e o beijou no rosto. Ele sentiu uma onda de calor, apesar do frio; viu que era Mick ligando e atendeu.

— Ei, você acabou de aterrissar ou o quê? — perguntou a Mick.

Uma pausa.

— Aterrissar? — Mick pareceu confuso.

Havia barulho ao fundo. O motorista deu a volta correndo no Lincoln e abriu a porta para Anna.

— Peguei um voo noturno — disse Mick. — Meu voo chegou de manhã cedo. Acabei de sair do cinema e vi suas mensagens. O que aconteceu?

Anna virou e acenou. Donald acenou de volta.

— Você está saindo do cinema? Nós acabamos de terminar nossa reunião no De'Angelo's. Você perdeu. Anna disse que mandou tipo uns três e-mails para você.

Ele olhou para o carro enquanto Anna colocava a perna para dentro. Apenas um vislumbre de seus saltos vermelhos, e em seguida o motorista fechou a porta. As gotas de chuva no vidro escuro se destacavam como pequenos brilhantes.

— Hum, eu não devo ter visto. Provavelmente entrou como spam. Não é grave. Depois nos atualizamos. Enfim, acabei de ver esse filme alucinado. Se ainda estivéssemos em nossos dias de loucura, com certeza ia obrigar você a fumar crack comigo agora mesmo e ir à sessão de meia-noite. Minha cabeça pirou totalmente...

Donald viu o motorista dar a volta no carro correndo para sair da chuva. A janela de Anna se abriu um pouco. Um último aceno, e o carro se juntou ao trânsito livre.

— É, bem, esses tempos não voltam mais, meu amigo — disse Donald distraidamente.

Ouvia-se o barulho de trovões ao longe. Um guarda-chuva se abriu com um estalo enquanto um homem se preparava para enfrentar a tempestade.

— Além disso, Mick — continuou Donald —, algumas coisas ficam melhores no passado. Que é o lugar a que pertencem.

18

Ano 2110
Silo 1

A sala de exercícios no nível doze ainda cheirava a suor por ter sido usada recentemente. Um conjunto de pesos jazia espalhado em um canto, e havia uma toalha esquecida sobre a barra do supino, em cima de cinquenta quilos de discos de ferro ainda no lugar.

Troy observou a bagunça enquanto soltava o último parafuso na lateral da bicicleta ergométrica. Quando a tampa saiu, porcas e arruelas caíram e quicaram pelo piso. Troy correu atrás das peças e juntou-as em uma pilha organizada. Espiou dentro das entranhas da bicicleta e viu uma grande engrenagem com os dentes expostos, visivelmente vazios.

A corrente que fazia todo o trabalho pendia solta em torno do eixo da engrenagem. Troy surpreendeu-se ao vê-la ali, achava que a coisa funcionava com correias. Aquilo parecia frágil demais. Não era uma boa escolha para o tempo que se esperava que durasse. Na verdade, era estranho pensar que aquela máquina já tinha cinquenta anos, e que precisava durar séculos.

Ele esfregou a testa. O suor ainda brotava depois dos vários quilômetros que ele tinha percorrido antes de a máquina quebrar. Procurando na caixa de ferramentas que Jones tinha lhe emprestado, ele encontrou uma chave de fenda e começou a pôr a corrente de volta nos eixos.

Pôr nos eixos. *Pôr nos eixos.* Ele riu para si mesmo. Não era assim que se fazia?

— Com licença, senhor.

Troy virou e viu Jones, seu mecânico-chefe por mais uma semana, parado na porta da academia.

— Quase acabando — disse Troy. — Precisa de suas ferramentas de volta?

— Não, senhor. O Dr. Henson está à sua procura. — Ele ergueu a mão. Estava carregando um daqueles rádios pesados.

Troy pegou um pedaço velho de estopa na caixa de ferramentas e limpou a graxa dos dedos. Era bom estar novamente trabalhando com as mãos, se sujando. Era uma distração bem-vinda ter algo para fazer além de verificar as feridas na boca com um espelho ou ficar sem fazer nada na sala ou em seu apartamento, com vontade de chorar de novo sem motivo.

Ele largou a bicicleta e pegou o rádio de Jones. Sentiu uma onda de inveja pelo homem mais velho. Ele ia adorar acordar de manhã, vestir aquele macacão jeans com remendos nos joelhos, pegar sua boa e velha caixa de ferramentas e cuidar de uma lista de reparos. Qualquer coisa menos ficar sentado enquanto esperava que algo muito maior acontecesse.

Apertou o botão na lateral do rádio, levando-o até a boca.

— Aqui é Troy — disse ele.

O nome pareceu estranho. Nas últimas semanas, não tinha gostado de dizer o próprio nome, não gostava de ouvi-lo. Ele se perguntou o que o Dr. Henson e os psiquiatras diriam sobre isso.

O rádio emitiu chiados e estalidos.

— Senhor? Odeio perturbá-lo...

— Não, tudo bem. O que foi?

Troy voltou para a bicicleta ergométrica e pegou a toalha no guidom. Esfregou a testa e reparou que Jones olhava avidamente para a bicicleta desmontada e as ferramentas espalhadas. Quando ele ergueu as sobrancelhas, como se perguntasse algo, Troy acenou seu consentimento.

— Temos um cavalheiro em nosso consultório que não está respondendo ao tratamento — informou o Dr. Henson. — Parece outro

caso para congelamento profundo. Vou precisar que você assine a ordem oficial.

Jones tirou os olhos da bicicleta e franziu a testa. Troy esfregou a nuca com a toalha. Ele se lembrou de Merriman dizer-lhe que deveria tomar cuidado ao lidar com aqueles casos. Havia vários homens bons que preferiam dormir durante toda aquela confusão do que trabalhar em seus turnos.

— Você tem certeza? — perguntou ele.

— Já tentamos tudo. Ele foi contido. A segurança o está levando para baixo pelo expresso agora mesmo. Pode nos encontrar aqui embaixo? O senhor vai ter que assinar antes que ele possa ser confinado.

— Claro, claro.

Troy esfregou a toalha no rosto. Pôde sentir o cheiro do sabão no tecido, que era mais forte do que o odor do suor no ambiente e o cheiro de graxa da bicicleta aberta. Jones segurou um dos pedais com as mãos grossas e o girou uma vez. A corrente voltou às engrenagens, a máquina estava novamente operando.

— Eu já vou descer — disse Troy antes de soltar o botão e devolver o rádio ao mecânico.

Algumas coisas davam prazer de consertar. Outras, não.

* * *

O expresso já havia passado quando Troy chegou aos elevadores. Ele podia ver a contagem dos andares no mostrador diminuir rapidamente. Apertou o botão para chamar o outro elevador e tentou imaginar a cena triste que se desenrolava abaixo. Quem quer que fosse, tinha a sua solidariedade.

Ele tremeu violentamente, pôs a culpa no ar frio do corredor e em sua pele úmida. Uma bola de pingue-pongue quicava de um lado para outro na sala de recreação ali perto, os tênis guinchando quando os jogadores

corriam para realizar a jogada seguinte. Na mesma sala, uma televisão passava um filme, o som era de uma voz feminina.

Troy olhou para baixo e se sentiu envergonhado por estar de short e camiseta. Seu macacão era a única coisa que o fazia sentir sua autoridade, mas não havia tempo para subir e trocar de roupa.

O elevador emitiu um sinal sonoro e abriu as portas; a conversa em seu interior silenciou. Troy fez um gesto com a cabeça, e dois homens de amarelo o cumprimentaram. Os três seguiram em silêncio por alguns níveis, até que os homens desceram no quarenta e quatro, um andar residencial genérico. Antes que as portas pudessem se fechar, Troy viu uma bola colorida rolar pelo corredor, e dois homens a toda velocidade atrás dela. Houve gritos e risos, seguidos por um silêncio culpado quando avistaram Troy.

As portas de metal se juntaram e cerraram o breve vislumbre das vidas inferiores e mais normais.

Com um solavanco, o elevador desceu mais. Troy podia sentir a pressão da terra e do concreto por todos os lados, se acumulando acima. Um suor de nervosismo se misturava com o do exercício. Os efeitos de sua medicação estavam passando, pensou. A cada manhã, ele podia sentir alguma característica de sua velha personalidade retornando, e ela durava cada vez mais tempo durante o dia.

Os cinquenta passaram. O elevador nunca parava nos níveis cinquenta. Ele esperava que os suprimentos de emergência que abarrotavam corredores abaixo nunca fossem necessários. Lembrou-se de partes da orientação, da época em que todos estavam acordados. Lembrava-se dos codinomes que eles inventaram para tudo, a forma como novos rótulos obscureceram o passado. Havia algo que o incomodava, mas ele não sabia o que era.

Depois vieram as áreas mecânicas e os depósitos gerais, seguidos pelos dois níveis que abrigavam o reator. Finalmente, a armazenagem mais importante de todas: o Legado, os homens e as mulheres adormecidos em seus caixões reluzentes, os sobreviventes de *antes*.

Houve um solavanco quando o elevador reduziu a velocidade e suas portas se abriram com um sinal sonoro. Troy ouviu imediatamente uma comoção no consultório do médico, onde Henson gritava ordens para seu assistente. Ele percorreu apressado o corredor em sua roupa de ginástica, com o suor esfriando em sua pele.

Quando entrou na sala de preparação, viu um senhor de idade contido em uma maca com rodas por dois homens da segurança. Era Hal. Troy o reconheceu do refeitório, lembrou-se de ter conversado com ele no primeiro dia de seu turno e outras vezes depois disso. O médico e seu assistente mexiam em armários e gavetas, pegando suprimentos.

— *Meu nome é Carlton!* — rosnou Hal.

Ele sacudia os braços magros enquanto as correias desafiveladas pendiam da maca e balançavam por causa da agitação. Troy imaginou que eles o tinham mantido sob controle quando o fizeram pegar o elevador, e se perguntou se ele havia se soltado quando voltara a si. Henson e seu assistente encontraram o que precisavam e se reuniram perto da maca. Os olhos de Hal se arregalaram ao ver a agulha. O líquido no interior era de um azul como o do céu.

O Dr. Henson ergueu os olhos e viu Troy ali, vestindo roupas de ginástica, paralisado e assistindo à cena. Hal gritou outra vez que seu nome era Carlton e continuou a se debater. Suas botas pesadas batiam na maca. Os dois homens da segurança eram sacudidos enquanto se esforçavam para contê-lo.

— Uma ajuda aqui, por favor? — resmungou Henson com dentes cerrados enquanto começava a lutar com um dos braços de Hal.

Troy correu até a maca e agarrou uma das pernas de Hal. Ele ficou ombro a ombro com os agentes da segurança e se atracou com uma bota enquanto tentava não ser chutado. As pernas de Hal pareciam finas como as de um pássaro dentro do largo macacão, mas chutavam como as de uma mula. Um dos seguranças conseguiu prender uma correia em torno de suas coxas. Troy jogou seu peso sobre as canelas de Hal enquanto outros apertavam uma segunda correia.

— Qual o problema com ele? — perguntou.

As preocupações consigo mesmo desapareceram na presença da verdadeira loucura. Ou era para isso que ele também estava se encaminhando?

— Os remédios não estão fazendo efeito — respondeu Henson.

Ou ele não está tomando os remédios, pensou Troy.

O assistente do médico usou os dentes para tirar a tampa da seringa com o líquido da cor do céu. O pulso de Hal estava preso. A agulha desapareceu em seu braço trêmulo, e o êmbolo empurrou o líquido azul-claro para o interior de sua carne pálida e manchada.

Troy fez uma expressão de dor ao ver a agulha penetrar o braço irrequieto de Hal, mas a força nas pernas do homem desapareceu imediatamente. Todo mundo pareceu respirar fundo quando ele mergulhou na inconsciência, a cabeça caindo para o lado, um último grito incompreensível se transformando em um gemido e logo depois em uma respiração profunda e rouca.

— Mas o que foi isso? — perguntou Troy.

Ele esfregou a testa com o antebraço. O suor estava escorrendo pelo corpo, em parte pelo esforço, mas principalmente pela cena que havia acabado de presenciar, por sentir um homem passar por aquilo, sentir a vida e a vontade drenadas de suas botas em movimento quando foi forçado a dormir. Troy sentiu um calafrio, com um tremor súbito e violento que terminou tão rápido quanto começou. O médico olhou para ele e franziu a testa.

— Sinto muito por isso — disse Henson.

Ele olhou para os seguranças, censurando-os.

— Não fizemos nada com ele — disse um deles, dando de ombros.

Henson virou-se para Troy. A papada em seu pescoço balançava com a decepção.

— Eu odeio pedir ao senhor que assine isso...

Troy esfregou o rosto com a frente da camisa e balançou a cabeça. As perdas tinham sido previstas — perdas individuais e também de silos, e peças sobressalentes foram estocadas de acordo —, mas todas elas eram dolorosas.

— É claro — disse ele.

Esse era seu trabalho, certo? Assinar aquilo. Dizer aquelas palavras. Seguir o roteiro. Era uma piada. Todos estavam lendo os diálogos de uma peça que nenhum deles conseguia lembrar. Mas ele estava começando a conseguir. Podia sentir isso.

Henson remexeu em uma gaveta de formulários enquanto seu assistente soltava as fivelas do macacão de Hal. Os homens da segurança perguntaram se ainda eram necessários, conferiram as correias pela última vez, e foram dispensados. Um deles riu alto de alguma coisa que o outro disse enquanto o barulho de suas botas desaparecia na direção do elevador.

Enquanto isso, Troy estava absorto no rosto inerte de Hal, no subir e descer de seu peito velho e magro. Era *nisso* que dava se lembrar, pensou. Aquele homem tinha despertado da rotina daquele abrigo que lembrava um hospício. Ele não havia enlouquecido, ele tivera um acesso súbito de *lucidez*. Ele havia saído do torpor.

Pegaram uma prancheta em um gancho na parede e botaram o formulário certo naquelas mandíbulas de metal. Entregaram uma caneta a Troy. Ele rabiscou seu nome, passou a prancheta e observou os dois médicos trabalharem. Ele se perguntou se eles sentiam algo parecido com o que ele sentia. E se todos eles estivessem interpretando o mesmo papel? E se todos estivessem escondendo as mesmas dúvidas, mas nenhum falasse sobre isso porque se sentia completamente sozinho?

— Poderia soltar aquela para mim?

O assistente do médico estava de joelhos, girando uma peça na base da maca. Troy viu que era nas rodas. O assistente gesticulou com a cabeça para os pés de Troy.

— É claro.

Troy se agachou para liberar a roda. Ele era parte daquilo. Era sua a assinatura no formulário. Era ele que estava girando a peça que ia soltar a maca e permitir que ela seguisse pelo corredor.

Com Hal inconsciente, as correias foram afrouxadas, e seu macacão, retirado com cuidado. Troy se ofereceu para cuidar das botas, tirou os

cadarços e os deixou de lado. Não havia necessidade de uma bata cirúrgica de papel. Seu pudor não estava mais em questão. Uma agulha intravenosa perfurou sua pele e foi presa com esparadrapo; Troy sabia que ela seria conectada à cápsula criogênica. Sabia qual era a sensação do gelo se espalhando por suas veias.

Eles empurraram a maca pelo corredor e para as portas de aço reforçado da seção de congelamento profundo. Troy estudou as portas. Elas pareciam familiares. Ele pareceu se lembrar de especificar algo parecido em um projeto uma vez, mas foi para um ambiente cheio de máquinas. Não... computadores.

Os botões na parede emitiram um bipe quando o médico digitou seu código. Houve o ruído pesado e surdo de trancas recuando para o interior do grosso batente.

— Os vazios estão no fundo — disse Henson, apontando ao longe com a cabeça.

Fileiras e fileiras de camas reluzentes e hermeticamente fechadas enchiam a câmara de congelamento. Seus olhos foram atraídos pelos mostradores nas bases de cada cápsula. Havia luzes verdes sólidas e vívidas, sem o espaço necessário para uma pulsação ou a batida de um coração, apenas primeiros nomes, sem a possibilidade de ligar aquelas desconhecidas a suas vidas passadas.

Cassie, Catherine, Gabriella, Gretchen.

Nomes inventados.

Gwynn. Halley. Heather.

Todas em ordem. Sem turnos para elas. Nada que motivasse brigas entre os homens. Tudo iria se passar em um instante. Entre no bote salva-vidas, sonhe por um instante, desembarque em terra firme.

Outra Heather. Cópias sem sobrenomes. Troy se perguntou como aquilo ia funcionar. Ele seguiu cegamente entre as fileiras. O médico e seu assistente iam conversando sobre o procedimento quando um nome captou sua visão periférica, e ele sentiu um forte tremor atravessar seus membros.

Helen. E outra: *Helen*.

Troy deixou de se apoiar na maca e quase caiu. As rodinhas rangeram e pararam.

— Senhor?

Duas Helens. Mais adiante, em um expositor que mostrava as temperaturas de um sono muito, muito profundo, mais uma:

Helen.

Troy se afastou cambaleante da maca e do corpo nu de Hal. O eco dos gritos fracos do velho, insistindo que se chamava Carlton, voltou à sua mente. Troy passou as mãos pela parte superior curva da cápsula criogênica.

Ela estava *ali*.

— Senhor? Nós precisamos mesmo ir andando...

Troy ignorou o médico. Ele esfregou o escudo de vidro, e sua mão foi atingida pelo frio do interior.

— Senhor...

Uma teia de gelo cobria o vidro. Ele esfregou e limpou a camada congelada de condensação para poder ver o interior.

— Precisamos instalar este homem...

Havia olhos fechados dentro daquele lugar frio e escuro. Lâminas de gelo pendiam de seus cílios. Era um rosto familiar, mas não era sua mulher.

— Senhor!

Troy cambaleou, suas mãos bateram no caixão frio para se equilibrar enquanto a bile subia em sua garganta com a lembrança. Ele se ouviu tendo ânsia de vômito, sentiu os membros se retorcerem, os joelhos fraquejarem. Caiu no chão entre duas das cápsulas, estremecendo com violência, babando, memórias fortes lutando contra os últimos resíduos dos medicamentos ainda em suas veias.

Os dois homens de branco gritaram um com o outro. Passos soaram sobre o aço congelado e desapareceram na direção da porta distante e pesada. Um gorgolejar inumano atingiu os ouvidos de Troy e soou debilmente como se viesse de dentro dele.

Quem ele era? O que estava fazendo ali? O que todos eles estavam fazendo?

Aquela não era Helen. O nome dele não era Troy.

Passos pesados vieram apressados em sua direção. O nome estava prestes a sair de sua boca quando a agulha picou sua carne.

Donny.

Mas esse também não estava certo.

E então ele foi tomado pela escuridão, que encobria tudo de seu passado que a mente considerava terrível demais para suportar.

19

Ano 2052
Condado de Fulton, Geórgia

Uma mistura de festival de música, reunião de família e feira agropecuária baixou no extremo sul do condado de Fulton. Donald passara as duas semanas anteriores assistindo a tendas coloridas se espalharem acima de uma novíssima instalação de contenção nuclear. Cinquenta bandeiras estaduais tremulavam acima de cinquenta depressões na terra. Palcos foram montados, um desfile infinito de suprimentos seguia pelas colinas, com carrinhos de golfe e quadriciclos formando comboios de comida — carregando potes, cestos de verduras —, alguns até rebocando pequenos trailers com animais vivos.

As feiras de produtores costumavam ser organizadas em sinuosos corredores de tendas e barraquinhas, com galinhas cacarejando e porcos grunhindo, crianças acariciando coelhos e cachorros nas coleiras, cujos donos conduziam dezenas de raças pelas multidões. Rabos abanavam contentes, e focinhos felizes cheiravam o ar.

No palco principal da Geórgia, uma banda de rock estava passando o som. Quando ficaram em silêncio para fazer alguns ajustes, Donald pôde ouvir o som de um ritmo tipicamente norte-americano chegando mais ou menos da direção da delegação da Carolina do Norte. Na direção oposta, alguém fazia um discurso no palco da Flórida, enquanto os comboios transportavam suprimentos colina acima, e as famílias abriam toalhas e faziam piqueniques nas encostas. As colinas, percebeu

Donald, formavam as arquibancadas de um estádio, como se tivessem sido projetadas para isso.

O que ele não conseguia entender era onde eles estavam botando todos aqueles suprimentos. As tendas pareciam os estar devorando ininterruptamente. Os quadriciclos com seus pequenos trailers a reboque subiam e desciam as encostas todo o tempo em que ele estivera ali, ajudando nas preparações da Convenção Nacional.

Mick chegou fazendo barulho antes de parar ao lado dele, dirigindo um daqueles onipresentes quadriciclos *off-road*. Ele sorriu para Donald e acelerou, sem soltar os freios. O Honda deu uma arrancada, os pneus cantaram no chão de terra.

— Quer dar uma volta até a Carolina do Sul? — berrou ele, mais alto que o motor.

Chegou para a frente no banco, abrindo espaço.

— Tem gasolina suficiente para chegar lá? — perguntou Donald.

Ele se apoiou no ombro do amigo, subiu no segundo degrau e jogou a perna por cima do assento.

— É logo depois daquele morro, seu idiota.

Donald resistiu à vontade de dizer a Mick que estava brincando. Segurou-se na grade de metal do bagageiro às suas costas enquanto o amigo dava a partida. Mick se manteve no caminho empoeirado entre as tendas até alcançar a grama, depois virou na direção da delegação da Carolina do Sul, com os topos dos prédios do centro de Atlanta visíveis de um lado.

Mick virou a cabeça enquanto o Honda subia a encosta.

— Quando Helen vai chegar aqui? — berrou.

Donald se inclinou para a frente. Ele adorava a sensação do ar cortante das manhãs de outubro. Aquilo lembrava-lhe Savannah naquela época do ano, o frio de um amanhecer na praia. Ele tinha acabado de pensar em Helen quando Mick perguntou por ela.

— Amanhã — gritou ele. — Ela vem em um ônibus com os representantes de Savannah.

Chegaram ao fim da subida. Mick reduziu a velocidade e seguiu pela cordilheira. Eles passaram por um quadriciclo que seguia na direção oposta. A cadeia de montanhas formava um labirinto de estradas entrelaçadas muito acima da depressão profunda de cada instalação de contenção.

Donald observou ao longe e assistiu ao balé de veículos serpenteando pela paisagem. Um dia, pensou, as estradas planas no alto das colinas iriam trepidar com caminhões muito maiores transportando resíduos tóxicos e alertando sobre radiação.

E mesmo assim, vendo as bandeiras tremulando acima da delegação da Flórida, de um lado, e do palco da Geórgia, do outro, e observando como as encostas iriam receber um recorde de pessoas e dar a todos uma visão perfeita de cada palco, Donald não conseguiu deixar de pensar que todas aquelas felizes casualidades tinham um objetivo maior. Era como se as instalações tivessem sido projetadas desde o começo para receber a Convenção Nacional de 2052, como se tivesse sido construída com algo mais em mente do que seu propósito original.

* * *

Uma grande bandeira azul com uma árvore branca e uma lua crescente se movia lentamente acima do palco da Carolina do Sul. Mick estacionou o veículo em meio a um mar de quadriciclos que circundavam a grande tenda.

Donald seguiu Mick por entre os veículos estacionados e percebeu que os dois estavam se dirigindo a uma tenda menor, que absorvia uma grade parte do fluxo de pessoas.

— Em que tipo de missão estamos metidos?

Não que isso importasse. Nos últimos dias, eles tinham feito um pouco de tudo em torno das instalações: levaram sacos de gelo para os quartéis-generais de vários estados, se encontraram com deputados e senadores para ver se precisavam de alguma coisa, se asseguraram de que

todos os voluntários e representantes estavam se instalando direito nos trailers — qualquer coisa que o senador precisasse.

— Ah, estamos só fazendo um rápido tour — disse Mick, misteriosamente.

Ele acenou para que Donald o acompanhasse até o interior da pequena tenda, onde trabalhadores entravam em fila por um lado com os braços carregados e saíam pelo outro de mãos vazias.

O interior da pequena tenda estava iluminado por refletores, o chão endurecido pela quantidade de pessoas que passavam por ali, a grama pisada e achatada. Uma rampa de concreto levava para as profundezas da terra. Trabalhadores com crachás de voluntários subiam lentamente por um lado. Mick entrou na fila que descia.

Donald sabia aonde eles estavam indo. Reconheceu a rampa. Ele correu para alcançar Mick.

— Esta é uma das instalações de armazenagem de barras de combustível nuclear. — Não conseguia esconder a empolgação na voz, nem sequer tentava. Estava louco para ver o outro projeto, fosse no papel ou pessoalmente. Tudo que conhecia era seu próprio projeto de abrigo. O restante da instalação permanecia um completo mistério. — Nós podemos simplesmente *entrar*?

Como se respondesse, Mick começou a descer a rampa, se misturando aos outros.

— Outro dia implorei para fazer um tour pelo lugar — reclamou Donald. — Mas Thurman veio com toda aquela bobagem de segurança nacional...

Mick riu. No meio da descida, o teto da tenda parecia sumir na escuridão, e as paredes de concreto dos dois lados afunilavam os trabalhadores na direção das portas de aço abertas.

— Você não vai ver o interior de nenhuma outra instalação — disse Mick.

Ele pôs a mão nas costas de Donald e o conduziu através da familiar câmara de entrada com aspecto industrial. O fluxo de pedestres ficou

lento e parou conforme as pessoas se revezavam entrando e saindo pela pequena abertura à frente. Donald se sentiu completamente perdido.

— Espere. — Donald percebeu alguns detalhes da entrada. — Que merda é essa? Esse é o meu projeto.

Eles se arrastaram para a frente. Mick abriu caminho para as pessoas que saíam passarem. Ele estava com a mão no ombro de Donald, conduzindo-o.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou Donald.

Ele podia jurar que seu projeto de abrigo estava reservado para o Tennessee. Mas como haviam feito tantas mudanças de última hora naquelas semanas, talvez ele pudesse ter se confundido.

— Anna me falou que você teve medo e por isso desistiu de fazer um tour nesse lugar.

— Isso é mentira. — Donald parou na escotilha oval. Ele reconhecia cada rebite. — Por que ela diria isso? Eu estava bem aqui. Eu cortei a porra da fita.

Mick o empurrou.

— Ande. Você está atrasando a fila.

— Não quero ir. — Fez um gesto para que as pessoas saíssem. Os trabalhadores atrás de Mick se remexeram no mesmo lugar, com pesados potes nas mãos. — Vi o andar superior da última vez — disse ele. — Isso foi o suficiente.

O amigo segurou seu pescoço com uma das mãos e agarrou o pulso com a outra. Conforme sua cabeça era empurrada para baixo, Donald teve que se curvar para evitar cair de cara. Tentou segurar a barra da parte interna da porta, mas Mick estava segurando seu pulso.

— Quero que você veja o que *construiu* — disse o amigo.

Donald cambaleou ao passar pelo escritório de segurança. Ele e Mick se afastaram para deixar que o congestionamento que causaram se desfizesse.

— Tenho passado os últimos três anos olhando para essa droga todos os dias — disse Donald.

Ele tateou o bolso à procura de seus comprimidos e se perguntou se seria cedo demais para tomar outro. O que não contou a Mick foi que havia se obrigado a visualizar seu projeto *acima* do solo todo o tempo em que trabalhara nele, mais como um arranha-céu do que um canudo enterrado. Não havia como contar isso a seu melhor amigo, dizer a ele como se sentia aterrorizado bem ali, com pouco mais de dez metros de terra sobre sua cabeça. Ele duvidava que Anna tivesse usado a palavra "medo", mas fora exatamente isso que ele sentiu após cortar a fita. Enquanto o senador conduzia autoridades pelo complexo, Donald subiu correndo para encontrar uma faixa de grama com nada além de um claro céu azul logo acima.

— Isso é mesmo importante pra caralho — disse Mick.

Ele estalou os dedos na frente de Donald. Duas filas de trabalhadores passaram. Além deles, havia um homem sentado em um pequeno cubículo com um pincel em uma das mãos e uma lata de tinta na outra. Estava passando uma camada de cinza em um conjunto de barras de aço. Um técnico atrás dele trabalhava para conectar algum tipo de telão enorme à parede. Nem tudo parecia estar sendo finalizado exatamente como Donald havia projetado.

— Donny, me escute. Estou falando sério. Hoje é o último dia em que podemos ter essa conversa, está bem? Preciso que você veja o que construiu. — Mick estava sem o permanente sorriso malicioso e tinha uma das sobrancelhas erguida. Ele parecia, mais que qualquer coisa, triste. — Quer fazer o favor de entrar?

Donald respirou fundo, resistiu à vontade de sair correndo para as colinas e o ar fresco, para longe das multidões sufocantes, e se viu concordando. Foi por causa da expressão no rosto de Mick, a sensação de que ele precisava contar a Donald sobre um ente querido que tinha acabado de morrer, alguma coisa realmente séria.

Mick deu um tapinha agradecido em seu ombro quando Donald concordou.

— Por aqui.

Mick o conduziu na direção do poço central. Eles passaram pelo refeitório, que estava funcionando. Fazia sentido. Havia trabalhadores sentados às mesas comendo em bandejas de plástico, fazendo uma pausa. O cheiro de comida vinha das cozinhas além dali. Donald riu. Ele sempre achou que elas nunca seriam usadas. Mais uma vez, era como se a convenção tivesse dado uma função para aquele espaço. Aquilo o deixou feliz. Ele pensou em todo o complexo completamente sem vida um dia, todos os trabalhadores circulando do lado de fora armazenando barras de combustível nuclear enquanto aquele prédio gigantesco, que teria tocado as nuvens se estivesse acima do solo, permaneceria absolutamente vazio.

Após um curto corredor, os ladrilhos do chão foram substituídos por grades de metal, e um amplo cilindro mergulhava direto para o centro do prédio. Anna tinha razão. Era mesmo algo que valia a pena ser visto.

Chegaram à grade de proteção do poço central, e Donald parou para observar. A enorme altura por um instante o fez esquecer de que estava embaixo da terra. Do outro lado da plataforma, uma esteira rolante chacoalhava em suas engrenagens enquanto uma série infinita de bandejas rasas e vazias deslizava sobre ela. Aquilo lembrou Donald dos baldes em uma roda d'água. As bandejas viravam antes de descerem mais uma vez.

Homens e mulheres que vinham do lado de fora depositavam suas vasilhas em uma das bandejas vazias antes de fazerem a volta e seguirem para a saída. Donald procurou Mick e o viu descer e desaparecer pela escada.

Ele saiu correndo atrás do amigo, perseguido por seu medo de ser enterrado vivo.

— Ei!

Seus sapatos batiam nas escadas recém-pintadas, e os losangos em relevo do piso de metal evitaram que ele escorregasse com a pressa. Ele alcançou Mick quando completaram uma volta completa na grande coluna interna. Potes cheios de suprimentos de emergência — Donald

imaginou que iriam apodrecer, sem serem usados — seguiam sinistramente para baixo, além da grade de proteção.

— Não quero ir mais fundo que isso — insistiu Donald.

— Só mais dois níveis — falou Mick para animá-lo. — Vamos, cara, eu quero que você veja.

Donald obedeceu, entorpecido. Seria pior sair dali sozinho.

No primeiro nível que chegaram, havia um trabalhador parado junto à esteira com uma espécie de arma. Quando a bandeja seguinte passou, ele disparou uma luz vermelha em sua lateral, e o escâner emitiu um apito. O trabalhador se apoiou na grade à espera do seguinte enquanto o recipiente seguia em sua descida mecânica.

— Eu perdi alguma coisa? — perguntou Donald. — Nós ainda estamos com problemas de prazos? E o que são esses suprimentos todos?

Mick balançou a cabeça.

— Prazos, vidas... — disse ele.

Pelo menos foi isso que Donald achou que o amigo disse. Mick parecia perdido em seus pensamentos.

Os dois desceram em espiral até o nível seguinte, mais dez metros de concreto reforçado entre eles, dez metros de profundidade desperdiçados. Donald conhecia o andar. E não apenas pelos projetos que desenhara. Ele e Mick tinham feito um tour por um andar como aquele na fábrica onde havia sido construído.

— Eu já estive aqui antes — contou a Mick.

Mick assentiu. Ele gesticulou para que Donald seguisse pelo corredor até a curva. Mick escolheu uma das portas, aparentemente de forma aleatória, e a abriu para Donald. A maioria dos andares era pré-fabricada e tinha sido mobiliada antes de ser colocada no local correto com a ajuda de guindastes. Se aquele não era exatamente o mesmo andar que os dois haviam visitado, fora um dentre os muitos idênticos.

Quando Donald entrou, Mick acendeu as luzes do teto do apartamento e fechou a porta. Donald se surpreendeu ao ver que a cama estava feita. Havia uma pilha de roupas de cama em uma cadeira. Mick

colocou tudo no chão, sentou-se na cadeira e indicou a quina da cama com a cabeça.

Donald ignorou o gesto e foi dar uma olhada no pequeno banheiro.

— Na verdade, é muito legal ver isso — disse ao amigo.

Ele esticou o braço e abriu a torneira da pia, sem esperar nada. Quando água límpida gorgolejou, ele se pegou rindo.

— Eu sabia que você ia gostar quando visse — disse Mick, com a voz baixa.

Donald se olhou no espelho, a alegria ainda no rosto. Ele costumava esquecer como os cantos de seus olhos se enrugavam quando sorria. Tocou o cabelo, já havia mechas grisalhas; seu trabalho o estava envelhecendo prematuramente. Ele temera que isso pudesse ocorrer.

— É impressionante que tenhamos construído isso, não é? — falou Mick.

Donald virou e se juntou ao amigo no quarto apertado. Ele se perguntou se o trabalho para o qual tinham sido eleitos seria a causa do envelhecimento precoce dos dois, ou se tinha sido aquele projeto específico, aquela construção que os havia absorvido completamente.

— Obrigado por me forçar a vir até aqui.

Ele quase acrescentou que adoraria ver o restante, mas achou que seria forçar a barra. Além disso, as equipes nas tendas da Geórgia, lá fora, provavelmente já deviam estar procurando por eles.

— Olhe — disse Mick. — Tem uma coisa que quero contar a você.

Donald olhou para o amigo, que parecia à procura das palavras certas. Depois lançou um olhar para a porta. Mick estava em silêncio. Donald finalmente cedeu e sentou na beirada da cama.

— O que é? — perguntou.

Ele pensou que soubesse. O senador havia incluído Mick em seu outro projeto, aquele que havia levado Donald a buscar a ajuda do médico. Donald pensou no livro grosso que ele tinha praticamente decorado. Mick fizera o mesmo. E ele o levara até ali não só para lhe mostrar o que eles haviam realizado, mas para encontrar um local de privacidade absoluta, um local onde segredos podiam ser contados. Ele

tateou o bolso onde guardava os comprimidos, os que evitavam que seus pensamentos corressem para lugares perigosos.

— Ei — disse Donald —, não quero que você diga nada que não deva...

Mick ergueu os olhos, arregalados de surpresa.

— Você não precisa dizer *nada*, Mick. Eu acho que sei o que *você* sabe.

Mick balançou a cabeça, com tristeza.

— Não sabe — respondeu ele.

— Bem, vou continuar achando mesmo assim. Eu não quero saber nada.

— Eu *preciso* que você saiba.

— Eu preferia não...

— Não é um segredo, cara. É só... Eu quero que saiba que gosto de você como se fosse meu irmão. Sempre gostei.

Os dois ficaram sentados em silêncio. Donald olhou para a porta. O momento era desconfortável, mas de algum modo o emocionou ouvir Mick dizer aquilo.

— Olhe... — começou Donald.

— Sei que sempre sou duro com você — disse Mick. — E, droga, desculpe. Eu admiro você de verdade. E Helen. — Mick virou para o lado e coçou o rosto. — Fico feliz por vocês dois.

Donald estendeu a mão naquele pequeno cômodo e apertou o braço do amigo.

— Você é um bom amigo, Mick. Foi bom termos passado esse tempo juntos, os últimos anos, disputando eleições, construindo isso...

Mick assentiu.

— É, foi mesmo. Mas escute, eu não trouxe você até aqui embaixo para ficar todo sentimental desse jeito. — Ele levou a mão ao rosto de novo, e Donald viu que estava esfregando os olhos. — Eu tive uma conversa com Thurman ontem à noite. Ele, alguns meses atrás, me ofereceu um cargo em uma equipe, uma equipe de alto escalão, e eu disse a ele ontem à noite que preferia que você ficasse com ele.

— O quê? Um comitê? — Donald não podia imaginar o amigo abrindo mão de uma nomeação, de *nenhum* tipo de nomeação. — Qual?

Mick balançou a cabeça.

— Não. É outra coisa.

— O que é? — perguntou Donald.

— Olhe — continuou Mick —, quando você descobrir o que é, e entender o que está acontecendo, quero que pense em mim bem aqui neste momento. — Mick olhou ao redor do quarto. O completo silêncio por um instante foi pontuado apenas pela respiração profunda de Mick e pelas gotas de água caindo na pia do banheiro. — Se eu pudesse escolher estar em qualquer lugar, *qualquer lugar* nos próximos anos, seria exatamente aqui embaixo com o primeiro grupo.

— Está bem. Certo. Não sei bem o que você quer dizer...

— Você vai saber. Só se lembre disso, está bem? Que amo você como a um irmão e que tudo acontece por um motivo. Eu não ia querer que fosse de outro jeito. Nem para você nem para Helen.

— Está bem. — Donald sorriu.

Ele não sabia se Mick estava de sacanagem com ele ou se naquela manhã o amigo tinha consumido muitos Bloody Marys em uma das tendas.

— Está bem. — Mick levantou bruscamente. Ele com certeza se movia como se estivesse sóbrio. — Vamos dar o fora daqui. Esse lugar me assusta.

Mick empurrou a porta e apagou as luzes.

— Está com medo, não é? — falou Donald quando o amigo saiu.

Mick balançou a cabeça, e os dois voltaram pelo corredor. Deixaram para trás o pequeno apartamento genérico na escuridão, com a pia gotejando. E Donald tentou recordar como ele tinha se confundido, como a tenda do Tennessee onde ele havia cortado a fita tinha se transformado na da Carolina do Sul. Ele quase conseguiu, quando seu inconsciente se lembrou de uma remessa de materiais, cinquenta vezes mais fibra ótica que o necessário, mas a conexão se perdeu.

Enquanto isso, contêineres carregados de suprimentos desciam ruidosamente pelo poço gigantesco. E bandejas vazias subiam chacoalhando.

20

Ano 2110
Silo 1

Troy acordou com a mente confusa, tonto e desorientado, com a cabeça latejando. Ele ergueu as mãos e tateou à frente do rosto, esperando encontrar a frieza do vidro, a pressão do domo de ferro, a condenação de um congelamento profundo. Suas mãos só encontraram o vazio do ar. O relógio ao lado de sua cama mostrava que eram pouco mais de três da manhã.

Ele se sentou e viu que estava vestindo short de ginástica. Não se lembrava de ter trocado de roupa na noite anterior, não se lembrava de ir para a cama. Plantou os pés no chão, apoiou os cotovelos nos joelhos, afundou a cabeça entre as mãos e ficou ali por um momento. Todo o seu corpo doía.

Depois de alguns minutos, ele se vestiu no escuro, afivelando o macacão. A luz seria ruim para a dor de cabeça. Não era uma hipótese que ele precisava testar.

O corredor lá fora ainda estava com as luzes noturnas baixas, claras o suficiente apenas para iluminar o caminho até os banheiros coletivos. Troy caminhou em silêncio pelo corredor e seguiu na direção do elevador.

Apertou o botão de "subir", hesitou, não tinha certeza se aquilo estava certo. Alguma coisa o incomodava. Apertou o botão de "descer" também.

Era cedo demais para ir para sua sala, a menos que quisesse mexer no computador. Ele não estava com fome, mas podia subir e ver o sol nascer. O turno da noite estaria lá no alto tomando café. Ou ele podia ir para a sala de recreação e correr um pouco. Isso significaria voltar a seu quarto para trocar de roupa de novo.

O elevador chegou com um bipe enquanto ele ainda se decidia. As duas luzes apagaram, a de subir e a de descer. Ele podia pegar o elevador para qualquer lugar.

Troy entrou. Não sabia para onde queria ir.

O elevador fechou as portas e o aguardou pacientemente. Após algum tempo, Troy imaginou que o elevador acabaria partindo dali para atender algum outro chamado, para buscar alguém com propósito, alguém com um destino. Ele podia ficar ali parado sem fazer nada e deixar essa outra alma decidir.

Passando os dedos pelos botões, tentou lembrar o que havia em cada nível. Tinha memorizado muita coisa, mas nem tudo o que sabia parecia acessível. Sentiu uma necessidade súbita de ir para uma das salas assistir à TV, só deixar as horas passarem até que finalmente precisasse estar em algum lugar. Era assim que o turno devia funcionar. Esperar e depois ir. Dormir e depois esperar. Jantar e depois ir para a cama. O objetivo estava sempre à vista. Não havia nada contra o que se rebelar, apenas rotina.

O elevador deu um solavanco e entrou em movimento. Troy afastou a mão dos botões e deu um passo para trás. Ele não mostrava para onde estava indo, mas a sensação era de que tinha começado a descer.

Haviam descido apenas alguns andares quando o elevador parou bruscamente. As portas se abriram em um nível inferior de apartamentos. Um rosto familiar do refeitório, um homem no macacão vermelho dos que cuidavam do reator, sorriu quando entrou.

— Bom dia — disse ele.

Troy acenou com a cabeça.

O homem virou e apertou um dos botões mais baixos, um dos andares do reator. Ele estudou o mostrador que estivera apagado até

então, virou-se e lançou um olhar intrigado para Troy.

— Está se sentindo bem, senhor?

— Hum? Ah, sim.

Troy se inclinou para a frente e apertou o sessenta e oito. A preocupação do homem pelo bem-estar dele devia tê-lo feito pensar no médico, apesar de o turno de Henson só começar horas depois. Mas havia outra coisa que o incomodava, algo que ele sentia que precisava ver, um sonho que estava escapando.

— Não deve ter marcado na primeira vez — explicou, olhando para o botão.

— Hum.

O silêncio durou um ou dois andares.

— Quanto tempo mais o senhor ainda tem? — perguntou o mecânico do reator.

— Eu? Só mais algumas semanas. E você?

— Eu só peguei há uma semana. Mas este é meu segundo turno.

— Ah, é?

Conforme o elevador descia, as luzes subiam pelos andares e os números aumentavam. Troy não gostava daquilo. Achava que o nível mais baixo devia ser o primeiro andar. Eles deviam contar de baixo *para cima*.

— O segundo turno é mais fácil? — perguntou ele.

A pergunta saiu espontaneamente. Era como se a parte dele que estava louca para saber estivesse mais acordada do que a parte que estava rezando por silêncio.

O mecânico refletiu.

— Eu não diria mais fácil. Talvez... menos desconfortável. — Ele riu baixo.

Troy sentiu nos joelhos a chegada, a gravidade exercendo sua força sobre eles. As portas emitiram um sinal sonoro e se abriram.

— Tenha um bom turno — disse o mecânico. Eles não se apresentaram. — Caso eu não o veja outra vez.

Troy ergueu a mão espalmada.

— Até a próxima — disse ele.

O homem saiu, e as portas se fecharam como pálpebras para os corredores da usina de energia. Com um zumbido, o elevador continuou sua descida.

A campainha das portas soou no centro médico. Troy saiu e ouviu vozes no corredor. Ele caminhou em silêncio pelo piso de lajotas, e as vozes ficaram mais altas. Uma delas era de mulher. Não era uma conversa; devia ser um filme antigo. Troy espiou a sala principal e viu um homem descansando em uma maca, de costas para ele, com uma TV posicionada no canto. Troy passou em silêncio para não incomodá-lo.

O corredor se dividia em duas direções. Ele imaginou a planta, visualizou os depósitos em gomos, as fileiras de caixões de congelamento profundo, os tubos e os canos que iam das paredes até as bases, das bases até as pessoas lá dentro.

Ele parou diante de uma das portas pesadas e tentou seu código. A luz mudou de vermelho para verde. Afastou a mão, não precisava entrar naquela sala, não sentia necessidade, só queria ver se funcionava. A necessidade estava em outro lugar.

Seguiu sem rumo pelo corredor e passou por mais portas. Ele já não tinha estado exatamente ali? Será que algum dia tinha saído? Seu braço latejou. Ele enrolou a manga e viu um ponto de sangue seco, um círculo avermelhado em torno de uma ferida do tamanho de um furo de agulha.

Se algo ruim tinha acontecido, não conseguia lembrar. Essa parte dele tinha sido sufocada.

Tentou seu código no teclado numérico da outra porta e esperou a luz ficar verde. Dessa vez ele apertou o botão que abria a porta. Não sabia o que era, mas havia algo ali dentro que ele precisava ver.

21

Ano 2052
Condado de Fulton, Geórgia

A chuva fraca na manhã da convenção deixou as colinas artificiais enlameadas e a grama nova escorregadia, mas praticamente não afetou as festividades gerais. Os estacionamentos tinham sido esvaziados de veículos de construção e picapes cobertas de lama. Agora eles abrigavam centenas de ônibus parados com motores ligados e algumas limusines pretas reluzentes, também sujas de lama.

A área onde trailers tinham funcionado como escritórios e alojamentos provisórios para equipes de operários da construção fora entregue aos assessores, voluntários, delegados e autoridades que trabalharam por semanas para a realização daquele dia. O terreno estava pontilhado de tendas que serviam como quartéis-generais para os coordenadores do evento. Multidões de recém-chegados saíam em filas dos ônibus e seguiam pelo posto de segurança da InConDes. Cercas enormes encimadas por espirais de arame farpado pareciam ridículas e grandes demais para a convenção, mas faziam sentido para o armazenamento de material nuclear. Essas barreiras e portões mantinham afastado um grupo bizarro de manifestantes: os da direita, que discordavam do objetivo atual da instalação, e os da esquerda, que temiam o futuro.

Nunca houve uma Convenção Nacional com tal energia, tal multidão. O centro de Atlanta assomava muito além da copa das árvores, mas a

cidade parecia completamente afastada da agitação repentina no Sul do condado de Fulton.

No alto de uma encosta, sob seu guarda-chuva, Donald sentiu um calafrio e olhou para o mar de gente que se reunia pelas colinas, seguindo na direção de qualquer palco onde tremulasse a bandeira de seu estado, os guarda-chuvas se agitando e se empurrando como insetos na água.

Em algum lugar, uma banda ensaiava um desfile e pisoteava outra colina enlameada. Havia no ar uma sensação de que o mundo estava prestes a mudar: uma mulher ia ser indicada candidata à presidência, a segunda a conseguir isso durante toda a vida de Donald. E se as pesquisas estivessem certas, ela possuía mais que uma boa chance. A menos que a guerra no Irã sofresse uma virada inesperada, um marco seria alcançado, uma última barreira seria rompida. E isso aconteceria bem ali naqueles grandes buracos cavados na terra.

Mais ônibus circularam pela área e desembarcaram seus passageiros. Donald pegou seu celular e verificou a hora. A tela ainda mostrava um ícone de erro, a rede telefônica estava sobrecarregada. Ele se surpreendeu que, diante de tanto planejamento cuidadoso, o comitê não tivesse previsto isso e erguido uma ou duas torres provisórias.

— Deputado Keene?

Donald levou um susto e virou-se para ver Anna caminhando no cume da elevação em sua direção. Olhou para o palco da Geórgia, abaixo, mas não entendeu como ela havia chegado até ali. Ele se surpreendeu por ela ter simplesmente caminhado. Era mesmo a cara dela fazer as coisas do jeito mais difícil.

— Não sabia se era você — disse ela com um sorriso. — Todo mundo está com o mesmo guarda-chuva.

— É, sou eu.

Ele respirou fundo. Sempre que a via, sentia um aperto nervoso no peito, com medo de que qualquer conversa fosse lhe criar problemas.

Anna se aproximou como se esperasse que ele dividisse o guarda-chuva. Ele o trocou de mão para dar mais espaço a ela; a chuva fina

começou a pingar em seu braço exposto. Ele esquadrinhou o estacionamento de ônibus e tentou, em vão, avistar Helen. Ela já deveria ter chegado.

— Isso vai ser uma bagunça — disse Anna.

— A previsão é que o tempo vai abrir.

Uma mulher no palco da Carolina do Norte testava o microfone quando ouviu-se uma aguda microfonia.

— Vamos ver — disse Anna. Ela se enrolou mais no casaco para se proteger do frio da manhã. — Helen não vem?

— Vem. O senador Thurman insistiu. Ela não vai gostar nada quando vir toda essa gente. Ela odeia multidões. E também não vai gostar nada da lama.

Anna riu.

— Eu não me preocuparia com as condições do terreno depois disso.

Donald pensou sobre todos os carregamentos de lixo radioativo que seriam transportados até ali.

— Verdade.

Ele entendeu o que ela quis dizer.

Ele olhou morro abaixo outra vez para o palco da Geórgia. Mais tarde, aquele seria o local do primeiro encontro nacional de delegados. Todas as pessoas mais importantes sob uma única tenda. Atrás do palco e entre as tendas de alimentação, o único sinal das instalações de contenção subterrâneas era uma pequena torre de concreto que se erguia do solo, com uma antena se projetando. Donald pensou na quantidade de trabalho necessária para retirar todas as bandeiras e galhardetes ensopados antes que as primeiras barras usadas de combustível pudessem ser finalmente levadas para lá.

— É estranho pensar em alguns milhares de pessoas do estado do Tennessee andando em cima de uma coisa que *nós* projetamos — disse Anna. O braço dela roçou no de Donald. Ele permaneceu absolutamente imóvel, se perguntando se tinha sido acidental. — Eu queria que você tivesse conhecido melhor o lugar.

Donald estremeceu, mais pelo esforço de permanecer imóvel do que pelo frio e pela umidade do ar matinal. Ele não havia contado a ninguém sobre o tour com Mick na véspera. Aquilo parecia sagrado demais. Ele provavelmente iria contar a Helen, e a mais ninguém.

— É loucura o tempo que gastamos em uma coisa que ninguém vai usar — disse ele.

Anna murmurou algo em concordância. Seu braço ainda tocava o dele. Não havia sinal de Helen. Era irracional, mas Donald sentia que de algum modo iria vê-la no meio da multidão. Ele normalmente conseguia fazer isso. Lembrou-se da varanda alta de um lugar onde eles ficaram na lua de mel, no Havaí. Mesmo lá do alto, ele podia identificá-la fazendo suas caminhadas bem cedo à beira-mar, à procura de conchas. Mesmo com centenas de pessoas andando na praia, seus olhos eram atraídos imediatamente para ela.

— Acho que só iriam construir uma coisa dessas se déssemos a eles o tipo certo de seguro — disse Donald, repetindo o que o senador havia lhe dito.

Mas aquilo ainda não parecia correto.

— As pessoas querem se sentir protegidas — disse Anna. — Elas querem saber que, se o pior acontecer, terão alguém, *algo* a que recorrer.

Mais uma vez, Anna se apoiou no braço dele. Com certeza não era acidental. Donald percebeu que estava se afastando e soube que ela devia ter sentido seu movimento também.

— Eu na verdade esperava fazer um tour por um dos *outros* abrigos — disse ele, mudando de assunto. — Seria interessante ver o que as outras equipes desenvolveram. Mas, aparentemente, não tenho autorização.

Anna riu.

— Tentei a mesma coisa. Estou louca para ver nossa concorrência. Mas posso entender que é uma situação delicada. Esse lugar está cheio de olhos. — Ela se apoiou nele mais uma vez, ignorando o espaço que ele havia criado. — Você não sente isso? Como se houvesse um enorme olho nos observando acima deste lugar? Quer dizer, mesmo com as

cercas e os muros, pode apostar que o mundo inteiro estará de olho no que está acontecendo aqui.

Donald concordou. Ele sabia que ela não estava falando da convenção, mas da utilização posterior que seria feita do local.

— Olhe, parece que tenho que voltar lá para baixo.

Ele virou para acompanhar o olhar dela e viu o senador Thurman subindo a encosta a pé, com um enorme guarda-chuva de golfe bloqueando a água. O homem parecia impermeável à lama e à sujeira como nenhuma outra pessoa, da mesma maneira que parecia imune à passagem do tempo.

Anna estendeu a mão e apertou o braço de Donald.

— Parabéns mais uma vez. Foi divertido trabalhar com você nisso.

— Foi mesmo — disse ele. — Nós formamos uma boa equipe.

Ela sorriu. Donald se perguntou por um instante se ela ia se inclinar para a frente e lhe dar um beijo no rosto. Naquele momento, pareceria natural. Mas o instante chegou e passou. Anna deixou a proteção do guarda-chuva de Donald e seguiu na direção do senador.

Thurman ergueu o guarda-chuva, beijou a filha no rosto e a observou descer a colina. Depois subiu para se juntar a Donald.

Os dois ficaram parados lado a lado por alguns instantes, a chuva escorrendo de seus guarda-chuvas com um barulho abafado.

— Senhor — disse Donald, por fim.

Ultimamente ele se sentia à vontade na presença do homem. As duas últimas semanas tinham sido como um acampamento de verão, em que ficar junto das mesmas pessoas quase todas as horas do dia levava a um nível de familiaridade e intimidade muito diferente de uma convivência informal, mesmo que de anos. Havia algo no confinamento forçado que unia as pessoas. Além da óbvia proximidade física.

— Maldita chuva — foi o que disse Thurman.

— O senhor não pode controlar tudo — falou Donald.

O senador resmungou como se discordasse.

— Helen ainda não chegou?

— Não, senhor. — Donald enfiou a mão no bolso para pegar o celular. — Vou mandar outra mensagem para ela daqui a pouco. Não tenho certeza se minhas mensagens estão sendo enviadas ou não; as redes estão absolutamente congestionadas. Tenho quase certeza que reunir esse número de pessoas nesse canto do condado é algo sem precedentes.

— Bem, esse vai ser um dia sem precedentes — disse Thurman. — Nunca aconteceu nada assim antes.

— Foi principalmente obra sua, senhor. Quer dizer, não apenas construir este lugar, mas decidir não se candidatar. O país podia ser seu de lavada este ano.

O senador riu.

— Isso é verdade na maioria dos anos, Donny. Mas aprendi a botar minhas metas mais altas que isso.

Donald estremeceu de novo. Ele não se lembrava da última vez que o senador lhe chamara daquele jeito. Talvez naquela primeira reunião em seu gabinete... mais de dois anos antes? O velho parecia estranhamente tenso.

— Quando Helen chegar, quero que vá até a tenda do estado me ver, está bem?

Donald pegou o celular e conferiu a hora.

— O senhor sabe que tenho que estar na tenda do Tennessee em uma hora, certo?

— Houve uma mudança de planos. Quero que você fique perto de casa. Mick vai cobri-lo por lá, o que significa que preciso de você comigo.

— Tem certeza? Eu devia me encontrar com...

— Eu sei. É uma coisa boa, confie em mim. Quero você e Helen perto do palco da Geórgia comigo. E olhe...

O senador virou e olhou para ele. Donald desviou o olhar do desembarque do último ônibus. A chuva tinha apertado um pouco.

— Você contribuiu mais para este dia do que imagina — disse Thurman.

— Senhor?

— Hoje o mundo vai mudar, Donny.

Donald se perguntou se o senador estava deixando de fazer seus nanobanhos. Os olhos dele pareciam dilatados, focando alguma coisa ao longe. Ele de algum modo parecia mais velho.

— Não tenho certeza se compreendo...

— Você vai compreender. Ah, e teremos uma visita surpresa. Ela deve chegar a qualquer momento. — Ele sorriu. — O Hino Nacional começa ao meio-dia. Depois, o 141º esquadrão fará um sobrevoo. Quero você por perto na hora em que isso acontecer.

Donald assentiu. Ele aprendera a perceber o momento de parar de perguntar e simplesmente fazer o que o senador esperava dele.

— Sim, senhor — disse ele, tremendo de frio.

O senador Thurman saiu. Donald virou as costas para o palco, examinou o último ônibus e se perguntou onde estava Helen.

22

Ano 2110
Silo 1

Troy seguiu pela fileira de cápsulas criogênicas como se soubesse aonde estava indo. Do mesmo modo que sua mão apertara o botão que o levara até aquele andar. Havia nomes inventados em cada um dos painéis. Por alguma razão, ele sabia aquilo. Lembrava-se de criar o nome dele. Tinha alguma coisa a ver com sua mulher, ou algum tipo de relação secreta e proibida para que um dia ele pudesse lembrar.

Tudo aquilo tinha ficado no passado, nas profundezas do torpor, um sonho esquecido. Antes de seu turno houvera uma orientação. Livros familiares para ler e reler. Foi quando ele havia escolhido seu nome.

Uma explosão amarga em sua língua o fez parar. Era o sabor de um comprimido se dissolvendo. Troy pôs a língua para fora e a esfregou com os dedos, mas não havia nada nela. Ele podia sentir as aftas em suas gengivas, mas não lembrava como elas tinham se formado.

Ele continuou andando. Alguma coisa não estava certa. Aquelas memórias não deveriam retornar. Ele visualizou a si mesmo em uma maca, gritando, alguém o amarrava, espetava-o com agulhas. Mas não era ele. Ele estava segurando as botas do homem.

Troy parou diante de uma das cápsulas e verificou o nome. *Helen*. Seu estômago se embrulhou, pedindo o remédio. Ele não queria lembrar. Aquele era um ingrediente secreto: o *não querer lembrar*. Aquelas eram as partes que sumiam, as partes em torno das quais as drogas envolviam seus tentáculos e tiravam da superfície. Mas, agora, havia uma pequena

parte dele que estava morrendo de vontade de saber. Era uma dúvida terrível, uma sensação de ter deixado um pedaço importante de si mesmo para trás. Um pedaço disposto a afogar todo o resto dele por essas respostas.

Quando ele esfregou o vidro para remover a camada de gelo produziu-se um ruído agudo. Como não reconheceu a pessoa no interior, seguiu para a cápsula seguinte. Uma cena anterior à orientação voltou a ele.

Troy se lembrou de corredores cheios de gente chorando, homens soluçando, comprimidos que secavam seus olhos. Nuvens assustadoras se ergueram em um monitor. Mulheres foram afastadas por segurança. Como em um barco salva-vidas, mulheres e crianças primeiro.

Troy lembrou. Não foi um acidente. Ele se lembrou de uma conversa em outra cápsula, uma cápsula maior, com a presença de outro homem, uma conversa sobre a proximidade do fim do mundo, sobre criar *espaço*, sobre acabar com tudo antes que tudo acabasse por conta própria.

Uma explosão controlada. Bombas às vezes eram usadas para apagar incêndios.

Ele limpou outra lâmina de vidro coberta de gelo. A silhueta adormecida na câmara seguinte revelava cílios que brilhavam com gelo. Era uma desconhecida. Ele seguiu em frente, mas estava começando a lembrar. Seu braço latejava. Os tremores tinham terminado.

Troy se lembrou de uma catástrofe, mas tinha sido tudo um espetáculo. A verdadeira ameaça estava no ar, invisível. As bombas eram para fazer as pessoas se mexerem, deixá-las com medo, fazê-las chorar e esquecer. As pessoas correram como água pelo ralo. Não um ralo, um *funil*. Alguém explicou por que eles foram poupados. Ele se lembrou de uma névoa branca, de caminhar por uma névoa branca. A morte já estava neles. Troy se lembrava de um sabor persistente na língua, metálico.

O gelo sobre o vidro seguinte já estava mexido, tinha sido tirado por alguém recentemente. Gotículas de condensação refratavam a luz, como pequenas lentes. Ele esfregou o vidro e entendeu o que tinha acontecido.

Viu a mulher no interior com o cabelo castanho que às vezes prendia em um coque. Não era sua mulher. Era alguém que queria isso, que *o* queria dessa maneira.

— Olá?

Troy virou-se na direção da voz. O médico do turno da noite vinha até ele, desviando das cápsulas, caminhando direto a seu destino. Troy pressionou com a mão a área dolorida no braço. Não queria ser pego outra vez. Eles podiam fazê-lo esquecer.

— O senhor não devia estar aqui.

Troy não respondeu. O médico parou ao pé da cápsula. Dentro dela, dormia uma mulher que não era sua esposa. Não era sua esposa, mas tinha desejado ser.

— Por que não vem comigo? — perguntou o médico.

— Eu gostaria de ficar — disse Troy.

Sentiu uma estranha calma. Toda a dor havia sido arrancada. Aquilo era mais poderoso que o esquecimento. Ele se lembrava de tudo. Sua alma tinha sido libertada.

— O senhor não pode permanecer aqui. Venha comigo. Vai congelar aqui dentro.

Troy olhou para baixo. Tinha se esquecido de calçar sapatos. Ele curvou os dedos dos pés para afastá-los do chão... depois deixou que voltassem ao normal.

— Senhor? Por favor.

O jovem médico apontou para o corredor. Troy soltou o braço e viu que estava lidando com a situação como necessário. Sem chutes, sem correias. Sem tremores, sem injeções.

Ele ouviu o ruído de botas no corredor. Um homem grande da segurança surgiu à porta aberta da câmara, visivelmente sem fôlego. Troy captou um vislumbre do médico gesticulando para acalmar o homem. Eles estavam tentando deixá-lo com medo. E não sabiam que ele não podia mais ficar com medo.

— Vocês vão me botar para dormir de vez — disse Troy.

Foi algo entre uma afirmação e uma pergunta. Foi uma constatação. Ele se perguntou se era como Hal, como *Carlton*, se os comprimidos nunca iriam voltar a funcionar. Ele olhou na direção dos fundos da sala, sabia que os vazios ficavam ali. Era onde ele seria enterrado.

— Calma, tranquilo — disse o médico.

Ele conduziu Troy até a saída. Ia embalsamá-lo com aquele céu azul-claro. As cápsulas iam passando enquanto os dois caminhavam em silêncio.

O homem da segurança respirou fundo várias vezes enquanto ocupava a porta, e seu peito largo inchava dentro de seu macacão. Houve mais rangido de botas quando outro se juntou a ele. Troy viu que seu turno estava acabado. Faltavam duas semanas. Ele tinha quase conseguido.

O médico fez com que os homens grandes se afastassem do caminho com um gesto. Parecia esperar que eles não fossem necessários. Eles assumiram posições dos dois lados e pareciam pensar o contrário. Troy foi conduzido pelo corredor, guiado pela esperança e flanqueado pelo medo.

— Você *sabe*, não sabe? — perguntou Troy ao médico, virando-se para examiná-lo. — Você se lembra de tudo.

O médico não se virou para ele. Apenas assentiu com a cabeça.

Aquilo foi como uma traição. Não era justo.

— Por que você pode se lembrar? — perguntou Troy.

Ele queria saber por que aqueles que administravam os medicamentos não precisavam tomá-los.

O médico gesticulou para que ele entrasse em seu consultório. Seu assistente estava lá, vestindo pijamas e segurando uma bolsa para nutrição intravenosa cheia de um líquido azul.

— Alguns de nós lembram — disse o médico. — Porque sabemos que não fizemos uma coisa má. — Ele franziu a testa enquanto ajudava Troy a subir na maca. Parecia realmente triste pela situação de Troy. — Estamos fazendo um bom trabalho aqui — continuou. — Estamos salvando o mundo, não acabando com ele. E os medicamentos apenas

tocam nossos arrependimentos. — Ele ergueu os olhos. — Alguns de nós não têm nenhum.

A porta estava cheia de seguranças. Estava transbordando. O assistente desafivelou o macacão de Troy, que assistia entorpecido.

— Seria preciso um tipo diferente de droga para tocar o que *nós* sabemos — disse o médico.

Ele pegou uma prancheta da parede. Uma folha de papel estava presa ao prendedor. Fez-se uma pausa, e em seguida puseram uma caneta na palma da mão de Troy.

Troy riu quando assinou a própria autorização.

— Então por que eu? Por que eu estou aqui?

Ele sempre quis perguntar isso a alguém que pudesse saber. Aqueles eram questionamentos da juventude, mas agora com alguma chance de resposta.

O médico sorriu e pegou a prancheta. Ele tinha provavelmente quase trinta anos, entrara em seu turno poucas semanas antes. Troy estava a poucos anos de fazer quarenta. E mesmo assim aquele homem tinha toda a sabedoria, todas as respostas.

— É bom ter pessoas como você no comando — disse o médico, e ele parecia estar falando sério.

A prancheta foi devolvida a seu gancho. Um dos homens da segurança bocejou e cobriu a boca. Troy observou enquanto seu macacão era desafivelado e aberto até a cintura. Uma unha fez um clique único ao bater contra uma agulha.

— Eu gostaria de pensar sobre isso — disse Troy.

Ele se sentiu subitamente tomado pelo pânico. Sabia que aquilo precisava ser feito. Só queria mais alguns minutos sozinho com seus pensamentos, saborear aquele breve momento de compreensão. Queria dormir, sem dúvida, mas não ainda.

Os homens à porta se agitaram ao sentir as dúvidas de Troy, podiam ver o medo em seus olhos.

— Eu queria que houvesse outra maneira — disse o médico com tristeza.

Ele pousou a mão no ombro de Troy e o conduziu de volta à maca. Os homens da segurança se aproximaram.

Espetaram seu braço, uma pontada profunda sem aviso. Olhou para baixo e viu a agulha de aço penetrar em sua veia, e o líquido azul-claro ser bombeado para dentro.

— Eu não quero... — disse ele.

Havia mãos em suas canelas, em seus joelhos, peso em seus ombros. A pressão sobre seu peito era de outra coisa.

Uma queimação fluiu através de seu corpo, logo seguida por entorpecimento. Eles não o estavam botando para dormir. *Eles o estavam matando*. Troy soube disso tão abrupta e rapidamente quanto soube que sua mulher estava morta, que outra pessoa havia tentado tomar o lugar dela. Dessa vez, ele iria para um caixão *para sempre*. E todo aquele monte de terra sobre sua cabeça ia finalmente servir para alguma coisa.

A escuridão foi tomando sua visão. Ele fechou os olhos, tentou gritar para que aquilo parasse, mas não saiu nada. Queria chutar, lutar, mas não eram apenas mãos que o seguravam naquele momento. Ele estava afundando.

Os últimos pensamentos foram sobre sua linda mulher, mas os pensamentos faziam pouco sentido, eles eram o mundo dos sonhos que o invadia.

Ela está no Tennessee, pensou. Ele não sabia por que ou como sabia disso. Mas ela estava lá, e esperando. Já estava morta e tinha um local vazio a seu lado só para ele.

Troy só tinha mais uma pergunta, um nome que ele esperava resgatar e lembrar antes de apagar de vez, um pedaço de si mesmo para levar consigo para aquelas profundezas. Estava na ponta da língua como um comprimido amargo, tão perto que ele podia sentir seu gosto...

Mas então ele esqueceu.

23

Ano 2052
Condado de Fulton, Geórgia

A chuva finalmente parou assim que palavras de ordem militaristas e os hinos marciais encheram o ar acima das colinas cheias de gente. Enquanto o palco principal estava sendo preparado para a noite de gala, para Donald parecia que a verdadeira ação estava acontecendo em todos os outros estados. Bandas de abertura iniciavam suas apresentações enquanto o ruído dos quadriciclos se reduzia a um simples murmúrio.

Era uma sensação levemente claustrofóbica estar no fundo da depressão perto do palco da Geórgia. Donald sentiu uma necessidade incontrolável de subir até o topo, de onde poderia ver o que estava acontecendo. Aquilo o fez vislumbrar milhares de convidados espalhados por todas as colinas, a imagem do fervor político por todo lado. Uma aglutinação de famílias que pensavam da mesma forma celebrando a promessa de algo novo.

Por mais que Donald quisesse celebrar novos começos com eles, estava sobretudo aguardando ansiosamente o *fim*. Não aguentava esperar o encerramento da convenção. As semanas o haviam esgotado. Ele desejava uma cama de verdade, alguma privacidade, seu computador, um serviço de telefonia confiável, jantar em restaurantes e, acima de tudo, um tempo sozinho com sua esposa.

Pegou o celular no bolso e checou as mensagens pela enésima vez. Faltavam minutos para o hino, e depois o voo rasante do 141º

esquadrão. Ele também tinha ouvido alguém falar em fogos de artifício para dar início à convenção com uma grande explosão.

O aparelho mostrava que a última meia dúzia de mensagens ainda não tinha sido enviada. O celular estava sem sinal, a tela exibia uma mensagem que ele nunca tinha visto antes. Pelo menos algumas das anteriores pareciam ter sido enviadas. Ele examinou as encostas encharcadas em busca dela, na esperança de vê-la descer abrindo caminho com aquele sorriso que ele podia localizar a distância.

Alguém se aproximou e parou ao lado dele. Donald tirou os olhos das colinas e viu que Anna tinha se juntado a ele perto do palco.

— Lá vamos nós — disse ela em voz baixa, escrutinando a multidão.

Ela parecia nervosa. Talvez fosse por causa do pai, que tinha se esforçado para organizar o palco principal e garantir que todos estivessem no lugar certo. Ao olhar para trás, ele viu que as pessoas estavam ocupando suas posições, as cadeiras já secas depois da chuva fina da manhã, nem de perto tanta gente quanto parecia antes. Elas deviam ou estar trabalhando nas tendas ou tinham ido para outros palcos. Aquele era o fermentar silencioso antes do...

— *Lá* está ela.

Anna acenou com os braços. Donald sentiu o coração quase sair pela boca quando virou e acompanhou o olhar de Anna. Seu alívio estava misturado com o pânico de ser visto por Helen com ela, os dois lado a lado, à espera.

Era sem dúvida alguém familiar descendo lentamente pela encosta. Uma mulher jovem de uniforme azul bem passado, um chapéu embaixo do braço, uma cabeleira negra enrolada em um coque bem-feito.

— Charlotte?

Donald protegeu os olhos do brilho do sol de meio-dia que se infiltrava pelas nuvens esparsas. Ele ficou boquiaberto, sem poder acreditar. Todos os outros acontecimentos e preocupações se desfizeram quando sua irmã os viu e acenou de volta.

— Ela com certeza chegou bem a tempo — murmurou Anna.

Donald correu até seu quadriciclo e virou a chave. Ligou a ignição, girou o guidão, acelerou e saiu correndo pela grama molhada para encontrá-la.

Charlotte sorriu quando ele freou ao pé da colina. Ele desligou o motor.

— Oi, Donny.

Sua irmã se inclinou sobre ele antes que pudesse sair do veículo. Ela jogou os braços em volta de seu pescoço e apertou.

Ele retribuiu o abraço, preocupado em não amarrotar os vincos de seu uniforme impecável.

— Que diabo você está fazendo aqui? — perguntou ele.

Ela o soltou e deu um passo para trás, alisou a frente da própria camisa. O quepe do uniforme da Força Aérea desapareceu sob seu braço, cada movimento como um hábito preciso e trabalhado.

— Está surpreso? — perguntou ela. — Achei que a essa altura o senador já teria contado.

— Droga, não. Bem, ele disse alguma coisa sobre uma visita, mas não quem. Achei que você estivesse no Irã. Ele armou isso?

Ela assentiu, e Donald sentiu as bochechas doerem de tanto sorrir. Sempre que a via, sentia um alívio por descobrir que ela ainda era a mesma pessoa. O queixo pronunciado e as sardas no nariz, o brilho nos olhos que ainda não tinha se apagado apesar das coisas horríveis que havia visto. Ela tinha acabado de fazer trinta, estivera do outro lado do mundo sem a família em seu aniversário, mas sua mente ainda era rigorosamente a mesma da adolescente que tinha se alistado.

— Acho que eu devo estar no palco para essa coisa hoje à noite — disse ela.

— É claro. — Donald sorriu. — Tenho certeza de que eles vão querer você na TV. Você sabe, para demonstrar apoio às tropas.

Charlotte franziu a testa.

— Ah, meu Deus, eu sou uma *dessas* pessoas, não sou?

Ele riu.

— Tenho certeza de que eles vão ter alguém do Exército, da Marinha e dos fuzileiros lá com você.

— Ah, meu Deus. E eu sou a *garota*.

Eles riram juntos, e uma das bandas além da colina terminou sua apresentação. Donald chegou para a frente no assento e disse à irmã para montar, repentinamente sem aquele aperto no peito. O tempo havia mudado, as nuvens se abriram, os palcos estavam silenciosos, e agora a família tinha chegado.

Ele ligou o motor e saiu correndo pela trilha menos enlameada no caminho de volta ao palco, com a irmã segurando firme atrás dele. Os dois pararam ao lado de Anna, e sua irmã saltou nos braços dela. Enquanto conversavam, Donald desligou o veículo e conferiu as mensagens em seu celular. Finalmente uma tinha chegado.

Helen: *No Tennessee. Kd vc?*

Houve um choque enquanto o cérebro dele tentava compreender a mensagem. Era de Helen. Mas que diabo ela estava fazendo no *Tennessee*?

Outro palco ficou em silêncio. Levou apenas um ou dois instantes para Donald lembrar que ela não estava a centenas de quilômetros de distância. Estava apenas do outro lado da colina. Nenhuma de suas mensagens sobre se encontrar no palco da Geórgia tinha sido enviada.

— Ei, eu já volto.

Ele ligou o quadriciclo novamente. Anna o segurou pelo pulso.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

Ele sorriu.

— Ao Tennessee. Helen acabou de me mandar uma mensagem.

Anna olhou para as nuvens. Sua irmã estava examinando o próprio quepe. No palco, conduziam uma garota até o microfone, e os assentos eram aos poucos ocupados, com pescoços se esticando pela expectativa.

Antes que ele conseguisse reagir ou engrenar o quadriciclo, Anna estendeu a mão, girou a chave e a tirou da ignição.

— Agora, não — disse ela.

Donald sentiu um impulso de raiva. Tentou tomar a chave das mãos de Anna, mas ela desapareceu às costas dela.

— Espere — repreendeu ela.

Charlotte tinha virado na direção do palco. O senador Thurman estava de pé com um microfone na mão, ao seu lado, a garota, que devia ter uns dezesseis anos. As colinas tinham mergulhado em um silêncio mortal. Donald percebeu a barulheira que o quadriciclo estava fazendo. A garota ia começar a cantar.

— *Senhoras e senhores, companheiros democratas...*

Houve uma pausa. Donald desceu do quadriciclo, deu uma última olhada no celular, depois o guardou.

— *...e nosso punhado de independentes.*

A multidão riu. Donald saiu correndo pelo fundo da depressão. Seus sapatos espirravam água ao pisar na grama molhada e na fina camada de lama. A voz do senador Thurman continuou a trovejar pelo microfone.

— *Hoje é o alvorecer de uma nova era, um novo tempo.*

Donald estava fora de forma. Seus sapatos estavam ficando pesados com a lama.

— *Enquanto estamos reunidos neste local de futura independência...*

Quando o aclive começou, ele já estava sem ar.

— *Eu me lembro das palavras de um de nossos inimigos. Um republicano.*

Risos distantes. Mas Donald não prestou atenção. Ele estava concentrado na subida.

— *Foi Ronald Reagan que certa vez disse que é preciso lutar pela liberdade, que a paz deve ser conquistada. Enquanto escutamos este hino, composto muito tempo atrás enquanto bombas caíam e um novo país era criado, vamos considerar o preço pago por nossa liberdade e nos perguntar se algum custo poderia ser alto demais para garantir que essas liberdades nunca sejam perdidas.*

Donald teve que parar a um terço da subida para recuperar o fôlego. Suas panturrilhas iam desistir antes de seus pulmões. Ele se arrependeu de ter passado as últimas semanas circulando de quadriciclo enquanto

alguns dos outros faziam o esforço de andar a pé. Ele prometeu a si mesmo que ia melhorar seu condicionamento físico.

Voltou a subir a colina, e uma voz límpida como cristal encheu a depressão. Transbordou por cima da elevação. Ele virou na direção do palco abaixo, onde o hino nacional estava sendo cantado pelas vozes jovens mais doces...

E viu Anna subir a encosta correndo atrás dele, com a preocupação expressa no rosto.

Donald sabia que estava em apuros. Ele se perguntou se estava desrespeitando o hino por subir o morro correndo. Todos tinham lugares reservados para aquele momento, e ele estava ignorando o dele. Deu as costas para Anna e continuou com ainda mais determinação.

— ...*o'er the ramparts we watched*...

Ele riu, sem fôlego, se perguntando se aqueles montes de terra poderiam ser considerados *ramparts*, fortificações. Era fácil ver as depressões como o que tinham se tornado nas últimas semanas, estados individuais cheios de gente, produtos e animais, cinquenta exposições estaduais movimentadas, todas por aquele dia especial, todas para acabarem assim que as instalações estivessem em operação.

— ...*and the rockets' red glare, the bombs bursting in air*...

Ele chegou ao topo da colina e encheu os pulmões de ar fresco e limpo. No palco abaixo, bandeiras tremulavam preguiçosamente com a brisa suave. Um telão mostrava a imagem de uma garota cantando o verso *Gave proof through the night that our flag was still there*.

Uma mão segurou seu pulso.

— Volte — repreendeu-o Anna.

Ele estava arfando. Anna também estava sem fôlego, com o joelho coberto de lama e pedaços de grama. Ela devia ter escorregado enquanto subia.

— Helen não sabe onde estou — disse ele.

— ...*bannerrr yet waaaaaaave*...

Os aplausos irromperam antes do fim, uma saudação. Ele avistou a distância os jatos que se aproximavam velozes antes mesmo de ouvir o

ruído. Uma formação em losango com as pontas das asas quase se tocando.

— Volte lá para baixo, porra — berrou Anna.

Ela deu um puxão em seu braço.

Donald torceu o pulso e se soltou. Ele estava hipnotizado pela imagem dos jatos se aproximando.

— *...o'er the laand of the freeeeeee...*

Aquela voz jovem e suave que se elevava de cinquenta buracos na terra e colidia com o ronco trovejante dos jatos poderosos, aqueles graciosos anjos da morte voadores.

— Me solta — exigiu Donald quando Anna o agarrou e tentou arrastá-lo de volta morro abaixo.

— *...and the hooome of the... braaaaaave...*

O ar tremeu com o barulho do voo rasante perfeitamente cronometrado. O acionamento da pós-combustão provocou um barulho ensurdecedor quando os jatos se afastaram e fizeram uma curva para cima, para o interior das nuvens brancas.

Anna estava praticamente lutando com ele, os braços em volta de seus ombros. Donald despertou de um transe provocado pela passagem dos jatos, a bela interpretação do hino amplificada por meio condado, o esforço para localizar a esposa na depressão abaixo.

— Que droga, Donny, nós precisamos *descer*...

O primeiro clarão veio antes que ela pudesse pôr as mãos sobre o rosto dele. Um ponto brilhante no canto dos olhos de Donald na direção do centro de Atlanta. Era o brilho de um relâmpago durante o dia. Donald virou em sua direção, esperando o trovão. A luz tinha se transformado em um brilho ofuscante. Os braços de Anna estavam em volta da cintura dele, puxando-o para trás. A irmã dele estava lá, arfando, cobrindo os olhos, gritando.

— *Que porra é essa?*

Outro brilho, estrelas em sua visão. Sirenes soando em todos os alto-falantes. Era o som gravado de alarmes antiaéreos.

Donald não conseguia enxergar direito. Mesmo quando as nuvens em forma de cogumelo se ergueram da terra, exageradamente grandes para estarem tão longe, ainda levou um instante para entender o que estava acontecendo.

Elas o puxaram encosta abaixo. Os aplausos tinham se transformado em gritos que podiam ser ouvidos acima do som oscilante da sirene. Donald mal conseguia ver. Ele cambaleou para trás e quase caiu quando os três escorregaram e deslizaram para o fundo da depressão. A grama molhada os empurrava na direção do palco. As nuvens se ergueram cada vez mais, ficando à vista mesmo quando o resto das colinas e das árvores já estavam fora de vista.

— Esperem! — gritou ele.

Estava se esquecendo de alguma coisa. Não conseguia lembrar o quê. Tinha uma imagem de seu quadriciclo parado no cume. Ele o estava deixando para trás. Como tinha chegado até lá? O que estava acontecendo?

— Anda logo — dizia Anna.

A irmã dele estava xingando. Estava assustada e confusa, assim como ele. Donald nunca tinha visto a irmã desse jeito.

— A tenda principal!

Ele girou, seus calcanhares escorregando na grama, as mãos molhadas de chuva e sujas de lama. Em que momento tinha caído?

Os três desceram o fim da encosta aos tropeções quando o som do trovão distante finalmente os alcançou. As nuvens no alto pareciam fugir das explosões, tiradas do caminho por um vento sobrenatural. A parte inferior das nuvens piscava e brilhava como se estivesse sendo atingida por mais raios, como se mais bombas estivessem sendo detonadas. Lá embaixo, perto do palco, as pessoas não estavam correndo para fugir da depressão, estavam correndo para dentro das tendas, guiadas por voluntários que acenavam com os braços, evacuando as barracas de feira e alimentos. As cadeiras de madeira em fila haviam se tornado uma pilha revirada. Um cachorro continuava latindo amarrado a um poste.

Algumas pessoas ainda pareciam lúcidas, as mentes intactas. Anna era uma delas. Donald viu o senador perto de uma tenda menor coordenando o fluxo do tráfego. Aonde todos estavam indo? Donald se sentiu vazio ao ser conduzido com os outros. Levou um bom tempo para seu cérebro processar o que ele tinha visto. Explosões nucleares. A visão ao vivo do que sempre tinha ficado restrito a um antigo vídeo de tempos de guerra. Bombas de verdade explodindo no ar de verdade. Perto. Ele as tinha visto. Por que ele não estava totalmente cego? Tinha sido isso mesmo o que havia acontecido?

Ele foi tomado pelo puro e simples medo da morte. Donald sabia, em algum lugar recôndito de sua mente, que todos estavam mortos. O fim de todas as coisas estava chegando. Não havia como fugir daquilo. Não havia como se esconder. Lembrou-se de parágrafos de um livro que havia lido, milhares de parágrafos decorados. Ele tateou as calças à procura dos comprimidos, mas não estavam ali. Olhou por cima do ombro, tentando lembrar o que tinha deixado para trás...

Anna e sua irmã o estavam arrastando quando passaram pelo senador, que tinha uma expressão dura de determinação. Franziu a testa para a filha. A aba da tenda raspou o rosto de Donald, e a escuridão lá dentro era pontuada por algumas luzes no teto. Os pontos em sua visão provocados pelas explosões surgiram no escuro. Havia um amontoado de pessoas, mas não tantas quanto deveria haver. Onde estavam as multidões? Não fazia sentido, até que ele se viu descendo lentamente.

Uma rampa de concreto, gente por todos os lados, ombros se empurrando, pessoas respirando com dificuldade, chamando por outras, braços estendidos enquanto o fluxo arrastava entes queridos para longe, marido e mulher separados, alguns chorando, outros perfeitamente calmos...

Marido e mulher.

Helen!

Donald gritou o nome dela por sobre a multidão. Ele se virou e tentou nadar contra a corrente contínua da massa apavorada. Anna e sua irmã o agarraram. Pessoas lutando para chegar lá embaixo empurravam

do alto. Donald foi forçado a ir para baixo, para as profundezas. Ele queria descer com a mulher, queria se afogar com ela.

— *Helen!*

Ah, Deus, ele lembrou.

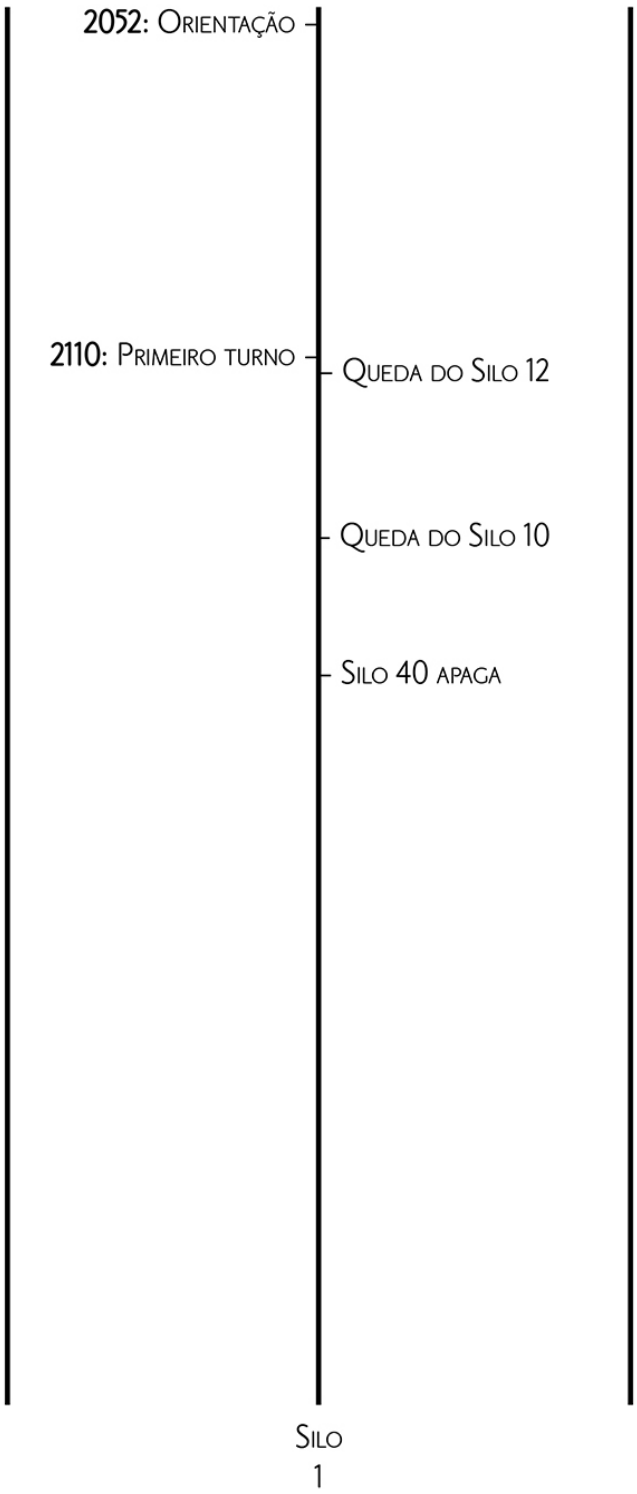
Ele lembrou o que tinha deixado para trás.

O pânico diminuiu e o medo tomou seu lugar. Ele podia ver. Sua visão tinha clareado. Mas ele não conseguia evitar a pressão do inevitável.

Donald se lembrou de uma conversa com o senador sobre como tudo iria acabar. Havia uma eletricidade no ar, um travo de metal morto na língua, uma névoa branca se erguendo à sua volta. Ele se lembrava da maior parte de um livro. Ele sabia o que era aquilo, o que estava acontecendo.

O mundo dele tinha acabado.

E um novo mundo o havia engolido.


2052: Orientação
2110: Primeiro turno
Queda do Silo 12
Queda do Silo 10
Silo 40 apaga
Silo
1

Segundo Turno — Ordem

24

Ano 2212
Silo 1

Troy acordou assustado de uma série de sonhos terríveis. O mundo estava em chamas, e as pessoas que tinham sido enviadas para apagá-las estavam todas dormindo. Dormindo e congeladas como pedras, fósforos acesos ainda nas mãos, o filete espiralado da fumaça cinza de atos malignos.

Ele tinha sido enterrado, estava envolto em escuridão, podia sentir as paredes de seu caixão pequeno encerrando-o ali dentro.

Algumas silhuetas se moveram do outro lado do vidro congelado, os homens com suas pás tentando libertá-lo.

As pálpebras de Troy pareciam querer se rasgar e rachar enquanto ele lutava para abri-las. Havia crostas no canto dos olhos, gelo derretido escorrendo por seu rosto. Tentou levantar os braços para limpar, mas a resposta dos músculos foi muito fraca. Um tubo intravenoso segurou seu pulso quando ele tentou levantar a mão. Tinha consciência de seu cateter. Cada centímetro de seu corpo formigava enquanto ele saía do entorpecimento para o frio.

A tampa se abriu com um chiado. A luz entrou por uma fresta e aumentou à medida que as sombras desapareciam.

Um médico e seu assistente levaram as mãos ao interior para cuidar dele. Troy tentou falar, mas só conseguiu tossir. Eles o ajudaram a se levantar e lhe deram a bebida amarga. Engolir exigiu esforço. Suas mãos

tão fracas, os braços tão trêmulos que tiveram de ajudá-lo a beber. O sabor em sua língua era metálico. Era gosto de morte.

— Calma — disseram quando ele tentou beber rápido demais.

Tubos e cateteres intravenosos foram cuidadosamente removidos por mãos habilidosas, com a pressão correta, e os curativos feitos sobre a pele gelada. Havia uma bata cirúrgica de papel.

— Que ano? — perguntou ele.

Sua voz saía da garganta com um atrito seco.

— É cedo — disse o médico, um médico diferente.

Troy piscava por causa das fortes luzes; não reconheceu nenhum dos homens que estavam cuidando dele. O mar de caixões à sua volta permanecia um borrão.

— Não tenha pressa — disse o assistente, inclinando o copo.

Troy conseguiu dar alguns goles. Ele se sentia pior que na vez anterior. Tinha sido mais longa. O frio era profundo por dentro dos ossos. Ele lembrava que seu nome não era Troy. Devia estar morto. Parte dele não tinha gostado de ser incomodada. Outra parte torcia para que ele tivesse dormido durante o pior.

— Senhor, sentimos muito por despertá-lo, mas precisamos de sua ajuda.

— Seu relatório...

Dois homens estavam falando ao mesmo tempo.

— Outro silo está com problemas, senhor. O Silo 18...

Surgiram comprimidos. Troy os dispensou. Ele não queria mais tomá-los.

O médico hesitou. As duas cápsulas ficaram na palma de sua mão. Ele virou para consultar outra pessoa, um terceiro homem. Troy continuava a piscar na tentativa de que o mundo entrasse em foco. Disseram alguma coisa. Dedos se fecharam em volta dos comprimidos, o que o encheu de alívio.

Eles o ajudaram a se levantar, e havia uma cadeira de rodas à espera. Um homem estava de pé atrás dela, com cabelos tão brancos quanto seu macacão, um queixo quadrado e um corpo forte, traços que não eram

estranhos. Troy o reconheceu. Aquele era o homem que despertava os congelados.

Tomou outro gole de água quando se apoiou na cápsula. Os joelhos tremiam de fraqueza e frio.

— O que *tem* o Silo 18? — Troy sussurrou a pergunta quando o copo foi baixado.

O médico franziu a testa e não disse nada. O homem atrás da cadeira de rodas o analisou com atenção.

— Eu conheço você — disse Troy.

O homem de branco assentiu. A cadeira de rodas estava à sua espera. Troy sentiu o estômago se revirar conforme as partes adormecidas de seu corpo se movimentavam.

— Você é o Senhor Degelo — disse ele, apesar de aquilo não soar muito certo.

A bata de papel era quente. Ela farfalhou quando seus braços foram guiados por dentro das mangas. Os homens que faziam os procedimentos nele estavam nervosos. Não paravam de falar: um deles dizia que o silo estava caindo; outro, que precisavam da ajuda dele. Troy só se preocupava com o homem de branco. Eles o ajudaram a chegar à cadeira de rodas.

— Acabou? — perguntou.

Ele observou o homem sem cor. Sua visão começava a clarear, sua voz ficava mais forte. Ele esperava muito que tivesse dormido durante tudo isso.

O Senhor Degelo sacudiu a cabeça com tristeza enquanto Troy era colocado na cadeira.

— Infelizmente, filho — disse uma voz familiar —, está só começando.

25

O ano do Grande Levante
Silo 18

Dias de morte eram dias de nascimento. Era o que diziam para aliviar a dor, aqueles que ficavam para trás. Um homem velho morre, e alguém é sorteado na loteria. Crianças choram enquanto pais esperançosos derramam lágrimas de alegria. Dias de morte eram dias de nascimento, e ninguém sabia disso melhor que Mission Jones.

Amanhã seria seu décimo sétimo aniversário. Amanhã ele ia ficar um ano mais velho. E também faria dezessete anos desde o dia da morte de sua mãe.

O ciclo da vida estava em toda parte, ele envolvia todas as coisas como a grande escada em espiral, mas em lugar nenhum era mais evidente, em nenhum outro local era possível ver tão claramente que uma vida dada era também uma vida tomada quanto nele mesmo. E por isso Mission via seu aniversário sem alegria, com uma carga pesada nas costas jovens, pensando na morte, sem comemorar nada.

Três degraus abaixo dele, no mesmo ritmo, Mission pôde ouvir o amigo Cam respirar com dificuldade por conta do peso que carregava. Quando a Expedição os indicara para uma missão dupla, os dois rapazes disputaram no cara ou coroa quem iria acima, e Cam perdera. Isso deixara Mission no topo com uma vista livre das escadas. Também dava a ele o direito de ditar a velocidade, e seus pensamentos sombrios se traduziam em um ritmo intenso.

Naquela manhã, o tráfego estava leve na escadaria. As crianças ainda não tinham acordado e saído para a escola, aquelas que ainda frequentavam. Alguns comerciantes com olhos sonolentos cambaleavam para o trabalho. Havia trabalhadores com manchas de gordura na barriga e remendos costurados nos joelhos saindo de turnos noturnos. Um homem descia levando mais do que um não portador deveria, mas Mission não estava com ânimo de largar seu fardo para pesar o de outra pessoa. Bastava encarar o cavalheiro e fazer com que ele soubesse que tinha sido visto.

— Só faltam três — falou ofegante para Cam quando passavam pelo trinta e cinco.

A correia de portador marcava seus ombros por causa da carga pesada. Seu destino era ainda mais pesado. Mission não ia às fazendas em quase quatro meses, não tinha visto o pai em quase todo este mesmo tempo. O irmão, é claro, ele via no Ninho de vez em quando, mas mesmo assim fazia algumas semanas. Chegar lá tão perto de seu aniversário seria estranho, mas não havia como evitar. Ele confiava que o pai faria como sempre tinha feito: iria ignorar completamente a ocasião, ignorar o fato de que ele estava envelhecendo.

Quando passaram pelo trinta e cinco, entraram em outro vão entre níveis, cheio de pichações. O odor fétido de tinta feita em casa pairava no ar. Um trabalho recente escorria em alguns lugares, partes feitas na noite anterior. Letras grossas que envolviam a parede curva de concreto bem além do corrimão da escadaria e diziam:

O Sil é nosso.

A gíria para silo parecia datada, apesar de a tinta ainda não estar seca. Ninguém mais dizia isso. Não em muitos anos. Muito mais acima e por gente muito mais velha.

Limpem isso, filhos da...

O restante estava coberto por uma camada censora de tinta. Como se alguém pudesse ler aquilo e não preencher a lacuna. Na verdade, a

grande ofensa estava na primeira metade.

Abaixo quem está em cima!

Mission riu dessa. Ele apontou a inscrição para Cam. Provavelmente aquilo foi pichado por algum garoto nascido acima dos intermediários e cheio de autocrítica, um garoto que não podia suportar a própria boa sorte. Mission conhecia o tipo desses garotos. Eles eram o *seu* tipo. Estudava toda aquela pichação feita sobre a pichação do ano passado e essa sobre a de todos os muitos anos anteriores. Era ali, entre os níveis, onde as vigas de aço se projetavam da escadaria para dentro do cimento, que esses slogans traziam de volta gerações.

O fim está próximo...

Mission passou por esta sem argumentos. O fim *estava* próximo. Ele podia senti-lo nos ossos. Podia ouvi-lo no chacoalhar ofegante do silo, com seus parafusos soltos e suas juntas enferrujadas; podia vê-lo no modo como ultimamente as pessoas andavam com os ombros encolhidos, os pertences apertados contra o peito. O fim estava próximo para todos eles.

O pai dele riria e discordaria, é claro. Mission podia ouvir a voz do pai apesar de todos os níveis de distância, dizendo a ele como as pessoas tinham achado a mesma coisa muito antes dele e de seu irmão nascerem, que era a arrogância de cada geração achar que sua época era especial, que todas as coisas iriam chegar ao fim com eles. Seu pai disse que era *esperança* que fazia as pessoas sentirem isso, não medo. As pessoas falavam que o fim estava próximo com sorrisos mal disfarçados. Eles rezavam para que, quando morressem, não fossem sozinhos. A esperança era de que ninguém tivesse a boa sorte de vir depois deles e viver uma vida feliz sem eles.

Pensamentos assim fizeram o pescoço de Mission coçar. Ele segurou a correia de carga com uma das mãos e ajustou o lenço em torno do

pescoço com a outra. Era um hábito nervoso, esconder o pescoço quando pensava sobre o fim das coisas.

— Está tudo bem aí em cima? — perguntou Cam.

— Estou bem — gritou de volta Mission, percebendo que tinha reduzido a velocidade.

Agarrou sua correia com as duas mãos e se concentrou no ritmo, no trabalho. Havia um metrônomo em sua cabeça pelos seus dias de sombra, um tique-taque, tique-taque para cargas duplas. Dois portadores com bom *timing* podiam entrar em sintonia e subir uma dezena de lances sem nunca sentir o peso da carga. Mission e Cam ainda não tinham chegado lá. De vez em quando um deles tinha que trocar o apoio dos pés ou ajustar o passo para acompanhar o outro. Do contrário, a carga deles podia balançar perigosamente.

A carga deles. Era mais fácil pensar nela assim. Melhor não pensar como um cadáver, um homem morto.

Mission pensou em seu avô, que ele nunca conhecera. Ele havia morrido no levante de 78 e deixado um filho para assumir a fazenda e uma filha para se tornar lascadora. A tia de Mission deixara esse emprego alguns anos antes. Ela não descascava mais os pontos de ferrugem ou preparava e pintava aço bruto. Ninguém fazia. Ninguém se dava o trabalho. Mas o pai dele ainda cuidava da mesma área de terra, a mesma área que gerações de homens da família Jones tinham cultivado, sempre insistindo que as coisas jamais iriam mudar.

— Essa palavra também significa outra coisa, sabia? — disse-lhe certa vez seu pai, quando Mission tinha falado de revolução. — Ela também significa rodar e rodar. Girar. Uma revolução, e você volta ao mesmo lugar onde começou.

Esse era o tipo de coisa que o pai de Mission gostava de dizer quando os padres vinham enterrar um homem embaixo de seu milharal. Seu pai batia a terra com uma pá, dizia que esse era o caminho natural das coisas e plantava uma semente na pequena cavidade feita por seu polegar.

Mission contara aos amigos esse outro significado de revolução. Ele fingira ter descoberto sozinho. Era o tipo de bobagem pseudointelectual

com o qual eles divertiam uns aos outros até tarde da noite em andares escuros enquanto cheiravam cola feita de batata em sacos plásticos.

Seu melhor amigo, Rodny, foi o único que não ficou impressionado.

— Nada muda até que nós *façamos* mudar — dissera ele com um olhar sério.

Mission se perguntou o que seu melhor amigo estaria fazendo naquele instante. Ele não via Rodny havia meses. Não sabia de quem ele se tornara sombra na TI, mas era alguém que não o deixava sair muito.

Ele recordou dias melhores, crescendo no Ninho com amizades firmes como um punho. Lembrou-se de pensar que eles todos iam ficar juntos e envelhecer no topo. Iam viver pelos mesmos corredores, ver seus futuros filhos brincarem como eles haviam feito.

Mas todos haviam seguido caminhos diferentes. Era difícil lembrar quem fora o primeiro, quem tinha se livrado das expectativas dos pais para seguir os próprios passos, mas, no fim, todos fizeram isso. Todos deixaram a casa para escolher um novo destino. Filhos de encanadores viraram fazendeiros. Filhas de gente do refeitório aprenderam a costurar. Filhos de fazendeiros viraram portadores.

Mission se lembrava de ter ficado com raiva quando saiu de casa. Ele se lembrava de uma briga com o pai, de jogar sua pá no chão, de prometer que nunca mais cavaria um buraco. Ele havia aprendido no Ninho que podia ser o que quisesse, que estava no controle do próprio destino. Então, quando se sentiu infeliz, imaginou que fossem as fazendas que o estivessem fazendo se sentir daquela forma; supôs que fosse sua família.

Ele e Cam tinham jogado a moeda lá na Expedição para ver quem ia ficar acima, e Mission acabou com os ombros de um homem morto apoiados sobre os seus. Quando ergueu os olhos para examinar os degraus adiante, a parte de trás do seu crânio tocou o alto da cabeça de um cadáver através de um saco plástico — dias de nascimento e dias de morte juntos, dois lados de uma mesma moeda. Mission carregava as duas, a carga feita para dois. Ele galgou dois degraus de cada vez, um ritmo frenético, subindo na direção da fazenda de sua infância.

26

Silo 18

O laboratório da legista ficava no trinta e dois, bem abaixo da fazenda de terra, enfurnado no fim daqueles corredores escuros, úmidos e sinuosos que seguiam por baixo das raízes. O teto era baixo naquele nível intermediário. Canos corriam visíveis do alto e trepidavam enquanto as bombas levavam nutrientes para raízes distantes e sedentas. Dezenas de goteiras eram recolhidas por baldes e vasos. A cada gota, um vaso recém-esvaziado fazia um ruído metálico. Outro transbordava. O piso era escorregadio; as paredes, úmidas como pele suada.

Dentro do laboratório da legista, os rapazes ergueram o corpo e o puseram sobre uma bancada amassada de metal, e a legista assinou os registros de Mission. Ela lhes deu gorjeta pela entrega rápida, e quando Cam viu as fichas extras, seu mau humor pelo esforço de antes desapareceu. De volta ao corredor, ele se despediu de Mission e foi espirrando água das poças na direção da saída.

Mission o observou ir, sentindo que era muito mais velho que o amigo, apesar de ter apenas um ano a mais. Cam não sabia dos planos da noite, do encontro de portadores à meia-noite. Ele tinha inveja do rapaz pelo que ele não sabia.

Sem querer chegar às fazendas de mãos vazias e por isso aturar um sermão do pai sobre preguiça, Mission parou na sala de manutenção perto do corredor para ver se havia algo que precisasse ser levado para cima. Winters estava de serviço, um homem moreno com barba branca e uma habilidade natural com bombas. Ele olhou desconfiado para Mission e disse que não tinha orçamento para portadores. Mission

explicou que ia subir de qualquer jeito e não se importaria de levar o que ele precisasse.

— Nesse caso... — disse Winters.

Ele pegou uma grande bomba d'água em sua bancada de trabalho.

— Perfeito — disse Mission, com um sorriso.

Winters estreitou os olhos como se Mission estivesse com um parafuso solto.

A bomba não cabia na bolsa de portador, mas as tiras externas se prenderam bem em torno dos canos e dos encaixes da peça. Winters o ajudou a passar os braços pelas correias e a prender a bomba às costas. Ele agradeceu ao velho, que lhe lançou outro olhar sério e preocupado, e foi embora subir o andar intermediário. De volta à escadaria, o cheiro de mofo dos corredores úmidos desapareceu, substituído pelo cheiro de greda e solo recém-preparado, aromas familiares que fizeram Mission voltar no tempo.

A plataforma do trinta e um estava lotada com uma aglomeração de pessoas tentando entrar nas fazendas para buscar seu suprimento diário. Afastada deles, havia uma mãe vestindo o verde dos fazendeiros com uma criança chorando nos braços. Ela tinha nos joelhos as manchas de uma colhedora e a expressão agitada de uma pessoa mandada para fora das áreas de cultivo para acalmar seu rebento barulhento. Enquanto Mission passava pela multidão, ouviu a mãe cantar uma conhecida canção infantil. Ela balançava a criança assustadoramente perto da grade de proteção, os olhos do bebê arregalados com o que pareceu a Mission puro medo.

Ele abriu caminho entre a multidão, e o choro do neném foi baixando em meio ao ruído geral. Mission se deu conta de que não via mais muitas crianças. Não era como quando ele era novo. Houve uma explosão de recém-nascidos após a violência perpetrada pela geração anterior, mas, nesses dias, era só o gotejar de mortes naturais e os poucos ganhadores da loteria. Isso significava menos bebês e menos pais felizes.

Ele finalmente passou pelas portas e entrou no salão principal. Mission secou o suor dos lábios com o lenço. Tinha se esquecido de

encher o cantil no nível anterior, e estava com a boca seca. As razões de ter mantido um ritmo tão acelerado agora pareciam tolas. Era como se a proximidade de seu aniversário fosse alguma espécie de prazo a ser cumprido, e por isso o quanto antes visitasse o pai e partisse, melhor. Mas, diante da torrente de imagens e sons de sua infância, seus pensamentos furiosos e sombrios derreteram. Estava em casa, e Mission detestava como era bom estar ali.

Houve alguns olás e acenos enquanto caminhava na direção dos portões. Alguns portadores conhecidos estavam enchendo sacas de frutas e verduras para subir até o refeitório. Ele viu a tia trabalhando em uma das barracas de venda fora do portão de segurança. Depois que desistira de ser lascadora, passara a vender, algo questionável do ponto de vista legal pois nunca havia sido sombra e portanto não tinha nenhum direito de exercer a função. Mission fez o possível para não cruzarem os olhares; não queria que lhe passasse um sermão nem que ela despenteasse seu cabelo ou ajeitasse seu lenço.

Depois das barracas, um punhado de crianças mais novas se amontoava no canto mais distante e escuro, provavelmente negociando sementes, não parecendo assim tão discretas quanto deviam imaginar. Toda a cena no salão de entrada era de um bazar informal, com fazendeiros vendendo diretamente, pessoas vindas de níveis distantes para obter alimentos que eles temiam jamais chegarem a suas oficinas e lojas. Era medo gerando medo, grupos virando multidões, e era fácil perceber como as rebeliões viriam em seguida.

Frankie estava trabalhando no portão de segurança principal, um rapaz alto, magro e desengonçado com quem Mission tinha crescido. Mission secou a testa com a barra da camiseta que usava por baixo, que já estava úmida de suor.

— Ei, Frankie — chamou.

— Mission. — Um cumprimento com a cabeça e um sorriso.

Nenhum ressentimento de outro garoto que tinha trocado sua área de sombra muito tempo antes. O pai de Frankie trabalhava na segurança, lá embaixo na TI. Frankie queria virar fazendeiro, coisa que Mission nunca

havia entendido. A professora deles, a Srta. Crowe, ficara encantada e encorajara Frankie a ir atrás de seus sonhos. E agora Mission achava irônico que Frankie tivesse acabado trabalhando na segurança das fazendas. Era como se não pudesse fugir daquilo que havia nascido para fazer.

Mission sorriu e apontou com o queixo o cabelo na altura dos ombros de Frankie.

— Alguém regou você com fertilizante de crescimento rápido?

Frankie enfiou o cabelo para trás da orelha, envergonhado.

— Eu sei, está bem? Minha mãe ameaça subir aqui e cortar enquanto eu estiver dormindo.

— Fale para ela que eu seguro você enquanto ela fizer isso — disse Mission, rindo. — Aperte o botão aí para eu passar?

Havia um largo portão ao lado para carrinhos de mão e de carga. Mission não estava disposto a se espremer pelas roletas com a bomba enorme presa às costas. Frank apertou um botão, uma campainha soou e Mission empurrou o portão e passou.

— O que está carregando? — perguntou Frankie.

— Uma bomba d'água do Winters. Como tem passado?

Frankie examinou as multidões do outro lado do portão.

— Espere um segundo — disse ele, procurando alguém.

Dois fazendeiros escanearam seus crachás e passaram pelas roletas, falando sem parar. Frankie acenou para uma pessoa de verde e perguntou se podiam cobrir para ele.

— Vamos — disse Frankie a Mission. — Ande comigo.

Os dois velhos amigos seguiram pelo corredor principal na direção da aura brilhante das luzes de cultivo ao longe. Os cheiros eram inebriantes e familiares. Mission se perguntou o que aqueles aromas significavam para Frankie, que havia crescido perto do cheiro fétido da estação de tratamento. Talvez aquilo fedesse para ele da mesma forma que a usina para Mission. Talvez a estação de tratamento trouxesse boas lembranças para Frankie.

— As coisas estão ficando uma loucura por aqui — murmurou Frankie assim que se afastaram dos portões.

Mission assentiu.

— É, eu vi que surgiram outras barracas. Todo dia surgem mais, né?

Frankie segurou o braço de Mission e reduziu o passo para que tivessem mais tempo para conversar. De uma das salas saía cheiro de pão fresco. Era longe demais da padaria do sete para haver pão quente, mas as coisas estavam mudando. A farinha provavelmente era moída em algum lugar nas profundezas das fazendas.

— Já viu o que eles estão fazendo no refeitório, não viu? — perguntou Frankie.

— Levei uma carga lá em cima há algumas semanas — disse Mission. Ele enfiou os polegares embaixo das correias dos ombros e puxou a bomba pesada mais para cima dos quadris. — Vi que eles estavam construindo alguma coisa junto dos telões das paredes. Não vi o que era.

— Estão começando a cultivar broto de feijão lá em cima — disse Frankie. — Supostamente, milho também.

— Acho que isso vai significar menos viagens para nós daqui para lá — disse Mission, pensando como um portador. Ele deu um chute de leve na parede com o bico da bota. — Roker vai ficar puto quando souber.

Frankie mordeu o lábio e apertou os olhos.

— É, mas não foi Roker quem começou a plantar os próprios feijões lá embaixo, na Expedição?

Mission remexeu os ombros. Seus braços estavam ficando dormentes. Não estava acostumado a ficar parado de pé com uma carga, estava acostumado a se movimentar.

— Mas é diferente — observou. — Aquilo é alimento para a subida.

Frankie balançou a cabeça.

— É, mas ele não está sendo hipercrítico?

— Você não quer dizer hipócrita?

— Não importa, cara. O que estou dizendo é que todo mundo tem uma desculpa. "Estamos fazendo porque eles estão fazendo e outra pessoa começou. Então qual o problema se estamos fazendo um pouco mais que eles?" A atitude é essa, cara. Mas aí temos um problema quando o grupo seguinte faz um pouco mais. Essas coisas funcionam como uma engrenagem.

Mission olhou do outro lado do corredor o brilho das luzes distantes.

— Não sei — disse ele. — A prefeita ultimamente parece estar deixando as coisas soltas.

Frankie riu.

— Você acha mesmo que a prefeita está no comando? A prefeita está com medo, cara. Com medo e velha.

Frankie virou para trás e espiou o corredor para ter certeza de que não vinha ninguém. Ele era nervoso e paranoico desde criança. Havia sido algo divertido quando era mais novo; agora era triste e um pouco preocupante.

— Lembra quando conversamos sobre um dia estarmos no controle? Como as coisas seriam diferentes?

— Parece que não funciona assim — disse Mission. — Quando estivermos no controle, vamos ser tão velhos quanto eles e não vamos mais nos importar. E aí *nossos* filhos vão poder *nos* odiar por fazer a mesma merda.

Frankie riu, e a tensão em sua estrutura rígida pareceu relaxar.

— Aposto que você tem razão.

— É, bem, eu preciso ir antes que meus braços caiam. — Mission se endireitou, posicionando a bomba um pouco mais para o alto das costas com um levantar de ombros.

Frankie deu um tapinha em seu ombro.

— É. Bom ver você, cara.

— Foi mesmo. — Mission balançou a cabeça e fez a volta para ir.

— Ah, ei, Mish...

Ele parou e olhou para trás.

— Você vai ver a Corva alguma hora dessas?

— Vou passar por lá amanhã — disse ele, supondo que fosse sobreviver à noite.

Frankie sorriu.

— Diga para ela que eu mandei um oi, pode ser?

— Digo — prometeu Mission.

Mais um nome para acrescentar à lista. Se ele pudesse cobrar dos amigos por todas as mensagens que levava para eles, teria muito mais que as 384 fichas que já havia economizado. Meia ficha por cada "Oi" que levasse para a Corva e a essa altura já teria o próprio apartamento. Não precisaria ficar nos pontos de parada. Mas mensagens de amigos pesavam muito menos do que pensamentos sombrios, por isso Mission não se importava que elas ocupassem espaço. Elas afastavam os outros. E Deus sabia que Mission já carregava seu fardo, e era do tipo mais pesado.

27

Silo 18

Teria feito mais sentido e sido menos agressivo com as costas de Mission deixar a bomba antes de visitar o pai, mas o motivo de transportá-la, afinal, era que o velho o visse com a carga. Por isso ele seguiu para os corredores de plantação e na direção da mesma estação de cultivo em que seu avô havia trabalhado, assim como, supostamente, seu bisavô. Passou pelos feijões e mirtilos, depois pelas abóboras e batatas. Em uma área de milho que parecia pronta para colheita, Mission encontrou o pai de quatro do jeito que sempre se lembrava dele: com uma pazinha escavando a terra, as mãos arrancando ervas daninhas por hábito, como uma garota que enrola repetidas vezes os dedos no cabelo sem nem mesmo se dar conta do que está fazendo.

— Pai.

Seu velho virou a cabeça para ele, o suor reluzindo na testa sob o calor das luzes de cultivo. Houve um vislumbre de sorriso antes que esse derretesse. O meio-irmão de Mission, Riley, surgiu por trás de uma fileira de milho ao fundo, uma pequena cópia de doze anos do pai, com as mãos cobertas de terra. Ele foi mais rápido no cumprimento, berrando "Mission!" enquanto corria em sua direção.

— O milho parece bom — disse Mission.

Ele apoiou a mão na grade de proteção, o peso da bomba acomodado sobre suas costas, e estendeu o braço para dobrar uma folha com o polegar. Umidade. As espigas estavam a algumas semanas da colheita, e o cheiro o transportou imediatamente ao passado. Viu um inseto

subindo pelo caule e matou o parasita esmagando-o entre os dedos com rapidez.

— O que você trouxe para mim? — gritou o irmão menor.

Mission riu e despenteou o cabelo escuro do garoto, uma herança da mãe do menino.

— Desculpe, carinha. Eu vim muito carregado dessa vez.

Ele virou um pouco para que Riley — e seu pai — pudesse ver. O irmão subiu na parte de baixo da grade e se debruçou para observar melhor.

— Por que você não bota isso no chão um pouco? — perguntou o pai.

Ele esfregou as mãos para manter a terra preciosa do lado certo da cerca, depois estendeu a mão e apertou a de Mission.

— Você está com uma cara boa.

— Você também, pai. — Mission teria estufado o peito e se esticado para ficar mais alto se isso não significasse cair de costas por causa do peso da bomba. — Então, o que é isso que ouvi sobre o refeitório estar plantando broto de feijão?

Seu pai resmungou e sacudiu a cabeça.

— Milho também, pelo que ouvi dizer. Mais malditos fornecedores. — Ele enfiou um dedo no peito de Mission. — Isso afeta vocês, rapazes, sabiam?

O pai estava falando sobre os portadores, e havia um tom de já ter dito aquilo a ele. Sempre havia aquele tom.

Riley puxou o macacão de Mission e pediu para segurar a faca dele. Mission sacou-a da bainha e a entregou enquanto estudava o pai, com um silêncio crescente entre eles. O pai parecia mais velho. Sua pele estava da cor de madeira lustrada, um tom escurecido e doentio por trabalhar tempo demais sob as luzes de cultivo. Aquilo se chamava "bronzeado", e você podia identificar um fazendeiro a dois andares de distância por causa disso.

Um calor intenso irradiava das lâmpadas acima, e a raiva que Mission carregava quando estava longe de casa derreteu em uma tristeza

profunda. O espaço que a mãe havia deixado vazio podia ser sentido. Era um lembrete para Mission do que seu nascimento havia custado. Ainda sentia pena do pai por causa de sua pele desgastada e das manchas negras no nariz, pelos anos de sofrimento. Aquelas eram marcas de todos os que vestiam verde e trabalhavam na terra, que labutavam entre os mortos do silo.

Mission teve uma recordação sólida de quando era menino: brandindo uma pazinha que, naquela época, parecia uma pá gigantesca. Ele estava brincando entre as fileiras do milharal, virando punhados de terra, imitando o pai, quando, sem avisar, seu velho agarrou seu pulso.

— Não cave aí — dissera o pai com um tom ríspido.

Isso foi antes de Mission ter presenciado seu primeiro funeral, antes que tivesse visto por si mesmo o que havia debaixo das sementes. Depois daquele dia, aprendeu a identificar as elevações onde o solo ficava mais escuro após ser revolvido.

— Vejo que eles botaram você para carregar peso — disse o pai, interrompendo o silêncio.

Ele imaginou que a carga de Mission tivesse sido designada pela Expedição. Mission não o corrigiu.

— Eles nos fazem carregar o que nós aguentamos — respondeu ele. — Os portadores mais velhos levam correspondência. Cada um de nós transporta o que pode.

— Lembro quando saí da sombra pela primeira vez — disse seu pai. Ele apertou os olhos e esfregou a testa, apontando com o queixo para baixo. — Fiquei com as batatas enquanto meu superior voltou a colher mirtilos. Dois para o cesto, um para ele.

Aquela história de novo, não. Mission observou Riley experimentar a extremidade da faca com a ponta do dedo. Estendeu a mão para pegar a faca de volta, mas seu irmão a afastou dele.

— Os portadores mais velhos ficam encarregados da correspondência porque *podem* ficar encarregados da correspondência — explicou o pai.

— Você não sabe do que está falando — disse Mission. A tristeza tinha desaparecido; a raiva, voltado. — Os portadores velhos têm

problemas nos joelhos, é por isso que ficamos com as cargas pesadas. Além disso, o pagamento do meu bônus é calculado por quilo e pelo tempo que levo, por isso não me importo.

— Ah, sim. — O pai gesticulou para os pés de Mission. — Eles pagam a você em bônus, e você paga a eles com seus joelhos.

Mission podia sentir o rosto se retesar, sentir a revolta da cria contra o progenitor queimar em torno de seu pescoço.

— Eu só estou dizendo, filho, que, quanto mais velho você fica, mais prioridade tem, conquista o direito de escolher suas tarefas. Só isso. Eu só quero que você se cuide.

— Estou me cuidando, pai.

Riley subiu, sentou no alto da grade e exibiu os dentes para seu reflexo na faca. O garoto já tinha uma faixa de sardas no nariz, o início de um bronzeado de fazendeiro. Carne danificada de carne danificada, tal pai, tal filho. E Mission podia visualizar com facilidade Riley anos à frente, do outro lado daquela grade, adulto com o próprio filho. Isso o fez se sentir grato por ter conseguido escapar das fazendas para um trabalho que não levava para casa toda noite embaixo das unhas.

— Você vai almoçar com a gente? — perguntou o pai, talvez sentindo que estivesse afastando Mission.

— Se você não se importar — disse Mission. Ele sentiu uma pontada de culpa por seu pai esperar alimentá-lo, mas gostou de não ter que perguntar. E iria magoar a madrasta se ele não a visitasse. — Mas depois vou ter que correr. Esta noite tenho... que fazer uma entrega.

O pai franziu a testa.

— Mas você tem tempo para ver Allie, não tem? Ela está sempre perguntando por você. Os rapazes daqui estão na fila para se casar com ela se você deixá-la esperando.

Mission esfregou o rosto para esconder sua expressão. Allie era uma grande amiga, seu primeiro e mais breve romance, mas casar com ela seria casar com as fazendas, voltar para casa, viver entre os mortos enterrados.

— Provavelmente não dessa vez — disse ele.

Sentiu-se mal em admitir.

— Tudo bem. Vamos deixar isso para lá. Não desperdice seu bônus jogando conversa fora aqui com a gente. — A decepção na voz do velho era mais forte que as luzes e mais difícil de ocultar. — Vemos você no refeitório em meia hora? — Ele estendeu a mão, segurou a do filho mais uma vez e a apertou. — É bom ver você, filho.

— É bom ver você também.

Mission apertou a mão do pai, depois esfregou as palmas acima da área de cultivo para limpar qualquer vestígio de terra. Riley devolveu a faca com relutância, e Mission a enfiou na bainha. Ele prendeu o fecho em torno do cabo, pensando em como poderia ter que usá-la naquela noite. Refletiu por um instante se devia avisar o pai, pensou em dizer a ele e a Riley para ficarem em casa até de manhã, não ousarem sair.

Mas se segurou, deu um tapinha no ombro do irmão e seguiu para a sala das bombas no fim do corredor. Enquanto caminhava pelas fileiras de plantadores e colhedores, pensou nos fazendeiros que vendiam a própria produção em barraquinhas improvisadas e moíam a própria farinha. Pensou sobre o refeitório cultivar os próprios brotos de feijão e milho. E pensou nos planos recém-descobertos de transportar algo pesado de um andar para outro sem o envolvimento de portadores.

Todo mundo estava tentando cuidar de si mesmo caso a violência voltasse. Mission podia senti-la fermentando, a desconfiança e a suspeita, os muros sendo erguidos. Todos estavam procurando depender um pouco menos dos outros, se preparando para o inevitável, se protegendo.

Quando se aproximou da sala das bombas, ele soltou as correias de sua carga, e um pensamento perigoso passou pela sua cabeça, uma revelação: e se todo mundo estivesse tentando chegar a um ponto em que não *precisassem* um do outro, como exatamente isso iria ajudar todos eles a conviver?

28

Silo 18

As luzes da grande escadaria em espiral eram reduzidas à noite para que os homens e o silo pudessem dormir. Era nas horas da madrugada em que as crianças já haviam sido postas para dormir com canções de ninar havia muito tempo e só pessoas com a mente atormentada circulavam. Mission estava absolutamente imóvel na escuridão e aguardava. De algum lugar acima dele veio o som de cordas sendo amarradas com firmeza e depois deslizando pelo metal — o ruído das fibras enrolando-se no metal e sendo tensionadas.

Um grupo de portadores se juntou a ele na escada. Mission apertou o rosto contra a coluna interna, e o aço esfriou sua pele. Ele controlou a respiração e ouviu a corda. Conhecia bem os sons que elas faziam, podia sentir a queimação no pescoço, aquele ferimento elevado, cicatrizado pelos anos, uma marca que os outros olhavam, mas raramente mencionavam em voz alta. E mais uma vez, nas profundezas daquela madrugada cinzenta, veio um rangido conhecido conforme uma carga era baixada do alto bem devagar.

Ele esperou pelo sinal. Pensou na corda, na própria vida, e em outras coisas proibidas. Havia um livro na Expedição lá em baixo no setenta e quatro que mantinha registros. No principal ponto de parada para todos os portadores, um enorme livro de registros, feito com uma fortuna em papel, era mantido trancado a chave. Ele continha uma anotação precisa sobre certo tipo de entrega, escrita à mão para que a informação não vazasse em mensagens eletrônicas.

Mission tinha ouvido falar que os portadores mais antigos mantinham registro de certos tipos de tubulação nesse livro, mas não sabia por quê. Metal, também, e vários tipos de fluidos e pós vindos da química. Se você requisitasse alguma dessas coisas, ou muita corda, era colocado na lista de observação. Os portadores eram os senhores dos boatos. Eles sabiam para onde tudo ia. E seus sussurros se condensavam na Expedição, onde eram anotados.

Mission escutou a corda ranger e cantar na escuridão. Ele sabia como era ter um pedaço daquilo apertado em torno do pescoço. Parecia-lhe estranho alguém pedir corda o suficiente para se enforcar e ninguém se importar. Se bastava para ligar alguns andares, as pessoas logo ficavam desconfiadas.

Ele arrumou seu lenço e pensou no horário. Um homem podia tirar a própria vida, ele pensou, desde que não tirasse o emprego de outro.

— Preparem-se — um sussurro ecoou do alto.

Mission apertou o cabo da faca e se concentrou na tarefa. Seus olhos se esforçaram para ver na luz fraca. Ele podia ouvir a respiração ritmada dos colegas portadores à sua volta. Sem dúvida cada um segurava a própria faca em expectativa.

As facas vinham com o emprego. Uma faca de portador para abrir produtos entregues, para cortar frutas e comer nas viagens, e para manter a paz enquanto seu proprietário circulava por todas as alturas e profundidades do silo, correndo seus riscos, dois de cada vez. Agora, Mission apertou a sua na mão, aguardando a ordem.

Duas voltas escadaria acima, em um andar mal-iluminado, um grupo de fazendeiros discutia em voz baixa enquanto cuidava da outra extremidade daquela corda, fazendo um trabalho de portador no escuro para economizar cem ou duzentas fichas. Além da grade de proteção, a corda estava invisível no escuro. Ele teria que debruçar para fora e tatear às cegas para encontrá-la. Sentiu um halo de calor em volta do pescoço, e o cabo de sua faca estava escorregadio na mão suada.

— Ainda não — murmurou Morgan, e Mission sentiu a mão de seu antigo superior no ombro, contendo-o.

Mission esvaziou a mente. Outro rangido baixo, o som da corda sustentando a tensão de um gerador pesado, e um borrão denso e cinza começou a flutuar pelo fundo negro. Os homens acima sufocavam o grito enquanto transportavam a carga, ao fazerem de verde o trabalho dos homens de azul.

Enquanto a mancha cinza se movia lentamente, Mission pensou nos perigos da noite e ficou impressionado com o medo em seu coração. De repente, passou a ter uma preocupação com sua vida, a mesma com que uma vez tentara acabar, uma vida que nunca devia ter existido. Pensou na mãe e se perguntou como ela era, além da desobediência que havia lhe custado a vida. Isso era tudo o que ele sabia da mãe. Sabia que o implante em seu quadril tinha dado errado, como podia ocorrer com um a cada dez mil. E em vez de informar o problema, e a gravidez, ela o havia escondido naquelas roupas folgadas até ser tarde demais para o Pacto permitir que uma criança fosse tratada como um cisto.

— Preparem-se — sussurrou Morgan.

A massa cinzenta do gerador desceu lentamente e sumiu de vista. Mission agarrou a faca e pensou em como ele próprio deveria ter sido extraído de seu ventre e descartado. Mas, após certa data, a vida de um era trocada pela do outro. O Pacto era assim. Nascido atrás das grades, Mission recebeu a liberdade, enquanto sua mãe foi mandada para a limpeza.

— Agora — comandou Morgan, e Mission levou um susto.

Botas de couro macio, muito usadas, guincharam nas escadas acima, o som de homens entrando repentinamente em ação. Mission se concentrou em sua parte. Ele ficou contra a grade curva e estendeu o braço para o espaço adiante. Sua mão encontrou a corda, rígida como aço. Pressionou a lâmina contra a linha tesa.

O ruído era como o de um tendão se rompendo, as primeiras fibras partindo apenas com um toque de sua lâmina afiada.

Mission só teve um momento para pensar nas pessoas na plataforma inferior, os cúmplices dos fazendeiros que esperavam dois níveis abaixo. Homens subiram correndo pelas escadas. Mission desejou se juntar a

eles. Com poucos movimentos, o restante da corda se partiu, e Mission pensou ter ouvido o gerador pesado assoviar ao ganhar velocidade. No instante seguinte, houve um estrondo violento, homens gritando agitados lá embaixo. Acima, a luta tinha começado.

Com uma das mãos na grade e a outra agarrando a faca, Mission subiu a escada três degraus de cada vez. Correu para se juntar ao confronto no alto, sua lição da meia-noite sobre quebrar o Pacto, sobre fazer o trabalho de outra pessoa. Grunhidos e gemidos, tapas e golpes surdos vinham daquele andar, e Mission se atirou no meio da confusão, sem pensar nas consequências, apenas naquela única luta.

29

Ano 2212
Silo 1

A cadeira de rodas rangia enquanto se movimentava. Cada revolução produzia um estrépito agudo de contrariedade, seguido por um circuito de completo silêncio. Donald se perdeu nesse som ritmado enquanto era empurrado. Sua respiração condensava no ar. O ambiente guardava o mesmo frio profundo de seus ossos.

Havia fileiras e fileiras de cápsulas dos dois lados. Nomes reluziam em cor de laranja nos pequenos mostradores, nomes inventados, criados para separar o passado do presente. Donald os observou enquanto eles o empurravam na direção da saída. Sentia a cabeça pesada, o fardo da lembrança substituindo os sonhos que se se afastavam e desapareciam como nuvens de fumaça.

Os homens de macacão azul-claro o guiaram pela porta até o corredor. Ele foi conduzido para uma sala familiar com uma mesa familiar. A cadeira de rodas balançou quando tiraram seus pés descalços dos descansos. Ele perguntou quanto tempo tinha se passado, por quanto tempo havia dormido.

— Cem anos — disse alguém.

O que somava cento e sessenta desde a orientação. Não era surpresa que a cadeira de rodas estivesse bamba. Ela era mais velha que ele. Seus parafusos tinham afrouxado ao longo das décadas em que Donald passara dormindo.

Eles o ajudaram a se levantar. Seus pés ainda estavam dormentes devido à hibernação, o frio se transformando em um formigamento doloroso. Uma cortina foi afastada. Pediram a ele que urinasse em um recipiente, o que foi um alívio fantástico. A amostra era da cor de carvão, máquinas mortas eliminadas de seu sistema. A bata de papel não era suficiente para aquecê-lo, apesar de ele saber que o frio estava na própria carne, não na sala. Eles lhe deram mais da bebida amarga.

— Quanto tempo até a mente dele clarear? — perguntou alguém.

— Um dia — disse o médico. — No mínimo, amanhã.

Eles o puseram sentado enquanto tiravam seu sangue. Um senhor de macacão branco e cabelo da mesma cor estava parado à porta, de testa franzida.

— Poupe suas forças — disse o homem de branco.

Ele fez um gesto com a cabeça para que o médico continuasse com o trabalho e desapareceu antes que Donald conseguisse localizá-lo em sua memória vacilante. Ele se sentia tonto enquanto via seu sangue, azul por causa do frio, ser extraído dele.

* * *

Eles pegaram um elevador familiar. Os homens ao seu redor conversavam, mas as vozes pareciam distantes. Donald sentia como se tivesse sido drogado, mas lembrava que tinha parado de tomar os comprimidos. Levou a mão ao lábio inferior, o dedo e a boca formigando, e procurou a afta, a pequena cavidade em que guardava os comprimidos sem engolir.

Mas não encontrou nada. Ela devia ter sido curada durante o sono décadas atrás. As portas do elevador se abriram, e Donald sentiu mais desse sonho se dissipar.

Eles o empurraram por outro corredor, com marcas de fricção nas paredes na altura das rodas, arcos negros no ponto em que a borracha encontrara a tinta. Seus olhos examinaram as paredes, o teto, as lajotas,

todos carregando séculos de desgaste. Parecia que tinha sido ontem, quando eram novos. Agora estavam arrasados pelo excesso de uso, uma repentina deterioração em ruínas. Donald se lembrava de ter projetado corredores exatamente como aquele. Lembrava-se de achar que estavam fazendo algo para durar eras. A verdade sempre estivera ali. A verdade estava no projeto, olhando direto para ele, louca demais para ser levada a sério.

A velocidade da cadeira de rodas foi reduzida.

— A próxima — disse uma voz áspera atrás dele, uma voz familiar.

Donald foi empurrado de uma porta fechada até outra. Um dos auxiliares de enfermagem contornou a cadeira de rodas com um grande chaveiro chacoalhando na cintura. Escolheu uma chave e a enfiou na fechadura com uma série de estalidos. Dobradiças rangeram quando a porta foi empurrada. O interior estava iluminado.

A sala parecia uma cela, mofada com cheiro de falta de uso. A luz no teto piscou antes de acender. Havia um beliche estreito no canto, uma mesinha de cabeceira, uma cômoda e um banheiro.

— Por que estou aqui? — perguntou Donald, com voz vacilante.

— Este vai ser seu quarto — disse o auxiliar de enfermagem, guardando as chaves dele.

Seus olhos jovens correram para o homem que empurrava a cadeira de rodas como se buscasse confirmação para sua resposta. Outro jovem de azul-claro veio apressado remover os pés de Donald dos suportes e colocá-los sobre o carpete, gasto pelos anos de uso.

A última lembrança de Donald era de ser seguido por cães rosnando com asas de couro, perseguido em uma montanha de ossos. Mas isso era um sonho. Qual era sua última lembrança *real*? Ele se lembrava de uma seringa. Ele se lembrava de morrer. Essa sensação era real.

— Quer dizer... — Donald engoliu dolorosamente. — Por que eu estou... *acordado*?

Ele quase disse *vivo*. Os dois auxiliares de enfermagem trocaram olhares enquanto o ajudavam a sair da cadeira e ir para o beliche de baixo. A cadeira de rodas rangeu uma vez quando foi empurrada de volta

para o corredor. O homem que a conduzia parou. Seus ombros largos fizeram o vão da porta parecer pequeno.

Um dos auxiliares tomou o pulso de Donald, dois dedos apertando de leve em cima de duas veias azul-gelo, os lábios se movendo enquanto ele contava em silêncio. O outro jogou dois comprimidos em um copo de plástico e tentou abrir a tampa de uma garrafa de água.

— Isso não vai ser necessário — disse a silhueta na porta.

O auxiliar com os comprimidos olhou por cima do ombro quando o homem mais velho entrou no quartinho e deslocou parte do ar. O quarto encolheu. Ficou mais difícil para Donald respirar.

— Você é o Senhor Dege... — sussurrou Donald.

O velho com cabelo branco fez um gesto com a mão para os dois auxiliares de enfermagem.

— Deem um momento para nós — disse ele.

O que estava segurando o pulso de Donald terminou de contar e balançou a cabeça para o outro. Comprimidos não tomados chacoalharam num copo de papel quando foram guardados. O rosto do homem mais velho tinha despertado alguma coisa em Donald, penetrado através da confusão de visões e sonhos.

— Eu me lembro do senhor — disse Donald. — É o Senhor Degelo.

Ele deu um sorriso, tão branco quanto o cabelo, formando rugas em torno dos lábios e dos olhos. A cadeira no corredor rangia enquanto era levada embora. A porta se fechou com um estalido. Donald achou ter ouvido a fechadura trancar, mas seus dentes batiam de vez em quando, e sua audição ainda estava confusa.

— Thurman — disse o homem, corrigindo-o.

— Eu lembro — disse Donald.

Ele se lembrava de sua sala, a que ficava no alto, e de outro escritório bem longe, em algum lugar onde ainda chovia, onde crescia grama e as cerejeiras floresciam uma vez por ano. Aquele homem já havia sido senador.

— O fato de você lembrar é um mistério que precisamos solucionar. — O velho inclinou a cabeça. — Por enquanto, é bom que lembre. Nós

precisamos que você lembre.

Thurman se encostou na cômoda de metal. Parecia que não dormia há dias. O cabelo estava despenteado, não exatamente como Donald se lembrava. Havia olheiras escuras sob seus olhos tristes. De algum modo ele parecia muito mais... velho.

Donald olhou para as palmas das próprias mãos. As molas da cama faziam com que o quarto parecesse estar balançando. Veio à sua memória outra vez a imagem de um homem se lembrando do próprio nome e querendo ser livre.

— Meu nome é Donald Keene.

— Então você lembra. E você sabe quem eu sou? — Ele pegou um papel dobrado e aguardou uma resposta.

Donald assentiu.

— Bom. — O Senhor Degelo virou-se e pôs o papel dobrado sobre a cômoda. Depois o arrumou de modo a ficar parecendo uma tenda. — Precisamos que você se lembre de tudo — disse ele. — Estude este relatório quando a confusão passar, veja se ele evoca alguma coisa. Quando seu estômago melhorar, vou mandar trazerem uma refeição decente.

Donald esfregou as têmporas.

— Você esteve apagado por um bom tempo — disse o Senhor Degelo.

Ele bateu com os nós dos dedos na porta.

Donald remexeu os dedos dos pés sobre o carpete. O tato estava retornando. A porta emitiu um estalido antes de se abrir, e o senador mais uma vez bloqueou a luz que vinha do corredor. Ele por um instante se transformou em sombra.

— Descanse, depois vamos conseguir nossas respostas juntos. Tem uma pessoa que quer ver você.

O quarto foi totalmente fechado antes que Donald pudesse perguntar o que aquilo significava. E de algum modo, com a porta fechada e a partida dele, havia mais ar para respirar naquele espaço pequeno. Donald respirou fundo algumas vezes. Ele se recompôs, se apoiou na estrutura

da cama e tentou se levantar. Ficou de pé por um instante, sem equilíbrio.

— Conseguir nossas respostas — repetiu em voz alta.

Alguém queria vê-lo.

Ele sacudiu a cabeça, o que fez o mundo girar. Como se ele tivesse alguma resposta. Tudo o que tinha eram perguntas. Lembrou-se dos auxiliares de enfermagem que o despertaram conversando sobre algo relacionado à queda de um silo. Ele não conseguia se lembrar de qual. Por que eles iriam despertá-lo por causa disso?

Caminhou sem equilíbrio até a porta, girou a maçaneta e confirmou o que já sabia. Foi até a cômoda onde o papel permanecia equilibrado sobre as dobras.

— Descanse — disse ele, rindo da sugestão.

Como se ele conseguisse dormir. Sentia como se tivesse dormido pela eternidade. Pegou o papel e o desdobrou.

Um relatório. Donald se lembrava daquilo. Era a cópia de um relatório. Um relatório sobre um jovem fazendo coisas horríveis. O quarto girou ao seu redor como se ele estivesse parado em cima de um grande eixo, a memória de homens e mulheres pisoteados e morrendo, de dar algumas ordens terríveis, rostos olhando para ele de um corredor em algum lugar distante no passado.

Donald piscou para afastar uma cortina de lágrimas e estudou o relatório que tremia. Ele escrevera aquilo? Lembrava de tê-lo assinado. Mas aquele não era seu nome. Era sua letra, mas não era seu nome.

Troy.

As pernas de Donald ficaram dormentes. Ele tentou chegar à cama, mas caiu no chão quando as lembranças o tomaram. Troy e Helen. Helen e Troy. Ele se lembrou da esposa. Visualizou-a desaparecendo acima de um morro, com os braços levantados para o céu de onde caíam bombas, sua irmã e uma sombra sem nome puxando-o para trás enquanto pessoas escorriam como água pela encosta, se afunilando em um buraco profundo cheio de névoa branca.

Donald se lembrou. Lembrou tudo o que ele havia ajudado a fazer com o mundo. Havia um garoto perturbado em um silo cheio de mortos, um sombra nos servidores. Aquele garoto havia dado um fim ao Silo 12, e Donald havia redigido um relatório. Mas Donald... O que ele tinha feito? Ele tinha matado mais que um silo cheio de gente; ele tinha criado os projetos que ajudaram a acabar com o mundo. O relatório em sua mão tremia enquanto ele lembrava. E as lágrimas que caíam e atingiam o papel eram tingidas de azul-claro.

30

Silo 1

Um médico levou sopa, pão e um copo grande de água algumas horas mais tarde. Donald comeu com voracidade enquanto o homem conferia seu braço. A sopa quente provocou uma sensação agradável. Ela deslizou até seu âmago e pareceu emanar calor à sua volta. Donald rasgou o pão com os dentes e o engoliu com a água. Comeu com o desespero de muitos anos de jejum.

— Obrigado — disse ele, entre mordidas. — Pela comida.

O médico que verificava sua pressão ergueu os olhos. Era um homem mais velho, corpulento, com sobrancelhas grossas e um tufo de cabelo ralo que se agarrava ao couro cabeludo como uma nuvem ao topo de uma montanha.

— Meu nome é Donald — apresentou-se.

Uma ruga de confusão surgiu na fronte do homem de idade. Seus olhos acinzentados viraram para sua prancheta como se ela ou o paciente estivessem mentindo. A agulha no mostrador saltava com a pulsação de Donald.

— Quem é você? — perguntou Donald.

— Sou o Dr. Sneed — disse ele por fim, mas sem muita confiança.

Donald tomou um grande gole de água. Felizmente eles a haviam deixado à temperatura ambiente. Nunca mais ia querer nada frio dentro dele outra vez.

— De onde o senhor é?

O médico removeu a braçadeira de Donald com um ruído alto.

— Nível dez. Mas eu trabalho no escritório do turno no sessenta e oito. — Ele guardou o equipamento de volta na bolsa e fez uma anotação na prancheta.

— Não, quero saber de onde o senhor é. O senhor sabe... antes.

O Dr. Sneed deu um tapinha no joelho de Donald e se levantou. A prancheta foi para um gancho na parte externa da porta.

— Você pode sentir alguma tontura nos próximos dias. Avise se sentir algum tremor, está bem?

Donald assentiu. Ele se lembrou de ter recebido a mesma recomendação antes. Ou tinha sido no seu último turno? Talvez a repetição fosse para aqueles que tivessem dificuldade de lembrar. Ele não seria uma dessas pessoas. Não dessa vez.

Uma sombra projetou-se dentro do quarto. Donald ergueu os olhos e viu o Senhor Degelo à porta. Ele segurou a bandeja de metal para evitar que escorregasse de seu colo.

O Senhor Degelo fez um aceno com a cabeça para o Dr. Sneed, mas aqueles não eram seus nomes. *Thurman*, Donald disse a si mesmo. Senador Thurman. Isso ele sabia.

— Você tem um instante? — perguntou Thurman ao médico.

— É claro. — Sneed pegou a bolsa e saiu. A porta fechou com um estalido, deixando Donald sozinho com sua sopa.

Ele sorveu as colheradas sem fazer ruído, tentando ouvir alguma coisa dos murmúrios do outro lado da porta. Thurman, ele se lembrou de novo. E não um senador. Senador de quê? Essa época ficara para trás. Donald tinha feito o projeto.

O relatório permanecia dobrado sobre a cômoda, devolvido ao mesmo ponto. Donald deu uma mordida no pão e se lembrou dos andares que ele havia desenhado. Aqueles andares agora eram reais. Eles existiam. As pessoas viviam dentro deles, criando seus filhos, rindo, brigando, cantando no banheiro, enterrando seus mortos.

Alguns minutos se passaram até que a maçaneta baixou e a porta se abriu. O Senhor Degelo entrou sozinho no quarto. Ele fechou a porta e franziu a testa para Donald.

— Como está se sentindo?

A colher bateu com força na beirada da tigela. Donald pôs o talher de lado e segurou a bandeja com as duas mãos para evitar que elas tremessem, para evitar que se transformassem em punhos.

— Você sabe — disse Donald com raiva, entre dentes cerrados. — Você sabe o que nós fizemos.

Thurman levantou os braços.

— Fizemos o que foi preciso.

— Não. Não me venha com essa. — Donald sacudiu a cabeça. A água em seu copo se agitou como se alguma coisa perigosa estivesse se aproximando. — O mundo...

— Nós o salvamos.

— Isso não é verdade! — A voz de Donald vacilou. Ele tentou lembrar. — Não existe mais mundo. — Ele se lembrou da vista do alto, do refeitório. Lembrou-se dos morros de um marrom sem graça, do céu cheio de nuvens ameaçadoras. — Nós acabamos com ele. Nós matamos todo mundo.

— Eles já estavam mortos — disse Thurman. — Todos nós estávamos. Todo mundo morre, filho. A única coisa que importa é...

— Pare. — Donald fez um gesto para afastar as palavras, como se fossem insetos que pudessem picá-lo. — Não há justificativa para isso...

Sentiu a saliva se acumulando e secou os lábios com a manga. A bandeja em seu colo escorregou perigosamente, e Thurman se moveu com rapidez para pegá-la, mais rápido do que se poderia esperar de um homem com sua idade. Ele botou o que sobrou da refeição na mesa de cabeceira e, de perto, Donald pôde ver que ele havia envelhecido. As rugas estavam mais profundas, a pele pendia dos ossos. Perguntou-se quanto tempo Thurman havia passado acordado enquanto Donald dormia.

— Matei muitos homens na guerra — disse Thurman, olhando para a bandeja com a refeição pela metade.

Donald se viu concentrado no pescoço do velho. Ele juntou as mãos para mantê-las paradas. Essa confissão repentina de ter matado pessoas

fez com que parecesse que Thurman podia ler a mente de Donald, como se aquilo fosse uma espécie de alerta para ele deixar de lado seus planos assassinos.

Thurman virou para a cômoda e pegou o relatório dobrado. Ele o abriu, e Donald percebeu as manchas azul-claras, as lágrimas de mais cedo.

— Alguns dizem que quanto mais você mata, mais fácil fica — disse ele.

E parecia triste, não ameaçador. Donald baixou os olhos para os próprios joelhos e viu que eles estavam tremendo. Ele forçou os calcanhares contra o carpete e tentou prendê-los ali.

— Para mim, só ficou pior. Houve um homem no Irã...

— O planeta inteiro, porra — murmurou Donald, pronunciando bem cada palavra. Foi isso que disse, mas só conseguia pensar na mulher, Helen, arrastada para o pé do morro errado, com tudo o que já havia existido se transformando em ruínas. — Nós matamos todo mundo.

O senador respirou fundo e prendeu o fôlego por um instante.

— Eu falei para você — disse ele. — Já estavam todos mortos.

— Você nunca vai me convencer. Você pode me drogar ou me matar, mas eu juro, você nunca vai me convencer.

Thurman analisou o relatório. Ele parecia estar incerto sobre alguma coisa. O papel tremeu levemente, mas talvez fosse o duto de ventilação acima. Enfim, ele balançou a cabeça como se concordasse.

— Drogar você não funciona. Eu já li sobre seu primeiro turno. Há um pequeno percentual de pessoas com alguma resistência. Nós adoraríamos saber por quê.

Donald só conseguiu rir. Ele se apoiou na parede atrás do catre e se aninhou na escuridão fornecida pelo beliche de cima.

— Talvez eu tenha visto demais para esquecer — disse ele.

— Não, eu acho que não. — Thurman baixou a cabeça para que ainda pudesse manter contato visual. Donald bebeu um gole de água, com as duas mãos no copo. — Quanto mais você vê, pior é o trauma, e

melhor o efeito da medicação. Fica mais fácil esquecer. Exceto para algumas pessoas. E foi por isso que tiramos uma amostra.

Donald olhou para o braço. Um quadrado pequeno de gaze tinha sido preso com esparadrapo sobre o ponto de sangue deixado pela agulha do médico. Sentiu uma mistura fervilhante de desamparo e medo crescer dentro dele.

— Você me despertou para extrair meu sangue?

— Não exatamente. — Thurman hesitou. — Sua resistência aos remédios é algo que me deixou curioso, mas você está acordado por que me *pediram* para despertá-lo. Nós estamos perdendo silos...

— Achei que o plano era esse — respondeu Donald, com raiva. — Perder silos. Achei que era isso que você queria. — Ele se lembrou de riscar o Silo 12 com tinta vermelha, todas aquelas inúmeras vidas perdidas. Eles iriam se desfazer dele. Os silos eram dispensáveis. Era isso que lhe haviam dito.

Thurman sacudiu a cabeça.

— Precisamos entender o que quer que esteja acontecendo lá fora. E tem uma pessoa aqui que... que acha que você pode ter esbarrado na resposta. Temos algumas perguntas para você, depois podemos botá-lo para dormir de novo.

Dormir de novo. Então ele não ia ficar acordado por muito tempo. Eles só o haviam despertado para tirar seu sangue e examinar sua mente, e depois iam fazê-lo dormir outra vez. Donald esfregou os braços, que pareciam magros e atrofiados. Estava morrendo naquela cápsula. Apenas mais lentamente do que gostaria.

— Precisamos saber o que você lembra sobre este relatório. — Thurman estendeu o papel.

Donald o afastou com um gesto.

— Já o examinei — disse.

Ele não queria vê-lo de novo. Podia fechar os olhos e ver as pessoas desesperadas saindo para a terra estéril, as pessoas cuja morte ele ordenara.

— Nós temos outros remédios que podem aliviar...

— Não. Chega de drogas. — Donald cruzou os pulsos e estendeu os braços, cortando o ar com as duas mãos. — Olhe, não tenho resistência a suas drogas. — A verdade. Ele estava cansado das mentiras. — Não tem mistério. Eu só parei de tomar os comprimidos.

Foi uma sensação boa admitir aquilo. O que eles podiam fazer, afinal? Botá-lo de volta para dormir? Ele bebeu outro gole de água enquanto deixava que a confissão fosse totalmente assimilada. E engoliu.

— Eu os escondia no canto da boca e depois cuspia. É simples assim. Deve ser a mesma coisa com todo mundo que lembra. Como Hal, ou Carlton, ou qualquer que fosse o nome dele.

Thurman o observava tranquilamente. Ele batia o relatório na palma da mão, parecendo digerir aquilo.

— Sabemos que você parou de tomar os comprimidos — disse ele por fim. — E quando.

Donald deu de ombros.

— Então, mistério resolvido. — Ele terminou sua água e botou o copo vazio de volta na bandeja.

— As drogas às quais você tem resistência não estão nos comprimidos, Donny. As pessoas param de tomar os comprimidos porque começam a lembrar, não param de lembrar porque tomam os comprimidos.

Donald observou Thurman, desconfiado.

— Sua urina muda de cor quando você para de tomá-los. Você desenvolve aftas nas gengivas onde os esconde. Nós procuramos por esses sinais.

— O quê?

— Não há drogas nos comprimidos, Donny.

— Não acredito em você.

— Nós medicamos todo mundo. Há alguns de nós que são imunes, mas você não deveria ser.

— Bobagem. Eu me lembro. Os comprimidos me deixavam zonzo. Assim que parei de tomá-los, eu melhorei.

Thurman inclinou a cabeça para o lado.

— O motivo para ter parado de tomá-los foi porque você estava... Não vou dizer melhorando. Foi porque o medo começou a escapar. Donny, o remédio está na água. — Ele gesticulou para o copo vazio na bandeja.

Donald acompanhou o gesto e se sentiu enjoado na hora.

— Não se preocupe — disse Thurman. — Vamos descobrir as razões disso.

— Eu não quero ajudar você. Não quero falar sobre esse relatório. Não quero ver ninguém que você queira que eu encontre.

Ele queria. Helen. Tudo o que ele queria era sua mulher.

— Milhares de pessoas podem morrer se você não nos ajudar. Há a possibilidade de que você tenha esbarrado em alguma coisa nesse seu relatório, mesmo que eu não acredite nisso.

Donald olhou para a porta do banheiro, pensou em se trancar ali dentro e forçar o vômito, expelir a comida e a água. Talvez Thurman estivesse mentindo para ele. Talvez estivesse contando a verdade. Uma mentira significava que a água era apenas água. A verdade significava que ele tinha algum tipo de resistência.

— Eu mal me lembro de escrever essa porcaria — admitiu.

E quem poderia querer vê-lo? Ele imaginou que seria outro médico, talvez um chefe de silo, talvez a pessoa que estivesse chefiando aquele turno.

Ele esfregou as têmporas, podia sentir a pressão aumentar entre elas. Talvez devesse fazer o que eles queriam e ser posto de volta para dormir, de volta a seus sonhos. De vez em quando ele sonhava com Helen. Era o único lugar em que ele podia estar com ela.

— Está bem — disse ele. — Eu vou. Mas ainda não entendo o que eu poderia saber.

Esfregou o braço do qual haviam extraído sangue. O ponto estava coçando. Uma coceira tão profunda que parecia um grande ferimento.

O senador Thurman assentiu.

— Tendo a concordar com você. Mas não é o que ela acha.

Donald ficou tenso.

— Ela? — Ele examinou os olhos de Thurman, querendo saber se tinha ouvido direito. — Ela quem?

O velho franziu a testa.

— A pessoa que me fez despertar você. — Ele apontou para o beliche. — Descanse um pouco. Vou levá-lo até ela de manhã.

31

Silo 1

Ele não conseguiu descansar. As horas eram cruéis, lentas e incompreensíveis. Não havia relógio para marcar sua passagem, nenhuma resposta para suas batidas frustradas na porta. Donald foi deixado deitado em seu beliche olhando para a rede de arame trançado formando losangos que segurava o colchão acima dele, ouvindo a água correndo até outro quarto pelos canos escondidos. Ele não conseguia dormir. Não tinha ideia se era o meio da noite ou o meio do dia. O silo pesava sobre ele.

Quando o tédio ficou insuportável, Donald cedeu e olhou o relatório pela segunda vez. Ele o estudou com mais atenção. Não era o original; a assinatura estava chapada, e ele se lembrava de ter usado caneta azul.

Mergulhou no relato da destruição do silo e em sua teoria de que os sombras da chefia da TI eram jovens demais. Sua recomendação era elevar a idade. Ele se perguntou se tinham feito isso. Talvez tivessem, mas os problemas persistiam. Também havia menção a um jovem que ele tinha nomeado, um rapaz com uma pergunta. A avó daquele jovem era uma das que se lembrava, bem parecida com Donald. Seu relatório sugeria permitir uma pergunta a cada nomeado. Afinal, eles recebiam o Legado. Por que não mostrar a eles, naquele estágio final da doutrinação, que havia mais verdades a serem descobertas?

Os leves cliques de uma chave entrando na fechadura. Thurman abriu a porta enquanto Donald dobrava e guardava o relatório.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ele.

Donald não respondeu.

— Consegue caminhar?

Ele assentiu. Uma caminhada. Quando o que ele realmente queria era disparar pelo corredor, gritando e quebrando as paredes com socos. Mas uma caminhada seria bom. Uma caminhada antes de seu próximo e longo sono.

* * *

Pegaram o elevador em silêncio. Donald percebeu que Thurman tinha escaneado seu crachá antes de apertar o botão do cinquenta e quatro. Esse número estava reluzente e novo, enquanto tantos outros tinham sido gastos. Se Donald lembrava bem, não havia nada além de suprimentos naquele andar, suprimentos que jamais seriam necessários. O elevador diminuiu a velocidade ao se aproximar de um nível pelo qual normalmente passava direto. As portas se abriram para um grande espaço cavernoso cheio de estantes, repletas de instrumentos mortais.

Thurman o conduziu pelo meio daquilo tudo. Havia caixotes de madeira com "munição" pintado em estêncil nas laterais e engradados mais compridos ao lado, com designações militares como "M22" e "M19". Havia fileiras de estantes com armaduras e capacetes, com caixas identificadas como "primeiros socorros" e "rações", e muitas outras caixas sem identificação. Além das estantes, lonas cobriam formas sinuosas e aladas, as quais ele sabia serem drones. Veículos aéreos não tripulados. Sua irmã os havia pilotado em uma guerra que agora parecia sem sentido e distante, parte da História Antiga. Mas aquelas relíquias ali estavam lubrificadas e cobertas, cheirando a graxa e medo.

Passaram pelos drones e Thurman o conduziu por uma área escura e sombria que fazia o depósito parecer não ter fim. Na extremidade do amplo cômodo, uma luz vazava de uma sala com a porta aberta. Ouviram-se os sons de papel farfalhando e de uma cadeira rangendo quando alguém virou. Donald chegou à porta e, inexplicavelmente, viu-a sentada ali.

— Anna?

Ela estava sentada atrás de uma grande mesa de reunião rodeada por cadeiras idênticas. Ergueu os olhos de uma pasta cheia de papéis e de um monitor de computador. Não havia choque da parte dela, só um sorriso de boas-vindas e um cansaço que esse sorriso não conseguia ocultar.

O pai dela atravessou a sala enquanto Donald permanecia boquiaberto. Thurman apertou o braço da filha e beijou seu rosto, mas os olhos de Anna não deixaram os de Donald. O velho sussurrou algo para ela, depois anunciou que ele tinha trabalho a fazer. Donald não se mexeu até que o senador saísse da sala.

— Anna...

Ela já tinha feito a volta na mesa e o abraçado. Ela começou a murmurar coisas, palavras reconfortantes enquanto Donald desmontava em seus braços, repentinamente exausto. Ele sentiu a mão dela acariciar sua nuca. Seus próprios braços se entrelaçaram nas costas de Anna.

— O que você está fazendo aqui? — sussurrou ele.

— Estou aqui pela mesma razão que você. — Ela se soltou do abraço. — Estou à procura de respostas. — Ela se afastou e examinou a bagunça na mesa. — Talvez para perguntas diferentes.

Um esquema familiar, uma planta com cinquenta silos, cobria a mesa. Cada silo era igual a um prato pequeno, todos eles presos embaixo de uma placa de vidro. Havia umas dez cadeiras ao redor. Donald percebeu que aquela era uma sala de guerra, onde generais ficavam de pé, empurravam modelos e reclamavam das vidas perdidas aos milhares. Ele olhou para os mapas e os gráficos afixados na parede. Havia um banheiro anexo, com uma toalha pendurada em um gancho na porta. Também havia uma cama de armar montada no canto dos fundos, e estava bem-arrumada. A seu lado, um abajur sobre um caixote de madeira do depósito. Fios de extensão serpenteavam aqui e ali, sinais de um escritório havia muito transformado em uma espécie de apartamento.

Ele virou para a parede mais próxima e folheou alguns desenhos. Em alguns lugares havia pilhas com três camadas deles, cobertos de anotações. Não parecia que estavam planejando uma guerra. Parecia uma cena de um dos seriados policiais que costumavam fazê-lo pegar no sono em uma vida passada.

— Você está acordada há mais tempo que eu — disse ele.

Anna parou ao lado dele. A mão dela pousou em seu ombro, e ele levou um susto ao ser tocado.

— Agora tem quase um ano. — A mão dela desceu pelas costas dele antes de cair. — Quer uma bebida? Água? Também tenho um esconderijo de uísque aqui embaixo. Papai não sabe da metade das coisas que eles esconderam nesses engradados.

Donald balançou a cabeça. Ele virou e observou-a até que desaparecesse no banheiro e pudesse ouvi-la abrir a torneira. Ela voltou, bebendo de um copo.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele. — Por que me acordaram?

Ela engoliu e apontou com o copo para as paredes.

— Não... — Ela riu e balançou a cabeça. — Eu ia dizer que não é nada, mas esse é o inferno que me mantém fora de uma caixa e dentro de outra. Não é problema seu, a maior parte disso.

Donald examinou a sala outra vez. Um ano vivendo daquele jeito. Ele voltou sua atenção para Anna, para seu cabelo preso em um coque com uma caneta se projetando dele. Sua pele estava pálida, exceto pelas olheiras profundas. Ele se perguntou como ela conseguira fazer aquilo, viver daquela maneira.

Na parede oposta havia uma cópia impressa idêntica à que estava na mesa, um mapa com círculos, a planta das instalações. Um X vermelho familiar tinha sido riscado sobre o que ele sabia ser o Silo 12 no canto superior esquerdo. Havia outro X vermelho perto, um novo, no que parecia ser o Silo 10. Mais vidas perdidas. E no canto inferior direito da planta, uma confusão que não fazia sentido. A sala pareceu balançar quando ele deu um passo à frente.

— Donny?

— O que aconteceu aqui? — perguntou ele.

Sua voz era um sussurro. Anna se virou para observar o que ele estava vendo. Ela olhou para a mesa, e ele percebeu que a papelada dela estava espalhada em volta do mesmo canto da instalação. A superfície de vidro cheia de anotações escritas em cera vermelha e azul.

— Donny... — Ela se aproximou. — As coisas não estão bem.

Ele se virou e estudou os rabiscos em vermelho no esquema da parede. Havia diversos X e pontos de interrogação. Havia anotações em tinta vermelha com linhas e setas. Dez ou doze silos tinham muitas marcas.

— Quantos? — perguntou ele, tentando contar, calcular os milhares de vidas perdidas. — Estão todos mortos?

Ela respirou profundamente.

— Nós não sabemos. — Ela terminou sua água, caminhou ao longo da mesa comprida, pegou uma das cadeiras e se apoiou sobre ela. Depois, pegou uma garrafa e serviu-se de um pouco do líquido em seu copo plástico.

— Começou com o Silo 40 — disse ela. — Ele apagou há mais ou menos um ano...

— Apagou?

Anna deu um gole no uísque e balançou a cabeça. Passou a língua nos lábios.

— As imagens das câmeras sumiram primeiro. Não de uma vez, mas aos poucos eles acabaram com todas elas. Perdemos contato com os chefes de lá. Não conseguimos promover ninguém. Era o turno de Erskine, na época. Ele seguiu a Ordem e deu o ok para fechar o silo...

— Você quer dizer matar todo mundo.

Anna lançou um olhar para ele.

— Você sabe o que tinha que ser feito.

Donald se lembrou do Silo 12. Lembrou-se de tomar a mesma decisão. Como se houvesse uma decisão a ser tomada. O sistema

funcionava automaticamente. Não estava apenas fazendo o previsto, seguindo uma série de procedimentos escritos por outra pessoa?

Ele estudou o cartaz com as marcas vermelhas.

— E o resto deles? Os outros silos?

Anna terminou o drinque com um gole grande e ficou sem ar. Donald a viu olhando para a garrafa.

— Eles acordaram papai quando o 42 caiu. Dois outros tinham apagado quando ele me chamou.

Mais dois silos.

— Por que você? — perguntou ele.

Ela passou uma mecha solta de cabelo para trás da orelha.

— Porque não havia mais ninguém. Porque todo mundo que tinha participado do projeto desse lugar ou estava morto ou enlouquecendo. Porque papai estava desesperado.

— Ele queria ver você.

Ela riu.

— Não foi isso. Acredite em mim. — Ela acenou com o copo vazio para o conjunto de círculos e os papéis espalhados sobre a mesa. — Eles estavam usando os rádios em frequências altas. Achamos que isso começou com o 40, que talvez o chefe da TI tenha mudado de lado. Tomaram conta da antena e começaram a se comunicar com os outros silos em torno deles, e nós não podíamos impedir. Já cuidaram disso também. Assim que papai desconfiou disso, ele discutiu com os outros que redes sem fio eram minha especialidade. Eles acabaram cedendo. Ninguém queria usar os drones.

— Discutiu com os outros? Quem sabe que você está aqui?

Donald não conseguiu deixar de pensar em como aquilo podia ficar perigoso, mas talvez fosse apenas a voz de sua própria fraqueza.

— Meu pai, Erskine, o Dr. Sneed, os assistentes dele que me despertaram. Mas aqueles assistentes não vão fazer outro turno...

— Congelamento profundo?

Anna franziu a testa e balançou o copo, e Donald se deu conta de quanto havia sido perdido enquanto ele dormia. Turnos inteiros haviam

passado. Outro silo tinha apagado, mais um X riscado no mapa. Um canto inteiro de silos tinha se envolvido em algum tipo de problema. Thurman, enquanto isso, estava acordado havia um ano, cuidando da situação. Sua filha, também. Donald apontou para a sala.

— Você está trancada aqui há um ano? Trabalhando nisso?

Ela moveu a cabeça na direção da porta e riu.

— Eu já fiquei enfurnada em lugares piores por muito mais tempo. Mas sim, é uma droga. Não aguento mais esse lugar.

Ela tomou outro gole. O copo ocultava sua expressão, e Donald se perguntou se talvez ele tivesse sido acordado por causa da fraqueza dela, assim como ela podia ter sido acordada devido à fraqueza do pai. O que viria em seguida? Ele procurando pela irmã, Charlotte, no congelamento profundo?

— Nós já perdemos contato com onze silos. — Anna olhou para dentro do copo. — Acho que consegui que parasse, mas ainda estamos tentando descobrir como aconteceu ou se ainda tem alguém vivo por lá. Eu pessoalmente acho que não, mas papai quer mandar batedores ou drones. Todo mundo diz que é arriscado demais. E agora parece que o 18 vai se incendiar.

— E eu devo ajudar? O que seu pai acha que eu sei?

Ele deu a volta na mesa de planejamento e apontou para a garrafa. Anna encheu seu copo e passou a bebida para ele; depois pegou outro copo ao lado do monitor enquanto Donald se jogava na cama dela. Era coisa demais para assimilar.

— Não é meu pai que acha que você sabe alguma coisa. Ele não queria acordar você de jeito nenhum. Ninguém deve sair do congelamento profundo. — Ela tornou a tampar a garrafa. — Foi o chefe dele.

Donald quase engasgou com seu primeiro gole de uísque. Ele chegou a cuspir e esfregou o queixo com a manga enquanto Anna o olhava com preocupação.

— O *chefe* dele? — perguntou, recuperando o ar.

Ela estreitou os olhos.

— Papai contou por que você está aqui, certo?

Ele apalpou o bolso à procura do relatório.

— Alguma coisa que escrevi durante meu último... durante meu turno. Thurman tem um chefe? Eu achava que ele estivesse no comando.

Anna riu sem qualquer humor.

— Não há ninguém no comando — disse. — O sistema está no controle. Ele apenas opera. Nós o construímos para simplesmente *funcionar*.

Ela se levantou de sua mesa e caminhou para se juntar a ele na cama de armar. Donald se afastou para lhe dar mais espaço.

— Papai era o encarregado da escavação dos buracos, esta foi a tarefa dele. A maior parte disso foi planejada por três pessoas. Os outros dois tiveram as ideias para esconder esse lugar. Papai os convenceu de que deveriam simplesmente construí-lo em plena vista. A instalação de contenção de lixo nuclear foi ideia dele, que estava em posição de fazer com que ela se concretizasse.

— Você disse três. Quem eram os outros?

— Victor e Erskine. — Anna afofou um travesseiro e se encostou na parede. — Não são seus nomes verdadeiros, é claro. Mas o que importa? Um nome é um nome. Você pode ser quem quiser aqui embaixo. Foi Erskine quem descobriu a ameaça original, quem contou a Victor e a papai sobre os nanos. Você vai conhecê-lo. Ele está fazendo um turno duplo comigo, trabalhando na perda desses silos, mas não é a sua especialidade. Quer mais? — Ela apontou o queixo para o copo de Donald.

— Não. Já estou me sentindo tonto. — Ele não acrescentou que não era culpa do álcool. — Eu me lembro de um Victor do meu turno. Ele trabalhava do outro lado do corredor, em frente à minha sala.

— Ele mesmo. — Ela afastou o olhar por um instante. — Papai se refere a ele como o chefe, mas eu estou trabalhando com Victor há algum tempo, e ele nunca se considerou dessa maneira. Ele se vê como um intendente. Uma vez brincou que se sentia como Noé. Ele queria acordar você há meses por causa do que está acontecendo no 18, mas

papai vetou a ideia. Acho que Victor gostou de você. Ele falava muito de você.

— Victor falava de *mim*?

Donald se lembrava do homem da sala do outro lado do corredor, em frente à dele, o psiquiatra. Anna levou a mão ao rosto e esfregou embaixo dos olhos.

— É. Ele era um homem brilhante, podia dizer o que você estava pensando, o que qualquer um estava pensando. Ele planejou a maior parte disso. Escreveu a Ordem, o Pacto original. Tudo foi projetado por ele.

— O que quer dizer com *era*?

O lábio dela tremeu. Virou o copo, mas quase não havia nada no fundo.

— Victor morreu — disse ela. — Estava na mesa dele e se matou com um tiro há dois dias.

32

Silo 1

— Victor? Ele se matou? — Donald tentou imaginar o homem sereno que tinha trabalhado na sala em frente à sua fazendo uma coisa daquelas. — Por quê?

Anna fungou e chegou mais perto de Donald. Ela girou o copo vazio nas mãos.

— Não sabemos. Ele estava obcecado com aquele primeiro silo que perdemos. Obcecado. Eu ficava arrasada ao ver como ele se culpava. Ele costumava dizer que podia ver que algumas coisas estavam prestes a acontecer, que havia... certezas probabilísticas.

Ela disse essas duas palavras imitando a voz dele, o que trouxe o rosto do homem de modo ainda mais vivo à mente de Donald.

— Não saber exatamente quando e onde o matou. — Ela esfregou os olhos. — Ele teria ficado melhor se houvesse ocorrido no turno de outra pessoa. Não no dele. Não quando ele iria se sentir culpado.

— Ele me culpou — disse Donald, olhando para o chão. — Aconteceu no meu turno. E eu estava péssimo. Não conseguia nem pensar direito.

— O quê? Não. Donny, não. — Ela pousou a mão sobre seu joelho. — Ninguém tem culpa.

— Mas meu relatório... — Ele ainda o segurava, dobrado e com alguns pontos azul-claros aqui e ali.

O olhar de Anna foi para o papel.

— Isso é uma cópia? — Ela estendeu a mão para pegá-lo, afastou o cabelo solto sobre o rosto. — Papai teve coragem de contar a você isso,

mas não o que Vic fez. — Ela balançou a cabeça. — Victor era tão forte para algumas coisas, mas tão fraco para outras. — Ela virou-se para Donald. — Ele foi achado em sua mesa, cercado de anotações, tudo o que havia sobre esse silo, e seu relatório estava em cima.

Ela desdobrou a folha e estudou as palavras.

— Só uma cópia — murmurou.

— Talvez fosse... — começou Donald.

— Ele fez anotações por todo o original. — Ela passou o dedo pelo papel. — Bem aqui, ele escreveu: "Esse é o motivo."

— Esse é o motivo? Quer dizer, esse foi o motivo que o levou a fazer o que fez? — Donald fez um gesto abarcando toda a sala. — O motivo não devia ser *este*? Talvez ele tenha percebido que cometeu um erro. — Segurou o braço de Anna. — Pense no que nós fizemos. E se nós seguimos um louco até aqui embaixo? Talvez Victor tenha tido um lampejo súbito de *sanidade*. E se ele acordou por um segundo e viu o que nós fizemos?

— Não. — Anna balançou a cabeça. — Nós tínhamos que fazer isso.

Ele deu um tapa na parede atrás da cama de armar.

— É isso que todo mundo sempre diz.

— Escute. — Ela novamente pôs a mão no joelho dele, tentou acalmá-lo. — Você precisa se controlar, está bem? — Ela olhou para a porta, com uma expressão de medo nos olhos. — Eu pedi a ele para acordar você porque preciso de sua ajuda. Não posso fazer isso sozinha. Vic estava trabalhando na situação do Silo 18. Se depender de papai, ele simplesmente acaba com o lugar só para não ter que lidar com ele. Victor não queria isso. *Eu* não quero isso.

Donald pensou no Silo 12, que ele tinha apagado. Mas ele já estava caindo, não estava? Já era tarde demais. Eles tinham aberto a câmara pressurizada. Ele olhou para o esquema na parede e se perguntou se também já era tarde demais para o Silo 18.

— O que ele viu no meu relatório? — perguntou.

— Não sei. Mas ele queria acordar você há semanas. Achava que você tinha descoberto alguma coisa.

— Ou talvez fosse só porque eu estava acordado na época.

Donald olhou para a sala cheia de pistas. Anna estivera pesquisando, imersa em um problema diferente. Tantas perguntas e respostas. Sua mente estava limpa, não como da última vez. Ele tinha as próprias perguntas. Queria encontrar a irmã, descobrir o que havia acontecido com Helen, livrar-se daquela ideia maluca de que ela ainda estava viva em algum lugar. Queria saber mais sobre aquele maldito lugar que havia ajudado a construir.

— Você vai nos ajudar? — perguntou Anna.

Ela descansou a mão nas costas dele, e seu toque reconfortante trouxe de volta a lembrança de sua mulher, dos momentos em que ela o acalmava e amava. Ele se sobressaltou como se tivesse levado uma picada. Uma parte dele pensou por um instante que ainda estava casado, que ela estava viva em algum lugar, talvez congelada e esperando que ele a despertasse.

— Preciso... — Ele ficou de pé num pulo e olhou ao redor da sala. Seus olhos caíram sobre o computador na mesa. — Preciso procurar umas coisas.

Anna se levantou também.

— É claro. Posso contar a você o que sabemos até agora. Victor deixou uma série de anotações. Ele escreveu por todo o seu relatório. Posso lhe mostrar. E talvez você possa convencer meu pai de que ele tinha razão, que esse silo merece ser salvo...

— Está bem — disse Donald.

Ele faria isso. Mas só para permanecer acordado. E se perguntou por um instante se aquela também era a intenção de Anna. Mantê-lo ali, perto dela.

Uma hora antes, tudo o que ele desejava era voltar a dormir, escapar do mundo que ele havia ajudado a criar. Mas agora ele queria respostas. Ia procurar no Silo 18, mas ia encontrar Helen, também. Descobrir o que havia acontecido com ela, onde ela estava. Ele pensou em Mick, e uma lembrança do Tennessee passou por sua cabeça. Virou-se para a

planta na parede com todos os silos e tentou lembrar a que estado correspondia cada número.

— O que podemos acessar daqui? — perguntou ele.

Sua pele foi tomada pelo calor ao pensar nas respostas à sua disposição.

Anna virou para a porta. Ouvia-se passos na escuridão lá fora.

— Papai. Atualmente ele é o único com acesso a este nível.

— Atualmente? — Ele virou para Anna.

— É. Onde você acha que Victor encontrou a arma? — Ela baixou a voz. — Eu estava aqui quando ele desceu, arrombou e abriu uma das caixas. Eu não o ouvi. Olhe, meu pai se culpa pelo que aconteceu com Victor, e ele ainda não acredita que isso tem a ver com você ou seu relatório. Mas eu conhecia Vic. Ele não estava louco. Por favor, se houver alguma coisa que você possa fazer... por mim.

Ela apertou a mão dele. Donald olhou para baixo, não percebeu que ela a estava segurando. O relatório dobrado estava na outra mão dela. Os passos se aproximaram. Donald balançou a cabeça, concordando.

— Obrigada — disse.

Ela soltou a mão dele, pegou o copo vazio de cima da cama de armar e pôs o seu dentro. Depois, pôs os copos e a garrafa sobre uma cadeira e a empurrou para debaixo da mesa. Thurman chegou à porta e bateu no batente com os nós dos dedos.

— Entre — disse Anna, afastando o cabelo solto do rosto.

Thurman estudou os dois por um instante.

— Erskine está planejando uma pequena cerimônia — disse ele. — Só nós. Só aqueles que sabem.

Anna assentiu.

— É claro.

Thurman estreitou as pálpebras e passou o olhar da filha para Donald. Anna pareceu entender aquilo como uma pergunta.

— Donny acha que pode ajudar — disse ela. — Nós dois achamos que é melhor para ele trabalhar aqui embaixo comigo. Pelo menos até fazermos algum progresso.

Donald virou para ela, chocado. Thurman não disse nada.

— Vamos precisar de outro computador — acrescentou ela. — Se trouxer aqui para baixo, eu posso montá-lo.

Donald gostou dessa parte.

— E outra cama de armar, é claro — acrescentou Anna com um sorriso.

33

Silo 18

Mission fugiu depois da briga com os fazendeiros, e o resto dos portadores se dispersou. Ele cochilou algumas horas no ponto de parada dos níveis superiores no décimo andar, com o nariz dormente e os lábios latejando devido a um golpe que recebera. Revirando-se na cama, nervoso demais para ficar parado, ele se levantou de madrugada e percebeu que era muito cedo para ir para o Ninho; a Corva ainda estaria dormindo. Por isso dirigiu-se ao refeitório, para ver o sol nascer e tomar um café da manhã decente, o pagamento extra da legista queimando em seus bolsos do mesmo jeito que queimavam os nós de seus dedos esfolados.

Ele cuidou de suas dores com uma bem-vinda refeição quente, comendo com aqueles que vinham do turno da meia-noite, e assistiu às nuvens se agitando e ganhando vida do outro lado dos morros. Ao longe, as torres em ruínas — as quais a Corva chamava de arranha-céus — foram as primeiras a captar o sol nascente. Era um sinal de que o mundo ia despertar mais um dia. Seu aniversário, lembrou Mission. Deixou os pratos na mesa, com uma ficha para quem quer que fosse limpar depois, e tentou nem sequer pensar em limpeza. Em vez disso, desceu correndo os oito lances de escada antes que o silo despertasse completamente. Ele seguiu para o Ninho, sem se sentir nem um dia mais velho.

Palavras familiares o saudaram na plataforma do décimo terceiro andar. Ali, acima da porta, em vez do número do nível, estava escrito: O

NINHO DA CORVA.

As palavras estavam pintadas em letras de fôrma reluzentes. Elas seguiam os contornos de anos e gerações anteriores, cor sobre cor, e as letras eram tortas porque as mãos de mais de um jovem estavam envolvidas. As crianças do silo iam e vinham e deixavam suas marcas com pincéis, mas a Corva Velha permanecia.

O ninho dela incluía berçário, creche e salas de aula que atendiam aos níveis superiores. Ela estava empoleirada ali havia mais tempo do que qualquer pessoa viva podia se lembrar. Alguns diziam que ela era tão velha quanto o próprio silo, mas Mission sabia que isso era só uma lenda. Ninguém sabia quantos anos tinha o silo.

Ele entrou no Ninho e encontrou os corredores vazios e silenciosos. Um ruído baixo e agudo saía de uma sala de aula onde carteiras eram devolvidas para seus lugares. Mission vislumbrou dois professores conversando em outra sala, seus rostos contorcidos de preocupação, provavelmente se perguntando o que fazer com uma versão mais jovem dele mesmo. O aroma de chá forte se misturava ao odor de cola e giz. Havia fileiras de armários de metal precisando urgentemente de pintura e cheios de mossas feitas por pequenos punhos; eles despertavam velhas lembranças em Mission. Parecia que fora ontem mesmo que ele aprontara naquele corredor. Ele e todos os seus amigos que não via mais, ou pelo menos não tanto quanto gostaria.

A sala da Corva ficava no final, adjacente ao único apartamento do andar. O lugar tinha sido construído especialmente para ela, uma sala de aula convertida em apartamento, era o que diziam. E apesar de só dar aulas para as crianças mais novas, a escola toda era dela. Aquele era seu ninho.

Mission se lembrava de procurá-la em vários estágios de sua vida. No início em busca de conforto, quando se sentia longe demais das fazendas. Mais tarde, por sua sabedoria, quando finalmente tinha idade suficiente para reconhecer que não possuía nenhuma. E mais de uma vez fora em busca das duas coisas, como no dia em que soube da verdade sobre seu nascimento e a morte de sua mãe, que ela tinha sido mandada

para a limpeza por causa dele. Mission se lembrava bem daquele dia. Foi a única vez que viu a Corva Velha chorar.

Ele bateu na porta da sala de aula dela antes de entrar e a encontrou junto ao quadro-negro, que tinha sido baixado para que ela pudesse escrever mesmo sentada em sua cadeira. A Sra. Crowe parou de apagar a aula da véspera, virou-se e olhou para ele.

— Meu menino — disse ela com voz rouca. Acenou com o apagador para que ele se aproximasse. Uma nuvem de pó de giz encheu o ar. — Meu menino, meu menino.

— Olá, Sra. Crowe.

Mission passou entre o punhado de carteiras para chegar até ela. O cabo de energia de sua cadeira de rodas elétrica caía do teto e era ligado a uma haste que se projetava do encosto da cadeira. Mission se esquivou por baixo dele, e se agachou para dar um abraço na Corva. Seus braços a envolveram, e ele pôde sentir o cheiro dela, de infância e inocência. O vestido amarelo que usava, com estampa florida, era sua roupa das quartas-feiras, tão precisa quanto qualquer calendário. Tinha desbotado desde a época de Mission, como todas as outras coisas.

— Acredito que você cresceu — disse ela, sorrindo para ele.

A voz dela era pouco mais que um sussurro, e ele se lembrava de como isso mantinha até os mais novos quietos para poderem ouvir o que estava sendo dito. Ela levantou a mão e tocou a própria face.

— O que aconteceu com seu rosto?

Mission riu e, com um movimento de ombro, tirou a bolsa de portador.

— Só um acidente — disse, mentindo para ela como nos velhos tempos.

Ele botou o pacote aos pés de uma das carteiras pequenas, pôde se imaginar apertado dentro daquela coisa para assistir à aula do dia.

— Como a senhora tem estado? — perguntou.

Ele analisou o rosto dela, as rugas profundas e a pele escura como as de um fazendeiro, mas por causa da idade, não das luzes de cultivo. Tinha olhos baços, mas ainda havia vida neles.

— Não muito bem — disse a Sra. Crowe.

Ela mexeu a alavanca no braço da cadeira, que havia sido construída para ela décadas atrás, por um ex-aluno morto havia muito tempo. A cadeira girou para que ela pudesse encarar Mission melhor. Puxando a manga para trás, mostrou a ele um curativo de gaze preso com esparadrapo em seu braço magro e manchado.

— Esses médicos vieram e tiraram meu sangue. — A mão dela tremia quando mostrou a prova. — Tiraram metade dele, pelos meus cálculos.

Mission riu.

— Tenho quase certeza de que eles não tiraram metade do seu sangue, Sra. Crowe. Os médicos só estão cuidando da senhora.

Ela torceu o nariz, criando uma série de rugas. Ela não parecia muito certa.

— Não confio neles — disse ela.

Mission sorriu.

— A senhora não confia em ninguém. E, ei, talvez eles só estejam querendo descobrir por que a senhora não morre como todo mundo. Talvez um dia eles inventem um jeito para todo mundo viver tanto quanto a senhora.

A Sra. Crowe esfregou o curativo em seu braço murcho.

— Ou estão querendo descobrir como me matar — disse ela.

— Ah, não seja tão negativa. — Mission estendeu a mão para a frente e puxou a manga dela para baixo, para evitar que ela estragasse o curativo. — Por que a senhora ia pensar uma coisa dessas?

Ela franziu a testa e preferiu não responder. Os olhos dela foram para a bolsa quase vazia de Mission.

— Dia de folga? — perguntou ela.

Mission virou e acompanhou seu olhar.

— Hã? Ah, não. Fiz uma entrega ontem à noite. Daqui a pouco vou pegar outra encomenda, levar aonde quer que eles mandem.

— Ah, quem me dera ser tão jovem e livre outra vez.

A Sra. Crowe fez a volta com a cadeira e foi para trás de sua mesa. Ele precisou se agachar sob o cabo de energia que girou. A haste no encosto da cadeira foi feita com cabeças mais jovens em mente. Ela pegou um recipiente daquela polpa vegetal terrível que preferia tomar em vez de água e deu um gole.

— Allie passou aqui semana passada. — Ela pousou o líquido escuro e esverdeado. — Perguntou por você. Queria saber se você ainda estava solteiro.

— Ahn? — Mission pôde sentir seu rosto corar. A Sra. Crowe os havia flagrado se beijando uma vez, antes que ele soubesse para que servia beijar. Ela os deixara com uma advertência e um sorriso compreensivo. — Todo mundo está tão espalhado — disse Mission, mudando de assunto, esperando que ela entendesse a deixa.

— Como era para ser.

A Corva abriu uma gaveta em sua mesa, procurou algo dentro dela e tirou de lá um envelope. Mission viu meia dúzia de nomes escritos ali. Já tinha sido usado algumas vezes.

— Você vai descer daqui? Será que pode entregar uma coisa para Rodny?

Ela lhe deu a carta. Mission a pegou, viu o nome de seu melhor amigo escrito no envelope, todos os outros nomes riscados.

— Posso deixar isso para ele, claro. Mas das últimas duas vezes que passei por lá, disseram que ele não estava disponível.

A Sra. Crowe balançou a cabeça como se isso fosse esperado.

— Chame por Jeffery, ele é o chefe da segurança lá embaixo, um dos meus meninos. Diga a ele que fui eu quem mandei e que eu disse que você mesmo tem que entregar isso a Rodny. Pessoalmente. — Ela gesticulou com as mãos no ar, pequenos borrões trêmulos. — Vou escrever um bilhete para Jeffery.

Mission olhou para o relógio na parede enquanto ela procurava caneta e tinta em sua mesa. Logo os corredores iam começar a se encher com o burburinho juvenil e o abrir e fechar de armários. Enquanto ela escrevinhava o bilhete, ele esperou pacientemente e examinou os

pôsteres antigos nas paredes, os "motivadores", como a Sra. Crowe gostava de chamá-los.

Você pode ser qualquer coisa, dizia um deles. Exibia um desenho simples de um menino e uma menina de pé em cima de um grande monte. O monte era verde, e o céu, azul, como nos livros ilustrados. Outro dizia: *Sonhe para satisfazer seu coração*. Ele tinha listras coloridas em um gracioso arco. A Corva tinha um nome para aquilo, mas ele havia esquecido como se chamava. Outro familiar: *Vá a novos lugares*. Ele exibia o desenho de um corvo empoleirado em uma árvore impossivelmente grande, com as asas abertas como se estivesse prestes a levantar voo.

— Jeffery é o careca — disse a Sra. Crowe.

Ela passou a mão acima de seu próprio cabelo branco e ralo para demonstrar.

— Eu sei — disse Mission.

Era um lembrete estranho de que tantos dos adultos e anciãos por todo o silo tinham sido alunos dela também. A porta de um armário bateu no corredor. Mission se lembrou de quando era criança, de como as fileiras e fileiras de carteiras enchiam a sala. Havia cubículos cheios de colchonetes enrolados para a hora da soneca, trazendo à sua memória a rotina diária de abrir espaço no meio da sala, encontrar seu colchonete e cair no sono enquanto a Corva cantava canções esquecidas. Ele sentia saudade daqueles dias. Sentia falta das histórias dos Velhos Tempos sobre um mundo cheio de coisas impossíveis. Recostado na carteira pequena, Mission de repente se sentiu tão velho quanto a Corva, tão absurdamente distante de sua infância.

— Entregue isso a Jeffery, depois cuide para que Rodny receba meu bilhete. Pelas suas próprias mãos, está bem?

Ele pegou sua bolsa e botou as duas correspondências dentro do compartimento postal. Não houve menção de pagamento, apenas uma pontada de culpa que Mission sentiu por pensar nisso. Mexer na bolsa o fez se lembrar das coisas que havia levado para ela, esquecidas devido ao conflito da noite anterior.

— Ah, trouxe isso da fazenda. — Ele sacou alguns pepinos pequenos, duas pimentas e um tomate grande um pouco machucado. Botou-os sobre a mesa. — Para suas bebidas vegetarianas — disse ele.

A Sra. Crowe juntou as mãos e sorriu de prazer.

— Tem mais alguma coisa de que precise da próxima vez em que eu passar aqui?

— Essas visitas — disse ela. Seu rosto se enrugou pelo sorriso. — Tudo o que me importa são meus pequenos. Passe aqui sempre que puder, está bem?

Mission apertou o braço dela, que mais parecia um cabo de vassoura enfiado em uma manga do vestido.

— Pode deixar — disse ele. — E isso me lembra: Frankie mandou lembranças.

— Ele devia vir mais vezes — falou ela com voz trêmula.

— Nem todo mundo circula tanto quanto eu — disse ele. — Tenho certeza de que ele também gostaria de vê-la mais vezes.

— Fale para ele — pediu ela. — Fale para ele que não me resta muito mais tempo...

Mission riu e fez um gesto descartando o pensamento mórbido.

— A senhora provavelmente disse a mesma coisa ao meu avô quando ele era novo, e ao pai dele antes.

A Corva sorriu como se aquilo fosse verdade.

— Preveja o inevitável — disse ela — e com certeza um dia você vai estar certo.

Mission sorriu. Ele gostava daquela frase.

— Mesmo assim, eu gostaria que a senhora não falasse sobre morte. Ninguém gosta de ouvir isso.

— Podem não gostar, mas um aviso é sempre bom. — Ela estendeu os braços. As mangas de seu vestido florido caíram e revelaram o curativo mais uma vez. — Me diga, o que você vê quando olha para essas mãos? — Ela as virou, de um lado para outro.

— Eu vejo tempo — soltou Mission, sem saber ao certo de onde o pensamento saiu.

Ele afastou os olhos, de repente achando a pele dela grotesca. Como batatas murchas encontradas na terra muito depois da época da colheita. Odiou a si mesmo por sentir aquilo.

— Tempo, claro — disse a Sra. Crowe. — Aqui tem bastante tempo. Mas há *resquícios*, também. Eu me lembro de que as coisas já foram melhores. Você pensa no ruim para se lembrar do bom.

Ela estudou as mãos por mais alguns instantes, como se estivesse à procura de outra coisa. Quando ergueu o rosto e encarou Mission, seus olhos estavam brilhando com as lágrimas. Mission podia sentir os próprios olhos enchendo de água, em parte pelo desconforto, em parte pela mortalha sombria lançada sobre sua conversa. Aquilo o fez se lembrar de que era seu aniversário, um pensamento que lhe provocou um nó na garganta e um vazio no peito. Ele tinha certeza de que a Corva sabia que dia era aquele. Ela só o amava o suficiente para não dizer.

— Em uma época eu já fui bonita, sabia? — A Sra. Crowe puxou as mãos e as cruzou no colo. — Mas quando ela passa, quando ela nos deixa, ninguém nunca mais torna a vê-la.

Mission sentiu uma fortíssima necessidade de confortá-la, de dizer a Sra. Crowe que ela ainda era bonita de muitas formas. Ela ainda podia fazer música. Podia pintar. Poucos dos outros lembravam como. Ela podia fazer crianças se sentirem amadas e seguras, outro truque de mágica havia muito esquecido.

— Quando eu tinha sua idade — disse a Corva com um sorriso —, eu podia ter o rapaz que eu quisesse.

Ela riu, desfazendo a tensão e expulsando as sombras, mas Mission acreditava nela, apesar de não conseguir visualizar aquilo, não conseguir imaginá-la sem as rugas, sem as manchas e sem os pelos compridos nos nós de seus dedos. Mesmo assim, ele acreditava nela. Ele sempre acreditou.

— O mundo parece muito comigo. — Ela ergueu os olhos para o teto, e talvez além. — O mundo também já foi bonito.

Mission sentiu uma história dos Velhos Tempos se formar como uma tempestade de nuvens. As portas de outros armários bateram no corredor. Vozes infantis se reuniam.

— Conte-me — disse Mission, lembrando-se das horas que havia passado sem piscar aos seus pés, as canções que ela cantava enquanto as crianças dormiam. — Conte-me sobre o velho mundo.

Os olhos da Corva Velha se estreitaram e pararam em um canto escuro da sala. Seus lábios, franzidos por causa das rugas do tempo, afastaram-se e então uma história começou, uma história que Mission já tinha escutado mil vezes antes, mas da qual nunca se cansava, visitando aquela terra da imaginação da Corva. E quando os pequenos entraram na sala e ocuparam suas carteiras, eles também ficaram em silêncio e se juntaram ao redor, acompanhando com os olhos mais arregalados e as mentes mais abertas aquelas histórias de um mundo que tinha sido bonito e agora estava praticamente esquecido.

34

Silo 18

As histórias que a Sra. Crowe inventava vinham direto dos livros infantis. Havia céus azuis e terras verdes, animais como cães e gatos, mas maiores que pessoas. Coisas juvenis. Mesmo assim, essas histórias fantásticas sobre um lugar melhor deixavam Mission com raiva do mundo em que vivia. Quando deixou os níveis superiores para trás a caminho das profundezas, passando pelas fazendas e os andares de sua juventude, pensou naquele mundo melhor e ficou desanimado com o que conhecia. A promessa de *outro lugar* destacava as falhas do que era familiar. Ele havia partido para ser portador, para escapar e ser o que desejasse, e agora o que desejava era estar mais longe do que seu mundo permitia.

Aqueles eram pensamentos perigosos. Eles o faziam se lembrar de sua mãe e para onde ela havia sido mandada naquele mesmo dia dezessete anos antes.

Depois das fazendas, Mission percebeu indícios de que havia algo queimando mais abaixo no silo. O ar estava enevoado, e havia um travo de fumaça na sua língua. Talvez uma pilha de lixo. Alguém que não quisesse pagar a taxa do transporte para a reciclagem. Ou alguém que achasse que o silo não duraria tempo o suficiente para *precisar* reciclá-lo.

Podia ser um acidente, claro, mas Mission duvidava. Ninguém mais pensava assim. Ele podia ver isso no rosto das pessoas na escada. Podia ver pelo modo como se agarravam a seus pertences e protegiam as crianças que o futuro do silo estava ameaçado. A luta da noite anterior parecia comprovar isso.

Mission ajeitou sua bolsa e desceu correndo para os níveis da TI no trinta e quatro. Quando chegou, havia uma multidão reunida no andar. Eram principalmente rapazes da idade dele ou pouco mais velhos, muitos dos quais ele reconheceu, vários dos níveis intermediários. Muitos estavam de pé com computadores embaixo do braço, fios pendurados, acotovelando-se entre a multidão. Mission abriu caminho. Lá dentro, viu que haviam montado uma barreira logo após a porta. Dois homens da segurança controlavam o portão provisório e só permitiam a passagem de trabalhadores amarrotados da TI.

— Entrega — gritou Mission. Ele abriu caminho até a frente, tirando com cuidado o bilhete que a Sra. Crowe tinha escrito. — Correspondência para o agente Jeffery.

Um dos homens da segurança pegou o bilhete. Mission foi pressionado contra a barreira pelas pessoas atrás dele. A entrada de uma mulher foi liberada. Ela foi rapidamente na direção do verdadeiro portão de segurança que dava para o saguão principal, alisando seu macacão com óbvio alívio. Havia multidões de jovens recebendo instruções no canto do amplo recinto. Estavam em posição de sentido e em formação organizada, mas seus olhos arregalados não escondiam o medo evidente.

— Que diabo está acontecendo? — perguntou Mission quando a barreira foi afastada para ele.

— Que diabo não está? — respondeu um dos seguranças. — O pico de energia ontem à noite queimou um monte de computadores. Todos os nossos técnicos estão trabalhando dobrado. Tem um incêndio na Mecânica, ou alguma coisa assim, e algum tipo de violência lá em cima nas fazendas. Você recebeu a mensagem eletrônica?

Mecânica. Isso era muito longe para sentir o cheiro de um incêndio. E já se sabia do ataque da noite anterior, o que o deixou preocupado com o que achariam do corte em seu nariz.

— Que mensagem? — perguntou.

O segurança apontou para o grupo de rapazes.

— Estamos contratando. Novos técnicos.

Tudo o que Mission viu foram rapazes, e o sujeito que falava com eles era da segurança, não da TI. O segurança devolveu o bilhete para Mission e apontou para o portão principal. A mulher de antes já estava passando seu crachá para entrar. Uma cabeça careca grande e familiar girou para olhar a bunda dela enquanto descia pelo corredor.

— Senhor? — chamou ele quando se aproximou do portão.

Jeffery virou a cabeça. As rugas e as dobras profundas desapareceram de seu pescoço.

— Hein? Ah... — Ele estalou os dedos, tentando se lembrar do nome.

— Mission.

Ele sacudiu o dedo.

— Isso mesmo. Precisa deixar alguma coisa comigo, portador? — Ele estendeu a mão, mas parecia desinteressado.

Mission lhe entregou o bilhete.

— Na verdade, tenho ordens da Sra. Crowe para entregar algo em mãos. — Ele pegou no compartimento postal da sua bolsa o envelope lacrado com os nomes riscados. — Apenas uma carta, senhor.

O velho guarda olhou para o envelope e depois pôs-se a ler o bilhete endereçado a ele.

— Rodny não pode atender. — Ele balançou a cabeça. — Também não posso lhe dizer quando vai poder recebê-lo. Pode demorar semanas. Quer deixar isso comigo?

Mais uma vez a mão estendida, porém com mais interesse. Mission puxou de volta o envelope, desconfiado.

— Não posso. Não tem um jeito de eu entregar isso a ele? É da Corva, cara. Se fosse a prefeita me pedindo, eu dizia que não tinha problema.

Jeffery sorriu.

— Você também foi um dos meninos dela?

Mission confirmou com um gesto de cabeça. O chefe da segurança olhou além dele para um senhor que se aproximava do portão com a identificação estendida. Mission saiu do caminho quando o homem

escaneou o crachá e entrou, cumprimentando Jeffery com um aceno de cabeça.

— Vou lhe dizer uma coisa. Vou levar o almoço de Rodny daqui a pouco. Quando eu fizer isso, você pode vir comigo e entregar a carta enquanto eu estiver ali, aí não vou ter que me preocupar com a Corva bicando meu couro depois. O que acha?

Mission sorriu.

— Parece ótimo, cara. Eu agradeço.

O segurança apontou para o outro lado do hall de entrada.

— Por que você não vai pegar um pouco de água e espera na sala de reunião? Tem alguns rapazes lá preenchendo uma papelada. — Jeffery examinou Mission de cima a baixo. — Na verdade, por que você não preenche um formulário? Você podia ser útil.

— Eu... hum, não sei muito sobre computadores — disse Mission.

Jeffery deu de ombros como se aquilo fosse irrelevante.

— Como quiser. Um dos rapazes vai me render daqui a pouco. Eu vou lá buscar você.

Mission agradeceu a ele outra vez e atravessou o grande hall de entrada onde fileiras organizadas de homens escutavam instruções gritadas. Outro segurança gesticulou para que ele entrasse na sala de reunião enquanto segurava uma folha de papel e um pedaço de carvão. Mission viu que o verso do papel estava em branco e o pegou sem planos de preenchê-lo. Meia ficha bem ali, em papel utilizável.

Havia algumas cadeiras vazias em torno da mesa ampla. Ele escolheu uma. Vários rapazes escreviam nas páginas com seus pedaços de carvão, as testas franzidas em concentração. Mission se sentou de costas para a única janela e pôs a bolsa sobre a mesa, sem largar a carta. Enfiou o formulário na bolsa para usar no futuro e analisou a letra da Corva pela primeira vez.

O envelope era velho, mas havia sido endereçado apenas algumas vezes. Uma beirada estava puída, fina como lenço de papel, e um pequeno rasgo revelava uma folha de papel dobrada em seu interior. Examinando com mais atenção, Mission viu que era papel reciclado,

provavelmente feito no Ninho da Corva por uma de suas crianças, água e um punhado de papel rasgado batidos no liquidificador, prensados em telas e deixados secando de um dia para outro.

— Mission — sussurrou uma pessoa à mesa.

Ele ergueu os olhos e viu Bradley sentado à sua frente. O colega portador estava com seu lenço azul amarrado no bíceps. Mission achava que ele estava fazendo uma rota regular nas profundezas.

— Está se candidatando? — perguntou Bradley, com voz baixa.

Um dos outros rapazes tossiu, tapando a boca com o punho, como se estivesse pedindo silêncio. Parecia que Bradley já havia terminado seu formulário.

Mission negou com um gesto de cabeça. Houve uma batida na janela às suas costas, e ele quase deixou cair a carta quando se virou. Jeffery enfiou a cabeça na porta.

— Dois minutos — disse o guarda para Mission. — Ele apontou para trás com o polegar. — Estou só esperando a bandeja dele.

Mission balançou a cabeça enquanto a porta era fechada. Os outros rapazes olharam para ele, curiosos.

— Entrega — explicou Mission para Bradley alto o suficiente para que os outros ouvissem.

Ele puxou sua bolsa mais para perto e escondeu o envelope atrás dela. Os rapazes voltaram a escrever. Bradley franziu a testa e observou os outros.

Mission estudou o envelope outra vez. Dois minutos. Quanto tempo ele teria com Rodny? Passou o dedo no canto da aba fechada. A goma à base de leite que a Corva tinha usado não havia aderido muito bem à cola seca de muitos meses, talvez muitos anos. Ele soltou um dos cantos sem olhar para o envelope. Em vez disso, observava Bradley, enquanto desobedecia à terceira regra fundamental dos portadores dizendo a si mesmo que aquilo era diferente, que ali eram dois velhos amigos conversando e que ele estava apenas no mesmo ambiente, entreouvindo.

Mesmo assim, suas mãos tremiam quando puxou a carta para fora. Ele olhou para baixo, mantendo o bilhete escondido. Havia fios roxos e

vermelhos misturados ao cinza-escuro do papel barato. Ela havia escrito a giz. Isso significava que as palavras tinham que ser grandes. O pó branco se acumulou nas dobras do papel, caindo das palavras como a poeira cai de canos velhos.

Logo, logo, canta a mamãe pássaro.
Você vai voar, você vai voar!

Parte de um antigo poema infantil. *Bata suas asas*, sussurrou Mission, lembrando-se do resto, a história de um jovem corvo aprendendo a ser livre.

Bata suas asas e voe em busca de coisas mais belas.
Voe, voe com todas as suas forças!

Ele foi conferir o verso em busca da mensagem de verdade, alguma coisa além daquele fragmento de poema, quando alguém bateu na janela outra vez. Vários dos outros rapazes largaram seus pedaços de carvão, visivelmente assustados. Um rapaz xingou baixinho. Mission se virou e viu Jeffery do outro lado do vidro com uma bandeja de refeição coberta equilibrada na palma de uma das mãos chamando-o impacientemente com a cabeça.

Mission dobrou a carta e colocou-a de volta no envelope. Ele ergueu a mão acima da cabeça para informar a Jeffery que já iria sair, lambeu um dedo e o passou pela pasta grudenta, tornando a fechar o envelope da melhor maneira possível.

— Boa sorte — disse para Bradley, apesar de não ter a menor ideia do que o garoto acreditava estar fazendo.

Ele puxou sua bolsa de cima da mesa, tomou o cuidado de limpar o pó de giz que tinha caído e saiu depressa da sala de reunião.

— Vamos — disse Jeffery, nitidamente irritado.

Mission o seguiu correndo. Ele se virou mais uma vez, olhou para a janela e depois para a multidão barulhenta atrás das barreiras provisórias junto à porta. Um técnico da TI se aproximou da turba com um

computador, os cabos enrolados e bem-arrumados em cima, e uma mulher estendeu os braços desesperadamente de trás da barreira como uma mãe suplicando por seu bebê.

— Desde quando as pessoas começaram a trazer os próprios computadores aqui para cima? — perguntou Mission.

Sua profissão o havia deixado curioso em relação a como as coisas iam de um lugar para outro. Parecia que havia outro esquema do qual os portadores estavam sendo eliminados. Roker ia ter um ataque.

— Ontem. Wyck resolveu que não ia mais mandar seus técnicos saírem para consertá-los. Diz que é mais seguro assim. As pessoas estão sendo roubadas lá fora, e não há segurança suficiente para andar por aí.

A passagem deles pelos portões foi liberada com um aceno, e os dois seguiram em silêncio pelos corredores. Em todos os escritórios ouviam-se sons de pessoas conversando ou discutindo. Mission viu peças elétricas e papéis espalhados por toda parte. Ele se perguntou em que sala estaria Rodny e por que não mandavam entregar a comida de mais ninguém. Talvez seu amigo estivesse com problemas. Era isso. Isso faria todo o sentido. Talvez ele tivesse aprontado uma das suas. Será que tinham uma cela de custódia no trinta e quatro? Ele achava que não. Estava prestes a perguntar a Jeffery se Rodny estava preso quando o velho guarda parou diante de uma imponente porta de aço.

— Aqui.

Ele estendeu a bandeja para Mission, que a segurou depois de pôr a carta entre os lábios. Jeffery olhou para trás, bloqueou com o corpo a visão de Mission do teclado numérico da entrada e digitou um código. Uma série de ruídos metálicos soou dentro do batente da porta pesada. Com certeza, Rodny tinha se metido em alguma encrenca. Que tipo de cela era aquela?

A porta se abriu para dentro. Jeffery pegou a bandeja e disse a Mission que esperasse ali. Mission ainda estava com o gosto da goma à base de leite nos lábios enquanto via o chefe da segurança entrar em uma sala que parecia ser bastante comprida. As luzes em seu interior pulsavam como se houvesse alguma coisa errada, luzes vermelhas de

alerta, como um alarme de incêndio. Jeffery chamou Rodny enquanto Mission tentou espiar para ver alguma coisa.

Rodny apareceu logo a seguir, quase como se estivesse esperando por eles. Seus olhos se arregalaram quando viu Mission ali, parado. Mission se esforçou para manter a boca fechada; ele pôde sentir o queixo cair ao ver o amigo

— Ei. — Rodny puxou um pouco mais a porta pesada e olhou para o corredor. — O que você está fazendo aqui?

— É bom ver você também — disse Mission. Ele estendeu a carta. — A Corva mandou isso.

— Ah, missão oficial. — Rodny sorriu. — Está aqui como portador, hein? Não como amigo?

Rodny sorriu, mas Mission pôde ver que o amigo estava abatido. Parecia não dormir há alguns dias. Seu rosto estava encovado, havia olheiras profundas sob seus olhos e barba por fazer no queixo. O cabelo que antes Rodny tinha muito trabalho para manter na moda tinha sido cortado rente. Mission olhou para o interior da sala, curioso com o que eles o haviam posto para fazer ali. Ele só conseguiu ver armários pretos e altos de metal, que se estendiam a perder de vista, ordenadamente espaçados.

— Está aprendendo a consertar geladeiras? — perguntou Mission.

Rodny olhou para trás. E riu.

— São computadores.

Ele ainda tinha aquele tom condescendente. Mission quase lembrou ao amigo que era seu aniversário, que eles eram da mesma idade. Rodny foi o único para quem teve vontade de lembrar. Jeffery pigarreou com impaciência, parecia irritado com a conversa.

Rodny virou para o chefe da segurança.

— Se importa de nos dar alguns segundos? — perguntou.

Jeffery estava irrequieto; o couro rígido de suas botas rangia.

— Você sabe que não posso — disse ele. — Provavelmente vão arrancar meu couro só por permitir isso.

— O senhor tem razão.

Rodny balançou cabeça como se não devesse ter perguntado. Mission estudou o diálogo. Apesar de não vê-lo havia meses, sentia que Rodny era o mesmo. Ele estava com problemas por algum motivo, provavelmente sendo forçado a fazer a tarefa mais ultrajante em toda a TI devido a algo insolente que tivesse dito ou feito. Sorriu ao pensar nisso.

Rodny de repente ficou tenso, como se tivesse ouvido algo nas profundezas da sala. Ele ergueu um dedo para os outros e pediu que o esperassem ali.

— Só um segundo — disse ele, enquanto saía correndo, com os pés descalços batendo no piso de aço.

Jeffery cruzou os braços e olhou Mission de alto a baixo, contrariado.

— Vocês dois cresceram juntos no mesmo corredor?

— Estudamos juntos — explicou Mission. — Então, o que Rod fez? O senhor sabe, a Sra. Crowe costumava nos fazer varrer o Ninho inteiro e limpar os quadros-negros se fizéssemos bagunça na aula. Nós varremos bastante, nós dois.

Jeffery o avaliou por um instante. Então seu rosto inexpressivo se rompeu em dentes e sorrisos.

— Acha que seu amigo está encrencado? — disse. Ele parecia prestes a cair na gargalhada. — Você não tem ideia.

Antes que Mission pudesse lhe fazer alguma pergunta, Rodny voltou sorrindo e sem fôlego.

— Desculpe — disse ele para Jeffery. — Tive que atender. — Ele virou para Mission. — Obrigado por passar aqui, cara. Foi bom ver você.

Era isso?

— Foi bom ver você também — respondeu Mission, surpreso por sua visita ser tão breve. — Ei, vê se aparece, sumido. — Ele foi dar um abraço no velho amigo, mas Rodny, em vez disso, estendeu a mão. Mission olhou para ela hesitante, confuso, se perguntando se eles tinham se afastado tanto, tão rápido.

— Mande minhas lembranças para todo mundo — disse Rodny, como se esperasse nunca mais ver ninguém.

Jeffery pigarreou outra vez, nitidamente irritado e pronto para ir embora.

— Mando — disse Mission, esforçando-se para não revelar a tristeza na voz.

Ele aceitou a mão do amigo. Cumprimentaram-se como estranhos. Rodny tinha um sorriso trêmulo no rosto. As dobras do bilhete escondido na sua mão ficaram cravadas na palma da mão de Mission.

35

Silo 18

Foi um milagre Mission não ter deixado o bilhete cair ao recebê-lo, um milagre ele ter percebido que havia alguma coisa errada, ter mantido a boca fechada, não ter ficado ali parado na frente de Jeffery e dito: "Ei, o que é isso?" Em vez disso, ele guardou o papel dobrado na mão fechada enquanto era conduzido de volta ao posto da segurança. Eles estavam quase lá quando alguém chamou de uma das salas:

— Portador!

Jeffery pôs a mão no peito de Mission, forçando-o a parar. Eles viraram, e um homem veio descendo pelo corredor para falar com eles. Era o Sr. Wyck, chefe da TI, conhecido da maioria dos portadores. O arrastar sem fim de computadores quebrados e consertados mantinha a Expedição Superior no dez tão movimentada quanto a Expedição Inferior no cento e vinte. Mission percebeu que aquilo podia ter mudado desde a véspera.

— Está de serviço, filho?

O Sr. Wyck estudou o lenço de portador amarrado no pescoço de Mission. Ele era um homem alto, com barba bem-feita e olhos brilhantes. Mission teve que esticar o pescoço para seus olhos ficarem na altura do olhar de Wyck.

— Sim, senhor — disse ele, escondendo às costas o bilhete de Rodny. Enfiou-o no bolso com o polegar, como uma semente na terra. — Precisa transportar alguma coisa, senhor?

— Preciso. — O Sr. Wyck o observou por um instante, alisou a barba. — Você é o jovem Jones, não é? O zero.

Mission sentiu uma onda de calor no pescoço ao ouvir o termo, uma referência ao fato de ele não ser resultado do sorteio de nenhum número de loteria.

— Sim, senhor. Sou Mission.

Ele estendeu a mão. O Sr. Wyck a apertou.

— Sim, sim. Eu estudei com seu pai. E com sua mãe, é claro.

Ele fez uma pausa para dar a Mission tempo para responder. Mission trincou os dentes e não disse nada. Soltou a mão do homem antes que o suor nas suas próprias tivesse a chance de falar por ele.

— Digamos que eu quisesse transportar algo sem passar pela Expedição. — O Sr. Wyck sorriu. Seus dentes eram brancos como giz. — E digamos que eu quisesse evitar o tipo de problema que ocorreu ontem à noite...

Mission olhou para Jeffery, que não parecia interessado na conversa. Era estranho ouvir aquele tipo de proposta de um homem de autoridade, especialmente diante de um membro da segurança, mas Mission havia descoberto uma coisa desde que deixara seus dias de sombra: as coisas só ficavam ainda mais obscuras.

— Não estou entendendo — disse Mission.

Ele resistiu à tentação de se virar e avaliar a distância até o portão de segurança. Uma mulher saiu de uma sala no corredor, atrás do Sr. Wyck. Jeffery fez um gesto com a mão, e ela parou e manteve a distância, em um lugar onde não poderia ouvi-los.

— Acho que está, e admiro sua discrição. Duzentas fichas para levar um pacote por seis andares, desde o Suprimentos.

Mission tentou ficar calmo. Duzentas fichas. O salário de um mês por meio dia de trabalho. Ele temeu imediatamente que aquilo fosse alguma espécie de teste. Talvez Rodny tivesse se metido em encrenca por não passar em um parecido.

— Não sei... — disse ele.

— A oferta está em aberto — disse Wyck. — O próximo portador que passar aqui vai receber a mesma proposta. Não me importa quem vai fazer, mas só um ficará com as fichas. — Wyck levantou a mão. — Você

não precisa me responder. Só vá e procure por Joyce no balcão do Suprimentos. Diga a ela que está fazendo um serviço para o Wyck. Haverá um relatório de entrega explicando o resto.

— Vou pensar no assunto, senhor.

— Bom. — O Sr. Wyck sorriu.

— Mais alguma coisa? — perguntou Mission.

— Não, não. Você já pode ir. — Ele acenou com a cabeça para Jeffery, que voltou do lugar para onde quer que tivesse ido.

— Obrigado, senhor. — Mission virou e seguiu o chefe.

— Ah, e feliz aniversário, filho — disse em voz alta o Sr. Wyck.

Mission olhou para trás mas não agradeceu, apenas correu na direção de Jeffery, passou pelo portão de segurança, pela multidão, saiu na plataforma do andar e desceu dois lances de escada, onde finalmente enfiou a mão no bolso e pegou o bilhete de Rodny. Paranoico, com medo de deixá-lo cair e vê-lo descer as escadas e passar pela grade, ele desdobrou o pedaço de papel com cuidado. Parecia do mesmo tipo em que o bilhete da Sra. Crowe tinha sido escrito, os mesmos fios roxos e vermelhos misturados à massa cinza grosseira. Por um instante, Mission temeu que o bilhete estivesse endereçado à Corva em vez de a ele, talvez mais versos de antigos poemas infantis. Ele esticou o pedaço de papel. Um lado estava em branco. Virou para ler o verso.

Não estava endereçado a ninguém. Apenas uma palavra, que fez Mission se lembrar do modo como o sorriso do amigo estremeceu quando eles apertaram as mãos.

Mission de repente se sentiu sozinho. Percebeu no ar o cheiro de alguma coisa queimando na escadaria, um travo de fumaça misturado com a tinta ainda fresca das pichações. Ele pegou o pequeno bilhete e o rasgou em pedaços ainda menores. Continuou rasgando até não haver mais nada para rasgar, e depois jogou aquele confete grosseiro por cima da grade para descer flutuando e desaparecer no vazio. Não havia mais prova; a mensagem, porém, permanecia viva em sua mente. O rabisco apressado feito pela borda de uma moeda ou uma colher usada para

riscar o papel, uma palavra que mal era legível escrita pelo amigo que nunca precisava de ninguém nem pedia nada.

Socorro.

E isso era tudo.

36

Silo 1

Encontrar o silo certo foi bastante fácil. Donald pôde estudar a planta antiga e se lembrou de estar parado sobre aquelas colinas, olhando para o fundo das depressões que abrigavam as instalações. O som do ronco dos quadriciclos voltou; colunas de fumaça subiam enquanto eles corriam pelo topo das colinas, que ainda não havia sido coberto pela grama. Ele lembrava que tinham plantado grama naquelas colinas, talos e sementes espalhados por toda parte. Uma tarefa desnecessária e triste.

Em sua lembrança, Donald conseguiu visualizar a delegação do Tennessee. Ela seria o Silo 2. Ao se lembrar disso, foi mais fundo. Teve que se esforçar um pouco para conseguir lembrar como o programa de computador funcionava, como vasculhar as vidas que viviam em bancos de dados. Ali havia uma história inteira de cada silo se você soubesse como interpretá-la, mas ela só ia até um ponto. Ia até nomes inventados, até a orientação. Não se estendia ao Legado posterior. O velho mundo estava oculto por trás de bombas e de uma cortina de névoa e esquecimento.

Ele tinha achado o silo certo, mas localizar Helen poderia se provar impossível. Trabalhou alucinadamente enquanto Anna cantava no chuveiro.

Saía vapor pela porta do banheiro, que ela havia deixado aberta. Donald ignorou o que considerou um convite. Ignorou a palpitação, o desejo, a descarga hormonal por estar perto de uma ex-amante após séculos de necessidade, e em vez disso procurou pela mulher.

Havia quatro mil nomes naquela primeira geração do Silo 2. Exatamente quatro mil. Cerca de metade eram femininos. Havia três Helens. Todas possuíam uma foto granulada tirada para a identificação funcional arquivada nos servidores. Nenhuma das Helens parecia com quem ele lembrava ser sua mulher, como ele *achava* que ela era. As lágrimas correram soltas. Ele esfregou o rosto, furioso consigo mesmo. Do chuveiro, Anna cantava uma canção triste muito antiga enquanto Donald via fotos aleatoriamente. Após umas dez, os rostos começaram a se misturar e ameaçavam desintegrar a imagem de Helen que ele tinha na memória. Voltou a buscar pelo nome. Com certeza ele podia adivinhar o nome que ela teria escolhido. Havia muitos anos, ele escolhera para si mesmo Troy, uma pista para conduzi-lo de volta a ela. Ele gostava de pensar que ela teria feito o mesmo.

Ele tentou Sandra, nome da mãe dela, mas nenhuma das duas ocorrências era compatível. Tentou Danielle, nome da irmã. Uma ocorrência. Não era ela.

Ela não iria inventar alguma coisa do nada, iria? Eles certa vez tiveram uma conversa sobre como poderiam chamar seus filhos. Eram deuses e deusas, primeiro uma piada, mas Helen tinha se apaixonado pelo nome Athena. Ele deu uma busca. Não havia nenhuma naquela geração.

Os canos fizeram barulho quando Anna desligou o chuveiro. Seu canto se reduziu a um cantarolar, um hino para o funeral para o qual eles iriam. Donald tentou mais alguns nomes, ansioso para descobrir alguma coisa, qualquer coisa. Procuraria toda noite se fosse necessário. Não ia dormir até encontrá-la.

— Precisa tomar banho antes do funeral? — perguntou Anna do banheiro.

Ele quase disse que não queria ir ao funeral. Só conhecia Victor como alguém a ser temido: o homem de cabelo grisalho do outro lado do corredor, sempre observando, ministrando remédios, manipulando-o. Pelo menos, foi como a paranoia de seu primeiro turno fez como tudo parecesse.

— Eu vou assim — disse ele.

Ainda vestia o macacão bege que recebera no dia anterior. Analisou fotos aleatórias outra vez, começando pelo início do alfabeto. Que outro nome? O medo era de ter se esquecido de como ela era. Ou de que em sua mente ela se parecesse cada vez mais com Anna. Ele não podia deixar que isso acontecesse.

— Encontrou alguma coisa?

Ela veio por trás dele e pegou alguma coisa na mesa. Estava com uma toalha enrolada, cobrindo os seios, que caia até o meio das coxas. Sua pele estava molhada. Pegou uma escova de cabelo e voltou para o banheiro cantarolando. Donald se esqueceu de responder. Seu corpo reagiu à presença de Anna de um modo que o deixou furioso e cheio de culpa.

Ainda estava casado, ele lembrou a si mesmo. E estaria até saber o que tinha acontecido com Helen. Ele seria leal a ela para sempre.

Lealdade.

Resolveu procurar pelo nome Karma.

Uma ocorrência. Donald se ajeitou na cadeira. Ele não imaginava que houvesse alguém. Era o nome de sua cachorra, a coisa mais próxima de um filho que ele e Helen já tiveram. Ele abriu a foto.

— Acho que todos vestimos essas roupas horríveis no funeral, certo?

Anna passou pela mesa enquanto fechava a frente do seu macacão branco. Donald só percebeu pelo canto de sua visão turvada de lágrimas. Ele cobriu a boca e sentiu o corpo tremer com soluços reprimidos. Em um pequeno quadrado de pixels pretos e brancos no meio de um crachá profissional no monitor estava sua mulher.

— Você vai estar pronto para sair em alguns minutos, não vai?

Anna desapareceu de novo no banheiro, escovando o cabelo. Donald enxugou o rosto, com sal nos lábios enquanto lia.

Karma Brewer. Havia várias ocupações listadas, com uma foto de crachá para cada. *Professora. Diretora escolar. Juíza*. Mais rugas a cada foto, mas sempre com a mesma expressão irônica. Ele abriu o arquivo inteiro, pensando de repente em como teria sido estar no primeiro turno

do Silo 1, observar a vida dela se desenrolar, talvez até mesmo procurá-la e de algum modo entrar em contato com ela. Uma juíza. Era o sonho dela um dia ser juíza. Donald chorou enquanto Anna cantarolava e, através das lágrimas, leu sobre a vida da sua mulher sem ele.

Casada, dizia, o que a princípio não acionou nenhum alerta. Casada, é claro. Com ele. Até que leu sobre sua morte. Oitenta e dois anos. Deixou o viúvo Rick Brewer e dois filhos, Athena e Marte.

Rick Brewer.

As paredes e o teto implodiram. Donald sentiu um calafrio. Havia mais fotos. Ele seguiu os links para outros arquivos. Para os arquivos de seu marido.

— Mick — murmurou Anna atrás dele.

Donald sobressaltou-se e virou-se para vê-la lendo por cima de seu ombro. O traço das lágrimas marcavam seu rosto, mas ele não se importou. Seu melhor amigo e sua mulher. Dois filhos. Ele se virou para a tela e abriu o arquivo da filha. Athena. Havia várias fotos de diferentes carreiras e fases de sua vida. Ela tinha a boca de Helen.

— Donny, por favor, não.

Pôs a mão em seu ombro. Donald recuou ao ser tocado e os furiosos cliques seguidos geraram uma animação composta pelas fotos, aquela criança crescendo e se transformando em uma versão de sua esposa, até que os próprios filhos dela surgiram em seu arquivo.

— Donny — murmurou Anna. — Vamos nos atrasar para o funeral.

Donald chorava. Era rasgado por soluços como se fosse feito de um papel muito fino.

— Atrasado — chorou. — Cem anos atrasado.

Ele disparou este final tomado de tristeza. Na tela havia uma neta que não era dele, uma bisneta no clique seguinte. Elas o encaravam, todas elas, nenhuma com seus olhos.

37

Silo 1

Donald foi ao enterro de Victor entorpecido. Pegou o elevador em silêncio. Observou suas botas à frente enquanto avançava cambaleante, mas o que encontrou no andar médico nada tinha a ver com um funeral — era o descarte de um corpo. Eles estavam armazenando o cadáver novamente em uma cápsula porque não havia terra onde enterrar os mortos. Os alimentos no Silo 1 vinham de latas. Seus corpos tinham o mesmo destino.

Donald foi apresentado a Erskine, que explicou espontaneamente que o corpo não iria se decompor. As mesmas máquinas invisíveis que os permitia sobreviver ao processo de congelamento e fazia com que seu xixi ao acordar fosse da cor de carvão deixavam os mortos tão macios e frescos quanto os vivos. A ideia não era agradável. Ele observou enquanto o homem que conhecera como Victor era preparado para o congelamento profundo.

Eles empurraram o corpo por um corredor através de um mar de cápsulas. O congelamento profundo era um cemitério, Donald observou. Corpos dispostos organizadamente, apenas um nome que resumia brevemente o que havia no interior. Ele se perguntou em quantas cápsulas havia mortos. Alguns deviam morrer de causas naturais durante seus turnos. Outros deviam surtar e tirar a própria vida, como tinha feito Victor.

Donald ajudou os outros a colocar o corpo na cápsula. Só havia cinco presentes, só cinco que podiam saber como Victor havia morrido. A ilusão de que havia alguém no comando devia ser mantida. Donald

pensou em seu último turno, sentado a uma mesa, no comando, fingindo. Ele observou Thurman beijar a palma da própria mão e encostá-la na face de Victor. O frio do ambiente condensava a respiração de todos.

Os outros fizeram discursos de homenagem, mas Donald não prestou atenção. Sua mente estava longe dali, pensando em uma mulher que amara havia muito tempo, em filhos que nunca tivera. Ele não chorou. Tinha soluçado no elevador, com Anna o amparando com delicadeza. Helen morrera havia quase um século. Já tinha se passado mais tempo que isso desde que ele a perdera do outro lado daquele morro, deixara de receber suas mensagens, perdera o contato com ela. Ele se lembrou do hino e das bombas enchendo o ar. Lembrava que sua irmã, Charlotte, estava lá.

Sua irmã. Família.

Donald sabia que Charlotte tinha sido salva. Ele foi tomado por uma necessidade urgente de encontrá-la e despertá-la, de trazer alguém que amava de volta à vida.

Erskine prestou as últimas homenagens. Só cinco deles foram se despedir do homem que tinha matado bilhões. Donald sentiu a presença de Anna ao seu lado e se deu conta de que a falta de mais gente na verdade se devia a ela. Os cinco presentes eram os únicos que sabiam que uma mulher havia sido despertada. O pai dela, o Dr. Sneed, que havia feito o procedimento, Anna, Erskine, de quem ela falava como amigo, e ele.

Durante o pequeno funeral, Donald se deu conta do absurdo de sua existência, do estado do mundo. Ele não fazia parte daquilo. Só estava ali por causa de uma garota que tinha namorado na faculdade, uma garota que era filha de um senador, cuja simpatia provavelmente tinha sido responsável por sua eleição, que o arrastara para um plano assassino e agora o despertara de uma morte congelada. Todas as grandes coincidências e conquistas maravilhosas de sua vida desapareceram em um átimo. Em seu lugar, surgiram cordas de marionete.

— Essa foi uma perda trágica.

Donald voltou de seus pensamentos para descobrir que a cerimônia tinha terminado. Anna e o pai estavam parados a duas fileiras de cápsulas de distância discutindo alguma coisa. O Dr. Sneed estava agachado perto da base da cápsula. O painel emitia bipes enquanto ele fazia ajustes. Isso deixou Donald com Erskine, um homem magro de óculos e sotaque britânico. Ele examinou Donald do outro lado da cápsula.

— Ele estava no meu turno — disse Donald vagamente, tentando explicar por que tinha ido ao funeral.

Ele não conseguia pensar em mais nada a dizer sobre o falecido. Aproximou-se e espiou pela janelinha aquele rosto calmo.

— Eu sei — disse Erskine.

Aquele homem magro, provavelmente com sessenta e poucos anos, arrumou os óculos sobre o nariz fino e, como Donald, também espiou pela janelinha.

— Ele gostava muito de você, sabia?

— Não. Quero dizer... ele nunca falou sobre isso comigo.

— Ele tinha essa peculiaridade. — Erskine estudou o falecido com um sorriso. — Era brilhante talvez por conhecer a mente dos outros, mas não tão hábil em se comunicar com eles.

— O senhor o conhecia de antes? — perguntou Donald.

Ele não sabia ao certo de que outra forma abordar o assunto. O *antes* parecia tabu para alguns, mas outros falavam abertamente sobre isso.

Erskine assentiu.

— Nós trabalhávamos juntos. Bem, no mesmo hospital. Mas, durante alguns anos, nossos caminhos não se cruzaram, até minha descoberta. — Ele estendeu a mão e tocou o vidro, aparentemente uma última despedida a um velho amigo.

— Que descoberta? — Ele se lembrava vagamente de Anna mencionar alguma coisa.

Erskine ergueu os olhos. Vendo mais de perto, Donald achou que ele devia estar na casa dos setenta. Era difícil dizer. Tinha um quê daquela

idade indefinida de Thurman, como um móvel antigo que ganha pátina e para de envelhecer.

— Fui eu quem descobriu a grande ameaça — disse ele.

Soava mais como uma confissão de culpa que uma afirmação de orgulho. Sua voz estava cheia de pesar. Na base da cápsula, o Dr. Sneed terminou seus ajustes, levantou e pediu licença. Ele empurrou a maca vazia na direção da saída.

— Os nanos — lembrou Donald.

Anna tinha falado até aí. Ele observou Thurman discutir algo com a filha, o punho batendo repetidas vezes na palma da outra mão, e uma questão lhe veio à mente. Ele queria ouvi-la de outra pessoa. Queria ver se as mentiras batiam, se aquilo significava que elas podiam conter algumas verdades.

— O senhor era médico? — perguntou.

Erskine pensou sobre a pergunta. Parecia ser muito simples para ser respondida.

— Não exatamente — disse ele, com sotaque carregado. — Eu *construía* médicos. Muito pequenos. — Ele pinçou algo no ar e, com os olhos apertados, observou os próprios dedos através dos óculos. — Estávamos trabalhando em maneiras de manter nossos soldados seguros, de curá-los. Aí encontrei o trabalho de outra pessoa em uma amostra de sangue. Máquinas pequeninas tentando fazer o contrário. Máquinas feitas para combater nossas máquinas. Uma batalha invisível sendo travada onde ninguém podia ver. Não demorou muito para que eu começasse a encontrar os pequenos filhos da mãe em todo lugar.

Anna e Thurman foram na direção deles. Anna estava usando uma boina. Seu cabelo estava preso em um coque que fazia um volume pronunciado no alto. Era um pequeno disfarce para o que ela era, talvez funcionasse a distância.

— Eu gostaria de perguntar a você sobre aquela vez — disse Donald, apressado. — Isso talvez ajudasse minha... me ajudasse com esse problema no Silo 18.

— É claro — disse Erskine.

— Preciso voltar — disse Anna a Donald.

Seus lábios estavam contraídos em uma expressão mal-humorada após a discussão com o pai, e Donald finalmente percebeu como ela estava mesmo aprisionada. Ele imaginou passar um ano naquele armazém de guerra, com informações espalhadas pela mesa de planejamento, dormindo naquela cama de armar, sem conseguir nem sequer subir até o refeitório para ver as colinas e as nuvens escuras ou fazer uma refeição na hora em que escolhesse, dependendo dos outros para levarem tudo até ela.

— Vou subir com o jovem daqui a pouco. — Donald ouviu Erskine dizer. A mão dele estava pousada no ombro de Donald. — Eu gostaria de ter uma conversa com seu garoto.

Thurman estreitou os olhos, mas cedeu. Anna deu um último aperto na mão de Donald, olhou para a cápsula e seguiu na direção da saída. O pai a seguiu alguns passos atrás.

— Venha comigo. — A respiração de Erskine nublava o ar. — Quero que conheça uma pessoa.

38

Silo 1

Erskine seguiu por entre as fileiras de cápsulas como se tivesse feito aquele caminho dezenas de vezes. Donald o seguiu, esfregando os braços para se aquecer. Ele já estava havia muito tempo naquele lugar que mais parecia uma cripta. O frio estava se infiltrando de volta em seus ossos.

— Thurman insiste em dizer que já estávamos mortos — disse para Erskine, indo direto ao ponto. — Isso é verdade?

Erskine olhou para trás. Ele esperou que Donald o alcançasse, pareceu pensar na pergunta.

— Bem... — perguntou Donald. — Estávamos?

— Nunca vi um projeto com cem por cento de eficiência — disse Erskine. — Ainda não tínhamos chegado lá com nosso próprio trabalho, e tudo do Irã e da Síria estava ainda mais atrasado. A Coreia do Norte tinha projetos sofisticados. Eu apostava neles. O que eles já tinham construído podia matar a maioria de nós. Essa parte é bem verdadeira. — Ele voltou a caminhar pelo campo de cadáveres adormecidos. — Até as epidemias mais graves acabam se esgotando — completou. — Por isso é difícil dizer. Lutei por medidas de defesa. Victor lutou por isto. — Ele estendeu os braços apontando para aquela sucessão silenciosa de cápsulas.

— E Victor venceu.

— Exatamente.

— O senhor acha que ele... tinha segundas intenções? É por isso que...?

Erskine parou junto de uma cápsula e pôs as mãos sobre a superfície gelada.

— Tenho certeza de que todos nós temos segundas intenções — disse ele, com tristeza. — Mas não acho que Vic jamais tenha duvidado da justiça de sua missão. Não sei por que ele fez o que fez no final. Não era do feitio dele.

Donald espiou o interior da cápsula à qual Erskine o conduzira. Em seu interior, havia uma mulher de meia-idade, com as pálpebras cobertas de gelo.

— Minha filha — disse Erskine. — Minha única filha.

Fez-se um momento de silêncio. Isso fez com que o suave zumbido de mil cápsulas funcionando pudesse ser ouvido.

— Quando Thurman decidiu despertar Anna, eu só conseguia sonhar em fazer o mesmo. Mas por quê? Não havia razão, nenhuma necessidade de seu conhecimento, suas habilidades. Caroline era contadora. E, além disso, não seria justo arrancá-la de seus sonhos.

Donald quis perguntar se algum dia seria justo. Que mundo Erskine esperava que a filha encontrasse um dia? Quando ela despertaria para uma vida normal? Uma vida feliz?

— Quando descobri nanos no sangue dela, soube que essa era a coisa certa a fazer. — Ele virou para Donald. — Sei que você está à procura de respostas. Todos estamos. Este é um mundo cruel. Sempre foi um mundo cruel. Passei minha vida inteira procurando maneiras de torná-lo melhor, de consertar as coisas, sonhando com um ideal. Mas, para cada louco como eu, há dez outros aí fora tentando destruir as coisas. E basta que um deles tenha sorte.

Donald se lembrou do dia em que Thurman deu a ele a Ordem. Aquele livro grosso foi o início de seu mergulho na loucura. Ele se lembrava de sua conversa naquela câmara grande, a sensação de estar contaminado, a paranoia de que algo nocivo e invisível o estava invadindo. Mas se Erskine e Thurman estivessem dizendo a verdade, ele já estava infectado bem antes disso.

— Você não estava me envenenando naquele dia. — Donald desviou o olhar da cápsula para Erskine, juntando algumas peças do quebra-cabeça. — A entrevista com Thurman, as semanas e semanas que ele passou naquela câmara tendo todas aquelas reuniões. Você não estava nos contaminando.

Erskine balançou a cabeça muito de leve.

— Nós estávamos curando vocês.

Donald sentiu uma súbita onda de raiva.

— Então por que não curar *todo mundo*? — perguntou.

— Nós discutimos isso. Eu achava a mesma coisa. Para mim, era um problema de engenharia. Eu queria adotar medidas de defesa, máquinas para matar máquinas antes que nos atingissem. Thurman tinha ideias parecidas. Ele via isso como uma guerra invisível, uma que precisávamos desesperadamente levar até o inimigo. Sabe, todos vimos as batalhas que estávamos acostumados a lutar. Eu vi na corrente sanguínea. Thurman, na guerra em outros países. Foi Victor quem resolveu a questão.

Erskine puxou um lenço do bolso da camisa e tirou os óculos. Limpou as lentes enquanto falava. Sua voz ecoava das paredes em sussurros.

— Victor disse que aquilo não teria fim. Ele usou como exemplo os vírus de computador, como era possível invadir uma rede e danificar centenas de milhões de máquinas. Cedo ou tarde, algum nanoataque ia acontecer, ia escapar do controle, e então ocorreria uma epidemia construída de fragmentos de código em vez de filamentos de DNA.

— E daí? Já lidamos com pragas antes. Por que essa seria diferente? — Donald mexeu o braço na direção das cápsulas. — Me diga como essa solução não é pior que o problema?

Apesar da raiva que estava sentindo, ele também sabia que seria muito pior se tivesse ouvido aquilo de Thurman. Imaginou se ele próprio pudesse ter sido preparado para que um homem mais simpático, um estranho, o chamasse de lado e lhe contasse o que Thurman achasse que ele devia ouvir. Era difícil não ficar paranoico com a possibilidade de ser

manipulado, difícil não sentir cordões amarrados às próprias articulações.

— Psicologia — respondeu Erskine. Ele tornou a botar os óculos. — Foi assim que Victor conseguiu nos mostrar por que nossas ideias nunca iriam funcionar. Nunca vou me esquecer dessa conversa. Estávamos sentados na cafeteria no Walter Reed Hospital. Thurman estava lá para distribuir umas medalhas, mas na verdade era para se encontrar com nós dois. — Ele sacudiu a cabeça. — Estava cheio, lá. Se alguém soubesse as coisas que estávamos discutindo...

— Psicologia — lembrou Donald. — Me conte como isso pode ser melhor. Mais pessoas morrem assim.

Erskine voltou logo para o presente.

— Foi aí que nos enganamos, exatamente como você. Imagine quando se descobrisse que uma dessas epidemias tinha sido provocada pelo homem, o pânico, a violência que iriam se seguir. Era quando chegaria o fim. Um furacão mata algumas centenas de pessoas, causa danos a alguns bilhões, e o que nós fazemos? — Erskine entrelaçou os dedos. — Nós nos unimos. Nós colocamos as peças de volta no lugar. Mas e uma bomba terrorista? — Ele franziu a testa. Uma bomba terrorista faz o mesmo estrago, e faz o mundo mergulhar em caos.

Ele deu de ombros.

— Quando só se pode culpar Deus, nós o perdoamos. Quando se trata de outro homem, nosso irmão, nós o destruímos.

Donald sacudiu a cabeça. Ele não sabia em que acreditar. Mas então pensou no medo e na raiva que sentiu quando achou que havia sido contaminado por alguma coisa naquela câmara. Até então, ele nunca tinha se preocupado com os bilhões de criaturas nadando em suas entranhas, que faziam isso desde o dia de seu nascimento.

— Não podemos alterar os genes da nossa comida sem levantar suspeitas — disse Erskine. — Podemos colher e escolher até que um broto se transforme numa grande espiga de milho, mas não podemos fazer isso *intencionalmente*. Vic tinha dezenas de exemplos como esse. Vacinas *versus* defesas naturais, clonagem *versus* gêmeos, alimentos

geneticamente modificados. Claro que ele estava certo. Era o fato de ser feito pelo homem que instauraria o caos. Seria como saber que as pessoas queriam nos pegar, que havia perigo no ar que respirávamos.

Erskine fez uma pausa por um instante. A mente de Donald corria acelerada.

— Sabe, Vic disse certa vez que se esses terroristas tivessem um pingo de bom senso eles teriam simplesmente anunciado em que estavam trabalhando e depois assistiriam às coisas se incendiarem sozinhas. Ele disse que bastava sabermos o que estava acontecendo, que o fim de qualquer um de nós podia chegar em silêncio, invisível e a qualquer momento.

— Então a solução foi que *nós mesmos* queimássemos tudo?

Donald passou as mãos pelos cabelos, tentando encontrar sentido naquilo. Pensou em uma técnica de combate a incêndio que sempre lhe parecera igualmente confusa: queimar amplas faixas de floresta para evitar que um incêndio se espalhasse. E ele sabia que no Irã, quando os poços de petróleo foram incendiados na primeira guerra, às vezes a única solução era detonar uma bomba, combater o inferno com algo pior.

— Acredite em mim — disse Erskine. — Eu mesmo protestei. Mas conhecia a verdade desde o princípio, só demorei um pouco para aceitá-la. Thurman foi conquistado com mais facilidade. Ele viu logo que precisávamos sair desse planeta e começar de novo. Mas o custo da viagem era alto demais...

— Por que viajar pelo espaço — interrompeu Donald —, quando você pode viajar pelo tempo?

Ele se lembrou de uma conversa no gabinete de Thurman. O velho dissera o que estava planejando naquele primeiro dia, mas Donald não escutara.

Os olhos de Erskine se arregalaram.

— É. Esse foi o argumento dele. Acho que já tinha visto guerras demais. Eu... eu não tinha nem a experiência de Thurman nem... o *distanciamento* profissional de Vic. Foi a analogia do vírus de computador que me venceu, ver aqueles nanos como uma nova guerra

cibernética. Eu sabia o que eles podiam fazer, a velocidade com que podiam se reestruturar, evoluir, se você preferir. Depois que começasse, só iria parar quando nós estivéssemos extintos. E talvez nem então. Toda defesa serviria de plano para o ataque seguinte. O ar ficaria saturado com nossos exércitos invisíveis. Haveria nuvens enormes deles, em constante mutação e lutando sem necessidade de hospedeiro. E quando o público visse isso e *descobrisse*...

Ele deixou a frase inacabada.

— Histeria — murmurou Donald.

Erskine assentiu.

— Você disse que podia não acabar mesmo quando estivéssemos extintos. Isso significa que eles podem ainda estar lá fora? Os nanos?

Erskine olhou para o teto.

— Neste momento, não são apenas os humanos que estão sendo varridos do mundo lá fora, se é isso que você está querendo saber. Está sendo zerado. Todos os nossos experimentos estão sendo removidos. Pela graça de Deus, na verdade ainda vai levar um bom tempo até que consigamos tornar a fazê-los.

Donald se lembrou da orientação que os turnos combinados durariam quinhentos anos. Meio milênio de vida subterrânea. Quanto extermínio era necessário? E o que iria impedi-los de seguir o mesmo caminho pela segunda vez? Como algum deles poderia desaprender os riscos potenciais? Você não consegue segurar a água depois que a represa estoura.

— Você me perguntou se Victor tinha algum arrependimento... — Erskine tossiu protegendo a boca com a mão e balançou a cabeça. — Eu acho que ele sentiu algo parecido com isso certa vez. Foi uma coisa que ele disse quando estava despertando para seu oitavo ou nono turno, não me lembro qual. Eu acho que estava indo para meu sexto. Foi logo depois que vocês dois trabalharam juntos, depois daquela história feia com o Silo 12...

— Meu primeiro turno — disse Donald, já que Erskine parecia estar contando.

Teve vontade de acrescentar que tinha sido seu único turno.

— Sim, claro. — Erskine ajeitou os óculos. — Tenho certeza de que você o conheceu bem o suficiente para saber que ele não demonstrava as emoções com frequência.

— Era difícil interpretá-lo — concordou Donald.

Ele não sabia quase nada sobre o homem que acabara de ajudar a enterrar.

— Então acho que vai gostar disso. Nós estávamos juntos no elevador, e Vic virou para mim e disse como era difícil ficar ali parado na mesa dele e ver o que estávamos fazendo com os homens do outro lado do corredor. Ele estava falando de você, é claro. Pessoas na sua posição.

Donald tentou imaginar o homem que conheceu dizendo uma coisa daquelas. Ele quis acreditar naquilo.

— Mas não foi isso que realmente me impressionou. Eu nunca o vi tão triste como quando disse o seguinte. Ele disse... — Erskine pousou a mão sobre a cápsula. — Ele disse que, quando ficava ali sentado observando pessoas como você trabalhando, tornando-se mais próximo de vocês, achava que o mundo seria um lugar melhor com gente como você no comando.

— Gente como eu? — Donald balançou a cabeça. — O que ele podia querer dizer com isso?

Erskine sorriu.

— Perguntei a ele exatamente isso. A resposta foi que era um fardo fazer o que ele achava ser apropriado, agir com coerência e lógica. — Erskine passou a mão pela cápsula como se pudesse tocar a filha no interior. — E como as coisas seriam mais simples, como seria melhor para todos nós, se tivéssemos gente com coragem suficiente para em vez disso fazer o que fosse certo.

39

Silo 1

Naquela noite, Anna o procurou. Depois de um dia de entorpecimento e de convivência com a morte, de fazer refeições levadas por Thurman e não sentir gosto de nada, de vê-la montar um computador para ele e espalhar pastas com anotações, ela o procurou na escuridão.

Donald protestou. Tentou afastá-la. Ela se sentou na beira da cama e o segurou pelos pulsos enquanto ele soluçava até se acalmar. Ele pensou na história de Erskine, no que significava fazer a coisa certa em vez do que era correto, em qual era a diferença. Pensou naquilo enquanto uma velha amante se deitava sobre ele, a mão em torno de seu pescoço, o rosto em seu ombro, enquanto ele chorava.

Um século de sono o havia enfraquecido. Um século de sono e saber que Helen e Mick tinham vivido uma vida juntos. De repente sentiu raiva de Helen por não esperar, por não viver sozinha, por não receber suas mensagens e o encontrar do outro lado do morro.

Anna o beijou no rosto e sussurrou que tudo ia ficar bem. Lágrimas frescas escorreram pelo rosto de Donald conforme ele se dava conta de que era tudo o que Victor imaginara que ele não fosse. Era um ser humano mesquinho por desejar que sua mulher fosse solitária só para que ele pudesse dormir em paz cem anos mais tarde. Era um ser humano mesquinho por negar a ela esse consolo quando o toque de Anna fazia com que se sentisse muito melhor.

— Não posso — sussurrou ele pela décima vez.

— Shhh — disse Anna.

Ela fez carinho no cabelo dele naquela sala escura. E os dois ficaram sozinhos ali, na sala onde guerras eram travadas. Estavam aprisionados àqueles engradados de armas, com pistolas e munição, e coisas muito mais perigosas.

40

Silo 18

Mission seguiu seu caminho na direção da Expedição Intermediária angustiado sobre o que fazer em relação a Rodny. Temia pelo amigo, mas também se sentia impotente para ajudar. A porta do lugar onde eles o mantinham era diferente de qualquer outra que ele já havia visto: grossa e sólida, reluzente e intimidadora. Se o problema que seu amigo tinha causado pudesse ser medido por aquele lugar...

Ele sentiu um calafrio ao prosseguir nessa linha de raciocínio. A última limpeza fora poucos meses antes. Mission estivera lá, tinha levado parte do traje desde a TI, uma experiência mais sombria do que carregar um corpo para o enterro. Cadáveres pelo menos eram colocados nas bolsas pretas usadas pelos legistas. O traje de limpeza era um tipo diferente de saco, criado para uma alma viva que iria rastejar para seu interior e ser forçada a morrer lá dentro.

Mission lembrava onde eles haviam apanhado o equipamento. Tinha sido em uma sala no fundo do corredor em que estavam mantendo Rodny. As limpezas não eram realizadas pelo mesmo departamento? Ele estremeceu. Uma palavra fora de hora podia mandar uma pessoa lá para fora, para apodrecer nas colinas, e seu amigo Rodny era conhecido por falar perigosamente demais.

Primeiro, sua mãe, e agora seu melhor amigo. Mission se perguntou o que o Pacto dizia sobre se oferecer para fazer a limpeza no lugar de alguém, se é que dizia algo sobre isso. Era terrível viver sob as regras de um documento que nunca lera. Ele apenas supunha que os outros

houvessem lido, todas as pessoas no comando, e que eles estivessem seguindo seus códigos de boa-fé.

No cinquenta e oito, o lenço de um portador amarrado ao corrimão de descida chamou sua atenção. Era o mesmo padrão azul do lenço que ele usava em torno do pescoço, mas com uma barra em vermelho forte de comerciante. O dever chamou, afastando pensamentos que saltavam sem destino algum. Mission desamarrou o lenço e procurou no tecido a marca de identificação do comerciante. Era de Drexel, o farmacêutico no fim do corredor. Cargas leves e pouco dinheiro, normalmente. Mas, pelo menos, era para baixo, a menos que Drexel tivesse sido descuidado outra vez com o corrimão em que amarrara o lenço.

Mission estava louco para chegar à Central, onde uma chuveirada e uma muda de roupa o aguardavam, mas se alguém o visse com uma saca vazia passando por um lenço sinalizador, ele ia ouvir de Roker e dos outros. Entrou correndo na sala de Drexel, torcendo para que não fosse vários remédios indo para apartamentos diferentes. Suas pernas doíam só em pensar.

Drexel estava no balcão quando Mission empurrou a porta barulhenta do farmacêutico. Um homem grande, de barba farta e careca, Drexel era um personagem dos níveis intermediários. Muitos o procuravam em vez de ir aos médicos, apesar de Mission não ter muita certeza se isso era uma opção muito segura. Normalmente, era o homem que fazia mais promessas quem recebia mais fichas, não quem fazia as pessoas melhorarem.

Um punhado de pessoas aparentemente doentes aguardava no banco da sala de espera de Drexel, fungando e tossindo. Mission teve vontade de cobrir a boca com seu lenço. Em vez disso, embora não adiantasse, prendeu a respiração e aguardou enquanto Drexel enchia um pequeno quadrado de papel com um pó e o dobrava com todo o cuidado antes de entregá-lo à mulher que aguardava. A mulher pôs algumas fichas em cima do balcão. Quando ela foi embora, Mission jogou o lenço sinalizador sobre o dinheiro.

— Ah, Mish. Bom ver você, rapaz. Está em forma, como sempre. — Drexel alisou a barba e sorriu, exibindo dentes amarelos através dos fios longos de seu bigode.

— Você também — disse educadamente Mission, prendendo a respiração. — Tem alguma coisa para mim?

— Tenho. Só um segundo.

Drexel desapareceu por trás de uma parede com estantes repleta de garrafinhas e potes de vidro. O farmacêutico reapareceu com uma bolsa pequena.

— Remédios lá para baixo.

— Posso levá-los até a Expedição Intermediária, de lá eles enviam para o lugar certo — disse Mission. — Meu turno está terminando.

Drexel franziu a testa e esfregou a barba.

— Acho que não tem problema. E a Expedição me manda a fatura?

— Se tiver gorjeta... — disse ele, estendendo a palma da mão.

— Ah, a gorjeta. Mas só se você resolver uma charada.

Drexel se apoiou sobre o balcão, que pareceu ceder sob seu peso. A última coisa que Mission queria ouvir era mais uma charada daquele homem de idade e depois não ser pago. Drexel sempre tinha uma desculpa para manter as fichas do seu lado do balcão.

— Então — começou o farmacêutico, cofiando os bigodes. — O que pesa mais, uma sacola com trinta e cinco quilos de penas ou uma sacola com trinta e cinco quilos de pedras?

Mission nem hesitou para responder.

— A sacola de penas — afirmou.

Ele já havia ouvido essa. Era uma charada feita para um portador, e ele já pensara sobre ela tempo suficiente entre os níveis para chegar à própria resposta, uma diferente da óbvia.

— Errado! — urrou Drexel, gesticulando com o indicador. — Não são as pedras... — Sua expressão se fechou. — Espere. Você disse as penas? — Ele balançou a cabeça. — Não, rapaz, elas pesam o *mesmo*.

— O conteúdo pesa o mesmo — disse Mission. — Mas a sacola de penas teria de ser maior. O senhor disse que as duas estavam cheias, o

que significa uma bolsa maior com mais material, por isso ela pesa mais.

Ele estendeu a mão espalmada. Drexel ficou ali parado, com a ponta da barba na boca, derrotado em seu jogo. Contrariado, tirou duas moedas do pagamento da mulher e as botou na mão de Mission, que as aceitou e enfiou o pacote de remédios na sacola antes de fechá-la e apertá-la bem.

— A sacola maior... — murmurou Drexel, enquanto Mission saía correndo e passava pelos bancos, prendendo a respiração no caminho, os comprimidos chacoalhando em sua sacola.

A irritação do farmacêutico valia muito mais que a gorjeta, mas Mission gostou dos dois. O prazer, entretanto, desapareceu conforme ele descia em espiral através de um silo tenso. Viu delegados em um andar com as mãos nas armas, tentando acalmar vizinhos em conflito. Os vidros nas janelas que davam para uma loja no sessenta e dois estavam quebrados e cobertos por plástico. Mission tinha quase certeza de que aquilo era recente. Uma mulher no sessenta e quatro estava sentada junto da grade chorando com a cabeça entre as mãos, e Mission observou as pessoas passarem direto por ela. Quando continuou a descer, a escadaria tremia, e as pichações nas paredes o avisavam do que ainda estava por vir.

Ele chegou à Expedição Intermediária e a encontrou assustadoramente silenciosa. Passou pelas salas de classificação, com suas prateleiras altas cheias de material que precisava ser transportado, e foi direto para o balcão principal. Ia entregar o pacote que levava e pegar o serviço seguinte antes de tomar banho e se trocar. Katelyn estava trabalhando no balcão. Não havia outros portadores na fila. Talvez estivessem descansando, cuidando de suas feridas. Ou quem sabe tomando conta de suas famílias naquela onda recente de violência.

— Ei, Katelyn.

— Mish. — Ela sorriu. — Você parece intacto.

Ele riu e tocou o nariz, que ainda estava dolorido.

— Obrigado.

— Cam acabou de passar por aqui perguntando onde você estava.

— Foi? — Mission ficou surpreso. Ele achou que o amigo fosse tirar o dia de folga com a gorjeta da legista. — Ele pegou algum serviço?

— Pegou. Pediu qualquer coisa que fosse para o Suprimentos. Estava mais bem-humorado que o normal, apesar de parecer ter ficado chateado por ser deixado de fora das aventuras de ontem à noite.

— Ele soube daquilo, hein?

Mission olhou a lista de entregas. Estava procurando algo que precisasse ser entregue no alto. A Sra. Crowe saberia o que fazer em relação a Rodny. Talvez ela conseguisse descobrir com a prefeita por que ele estava sendo castigado, quem sabe até dizer alguma coisa em sua defesa.

— Espere — disse ele, olhando para Katelyn. — O que você quer dizer com estava bem-humorado? E ele estava indo para o *Suprimentos*? — Mission pensou no trabalho que Wyck havia lhe oferecido. O chefe da TI dissera que Mission não seria o último a receber a oferta. Talvez também não tivesse sido o *primeiro*. — De onde Cam tinha vindo?

Katelyn umedeceu o dedo na língua e folheou o velho livro de registros.

— Acho que a última entrega dele foi um computador com defeito para a...

— Aquele rato. — Mission deu um tapa no balcão. — Tem alguma outra coisa descendo? Talvez para o Suprimentos ou para a Química?

Ela conferiu no computador; seus dedos digitavam furiosamente. Mas as outras partes de seu corpo estavam serenas.

— Nesse momento estamos muito devagar — disse ela se desculpando. — Tem uma coisa para pegar na Mecânica e subir de volta para o Suprimentos. Vinte quilos. Sem pressa. Encomenda-padrão. — Ela encarou Mission do outro lado do balcão para ver se estava interessado.

— Aceito — disse.

Mas ele não planejava seguir direto para a Mecânica. Se corresse, talvez conseguisse chegar antes de Cam ao Suprimentos e fazer aquele outro serviço para Wyck. Esse era o jeito que ele estava procurando de

entrar. Não era o dinheiro que ele queria, era ter uma desculpa para voltar ao trinta e quatro para recolher o pagamento, ver de que tipo de ajuda seu amigo precisava, em que tipo de problema ele realmente tinha se metido.

41

Silo 18

Mission desceu em tempo recorde. O fato de o tráfego estar leve ajudou, mas não foi bom sinal não ter passado por Cam no caminho. O garoto devia estar com certa vantagem. Ou isso, ou Mission tivera muita sorte e o ultrapassara enquanto ele deixara a escadaria em uma parada para ir ao banheiro.

Mission parou por um instante na plataforma na entrada do Suprimentos, recuperou o fôlego e secou o suor do pescoço. Ainda não tinha tomado banho. Talvez depois que achasse Cam e cuidasse daquele trabalho na Mecânica pudesse se lavar e descansar direito. A Expedição Inferior teria uma muda de roupa para ele, e depois poderia resolver o que fazer em relação a Rodny. Era coisa demais para pensar. E era uma bênção que aquilo o estivesse distraindo de seu aniversário.

No Suprimentos, ele encontrou algumas pessoas à espera no balcão. Nenhum sinal de Cam. Se o garoto já tivesse chegado e partido, provavelmente tinha voado, e a entrega devia estar seguindo ainda mais para baixo. Mission bateu o pé e esperou sua vez. Quando chegou ao balcão, perguntou por Joyce, como Wyck dissera. O homem apontou para uma mulher corpulenta e com tranças compridas na outra extremidade do balcão. Mission a reconheceu. Ela cuidava de grande parte do fluxo do equipamento identificado como especial para a TI. Ele esperou até que ela terminasse com seu cliente, depois perguntou se havia alguma encomenda no nome de Wyck.

Ela estreitou os olhos em sua direção.

— Vocês estão com algum problema na Expedição? Acabei de mandar isso. — Ela gesticulou para a pessoa seguinte na fila.

— Podia me dizer para onde foi mandado? — perguntou Mission. — Fui enviado para render o outro cara. A... a mãe dele está doente. Eles não têm certeza se ela vai conseguir sobreviver.

O rosto de Mission se contraiu com aquela mentira. A senhora atrás do balcão franziu os lábios, desconfiada.

— Por favor — implorou ele. — É muito importante.

Ela hesitou.

— Ele ia para um apartamento seis andares abaixo. Não sei o número exato. Estava no relatório de entrega.

— Seis para baixo.

Mission conhecia o andar. O cento e dezesseis era residencial, exceto por certos negócios ilegais que funcionavam em alguns apartamentos.

— Obrigado — disse.

Ele deu outro tapa no balcão e saiu correndo na direção da saída. Era no caminho para a Mecânica de qualquer forma. Ele podia ter chegado tarde demais para fazer a entrega de Wyck, mas podia pedir a Cam para receber por ele o pagamento, oferecer-lhe um vale-férias por isso. Ou podia simplesmente abrir o jogo e dizer que um velho amigo estava com problemas e ele precisava passar pela segurança. Senão, teria de esperar uma solicitação da TI chegar à Expedição e ser o primeiro a pegá-la. E ele teria de torcer para que Rodny tivesse esse tempo.

Ele estava quatro níveis abaixo, formulando dezenas de planos como esse, quando houve a explosão.

A grande escadaria sacudiu como se fosse tombar para o lado. O corpo de Mission bateu contra o corrimão e quase caiu por cima dele. Agarrou o aço trepidante e ali se manteve.

Houve um grito agudo, um coro de gemidos. Ele observou, projetando a cabeça para além da grade de proteção, enquanto a plataforma dois níveis abaixo se retorcia para longe da escada. O metal gemia enquanto era rasgado, antes de despencar nas profundezas.

Mais de um corpo mergulhou em sequência. As figuras giravam no ar enquanto iam desaparecendo.

Mission desviou o olhar e se afastou. Alguns degraus abaixo, uma mulher agachada olhava para ele com uma expressão de medo e loucura. Houve um estrondo distante, de um lugar ainda muito mais profundo.

Eu não sei, ele queria dizer. Havia aquela pergunta nos olhos dela, a mesma que martelava o crânio dele, ecoando com o som da explosão. *Que diabo acabou de acontecer? Será que é isso? Será que começou?*

Ele pensou em subir correndo, para longe da explosão, mas havia gritos vindo de baixo, e um portador tinha um dever para com todos aqueles em necessidade pelas escadas. Ele ajudou a mulher a se levantar e a mandou subir. O cheiro de algo ácido e uma fumaça já começavam a encher o ar.

— Vá — insistiu ele.

Depois desceu em espiral contra o fluxo de tráfego ascendente. Cam estava lá embaixo. Aonde seu amigo tinha ido com o pacote e onde a explosão acontecera ainda era uma coincidência na mente confusa de Mission.

Havia uma aglomeração de pessoas na plataforma do andar abaixo. Moradores e lojistas saíam pelas portas e lutavam por um ponto junto à grade de onde pudessem olhar para o estrago no andar seguinte. Mission lutou para abrir caminho, gritando o nome de Cam, procurando pelo amigo. Um casal de aparência devastada cambaleava com o olhar vazio na direção da plataforma lotada, agarrados à grade e também um ao outro. Ele não viu Cam em lugar nenhum.

Deu cinco voltas na coluna central da escada ao descer correndo. Seus pés normalmente hábeis tropeçavam nos degraus escorregadios. Era o nível para onde Cam estava se dirigindo, certo? Seis para baixo. Nível cento e dezesseis. Ele devia estar bem. Tinha que estar bem. E então a visão daquelas pessoas despencando no ar passou pela mente de Mission. Era uma imagem que ele sabia que nunca iria esquecer. Com certeza Cam não era uma daquelas pessoas. O rapaz estava sempre atrasado ou adiantado para tudo, nunca na hora certa.

Ele fez a última volta, e onde devia estar o andar seguinte havia um espaço vazio. Os corrimãos da grande escadaria em espiral tinham sido arrancados antes de se romperem. Alguns degraus estavam pendurados, soltos da coluna central, e Mission sentiu-se atraído a chegar à beirada, o vazio tentando agarrá-lo. Não havia nada ali para impedi-lo de cair. O ferro parecia escorregadio sob suas botas.

Além do espaço vazio do aço arrancado e retorcido, a porta do cento e dezesseis tinha sumido. Em seu lugar, restaram apenas pedaços de concreto e barras escuras de ferro curvadas para fora, como se fossem mãos tentando agarrar a plataforma desaparecida. Uma poeira branca descia do teto, junto aos destroços. Inacreditavelmente, havia sons ao fundo daquela cortina de poeira: tosses e berros. Gritos por ajuda.

— Portador! — chamou alguém de cima.

Mission deslizou com cuidado até a beirada dos degraus inclinados e curvados. Ele segurou o corrimão no lugar onde estava solto. Era quente ao toque. Debruçando-se para fora, ele analisou a multidão quinze metros acima no andar seguinte, procurando pela pessoa que o havia chamado.

Alguém apontou quando viram seu corpo projetado para fora, quando viram o lenço em volta de seu pescoço.

— Lá está ele! — gritou uma mulher, aquela com o olhar enlouquecido, que passara cambaleante enquanto ele descia apressado, uma das que tinham sobrevivido.

— Foi o portador que fez isso! — gritou ela.

42

Silo 18

Mission se virou e correu, enquanto a escadaria reverberava o som estridente da multidão ao descer. Ele desceu aos tropeços, se segurando na coluna central, procurando ver se o corrimão reapareceria. Muita coisa tinha sido arrancada. Os danos deixaram os degraus instáveis. Ele não tinha ideia de por que estava sendo perseguido. Foi preciso dar a volta inteira na coluna para que o corrimão reaparecesse e para que ele voltasse a se sentir seguro naquela velocidade. Levou quase o mesmo tempo para ele entender que Cam estava morto. Seu amigo tinha entregado um pacote e agora estava morto. Ele e muitos outros. Apenas um olhar para seu lenço azul e alguém acima deve ter achado que foi Mission quem fez a entrega. E por muito pouco não foi.

Outra multidão na plataforma do cento e dezessete. Rostos marcados por lágrimas, uma mulher tremendo, abraçando a si mesma, um homem cobrindo o rosto, todos olhando para cima ou para baixo, além das grades. Tinham visto os destroços despencarem. Mission continuou correndo. A Expedição Inferior no cento e vinte era o único refúgio entre ele e a Mecânica. Corria para lá quando um grito violento surgiu do alto e se aproximou rápido demais.

Mission levou um susto e quase caiu quando a pessoa que gritava voou em sua direção. Esperou que alguém o derrubasse pelas costas, mas o som passou zunindo pela grade. Outra pessoa. Caindo, viva, gritando, despencando na direção das profundezas. Os degraus soltos e o espaço vazio acima tinham vitimado um de seus perseguidores.

Ele apertou o passo, trocando a coluna central pelo corrimão externo, onde os degraus eram mais largos e a curva, mais suave, onde a força de sua descida o pressionava contra a barra de aço. Ali ele podia ir mais depressa. Tentou não pensar no que aconteceria caso se deparasse com um buraco no aço. Mission corria, seus olhos ardendo por causa da fumaça, seus próprios pés e os dos outros acima produzindo um alto som metálico ao bater contra os degraus, e ele demorou a perceber que a névoa no ar não era da ruína que deixara para trás. A fumaça à sua volta estava *subindo*.

43

Silo 1

O café da manhã de Donald, de ovos em pó e batata cozida, tinha esfriado havia muito tempo. Ele raramente tocava na comida levada por Thurman e Erskine, preferindo a coisa sem graça nas latas prateadas sem rótulo que ele encontrara entre os engradados lacrados do depósito. Não era apenas questão de confiança, era a rebeldia do ato, o poder decorrente de assumir o controle da própria sobrevivência. Ele garfou um pedaço gelatinoso amarelo-alaranjado que supôs um dia ter sido um pedaço de pêssego e o botou na boca. Mastigou, sem sentir sabor de nada, mas fingiu que tinha o gosto de pêssego.

Do outro lado da mesa larga, Anna mexia com os botões em seu rádio e tomava uma caneca de café ruidosamente. Um emaranhado de fios saía de uma caixa preta para seu computador, e um chiado suave de estática enchia a sala.

— Pena que não pegue uma estação melhor — disse Donald, rabugento.

Ele garfou outro pedaço da fruta misteriosa e o jogou na boca. "Manga", disse a si mesmo, só para variar.

— Nenhuma estação é tão boa quanto essa — disse ela, se referindo à sua esperança de que as torres do Silo 40 e as de seus vizinhos permanecessem em silêncio.

Ela tentou explicar o que estava fazendo para isolar quaisquer improváveis sobreviventes, mas quase nada daquilo fazia nenhum sentido para Donald. Um ano antes, supostamente, o Silo 40 tinha hackeado o sistema. Acharam que tinha sido um chefe velhaco da TI.

Não era possível que qualquer outra pessoa tivesse as qualificações e o acesso necessários para fazer algo assim. Quando as imagens de vídeo foram interrompidas, todos os mecanismos de segurança já tinham sido bloqueados. Foram feitas tentativas para eliminar o silo, mas não havia maneira de verificá-las. Ficou óbvio que essas tentativas haviam falhado quando a escuridão começou a se espalhar para os outros silos.

Thurman, Erskine e Victor foram acordados, segundo o protocolo, um após o outro. Outros mecanismos de segurança se mostraram inúteis, e Erskine ficou preocupado que os hackers tivessem avançado ao nível dos nanos, que as máquinas no ar estivessem sendo reprogramadas, que tudo estivesse em risco. Depois de muitas tentativas, Thurman convenceu os outros dois de que Anna poderia ajudar. Sua pesquisa no MIT tinha sido sobre frequências em redes sem fio; tecnologia de carga remota; a capacidade de assumir o controle de equipamentos eletrônicos via rádio.

Ela acabou conseguindo acionar o mecanismo de destruição dos silos atingidos. Donald ainda tinha pesadelos ao pensar nisso. Enquanto ela descrevia o processo, ele estudara a planta de um silo-padrão na parede. Visualizara as explosões que liberaram as camadas de concreto entre os andares, enviando-os para o fundo como uma carreira de dominós, esmagando tudo e todos no meio. Camadas de concreto com quinze metros de espessura tinham sido soltas para transformar sociedades inteiras em ruínas. Aquelas construções subterrâneas haviam sido projetadas desde o começo para poderem ser derrubadas como qualquer outra, e remotamente. Para Donald, o fato de essa medida de segurança ser necessária era, além de extremamente doentio, uma solução cruel.

Tudo o que restava daqueles silos agora eram os chiados e estalidos de seus rádios mortos, um coral de fantasmas. Os chefes dos silos no restante das instalações não tinham sequer sido informados da calamidade. Não haveria nenhum X vermelho em seus mapas para assombrar seus dias. Da maneira que as coisas funcionavam, os vários chefes tinham pouco contato uns com os outros. A maior preocupação era que o pânico se espalhasse.

Mas Victor soubera. E Donald desconfiava de que tinha sido esse fardo pesado que o levara a tirar a própria vida, em vez de qualquer uma das teorias sugeridas por Thurman, que era tão impressionado com o brilho de Victor que buscava propósito por trás de seu suicídio, alguma causa conspiratória. Donald estava quase chegando à triste conclusão de que a humanidade havia sido lançada à beira da extinção por homens loucos em posição de poder seguindo uns aos outros, cada um deles achando que os outros sabiam aonde estavam indo.

Ele bebeu um gole de suco de tomate de uma lata furada e pegou duas folhas de papel entre os inúmeros relatórios e anotações em torno de seu teclado. O destino do Silo 18 supostamente estava em alguma coisa naquelas duas pastas. Eram cópias do mesmo relatório. Uma era a impressão simples do relatório que ele escrevera muito tempo antes na época da queda do Silo 12. Donald mal se lembrava de tê-lo escrito. E agora ele o havia encarado por tanto tempo que espremera dele seu significado, como uma palavra que, repetida várias vezes, se transforma apenas em ruído.

A outra cópia mostrava as anotações que Victor havia feito em cima do relatório. Ele havia usado caneta vermelha, e alguém lá em cima tinha conseguido obter o mesmo tom da caneta para tornar as duas versões mais legíveis. Entretanto, ao fazer a cópia, também transferiram um leve borrado e algumas gotas de sangue. Aquelas marcas eram lembretes horrendos de que o relatório estava no alto da mesa de Victor nos últimos momentos de sua vida.

Após três dias de estudo, Donald estava começando a desconfiar de que o relatório não passava de um pedaço de papel. Por que outra razão escrever por cima dele? E mesmo assim Victor tinha falado várias vezes a Thurman que a chave para acabar com a violência no Silo 18 estava bem ali, no relatório de Donald. Victor havia defendido que Donald fosse despertado do congelamento profundo, mas não conseguira o apoio nem de Erskine nem de Thurman. Por isso aquilo era tudo o que Donald tinha: o relato de um mentiroso sobre o que um morto dissera.

Mentirosos e mortos — dois grupos com pouca capacidade de falar a verdade.

O pedaço de papel com tinta vermelha e marcas de sangue cor de ferrugem era de pouca ajuda. Havia algumas linhas, porém, que faziam sentido. Elas lembravam a Donald como os horóscopos eram capazes de apresentar afirmações vagas e indiretas, que davam crédito a todas as suas outras mentiras.

Aquele que se lembra tinha sido escrito em letras grossas e confiantes no meio do relatório. Donald não conseguia evitar sentir que aquilo se referia a ele e à sua resistência aos medicamentos. Anna não tinha dito que Victor falava dele com frequência, que desejava acordá-lo para fazer testes e interrogá-lo? Outras reflexões eram ao mesmo tempo vagas e assustadoras. *Esse é o motivo*, escrevera Victor. E também: *Um fim para todos eles.*

Ele estaria falando do motivo de seu suicídio ou da violência no Silo 18? E um fim para o quê?

De muitas maneiras, o ciclo de violência no Silo 18 não foi diferente do que aconteceu em outros lugares. Foi mais severo, mas foi o mesmo vaivém de multidões, de uma geração se revoltando contra a anterior, um ciclo de quinze a vinte anos de revoltas sangrentas.

Victor tinha escrito muito sobre o assunto. Deixara relatórios sobre tudo, desde o comportamento de primatas às guerras dos séculos XX e XXI. Havia um que Donald achava especialmente perturbador. Ele detalhava como primatas amadureciam e tentavam depor seus pais, os machos alfa. Ele falava de chimpanzés que cometiam infanticídio, machos roubando filhotes de suas mães e levando-os para árvores onde arrancavam seus braços e pernas, membro a membro. Victor havia escrito que aquilo fazia com que as fêmeas entrassem outra vez no cio. Abria espaço para a geração seguinte.

Donald teve dificuldade para acreditar que alguma dessas coisas fosse verdade. Teve ainda mais dificuldade para entender um relatório sobre lobos frontais e o tempo necessário para seu desenvolvimento em humanos. Talvez isso fosse importante para solucionar algum mistério.

Ou talvez fossem os delírios de um homem perdendo a razão — ou de um homem descobrindo sua consciência e lidando com o que havia feito com o mundo.

Donald estudou seu relatório antigo e procurou nas anotações de Victor alguma resposta. Ele caiu em uma rotina que Anna já havia aperfeiçoado muito tempo antes. Dormiam, comiam e trabalhavam. Esvaziavam à noite de gole em gole garrafas de uísque que os deixavam altos como chaminés de fábricas em meio à planta dos silos. De manhã, eles se revezavam no chuveiro, Anna ousada com sua nudez, Donald desejando que ela não o fosse. A presença dela se tornava um entorpecente do passado, e Donald começava a construir uma realidade alternativa em sua mente: ele e Anna estavam trabalhando juntos em mais um projeto secreto; Helen voltara a Savannah; Mick não podia ir às reuniões; Donald não conseguia falar com nenhum deles porque seu telefone não funcionava.

Sempre era seu telefone que não funcionava. Só uma mensagem enviada no dia da convenção e Helen podia estar lá embaixo no congelamento profundo, adormecida em sua cápsula. Ele podia visitá-la como Erskine visitava a filha. Eles ficariam juntos depois que todos os turnos terminassem.

Em outra versão do mesmo sonho, Donald imaginava ser capaz de subir naquele morro e chegar ao lado do Tennessee. Bombas explodiam no ar; pessoas assustadas mergulhavam nos buracos; uma garotinha cantava com uma voz muito pura. Nessa fantasia, ele e Helen desapareciam na mesma terra. Eles tinham filhos e netos e eram enterrados juntos.

Sonhos como esses o assombravam quando ele permitia que Anna o tocasse, deitasse em sua cama por uma hora antes de dormir, só o som de sua respiração, sua cabeça em seu peito, o cheiro de álcool no hálito dos dois. Ele ficava ali deitado e tolerava aquilo, sofria por aquilo ser bom, a mão dela repousando em seu pescoço, e só dormia depois que ela começava a se sentir desconfortável pela falta de espaço e ia para a própria cama.

De manhã, ela cantava no chuveiro, o vapor saía para a sala de guerra enquanto Donald continuava seus estudos. Ele logava no computador dela e ali conseguia buscar arquivos nos diretórios pessoais de Victor. Podia ver quando tinham sido criados, acessados e com que frequência. Um dos mais antigos, e abertos mais recentemente, era uma lista com todos os silos classificados em ordem. O número dezoito era um dos primeiros, mas não estava claro se aquela era uma classificação por problema ou valor. E, para começar, por que classificá-los? Com que objetivo?

Ele também usava o computador de Anna para procurar pela irmã, Charlotte. Ela não estava listada nas cápsulas abaixo, nem sob qualquer nome ou foto que ele pôde encontrar. Mas ela estava lá durante a orientação. Ele se lembrava de ela ter sido conduzida com as outras mulheres e ser posta para dormir. E agora ela parecia ter desaparecido. Mas para onde teria ido?

Eram muitas perguntas. Ele encarou os dois relatórios, com o som horroroso da estática vazando do rádio e o peso de toda a terra fazendo pressão sobre ele. Então começou a se perguntar se, caso focasse as anotações de Victor com bastante atenção, não iria chegar à mesma conclusão.

44

Silo 1

Quando não conseguia mais olhar para as anotações, Donald saía para sua caminhada habitual em meio às armas e aos drones no depósito. Aquela era sua fuga do chiado do rádio e do confinamento atulhado em sua casa improvisada, e era durante essas voltas que ele chegava mais perto de desanuviar a cabeça de seus sonhos, da garrafa de uísque da noite anterior e da confusão de emoções que estava começando a sentir em relação a Anna.

Acima de tudo, ele dava aquelas voltas e tentava encontrar algum sentido naquele mundo novo. Estava intrigado com o que Thurman e Victor tinham planejado para os silos. Quinhentos anos sob a terra, e depois o que aconteceria? Donald queria desesperadamente saber. E era assim que ele se sentia vivo de verdade: quando estava tomando alguma atitude, quando estava à procura de respostas. Era a mesma sensação fugaz de poder que sentira ao recusar os comprimidos, ao sujar os dedos de azul e passar a língua nas aftas que se formavam na parte interna da boca.

Durante essas caminhadas sem rumo, ele examinava o interior de vários engradados de plástico que se empilhavam pelo chão e junto às paredes do grande salão. Encontrou um engradado com uma arma faltando, e supôs que Victor a havia pegado. O lacre da embalagem hermeticamente fechada estava rompido, e as outras armas no interior cheiravam a óleo. Ele descobriu que alguns engradados continham uniformes e trajes como os usados por astronautas, dobrados e embalados a vácuo em plástico grosso; outros tinham capacetes com

cúpulas enormes e golas de metal. Havia lanternas com lentes vermelhas, alimentos e kits de primeiros socorros, mochilas, grande quantidade de munição, e uma miríade de outros aparelhos e artefatos que ele só podia imaginar para que serviam. Em uma caixa encontrou um mapa plastificado, uma planta dos cinquenta silos. Havia linhas vermelhas que partiam dos silos, uma de cada um, e se encontravam em um único ponto. Donald tinha percorrido as linhas com o dedo, segurando o mapa à sua frente para aproveitar a luz que vinha do escritório ao longe. Ele ficou intrigado com aquilo, depois botou o mapa de volta no lugar, pistas para um mistério que ele não podia definir.

Dessa vez, ele parou durante a caminhada para fazer uma série de polichinelos nos largos corredores entre os drones adormecidos. Apenas dois dias antes, fazer o exercício tinha sido uma verdadeira luta, mas o gelo em suas veias parecia agora estar derretendo. Quanto mais se esforçava, mais desperto e alerta parecia ficar. Ele fez setenta e cinco, dez a mais que na véspera. Depois de recuperar o fôlego, foi para o chão ver quantas flexões conseguia fazer com os músculos atrofiados. E foi ali, no terceiro dia de sua clausura, com o rosto a poucos centímetros do chão de aço, que ele descobriu o elevador de lançamento, uma porta de garagem que mal chegava à altura de sua cintura, mas larga o bastante para comportar a envergadura dos drones ocultos sob as lonas.

Donald levantou após as flexões e se aproximou da porta baixa. Todo o depósito ficava praticamente no escuro, aquela parede era quase totalmente negra. Pensou em buscar uma das lanternas quando viu a alavanca vermelha. Um puxão e a porta de enrolar deslizou e subiu para o interior da parede. De quatro, Donald explorou o espaço que ela guardava, com cerca de quatro metros de profundidade. Ele não conseguiu sentir nem botões nem alavancas nas paredes, nenhuma maneira de operar o elevador de lançamento.

Curioso, ele rastejou de volta para pegar uma lanterna. Ao virar, percebeu outra porta na mesma parede mergulhada na escuridão. Donald tentou a maçaneta, viu que estava destrancada e descobriu um corredor mal-iluminado atrás da porta. Tateou até encontrar um

interruptor, e as lâmpadas do teto piscaram antes de acenderem por completo. Ele ficou em silêncio, puxou a porta em seguida.

O corredor permitia dar cerca de cinquenta passos e terminava em uma porta. De cada lado, havia duas outras. Mais escritórios, supôs, parecidos com a casa que Anna criara no fundo do depósito. Ele tentou a primeira porta, e dela saiu cheiro de naftalina. Lá dentro havia fileiras de beliches, com marcas de pegadas recentes sobre uma camada de poeira, e um espaço onde antes havia duas camas pequenas. Era possível sentir a ausência de pessoas. Ele espiou atrás da outra porta e encontrou cabines com vasos sanitários e vários chuveiros.

As duas portas seguintes eram mais do mesmo, exceto por uma fileira de mictórios no banheiro. Talvez as pessoas tivessem vivido ali para cuidar das munições, mas Donald não se lembrava de ninguém ir àquele nível durante seu turno. Não, aqueles eram alojamentos mantidos para outros tempos, assim como as máquinas sob as lonas. Ele deixou o banheiro para os fantasmas e conferiu a porta no fim do corredor.

Lá dentro, encontrou lençóis de plástico jogados sobre mesas e cadeiras, com uma fina camada de poeira por cima. Donald se aproximou de uma das mesas e viu o monitor de computador sob o plástico. As cadeiras estavam presas às mesas, e havia algo familiar nelas em relação a seus botões e ajustes. Ele se ajoelhou e tateou buscando a ponta da cobertura de plástico e a levantou ruidosamente.

Os controles de voo o transportaram de volta a outra vida. Ali estava a alavanca que sua irmã chamava de manche, os pedais sob o assento que ela chamava de outra coisa e o manete e todos os outros botões e mostradores. Donald se lembrou de fazer um tour com ela pelas instalações de treinamento depois de ela ter se formado na escola de voo. Eles pegaram um avião até o Colorado para a cerimônia. Lembrou-se também de ver uma tela como aquela enquanto o drone de sua irmã decolava e se juntava a muitos outros. Ele se lembrava da vista do Colorado refletida no nariz de sua graciosa máquina de voo.

Olhou em torno da sala para as diversas mesas de comando. Ele entendeu de repente a necessidade óbvia daquele lugar. Imaginou vozes

no corredor, homens e mulheres tomando banho e conversando, batendo com as toalhas nos traseiros uns dos outros, alguém querendo uma gilete emprestada, um turno de pilotos sentado àquelas mesas onde o café podia permanecer perfeitamente imóvel em canecas fumegantes enquanto a morte chovia do alto.

Donald baixou de volta a cobertura de plástico. Pensou na irmã, adormecida e escondida alguns níveis abaixo, onde ele não podia encontrá-la. Ele se perguntou se, no final das contas, ela havia sido levada até ali para lhe fazerem uma surpresa. Talvez tivesse sido levada como uma surpresa para alguns *outros* do futuro.

E, de repente, ao pensar nela, pensar em uma época perdida para sonhos e lágrimas solitárias, Donald se viu tateando os bolsos à procura de algo. Comprimidos. Uma receita antiga que tinha o nome dela. Helen o havia obrigado a procurar um médico, não havia? E Donald de repente soube por que ele não conseguia esquecer, por que aqueles medicamentos não funcionavam nele. Essa descoberta veio junto ao poderoso desejo de encontrar a irmã. Charlotte era a razão. Ela era a resposta para um dos enigmas de Thurman.

45

Silo 1

— Eu quero vê-la primeiro — exigiu Donald. — Me deixem vê-la, depois eu conto a vocês.

Ele esperou que Thurman ou o Dr. Sneed respondessem. Os três estavam no consultório de Sneed na ala das cápsulas criogênicas. No elevador, Donald tinha barganhado com Thurman sua ida até ali, e agora estava barganhando ainda mais. Ele desconfiava que o remédio da irmã era a razão de ele não conseguir esquecer. Ia trocar essa descoberta por outra. Ele queria saber onde ela estava, queria vê-la.

Havia algo não dito entre os dois homens. Thurman virou-se para Donald com um alerta.

— Ela não vai ser despertada — disse ele. — Nem mesmo por isso.

Donald assentiu. Ele soube que só aqueles que faziam as leis tinham permissão de quebrá-las.

O Dr. Sneed virou para o computador em sua mesa.

— Vou procurá-la.

— Não é preciso — disse Thurman. — Eu sei onde ela está.

Ele os conduziu para fora da sala e pelo corredor. Passaram pelas principais salas de turno, onde Donald havia despertado como Troy tantos anos antes, em seguida pela seção de congelamento profundo, onde ele passara um século hibernando, até chegar a mais uma porta igual às outras.

O código que Thurman digitou era diferente, percebeu Donald por causa do som dissonante das quatro notas emitidas quando o homem apertou os botões. Em pequenas letras pintadas em estêncil acima do

teclado ele identificou as palavras: *Pessoal de Emergência*. Trancas giraram e estalaram como ossos velhos, e a porta se abriu aos poucos.

O vapor os seguiu até o interior: o ar quente do corredor atingindo o frio de necrotério. Havia menos que uma dúzia de fileiras de cápsulas, talvez cinquenta ou sessenta unidades no total, pouco mais de um turno completo. Donald espiou dentro de uma das unidades iguais a um caixão, com o gelo formando uma teia azul e branca no vidro, e viu no interior um rosto forte e de traços bem-definidos. Um soldado congelado, ou pelo menos foi isso que sua imaginação lhe disse.

Thurman os conduziu pelas fileiras e colunas até parar diante de uma cápsula. Pousou a mão sobre a superfície de um modo que lembrava afeição. Sua respiração subia em colunas no ar. Isso fazia com que seu cabelo e sua barba completamente brancos parecessem estar cobertos de gelo.

— Charlotte — sussurrou Donald, olhando para sua irmã no interior.

Ela não tinha mudado, não havia envelhecido nem um pouco. Até a tonalidade azulada de sua pele parecia normal e esperada. Ele estava ficando acostumado a ver pessoas daquele jeito.

Ele esfregou a janelinha para limpar a camada de gelo e ficou impressionado com as próprias mãos magras e as juntas aparentemente frágeis. Ele havia atrofiado. Tinha envelhecido, enquanto a irmã permanecera a mesma.

— Eu a prendi desse jeito uma vez — disse olhando para ela. — Eu a prendi em minhas lembranças exatamente desse jeito quando ela partiu para a guerra. Nossos pais fizeram o mesmo. Ela era só a pequena Charla.

Afastou os olhos dela e estudou os dois homens do outro lado da cápsula. Sneed ia dizer algo, mas Thurman botou a mão no braço do médico. Donald virou de novo para a irmã.

— Claro que ela cresceu mais do que imaginávamos. Ela matou gente na guerra. Nós falamos sobre isso anos mais tarde, depois que eu tinha sido eleito e ela achou que eu já estava crescido o bastante. — Ele

riu e balançou a cabeça. — Minha irmã mais nova, esperando que *eu* crescesse.

Uma lágrima caiu pesadamente sobre a placa de vidro congelada. O sal atravessou o gelo e deixou um rastro. Donald secou com um chiado, depois temeu poder incomodá-la.

— Eles a acordavam no meio da noite — disse ele. — Sempre que um alvo era considerado... como ela chamava mesmo? *Acionável*. Eles a acordavam. Ela dizia que era estranho sair do sonhar para matar. Que nada daquilo fazia sentido. Que ela voltava a dormir e revia as imagens dos vídeos em sua cabeça, a última visão de um míssil se aproximando enquanto ela o guiava para o alvo...

Ele respirou fundo e ergueu os olhos para Thurman.

— Achei que fosse bom o fato de ela não poder ser machucada, sabe? Ela estava segura em um trailer em algum lugar, e não lá no alto, no céu. Mas ela reclamava disso. Dizia a seu médico que não parecia certo estar em segurança e fazer o que ela fazia. As pessoas na linha de frente tinham o medo como desculpa. Tinham a autopreservação. Uma razão para matar. Charlotte matava pessoas e depois ia para o refeitório comer uma fatia de torta. Era isso que ela dizia ao médico. Ela comia algo doce e não conseguia sentir o sabor.

— Que médico era esse? — perguntou Sneed.

— Meu médico — respondeu Donald. Ele secou o rosto, mas não estava com vergonha das lágrimas. Estar ao lado da irmã fazia com que se sentisse corajoso e ousado, menos solitário. Ele podia enfrentar o passado e o futuro, até mesmo os dois. — Helen estava preocupada com minha reeleição. Charlotte já tinha uma receita, tinha sido diagnosticada com Transtorno de estresse pós-traumático logo após seu primeiro período de combate, por isso continuamos a comprar os remédios com as receitas dela.

Sneed fez um gesto com a mão, pedindo mais informações.

— Que receita?

— Propranolol — disse Thurman. — Ela estava tomando propranolol, não estava? E você ficou preocupado que a imprensa

descobrisse que você estava se automedicando.

Donald assentiu.

— Helen estava preocupada. Ela achou que podia vazar que eu estava tomando algo para meus... pensamentos mais loucos. Os comprimidos me ajudavam a esquecê-los, me mantinham equilibrado. Eu conseguia estudar a Ordem, e tudo o que eu via eram palavras, não as implicações. Não havia medo.

Ele olhou para a irmã, entendendo, finalmente, por que ela havia se recusado a tomar os medicamentos. Ela queria o medo. De algum modo, ele era necessário, fazia com que ela se sentisse mais humana.

— Eu me lembro de você me dizer que ela estava tomando — disse Thurman. — Nós estávamos na livraria...

— Você se lembra de sua dose? — perguntou Sneed. — Por quanto tempo você tomou?

— Comecei a tomar depois de receber a Ordem para ler. — Ele observou Thurman à procura de qualquer expressão, mas não notou nada. — Acho que foram dois ou três anos antes da convenção. Eu tomei quase todo dia até lá. — Virou-se para Sneed. — Era para eu ter alguns comigo durante a orientação, se não os tivesse perdido naquele dia na colina. Acho que eu caí. Eu me lembro de cair...

Sneed virou-se para Thurman.

— Não há como dizer quais poderiam ser as complicações. Victor era cuidadoso em não dar psicotrópicos para o pessoal administrativo. Todo mundo foi testado...

— Eu não fui — disse Donald.

Sneed o encarou.

— Todo mundo foi testado.

— Ele não. — Thurman estudou a superfície da cápsula. — Houve uma mudança de última hora. Uma troca. Eu dei o aval. E se ele estava tomando essa medicação no nome dela, não tinha como haver nada na ficha médica dele.

— Temos que falar com Erskine — disse Sneed. — Pode funcionar com ele. Podemos chegar a uma nova fórmula. Isso pode explicar

algumas imunidades em outros silos. — Ele se virou como se precisasse voltar à sua sala.

Thurman olhou para Donald.

— Você precisa de mais tempo aqui embaixo?

Donald estudou a irmã por um instante. Ele queria despertá-la, conversar com ela. Talvez pudesse voltar outra hora só para visitá-la.

— Acho que eu gostaria de voltar — disse.

— Vamos ver.

Thurman deu a volta na cápsula, botou a mão no ombro de Donald e deu um aperto de leve, solidário. Depois conduziu-o na direção da porta, e Donald não olhou para trás, não conferiu na tela o novo nome da irmã. Ele não se importava. Sabia onde ela estava, e ela sempre seria Charlotte para ele. Ela nunca ia mudar.

— Você fez bem — disse Thurman. — Isso foi muito bom. — Eles foram para o corredor, e ele fechou a pesada porta ao saírem. — Você pode ter descoberto por que Victor estava tão obcecado por aquele seu relatório.

— Descobri? — Donald não via a conexão.

— Não acho que ele estava interessado em nada do que você escreveu — disse Thurman. — Acho que ele estava interessado em *você*.

46

Silo 1

Eles pegaram o elevador para o refeitório em vez de deixar Donald no cinquenta e quatro. Estava quase na hora do jantar, e ele podia ajudar Thurman com as bandejas. Enquanto a luz por trás dos números dos andares acendia e apagava, acompanhando o percurso do elevador rumo ao poço, Donald era assombrado pela desconfiança de Thurman em relação a Victor. E se Victor apenas tivesse ficado curioso sobre sua resistência à medicação? E se não houvesse nada naquele relatório?

Estavam passando pelo nível quarenta quando o botão que indicava o andar piscou iluminado e logo depois se apagou. Donald pensou no silo que tinha feito a mesma coisa.

— O que isso significa para o 18? — perguntou ele, vendo o número seguinte passar.

Thurman olhava fixamente para as portas de aço inoxidável; havia a marca oleosa de uma mão onde alguém havia se apoiado para se equilibrar.

— Vic queria tentar resetar o 18. Eu nunca vi motivo para isso. Mas talvez ele tivesse razão. Talvez devêssemos dar a eles mais uma chance.

— E resetar implica o quê?

— Você sabe. — Thurman olhou para ele. — É o que fizemos com o mundo, só que em escala menor. Reduzir a população, apagar as informações dos computadores, as memórias, tentar tudo de novo. Já fizemos isso várias vezes antes com este silo. Isso envolve riscos. Você não pode criar um trauma sem causar uma grande confusão. Em

determinado ponto, é mais fácil e seguro simplesmente desligar a tomada.

— Acabar com eles — disse Donald.

E ele viu contra o que Victor tinha lutado, o que ele tinha se esforçado para evitar. Desejou que pudesse falar com aquele homem de idade. Anna dissera que Victor sempre falava dele. E Erskine dissera que ele queria que pessoas como Donald estivessem no comando.

O elevador abriu no nível mais alto. Donald saiu e imediatamente se sentiu estranho por estar caminhando em meio às pessoas em seus turnos, por estar presente e ao mesmo tempo ausente da vida cotidiana do Silo 1.

Ele percebeu que ninguém ali olhava para Thurman com respeito. Ele não era o chefe daquele turno, e ninguém o reconhecia como tal. Dois homens, um de branco e outro de bege, serviam-se de comida e olhavam para a terra arrasada e em ruínas no telão na parede.

Donald pegou uma das bandejas e percebeu novamente que a maioria das pessoas sentava de frente para o telão. Só um ou dois ficavam de costas. Ele seguiu Thurman até o elevador enquanto ansiava por falar com aquelas poucas pessoas, perguntar a elas o que lembravam, do que tinham medo, dizer-lhes que não havia problema em sentir medo.

— Por que os outros silos têm telões? — perguntou a Thurman, mantendo a voz baixa. As partes da instalação em que ele não tivera participação no projeto não faziam sentido para ele. — Por que mostrar a eles o que fizemos?

— Para mantê-los no interior — respondeu Thurman. Ele equilibrava a bandeja com uma das mãos e apertou o botão para chamar o expresso. — Não é que estejamos mostrando a eles o que fizemos. Estamos mostrando o que há lá fora. Esses telões e alguns tabus são tudo o que mantém as pessoas enclausuradas. Humanos têm essa doença, Donny, essa compulsão para se mover até esbarrarmos em alguma coisa. Aí atravessamos essa coisa, ou cruzamos oceanos, ou galgamos montanhas...

O elevador chegou. Um homem no macacão vermelho do reator pediu licença e passou entre os dois. Eles entraram, e Thurman procurou seu crachá.

— Medo — disse ele. — Mesmo o medo da morte pode não ser suficiente para conter essa nossa compulsão. Se nós não mostrássemos a eles o que há lá fora, eles iam sair para ver com os próprios olhos. É isso que sempre fizemos, é a natureza da nossa espécie.

Donald refletiu sobre isso. Pensou sobre a própria compulsão em escapar do confinamento de todo aquele concreto opressor, mesmo que isso significasse a morte do lado de fora. O vagaroso estrangulamento por dentro era pior.

— Eu preferia que o silo fosse resetado, não extinto — disse Donald enquanto observava os números passarem a toda velocidade.

Ele não mencionou que tinha se informado sobre as pessoas que viviam lá. Resetar o silo ia significar um mundo de perdas e sofrimento, mas depois haveria uma chance de viver. A outra opção era a morte de todos eles.

— Eu mesmo estou cada vez menos inclinado a liberar o gás no silo — admitiu Thurman. — Quando Vic estava vivo, tudo o que eu fazia era brigar contra perder nosso tempo com qualquer silo como esse. Agora que ele se foi, eu me vejo defendendo essas pessoas. É como se eu tivesse que respeitar seus últimos desejos. E é um perigo cair em uma armadilha dessas.

O elevador parou no vinte e pegou dois trabalhadores, que interromperam a conversa e ficaram em silêncio durante a viagem. Donald pensou naquele processo de purificação de um silo só para ver a violência se repetir. As grandes guerras do passado eram como aquilo. Ele se lembrava de duas guerras no Irã, de uma nova geração sem memória, de modo que os filhos marchassem para as mesmas batalhas que os pais já haviam lutado.

Os dois trabalhadores desceram no salão de recreação e retomaram a conversa quando as portas fecharam. Donald se lembrou do quanto

gostava de se castigar na sala de musculação. Agora estava emagrecendo sem apetite, desanimado e sem resistência.

— Isso me faz pensar se foi por essa razão que ele fez o que fez — disse Thurman. O elevador descia na direção do cinquenta e quatro. — Vic calculava tudo. Sempre com um objetivo. Talvez seu jeito de ganhar a discussão tenha sido garantir que ele tivesse a última palavra. — Thurman olhou para Donald. — Droga, foi isso que finalmente me levou a acordar você.

Donald não disse em voz alta como aquilo parecia loucura. Achou que Thurman só precisava de uma justificativa para o impensável. Claro, a morte de Victor poderia ter sido o fim da discussão por outra razão. Não foi a primeira vez que Donald pensou que não tinha sido suicídio. Mas ele não sabia aonde essas desconfianças poderiam levar, seriam só uma maneira de arranjar problemas.

Eles desceram no cinquenta e quatro e levaram as bandejas pelos corredores de munição. Quando passaram pelos drones, Donald pensou na irmã que, como aquelas máquinas, estava adormecida. Era bom saber onde ela estava, que ela estava em segurança. Um pequeno conforto.

Eles comeram à mesa na sala de guerra. Donald brincou com a comida em seu prato enquanto Thurman e Anna conversavam. Os dois relatórios estavam à sua frente, apenas pedaços de papel, pensou. Não havia nenhum mistério neles. Ele estava olhando para o lugar errado, supondo que havia uma pista naquelas palavras, mas era apenas a *existência* de Donald que Victor tinha destacado. Ele tinha sentado em sua sala em frente à de Donald e o observado reagir a tudo que havia em sua água ou em seus comprimidos. E agora, enquanto Donald olhava para as anotações, tudo que viu foi um pedaço de papel com sua dor registrada em meio a gotas de sangue.

Ignore o sangue, disse a si mesmo. O sangue não era uma pista. Ele tinha aparecido ali depois. Havia vários respingos em um espaço entre as anotações. Donald estava estudando o que não tinha sentido. Estava procurando por algo que não estava ali. Não faria diferença se ele estivesse simplesmente encarando o espaço vazio.

O espaço. Donald pousou o garfo e pegou o outro relatório. Quando ignorou as grandes manchas de sangue, notou em meio às anotações um grande espaço em que não havia nada escrito. Era naquilo que ele devia ter se concentrado. Não no que estava ali, mas no que não estava.

Conferiu o outro relatório, a localização que correspondia ao espaço em branco, para ver o que estava escrito. Quando encontrou o ponto certo, sua empolgação desapareceu. Era um parágrafo que não tinha a ver com o restante, o que falava sobre o jovem nomeado cuja bisavó se lembrava dos velhos tempos. Não era nada.

A menos que...

Donald se ajeitou na cadeira. Pegou os dois relatórios e colocou um em cima do outro. Anna estava contando a Thurman sobre os procedimentos para provocar interferência nas torres de rádio, dizendo que em breve tudo estaria pronto. Thurman estava dizendo que todos eles podiam terminar seu turno nos próximos dias e botar os cronogramas em ordem outra vez. Donald segurou os relatórios sobrepostos contra a luz. Thurman olhou para ele com curiosidade.

— Ele escreveu *em volta* de alguma coisa — murmurou Donald. — Não *em cima* de algo. — Seu olhar cruzou com o de Thurman, e ele sorriu. — Você estava errado. — As duas folhas de papel tremiam em suas mãos. — Tem alguma coisa aqui. Ele não estava nem um pouco interessado em mim.

Anna pousou os talheres e se debruçou para dar uma olhada.

— Se eu tivesse o original, teria percebido na hora. — Ele apontou para o espaço nas anotações, depois tirou a página de cima e bateu com o indicador sobre o parágrafo fora de contexto. Aquele que nada tinha a ver com o Silo 12.

— É por isso que resetar não funciona — disse ele.

Anna pegou o relatório de baixo e leu sobre o sombra nomeado por Donald, aquele cuja bisavó se lembrava dos velhos tempos, o que havia perguntado a ele se aquelas histórias eram verdadeiras.

— Alguém no Silo 18 se lembra — disse Donald com confiança. — Talvez um grupo de pessoas, que passa esse conhecimento em segredo,

de geração em geração. Ou eles são imunes como eu. Eles lembram.

Thurman tomou um gole de água. Pôs o copo na mesa e olhou da filha para Donald.

— Mais uma razão para fechar o silo — disse ele.

— Não — respondeu Donald. — Não. Não era isso que Victor achava. — Ele bateu no papel, apontando as anotações do homem morto. — Ele queria encontrar a pessoa que lembra, mas não estava falando de mim. — Ele se virou para Anna. — Acho que Victor não fazia a menor questão de me acordar.

Anna olhou para o pai com uma expressão intrigada. Ela virou para Donald.

— O que você está querendo dizer?

Donald levantou e começou a andar de um lado para outro atrás das cadeiras, passando por cima dos fios que serpenteavam no piso.

— Precisamos entrar em contato com o 18 e perguntar se há alguém que se encaixe nesse perfil, alguém ou algum grupo que esteja promovendo a discórdia, talvez falando sobre o mundo que nós... — Ele parou antes de dizer *destruímos*.

— Tudo bem — disse Anna, assentindo. — Tudo bem. Vamos supor que haja alguém assim. Vamos supor que a gente encontre essas pessoas iguais a você. E depois?

Ele parou de andar. Não tinha pensado naquela parte. Viu que Thurman o estava estudando, os lábios do velho estavam contraídos.

— Vamos encontrar essas pessoas... — disse Donald.

E ele soube. Soube o que seria necessário para salvar essas pessoas naquele silo distante, aqueles soldadores, comerciantes e fazendeiros, e seus jovens sombras. Ele se lembrava de em um turno anterior ter sido a pessoa que apertou aquele botão, para matar com o propósito de salvar.

E sabia que faria aquilo outra vez.

47

Silo 18

A garganta de Mission coçava, e seus olhos ardiam. A fumaça ficava cada vez mais densa; o fedor se tornava mais forte à medida que se aproximava do cento e vinte e da Expedição Inferior. A perseguição de cima parecia ter sido interrompida, talvez devido à fenda nas grades que tinha custado uma vida.

Cam estava morto, ele tinha certeza. E quantos outros tinham tido o mesmo destino? Uma pontada de culpa acompanhou o pensamento nauseante de que os mortos teriam que ser carregados para as fazendas lá em cima dentro de sacos plásticos. Um carregador teria que fazer esse serviço, e não seria algo bonito.

Quando estava a um nível da Expedição, balançou a cabeça para afastar esse pensamento. Lágrimas escorriam pelo rosto e se misturavam ao suor e à sujeira de um longo dia de descida. Ele levava más notícias. Um banho e roupas limpas seriam pouco para aliviar o cansaço que sentia, mas ali haveria proteção, ajuda para esclarecer a confusão acerca da explosão. Desceu correndo a última metade do lance de escadas. Ele se lembrou, talvez por conta das cinzas que subiam no ar e pareciam um bilhete rasgado voando como confete, da razão por que, para começar, estava correndo atrás de Cam.

Rodny. Seu amigo estava preso na TI, e seu pedido de socorro tinha se perdido no barulho e na confusão da explosão.

A explosão. Cam. O pacote. A *entrega*.

Mission ficou tonto e agarrou o corrimão para se equilibrar. Pensou no preço absurdo daquela entrega, um valor que talvez jamais tivessem

pretendido pagar. Ele se recompôs e voltou a correr, se perguntando o que estava acontecendo naquela sala trancada na TI, em que tipo de problema Rodny poderia estar metido e em como ajudá-lo. Pensava até mesmo em como *chegar* até ele.

O ar ficou mais denso e, quando finalmente chegou à Expedição, o ato de respirar o queimava por dentro. Uma pequena multidão se amontoava na escadaria. As pessoas espiavam através da plataforma e pelas portas abertas do cento e vinte. Mission levou a mão à boca e tossiu enquanto abria caminho por entre os espectadores. Será que os destroços lá de cima tinham despencado até ali? Tudo parecia intacto. Dois baldes caídos estavam perto da porta, e uma mangueira de incêndio serpenteava por cima da grade e seguia mais para o interior. Havia uma nuvem de fumaça junto ao teto.

Mission estava confuso e puxou seu lenço para cima, tapando o nariz. A fumaça vinha de *dentro* da Expedição. Ele inspirou pela boca. O tecido se comprimiu contra os lábios e ajudou a aliviar a ardência em sua garganta. Formas escuras se moviam no corredor. Ele soltou a fivela que prendia sua faca e atravessou a porta, se mantendo abaixado para evitar a fumaça. Podia-se ouvir o barulho de passos no piso molhado lá no fundo. Estava escuro, mas luzes de lanternas dançavam desordenadamente a distância no corredor.

Mission correu na direção das luzes. A fumaça estava ainda mais densa; a água no chão, mais profunda. Pedaços de uma massa disforme flutuavam na superfície. Ele passou por um dos alojamentos, pela sala de classificação, pelos escritórios da frente.

Lily, uma portadora mais velha, passou correndo espalhando água. Ela só foi reconhecida no último instante quando o feixe de sua lanterna iluminou brevemente o próprio rosto. Havia alguém deitado na água, se espremendo contra a parede. Quando Mission se aproximou e um feixe acabou iluminando a forma, ele viu que, na verdade, eles não estavam deitados ali. Era Hackett, um dos poucos funcionários da Expedição que tratava os jovens sombras com respeito e nunca pareceu ter prazer com as dificuldades deles. Metade de seu rosto permanecia intacta, a outra

era uma grande ferida vermelha e inflamada. Dias de morte. Números de loteria passaram diante dos olhos de Mission.

— Portador! Venha aqui.

Era a voz de Morgan, o antigo superior de Mission. A tosse do homem de idade juntou-se a um coro de outras. No corredor, havia ondas, respingos e tosses, fumaça e ordens. Mission correu na direção da silhueta familiar, com os olhos ardendo.

— Senhor? É Mission. A explosão... — Ele apontou para o teto.

— Conheço meus próprios sombras, rapaz. — Uma luz foi apontada para os olhos de Mission. — Entre aqui e dê uma ajuda para esses jovens.

O cheiro de feijão cozido e papel queimado e molhado era avassalador. Havia um odor de combustível por trás de tudo, um cheiro que Mission conhecia das profundezas com seus geradores. E havia mais uma coisa: o cheiro de porco assado, o cheiro nojento e desagradável de carne queimada.

O nível da água no saguão principal havia aumentado. Ela cobria as botas de cano baixo de Mission e as encheu de sujeira. Gavetas de arquivos estavam sendo esvaziadas em baldes. Um engradado vazio foi posto em suas mãos, feixes de luz giravam em meio à fumaça, seu nariz ardia e escorria, lágrimas caíam por seu rosto, sem controle.

— Aqui, aqui — disse alguém, insistindo para que ele andasse adiante.

Eles o alertaram para não tocar no arquivo. Pilhas de papel foram colocadas no engradado, mais pesadas do que deveriam ser. Mission não entendia a pressa. O fogo estava apagado. As paredes estavam negras nos pontos em que haviam sido lambidas pelas chamas, e os canteiros de cultivo perto da parede dos fundos, onde fileiras de feijões cresceram alastrando-se por altos suportes, tinham se transformado em cinzas. Os suportes permaneciam de pé como dedos negros, aqueles que ainda resistiam.

Amanda, da Expedição, se encontrava junto aos arquivos, com o lenço amarrado na mão, cuidando das gavetas enquanto eram esvaziadas.

O engradado rapidamente ficou cheio. Quando virou na direção do corredor, Mission viu alguém esvaziando o cofre de parede, tirando seus livros antigos. Havia um corpo no canto coberto por um lençol. Ninguém parecia ter muita pressa para removê-lo.

Ele seguiu os outros até a plataforma do andar, mas eles não percorreram todo o caminho. As luzes de emergência no dormitório estavam acesas, e os colchões, empilhados em um canto. Carter, Lyn e Joel estavam espalhando os papéis sobre os estrados. Mission descarregou seu engradado e voltou para buscar outra carga.

— O que aconteceu? — perguntou ele a Amanda quando voltou aos arquivos. — Isso é alguma espécie de retribuição?

— Os fazendeiros vieram por causa do feijão — disse. Ela usou o lenço para conseguir abrir outra gaveta. — Vieram por causa do feijão e queimaram tudo.

Mission avaliou os danos. Ele lembrou como a escada tinha estremecido durante a explosão, ainda podia ver em sua mente as pessoas caindo e gritando até a morte. Os meses de violência crescente haviam eclodido como se tivessem sido acionados por um interruptor.

* * *

— Então, o que fazemos agora? — perguntou Carter.

Ele era um portador poderoso, no início dos seus trinta anos, quando homens encontram sua força e ainda não perderam a flexibilidade das articulações, mas ele parecia absolutamente exausto. O cabelo caía sobre a testa em tufos molhados. Havia manchas negras em seu rosto, e não era mais possível saber qual a cor original de seu lenço.

— Agora nós podemos queimar as colheitas deles — sugeriu alguém.

— As colheitas que nós comemos?

— Só as das fazendas de cima. Foram eles que fizeram isso.

— Nós não sabemos quem fez isso — disse Morgan.

Mission captou o olhar de seu velho superior.

— No saguão principal — disse ele. — Eu vi... Era...?

Morgan assentiu.

— Roker. É.

Carter bateu na parede e gritou palavrões.

— Eu vou acabar com eles! — berrou.

— Então você é o... — Mission queria dizer *chefe dos níveis inferiores*, mas era cedo demais para que isso fizesse sentido.

— É — disse Morgan.

Mission percebeu que aquilo tampouco fazia sentido para ele.

— As pessoas vão carregar o que elas quiserem por alguns dias — disse Joel. — Vamos parecer fracos se não contra-atacarmos.

Joel era dois anos mais velho que Mission e um bom portador. Ele tossiu levando a mão à boca enquanto Lyn o observava preocupada.

Mission tinha outras preocupações além de parecer fraco. As pessoas de níveis acima achavam que tinham sido atacadas por um portador. E agora aquele ataque dos fazendeiros, tão longe de onde eles haviam sido atingidos na noite anterior. Portadores eram a coisa mais próxima de uma sentinela móvel, e eles estavam sendo atacados por alguém, intencionalmente, pensou ele. E também havia todos aqueles rapazes sendo recrutados para a TI. Não estavam sendo recrutados para consertar computadores; estavam sendo contratados para destruir alguma coisa. Talvez o espírito do silo.

— Preciso ir para casa — disse Mission.

Foi um deslize. Ele queria dizer que precisava ir lá para o topo. Tentou desamarrar seu lenço, que fedia a fumaça, assim como suas mãos e seu macacão. Ele ia precisar encontrar um macacão diferente, uma nova cor para vestir. Precisava entrar em contato com seus velhos amigos do Ninho.

— O que acha que está fazendo? — perguntou Morgan.

O antigo superior parecia pronto para dizer mais alguma coisa quando Mission o puxou de lado. Em vez disso, os olhos do homem de idade se dirigiram para a marca em vermelho-vivo em torno do pescoço de Mission.

— Acho que a situação não tem a ver conosco — disse Mission. — Acho que é maior que isso. Um amigo meu está com problemas. Ele está na raiz de tudo o que está dando errado. Acho que algo bem ruim vai acontecer com ele, ou ele pode saber de alguma coisa. Não deixam ele falar com ninguém.

— Rodny? — perguntou Lyn.

Ela e Joel tinham frequentado o Ninho dois anos à frente de Mission, mas conheciam tanto Mission como Rodny.

Mission assentiu.

— E Cam está morto — contou para os outros.

Ele explicou o que tinha acontecido durante a descida, a explosão, as pessoas o perseguindo, a fenda nas grades. Alguém murmurou o nome de Cam, sem acreditar.

— Acho que ninguém se importa com o fato de sabermos — continuou Mission. — Acho que essa é a questão. Era para todo mundo estar com raiva. Com o máximo de raiva possível.

— Preciso de tempo para pensar — disse Morgan. — Para planejar.

— Não acho que *haja* muito tempo — respondeu Mission.

Ele contou aos outros sobre as novas contratações da TI. Contou a Morgan sobre ter visto Bradley lá, sobre o jovem portador se candidatando a um novo emprego.

— O que vamos fazer? — perguntou Lyn, olhando para Joel e os outros.

— Vamos com calma — disse Morgan, mas não parecia ter muita certeza. A confiança que exibia como portador e superior experiente parecia abalada agora que ele era um chefe.

— Não posso ficar aqui embaixo — disse Mission, categórico. — Vocês podem ficar com todos os meus vales-férias, mas preciso ir lá para o topo. Não sei como, mas preciso.

48

Silo 18

Antes de ir a qualquer lugar, Mission precisava entrar em contato com amigos de confiança, qualquer um que pudesse ajudar, a velha turma do Ninho. Enquanto Morgan convocava todo mundo na plataforma para voltar ao trabalho, Mission escapou pelo corredor escuro e enfumaçado na direção da sala de classificação, onde havia um computador que ele talvez conseguisse usar. Lyn e Joel o seguiram, mais ansiosos para ter notícias de Rodny do que para arrumar e limpar tudo depois do incêndio.

Eles checaram o monitor no balcão da sala e viram que o computador não estava funcionando, provavelmente devido à queda de energia da noite anterior. Mission se lembrava de toda aquela gente com seus computadores quebrados naquela manhã na TI e se perguntou se haveria uma máquina funcionando em algum lugar em cinco níveis. Como não podia enviar um e-mail, ele pegou a linha direta com os outros escritórios da Expedição para ver se podiam enviar uma mensagem por ele.

Primeiro tentou a Intermediária. Lyn se juntou a ele no balcão, sua lanterna iluminava os botões, penetrando a nuvem de fumaça no ambiente. Joel passou entre as estantes espalhando a água do chão, movendo os engradados de classificação reutilizáveis para o alto para evitar que molhassem. A Intermediária não respondeu.

— Talvez o incêndio também tenha atingido o rádio — sussurrou ela.

Mission achava que não. A luz acesa indicava que o aparelho estava ligado, e o alto-falante chiava quando apertava o botão. Ele ouviu

Morgan passar pelo corredor espalhando água, gritando e reclamando que sua força de trabalho estava desaparecendo. Lyn colocou a mão em concha em torno da lanterna.

— Tem alguma coisa acontecendo na Intermediária — disse Mission a Lyn.

Ele estava com um mau pressentimento.

O segundo ponto de parada no topo com o qual ele tentou contato finalmente respondeu.

— Quem está falando? — perguntou alguém, mal conseguindo disfarçar a voz trêmula de pânico.

— Aqui é Mission. Quem está falando?

— Mission? Você está muito encrencado, cara.

Mission ergueu os olhos para Lyn.

— Quem está falando?

— Aqui é Robbie. Eles me deixaram sozinho aqui em cima, cara. Não tenho notícias de ninguém. Mas está todo mundo procurando você. O que está acontecendo aí nos níveis inferiores?

Joel parou com os engradados e apontou sua lanterna para o balcão.

— Todo mundo está procurando por *mim*? — perguntou Mission.

— Você e Cam, alguns dos outros. Houve algum tipo de luta na Intermediária. Você estava envolvido nisso? Ninguém consegue me dar nenhuma informação.

— Robbie, preciso que você entre em contato com uns amigos meus. Você pode mandar um e-mail? Tem algum problema com nossos computadores aqui embaixo.

— Não, os nossos estão todos pifados. Estamos usando o terminal lá em cima no gabinete da prefeita. É o único que está funcionando

— O gabinete da prefeita? Tudo bem, então preciso que envie dois e-mails. Você tem alguma coisa para anotar o que vou dizer?

— Espere — disse Robbie. — Esses são e-mails oficiais, não são? Se não forem, não tenho permissão pa...

— Droga, Robbie, isso é importante! Pegue alguma coisa para anotar. Eu pago a você depois. Se eles quiserem, podem me prender por isso. —

Mission olhou para Lyn, que estava balançando a cabeça, sem conseguir acreditar. Ele levou a mão à boca e pigarreou. A fumaça irritava sua garganta.

— Tudo bem, tudo bem — disse Robbie. — Para quem tenho que enviar isso? E você vai ficar me devendo por esse pedaço de papel, porque é tudo o que eu tenho para escrever.

Mission soltou o botão de transmissão para poder xingar o garoto. Ele pensou na melhor pessoa para receber o e-mail e transmiti-lo aos outros. Acabou dando três nomes a Robbie, depois disse a ele o que escrever. Queria que os amigos o encontrassem no Ninho, ou se encontrassem sem ele caso não conseguisse chegar lá. O Ninho tinha que ficar seguro. Ninguém atacaria a escola nem a Corva. Quando o grupo estivesse junto, eles podiam descobrir o que fazer. Talvez a Corva soubesse o que fazer. A parte mais difícil para Mission seria arranjar um jeito de se juntar a eles.

— Anotou tudo? — perguntou a Robbie depois de um tempo de silêncio.

— Anotei, anotei, cara. Mas acho que você vai ultrapassar o limite de caracteres da mensagem. É melhor que isso saia de seu salário.

Mission balançou a cabeça sem conseguir acreditar.

— O que foi agora? — perguntou Lyn quando ele pôs o transmissor de volta no lugar.

— Preciso de um macacão — começou Mission. Fez a volta no balcão em meio à água, juntou-se a Joel perto das estantes e começou a procurar nos engradados mais próximos. — Eles estão procurando por mim, por isso vou precisar de cores diferentes se quiser subir até lá.

— Nós — disse Lyn. — *Nós* precisamos de cores novas. Se você vai para o Ninho, eu vou junto.

— Eu também — falou Joel.

— Eu agradeço — disse Mission. — Mas companhia pode tornar isso ainda mais perigoso. Nós chamaríamos muita atenção.

— É. Mas eles estão procurando por você — respondeu Lyn.

— Ei, temos uma tonelada desses brancos novos. — Joel abriu a tampa de um engradado de classificação. Mas eles só iam chamar mais atenção, não iam?

— Brancos? — Mission se aproximou para ver do que Joel estava falando.

— É. Para o pessoal da segurança. Temos transportado um montão desses ultimamente. Vieram do distrito de vestuário há alguns dias. Não tenho ideia de por que fizeram tantos.

Mission examinou os macacões. Os de cima estavam cobertos de fuligem, mais cinzentos que brancos. Havia dezenas deles empilhados no engradado de classificação. Ele se lembrou de todas as novas contratações. Era como se quisessem metade do silo vestida de branco, e a outra metade lutando entre si. Não fazia sentido. A menos que quisessem todos mortos.

— Mortos — disse Mission. Ele seguiu chapinhando entre as estantes até outro engradado. — Tenho uma ideia melhor. — Encontrou a caixa certa; ele e Cam haviam recebido uma daquelas alguns dias antes. Enfiou a mão em seu interior e tirou um saco. — O que vocês acham de ganhar uma grana?

Joel e Lyn correram para ver o que ele tinha encontrado, e Mission segurava um saco de plástico grosso com zíper brilhante e correias para transporte.

— Trezentas e oitenta e quatro fichas para dividir entre vocês — prometeu ele. — Todas as fichas que eu tenho. Só preciso de vocês para um último trabalho.

Os dois portadores apontaram as lanternas para o objeto nas mãos dele. Era um saco preto. Um saco preto feito para carregar os mortos.

49

Silo 18

Mission sentou no balcão e desamarrou os cadarços de suas botas de cano curto. Estavam ensopadas. Ele as tirou para manter a sacola seca e reduzir o peso. Era sempre um portador, pensando sobre o peso. Lyn deu a ele um dos macacões da segurança, por precaução. Ele se livrou de seu macacão azul de portador e enfiou o branco enquanto Lyn olhava para o outro lado. Então pôs a faca de volta na cintura.

— Vocês dois têm certeza que estão dispostos a fazer isso? — perguntou Mission.

Lyn o ajudou a deslizar os pés para dentro do saco e envolveu os tornozelos dele com as tiras internas.

— *Você* tem certeza? — perguntou ela, apertando as correias.

Mission riu. Sentia uma agitação em seu estômago por causa do nervosismo. Ele se esticou e deixou que prendessem seus ombros.

— Vocês dois já comeram?

— Vamos ficar bem — disse Joel. — Pare de se preocupar.

— Se ficar muito tarde...

— Deite sua cabeça para trás — pediu Lyn. Ela puxou o zíper para cima a partir dos pés dele. — E não fale a menos que a gente diga que está tudo bem.

— Vamos dar uma parada a cada vinte, mais ou menos — informou Joel. — Vamos levar você com a gente até um banheiro. Você vai poder se esticar e beber um pouco de água.

Lyn puxou o zíper pelo peito de Mission, chegou ao queixo, hesitou, depois beijou a ponta dos dedos e tocou a testa dele, da mesma forma

que havia visto inúmeros entes queridos e pastores fazerem para abençoar os mortos.

— Que seus passos o levem aos céus — sussurrou ela.

Seu sorriso melancólico foi captado pelo feixe da lanterna de Joel antes que o saco fosse fechado sobre o rosto de Mission.

— Ou pelo menos até a Expedição Superior — acrescentou Joel.

Eles o carregaram para fora, seguiram pelo corredor, e os portadores abriram caminho para o morto. Várias mãos se estenderam e tocaram Mission através do plástico negro, demonstrando respeito, e ele lutou para não se mexer nem tossir. Parecia que a fumaça estava presa no saco com ele.

Joel ia na frente, o que significava que os ombros de Mission estavam apoiados nos dele. Ele olhava para cima, e seu corpo balançava ao ritmo dos passos. As correias embaixo de seus braços puxavam para o lado oposto ao que ele estava acostumado. Ficou mais confortável quando eles chegaram até a escada e começaram o percurso ascendente pela longa espiral. Seus pés foram baixados até que o sangue deixou de se acumular em sua cabeça. Lyn carregava sua metade do peso posicionada vários degraus abaixo.

Mission foi tomado pela escuridão e pelo silêncio enquanto deixavam o caos da Expedição Inferior. Os dois portadores não conversavam como uma dupla. Estavam poupando o fôlego, guardavam seus pensamentos para si mesmos. Joel determinou um ritmo agressivo. Mission podia senti-lo no balançar suave de seu corpo, suspenso acima do piso de aço.

À medida que avançavam nos degraus, a viagem ficava cada vez mais desconfortável. Não era a dificuldade de respirar, pois quando tinha sido sombra fora bem-treinado para controlar os pulmões em longas subidas. Também podia aguentar o abafamento do plástico colando em seu rosto. Nem era o escuro, pois sua hora favorita para fazer os serviços de portador sempre havia sido a madrugada, quando ficava sozinho com seus pensamentos enquanto os outros dormiam. Não era o cheiro forte de plástico e de fumaça, nem a irritação na garganta nem a dor das correias.

Era o fato de ficar imóvel. De ser carregado. De ser um fardo.

As tiras apertaram seus ombros até os braços ficarem dormentes, e ele balançava na escuridão ao som de botas sobre o aço, da respiração pesada de Joel e Lyn enquanto o levavam para cima. *Um fardo pesado demais*, pensou ele.

Pensou em sua mãe carregando-o durante todos aqueles meses sem ninguém em quem confiar ou para apoiá-la. Não até seu pai descobrir, e então era tarde demais para interromper a gravidez. Ele se perguntou por quanto tempo o pai odiara aquele volume na barriga de sua mãe, por quanto tempo quisera extirpar Mission como se fosse alguma espécie de câncer. Ele nunca pedira para ser carregado daquele modo. E nunca mais queria ser carregado por outra pessoa.

Dois anos antes daquele dia. Foi a última vez em que tinha sentido aquilo, a sensação de ser um fardo para todos. Dois anos desde que se revelara um grande peso até mesmo para uma corda.

Ele amarrara um nó malfeito. Mas suas mãos estavam tremendo, e ele tinha se esforçado para ver o nó através de uma cortina de lágrimas. Quando deu errado, o nó não se soltou, mas deslizou, queimando seu pescoço e fazendo com que sangrasse. Seu grande arrependimento foi ter pulado da escada baixa da Mecânica. A corda se enroscou nos canos acima. Se tivesse saltado de uma plataforma, o nó malfeito não teria feito diferença. A queda o teria matado.

Agora estava com medo de tentar de novo. Estava com tanto medo de tentar mais uma vez quanto de ser um peso para outras pessoas. Era por isso que tinha evitado ver Allie, porque ela queria gostar dele? Porque queria ajudá-lo e apoiá-lo? Era por isso que ele tinha fugido de casa?

As lágrimas finalmente brotaram. Seus braços estavam presos, por isso não pôde enxugá-las. Pensou na mãe, de quem só conhecia alguns detalhes. Mas uma coisa ele sabia sobre ela: ela não tivera medo de viver ou morrer. Ela havia abraçado as duas coisas em um gesto de sacrifício, dando o próprio sangue pelo dele, uma troca da qual ele jamais se sentiria digno.

O silo girava devagar ao seu redor; os passos afundavam um de cada vez; e Mission suportava o sofrimento. Ele lutou para não chorar alto ao finalmente se dar conta de que estava vendo a si mesmo pela primeira vez naquela escuridão absoluta, conhecendo por completo sua alma naquele ritual de morte ao ser carregado até seu túmulo, um triste despertar no dia do seu aniversário.

50

Silo 1

Encontrar um entre dez mil deveria ter sido mais difícil. Deveria ter levado meses de pesquisa nos relatórios e bancos de dados, de insistência junto ao chefe do 18 e de pedidos de perfis profissionais, de análise de históricos de detenção, verificação de datas de limpeza, de quem tinha relação com quem, fora toda a fofoca e o falatório compilados com base nos relatórios mensais.

Mas Donald encontrou um modo mais fácil. Ele apenas fez uma busca no banco de dados por uma cópia de *si mesmo*.

Alguém que se lembrasse. Alguém cheio de medo e paranoia. Alguém que tentasse se misturar mas que fosse subversivo. Procurou por alguém que tivesse medo de médicos, selecionando os residentes que nunca haviam ido se consultar com eles. Procurou alguém que rejeitasse remédios e encontrou um que desconfiava até da água. Parte dele esperava descobrir que houvesse várias pessoas provocando tamanho caos, um bando, e que, ao localizar um entre eles, esse iria levar ao restante. Esperava que fossem jovens e revoltados, e que tivessem uma forma de transmitir o que sabiam de geração em geração. Em vez disso, o que descobriu era ao mesmo tempo assustadoramente parecido e totalmente diferente dele.

Na manhã seguinte, mostrou seus resultados a Thurman, que permaneceu um bom tempo perfeitamente imóvel.

— É claro — disse ele por fim. — É claro.

O único parabéns que Donald recebeu foi uma mão no ombro. Thurman explicou que o reset já estava bem adiantado. Ele admitiu que

a coisa já estava sendo preparada quando Donald fora despertado, e que o chefe do 18 tinha convocado novos recrutas e plantado as sementes da discórdia. Erskine e o Dr. Sneed estavam virando a noite trabalhando para fazer as alterações, para chegar a uma nova fórmula, mas poderia levar semanas. Olhando o que Donald tinha descoberto, disse que ia fazer uma ligação para o 18.

— Quero ir com você — falou Donald. — Afinal de contas, é minha teoria.

O que queria dizer, na verdade, é que não seria um covarde. Se alguém tivesse que ser executado por sua causa (uma vida pelo bem de muitas), ele não queria se omitir em relação à decisão.

Thurman concordou.

Pegaram o elevador com movimentos quase idênticos. Donald perguntou por que Thurman tinha começado a resetar, mas achava que sabia a resposta.

— Vic ganhou — respondeu Thurman.

Donald pensou em todas as vidas no banco de dados que agora estavam mergulhadas no caos. Ele cometeu o erro de perguntar sobre o andamento do reset, e Thurman contou a ele sobre as bombas e a violência, como os grupos que vestiam cores diferentes estavam lutando uns contra os outros, como essas coisas normalmente começavam rápido apenas com a menor provocação, que a fórmula era velha como o tempo.

— E há sempre combustível para alimentar a situação — disse Thurman. — Você ficaria surpreso ao saber como são necessárias poucas fagulhas.

Eles saíram do elevador e caminharam por um corredor familiar. Era o velho caminho para a sala de Donald. Ele havia trabalhado ali sob um nome diferente. Trabalhara sem saber o que estava fazendo. Passaram por escritórios cheios de gente digitando e conversando. Meio milênio de pessoas entrando e saindo de seus turnos, fazendo o que lhes mandavam, cumprindo ordens.

Ele não conseguiu se segurar quando se aproximaram de sua antiga sala: parou na porta e olhou para dentro. Um homem magro com uma

parca faixa de cabelo que ia de orelha a orelha, com apenas alguns fios no topo, olhou para ele. Ele ficou ali sentado, boquiaberto, a mão pousada no mouse, esperando que Donald fizesse ou dissesse alguma coisa.

Donald o cumprimentou com um simpático aceno de cabeça. Ele virou e olhou pela porta em frente a sua antiga sala, onde um homem de branco estava sentado atrás de uma mesa parecida. O mestre das marionetes. Thurman falou com ele, que levantou da cadeira e se juntou aos dois no corredor. Ele sabia que Thurman estava no comando.

Donald os seguiu até a sala de comunicação, deixando o homem quase calvo em sua velha mesa com seu jogo de paciência. Sentiu uma mistura de inveja e compaixão pelo homem, por aqueles que não lembravam. Enquanto faziam uma curva, Donald recordou aqueles momentos iniciais de consciência em seu primeiro turno. Lembrou-se de conversar com um médico que sabia a verdade, e de ter aquela sensação de assombro por alguém conseguir lidar com tal conhecimento. E agora ele sabia que não era que a dor ficasse suportável ou que a confusão desaparecesse. Aquilo simplesmente se tornava familiar. Tornava-se parte de você.

A sala de comunicação estava silenciosa. Cabeças se viraram quando os três entraram. Um dos operadores de laranja se apressou em tirar os pés de cima da mesa. Outro deu uma mordida em sua barra de proteína e em seguida voltou para seu posto.

— Ligue para o 18 — pediu Thurman.

Os olhos se voltaram para o outro homem de branco, o que supostamente estava no comando, e ele acenou autorizando. Uma ligação foi iniciada. Thurman pegou um fone e pôs apenas uma das extremidades junto ao ouvido enquanto esperava. Ele percebeu a expressão no rosto de Donald e pediu outro fone ao operador. Donald se aproximou e o pegou enquanto o fio era plugado. Ele podia ouvir o toque familiar de uma ligação chamando, e seu coração quase saiu pela boca enquanto as dúvidas começavam a surgir. Por fim, uma voz atendeu. Um sombra.

Thurman pediu a ele que chamasse o Sr. Wyck, chefe do silo.

— Ele já está a caminho — disse o sombra.

Quando Wyck atendeu a ligação, Thurman contou ao chefe do Silo 18 o que Donald tinha descoberto, mas foi o sombra quem respondeu. O sombra sabia atrás de quem eles estavam. Informou que conhecia bem a pessoa. Havia algo em sua voz, certo choque ou hesitação, e Thurman gesticulou para que o operador acionasse os sensores em seu fone. De repente, os monitores começaram a fornecer informações da análise da voz, como em um Ritual de Iniciação. Thurman conduziu o interrogatório, e Donald assistiu a um mestre em ação.

— Conte-me o que você sabe — disse ele.

Thurman debruçou sobre o operador e olhou para a tela que monitorava a condutibilidade da pele, o pulso e a transpiração. Donald não era nenhum especialista em interpretar os gráficos, mas sabia que havia alguma coisa pelo modo como as linhas subiam e desciam bruscamente quando o sombra falava. Ele temia pelo rapaz. E se perguntou se alguém ia morrer ali, naquele momento.

Thurman, contudo, adotou uma abordagem mais delicada. Ele fez o rapaz falar da infância, o fez admitir a raiva que guardava, um sentimento de não pertencimento. O sombra falou de como sua criação fora ao mesmo tempo ideal e frustrante, e Thurman parecia um militar de conduta gentil mas firme, trabalhando com um recruta-problema: desmontando-o e reconstruindo-o.

— Você foi alimentado com a verdade — disse Thurman ao rapaz, se referindo ao Legado. — E agora você sabe por que a verdade deve ser compartilhada com cuidado ou nem mesmo isso.

— Sei.

O sombra fungou como se estivesse chorando. E, apesar disso, as linhas irregulares na tela formavam picos menos pronunciados, vales menos perigosos.

Thurman falou de sacrifício pelo bem maior, de vidas individuais se revelando insignificantes a longo prazo. Ele pegou a raiva daquele sombra e a reorientou de tal forma que a tortura de estar trancado por

meses com os livros do Legado foi destilada até sua própria essência. E durante todo esse tempo pareceu que o chefe do silo não havia respirado nem uma vez.

— Conte-me o que precisa ser consertado — pediu Thurman, depois da conversa.

Ele lançou o problema para o sombra. Donald viu como aquilo era melhor do que simplesmente lhe entregar a solução.

O sombra falou de uma cultura em formação que supervalorizava a individualidade, de crianças que queriam se afastar de suas famílias, de gerações vivendo com níveis de distância e independência reafirmada, até que ninguém contasse mais com os outros e todo mundo fosse dispensável.

O choro alto começou. Donald observou o rosto de Thurman ficar tenso e tornou a se perguntar se estava prestes a presenciar o fim do sofrimento do rapaz. Em vez disso, Thurman largou o rádio. Em seguida, disse para os que estavam reunidos à sua volta:

— Ele está pronto.

E o que começou como um interrogatório, um teste da teoria de Donald, finalizou o Ritual de Iniciação daquele garoto. Um sombra se tornou um homem. As linhas na tela se estabilizaram com a determinação do rapaz quando sua raiva ganhou um novo foco, um novo objetivo. Sua infância foi vista de um modo diferente. E perigoso.

Thurman deu sua primeira ordem àquele jovem. O Sr. Wyck parabenizou o rapaz e disse a ele que teria permissão de sair, ganharia sua liberdade. E mais tarde, quando Donald e Thurman pegaram o elevador de volta para onde Anna estava, Thurman declarou que, nos próximos anos, aquele Rodny daria um ótimo chefe de silo. Ainda melhor que o anterior.

51

Silo 1

Naquela tarde, Donald e Anna trabalharam para restabelecer a ordem na sala de guerra. Eles a deixaram pronta para o caso de ser necessária em algum turno no futuro. Todas as suas anotações foram tiradas das paredes e arquivadas em engradados plásticos hermeticamente fechados, e Donald imaginou que eles ficariam em outro andar em algum lugar, acumulando poeira em um depósito diferente. Os computadores foram desconectados, todos os cabos enrolados, e Erskine os levou da sala em um carrinho barulhento. Tudo o que restou foram as camas de armar, uma muda de roupas e os principais itens de higiene. O suficiente para passarem a noite e para o encontro com o Dr. Sneed no dia seguinte.

Vários turnos estavam prestes a terminar. Para Anna e Thurman, tinha se passado muito tempo. Dois turnos completos. Quase um ano acordados. Erskine e Sneed iam precisar de algumas semanas para terminar seus trabalhos, e nesse tempo o chefe seguinte ia chegar e o cronograma voltaria ao normal. Para Donald, havia sido menos de uma semana acordado após um século de sono. Era um homem morto que tinha piscado os olhos e os mantido abertos apenas por um breve instante.

Ele tomou seu último banho e a primeira dose da bebida amarga para que ninguém achasse que havia algo errado. Mas Donald não planejava dormir de novo. Se voltasse para o congelamento profundo, sabia que eles nunca mais voltariam a despertá-lo. A menos que as coisas ficassem tão ruins que nem mesmo ele fosse querer ser acordado. A menos que

fosse Anna outra vez, solitária, desejando companhia e disposta a submetê-lo a qualquer coisa para conseguir o que queria.

Aquilo não era dormir. Aquilo era um armazenamento de corpo e mente. Havia outras escolhas, fugas mais definitivas. Donald tinha descoberto essa solução seguindo a trilha de pistas deixada por Victor, e ele logo iria se juntar a ele na morte.

Deu uma última volta em meio a armas e drones antes de finalmente se retirar para sua cama. Pensou em Helen enquanto estava ali, deitado, ouvindo Anna cantar no banheiro pela última vez. E percebeu que a raiva que sentira por sua mulher ter sobrevivido e continuado a amar sem ele se dissipara, varrida pela culpa de buscar consolo no abraço de Anna. E quando ela o procurou naquela noite, logo após o banho, com gotas de água em sua pele, ele não conseguiu mais resistir. Tinham o mesmo cheiro da bebida amarga em suas bocas, aquela mistura que preparava suas veias para a hibernação, e nenhum deles se importou. Donald sucumbiu. Depois de esperar até que ela tivesse voltado para sua própria cama e normalizado a respiração, ele chorou até dormir.

Quando acordou, Anna já havia ido embora. Sua cama estava bem-arrumada. Donald fez o mesmo, enfiando os lençóis por baixo do colchão e deixando os cantos esticados, apesar de saber que os lençóis ficariam amassados quando as camas fossem desarmadas. Ele checou a hora. Anna tinha sido posta para dormir no início da manhã para não ser vista. Ele tinha menos de uma hora antes que Thurman viesse buscá-lo. Tempo mais que suficiente.

Foi até o depósito e se aproximou do drone mais perto da porta do hangar. Puxou a lona e levantou uma nuvem de poeira. Arrastou o engradado de plástico que havia sob uma das asas, abriu a porta baixa do hangar e arrumou a caixa de modo que ficasse parcialmente no interior do elevador de lançamento. Ele baixou a porta até a caixa, prendendo-a de modo que ficasse aberta.

Saiu apressado pelo corredor, passou pelo alojamento vazio e puxou a cobertura plástica do painel de comando pela ponta. Levantou a tampa plástica do botão do elevador e empurrou a pequena alavanca para cima.

Na primeira vez que fez isso, a porta do elevador não abriu, mas ele podia ouvir o barulho rouco da plataforma subindo do outro lado da parede. Não demorou muito para que encontrasse uma solução.

Recolocando a cobertura de plástico que protegia o painel, Donald correu pelo salão, apagou a luz e fechou a porta. Puxou o outro engradado de baixo da asa esquerda do drone, tirou a própria roupa e a jogou-a embaixo da aeronave. Pegou o grosso traje de plástico dentro da caixa e sentou-se para começar a vesti-lo. Em seguida calçou as botas. Donald tomou cuidado na hora de fechar as travas em torno delas. Ao levantar, pegou o cadarço solto roubado de uma bota extra. A ponta havia sido amarrada ao zíper na parte de trás do traje. Ele o puxou por cima do ombro e se assegurou de que o zíper tinha subido até o fim antes de pegar as luvas, a lanterna e o capacete na caixa.

Ao terminar de se vestir, fechou o engradado e o empurrou de volta para baixo da asa, depois cobriu o drone com a lona. Haveria apenas uma caixa fora do lugar quando Thurman chegasse. Victor tinha deixado uma confusão para ser desvendada. Donald mal deixaria um rastro.

Engatinhou para dentro do elevador, empurrando a lanterna a sua frente. Podia ouvir o motor fazendo força contra o engradado preso, soando como um furioso enxame de abelhas. Acendeu a lanterna, deu uma última olhada no depósito, se posicionou e, em seguida, chutou com as duas botas a caixa de plástico.

Ela se moveu. Ele a chutou de novo, e houve um grande estrondo quando a porta bateu, se fechando. Ouviu-se um arranco. A lanterna escapou e oscilou. Donald a prendeu entre as luvas e observou sua respiração embaçar o capacete. Ele não sabia o que esperar, mas era ele mesmo quem estava provocando tudo aquilo. Ele ia controlar o próprio destino.

52

Silo 1

A subida demorou muito mais do que ele imaginara. Houve momentos em que não tinha certeza se estava ou não se movendo. Ficou preocupado que seu plano tivesse sido descoberto, que o engradado fora do lugar os tivesse feito encontrar suas pegadas na poeira, que ele estivesse sendo trazido de volta. Ele queria que o elevador se movesse mais rápido.

Sua lanterna apagou. Donald bateu nela e acionou o botão de ligar para frente e para trás. Devia estar com a bateria fraca devido ao longo tempo guardada no depósito. Ele ficou no escuro, totalmente desorientado, sem saber se estava subindo ou caindo. Tudo o que podia fazer era esperar. Ele sabia que aquela era a decisão certa. Não havia nada pior que ficar preso na escuridão, naquela cápsula, incapaz de fazer outra coisa a não ser esperar.

Um estrondo metálico anunciou o fim da viagem. O ruído ininterrupto do motor desapareceu. O silêncio que se seguiu era perturbador. Houve uma segunda batida, depois a porta em frente àquela por onde ele entrara ergueu-se lentamente. Um objeto de metal do tamanho de um punho deslizou para fora sobre um trilho. Donald se arrastou na mesma direção, vendo como o drone podia ser conduzido para a frente.

Ele se viu em um hangar de lançamento. Não sabia o que esperar, mas achou que poderia simplesmente chegar à superfície e sair em meio a uma paisagem estéril. Mas ele ainda estava em um espaço subterrâneo. Acima dele, no alto, uma fenda estava se abrindo, e uma luz suave ficava

mais forte. Além da fenda, Donald viu as nuvens agitadas que conhecia do refeitório. Elas eram do mesmo cinza brilhante que surgia com o amanhecer. As portas no alto da rampa de lançamento continuaram a se afastar como uma boca se escancarando.

Donald rastejou e subiu a rampa íngreme o mais rápido possível. O drone no trilho parou e travou na posição. Donald se apressou, imaginando não ter muito tempo. Ficou fora do trilho, caso a sequência de lançamento fosse automática, mas a máquina não chegou a se mover, não passou correndo. Ele alcançou as portas abertas, exausto e transpirando, e saiu dali.

O mundo se estendeu diante dele. Após uma semana vivendo em uma câmara sem janelas, a perspectiva e a vastidão eram inspiradoras. Donald teve vontade de arrancar o capacete e respirar fundo. O peso opressivo de seu aprisionamento no silo tinha sido aliviado. Acima dele havia apenas nuvens.

Ele parou em uma plataforma redonda de concreto. Atrás da abertura da rampa de lançamento havia um agrupamento de antenas. Ele caminhou até lá, se segurou em uma delas e desceu até um nível mais baixo do morro. Continuou descendo com a barriga roçando a terra, tentando se segurar nas bordas escorregadias com as luvas volumosas, e depois se soltou e caiu desajeitadamente no chão.

Examinou o horizonte à procura da cidade. Precisou fazer a volta na torre para encontrá-la. De lá, seguiu na direção de quarenta e cinco graus à esquerda. Ele havia estudado os mapas para ter certeza, mas, agora que estava ali, se deu conta de que podia ter feito aquilo de memória. Era lá que as tendas tinham sido erguidas, e ali o palco, e logo adiante os rastros na terra atravessando a grama recém-plantada, que tentava resistir aos quadriciclos subindo correndo as encostas. Ele quase podia sentir o cheiro da comida que tinha sido preparada, podia ouvir os cães latindo e as crianças brincando, os hinos ecoando no ar.

Donald espantou os fantasmas do passado e aproveitou seu tempo. Sabia que havia uma chance, uma chance muito boa, de que houvesse alguém sentado tomando café da manhã no refeitório. Naquele exato

momento, eles deviam estar largando suas colheres e apontando para o telão na parede. Mas ele tinha uma vantagem. Eles teriam que vestir os trajes e avaliar se o risco valia a pena. Quando chegassem até ele, seria tarde demais. Com sorte, eles simplesmente o deixariam para lá.

Ele subiu a encosta. Movia-se com dificuldade dentro daquele traje volumoso. Caiu várias vezes no solo escorregadio. Quando uma lufada de vento atingiu a paisagem, areia bateu em seu capacete e houve um ruído que lembrava o chiado do rádio de Anna. Não havia como saber quanto tempo o traje ia durar. Ele sabia o suficiente sobre as limpezas para desconfiar que não seria para sempre, mas Anna lhe dissera que as máquinas no ar tinham sido projetadas para atacar apenas algumas coisas. Era por isso que elas não destruíam os sensores, nem concreto nem um traje fabricado corretamente. E ele presumia que os trajes no Silo 1 deviam ter sido fabricados de modo adequado.

Enquanto subia a colina, tudo que desejava era uma vista. Estava tão obcecado e determinado em obter isso que nunca pensou em olhar para trás, mesmo escorregando e se arrastando, rastejando apoiado sobre as mãos e os joelhos nos últimos quinze metros até finalmente alcançar o cume. Ele se levantou e cambaleou para a frente, exausto, respirando com dificuldade. Ao chegar na beirada, olhou para o fundo da depressão adjacente. Lá, uma torre de concreto erguia-se como uma lápide, como um monumento em homenagem a Helen. Ela estava enterrada sob aquela torre. E, se ele jamais poderia ir para junto dela, se jamais seria enterrado ao seu lado, podia ao menos deitar sob as nuvens e ficar perto o bastante.

Ele queria tirar o capacete. Primeiro, porém, as luvas. Puxou uma delas, arrancando o fecho, e a jogou no chão. O forte vento fez a luva rolar encosta abaixo, e os redemoinhos de terra machucaram sua mão. O salpicar de partículas finas arranhavam a pele como em um dia de ventania na praia. Donald começou a puxar sua outra luva, conformado com o que aconteceria em seguida, quando de repente sentiu uma mão agarrar seu ombro. E então ele foi puxado da beirada da suave encosta e da vista do local onde sua esposa jazia.

53

Silo 1

Donald cambaleou e caiu. O choque de ser tocado quase fez seu coração sair pela boca. Ele agitou os braços para se libertar, mas alguém havia agarrado seu traje. Mais de uma pessoa. Eles o arrastaram de volta até que não pudesse ver além do cume.

Gritos de frustração enchiam seu capacete. Será que não podiam ver que era tarde demais? Não podiam deixá-lo em paz? Ele se debateu e tentou se soltar daquelas mãos, mas estava sendo implacavelmente puxado colina abaixo, de volta para o Silo 1.

Quando caiu outra vez, Donald conseguiu rolar, ficar de frente para eles e erguer os braços para se defender. E lá estava Thurman parado acima dele, vestindo apenas seu macacão branco, com poeira da terra morta se acumulando sobre as sobrancelhas grisalhas do velho.

— Está na hora de voltar! — berrou Thurman em meio ao vento forte. Sua voz parecia tão distante quanto as nuvens.

Donald moveu os pés e tentou rastejar morro acima, mas havia três deles ali, bloqueando seu caminho. Todos de branco, estreitando os olhos contra a ferocidade do vento forte e do solo fustigante.

Ele gritou quando o agarraram outra vez. Tentou se agarrar a pedras e punhados de terra enquanto eles o arrastavam pelas botas. O capacete batia contra a terra endurecida e sem vida. Viu as nuvens fervilharem acima enquanto suas unhas cravavam no solo e se quebravam em sua luta frenética.

Quando chegaram com ele de volta à planície, Donald estava exausto. Eles o carregaram e desceram por uma rampa, passando pela câmara

pressurizada onde havia mais homens à espera. O capacete dele foi jogado de lado antes que a porta externa se fechasse completamente. Thurman estava parado em um canto distante e observou enquanto os homens o despiam. O velho limpou o sangue que escorria do nariz. Donald o acertara com a bota.

Erskine estava lá, o Dr. Sneed, também. Os dois respiravam com dificuldade. Assim que tiraram o traje dele, Sneed enfiou uma agulha na pele de Donald. Erskine segurou a mão dele e pareceu triste enquanto o líquido se espalhava pelas veias do homem.

— Um grande desperdício — disse alguém enquanto Donald se sentia cada vez mais entorpecido.

— Veja esse estrago.

Erskine pôs a mão no rosto de Donald enquanto ele mergulhava mais profundamente na escuridão. Suas pálpebras ficaram pesadas; sua audição, distante.

— Seria melhor se alguém como você estivesse no comando. — Ele ouviu Erskine dizer.

Mas foi a voz de Victor que escutou. Era um sonho. Não, uma lembrança. Um pensamento sobre uma conversa antiga. Donald não tinha como saber ao certo. O mundo desperto de botas e vozes furiosas estava ocupado demais sendo engolido pela nuvem do sono e pela névoa dos sonhos. E então, em vez de ter medo da morte, Donald seguiu para essa escuridão com prazer. Ele a abraçou na esperança de que seria eterna. E partiu com um último pensamento sobre a irmã, sobre os drones embaixo das lonas, todas essas coisas que, ele esperava, jamais seriam despertadas.

54

Silo 18

Mission se sentia enterrado vivo. Caiu em um transe desconfortável, o saco ficando quente e grudento por aprisionar o calor e sua respiração. Parte dele temia apagar ali dentro e que Joel e Lyn o encontrassem morto. Parte dele torcia por isso.

Os dois portadores foram parados para responder a perguntas no cento e dezessete, o nível abaixo da explosão que matou Cam. Os que trabalhavam no conserto da escadaria estavam à procura de um certo portador. Sua descrição era parte Cam, parte Mission. Mission ficou imóvel como se estivesse morto enquanto Joel reclamava por ser parado com uma carga tão sensível e pesada. Parecia que eles podiam pedir que o saco fosse aberto, mas havia coisas que eram quase tão tabu quanto falar sobre o exterior. Por isso mandaram que seguissem com um alerta de que não havia corrimão acima e que uma pessoa já havia caído e morrido.

Mission lutou para conter um acesso de tosse quando as vozes sumiram. Ele agitou os ombros e se esforçou para cobrir a boca e abafar o som. Lyn o repreendeu baixinho para que se calasse. A distância, Mission podia ouvir uma mulher chorando. Eles passaram pelos destroços de horas antes, e Joel e Lyn levaram um susto ao ver uma plataforma de andar inteira desconectada da escadaria.

Acima do Suprimentos, no cento e sete, eles levaram Mission até um banheiro, abriram o saco e deixaram que o sangue voltasse a circular em seus braços. Mission usou um dos reservados, tomou alguns goles de água e garantiu a Joel e Lyn que estava bem ali dentro. Todos os três

estavam pingando de suor, e ainda faltavam mais de trinta andares até a Expedição Intermediária. Joel em especial parecia exausto pela subida, ou talvez por ver o dano provocado pela explosão. Lyn estava aguentando melhor, mas parecia ansiosa para continuar. Ela estava preocupada com Rodny e parecia tão impaciente quanto Mission para chegar ao Ninho.

Mission se viu no espelho de macacão branco e com a faca de portador presa à cintura. Era ele que estavam procurando. Sacou a faca, juntou fios de cabelo com a mão e cortou um chumaço perto do couro cabeludo. Lyn viu o que ele estava fazendo e ajudou com sua própria faca. Joel pegou uma lata de lixo para recolher o cabelo.

Foi um trabalho grosseiro, mas ele ficou menos parecido com a pessoa que estava sendo procurada. Antes de guardar a faca, Mission fez alguns talhos no saco preto, perto do zíper. Tirou a camiseta e secou o interior do saco antes de jogá-la na lata de lixo. Ela fedia mesmo a fumaça e suor. Ele voltou para dentro do saco, ajudou com as correias, e eles puxaram o zíper e o carregaram de volta até a escada para retomar a subida. Mission estava impotente para fazer qualquer coisa além de se preocupar.

Ele repassou os acontecimentos de um dia muito longo. Naquela manhã, vira as nuvens se iluminarem durante o café da manhã, visitara a Corva e enviara sua mensagem para Rodny. E depois Cam: ele perdera um amigo. Foi tomado pela exaustão resultante de tudo aquilo e viu-se mergulhando na inconsciência.

Quando acordou, parecia haver passado apenas um instante. Seu macacão estava úmido, o interior do saco ficara grudento devido à condensação. Joel devia tê-lo sentido se mover, pois rapidamente pediu que ficasse quieto e disse a ele que estavam chegando à Intermediária.

O coração de Mission bateu forte enquanto se aproximavam e ele se lembrou de onde estava e do que estavam fazendo. Sentiu dificuldade para respirar. Os talhos que ele havia feito estavam perdidos nas dobras do plástico. Queria que o zíper se abrisse um pouco, só uma fresta de luz, um sopro de ar fresco. Seus braços estavam presos e dormentes por

causa das tiras em torno dos ombros. Seus tornozelos estavam feridos nos pontos onde Lyn o estava segurando.

— Não consigo respirar — disse, sem fôlego.

Lyn lhe disse para ficar quieto. Mas houve uma pausa, um fim para aquele balanço. Alguém mexeu desajeitadamente no saco na altura de sua cabeça, houve uma série de pequenos estalidos do zíper sendo baixado uns dez dentes.

Mission tragou o ar fresco. O mundo retomou seu balanço, com botas pisando as escadas a distância, e uma confusão em algum lugar acima ou abaixo, ele não sabia dizer. Mais luta. Mais mortes. Ele visualizou corpos girando no ar. Viu Cam deixando as fazendas nos níveis intermediários na véspera, com uma gorjeta no bolso, sem imaginar como tinha pouco tempo sobrando para gastá-la.

Eles descansaram na Expedição Intermediária. Mission foi deixado no corredor principal, que estava assustadoramente vazio.

— Que diabo aconteceu aqui? — perguntou Lyn.

Ela enfiou o dedo em um buraco na parede cercado por uma teia de rachaduras. Havia centenas de buracos como aquele. Botas soaram na plataforma e seguiram em frente.

— Que horas são? — perguntou Mission, mantendo a voz baixa.

— É depois do jantar — respondeu Joel.

Isso significava que eles estavam em um bom ritmo.

Lyn estudou uma faixa escura no fundo do corredor que parecia ferrugem.

— Isso é sangue? — perguntou em um sussurro.

— Robbie disse que não conseguiu entrar em contato com ninguém daqui — disse Mission. — Talvez eles tenham fugido.

Joel tomou um gole de seu cantil.

— Ou foram expulsos. — Ele secou a boca com a manga.

— Será que devíamos passar a noite aqui? Vocês dois parecem exaustos.

Joel balançou a cabeça. Ofereceu seu cantil para Mission.

— Acho que precisamos passar dos trinta. A segurança está por toda parte. Droga, é bem provável que você pudesse subir correndo do jeito que está. Talvez apenas precisássemos dar uma limpada no seu cabelo.

Mission esfregou a cabeça e pensou no assunto.

— Talvez eu devesse — disse ele. — Eu podia chegar lá em cima antes da madrugada.

Ele observou Lyn entrar em um dos dormitórios do corredor. Ela reapareceu quase imediatamente com a mão sobre a boca e os olhos arregalados.

— O que foi? — perguntou Mission, agachado. Ele ficou rapidamente de pé para se juntar a ela.

Lyn o abraçou, manteve-o longe da porta e enfiou o rosto em seu ombro. Joel arriscou dar uma olhada.

— Não — murmurou ele.

Mission se afastou de Lyn e se juntou ao colega portador junto à porta.

Os beliches estavam cheios. Havia algumas pessoas jogadas no chão, mas era óbvio pelo emaranhado de seus membros, o jeito que os braços pendiam inúteis ou estavam retorcidos embaixo das camas, que aqueles portadores não estavam dormindo.

Viram Katelyn entre eles. Lyn tremia em um choro silencioso enquanto Joel e Mission pegavam o corpo da mulher e o botavam no saco. Mission sentiu uma pontada de culpa por ela ter sido escolhida não só por seu tamanho, mas pelo tanto que era amada. Enquanto estavam prendendo as correias e fechando o zíper, a energia do corredor caiu, deixando-os na mais completa escuridão.

— Que porra é essa? — reclamou Joel.

No instante seguinte as luzes voltaram, mas piscando, como se uma chama trêmula queimasse no interior de cada lâmpada. Mission secou o suor da testa e desejou que ainda tivesse seu lenço.

— Se não conseguirem chegar até o Ninho esta noite — disse ele para os outros —, parem, fiquem no ponto de parada e se informem com Robbie.

— Vamos ficar bem — tranquilizou-o Joel.

Lyn apertou o braço dele antes que partisse.

— Cuidado com os degraus — disse ela.

— Vocês também — recomendou Mission.

Ele correu na direção da plataforma e da grande escadaria. Acima, as luzes piscavam como pequenas chamas. Um sinal de que alguma coisa, em algum lugar, estava queimando.

55

Silo 18

Mission subiu correndo em meio a uma nuvem de fumaça, com a garganta queimando. Havia o rumor de que uma explosão na Mecânica provocara o apagão. Corria a história de que havia um eixo quebrado ou empenado e que o silo estava utilizando energia reserva. Ele ouvia essas coisas à distância de meia volta na escada em espiral, enquanto subia de dois em dois degraus, às vezes de três em três. Era uma sensação boa estar livre e em movimento, era bom sentir os músculos doloridos em vez de ficar imóvel e ele próprio ser uma carga.

E ele percebeu que quando alguém o via ficava em silêncio ou se afastava das plataformas de seus andares, mesmo quem ele conhecia. No início, ficou com medo de estar sendo reconhecido. Mas a reação era por causa do macacão branco da segurança que ele estava usando. Rapazes como ele subiam e desciam ruidosamente pela escadaria aterrorizando todo mundo. Pouco tempo antes, eram fazendeiros, soldadores e bombeiros, agora levavam a ordem carregando suas armas negras.

Mais de uma vez um grupo de homens como esses parou Mission e perguntou aonde estava indo, onde estava seu rifle. Ele respondia que havia participado da luta lá de baixo e que estava voltando à base. Era algo que ouvira outro dizer. Muitos deles pareciam saber tão pouco quanto ele, então o deixavam passar. Como sempre, a cor que você vestia dizia tudo. As pessoas achavam que podiam conhecê-lo com um olhar.

Havia mais movimento perto da TI. Um grupo de recrutas passou em fila, e, pela grade, Mission os observou chutarem as portas do nível abaixo e entrarem. Ele ouviu gritos e depois uma batida aguda, como se

uma pesada barra de aço caísse no piso de metal. Uma dezena dessas batidas, e depois menos gritos.

As pernas de Mission doíam quando ele finalmente chegou perto das fazendas. Ele viu alguns fazendeiros na plataforma com pás e ancinhos. Alguém gritou algo quando ele passou. Mission apertou o passo, pensando no pai e no irmão, pela primeira vez vendo sabedoria na vontade do pai em não deixar aquele pedaço de terra.

Depois do que pareceram horas de subida, ele chegou à tranquilidade do Ninho. As crianças tinham ido embora. A maior parte das famílias provavelmente estava escondida em seus apartamentos, encolhida, torcendo para que aquela loucura passasse como as outras tinham passado. No corredor, vários armários estavam abertos, e havia uma mochila de criança jogada no chão. Mission andou cambaleante, com as pernas latejando, na direção de uma cantante voz familiar e do desagradável ruído do aço do piso.

No fim do corredor, a porta dela permanecia tão receptiva e aberta como sempre. A voz cantarolando era da Corva, e parecia mais forte que o habitual. Mission viu que não tinha sido o primeiro a chegar, que sua mensagem havia sido enviada. Frankie e Allie estavam ali, os dois com macacões verde e branco, da segurança das fazendas. Eles arrumavam carteiras enquanto a Sra. Crowe cantava. Os lençóis que cobriam as pilhas de carteiras guardadas junto a uma parede foram retirados. Essas carteiras agora estavam dispostas na sala de aula do modo como Mission lembrava de sua infância. Era como se a Corva tivesse esperando que elas fossem ocupadas a qualquer momento.

Allie foi a primeira a perceber a chegada de Mission. Ela virou e o viu à porta, com os olhos brilhantes reluzindo em meio às sardas de fazendeira e os cabelos negros presos em um coque. Ela correu até ele, e Mission percebeu como o macacão dela estava embolado em volta das botas, as alças com um nó nos ombros para encurtá-lo. Devia ser o macacão de Frankie. Enquanto ela se jogava em seus braços, ele se perguntou o quanto os dois haviam arriscado para encontrá-lo ali.

— Mission, meu rapaz. — A Sra. Crowe parou de cantar, sorriu e acenou para que ele fosse até ela. Após um instante, Allie soltou-o, com relutância.

Mission apertou a mão de Frankie e lhe agradeceu por ter vindo. Levou um momento para perceber que havia algo diferente, que seu cabelo também tinha sido cortado curto. Os dois esfregaram suas cabeças quase sem cabelo e riram. O humor vinha fácil em tempos sem humor.

— E isso que ouvi falar sobre meu Rodny? — perguntou a Corva.

Ela movia sua cadeira de um lado para outro, a mão acionando os controles, a camisola azul desbotada cobrindo seu corpo esquálido.

Mission respirou fundo, o que fez a fumaça permanecer em seus pulmões. Contou a eles tudo o que vira na escada, sobre as bombas, os incêndios e o que ele soubera da Mecânica, as forças de segurança armadas com rifles, até que a Corva interrompeu seu falatório nervoso com um aceno de seus braços frágeis.

— Não sobre a luta — disse ela. — A luta eu vi. Eu podia pintar um quadro da luta e pendurar na minha parede. E Rodny? O que aconteceu com nosso garoto? Ele os pegou? Ele os fez pagar? — Ela cerrou o punho e o brandiu no ar.

— Não — respondeu Mission. — Pegou quem? Ele precisa da nossa ajuda.

A Corva riu, o que o pegou de surpresa. Ele tentou explicar:

— Dei a ele seu bilhete, e ele me deu outro em resposta. Pedia socorro. Eles o mantêm trancado atrás daquelas grandes portas de aço...

— Não trancado — disse a Corva.

— ...como se ele tivesse feito alguma coisa errada...

— Alguma coisa *certa* — rebateu ela, corrigindo-o.

Mission ficou em silêncio. Ele podia ver o conhecimento brilhando por trás dos velhos olhos dela, o alvorecer de um dia após uma limpeza.

— Rodny não está correndo perigo algum — disse ela. — Ele está com os livros antigos. Está com as pessoas que tomaram o mundo de nós.

Allie apertou o braço de Mission.

— Ela está tentando nos dizer que tudo vai ficar bem — sussurrou. — Venha, ajude com as carteiras.

— Mas o bilhete... — insistiu Mission, desejando não tê-lo transformado em confete.

— O bilhete que você entregou a ele era para lhe dar força. Para ele saber que era hora de começar. Nosso garoto está prestes a atingi-los com vigor pelo que eles nos fizeram.

Havia um ar selvagem nos olhos da Corva.

— Não — disse Mission. — Rodny estava com medo. Conheço meu amigo, e ele estava com medo de alguma coisa.

A expressão da Corva ficou mais séria. Ela relaxou o punho e alisou a frente da camisola desbotada.

— Se esse for o caso — disse ela, com voz trêmula —, então eu o julguei muito mal.

56

Silo 18

A madrugada se aproximava enquanto eles arrumavam as carteiras, e a Corva voltou a cantar. Allie disse a Mission que haviam anunciado o toque de recolher, e por isso ele perdeu a esperança de que outros aparecessem naquela noite. Eles tiraram colchões dos cubículos para poderem descansar e planejar, e resolveram esperar os outros até o amanhecer. Mission queria perguntar muita coisa a Corva, mas ela parecia distraída, com os pensamentos distantes, tomada por uma alegria que a deixava atordoada.

Frankie tinha certeza de que conseguiria fazê-los passar pela segurança e levá-los até as profundezas da TI, bastava encontrar seu pai. Mission contou a eles que tinha conseguido circular muito bem com macacões brancos. Talvez conseguisse chegar rápido ao pai de Frankie. Allie surgiu com frutas frescas colhidas de sua terra e as distribuiu. A Corva bebeu um de seus preparados verde-escuros. Mission estava inquieto.

Ele saiu até a plataforma, dividido entre esperar os outros e a ansiedade de seguir em frente. Pelo que sabia, Rodny já estava sendo conduzido para sua morte. As limpezas costumavam acalmar as pessoas, ocorriam após episódios de agitação, mas aquilo era diferente de todos os surtos de violência que ele já havia visto antes. Aquele era o incêndio do qual seu pai falava, as brasas da desconfiança e do caos econômico que se inflamavam de uma hora para outra. Ele tinha previsto aquilo, mas tudo havia acontecido com a rapidez de uma faca caindo do nível mais alto até o chão.

Lá fora na plataforma ouviu o som distante da multidão mais abaixo. Com as mãos na grade, podia sentir a vibração das botas em marcha. Ele voltou para onde estavam os outros e não tocou no assunto. Não havia razão para desconfiar que estivessem atrás deles.

Quando voltou, parecia que Allie estava chorando. Seus olhos estavam úmidos; o rosto, vermelho. A Corva estava contando a eles uma história dos Velhos Tempos, com as mãos desenhando uma cena no ar.

— Está tudo bem? — perguntou Mission.

Allie balançou a cabeça como se preferisse não dizer.

— O que foi? — falou ele.

Mission segurou a mão dela, escutou a Corva falar de Atlântida, outra história da cidade mágica perdida e em escombros além das montanhas, de dias passados quando aquelas ruínas brilhavam como uma moeda molhada.

— Conte-me — pediu ele, curioso em saber se as histórias a estavam afetando como às vezes o afetavam, deixando-a triste sem que soubesse por quê.

— Eu não queria dizer nada até depois — choramingou ela.

Lágrimas se acumulavam em seus olhos. Allie as secou. A Corva ficou em silêncio, deixando as mãos caírem em seu colo. Frankie ficou sentado, sem fazer barulho. O que quer que fosse, os dois também sabiam.

— Pai — disse Mission.

Tinha que estar relacionado a seu pai. Naquele instante, soube que ele estava morto. Allie era próxima de seu pai de um jeito que Mission nunca havia sido. E, de repente, sentiu um arrependimento profundo por um dia ter saído de casa. Enquanto ela esfregava os olhos, sem conseguir formar palavras com os lábios trêmulos, Mission se imaginou abaixado na terra, cavando em busca de perdão.

Allie chorou, e a Corva cantarolou uma canção dos dias da superfície. Mission pensou no pai, morto, tudo o que ele tinha vontade de dizer, e não quis nada além de se lançar contra os cartazes nas paredes, arrancá-los e rasgar suas mensagens de liberdade.

— É Riley — disse Allie, por fim. — Mish, eu sinto muito, mesmo.

A Corva parou de cantarolar. Os três olharam para ele.

— Não — murmurou Mission.

— Você não devia ter contado a ele... — interveio Frankie.

— Ele tinha que saber! — afirmou Allie. — O pai dele ia querer que ele soubesse.

Mission olhou para um cartaz com colinas verdes e céu azul. Aquele mundo ficava fora de foco por causa das lágrimas do mesmo jeito que ficaria com poeira.

— O que aconteceu? — murmurou ele.

Ela contou que houvera um ataque às fazendas. Riley tinha implorado para ajudar na luta, mas disseram a ele para não ir, e depois ele havia desaparecido. Ele fora encontrado ainda com uma faca de cozinha nas mãos.

Mission ficou de pé e andou de um lado para outro da sala, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele não devia ter partido. Devia ter ficado lá. Ele também não estivera lá para ajudar Cam. A morte o precedia em todos os lugares onde não conseguia estar. Ele havia feito o mesmo com sua mãe. E agora o fim estava chegando para todos.

Uma trepidação veio da plataforma e tomou o corredor, o som de botas se aproximando. Mission esfregou os dois lados do rosto. Ele não acreditava mais que nenhum dos outros fosse chegar, e achou que fosse a segurança com suas armas. Eles iriam perguntar onde estava sua própria arma até se darem conta que Mission era um impostor, antes de atirar em todos eles.

Ele fechou a porta, viu que não tinha uma tranca e a travou com uma carteira sob a maçaneta. Frankie correu para Allie, disse a ela para ficar atrás da mesa da Corva. Ele pegou a cadeira de rodas da Corva por trás, fazendo o cabo pendurado balançar perigosamente, mas ela insistiu que podia se virar sozinha, que não havia nada a temer.

Mission sabia que não era bem assim. A segurança estava vindo para pegá-los, a segurança ou algum outro grupo. Ele havia passado pela escadaria, sabia o que estava acontecendo lá fora.

Houve uma batida na porta. A maçaneta se moveu. O som das botas do lado de fora silenciou enquanto se reuniam ao redor. Frankie levou o indicador aos lábios, com olhos arregalados. O cabo pendurado no teto rangia enquanto se movia de um lado para outro.

A porta se mexeu. Por um instante, Mission teve a esperança de que eles estivessem apenas fazendo suas rondas. Pensou em se esconder embaixo dos lençóis usados para cobrir as carteiras, mas a ideia veio tarde demais. A porta se abriu de repente com um empurrão, fazendo a carteira que a travava emitir um rangido longo e agudo ao ser arrastada pelo chão. A primeira pessoa a entrar foi Rodny.

Sua aparição foi tão repentina e inesperada quanto um tapa na cara. Rodny usava um macacão branco ainda com as marcas das dobras. Seu cabelo tinha sido cortado curto, o rosto estava recém-barbeado, e havia um pequeno corte em seu queixo.

Mission achou que estivesse olhando para um espelho, com os dois naquele traje. Mais homens de branco se amontoavam atrás de Rodny no corredor, com rifles nas mãos. Rodny os mandou recuar e entrou na sala onde todas aquelas carteiras vazias estavam cuidadosamente arrumadas.

Allie foi a primeira a reagir. Ela quase perdeu o fôlego com a surpresa e correu na direção dele com os braços abertos como se fosse abraçá-lo. Rodny ergueu a mão e a mandou parar. A outra mão carregava uma arma, a mesma usada pelos delegados. Os olhos dele não se detinham nos amigos, mas na Corva Velha.

— Rodny... — começou Mission.

Seu cérebro tentava entender a presença do amigo. Todos tinham se reunido para resgatá-lo, mas ele não parecia precisar disso.

— Feche a porta — disse Rodny, olhando para trás.

Um homem com o dobro da idade de Rodny hesitou antes de fazer o que lhe havia sido mandado. Aquela não era a atitude de um prisioneiro. Frankie correu antes que a porta se fechasse completamente, chamando "Pai!", como se o tivesse visto no corredor com os outros.

— Nós viemos por você — disse Mission. Ele queria se aproximar do amigo, mas havia algo perigoso nos olhos de Rodny. — Seu bilhete...

Rodny finalmente tirou os olhos da Corva.

— Nós estávamos indo ajudar... — continuou Mission.

— Ontem, eu precisava de ajuda — disse Rodny.

Ele caminhava em círculos em torno das carteiras, com a arma a seu lado, os olhos pousando em cada rosto. Mission se afastou e se juntou a Allie de pé ao lado da Corva, ele não sabia dizer se para protegê-la ou se sentir protegido.

— Você não devia estar aqui — disse a Sra. Crowe com tom professoral. — Sua luta não é aqui. Você devia estar atingindo *eles*. — Um dedo magro apontou para a porta.

A arma na mão de Rodny se ergueu um pouco.

— O que você está fazendo? — perguntou Allie com os olhos arregalados para a arma.

Rodny apontou para a Corva.

— Conte a eles — disse. — Conte a eles o que fez. O que a senhora faz.

— O que fizeram com você? — perguntou Mission.

Seu amigo tinha mudado. Era mais que o corte de cabelo e o uniforme. Era algo em seus olhos.

— Eles me mostraram... — Rodny apontou a arma para os cartazes nas paredes. — Que essas histórias são verdadeiras. — Ele riu e virou-se para a Corva. — E eu fiquei com raiva como a senhora disse que eu ficaria. Com raiva do que eles fizeram com o mundo. Eu tive vontade de destruir tudo.

— Então faça isso — insistiu a Corva. — Ataque-os. — A voz dela soou como o rangido de uma porta prestes a bater.

— Mas agora eu sei. Eles me contaram. Nós recebemos uma ligação. E agora eu sei o que a senhora tem feito aqui...

— Que história é essa? — perguntou Frankie, ainda no meio da sala. Ele caminhou na direção da porta. — Por que meu pai...

— Parado — disse Rodny. Ele tirou uma das carteiras do caminho e seguiu pelo corredor que elas formavam. — Não se mexa. — Sua arma ia de Frankie para a Corva, cuja cadeira tremia no ritmo de sua mão. — Essas frases nas paredes, as histórias e músicas... você fez com que nos tornássemos o que nós somos. Você nos deixou com raiva.

— Vocês *deviam* ter — gritou ela. — E deviam mesmo ter muita raiva!

Mission se aproximou da Corva. Ele não tirava os olhos da arma. Allie se ajoelhou e segurou a mão da senhora de idade. Rodny estava parado a dez passos de distância, com a arma apontada para os pés deles.

— Eles matam e matam — disse a Corva. — E isso vai continuar como sempre foi. Depois limpam tudo. Enterram e queimam os mortos. E essas carteiras... — O braço dela se ergueu, com o indicador trêmulo apontado para as carteiras vazias recém-arrumadas. — Essas carteiras vão se *encher* de novo.

— Não — disse Rodny, sacudindo a cabeça. — Não vão mais. Isso acaba aqui. A senhora não vai mais nos aterrorizar...

— O que você está dizendo? — perguntou Mission. Ele se aproximou da Corva, com a mão em sua cadeira. — É você que está com a arma, Rodny. É você quem está nos assustando.

Rodny virou para Mission.

— *Ela* nos faz sentir assim. Vocês não percebem? O medo e a esperança andam de mãos dadas. O que ela nos vende não é diferente do que os pastores, só que ela nos atinge *primeiro*. Esse papo de um mundo melhor. Isso só nos faz *odiar* este.

— Não... —Mission odiou o amigo por dizer uma coisa daquelas.

— Sim — disse Rodny. — Por que vocês acham que odiamos nossos pais? É porque ela nos faz odiá-los. Nos dá ideias de nos libertarmos deles. Mas isso não vai melhorar as coisas. — Ele fez um gesto com a mão. — Não que isso importe. O que eu soube ontem me deixou aterrorizado pela minha vida. Por todos nós. O que eu sei agora me dá esperança.

Rodny ergueu a arma. Mission não podia acreditar naquilo. O amigo apontou-a para a Corva Velha.

— Espere...— Mission levantou a mão.

— Para trás — disse Rodny. — Eu preciso fazer isso.

— Não!

O braço de seu amigo enrijeceu. O cano foi apontado para uma mulher indefesa em uma cadeira de rodas, uma mãe para todos eles, aquela que havia cantado para todos dormirem em seus berços e colchões, cuja voz os seguiu por seus dias de sombra e muito depois.

Frankie empurrou uma carteira para o lado e se jogou em cima de Rodny. Allie gritou. Mission pulou para o lado quando a arma disparou e emitiu um clarão. Sentiu um golpe no estômago, uma queimação em suas entranhas. Ainda estava caindo no chão quando a arma disparou pela segunda vez. A cadeira da Corva tombou para o lado enquanto um espasmo contraía a mão dela.

Mission caiu pesadamente, pressionando a barriga. Suas mãos voltaram grudentas e molhadas.

Deitado de costas, viu a Corva caída da cadeira, uma cadeira que não se movia mais. A arma foi disparada outra vez. Desnecessariamente. O corpo dela se remexeu ao ser atingido. Frankie voou sobre Rodny, e os dois homens caíram rolando. Botas entraram estrondeando na sala, convocadas pelo barulho.

Allie estava lá, chorando. Ela não tirava as mãos da barriga de Mission, pressionando com muita força, e olhou para a Corva. Ela chorava pelos dois. Mission sentiu gosto de sangue na boca. Aquilo o lembrou da vez em que, quando eram crianças, Rodny lhe dera um soco, só de brincadeira. Eles sempre estavam só brincando. Usando fantasias e fingindo serem seus pais.

Havia homens de botas por toda parte. Botas negras e reluzentes em alguns, desgastadas pelo uso em outros. Os que haviam lutado antes e os que estavam apenas aprendendo.

Rodny surgiu acima de Mission, com olhos arregalados de preocupação. Ele lhe disse para aguentar. Mission queria dizer que

tentaria, mas a dor em sua barriga era forte demais. Ele não conseguia falar. Eles lhe disseram para ficar acordado, mas tudo o que ele sempre quis foi dormir. Não ser. Não ser um peso para ninguém.

Silêncio, querido, pare de chorar
Vou lhe cantar uma canção de ninar
Por mais longe que eu possa parecer
Em seus sonhos estarei com você.

Silêncio, querido, pode descansar
À sua volta, anjos estão a lhe guardar
De manhã, por todo o dia
Com eles, seu medo se distancia.

Durma, querido, pare de chorar
Vou lhe cantar uma canção de ninar.

57

Três anos mais tarde
Silo 18

Mission tirou o macacão de trabalho enquanto Allie preparava o jantar. Ele lavou as mãos, limpou a terra debaixo das unhas e observou a lama escorrer pelo ralo. Sua aliança ficava cada vez mais difícil de tirar, com os nós de seus dedos rígidos e feridos por conta da preparação para a época de plantio.

Passou sabão nas mãos e finalmente conseguiu tirar a aliança. Lembrando da última vez que a deixara cair no ralo, ele a guardou cuidadosamente. Allie assoviava na cozinha enquanto cuidava do fogão. Quando ela abriu o forno, ele sentiu o cheiro de porco assado. Mission teria que dizer algo. Eles não podiam continuar fazendo assados sem motivo.

Seu macacão foi posto para lavar. Quando ele voltou para a cozinha, havia velas acesas na mesa. Elas eram para emergência, para os momentos em que os idiotas lá de baixo substituíam geradores e trabalhavam para consertar o principal. Allie sabia disso. Mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa sobre o assado ou as velas, ou dizer a ela que a safra de feijões não seria como ele esperava, viu o jeito que ela estava sorrindo para ele. Só havia uma coisa que podia deixá-la tão feliz... mas era impossível.

— Não — disse ele. Não podia se permitir acreditar naquilo.

Allie assentiu. Havia lágrimas em seus olhos. Quando ele se aproximou dela, as lágrimas estavam escorrendo pelo rosto da mulher.

— Mas nosso bilhete venceu — murmurou ele, abraçando-a.

Ela cheirava a pimentões e sálvia. Ele podia senti-la tremer.

Allie chorava. Sua voz saiu aguda por causa da alegria.

— O médico disse que foi no mês passado. Ainda dentro do período permitido, Mish. Nós vamos ter um bebê.

Mission foi tomado por uma onda de alívio. Alívio, não entusiasmo. Alívio que tudo fosse dentro da lei. Ele beijou o rosto da mulher, e o sal das lágrimas combinava com a pimenta e a sálvia.

— Eu te amo — murmurou ele.

— O assado. — Ela se afastou e correu até o fogão. — Eu ia contar depois do jantar.

Mission riu.

— Você ia me contar agora ou teria que explicar as velas.

Ele encheu dois copos de água com as mãos trêmulas e colocou-os na mesa enquanto ela pegava os pratos. O cheiro da carne assando o deixou com água na boca. Ele podia antever o sabor do assado. Um gosto de futuro, do que estava por vir.

— Não deixe esfriar — disse Allie, pondo os pratos na mesa.

Eles sentaram e deram as mãos. Mission se repreendeu por não ter posto a aliança de volta.

— Abençoado seja este alimento e aqueles que alimentaram suas raízes — rezou Allie.

— Amém — disse Mission.

A mulher apertou a mão dele antes de soltá-la para pegar os talheres.

— Sabe — começou, cortando a carne. — Se for menina, temos que chamá-la de Allison. Há muito tempo todas as mulheres na minha família sempre se chamam Allison.

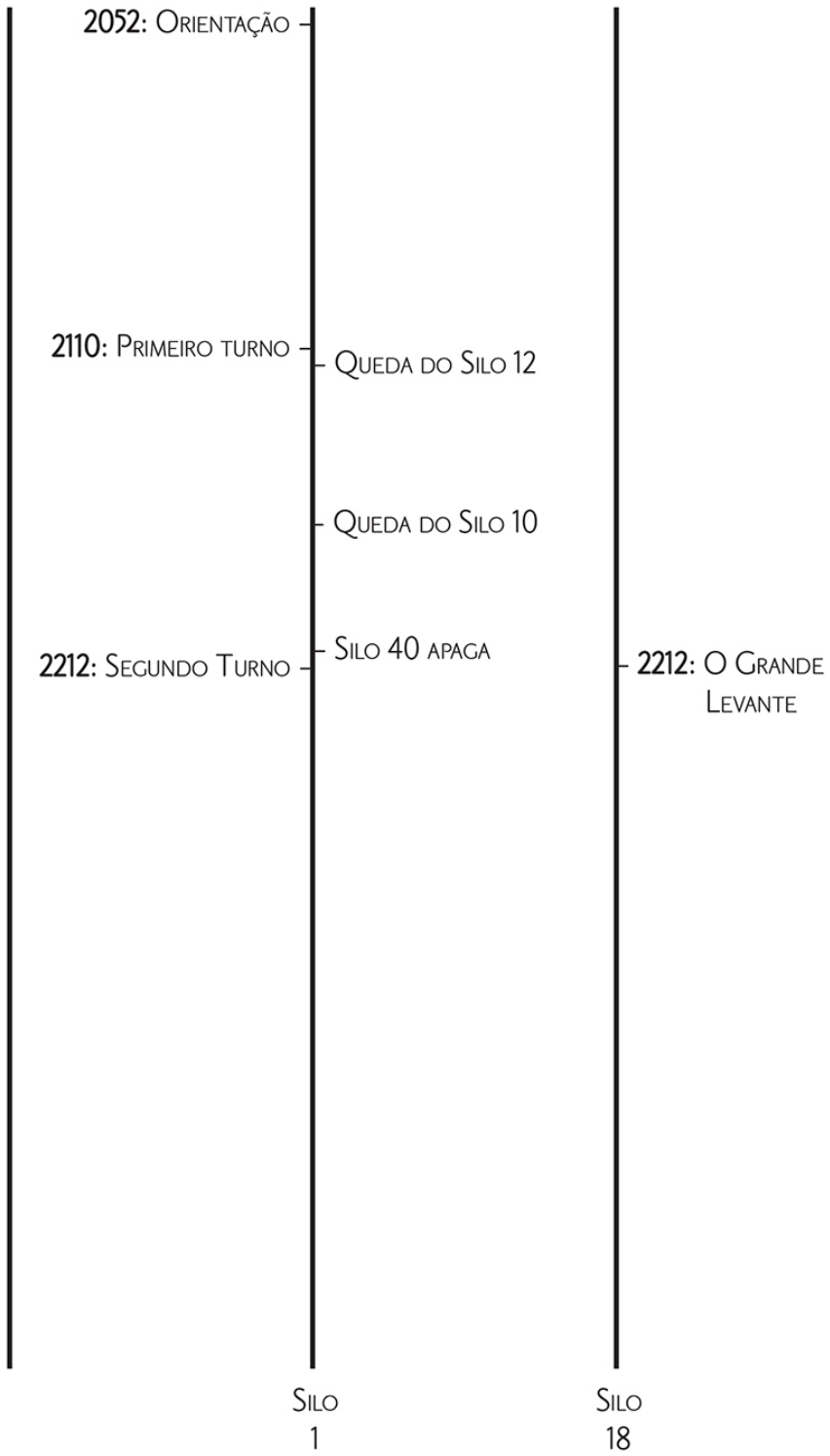
Mission se perguntou até que ponto no passado ia a lembrança daquela família. Seria raro se eles lembrassem de acontecimentos muito distantes. Ele refletiu algum tempo sobre o nome.

— Então vai ser Allison — concluiu. E pensou que eles também iam acabar chamando a filha de Allie. — Mas se for menino podemos chamar de Cam?

— Claro. — Allie ergueu o copo. — Esse era o nome do seu bisavô, não era?

— Não, não conheço nenhum Cam. Só gosto do nome.

Ele pegou seu copo de água, examinou-o por algum tempo. Será que conhecia algum Cam? De onde ele conhecia aquele nome? Havia fragmentos ocultos de seu passado, escondidos dele. Havia coisas como a marca em seu pescoço e a cicatriz em sua barriga que ele não se lembrava de como haviam surgido. Era assim com todo mundo, aqueles dias perdidos dos quais não conseguia se lembrar, mas o caso de Mission era bem pior do que a da maioria das pessoas. Seu aniversário, por exemplo. Ele ficava louco por não conseguir lembrar quando era seu aniversário. Por que isso era tão difícil?


2052: Orientação
2110: Primeiro turno
Queda do Silo 12
Queda do Silo 10
2212: Segundo Turno
Silo 40 apaga
2212: O Grande Levante
Silo 1
Silo 18

Terceiro Turno — Pacto

58

Ano 2345
Silo 1

– Senhor?

Ossos chacoalharam. Donald cambaleou na escuridão.

— Consegue me ouvir?

A névoa se dissipou, uma pálpebra se entreabrindo como a tampa de sua cápsula. Donald estava encolhido dentro de sua cápsula criogênica.

— Senhor? Está me ouvindo?

A pele tão fria. Donald se sentou. Vapor emanava de suas pernas nuas. Ele não se lembrava de ir dormir. Lembrava-se do médico, lembrava-se de estar em sua sala. Eles estavam conversando. Agora ele estava sendo despertado.

— Beba isso, senhor.

Donald se lembrava daquilo. Lembrava-se de acordar várias vezes, mas não se lembrava de dormir. Só do despertar. Bebeu um gole, precisou se concentrar para fazer sua garganta funcionar, teve de se esforçar para engolir. Um comprimido. Deveria haver um comprimido, mas não lhe ofereceram.

— Senhor, fomos instruídos a despertá-lo.

Instruções. Regras. Protocolo. Donald estava com problemas novamente. Troy. Talvez fosse com aquele sujeito, Troy. Quem era ele? Donald bebeu o máximo que pôde.

— Muito bem, senhor. Vamos levantá-lo e tirá-lo daí.

Ele estava com problemas. Eles só o despertavam quando havia problema. Removeram um cateter, uma agulha de seu braço.

— O que eu...

Ele protegeu a boca com a mão para tossir. Sua voz estava fina e frágil. Invisível.

— O que é? — perguntou ele, tendo que gritar para produzir um murmúrio.

Dois homens o ergueram e o puseram em uma cadeira de rodas. Um terceiro homem segurava firme a cadeira. Havia um cobertor macio em vez de uma bata de papel. Dessa vez, não houve farfalhar, nenhuma coceira na pele.

— Perdemos um — disse alguém.

Um silo. Um silo perdido. Devia ser culpa de Donald novamente.

— Dezoito — murmurou, lembrando-se do seu último turno.

Dois dos homens se entreolharam boquiabertos.

— É — disse um deles, surpreso. — Do Silo 18, senhor. Ela sumiu, do outro lado do morro. Perdemos contato.

Donald tentou se concentrar no homem. Ele se lembrava de perder alguém do outro lado de um morro. *Helen*. Sua mulher. Eles ainda estavam procurando por ela. Ainda havia esperança.

— Falem — murmurou ele.

— Não temos certeza de como, mas um deles conseguiu sumir de vista, senhor...

— Uma limpadora, senhor...

Uma limpadora. Donald afundou na cadeira, seus ossos estavam tão frios e pesados quanto pedra. Não era Helen.

— ...do outro lado do morro... — disse um.

— ...recebemos uma ligação do 18...

Donald ergueu um pouco a mão, com o braço trêmulo e ainda meio dormente.

— Esperem — disse com voz rouca. — Um de cada vez. Por que me acordaram?

Falar doía.

Um dos homens pigarreou. O cobertor foi posto sob o queixo de Donald para que ele parasse de tremer. Ele não sabia que estava tremendo. Estavam sendo muito respeitosos com ele, muito gentis. O que era aquilo? Ele tentou clarear as ideias.

— O senhor nos disse para acordá-lo...

— É o protocolo...

Os olhos de Donald se dirigiram à cápsula, ainda emanando vapor do frio que escapava. Havia uma tela na base, com leituras vazias, já que ele não estava mais ali dentro, só uma temperatura crescente. Uma temperatura crescente e um nome. Não seu nome.

E Donald lembrou como os nomes nada significavam a menos que fossem a única coisa que identificasse a pessoa. Se ninguém se lembrava de ninguém, se ninguém se cruzava, então um nome era tudo.

— Senhor?

— Quem sou eu? — perguntou ele, lendo a telinha, sem entender. Aquele não era ele. — Por que me acordaram?

— O senhor nos disse para fazer isso, Sr. Thurman.

Envolveram seus ombros com o cobertor. A cadeira foi virada. Eles estavam tratando-o com respeito, como se tivesse autoridade. As rodas de sua cadeira não rangiam.

— Está tudo bem, senhor. Sua mente vai clarear em breve.

Ele não conhecia aquelas pessoas. Elas não o conheciam.

— O médico vai liberá-lo para o serviço.

Ninguém conhecia ninguém.

— Venha conosco.

E então qualquer um podia ser qualquer pessoa.

— É por aqui.

Até o ponto que não importava quem estivesse no comando. Um podia fazer o que era correto, outro podia fazer o que era certo.

— Muito bom.

Um nome tão bom quanto outro qualquer.

59

Ano 2312 – Hora Um
Silo 17

O Barulho vinha antes do silêncio. Essa era uma Regra do Mundo, pois as batidas e os gritos precisam de algum lugar para ecoar, assim como corpos precisam de espaço onde cair.

Jimmy Parker estava na aula quando o último dos grandes Barulhos começou. Era véspera de uma limpeza. No dia seguinte eles não teriam aula. Por causa da morte de um homem, Jimmy e seus amigos ganhariam algumas horas a mais de sono. Seu pai iria fazer horas extras na TI. E na tarde do dia seguinte a mãe dele iria insistir para que subissem com a tia e os primos para ver as nuvens resplandecentes pairarem sobre a paisagem limpa das colinas até que o céu ficasse escuro como o sono.

Dias de limpeza eram para ficar na cama e ver a família. Eram para silenciar a inquietação e acalmar os Barulhos. Foi isso que a Sra. Pearson contou a eles quando escreveu as regras do Pacto no quadro-negro. Seu giz estalou, rangeu e deixou trilhas de pó ao escrever todos os motivos pelos quais uma pessoa podia ser condenada à morte. Lições cívicas um dia antes de um banimento. Alertas na véspera de alertas mais graves. Jimmy e seus amigos ficaram irrequietos em seus lugares e aprenderam as regras. Regras do Mundo que muito em breve não iriam mais se aplicar.

Jimmy tinha dezesseis anos. Muitos de seus amigos iam terminar os estudos e se tornar sombras, mas ele ia precisar de mais um ano de

estudo para seguir os passos de seu pai. Depois de riscar o quadro-negro, a Sra. Pearson continuou, explicando a gravidade da escolha de um parceiro para a vida, sobre como registrar relacionamentos de acordo com o Pacto. Sarah Jenkins virou-se em seu assento e sorriu para Jimmy. Lições cívicas e aulas de biologia se misturavam, falava-se de hormônios junto com as leis que governavam seus excessos. Sarah Jenkins era bonita. Jimmy não achava isso no início do ano, mas agora estava vendo. Sarah Jenkins era bonita e estaria morta em algumas horas.

No momento em que a Sra. Pearson pediu um voluntário para ler o Pacto, a mãe de Jimmy chegou para buscá-lo. Ela entrou sem ser anunciada. Uma vergonha. O fim do mundo de Jimmy começou com o rosto afogueado, o pescoço queimando e todo mundo vendo. Sua mãe não disse nada para a Sra. Pearson, não pediu licença. Apenas passou pela porta e apressou-se entre as carteiras com os passos de quando estava com raiva. Ela puxou Jimmy e o arrastou para fora pelo braço, fazendo-o se perguntar o que tinha feito daquela vez.

A Sra. Pearson não falou. Jimmy olhou para trás, para seu melhor amigo, Paul, e o viu escondendo um sorriso com a mão, e se perguntou por que Paul não estava encrencado também. Ele e Paul raramente entravam ou saíam de encrencas sozinhos. A única pessoa a dizer alguma coisa foi Sarah Jenkins.

— Sua mochila! — exclamou pouco antes de a porta da sala de aula bater e sua voz ser engolida pelo silêncio.

Não havia outras mães puxando os filhos pelo corredor. Só fariam isso muito mais tarde. O pai de Jimmy trabalhava em meio aos computadores e sabia de coisas. O pai dele sabia de coisas antes de todo mundo. Daquela vez, foi por apenas poucos instantes. Outros já corriam pela escadaria. O barulho era assustador. A plataforma externa do andar da escola trepidava com as vibrações do tráfego distante e pesado. Um parafuso em um dos suportes da grade de proteção vibrava como se quisesse soltar. Parecia que o silo ia simplesmente se sacudir até desmontar. A mãe de Jimmy o pegou pela manga da camisa e o arrastou na direção da escadaria em espiral, como se ele ainda tivesse doze anos.

Jimmy se apertou contra a mãe por um instante, confuso. No ano anterior, ele crescera mais que ela, ficara do tamanho do pai, e era estranho ser lembrado de que tinha aquele poder, que era quase um homem. Deixara a mochila e os amigos para trás. Aonde estavam indo? Os estrondos abaixo pareciam ficar mais altos.

Sua mãe virou-se quando ele resistiu. Seus olhos, ele viu, não estavam cheios de raiva. Não havia emoção, nenhuma expressão fechada. Estavam arregalados e brilhantes, como quando vovô e vovó morreram. O barulho abaixo era assustador, mas foi a expressão nos olhos da mãe que fez o medo se instalar nos ossos de Jimmy.

— O que aconteceu? — murmurou ele.

Odiava ver a mãe triste. Algo escuro e vazio, como aquele gato vadio e sem rabo que ninguém conseguia pegar nos apartamentos superiores, cravou as garras em suas entranhas.

Sua mãe não respondeu. Ela se virou e o arrastou escada abaixo, na direção de algo estrondoso e terrível que se aproximava, e Jimmy percebeu imediatamente que ele não estava nem um pouco encrencado.

Todos eles estavam.

60

Ano 2312 — Hora Um
Silo 17

Jimmy nunca tinha sentido a escadaria tremer tanto. A escada em espiral inteira parecia balançar. Parecia ter virado borracha, do mesmo jeito que um lápis parece amolecer quando agitado entre os dedos — um truque que ele havia aprendido na escola. Apesar de seus pés praticamente não tocarem os degraus, correndo como estava para acompanhar a mãe, eles formigavam e pareciam dormentes pelas vibrações transmitidas do aço direto para os ossos. Jimmy sentiu gosto de medo na boca, como uma colher seca na língua.

Havia gritos de raiva vindos de baixo. A mãe de Jimmy gritou para apressá-lo, disse a ele que corresse, e eles desceram a escadaria. Corriam na direção de alguma coisa ruim que estava marchando para cima.

— Corra — exclamou ela outra vez, e Jimmy estava com mais medo do tremor em sua voz do que do tremor de cem andares de aço.

Ele correu.

Passaram pelo vinte e nove. Trinta. As pessoas vinham apressadas na direção contrária. Muita gente de macacão da cor do de seu pai. Na plataforma do trinta e um, Jimmy viu seu primeiro cadáver desde o enterro do avô. Parecia que haviam esmagado um tomate na nuca do homem. Jimmy teve que pular por cima de seus braços, que se projetavam sobre a escadaria. Ele correu atrás da mãe enquanto um pouco de vermelho gotejava da plataforma do andar e deixava os degraus abaixo escorregadios.

No trinta e dois, o tremor das escadas era tão forte que ele podia senti-lo nos dentes. A mãe ia ficando desesperada à medida que esbarravam em mais e mais gente que subia correndo. Ninguém parecia ver mais ninguém. Todo mundo estava cuidando de si mesmo.

A debandada podia ser ouvida, o pisotear de mil botas. Havia gritos em meio aos estrondos metálicos provocados pelos passos. Jimmy parou e espiou por sobre a grade. Abaixo, à medida que a escadaria mergulhava em espiral nas profundezas, ele podia ver, projetando-se para fora, os cotovelos e as mãos daquela multidão que se empurrava. Virou-se quando alguém passou gritando. Sua mãe mandou que se apressasse, pois a turba já estava em cima deles, o tráfego cada vez maior. Jimmy sentiu a raiva e o medo nas pessoas que passavam correndo, e isso fez com que tivesse vontade de também subir correndo com eles. Mas lá estava sua mãe gritando para que ele a seguisse, e a voz dela atravessava seu medo e chegava ao âmago de seu ser.

Jimmy desceu cortando a multidão e segurou a mão dela. A vergonha que sentira mais cedo tinha passado. Agora ele queria que ela o segurasse com força. As pessoas que passavam correndo gritavam para que eles fossem para o outro lado. Vários carregavam canos e barras de aço. Alguns tinham hematomas e cortes. Um homem estava com a boca e o queixo cobertos de sangue. Uma luta em algum lugar. Jimmy achava que isso só acontecia nas Profundezas. Outros pareciam apenas ter sido pegos de surpresa por aquilo tudo. Estavam desarmados e olhavam para trás. Era uma multidão com medo de uma multidão. Jimmy se perguntou o que havia provocado aquilo. O que havia a temer?

Estrondos eclodiram em meio aos passos. Um homem grande esbarrou na mãe de Jimmy e a jogou contra o corrimão. Jimmy segurou o braço dela, e os dois se mantiveram junto à coluna central da escada enquanto desciam até o trinta e três.

— Só falta um — disse ela, o que significava que estavam atrás do pai dele.

Os grupos cada vez maiores se transformaram em uma multidão algumas voltas acima do trinta e quatro. Quatro pessoas se espremiam

onde havia espaço para duas. O pulso de Jimmy bateu no corrimão interno. Ele se apertou entre a coluna central e as pessoas que forçavam caminho para cima. Movendo-se alguns centímetros de cada vez, com as pessoas a seu lado empurrando, pressionando e grunhindo com o esforço, ele teve certeza de que todos ficariam entalados. Juntaram-se mais pessoas, e ele soltou o braço da mãe. Ela foi empurrada para a frente, enquanto ele permaneceu preso no lugar. Podia ouvi-la abaixo gritando seu nome.

Um homem grande, escorrendo suor, boquiaberto de medo, estava tentando abrir caminho para cima pelo lado de descida.

— Ande! — gritou ele para Jimmy, como se houvesse algum lugar para ir.

Não havia para onde ir, a não ser para cima. Ele se espremeu ainda mais contra a coluna central enquanto o homem passava por ele. Houve um berro perto do corrimão externo, um movimento brusco através da multidão, uma série de expressões de espanto e um grito: "Segure!". Então outro grito para que prosseguissem, depois o berro agudo mergulhando nas profundezas e ficando mais distante.

A pressão de corpos afrouxou. Jimmy sentiu enjoo ao pensar em alguém caindo tão perto dele. Ele se sacudiu, se soltou e subiu no corrimão interno, abraçando a coluna central, e se equilibrou ali, com cuidado para que seus pés não escorregassem nos dez centímetros entre o corrimão e a coluna, aquele espaço no qual as crianças gostavam de cuspir.

Alguém na multidão imediatamente ocupou o lugar dele nos degraus. Ombros e cotovelos batiam em seus tornozelos. Ele permaneceu ali agachado, os degraus sobre ele transmitindo o arrastar das botas das pessoas acima. Ele deslizou os pés sobre a barra de aço estreita, e também escorregadia por conta dos milhares de mãos que passaram ali ao longo do tempo, e conseguiu descer pelo corrimão atrás da mãe. O pé escorregou no vão junto da coluna central. Ele parecia ávido para engolir sua perna. Jimmy se ajeitou, temendo cair em cima da multidão em

movimento, imaginando como podia ser arremessado pelos braços enlouquecidos e cair no vazio.

Ele tinha dado metade da volta na coluna central quando encontrou a mãe. Ela havia sido forçada pelas pessoas a ir na direção oposta.

— Mãe! — gritou ele.

Jimmy segurava a borda dos degraus acima e tentava alcançá-la sobre a multidão. Uma mulher no meio dos degraus gritou e desapareceu, sua cabeça afundou no meio daqueles que tomaram seu lugar. Enquanto pisoteavam-na, seus gritos também desapareceram. A multidão fluía para cima e carregou consigo a mãe de Jimmy por alguns degraus.

— Encontre seu pai! — gritou ela, com as mãos em concha em torno da boca. — Jimmy!

— Mãe!

Uma pessoa bateu nas canelas dele, que acabou soltando o degrau acima. Jimmy agitou os braços uma, duas vezes em pequenos círculos, tentando recuperar o equilíbrio. Caiu para dentro no mar de cabeças e rolou. Alguém o socou nas costelas tentando se proteger de sua queda.

Outro homem jogou Jimmy para o lado. Ele rolou para fora por uma plataforma ondulada de cotovelos pronunciados e crânios duros, e o tempo ficou lento, parecia se arrastar. Não havia nada além de espaço vazio e uma queda longa depois da multidão, agora espremida em fileiras de cinco pessoas. Jimmy tentou agarrar uma das mãos que o empurravam e socavam. Seu estômago se embrulhou ao se aproximar da beirada. Ele não conseguia ver o corrimão. Ouviu a voz da mãe, um grito agudo identificável acima de todos os outros, enquanto ela assistia, impotente. Alguém gritou para que ajudassem aquele rapaz que descia deslizando pela espiral de cabeças, rolando, arquejando. Aquele rapaz por quem estavam gritando era ele.

Jimmy caiu em um espaço vazio. Foi jogado para o lado por aqueles que estavam tentando se proteger. Caiu entre duas pessoas, o ombro de alguém se chocou contra seu queixo, e finalmente viu o corrimão. Tentou segurá-lo, conseguiu agarrar a barra com uma das mãos. Seus pés foram jogados por cima de sua cabeça e ele virou uma cambalhota,

torceu o ombro dolorosamente, mas não soltou a mão. Ficou ali, agarrando o corrimão com uma das mãos e uma das barras verticais com a outra, os pés pendendo no vazio.

O quadril de uma pessoa esmagou seus dedos contra o corrimão, e Jimmy deu um grito. Mãos se estenderam até seu braço para ajudar, mas essas pessoas e suas preocupações foram empurradas para cima pela loucura que vinha debaixo.

Jimmy tentou se erguer. Ele olhou para baixo, para além de seus pés pendurados, na direção da multidão que se acotovelava. A plataforma do nível trinta e quatro ficava duas voltas abaixo dele. Ele tentou se levantar novamente, mas seu ombro torcido queimava. Alguém arranhou seu antebraço enquanto tentavam ajudar, e depois essas pessoas também desapareceram escada acima.

Jimmy olhou para baixo e, entre os pés, viu que a plataforma do trinta e quatro estava lotada. Uma multidão jorrava das escadas lotadas e tentava se espremer nelas de volta. Pessoas saíram pelas portas da TI vestindo trajes de limpeza, com capacete e tudo. Elas mergulharam na multidão, braços prateados nadando em meio à carne, todo mundo tentando subir. Mais batidas e gritos vinham de baixo. De repente, houve um estouro, como o de um grande balão, mas muito, muito mais alto.

Jimmy se soltou do corrimão, seu ombro estava muito machucado para continuar aguentando o peso. Ele agarrou a barra vertical com a outra mão enquanto deslizava para baixo, a mão suada escorregando no aço acrescentava um guincho ao clamor da multidão. Ele ficou agarrado à beira dos degraus na base da barra. Com os pés, tentou localizar o corrimão uma volta abaixo, mas só sentiu braços furiosos empurrando suas botas para fora. Seu ombro machucado doía demais. Ele se balançou em uma mão, pendurado por um instante.

Jimmy gritou em desespero. Gritou pela mãe, lembrando o que ela lhe dissera.

Encontre seu pai.

Não havia como voltar para a escadaria. Ele não tinha forças. Não havia espaço. Ninguém iria ajudá-lo. Uma torrente de pessoas e, apesar disso, ele estava ali pendurado totalmente sozinho.

Jimmy respirou fundo. Ele se balançou por mais um instante, olhou para a plataforma lotada abaixo e se soltou.

61

Ano 2312 — Hora Um
Silo 17

Duas voltas da escadaria em espiral passaram. Duas voltas de olhos arregalados da multidão comprimida e apertada. Jimmy sentiu o ruído do vento cada vez mais alto em seu pescoço. Seu estômago foi parar na garganta, e ele pôde vislumbrar a expressão de choque em um rosto que o viu passar despencando.

Ele atingiu a multidão no patamar abaixo com um nauseante baque surdo. O homem de traje prateado, cujo rosto não podia ser visto atrás de seu pequeno visor, ficou preso embaixo dele.

As pessoas gritaram com ele. Outras saíram rastejando de debaixo dele. Jimmy rolou para o lado, um choque nas costelas onde tinha acertado alguém, uma dor latejante em um joelho, uma queimação no ombro. Mancando, correu na direção das portas duplas quando mais uma pessoa saía, com um pacote nos braços. A pessoa parou imediatamente ao ver a situação na escadaria. Alguém gritou sobre o Exterior proibido, e ninguém pareceu se importar. No dia seguinte haveria uma limpeza. Talvez fosse tarde demais. Jimmy pensou nas horas extras que seu pai estava fazendo. Ele se perguntou quantas pessoas mais seriam expulsas por toda aquela violência.

Virou-se outra vez para a escadaria e procurou pela mãe. Os gritos para que as pessoas andassem tornavam impossível ouvir. Mas a voz dela ainda ecoava em seus ouvidos. Ele se lembrava de sua última ordem, a expressão triste em seu rosto, e entrou correndo para encontrar o pai.

Atrás das portas estava um caos: pessoas corriam de um lado para outro nos corredores, vozes discutiam aos berros. Yani estava parado ao lado do portão de segurança, o cabelo comprido emplastado de suor. Jimmy correu em sua direção. Agarrou o próprio cotovelo para, com o braço junto ao peito, evitar que o ombro sacudisse. A pontada nas costelas dificultava sua respiração. Seu coração ainda batia forte por causa da longa queda.

— Yani... — Jimmy se apoiou contra o portão de segurança e tentou recuperar o fôlego. Pareceu levar um instante para o guarda registrar sua presença. Os olhos de Yani estavam arregalados e se moviam de um lado para outro. Jimmy percebeu algo na mão dele, uma pistola igual à que o xerife usava. — Preciso passar — continuou Jimmy. — Tenho que encontrar meu pai.

Os olhos enlouquecidos do agente de segurança se fixaram em Jimmy. Yani era um bom homem, um amigo de seu pai. A filha dele era apenas dois anos mais nova que Jimmy. As famílias às vezes jantavam juntas na época das festas. Mas aquele não era Yani. Ele parecia tomado por algum tipo de horror.

— Sim — disse ele, balançando a cabeça. — Seu pai. Não me deixa entrar. Não deixa nenhum de nós entrar. Mas você...

Parecia impossível, mas os olhos de Yani ficaram ainda mais perturbados.

— Pode liberar minha entrada? — perguntou Jimmy, apontando a roleta com a cabeça.

Yani segurou Jimmy pela gola. Jimmy não era um rapaz pequeno, era quase um homem, mas o enorme guarda o puxou por cima da roleta como se ele fosse um saco de roupa suja.

Jimmy se debateu. Yani apertou o cano da pistola contra o peito de Jimmy e o arrastou pelo corredor.

— Peguei o filho dele! — berrou.

Para quem, não estava claro. Jimmy tentou se contorcer para se soltar. Ele foi arrastado por salas completamente bagunçadas. Todo o andar parecia ter sido evacuado. Pensou em todos os macacões cinza e

prateados na escadaria mais cedo e por um instante temeu que seu pai estivesse entre aqueles por quem ele tinha passado. A multidão era composta principalmente por gente daquele andar, como se eles tivessem liderado o ataque, ou fossem as vítimas da perseguição.

— Não consigo respirar... — tentou dizer a Yani.

Ele conseguiu se apoiar sobre os pés, agarrou o antebraço forte do homem, qualquer coisa para aliviar a pressão em seu pescoço.

— Aonde vocês foram, seus babacas? — gritou Yani, olhando os corredores de um lado a outro. — Preciso de uma ajuda com isso...

Houve uma explosão, como o som de mil balões estourando ao mesmo tempo, um estrondo ensurdecedor. Jimmy sentiu Yani se mover bruscamente para o lado, parecia que tinha sido chutado. A força com que o guarda o segurava diminuiu, permitindo que o sangue corresse de volta para a cabeça de Jimmy. Ele saltou para o lado enquanto o homem grande caía. Yani desmoronou no chão, gorgolejando e respirando com dificuldade, e a pistola deslizou pelas lajotas do chão.

— Jimmy!

Seu pai estava no fim do corredor, parte do corpo protegida atrás de uma curva, com um objeto negro e comprido sob a axila, uma muleta que não chegava a tocar o chão. A extremidade daquela muleta, curta demais para ser uma de fato, lançava fumaça como se estivesse em chamas.

— Corra, filho!

Jimmy soltou um grito de alívio. Ele se afastou cambaleante de Yani, que estava se contorcendo no chão e produzindo sons horríveis, animalescos. Correu até o pai mancando e segurando o braço.

— Onde está sua mãe? — perguntou o pai, olhando para o corredor.

— A escadaria... — Jimmy lutou para respirar. Sua pulsação tinha se transformado em uma vibração contínua. — Pai, o que está acontecendo?

— Entre. Entre.

Ele puxou Jimmy pelo corredor na direção de uma porta grande de aço. Havia gritos do outro lado. Jimmy podia ver as veias saltando na

testa do pai, gotas de suor se acumulando sob seu cabelo ralo. Seu pai digitou um código no painel ao lado da porta, em seguida ouviu-se um ruído mecânico e uma série de estalidos antes que uma fresta se abrisse. Seu pai inclinou-se para dentro até que houvesse espaço para que os dois se espremessem e entrassem. — Venha, filho, ande.

No fim do corredor, alguém gritou para que os dois parassem. As botas seguiam firmes em sua direção. Jimmy se espremeu pela abertura, estava preocupado que o pai o fechasse ali, sozinho, mas seu velho passou também, depois se recostou na parte interna da porta.

— Empurre! — disse ele.

Jimmy empurrou. Não sabia por que estavam empurrando, mas nunca tinha visto o pai com medo antes. Aquilo o deixava como gelatina por dentro. As botas do lado de fora se aproximaram. Alguém gritou o nome de seu pai. Alguém gritou por Yani.

Quando a porta de aço fechou, mãos começaram a bater no outro lado. Houve novamente um ruído mecânico e estalidos. Seu pai digitou alguma coisa no teclado, depois hesitou.

— Um número — disse ele, recuperando o fôlego. — Quatro dígitos. Rápido, filho, um número que você vá lembrar.

— Um, dois, um, oito — disse Jimmy.

Nível doze e nível dezoito. Onde era a escola e onde ele morava. O pai digitou os números. Ouviram-se gritos abafados, pancadas suaves e inúteis contra o a grossa porta de aço.

— Venha comigo — disse seu pai. — Temos que ficar de olho nas câmeras, precisamos encontrar sua mãe.

Ele jogou a coisa preta nas costas, que Jimmy agora via ser uma versão maior da pistola. Sua extremidade não soltava mais fumaça. Seu pai não havia chutado Yani a distância; tinha atirado nele.

Jimmy ficou imóvel enquanto o pai saiu pelo salão de caixas pretas grandes. Ele percebeu que já tinha ouvido falar daquele local, que seu pai havia lhe contado histórias de uma sala cheia de servidores. As máquinas pareciam observá-lo enquanto ele estava ali parado junto da porta. Eram sentinelas negras, murmurando baixo, montando guarda.

Jimmy se afastou da parede de aço com suas pancadas abafadas e gritos silenciados e correu atrás do pai. Já havia visto o escritório dele antes, no corredor, depois de uma curva, mas nunca aquele lugar. O salão era enorme. Ele correu mancando por toda sua extensão, tentando se localizar em meio aos servidores e repetir o caminho feito pelo pai. Ao chegar na parede dos fundos, deu a volta na última caixa negra e encontrou o pai ajoelhado no chão, como se estivesse rezando. Ele levou a mão ao pescoço, enfiou-a dentro do macacão e tirou de lá um cordão preto fino. Algo prateado dançava em sua extremidade.

— E a mamãe? — perguntou Jimmy.

Ele se perguntou como eles iriam deixá-la entrar com todos aqueles sujeitos lá fora. E também por que o pai estava ajoelhado no chão daquele jeito.

— Escute bem — disse seu pai. — Esta é a chave do silo. Só existem duas dessas. Nunca a perca de vista, está bem?

Jimmy observou o pai enfiar a chave em uma das máquinas.

— Esta é a central de comunicação — disse ele.

Jimmy não tinha ideia do que era uma central de comunicação, só que eles iam se esconder dentro de uma. Esse era o plano. Entrar em uma das caixas pretas até que o barulho terminasse. O pai girou a chave, fez isso em três outras fechaduras, em seguida retirou o painel. Jimmy espiou o interior e viu o pai puxar uma alavanca. Houve um rangido metálico no piso.

— Guarde isso em segurança — disse.

Ele apertou o ombro de Jimmy e entregou a ele o cordão com a chave. Jimmy aceitou e examinou o objeto denteado de prata pendurado no cordão negro. Um lado da chave formava um círculo com três marcas no interior, o símbolo do silo. Ele passou o cordão pela cabeça, depois observou o pai enfiar os dedos na grade a seus pés. Ele ergueu um pequeno retângulo do piso para revelar escuridão por baixo.

— Vá. Você primeiro — disse o pai.

Ele apontou para o buraco no chão e começou a soltar a pistola grande das costas. Jimmy caminhou lentamente para a frente e olhou

para baixo. Havia apoios em uma das paredes. Era como uma escada reta, mas muito mais alta que todas as que ele já havia visto.

— Vamos, filho. Não temos muito tempo.

Sentado na beirada da grade, com os pés balançando no vazio, Jimmy alcançou os degraus e começou a longa descida.

O ar sob o chão era fresco; a luz, fraca. O horror e o barulho da escadaria pareceram desaparecer, e Jimmy ficou com uma sensação de medo e mau pressentimento. Por que ele estava recebendo aquela chave? O que era aquele lugar? Ele desceu usando principalmente o braço bom. Seu progresso foi lento, mas constante.

No fim da escada, encontrou uma passagem estreita. Uma luz fraca tremeluzia em sua extremidade. Olhando para cima, ele podia ver a silhueta do pai descendo.

— Por aí — disse o pai, indicando o corredor estreito.

Ele deixou a pistola grande apoiada na escada.

Jimmy apontou para cima.

— Nós não devíamos cobrir a...

— Na volta eu faço isso. Vamos, filho.

Jimmy virou e entrou na passagem. Havia cabos e tubulações junto ao teto. Uma luz vermelha piscava à frente. Depois de cerca de vinte passos, surgiu um espaço que lembrava o almoxarifado da escola. Havia estantes ao longo das duas paredes. Duas mesas, também: uma com um computador, a outra com um livro aberto. Seu pai foi direto para o computador.

— Você estava com sua mãe? — perguntou.

Jimmy assentiu.

— Ela me tirou da aula. Nós nos separamos na escadaria.

Ele esfregou o ombro enquanto o pai desmoronou pesadamente na cadeira em frente à mesa. A tela do computador estava dividida em quatro quadros.

— Onde você a perdeu? Em que altura?

— Duas voltas acima do trinta e quatro — disse ele, lembrando-se da queda.

Em vez de usar o mouse ou o teclado, o pai de Jimmy pegou uma caixa preta equipada com teclas e botões. Havia um cabo conectado a ela que seguia até a parte de trás do monitor. Em um canto da tela, Jimmy viu uma imagem de três homens parados em torno de alguém no chão. Era real. Era uma imagem, uma janela, como o telão na parede do refeitório. Ele estava vendo o corredor que eles tinham acabado de deixar.

— Yani, seu filho da puta — murmurou o pai.

Os olhos de Jimmy deixaram a tela e se fixaram na nuca do pai. Ele já tinha ouvido o pai falar palavrão antes, mas nunca essa expressão. Os ombros do pai subiam e desciam no ritmo de sua respiração profunda. Jimmy voltou sua atenção para a tela.

Os quatro quadros tinham virado doze. Não, dezesseis. O pai se inclinou para a frente. Seu nariz ficou a centímetros do monitor. Ele olhava atentamente de um quadro para o seguinte. Suas velhas mãos trabalhavam na caixa preta, que produzia cliques conforme botões e controles eram ajustados. Jimmy via em todos os quadrados o tumulto que testemunhara na escadaria. Do corrimão à coluna central, os degraus estavam atulhados de pessoas. Elas fluíam para cima. Seu pai corria os quadros com um dedo, procurando.

— Pai...

— Shhh.

— ...o que está acontecendo?

— Houve uma falha de segurança — disse. — Eles estão tentando nos apagar. Você disse que foi duas voltas acima do andar?

— É. Mas ela estava sendo carregada para cima. Estava difícil andar. Eu caí por cima do corrimão...

A cadeira rangeu quando o pai virou e o observou atentamente. Seus olhos se fixaram no braço de Jimmy, apertado contra o peito.

— Você caiu?

— Eu estou bem, pai. O que está acontecendo? Tentando apagar o quê?

O pai dele voltou a atenção para a tela. Alguns cliques na caixa preta, e os quadros piscaram e mudaram. Eles agora pareciam estar olhando por janelas levemente diferentes.

— Eles estão tentando apagar nosso silo — disse seu pai. — Os filhos da mãe abriram nossa câmara pressurizada, disseram que envenenaram nosso ar... Espere. Ali está ela.

As muitas janelinhas viraram uma. A imagem mudou um pouco. Jimmy pôde ver a mãe presa entre um grupo de pessoas e o corrimão. Sua boca e seu queixo estavam cobertos de sangue. Agarrada ao corrimão e lutando por espaço, ela conseguiu descer um degrau com esforço enquanto a multidão seguia seu curso na outra direção. Parecia que todo mundo no silo estava tentando chegar ao topo, como se essa fosse a única saída.

O pai de Jimmy deu um tapa na mesa e levantou abruptamente.

— Espere aqui — disse.

Ele se dirigiu à passagem estreita, parou, virou e olhou para Jimmy, parecendo pensar em algo. Havia um brilho estranho em seus olhos.

— Depressa, agora. Só por segurança.

Ele correu na direção oposta, passou por Jimmy e por uma porta que saía da sala. Jimmy correu atrás dele, assustado, confuso e mancando.

— Isso parece muito com nosso fogão — disse o pai, dando tapinhas em uma coisa antiga no canto da sala ao lado. — Um modelo mais antigo, mas funciona do mesmo jeito. — Havia uma expressão insana nos olhos do pai. Ele girou e indicou outra porta. — Depósito, dormitório, chuveiros, tudo por aqui. Comida suficiente para quatro pessoas por dez anos. Aja com inteligência, filho.

— Pai... eu não entendo...

— Esconda essa chave — disse o pai, apontando para o peito de Jimmy. Jimmy havia deixado o cordão para fora do macacão. — Não perca, está bem? Qual o número que você disse que nunca ia esquecer?

— Doze-dezoito — disse Jimmy.

— Certo. Venha aqui. Deixe-me mostrar a você como o rádio funciona.

Jimmy deu uma última olhada ao redor daquela segunda sala. Ele ia ficar sozinho ali embaixo. Era isso que seu pai estava fazendo, deixando-o entre os andares, escondido no concreto. O mundo pareceu pesado ao seu redor.

— Eu vou com você buscá-la — disse ele, pensando naqueles homens batendo na grande porta de aço.

Seu pai não podia ir sozinho, mesmo com a pistola grande.

— Não abra a porta para ninguém, só para mim e sua mãe — disse o pai, ignorando os apelos do filho. — Agora preste atenção. Não temos muito tempo. — Ele apontou uma caixa na parede. A caixa estava trancada atrás de uma grade de metal, mas havia alguns interruptores e controles do lado de fora. — Você liga aqui. — O pai dele tocou em um dos botões. — Gire nesse sentido para aumentar o volume. — O pai fez isso, e o aposento se encheu com um chiado horrível. Ele puxou um aparelho da parede e o entregou a Jimmy. Ele estava ligado à caixa barulhenta por um longo cabo espiralado. Seu pai pegou outro aparelho de um suporte na parede. Havia vários deles ali.

— Estão na escuta? Estão na escuta? — O pai falou no aparelho portátil, e sua voz substituiu o chiado alto da caixa na parede. — Aperte aquele botão e fale no microfone.

Ele apontou para a unidade nas mãos de Jimmy, e o garoto fez o que ele mandou.

— Estou na escuta — disse Jimmy, com hesitação, e foi estranho ouvir sua voz emanar da pequena unidade nas mãos do pai.

— Qual é o número? — perguntou seu pai.

— Doze-dezoito — disse Jimmy.

— Certo. Fique aqui, filho.

O pai o observou com atenção por um instante, depois avançou um passo e deu um beijo na testa do filho. Jimmy se lembrou da última vez que o pai o beijara daquele jeito. Foi pouco antes de desaparecer por três meses, antes de ele virar sombra, quando Jimmy era pequeno.

— Quando eu puser a grade de volta no lugar, ela vai se trancar sozinha. Tem uma trava por dentro para reabri-la. Você está bem?

Jimmy assentiu. Seu pai olhou para as luzes vermelhas que piscavam no teto e franziu a testa.

— Aconteça o que acontecer — disse ele —, não abra aquela porta para ninguém, só para mim ou sua mãe. Entendeu?

— Entendi.

Jimmy apertou o próprio braço e tentou ser corajoso. Havia outra daquelas pistolas compridas apoiada na parede. Ele não entendeu por que não podia ir também. Ele pegou a arma negra.

— Pai...

— Fique aqui — disse o pai.

Jimmy assentiu.

— Meu bom homem.

Ele esfregou a cabeça de Jimmy e sorriu, depois virou-se e sumiu pelo corredor escuro e estreito. As luzes vermelhas no teto piscavam, como uma pulsação. Ouvia-se o som distante das botas batendo nos degraus de metal, que foi engolido pela escuridão, e logo tudo ficou em silêncio. E então Jimmy Parker ficou sozinho.

62

Ano 2345
Silo 1

Donald não conseguia sentir os dedos dos pés, que estavam descalços e ainda tinham de degelar. Estavam descalços, mas havia botas por toda parte. Botas nos homens que o empurraram pelos corredores de cápsulas reluzentes. Botas imóveis enquanto extraíam seu sangue e lhe mandavam urinar. Botas duras que rangiam no elevador enquanto homens se remexiam nervosamente. E, lá no alto, foram recebidos em um salão agitado, onde homens andavam de um lado para outro com suas botas, um salão tomado por gritos e testas franzidas. Eles o empurraram para um apartamento pequeno e o deixaram sozinho para se lavar e terminar o descongelamento. Do lado de fora, mais botas pisavam forte para cima e para baixo, para cima e para baixo. Correndo, correndo. O despertar em um mundo de preocupação, confusão e barulho.

Donald ainda estava semiadormecido, sentado em uma cama, sua consciência flutuando em algum ponto acima do chão. Ele foi tomado por uma exaustão profunda. Voltou aos dias na superfície, uma época em que acordar e despertar eram duas coisas separadas. Manhãs em que só ficava consciente no chuveiro ou ao volante rumo ao trabalho, muito depois de ter se levantado. A mente seguia atrasada após o corpo; nadava através da poeira levantada pelo arrastar dos pés dormentes. Acordar após décadas de pés congelados era igual. Sonhos dos quais ele tinha

uma vaga consciência escapavam de sua lembrança, e Donald estava ansioso para que eles se fossem.

O apartamento para onde o levaram ficava no fim do corredor de sua antiga sala. Eles tinham passado por ela no caminho. Isso significava que ele estava na ala de operações, um lugar onde costumava trabalhar. Havia um par de botas aos pés da cama. Donald olhou fixamente para elas, anestesiado. O nome "Thurman" estava escrito em caneta preta em torno de cada tornozelo. De algum modo, aquelas botas eram para ele. Eles o estavam chamando de Sr. Thurman desde que despertara, mas esse não era ele. Haviam cometido um erro. Um erro ou uma brincadeira cruel. Algum tipo de jogo.

Quinze minutos para se preparar. Foi isso que eles disseram. Preparar para quê? Donald se sentou na cama de armar de casal, envolto em um cobertor, tremendo de vez em quando. Tinham deixado a cadeira de rodas com ele. Pensamentos e lembranças voltaram com relutância, como soldados exaustos tirados de seus bunkers no meio da noite e ordenados a entrar em forma embaixo de uma chuva congelante.

Meu nome é Donald, lembrou a si mesmo. Disso não podia se esquecer. Era a primeira coisa, e a mais fundamental de todas: quem ele era.

Os sentidos e a consciência voltaram. Donald podia sentir que outro corpo, de outro tamanho e outra forma, havia afundado o colchão. Aquela depressão deixada por outro o incomodou. Na parede atrás da porta havia um buraco na altura da maçaneta, feito quando a porta fora aberta com força. Talvez uma emergência. Uma luta ou um acidente. Alguém invadindo. Uma cena de violência. Centenas de anos de histórias que ele não conhecia. Quinze minutos para organizar seus pensamentos.

Havia um crachá de identificação na mesa de cabeceira com um código de barras e um nome. Felizmente, sem foto. Donald tocou o crachá e se lembrou de vê-lo em uso. Ele o deixou onde estava, levantou trêmulo sobre as pernas frágeis, segurou a cadeira de rodas para se apoiar e foi na direção do pequeno banheiro.

Havia um curativo em seu braço no ponto de onde o médico extraíra seu sangue. O Dr. Wilson. Ele já entregara uma amostra de urina, mas precisava fazer xixi outra vez. Soltou o cobertor e ficou parado diante do vaso sanitário. O jato saiu cor-de-rosa. Donald pensou lembrar que tinha sido da cor de carvão em seu último turno. Quando terminou, entrou no chuveiro para se lavar.

A água estava quente; seus ossos, frios. Donald tremeu em uma nuvem de vapor. Abriu a boca e deixou que a ducha atingisse sua língua e enchesse suas bochechas. Esfregou as lembranças do veneno em sua carne, uma lembrança que tornava impossível se sentir limpo. Por um instante, não era a água escaldante que queimava sua pele... Era o ar. O ar do lado de fora. Mas então ele desligou o jato de água e a queimação diminuiu.

Ele se secou com a toalha e encontrou o macacão que haviam deixado separado. Era grande demais. Donald o vestiu mesmo assim, o tecido áspero contra a pele que tinha ficado nua por quem sabe quanto tempo. Bateram na porta quando ele terminava de fechar o zíper até o pescoço. Alguém chamou um nome que não era o dele, um nome escrito na parte de trás das botas que estavam imóveis na cama, um nome que enfeitava o crachá na mesa de cabeceira.

— Estou indo — disse Donald com voz rouca e fraca.

Ele enfiou o crachá no bolso e se sentou pesadamente na cama. Enrolou as mangas, todo aquele tecido sobrando, antes de calçar as botas, uma de cada vez. Teve dificuldade com os cadarços, levantou e descobriu que podia mexer os dedos dos pés no espaço sobrando do sapato.

* * *

Muitos anos atrás, Donald Keene tinha sido elevado por uma simples mudança de título. Poder e importância chegaram em um instante. A vida inteira fora um homem a quem poucos davam ouvidos. Um homem

com um diploma, alguns empregos, uma esposa, uma casa simples. Então, em certa noite, um computador somou votos, e Donald Keene se tornou o deputado Keene. Ele se tornou um dentre as centenas com a mão em um controle maior, uma disputa de mãos empurrando, puxando e comandando.

Tinha acontecido da noite para o dia e estava acontecendo outra vez.

— Como está se sentindo, senhor?

O homem do lado de fora de seu apartamento examinava Donald com preocupação. O crachá em seu pescoço dizia *Eren*. Ele era o chefe de Operações, aquele que sentava à mesa do psiquiatra no fim do corredor.

— Ainda zonzo — disse Donald, em voz baixa.

Um cavalheiro de macacão azul passou correndo e desapareceu em uma curva. Uma brisa suave o seguiu, um movimento de ar que cheirava a café e suor.

— O senhor está bem para andar? Sinto muito pela pressa, mas sei que o senhor está acostumado. — Eren apontou para o fim do corredor. — Eles estão à espera na sala de comunicação.

Donald assentiu e o seguiu. Lembrou-se daqueles corredores serem mais tranquilos, sem os passos e as vozes elevadas. Havia marcas de desgaste nas paredes que ele achava serem recentes. Lembretes de quanto tempo havia passado.

Na sala de comunicação, todos os olhos se voltaram para ele. Alguém estava com problemas, Donald podia sentir. Eren o conduziu até uma cadeira, e todos observavam e aguardavam. Ele se sentou e viu que havia uma imagem congelada na tela à sua frente. Apertaram um botão, e a imagem entrou em movimento.

Uma poeira densa caía e girava por toda a imagem, atrapalhando a visão. Nuvens passavam desordenadamente. Mas, através delas, era possível ver uma figura em um traje volumoso em uma paisagem proibitiva subindo uma encosta suave com todo o cuidado, se afastando da câmera. Havia alguém no exterior.

Ele se perguntou se aquilo era *ele* lá fora, todos aqueles anos antes. O traje parecia familiar. Talvez tivessem gravado seu gesto tolo, sua tentativa de morrer como um homem livre. E agora eles o haviam despertado para lhe mostrar aquela prova incriminadora. Donald se preparou para a acusação, para sua punição...

— Isso foi hoje de manhã cedo — disse Eren.

Donald assentiu e tentou se acalmar. Aquele não era ele na tela. Eles não sabiam quem ele era. Foi tomado por uma onda de alívio, um contraste marcante com o nervosismo na sala e os gritos e as botas apressadas no corredor. Donald se lembrou de lhe contarem, quando o haviam tirado da cápsula, que eles tinham perdido mais um. Foi a primeira coisa que lhe disseram. Aquilo na tela era a pessoa desaparecida. Foi por isso que o haviam acordado. Passou a língua pelos lábios e perguntou quem era.

— Estamos preparando um arquivo agora para o senhor. Deve estar pronto em breve. O que sabemos é que havia uma limpeza prevista no 18 para hoje de manhã. Só que...

Eren hesitou. Donald desviou o olhar da tela e flagrou o chefe de Operações olhando para os outros à procura de ajuda. Um dos operadores, um homem grande de macacão laranja com cabelo crespo e fones de ouvido em volta do pescoço, foi o primeiro a responder.

— A limpeza não foi feita — disse o operador sem alterar a voz.

Vários dos homens de botas se ajeitaram nas cadeiras. Donald olhou em torno da sala para a multidão que tinha se aglomerado no pequeno centro de comunicação e reparou como eles o estavam observando. Aguardando o que iria dizer. O chefe de Operações baixou os olhos para o chão, derrotado. Parecia ter trinta e tantos anos, a mesma idade de Donald, e ainda assim estava à espera de levar um sermão. Aqueles homens estavam com problemas, não ele.

Donald tentou pensar. As pessoas no comando estavam à espera de *sua* orientação. Havia algo errado com os turnos, algo muito errado. Ele tinha trabalhado com o homem que achavam que ele fosse, o homem cujo nome estava escrito em seu crachá e suas botas. Thurman. Parecia

que fora ontem que Donald estivera ali naquela mesma sala de comunicação e se sentira igual àquele homem apenas por um instante. Ele havia ajudado a salvar um silo em seu turno anterior. E, apesar de sua cabeça estar atordoada e suas pernas, fracas, ele sabia que era importante manter aquela farsa. Pelo menos até que entendesse o que estava acontecendo.

— Em que direção ela estava seguindo? — perguntou. Sua voz era um murmúrio.

Os outros permaneciam perfeitamente imóveis para que o farfalhar de seus macacões não competisse com suas palavras.

Um homem no fundo da sala respondeu.

— Na direção do 17, senhor.

Donald se ajeitou. Ele se lembrou da Ordem, do risco de deixar qualquer um sumir de vista. Aquelas pessoas, em seus silos, com visão limitada do mundo, achavam que eram os únicos vivos. Eles viviam em bolhas que não podiam explodir.

— Alguma notícia do 17? — perguntou.

— O 17 foi apagado — disse o operador ao lado dele, dando mais notícias ruins com a mesma voz inalterada.

Donald pigarreou antes de falar:

— Apagado? — Ele examinou os rostos dos que estavam reunidos. Testas se enrugaram com preocupação. Eren estudou Donald, e o operador ao lado dele se ajeitou na cadeira. Na tela, a limpadora desapareceu além do morro e sumiu de vista. — O que essa limpadora fez? — perguntou.

— Não foi ela — disse Eren.

— O 17 foi fechado há vários turnos — disse o operador.

— Certo, certo.

Donald passou os dedos pelo cabelo. Sua mão tremia.

— O senhor está se sentindo bem? — perguntou o operador.

Eren olhou para a cabeça do operador depois de volta para Donald. Ele sabia. Donald sentiu que aquele homem de laranja com o fone em volta do pescoço sabia que havia algo errado.

— Ainda estou um pouco zonzo — explicou Donald.

— Ele só está acordado há meia hora — disse Eren ao operador.

Houve murmúrios no fundo da sala.

— É, está bem. — O operador tornou a se recostar em sua cadeira. — É só que... Ele é o Pastor, você sabe... Eu o imaginei acordando cheio de energia.

— Então o que devemos fazer em relação à limpadora? — perguntou uma voz. — Precisamos de permissão antes de mandarmos alguém lá fora atrás dela.

— Ela não pode ter ido muito longe — disse alguém.

O engenheiro de comunicação do lado de Donald falou. O fone cobria uma das orelhas, a outra estava destapada para poder acompanhar a conversa. Um brilho de suor destacava-se em sua testa.

— O 18 está relatando que o traje dela foi modificado — disse ele. — Não há como dizer quanto tempo vai durar. Ela ainda pode estar lá fora, senhores.

Isso provocou um coro de murmúrios. Soou como o vento atingindo um visor, salpicando-o com areia. Donald olhou fixamente para a tela, para a imagem de uma colina estéril que era a vista do Silo 18. A poeira vinha em ondas escuras. Ele se lembrou da sensação de estar naquela paisagem lá fora, da dificuldade de se mover em um daqueles trajes, da subida lenta e difícil daquela suave inclinação. Quem era aquela limpadora, e onde ela achava que estava indo?

— Consigam para mim o arquivo sobre essa limpadora o mais rápido possível — disse ele. Os outros ficaram imóveis e interromperam suas discussões sussurradas. A voz de Donald soou autoritária devido à sua aparente calma, devido à imagem de quem pensavam que ele era. — E quero tudo o que tivermos sobre o 17. — Ele olhou para o operador, que estava com a testa franzida por preocupação ou desconfiança. — Para refrescar minha memória — acrescentou.

Eren pousou a mão no encosto da cadeira de Donald.

— E sobre os protocolos? — perguntou. — Não devíamos lançar um drone ou mandar alguém atrás dela? Ou apagar o 18? Vai haver violência

por lá. Nunca houve um caso de uma limpeza não ser feita antes.

Donald sacudiu a cabeça; sua mente estava começando a clarear. Ele olhou para as mãos e lembrou de uma vez arrancar suas luvas, lá no exterior. Ele não deveria estar vivo. Perguntou-se o que Thurman faria, quais seriam as ordens do velho. Mas ele não era Thurman. Alguém lhe dissera certa vez que pessoas como Donald deveriam estar no comando. E agora lá estava ele.

— Nós ainda não vamos fazer nada — disse ele, tossindo e pigarreando. — Ela não vai longe.

Os outros olharam para ele com uma mistura de choque e aceitação. Finalmente algumas pessoas assentiram. Achavam que ele sabia o que estava fazendo. Ele tinha sido acordado para controlar a situação. Tudo estava de acordo com o protocolo. Era possível confiar no sistema, ele fora projetado para simplesmente *funcionar*. Tudo o que cada um precisava fazer era o próprio trabalho e deixar que os outros cuidassem do resto.

63

Ano 2345
Silo 1

Era uma caminhada curta de seu apartamento até os escritórios centrais, o que Donald supôs ser a intenção. Aquilo fez com que se lembrasse do escritório de um CEO que vira certa vez, com um quarto anexo. O que a princípio parecera impressionante se tornou triste quando ele percebeu por que o cômodo ficava ali.

Ele bateu os nós dos dedos na porta aberta onde estava escrito: *Consultório de Serviços Psicológicos*. Costumava achar que aquelas pessoas eram psiquiatras, que estavam ali para preservar a sanidade dos outros. Agora ele sabia que estavam a cargo da insanidade. Tudo o que via na porta era "Operações". A chefia da chefia das chefias. A sala do outro lado do corredor era onde todo o trabalho sujo era feito. Donald se lembrou de como em cada silo havia um prefeito para apertar mãos e manter as aparências, assim como no mundo anterior havia presidentes que iam e vinham. Enquanto isso, eram os homens nas sombras quem detinham o verdadeiro poder, aqueles cujos mandatos não tinham limites. Não era surpresa que aquele silo funcionasse sob a mesma farsa; era a única maneira que aqueles homens sabiam administrar qualquer coisa.

Ele manteve-se de costas para a antiga sala e bateu um pouco mais alto. Eren ergueu os olhos do computador, e uma rígida máscara de concentração se transformou em um sorriso cansado.

— Entre — disse ele enquanto se levantava da cadeira. — Está precisando da mesa?

— Estou, mas pode ficar.

Donald atravessou a sala com cuidado, com as pernas ainda semiadormecidas, e percebeu que enquanto seu próprio macacão branco estava novinho, o de Eren estava amarrotado com o uso de um homem bem avançado no seu turno de seis meses. Mesmo assim, o chefe de Operações parecia vigoroso e alerta. Sua barba estava cuidadosamente aparada no pescoço e havia apenas alguns fios brancos. Ele ajudou Donald a se acomodar na cadeira estofada atrás da mesa.

— Ainda estamos esperando o relatório completo sobre essa limpadora — disse Eren. — O chefe do 18 avisou que é grande.

— Antecedentes? — Donald imaginou que qualquer um mandado para a limpeza deveria ter antecedentes.

— Ah, sim. Parece que ela era xerife. Não tenho certeza se acredito nisso. Claro, não seria o primeiro agente da lei a querer sair.

— Mas seria a primeira vez que alguém sumiu de vista — disse Donald.

— Pelo que sei, sim. — Eren cruzou os braços e se apoiou na mesa. — O mais perto que alguém já havia chegado até agora tinha sido aquele cavalheiro que o senhor deteve. Acho que é por isso que o protocolo diz para acordá-lo. Soube que alguns rapazes se referem ao senhor como o Pastor. — Eren riu.

Donald fez uma expressão de desagrado diante do apelido.

— Me conte sobre o 17 — disse ele, mudando de assunto. — Quem estava no turno quando apagaram o silo?

— Podemos verificar. — Eren apontou na direção do teclado.

— Meus, ai!, dedos ainda estão formigando um pouco — disse Donald.

Ele empurrou o teclado na direção de Eren, que hesitou antes de se afastar da mesa. O chefe de Operações debruçou sobre as teclas e abriu a lista de turnos por um atalho. Donald tentou acompanhar o que ele

estava fazendo na tela. Ele não tinha acesso àqueles arquivos, eram menus com os quais não estava familiarizado.

— Parece que era Cooper. Acho que certa vez eu estava terminando um turno quando ele estava entrando. O nome me parece familiar. Eu também mandei alguém descer para buscar esses arquivos para o senhor.

— Bom, bom.

Eren ergueu as sobrancelhas.

— O senhor viu os relatórios em seu último turno, não viu?

Donald não tinha ideia se Thurman havia despertado desde então. Pelo que sabia, o velho tinha sido acordado quando acontecera.

— É difícil lembrar tudo direito. — O que era a pura verdade. — Faz quantos anos?

— É mesmo. O senhor estava em congelamento profundo, não estava?

Donald achava que sim. Eren tamborilou na mesa, e o olhar de Donald desviou para o homem do outro lado do corredor, sentado atrás de seu computador. Ele se lembrou de como tinha sido ser aquele homem nomeado para o comando, perguntando-se o que os médicos de branco estavam discutindo do outro lado do corredor. Agora ele era um daqueles de branco.

— É, eu estava no congelamento profundo — disse Donald. Eles não teriam movido seu corpo, teriam? Erskine ou outra pessoa teria simplesmente alterado as informações em um banco de dados. Talvez fosse simples assim. Apenas uma alteração rápida, uma troca de dois números de referência, e um homem vive a vida de outro. — Gosto de ficar perto de minha filha — explicou.

— É. Não culpo o senhor. — As rugas no rosto de Eren se amenizaram. — Tenho uma esposa lá embaixo. Ainda cometo o erro de visitá-la toda vez que começo um turno. — Ele respirou fundo e em seguida apontou para a tela. — O 17 foi perdido há mais de trinta anos. Eu teria que pesquisar para ser preciso. A causa ainda não é clara. Não houve qualquer sinal de agitação que levasse a isso, por essa razão não tivemos muito tempo para reagir. Havia uma limpeza programada, mas

a câmara pressurizada se abriu um dia antes e fora de sequência. Pode ter sido um defeito ou sabotagem. Nós simplesmente não sabemos. Sensores detectaram um extermínio por gás nos níveis inferiores e em seguida um tumulto rumo ao topo. Nós o apagamos quando estavam saindo pela câmara pressurizada. Quase não deu tempo.

Donald se lembrou do Silo 12. Aquela instalação tinha terminado de maneira parecida. Ele se lembrava de pessoas se espalhando pela encosta, uma coluna de névoa branca, alguns se virando e lutando para entrar de volta.

— Sem sobreviventes? — perguntou.

— Houve alguns remanescentes. Nós perdemos o contato por rádio e as imagens das câmeras, mas continuamos a fazer as ligações de rotina para lá, só para o caso de ainda haver alguém na sala de segurança.

Donald assentiu. Seguindo as regras. Ele se lembrou das ligações para o 12 depois que ele caiu. Lembrou que ninguém atendeu.

— Alguém chegou a atender no dia em que o silo caiu — disse Eren. — Acho que era algum jovem sombra ou técnico. Eu não li todas as transcrições na íntegra. — Ele foi descendo o relatório do silo na tela. — Parece que enviamos os códigos de destruição logo depois daquela ligação, só por precaução. Por isso, mesmo que a limpadora chegue lá, vai encontrar um buraco no chão.

— Talvez ela continue andando — disse Donald. — Que silo fica depois? O 16?

Eren assentiu.

— Por que não ligamos para eles? — Donald tentou lembrar a disposição dos silos. Aquilo era o tipo de coisa que ele devia saber. — E entre em contato com os silos dos dois lados do 17, só para o caso de nossa limpadora fazer um desvio.

— Vou fazer isso.

Eren se levantou, e Donald ficou maravilhado outra vez por ser tratado como se estivesse no comando. Aquela situação já estava começando a fazer com que ele se sentisse como se realmente estivesse.

Assim como sua eleição para o Congresso, toda aquela enorme responsabilidade imposta sobre ele da noite para o dia...

Eren se debruçou sobre a mesa e apertou duas teclas de função no teclado, fazendo logout do computador. O chefe de Operações saiu apressado pelo corredor enquanto Donald olhava para a tela que pedia login e senha.

De repente ele se sentiu muito menos no comando.

64

Ano 2345
Silo 1

Do outro lado do corredor, um homem estava sentado atrás de uma mesa que já havia lhe pertencido. Donald olhou para esse homem e o flagrou olhando de volta. Donald costumava olhar para a direção oposta, do outro lado do corredor. E enquanto aquele homem, que era mais gordo e tinha menos cabelo que ele, provavelmente estava em sua sala sentado jogando uma partida de paciência, Donald tentava montar o próprio quebra-cabeça.

Seu velho login de Troy não funcionava. Tentou senhas bancárias antigas, que foram igualmente inúteis. Ele se sentou pensativo, preocupado em fazer tentativas erradas demais. Parecia que ontem mesmo sua conta estava funcionando. Mas muita coisa tinha acontecido desde então. Muitos turnos. E alguém tinha modificado o sistema sem permissão.

Tudo apontava para Erskine, o velho britânico deixado para trás para coordenar os turnos. Erskine tinha começado a gostar de Donald. Mas com que objetivo? O que ele esperava que Donald fizesse?

Por um breve momento, ele pensou em levantar, sair no corredor e dizer: *Eu não sou Thurman, nem o Pastor, nem Troy. Meu nome é Donald, e eu não devia estar aqui.*

Ele devia dizer a verdade. Devia se enfurecer com a verdade, por menos sentido que isso fizesse para todo o resto das pessoas. *Eu sou Donald!*, tinha vontade de gritar, como o velho Hal tinha feito certa vez.

Eles podiam prendê-lo com suas botas a uma maca e devolvê-lo a seu maravilhoso sono. Podiam mandá-lo para as colinas. Podiam enterrá-lo como tinham enterrado sua mulher. Mas ele ia gritar e gritar até ele mesmo acreditar que era quem pensava ser.

Em vez disso, tentou o nome de Erskine com a própria senha. Outro aviso em vermelho de que o login estava incorreto, e o desejo de se revelar passou tão rápido quanto surgira.

Ele analisou o monitor. Não parecia haver um limite de tentativas erradas, mas quanto tempo até Eren voltar? Quanto tempo até ele ter de explicar que não conseguia logar? Talvez pudesse atravessar o corredor, interromper o jogo de paciência do chefe do silo e pedir a ele para recuperar sua senha. Podia colocar a culpa de seu esquecimento no fato de que estava atordoado e recém-desperto. Essa justificativa estava funcionando até então. Ele se perguntou por quanto tempo ia se agarrar nisso.

Sem esperar nada, tentou o login de Thurman com sua própria senha, dois, um, cinco, seis.

A tela de login desapareceu, substituída por um menu principal. A sensação de ser outra pessoa se aprofundou. Donald remexeu os dedos dos pés. O espaço extra nas botas grandes era desconfortável. Na tela, um envelope familiar piscava. Thurman recebera mensagens.

Donald clicou sobre o ícone e foi rolando a tela até a mensagem não lida mais antiga, algo que pudesse explicar como ele tinha chegado até ali, algo do turno anterior de Thurman. As datas recuavam séculos; era perturbador vê-las passar. Relatórios populacionais. Mensagens automáticas. Respostas e encaminhamentos. Viu uma mensagem de Erskine, mas era apenas um recado sobre a superlotação do congelamento profundo e a consequente utilização dos níveis inferiores das cápsulas criogênicas. Parecia que os cadáveres inúteis estavam se acumulando. Outra mensagem ainda mais abaixo estava marcada com uma estrela como importante. O nome de Victor estava na coluna dos remetentes, o que chamou a atenção de Donald. Ela tinha de ser

anterior ao seu segundo turno. Victor já estava morto na última vez em que Donald fora acordado. Ele abriu a mensagem.

Meu velho amigo,

Tenho certeza de que você vai questionar o que estou prestes a fazer, que vai ver isso como uma violação de nosso pacto, mas eu vejo mais como uma reestruturação da linha do tempo. Surgiram novos fatos que anteciparam um pouco as coisas. Pelo menos para mim. Sua vez vai chegar.

Nos últimos dias descobri por que uma de nossas instalações teve uma cota maior de problemas. Há uma pessoa lá que se lembra, e ela tanto perturba quanto confirma o que eu conheço da humanidade. Cria-se um espaço a ser preenchido. O medo se espalha porque as limpezas são viciantes. Ao ver isso, muito do que fazemos uns com os outros se torna mais óbvio. Isso explica a grande questão de por que as sociedades mais deprimidas são aquelas com menos necessidades. Ao chegar à verdade, sinto uma necessidade dos velhos tempos de resumir uma teoria e apresentá-la nos salões cheios de profissionais. Em vez disso, fui a uma sala empoeirada pegar uma arma.

Você e eu passamos grande parte de nossas vidas adultas tramando uma forma de salvar o mundo. Agora que conseguimos, eu reflito sobre uma questão diferente, uma questão a que, temo, não posso responder, e sobre a qual nunca fomos corajosos nem ousados o suficiente para tomar uma atitude. E por isso agora pergunto a você, caro amigo: para começar, esse mundo merecia ser salvo? *Nós* merecíamos ser salvos?

Demos início ao esforço tendo esse grande pressuposto como algo óbvio. Agora me faço essa pergunta pela primeira vez. E enquanto assisto à limpeza do mundo como o maior feito de nossas vidas, esse negócio de salvar a humanidade pode ter sido nosso erro mais grave. O mundo pode estar melhor sem nós. Não tenho o desejo de decidir. Deixo isso para você. O turno final, meu amigo, é seu, pois eu acabei meu último. Não invejo a decisão que você vai ter de tomar. O pacto que

formamos há tanto tempo atrás me assombra como nunca aconteceu antes. E sinto que o que estou prestes a fazer... que esta é a saída fácil.

Vincent Wayne DiMarco

Donald leu outra vez o último parágrafo. Era um bilhete de suicídio. Thurman sabia. O tempo todo, enquanto Donald lutava para compreender o destino de Victor em seu último turno, Thurman sabia. Ele tinha aquele bilhete e não o havia mostrado. E Donald quase se convencera de que Victor tinha sido assassinado. A menos que o bilhete fosse falso... Mas, não, Donald afastou aquela ideia. Uma paranoia dessas podia entrar em uma espiral fora de controle e sem fim. Ele precisava acreditar em alguma coisa.

Ele fechou a mensagem com um peso no coração e subiu a lista à procura de outra pista. Perto do alto da tela havia uma mensagem com o seguinte assunto: *Urgente — O Pacto.* Donald clicou e abriu a mensagem. Era curta. Dizia apenas:

Me acorde quando receber isso.
Anna
RSC. 20391102

Donald piscou rapidamente ao ver o nome dela. Olhou para o chefe do silo do outro lado do corredor e prestou atenção para ver se ouvia passos vindo em sua direção. Seus braços ficaram arrepiados. Ele os esfregou e pressionou as pálpebras antes de ler a mensagem pela segunda vez.

Estava assinado *Anna*. Ele levou um momento para se dar conta de que não era para ele. Era uma mensagem de filha para pai. Não tinha data de envio registrada, o que era curioso, mas estava bem perto do topo. Seria anterior a seu último turno juntos? Talvez os dois tivessem sido acordados recentemente. Donald estudou o número no final. *20391102*. Parecia uma data. Uma data antiga. Mas "RSC." seria uma abreviação? Algo que só ela e Thurman entenderiam? E a menção no

assunto a esse Pacto? Era o nome que os silos davam a suas constituições. O que podia ser urgente em relação a isso?

Passos no corredor interromperam sua concentração. Eren fez a curva e alcançou o gabinete rapidamente. Ele deu a volta na mesa e pôs duas pastas ao lado do teclado, depois olhou para a tela enquanto Donald mexia no mouse para minimizar a mensagem.

— Como foram as coisas? — perguntou Donald. — Conseguiu falar com todo mundo?

— Consegui. — Eren fungou e coçou a barba. — O chefe do 16 não gostou nada. Ele está nessa posição há muito tempo. Acho que tempo demais. Ele sugeriu fechar o refeitório ou desligar o telão, só por garantia.

— Mas ele não vai fazer isso.

— Não, eu disse a ele que só fizesse isso em último caso. Não há necessidade de causar pânico. Só queremos que eles estejam alertas.

— Bom, bom. — Donald gostou de ter outra pessoa pensando. Tirava a pressão de cima dele. — Precisa de sua mesa de volta? — Ele apontou para o computador, como se fosse fazer logoff.

— Não. Na verdade, pode assumir, se não se importar. — Eren conferiu seu relógio. — Posso ficar com o turno da tarde. Por falar nisso, como está se sentindo? Algum tremor?

Donald negou com um gesto de cabeça e falou:

— Não, estou bem. Fica cada vez mais fácil.

Eren riu.

— É. Já vi quantos turnos o senhor fez. E um dobrado há um tempo. Eu não o invejo nem um pouco, meu amigo. Mas o senhor parece estar aguentando bem.

Donald tossiu.

— É — disse. Ele pegou a pasta que estava por cima e leu a etiqueta. — Isso é o que temos sobre o 17?

— É. A grossa é sobre nossa limpadora. — Ele bateu na outra pasta. — O senhor pode querer informar o chefe do 18 de sua chegada hoje. Ele está bastante abalado, está sendo responsabilizado por tudo. Chama-

se Bernard. Já há queixas nos níveis inferiores sobre a limpeza não ter sido feita, por isso ele acredita que uma revolta é muito provável. Tenho certeza de que ele gostaria falar com o senhor.

— Sem dúvida.

— Ah, e no momento, ele oficialmente não tem um segundo em comando. Seu último sombra não funcionou, ele tem adiado sua substituição. Espero que não se importe, mas eu disse a ele que se apressasse com isso. Só por segurança.

— Não, não. Tudo bem. — Donald fez um gesto com a mão. — Não estou aqui para atrapalhar você.

Ele não acrescentou que não tinha a mínima ideia de por que estava ali.

Eren sorriu e assentiu.

— Ótimo. Bem, se precisar de alguma coisa, me chame. E o cara do outro lado do corredor se chama Gable. Ele costumava ter um cargo aqui, mas não correspondeu às expectativas. Quando lhe perguntaram o que preferia, optou por um rebaixamento em vez do congelamento profundo. Bom sujeito. Trabalha bem em equipe. Ainda fica por aqui por mais alguns meses e pode conseguir o que você precisar.

Donald observou o homem do outro lado do corredor. Lembrou-se da sensação entediante de trabalhar sentado àquela mesa, o grande vazio que o tomara. Como Donald fora parar lá parecera algo incomum, uma troca de último minuto com o amigo Mick. Nunca tinha lhe passado pela cabeça a forma como todos os outros foram selecionados. Pensar que qualquer um podia se candidatar para tal posto o encheu de tristeza.

Eren estendeu a mão. Donald a observou por um instante, em seguida a apertou.

— Eu realmente sinto muito que tenha sido necessário despertá-lo dessa maneira — disse ele, sacudindo a mão de Donald. — Mas preciso admitir que estou muito feliz que o senhor esteja aqui.

65

Ano 2312 — Dia Um
Silo 17

A caixa na parede não parava de chiar. Seu pai a chamara de rádio. O barulho que fazia era como uma pessoa assoviando e cuspindo. Até a grade que a protegia parecia uma boca com os lábios virados para trás, cujos dentes eram as barras de aço.

Jimmy queria silenciar o rádio, mas tinha medo de tocar nele ou ajustar qualquer coisa. Esperou notícias do pai, que o havia deixado em uma sala estranha, uma toca escondida entre os níveis do silo.

Haveria quantos outros lugares secretos como aquele? Ele olhou através de uma porta aberta para outra sala que o pai lhe mostrara, a que parecia um apartamento pequeno, com fogão, mesa e cadeiras. Quando seus pais voltassem, eles passariam a noite ali? Quanto tempo ia levar até que passasse a loucura nas escadas e ele pudesse ver os amigos outra vez? Ele esperava que não demorasse muito.

Olhou para a caixa preta que chiava, tocou no peito e sentiu a chave que estava ali. Suas costelas estavam doloridas por causa da queda, e podia sentir um inchaço se formar na coxa no lugar onde ele tinha batido em alguém. O ombro doía quando levantava o braço. Ele se virou para o monitor novamente para procurar a mãe, mas ela não estava mais na tela. Uma multidão se acotovelava e se movia aos solavancos e empurrões. A escadaria tremia com a quantidade maior de pessoas do que fora pensada para suportar.

Jimmy pegou a caixa com controles que o pai tinha usado. Ele girou um dos botões, e a imagem mudou. Era um corredor vazio. Havia o número "33" esmaecido no canto inferior esquerdo da tela. Jimmy girou o botão mais uma vez e viu um corredor diferente. Havia uma trilha de roupas no chão, como se alguém tivesse passado com um saco de roupa suja furado. Nada aconteceu.

Ele tentou um botão diferente, e o número no pé mudou para "32". Ele estava *subindo os andares*. Jimmy girou o primeiro dial até a imagem da escadaria voltar. Algo começou a surgir e desapareceu rapidamente no pé da tela. Havia pessoas debruçadas sobre a grade com os braços estendidos para fora, as bocas abertas em um terror silencioso. Não havia som, mas Jimmy se lembrava dos gritos da mulher que caíra mais cedo. O local era em um andar muito acima para ser sua mãe, consolou-se. O pai iria encontrá-la e trazê-la de volta. Seu pai tinha uma arma.

Jimmy girou os controles e tentou localizar seu pai ou sua mãe, mas parecia que nem todo ângulo era coberto. E ele não conseguia descobrir como fazer as janelas se multiplicarem. Tinha um conhecimento razoável de computador, um dia ia trabalhar para a TI como o pai, mas a caixinha era tão pouco intuitiva quanto as Profundezas. Ele voltou com o botão para o "34" e encontrou o corredor principal. Podia ver uma porta de aço brilhante no fim de um corredor comprido. Yani estava estirado em primeiro plano. Não tinha se mexido, com certeza estava morto. Os homens parados à sua volta tinham desaparecido, e havia um novo corpo no fim do corredor, perto da porta. A cor do macacão assegurou a Jimmy de que não era seu pai. O pai provavelmente tinha atirado naquele homem quando estava saindo. Jimmy desejou que não tivesse sido deixado sozinho.

No teto, as luzes continuavam a piscar furiosamente, vermelhas, e a imagem na tela permaneceu imóvel. Jimmy ficou inquieto e começou a andar em círculos. Foi até uma pequena mesa de trabalho de madeira na parede oposta e folheou um livro grosso. Era uma fortuna em papel, perfeitamente cortado e assustadoramente macio ao toque. A mesa e a

cadeira eram feitas de madeira verdadeira, não pintadas para imitar o material. Ele podia comprovar passando as unhas.

Fechou o livro e conferiu a capa. A palavra *Ordem* estava gravada em letras brilhantes na frente. Ele tornou a abri-lo e se deu conta de que tinha desmarcado a página de outra pessoa. O rádio ali perto continuava a chiar alto. Jimmy se virou e conferiu a tela do computador, mas nada estava acontecendo no corredor. O barulho o estava deixando nervoso. Pensou em ajustar o volume, mas tinha medo de desligá-lo por acidente. Seu pai não conseguiria falar com ele se estragasse alguma coisa.

Perambulou um pouco mais. Em um canto havia uma estante de caixas de metal que ia do chão até o teto. Jimmy pegou uma delas e sentiu seu peso. Mexeu no fecho até descobrir como abri-la. Houve um leve chiado quando a tampa se soltou, e ele encontrou um livro dentro. Olhando para todas as caixas que enchiam as prateleiras, Jimmy fez um cálculo de quanto aquilo tudo valeria em fichas. Guardou o livro, supondo que não tinha nada além de palavras chatas como o outro.

De volta à mesa, ele examinou o computador que havia embaixo e viu que estava ligado. Todas as luzes estavam fracas. Ele seguiu o cabo da caixa preta com todos os controles e encontrou um cabo diferente que ligava o monitor ao computador. A máquina que fazia as janelas, que podia ver longe e em torno das curvas, era controlada por outra coisa. O botão de ligar no computador não fazia nada. Havia lugar para uma chave. Jimmy se abaixou para examinar as conexões na parte de trás, para se assegurar de que tudo estava plugado, quando o rádio falou.

— ...precisamos que vocês entrem em contato. Alô...

Ao se levantar, Jimmy bateu com a cabeça no tampo da mesa. Correu até o rádio, que tinha voltado a chiar. Pegou o aparelho na extremidade do fio espiralado, a coisa que o pai chamara de microfone, e apertou o botão.

— Pai? Pai, é você?

Ele soltou e olhou para o teto. Tentou ouvir passos e esperou que as luzes parassem de piscar. O monitor mostrava um corredor tranquilo. Talvez ele devesse ir até a porta e esperar.

O rádio crepitou com uma voz:

— Xerife? Quem está falando?

Jimmy apertou o botão e respondeu:

— Aqui é Jimmy. Jimmy Parker. Quem... — Seu dedo escorregou do botão, e a estática voltou. As palmas de suas mãos estavam suadas. Secou-as em seu macacão e recuperou o controle do aparelho. — Quem está falando? — perguntou.

— O filho de Russ? — Houve uma pausa. — Onde você está?

Ele não queria dizer. O rádio continuou a chiar.

— Jimmy, aqui é o delegado Hines — disse a voz. — Ponha seu pai na linha.

Jimmy começou a apertar o botão para dizer que o pai não estava lá, mas outra voz interveio. Ele a reconheceu imediatamente.

— Mitch, aqui é Russ.

Pai! Havia muito ruído ao fundo, pessoas gritando. Jimmy segurou o aparelho com as duas mãos.

— Pai! Volte, por favor!

O rádio estalou com a voz do pai.

— James, fique quieto. Mitch, preciso que você... — Algo se perdeu em meio ao barulho de fundo. — ...e detenha o tráfego. As pessoas estão sendo esmagadas aqui em cima.

— Entendido.

Era seu pai falando com o delegado. O delegado estava agindo como se seu pai estivesse no comando.

— Temos uma despressurização no topo — disse seu pai. — Por isso não sei quanto tempo você tem, mas provavelmente é xerife até o fim.

— Entendido — tornou a dizer Mitch.

O rádio fazia sua voz parecer trêmula.

— Filho... — O pai dele agora estava berrando, se esforçando para ser ouvido além de uma gritaria agressiva. — Vou buscar sua mãe, está bem? Só fique aí, James. Não se mexa.

Jimmy virou para o monitor.

— Está bem.

Ele pendurou o microfone de volta em seu suporte e voltou para a caixa preta com todos os controles. Sentiu-se desamparado e solitário. Devia estar lá fora, ajudando. Perguntou-se quanto tempo ia levar até que os pais voltassem, até que pudesse ver seus amigos outra vez. Torceu para que não demorasse muito.

66

Ano 2312 — Dia Um
Silo 17

Passaram-se horas, e Jimmy queria estar em qualquer lugar, menos naquele quarto apertado. Ele desceu pela passagem escura até a escada, olhou para a grade acima e ficou ouvindo. Havia um zumbido fraco que ia e voltava, mas ele não conseguia localizar a origem. Do fim do corredor praticamente não dava para escutar o chiado do rádio. Não queria ficar muito longe do rádio, mas se preocupava que o pai também pudesse precisar dele na porta. Queria estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Voltou para a sala com as mesas. Olhou para a arma comprida apoiada na parede, igual à que o pai usara para matar Yani. Jimmy estava com medo de tocá-la. Queria que o pai não tivesse saído. Era tudo culpa de Jimmy, ter se separado da mãe. Eles deviam ter descido até ali juntos. Mas então ele se lembrou da multidão na escadaria. Se tivesse sido mais rápido, eles não teriam sido engolidos. E Jimmy percebeu que a única razão para a mãe estar lá era ter ido buscá-lo. Não fosse por isso, os pais estariam ali embaixo naquela sala, juntos e em segurança.

— James...

Jimmy se virou. A voz do pai estava ali na sala com ele. Ele levou um instante para perceber que não havia estática.

— Filho, você está aí?

Ele pulou sobre o rádio, pegou o microfone na extremidade do fio. Pareciam horas desde que ouvira vozes. Tempo demais. Enquanto

apertava o botão, seus olhos perceberam um movimento rápido. Alguém estava se movendo no monitor.

— Pai?

Ele esticou o fio pela salinha e olhou mais de perto. O pai estava do lado de fora da porta de aço, parado no fim do corredor. Yani ainda estava imóvel em primeiro plano. O outro corpo havia desaparecido. O pai estava de costas para a câmera, com o rádio portátil na mão.

— Estou indo — berrou Jimmy no rádio.

Ele largou o microfone e disparou para o corredor e a escada.

— Filho! Não...

Os gritos do pai foram interrompidos por um grunhido. Jimmy se virou, fazendo suas botas guincharem. Ele agarrou a mesa para se equilibrar. Na tela, outro homem tinha aparecido de trás de uma curva, e seu pai estava encolhido de dor. O homem carregava a pistola comprida, abaixou para pegar algo no chão e levou aquilo à boca. Era o rádio portátil que o pai levara da sala.

— É o filho de Russ?

Jimmy encarou o homem na tela.

— É — disse ele para a tela. — Não machuque meu pai.

A sala estava tomada por estática. As luzes vermelhas no teto continuavam a piscar.

Jimmy xingou a si mesmo. Eles não podiam ouvi-lo. Afastou-se da mesa e pegou o microfone que estava pendurado, balançando.

— Por favor, não o machuque — disse ele, apertando o botão.

O homem virou e olhou direto para a câmera. Era um dos guardas. Era possível ver que havia algum movimento após a curva do corredor, mais pessoas fora de vista.

— James, não é?

Jimmy balançou a cabeça. Tinha visto o pai retomar a postura e ficar de pé. O pai fez um gesto para alguém fora de vista e gesticulou no ar com as mãos espalmadas como se quisesse acalmar alguém.

— Qual o código novo? — perguntou o homem com o rádio.

Jimmy não queria dizer a ele. Mas queria que o pai entrasse. Ele não sabia ao certo o que fazer.

— O código — disse o homem.

Ele apontou a arma para o pai de Jimmy. Jimmy viu o pai dizer alguma coisa, depois fazer um gesto para o rádio portátil. O guarda hesitou por um instante antes de entregá-lo a ele. O pai levou o aparelho à boca.

— Eles vão matar você — disse o pai, calmo como se estivesse dizendo ao filho para amarrar as botas.

O homem com a arma fez um gesto com o braço, e alguém apareceu correndo para lutar com seu pai.

— Eles vão matar todos nós de qualquer jeito — gritou o pai, lutando para continuar segurando o rádio. — E vão matar você no momento em que abrir essa porta!

Jimmy gritou quando um dos homens deu um soco em seu pai. Seu pai reagiu, mas tornaram a bater nele. E então o homem com a arma afastou o outro. A sala estava cheia de estática, por isso ele não pôde ouvir o tiro, mas Jimmy pôde ver o brilho das chamas, pôde ver o movimento do corpo de seu pai ao ser atingido, pôde vê-lo tombar e ficar tão imóvel quanto Yani.

Jimmy deixou o microfone cair e segurou as bordas do monitor. Ele gritou com aquela janela cruel enquanto os guardas de macacão cinza revistavam o homem que tinha sido seu pai. E então mais homens surgiram de trás da curva. Arrastavam atrás deles a mãe de Jimmy, que se debatia e gritava em silêncio.

67

Ano 2312 — Dia Um
Silo 17

– Não, não, não, não...

Na sala havia apenas a estática e o piscar das luzes. Os dois homens lutavam para segurar a mãe de Jimmy, que se erguia do chão e se debatia com movimentos bruscos. Seus pés chutavam e giravam. O pai de Jimmy jazia imóvel como uma rocha embaixo dela.

— Abra a porta, droga! — berrou o homem com o rádio portátil.

O volume do rádio na parede era ensurdecedor. Jimmy odiava o rádio. Correu até ele, pegou o fio pendurado, depois mudou de ideia e pegou o outro portátil no suporte. Um dos botões dizia *Ligar*. Ele o girou até começar a emitir um chiado, virou-se para a tela e levou o pequeno aparelho à boca.

— Não — disse Jimmy, e percebeu que estava chorando. Lágrimas caíam em seu macacão. — Eu estou indo.

Foi difícil se afastar da imagem da mãe. Enquanto disparava pelo corredor, continuou a vê-la se debatendo e gritando, as botas chutando o ar. Podia ouvi-la berrar ao fundo enquanto o homem tornava a dizer:

— Me diga o código!

Jimmy segurou entre os dentes a alça do rádio portátil e atacou a escada, ignorando a dor no ombro e no joelho. Encontrou a trava e jogou a grade para o lado com um estrondo. Atirou o rádio e saiu atrás dele de joelhos. As luzes acima estavam queimando. Seu peito estava queimando. Seu pai estava morto como Yani.

— Estou indo, estou indo — disse ele no rádio.

O homem gritou algo em resposta. Tudo o que Jimmy conseguiu ouvir foram os gritos da mãe e os ecos de sua pulsação nos ouvidos. Ele correu sob as luzes piscantes e entre as máquinas pretas. O cadarço de uma de suas botas tinha desamarrado e se agitava enquanto ele corria. Pensou nas pernas da mãe, jogadas para o ar daquele jeito, se debatendo e lutando.

Jimmy bateu na porta. Podia ouvir sons abafados do outro lado. Eles vinham pelo rádio também. Jimmy bateu na porta com a mão aberta e gritou no rádio:

— Estou aqui, estou aqui!

— O código! — gritou o homem.

Jimmy foi até o teclado. Suas mãos tremiam, sua visão estava borrada. Imaginou a mãe do outro lado com a arma apontada para ela. Podia sentir o pai jogado no chão a apenas alguns metros, bem do outro lado daquela porta de aço. Lágrimas correram por seu rosto. Ele digitou os primeiros dois números, o andar de sua casa, e hesitou. Aquilo não estava certo. Era doze-dezoito, não dezoito-doze. Ou era? Ele digitou os outros dois números e o teclado piscou vermelho. A porta não abriu.

— O que você fez? — berrou o homem. — Só me diga o código!

Jimmy se atrapalhou com o rádio e o levou aos lábios.

— Por favor, não a machuquem... — disse ele.

O rádio emitiu um ruído agudo.

— Se você não fizer o que eu estou mandando, ela morre. Entendeu?

O homem parecia apavorado. Talvez estivesse tão assustado quanto Jimmy. O garoto assentiu e foi para o teclado outra vez. Dessa vez digitou corretamente os dois primeiros números, então fez uma pausa e pensou no que o pai dissera. Eles iriam matá-lo. Iriam matar a ele e a sua mãe se deixasse aqueles homens entrar. Mas era sua mãe...

O teclado piscava com impaciência. O homem do outro lado da porta berrava para que ele se apressasse, berrava algo sobre três tentativas erradas seguidas e ter de esperar o dia seguinte. Jimmy não fez nada,

paralisado de medo. Uma luz vermelha piscou no telhado e ele ficou em silêncio.

Houve uma explosão do outro lado da porta, o disparo de uma arma. Jimmy apertou o rádio e gritou. Quando o soltou, pôde ouvir a mãe berrando do outro lado.

— O próximo não vai ser um aviso — disse o homem. — Agora não toque nesse teclado. Não toque nele outra vez. Só me diga o código. Depressa, garoto.

Jimmy balbuciou e tentou formar os sons, dizer ao homem os números na ordem certa, mas nada saía. Com a testa apoiada na parede, podia ouvir a mãe lutando e se debatendo do outro lado.

— O código — disse o homem, agora mais calmo.

Jimmy ouviu um grunhido. Ouviu alguém exclamar "Vadia!", ordenando que sua mãe não fizesse algo, depois um golpe no outro lado da parede, alguém imprensado contra ela, a mãe a centímetros de distância. Então, os bipes abafados da digitação, quatros toques rápidos no mesmo número, e a campainha furiosa do teclado quando a terceira tentativa falhou.

Mais gritos. Depois o estrondo de uma arma, mais alto e intenso com a cabeça de Jimmy colada à porta. Ele gritou e bateu os punhos contra o aço frio. Os homens vociferavam com ele pelo rádio. Gritos vinham pelo aparelho portátil, gritos vazavam através da porta de aço pesado, mas nenhum deles era de sua mãe.

Jimmy escorregou até o chão, enterrou o rádio na barriga e se encolheu em posição fetal enquanto os gritos de raiva sangravam através da porta de aço. Seu corpo tremia com os soluços, a grade do chão machucava seu rosto. E enquanto a violência prosseguia, as luzes no teto continuavam a piscar. Elas piscavam sempre no mesmo ritmo. Não acompanhavam sua pulsação.

68

Ano 2345
Silo 1

Havia uma embalagem de plástico à espera no beliche de Donald quando ele voltou para o quarto. Fechou a porta para abafar o barulho de tráfego e conversa de escritório, procurou a tranca e viu que não havia. Era um quarto solitário em meio a ambientes de trabalho, um lugar para homens que estavam sempre de plantão, que ficavam acordados pelo tempo que fossem necessários.

Donald imaginou que Thurman ficasse ali quando era convocado em uma emergência. Lembrou-se do nome em suas botas e percebeu que não precisava imaginar: aquilo estava acontecendo.

Notou que a cadeira de rodas tinha sido retirada e que havia um copo de água sobre a mesa de cabeceira. Ele jogou sobre a cama as pastas que Eren lhe dera, sentou ao lado delas e pegou a curiosa embalagem plástica.

Turno, dizia, em letras grandes pintadas com estêncil. O plástico claro estava muito amassado, e os itens em seu interior eram apenas volumes inescrutáveis. Donald puxou o lacre e abriu a embalagem. Virou-a para baixo e ouviu um tilintar quando um par de placas de identificação metálicas caíram, presas a uma corrente que deslizou em seguida como uma cobra assustada. Donald examinou as placas e viu que eram de Thurman. Amassadas e finas, e sem a proteção de borracha que ele lembrava haver nas placas da irmã, elas pareciam antiguidades. O que, supôs, elas eram.

Em seguida veio um canivete pequeno. O cabo parecia de marfim, mas provavelmente era uma imitação. Donald sacou a lâmina e a examinou. Os dois lados estavam igualmente cegos. A ponta havia quebrado em algum momento, usada para tentar abrir algo, talvez. Parecia uma lembrança, não servia mais para cortar.

O único outro objeto no saco era uma moeda de vinte e cinco centavos. A forma e o peso de algo que já havia sido tão comum o deixaram sem fôlego. Donald pensou em toda uma civilização extinta. Parecia impossível que tanto tivesse sido destruído, mas então se lembrou de moedas romanas e moedas maias expostas em museus. Virou e revirou aquela moeda, contemplando a única coisa incomum sobre ele segurar uma quinquilharia de um mundo transformado em cinzas: o fato de ele estar ali para se maravilhar com a perda. O certo era as pessoas morrerem e as culturas durarem. Ali era o contrário.

Algo na moeda chamou a atenção de Donald enquanto ele a virava de um lado para outro: as duas faces eram iguais. Ele riu e a examinou com mais atenção, se perguntando se era item de uma loja de truques mágicos, mas a sensação era de que a coisa parecia autêntica. Em um dos lados, havia um leve arco onde a máquina errara sua marca. Um defeito? Talvez um presente de um amigo no Tesouro para Thurman?

Ele botou os objetos na mesa de cabeceira e se lembrou do recado de Anna para o pai. Ficou surpreso por não achar nada importante na embalagem. Nada que pudesse corresponder àquelas letras, "RSC." ou àquela possível data do e-mail. Donald dobrou a embalagem em que estava escrito *Turno* e a enfiou sob o copo de água. Pessoas corriam para cima e para baixo lá fora no corredor. O silo estava em pânico. Ele supôs que, se o verdadeiro Thurman estivesse ali, ele estaria andando de um lado para outro, também, gritando ordens, fechando instalações, mandando que vidas fossem tiradas.

Donald protegeu a boca com o braço para tossir. Sentia uma irritação na garganta. Alguém o pusera naquela posição. Erskine ou Victor do além-túmulo, ou talvez um hacker com propósitos mais nefastos. Ele não tinha nada em que se basear para seguir em frente.

Pegou as duas pastas e pensou no pânico gerado por uma pessoa que saiu andando e sumiu de vista. Pensou na violência fermentando nas profundezas de outro silo. Aqueles não eram seus mistérios, pensou. O que queria saber era por que estava acordado, até mesmo por que estava *vivo*. O que exatamente havia lá fora além daquelas paredes? Qual era o plano para o mundo quando aqueles turnos terminassem? Chegaria o dia em que aquelas pessoas nos subterrâneos seriam libertadas?

Havia algo que o incomodava quando ele pensava em como seria esse último turno. Havia uma desconfortável desconfiança de que as coisas não iam terminar de forma tão simples. Tudo que descobrira até então possuía sua cota de mentiras, e ele não achava que tinha terminado de descobrir. Talvez alguém o tivesse posto no lugar de Thurman para continuar a procurar.

Ele se lembrou do que Erskine dissera sobre pessoas como ele estarem no comando. Ou tinha sido Victor quem dissera a Erskine? Ele não conseguia lembrar. O que ele sabia, batendo no bolso e sentindo o crachá que estava ali, um crachá que abriria portas antes trancadas para ele, era que agora ele estava muito no comando. Havia perguntas para as quais ele queria respostas. E agora ele estava em posição para fazê-las.

Donald levou o braço à boca e tossiu mais uma vez. Havia uma coceira em sua garganta que ele não melhorava. Abriu uma das pastas e pegou seu copo. Bebeu alguns goles de água, começou a ler e não percebeu a leve mancha que acabara de deixar, uma gota de sangue na dobra de seu braço.

69

Ano 2312 — Semana Um
Silo 17

Jimmy não queria se mexer. Não conseguia se mexer. Permaneceu encolhido sobre a grade de metal, com as luzes piscando no teto, acendendo e apagando em um tom carmim.

As pessoas do outro lado da porta gritavam com ele e umas com as outras. Jimmy dormiu um sono convulsivo e sobressaltado. Disparos abafados e golpes agudos ecoaram através da porta. O teclado apitou. Só um número digitado e ele apitou. O mundo inteiro estava com raiva dele.

Jimmy sonhou com sangue. Ele escorria por baixo da porta e enchia a sala. Depois se erguia na forma de sua mãe e seu pai, e eles o repreendiam, as bocas abertas de raiva. Mas Jimmy não conseguia ouvir.

Os gritos do outro lado da porta iam e vinham. Aqueles homens estavam lutando. Lutando para entrar onde era seguro. Jimmy não se sentia seguro. Se sentia faminto e solitário. Precisava fazer xixi.

Levantar foi a coisa mais difícil que ele já havia feito. A bochecha de Jimmy fez um som de que estava se rasgando quando ele levantou o rosto da grade. Limpou a saliva da face e sentiu as marcas do piso, os sulcos profundos e os locais onde a pele estava inchada. Suas juntas estavam rígidas. Os olhos, grudados pelo choro. Cambaleou até o canto mais distante da sala e puxou seu macacão, tentou abri-lo antes que se molhasse todo.

A urina atravessou a grade e escorreu em fios reluzentes por canais regulares. O estômago dele roncava e se revirava dentro de sua barriga, mas ele não queria comer. Queria definhar completamente. Olhou para as luzes no alto que penetravam em seu crânio. O estômago estava com raiva dele. Tudo tinha raiva dele.

De volta à porta, esperou que alguém gritasse seu nome. Foi até o teclado e digitou o número "1". Um apito soou. Ela também estava com raiva.

Jimmy queria deitar de novo na grade e se encolher outra vez em posição fetal, mas seu estômago lhe dizia para procurar comida. Abaixo. Havia camas e alimento abaixo. Jimmy caminhou atordoado entre as máquinas pretas. Encostou em sua estrutura quente para se equilibrar, ouviu-as funcionando como se tudo estivesse normal. As luzes vermelhas piscavam sem parar. Jimmy caminhou em zigue-zague por entre elas até encontrar o buraco no chão.

Baixou os pés até os degraus da escada e ouviu o ruído insistente. Ele aumentava e diminuía no ritmo da pulsação das luzes vermelhas. Impulsionou-se para fora do poço e rastejou pelo chão à procura do som. Vinha do servidor sem a parte traseira. O pai o havia chamado de central de comunicação, o que quer que isso significasse. Levou a mão ao peito e tocou a chave sobre seu esterno. O ruído aumentava e diminuía em sincronia perfeita com as luzes piscantes. Ele olhou no interior da máquina. Havia um fone pendurado em um suporte, com um fio pendurado. A peça em sua extremidade parecia algo da aula de computação. Ele procurou algum lugar para plugá-lo e viu uma mesa com várias entradas. Uma delas estava piscando. Acima dela estava escrito o número "40".

Jimmy ajustou o fone nas orelhas. Encaixou o plugue e o empurrou até ouvir um clique. As luzes no teto interromperam sua pulsação incessante e surgiu uma voz, como que pelo rádio, só que mais clara.

— Alô? — disse a voz.

Jimmy não disse nada. Ele esperou.

— Tem alguém aí?

Jimmy pigarreou.

— Sim — disse ele, e lhe pareceu estranho falar com uma sala vazia.

Ainda mais estranho que falar com o rádio e seu chiado. Era como se Jimmy estivesse falando sozinho.

— Está todo mundo bem? — perguntou a voz.

— Não — disse Jimmy. Ele se lembrou da escadaria, de cair, de Yani e de algo terrível do outro lado da porta. — Não — repetiu, secando lágrimas do rosto. — *Ninguém* está bem.

Houve murmúrios do outro lado da linha. Jimmy fungou.

— Alô? — disse ele.

— O que aconteceu? — perguntou a voz.

Jimmy achou que fosse uma voz com raiva. Como as pessoas do outro lado da porta.

— Todo mundo estava correndo... — disse Jimmy. Ele limpou o nariz. — Estavam todos subindo. Eu caí. Minha mãe e meu pai...

— Houve baixas? — perguntou o homem do nível quarenta.

Jimmy pensou no corpo que vira na escadaria com a terrível ferida na cabeça. Pensou na mulher que tinha caído pela grade, seu grito sumindo até se tornar silêncio absoluto.

— Houve — respondeu ele.

A voz na linha xingou com raiva, mas baixo, e disse em seguida:

— Chegamos tarde demais.

Mais uma vez, ela parecia distante, como se o homem estivesse falando com outra pessoa.

— Tarde demais para quê? — perguntou Jimmy.

Houve um clique, seguido por um sinal sonoro ininterrupto. A luz acima da entrada com o número "40" se apagou.

— Alô? — Jimmy esperou um pouco. — Alô?

Ele procurou dentro da caixa por algum botão que fizesse as vozes voltarem. Havia cinquenta entradas, cada uma com um número acima. Por que apenas cinquenta níveis? Ele olhou para o servidor às suas costas e se perguntou se havia outros postos de comunicação responsáveis pelo resto do silo. Aquele devia ser o dos níveis superiores. Devia haver outro

para os intermediários e outro para os inferiores. Ele retirou o plugue, e o fone ficou em silêncio.

Jimmy se perguntou se poderia ligar para outro andar. Talvez uma das lojas perto de casa. Passou o dedo pela fileira, à procura do "18", e percebeu que o "17" estava faltando. Não havia conexão para o "17". Ele estava intrigado, pensando sobre isso, quando as luzes no teto voltaram a piscar. Jimmy olhou para a entrada do nível "40", mas ela permanecia apagada. Quem estava chamando era o nível mais alto. A luz em cima do número "1" estava piscando. Jimmy olhou para o plugue em sua mão, colocou-o sobre o encaixe e o empurrou até ouvir um clique.

— Alô? — disse ele.

— Que diabo está acontecendo por aí? — perguntou uma voz.

Jimmy se encolheu todo. O pai tinha gritado daquele jeito com ele antes, mas havia muito tempo. Ele não respondeu porque não sabia o que dizer.

— Quem é, Jerry? Ou Russ?

Russ era o pai dele. Jerry era o chefe do pai. Jimmy percebeu que não devia estar brincando com aquelas coisas.

— Aqui é o Jimmy — disse ele.

— Quem?

— Jimmy. O cara no nível quarenta disse que eles chegaram tarde demais. Eu disse a ele o que aconteceu.

— Tarde demais? — Houve uma conversa distante. Jimmy balançou o fio do fone. Ele estava fazendo alguma besteira. — Como você entrou aí? — perguntou o homem.

— Meu pai me deixou entrar — disse ele, falando a verdade por medo.

— Nós vamos apagar vocês — disse a voz. — Apague-os agora mesmo.

Jimmy não sabia o que fazer. Houve um chiado em algum lugar. Ele achou que fosse do fone até perceber o vapor branco que vinha das saídas de ventilação no teto. Uma névoa desceu em sua direção. Jimmy agitou a mão diante do rosto, esperando a ardência da fumaça igual à

que sentira em um incêndio quando era criança, mas o vapor não tinha nenhum odor, apenas o gosto de uma colher vazia em sua boca. Como metal.

— ...bem no meu turno, mas que... — disse a pessoa em seu fone.

Jimmy tossiu. Tentou responder alguma coisa, mas tinha engasgado. Havia parado de sair vapor da ventilação.

— Pronto — murmurou o homem do outro lado da linha. — Ele já era.

Antes que Jimmy pudesse dizer qualquer coisa, as luzes piscantes no interior da caixa se apagaram. Houve um clique no fone e depois ele também ficou em silêncio. Ele arrancou o fone quando um baque surdo e pesado mais alto soou no teto, e as luzes do salão apagaram. Os estalidos e o ruído alto do funcionamento dos servidores ao seu redor cessaram. O ambiente ficou escuro como breu e totalmente em silêncio. Jimmy não via seu nariz, não via sua mão acenar diante do rosto. Achou que tinha ficado cego, se perguntou se aquilo era morrer, mas aí ouviu a própria pulsação, um *tum-tum*, *tum-tum* nas têmporas.

Sentiu o choro preso na garganta. Queria a mãe e o pai, queria a mochila que deixara na sala de aula como um idiota. Por um bom tempo, ficou ali sentado esperando que alguém aparecesse para buscá-lo, que uma ideia surgisse sobre o que deveria fazer em seguida. Pensou na escada que havia ali perto e na sala abaixo. Quando começou a rastejar, tateando a grade adiante com cuidado para não cair acidentalmente no poço profundo, as batidas no teto recomeçaram. Houve um brilho ofuscante quando as luzes no teto piscaram, tremeluziram, acenderam e apagaram várias vezes, depois permaneceram acesas.

Jimmy parou. As luzes vermelhas estavam piscando de novo. Ele voltou para a caixa e olhou em seu interior. Era a luz sobre o “40” piscando. Ele pensou em responder, ver por que aquelas pessoas estavam com tanta raiva, mas talvez a luz fosse um aviso. Talvez ele tivesse dito algo errado.

As luzes no teto eram como calor brilhante. Elas o lembravam das fazendas, de quando, anos antes, sua turma tinha feito uma excursão aos

níveis intermediários e plantado sementes sob aquelas luzes de cultivo.

Jimmy virou para o servidor com a parte de trás aberta e tateou à procura do plugue lá dentro. Odiava luzes piscando, mas não queria que ninguém gritasse com ele. Por isso, enfiou o plugue do fone na entrada identificada com o “40” até sentir um clique.

As luzes no teto pararam de piscar imediatamente. Uma voz abafada vinha do fone, que estava no fundo do servidor. Jimmy a ignorou. Ele se afastou um passo da máquina, olhou receoso para as luzes do teto, esperou que as mais fortes apagassem de novo ou que as vermelhas furiosas voltassem. Mas tudo permaneceu da mesma maneira. O plugue permaneceu em seu encaixe, com o cabo pendurado, a voz no fone agora distante, impossível de ser ouvida.

70

Ano 2312 — Semana Um
Silo 17

Jimmy desceu com cuidado pela escada, se perguntando quanto tempo fazia desde que comera pela última vez. Ele não conseguia lembrar. Café da manhã antes da escola, mas isso tinha sido um dia antes, talvez dois. Na metade da escada, pensou em si mesmo como um bolo de comida descendo por um grande pescoço de metal. Era a sensação de ser engolido. No fim da escada, parou por um instante nas entranhas do silo, uma coisa vazia perdida em uma coisa vazia. Não haveria fim para a fome do silo, comendo coisas vazias como ele. Os dois passariam fome, pensou ele. Seu estômago roncou; ele precisava comer. Jimmy cambaleou pelo corredor escuro e através das tripas do silo.

O rádio na parede continuava a chiar. Jimmy baixou o volume até que o ruído massacrante mal pudesse ser ouvido. Seu pai nunca mais iria chamá-lo. Ele não tinha certeza de como sabia disso, mas isso era uma Regra do Mundo.

Entrou no pequeno apartamento. Havia uma mesa grande o suficiente para quatro pessoas com as páginas de um livro espalhadas sobre ela, com agulha e linha enrolada em cima como uma cobra protegendo seu ninho. Jimmy folheou as páginas e viu que o lugar onde elas se encaixavam estava sendo consertado. Seu estômago doía, de tão vazio. Sua cabeça também estava começando a doer.

Do outro lado do aposento, o fantasma do pai apontava portas e dizia a ele o que havia atrás de cada uma. Jimmy tocou o peito à procura da

chave e usou-a para abrir a despensa em frente ao fogão. Comida o suficiente para duas pessoas por dez anos, foi isso que o pai lhe dissera. Era isso mesmo?

A sala fez um som de sucção quando ele entreabriu a porta da despensa, e houve a sensação de uma leve brisa em seu pescoço. Jimmy encontrou o interruptor de luz do lado de fora da porta, assim como um botão que ligava um ventilador barulhento. Ele desligou o ventilador, que apenas o fazia se lembrar do rádio. Na despensa, encontrou estantes repletas de latas que se estendiam tão longe que ele teve que forçar a vista para enxergar a parede do fundo. Eram latas como ele nunca tinha visto antes. Ele se espremeu entre as estantes apertadas e as examinou de cima a baixo. Seu estômago lhe implorava que escolhesse, que fizesse isso rápido. *Comer*, *comer*, sua barriga roncava. Jimmy pediu que ela o esperasse.

Tomates, beterraba e abóbora, coisas que ele detestava. Comida sofisticada. Ele queria comida *comida*. Havia prateleiras inteiras de milho com rótulos de papel que pareciam capas coloridas, não escritos em tinta preta sobre uma lata como ele estava acostumado. Jimmy pegou uma das latas e a analisou. Um homem grande com pele verde sorria para ele do rótulo. Havia palavras pequenas como as impressas em livros por toda parte. As latas de milho eram idênticas. Elas faziam Jimmy se sentir estranho, como se estivesse dormindo e sonhando com aquilo tudo.

Ele continuou segurando a lata de milho e encontrou um corredor de sopas com rótulos vermelho e brancos, e também pegou uma dessas. De volta ao apartamento, procurou um abridor. Havia gavetas cheias de espátulas e colheres de servir em volta do fogão. Havia um armário com panelas e tampas. Uma gaveta embaixo continha lápis de carvão, um rolo de linha, pilhas já inchadas pelo tempo e cobertas de um pó cinza, um apito de criança, uma chave de fenda e uma infinidade de outras coisas.

Ele achou o abridor de latas. Estava enferrujado e parecia não ser usado havia anos. Mas a ponta, apesar de sem fio, ainda atravessou a lata

macia quando ele a pressionou, e o abridor se moveu quando usou força suficiente. Jimmy fez toda a volta na lata e xingou quando a tampa afundou na sopa. Ele pescou uma faca na gaveta para tirar a tampa da lata com a ponta. Comida. Finalmente. Botou uma panela no fogão e acendeu o queimador, pensando naquele apartamento, na mãe e no pai. A sopa esquentava. Jimmy esperava com o estômago roncando, mas uma parte dele estava vagamente consciente de que nada que pudesse pôr para dentro poderia aliviar a verdadeira dor, a necessidade misteriosa que sentia a cada instante de gritar a plenos pulmões ou de cair no chão e chorar.

Enquanto esperava que a sopa borbulhasse, examinou as folhas de papel do tamanho de toalhas de banho penduradas na parede. Parecia que tinham sido postas para secar, e ele de início pensou que talvez os livros grossos fossem feitos dobrando-as ou cortando-as. Mas as folhas grandes já estavam impressas, com desenhos contínuos. Jimmy passou as mãos pelo papel liso e estudou os detalhes de um desenho esquemático, uma disposição de círculos com linhas finas no interior de cada um e etiquetas por toda parte. Havia números acima dos círculos. Três deles estavam riscados em tinta vermelha. Cada um era chamado de "silo", mas isso não fazia sentido nenhum.

Atrás de Jimmy, um chiado como o do rádio, como alguém chamando por ele, o sussurro de fantasmas. Ele desviou o olhar do desenho estranho e viu sua sopa transbordando, escorrendo pela panela e fervilhando sobre o queimador em brasa. Deixou o desenho grande e estranho para lá.

71

Ano 2312 — Semana Um
Silo 17

Tinham se passado dias que já ameaçavam virar uma semana, e Jimmy pôde vislumbrar como as semanas poderiam acabar se transformando em meses. Do outro lado da porta de aço, na sala de cima, homens ainda tentavam entrar. Eles berravam e discutiam pelo rádio. Jimmy às vezes ouvia, mas eles só falavam sobre os mortos, os que estavam morrendo e coisas proibidas, como o grande exterior.

Jimmy passeava pelas imagens das câmeras em ângulos de quietude e extenso vazio. Às vezes essas vistas imóveis eram interrompidas por rompantes de atividade e violência. Jimmy viu um homem ser mantido no chão e surrado por outros homens. Viu uma mulher ser arrastada por um corredor, se debatendo. Assistiu a um homem atacar uma criança por um pedaço de pão. Teve de desligar o monitor. Seu coração passou o restante do dia e o início da noite acelerado, e ele decidiu não olhar para as câmeras. Naquela noite, sozinho no quarto de beliches com todas as camas vazias, demorou a dormir. E, quando conseguiu, sonhou com a mãe.

Os dias seriam assim, pensou na manhã seguinte. Cada dia iria se prolongar para sempre, mas a contagem não duraria muito. A contagem iria terminar para ele. Seus dias estavam contados e se esgotando; ele podia sentir.

Levou um dos colchões para a sala com o computador e o rádio. Era como se algo lhe fizesse companhia naquele ambiente. Vozes furiosas e

cenas de violência eram melhor que o vazio dos outros beliches. Ele esqueceu da promessa feita a si mesmo e comeu sopa quente diante das imagens, procurando por gente. Ele ouvia suas vozes baixas discutindo pelo rádio. E, naquela noite, quando sonhou, seus sonhos estavam cheios de imagens quadradas de um passado distante. Havia um Jimmy mais jovem naquelas janelas olhando para ele.

Em suas incursões à sala de cima, ele seguia em silêncio até a porta de aço e ouvia os homens discutirem do outro lado. Eles tentavam códigos, três tentativas que bipavam a cada vez, seguidas por três campainhas furiosas. Jimmy acariciava a porta de aço e agradecia a ela por permanecer fechada.

Afastando-se em silêncio, explorava o conjunto de máquinas. Elas zumbiam, vibravam e piscavam seus olhos brilhantes, mas não diziam nada. Não se moviam. Sua presença fazia com que Jimmy se sentisse ainda mais sozinho, como em uma sala de aula onde todos os garotos grandes o ignorassem. Bastaram alguns dias como aquele e Jimmy apreendeu uma nova Regra do Mundo: o homem não foi feito para viver sozinho. Era isso que ele descobria dia a dia. Descobria e logo esquecia, pois não havia ninguém por perto para lembrar-lhe. Em vez disso, ele conversava com as máquinas. Elas estalavam para ele em resposta, e vibravam profundamente no interior de suas gargantas de metal que o homem não devia sequer viver.

As vozes no rádio pareciam acreditar nisso. Elas relatavam mortes e prometiam mais delas. Algumas pessoas pegaram as armas das delegacias. Havia um homem no nonagésimo primeiro que queria que todos soubessem que ele tinha uma arma. Jimmy teve vontade de contar àquele homem sobre a área de armazenagem que sua chave abrira atrás do quarto de beliches. Havia prateleiras e prateleiras de armas como a que seu pai tinha usado para matar Yani. E inúmeras caixas de munição. Teve vontade de contar para o silo inteiro que tinha mais armas que qualquer um, que tinha a chave do silo, então, por favor, que ficassem longe, mas algo disse a ele que aqueles homens apenas iriam se esforçar

mais para pegá-lo caso fizesse isso. Por isso Jimmy guardou seus segredos para si.

Na sexta noite em que estava sozinho, sem conseguir dormir, ele tentou pegar no sono folheando o livro sobre a mesa identificado como *Ordem*. Era uma leitura estranha: cada página fazia referência a outras páginas e estava cheia de relatos de todas as coisas terríveis que poderiam acontecer, como preveni-las, como mitigar desastres inevitáveis. Jimmy procurou alguma referência sobre se encontrar completa e absolutamente sozinho. Não havia nada no índice. Então Jimmy se lembrou do que havia dentro das centenas de caixas de metal enfileiradas na estante ao lado da mesa de trabalho. Talvez houvesse alguma coisa em um daqueles livros que pudesse ajudá-lo.

Ele foi até uma das caixas à procura de "solidão". Houve um leve suspiro quando ele a abriu, como uma lata de sopa sugando o ar. Jimmy tirou o livro e foi para as últimas páginas, onde achou que encontraria o verbete.

Em vez disso, deparou-se com a imagem de uma máquina enorme com rodas grandes como o cachorro de brinquedo, feito de madeira, que ele tivera quando criança. Assustadora, negra e com uma frente pontuda, a máquina erguia-se inacreditavelmente grande acima do homem parado diante dela. Jimmy esperou que o homem fosse se mover ao esfregar o papel, mas percebeu que era apenas uma foto, como no crachá do trabalho de seu pai, mas tão brilhante e de cores tão vivas que parecia real.

Locomotiva, leu Jimmy. Ele conhecia aquelas palavras. A primeira parte significava "maluco". A segunda tinha a ver com "motivo", a razão de uma pessoa para fazer alguma coisa. Ele analisou a imagem, curioso para saber que razão maluca teria levado alguém a fazer aquela foto. Jimmy virou a página com cuidado, na esperança de encontrar algo sobre aquele louco motivo...

Quando virou a página, gritou e largou o livro. Saiu pulando pela sala e se esfregando com as duas mãos, achando que o inseto ia entrar pela sua roupa ou mordê-lo. Ficou de pé no colchão e esperou que o coração

desacelerasse. Jimmy olhou para o volume aberto no chão, esperando que um enxame saísse voando como as pragas nas fazendas, mas nada se moveu.

Ele se aproximou do livro e o arrastou com o pé. O maldito inseto era só outra foto. Com a queda, a página tinha amassado e dobrado. Jimmy alisou a página, leu a palavra "louva-a-deus" em voz alta e se perguntou simplesmente que tipo de livro era aquele. Não se parecia em nada com os livros infantis com os quais ele crescera, nada tinha a ver com o papel reciclado que usavam na escola.

Jimmy virou a capa e viu que ela era diferente da do livro sobre a mesa, o que tinha gravada a palavra *Ordem*. Aquele era intitulado *Legado*. Ele folheou várias páginas de cada vez, fotos coloridas em todas elas, parágrafos de descrições, uma ficção vasta de feitos e coisas impossíveis, tudo em um único livro.

Não em um único livro, disse ele a si mesmo. Jimmy olhou para as estantes enormes repletas de caixas de metal, cada uma devidamente identificada. Ele tornou a procurar a locomotiva, uma máquina sobre rodas que apequenava um homem adulto. Ele encontrou o verbete e voltou lentamente para seu colchão e para seu amontoado de lençóis amarfanhados. Uma semana de solidão estava quase terminando, mas não havia chance de que Jimmy conseguisse dormir. Não por um bom tempo.

72

Ano 2345
Silo 1

Donald esperou na sala de comunicação pelo momento de sua primeira conversa com o chefe do 18. Para passar o tempo, ele girava os botões e controles que lhe permitiam passear pelas imagens das câmeras daquele silo. De um único assento, ele tinha visão de todos os residentes do mundo. Podia interferir em seus destinos a distância, se quisesse. Podia acabar com todos eles apertando um botão. Enquanto vivia para sempre, congelando e derretendo, aqueles mortais seguiam rotinas, viviam e morriam, sem saber nem sequer da existência dele.

— É como a vida após a morte — murmurou.

O operador na mesa ao lado virou e olhou em silêncio para ele, e Donald percebeu que havia falado em voz alta. Encarou o homem, cujos cabelos negros e fartos pareciam ter sido penteados pela última vez um século antes.

— É que... parece uma visão dos céus — explicou, apontando o monitor.

— É a visão de alguma coisa — concordou o operador, dando uma mordida em seu sanduíche.

Na tela, uma mulher parecia gritar com outra, com um dedo apontado para o rosto dela. Era um sitcom sem as risadas gravadas.

Donald se esforçou para manter a boca fechada. Conectou-se com o refeitório do 18 e observou as pessoas se aglomerarem em torno de um telão de parede. Era uma pequena multidão. Eles olhavam para os

morros sem vida, talvez à espera da limpadora que partira, talvez sonhando em silêncio com o que haveria além daquelas colinas silenciosas. Donald queria dizer a eles que ela não iria voltar, que não havia nada além daquela elevação, apesar de ele em segredo compartilhar de seus sonhos. Ele desejava enviar um dos drones para dar uma olhada, mas Eren dissera que os drones não estavam ali para ver a paisagem, eles serviam para lançar bombas. Tinham alcance limitado. O ar lá fora iria fazê-los em pedaços. Donald queria mostrar sua mão a Eren, rosada e manchada, e lhe dizer que tinha ido lá fora, naquele morro, e voltado. Queria perguntar se o ar no exterior era realmente tão ruim.

Esperança. Era o que aquilo significava. Uma perigosa esperança. Ele observou as pessoas no refeitório olhando fixamente para o telão e se identificou com elas. Era assim que os deuses antigos arranjavam problema, como acabavam apaixonados por mortais e envolvidos em suas vidas. Donald riu. Pensou naquela limpadora com sua pasta grossa e em como ele poderia ter intervindo se tivesse tido a chance. Podia ter dado a ela o dom da vida, se fosse capaz. Apolo, louco de amor por Dafne.

O oficial de comunicação olhou para o monitor de Donald, a vista do telão, e ele sentiu que estava sendo estudado. Mudou para uma câmera diferente. Era o corredor do que parecia uma escola. Armários alinhados dos dois lados. Uma criança na ponta dos pés abriu um dos de cima, tirou uma bolsa pequena, virou e pareceu dizer algo para alguém fora da imagem. A vida correndo normalmente.

— Estamos completando a ligação agora — disse o operador atrás deles.

O homem com o sanduíche o pôs de lado e chegou sua cadeira para a frente. Limpou os farelos do peito e trocou a imagem de duas mulheres discutindo para uma sala cheia de servidores pretos. Donald agarrou um par de fones de ouvido e pegou as duas pastas da mesa. A que estava em cima tinha cinco centímetros de espessura. Era sobre a limpadora desaparecida. Por baixo havia uma pasta bem mais fina em que estava

escrito o nome de um sombra em potencial. Uma voz masculina chegou pelos fones.

— Alô?

Donald olhou para seu monitor. Havia uma pessoa atrás de um dos servidores. Ele era gorducho e baixinho, a menos que fosse distorção das lentes da câmera.

— Relatório — disse Donald.

Ele abriu a pasta com o nome de *Lukas Kyle*. Pela experiência de seu último turno, sabia que o sistema iria alterar sua voz, fazendo com que todas soassem iguais.

— Escolhi um sombra como o senhor solicitou. Um bom rapaz. Ele trabalhou nos servidores antes, por isso seu acesso já foi verificado.

Que homem submisso. Donald considerou que iria agir da mesma forma, sabendo que seu mundo poderia ser extinto pelo apertar de um botão. Um medo como esse coloca um homem em conflito com seu ego.

O operador ao lado de Donald debruçou à sua frente e tirou a primeira folha da pasta para ele. Depois bateu com o dedo algumas linhas abaixo. Donald examinou o relatório.

— Você considerou o Sr. Kyle um possível substituto dois anos atrás.

Donald ergueu os olhos e viu o homem atrás do servidor da comunicação esfregar a nuca.

— Isso mesmo — disse o chefe do 18. — Nós achamos que ele não estava pronto.

— Seu gabinete fez um relatório sobre o Sr. Kyle no qual diz que ele é um possível observador. Diz aqui que ele passou algumas centenas de horas diante do telão. O que o fez mudar de ideia?

— Este foi um relatório preliminar, senhor. Veio de outro... sombra em potencial. Um pouco ávido demais, um cavalheiro que achamos mais adequado para a equipe de segurança. Garanto que o Sr. Kyle não sonha com o exterior. Ele só sobe à noite... — O homem pigarreou, pareceu hesitar. — Para ver as estrelas, senhor.

— As estrelas.

— Isso mesmo.

Donald olhou para o operador a seu lado, que terminava de comer seu sanduíche. O operador deu de ombros. O chefe do silo rompeu o silêncio.

— Ele é o melhor homem para o cargo, senhor. Conheci o pai dele. Um filho da mãe muito sério. O senhor sabe o que dizem sobre degraus e corrimãos...

Donald não tinha ideia do que diziam sobre degraus e corrimãos. Era mais um ditado sobre as escadas daqueles silos. Ele se perguntou o que aquele Bernard diria se o homem um dia visse um elevador. A ideia quase o fez dar uma risada.

— Sua escolha de sombra foi aprovada — disse Donald. — Ponha-o a par do Legado o mais rápido possível.

— Ele está estudando agora mesmo, senhor.

— Bom. Agora, quais são as últimas sobre esse levante?

Donald percebeu que estava se apressando, executando tarefas rotineiras para poder voltar a seus estudos mais urgentes.

O chefe do silo olhou outra vez para a câmera. Aquele mortal sabia muito bem onde ficavam escondidos os olhos dos deuses.

— A Mecânica está muito bem entrincheirada. Eles ofereceram muita resistência enquanto desciam, mas nós os botamos para correr. Há uma... pequena barricada, mas devemos derrubá-la a qualquer momento.

O operador inclinou-se para a frente e captou a atenção de Donald. Ele apontou os dedos para os olhos, depois para uma das telas sem imagens na fileira superior, indicando uma das câmeras que tinham sido cortadas durante o levante. Donald entendeu o que ele queria dizer.

— Tem alguma ideia de como eles souberam das câmeras? — perguntou. — Você sabe que aqui estamos cegos do cento e quarenta para baixo, não sabe?

— Sim, senhor. Nós... Suponho que eles sabem disso há algum tempo. Eles fazem o próprio cabeamento lá embaixo. Eu já fui pessoalmente. É um ninho de canos e cabos. Não achamos que ninguém tenha contado a eles.

— Você acha que não.

— Exatamente, senhor. Mas estamos tentando botar alguém lá dentro. Tenho um pastor que podemos mandar para abençoar seus mortos. Um bom homem. Foi sombra na segurança. Prometo que não vai demorar muito.

— Está bem. Cuide para que não demore. Nós estaremos aqui limpando a sua sujeira, por isso ponha o resto da sua casa em ordem.

— Sim, senhor. Farei isso.

Os três homens na sala de comunicação observaram aquele Bernard remover seu fone e apoiá-lo em um dos servidores. Ele secou a testa com um pano. Enquanto os outros estavam distraídos, Donald fez o mesmo, secando o suor da testa com um lenço que havia pedido. Pegou as duas pastas e analisou o operador a seu lado, que tinha uma trilha fresca de farelos de pão sobre o macacão.

— Fique de olho nele — disse Donald.

— Ah, eu vou ficar.

Donald devolveu o fone ao suporte e se levantou para ir embora. Ao parar na porta, olhou para trás e viu que a tela diante do operador tinha se dividido em quatro. Em um dos quadros, havia uma sala cheia de torres negras paradas como sentinelas. Em outra, duas mulheres discutiam.

73

Ano 2345
Silo 1

Donald pegou suas anotações e tomou o elevador para o refeitório. Chegou lá e descobriu que ainda era cedo demais para o desjejum, mas ainda havia café da noite anterior na garrafa térmica. Ele pegou uma caneca lascada do escorredor e encheu. Um cavalheiro atrás do balcão de atendimento ergueu uma alavanca em um lava-louça industrial e a caixa de aço inoxidável se abriu e soltou uma nuvem de vapor. O homem agitou um pano de prato para dissipar aquela nuvem, depois o usou para puxar bandejas de metal que em breve iriam carregar ovos mexidos feitos a partir da versão em pó e torradas congeladas.

Donald experimentou o café. Estava frio e fraco, mas ele não se importou. Estava bem assim. Cumprimentou com um aceno de cabeça o homem que preparava o café da manhã; o senhor fez o mesmo em resposta.

Donald virou e absorveu a vista no telão. O mistério estava ali. Os documentos em suas pastas não eram nada em comparação com aquilo. Ele se aproximou da imagem escurecida, um lugar onde nuvens agitadas estavam apenas começando a brilhar com um sol invisível nascendo além das colinas. Perguntou-se o que havia lá fora. As pessoas morriam quando eram mandadas para a limpeza. Morriam nas colinas quando os silos eram fechados. Mas ele sobrevivera. E, até onde sabia, os homens que o haviam arrastado de volta, também.

Ele examinou a mão sob a luz fraca que vinha do telão. A palma lhe pareceu um pouco rosada, um pouco esfolada. Mas, afinal, ele a havia esfregado meia dúzia de vezes nas últimas noites e a cada manhã. Não podia evitar a sensação de que ela tinha sido contaminada. Tirou o lenço do bolso e tossiu sobre ele.

— As batatas vão estar prontas em alguns minutos — avisou o homem atrás do balcão.

Outro trabalhador de macacão verde surgiu dos fundos, amarrando um avental na cintura. Donald queria saber quem eram aquelas pessoas, como eram suas vidas, em que estavam pensando. Por seis meses, elas serviam três refeições ao dia, depois hibernavam durante décadas. Em seguida, faziam tudo outra vez. Eles deviam acreditar que estavam indo a algum lugar. Ou não se importavam? Seria o caso de seguir os passos deixados ontem? Uma bota sobre uma pegada, outra bota sobre outra pegada, de novo e de novo. Será que esses homens se viam como a tripulação de uma grande arca com algum propósito nobre? Ou estavam andando em círculos apenas porque era o caminho que conheciam?

Donald se lembrou de quando se candidatou ao Congresso, achando que ia realmente fazer algum bem para o futuro. Então se viu em um gabinete cercado por uma atordoante tempestade de regras, memorandos e mensagens, e ele logo aprendeu a apenas rezar pelo fim de cada dia. Transformou-se do homem que achava que ia salvar o mundo no homem que apenas passava o tempo até... até que o tempo acabou.

Ele se sentou em uma das desbotadas cadeiras de plástico e observou a pasta em sua mão rosada. Cinco centímetros de espessura. *Nichols, Juliette*, estava escrito na etiqueta, seguido por um número de identificação interna. Ele podia sentir o cheiro da tinta nas páginas recém-impressas. Pareceu-lhe um desperdício imprimir tanta bobagem. Em algum lugar lá embaixo, no grande depósito, os suprimentos estavam diminuindo. E em algum outro lugar, no fim do corredor em que ficava sua sala, havia uma pessoa que controlava tudo isso,

garantindo que houvesse batatas suficientes, tinta suficiente, lâmpadas suficientes para eles chegarem até o fim.

Donald deu uma olhada nos relatórios. Ele os espalhou na mesa vazia e, ao fazer isso, pensou em Anna e em seu último turno, no modo como tinham coberto de pistas a sala de guerra. Sentiu uma pontada de culpa e arrependimento por ser Anna, em vez de Helen, a entrar com tanta frequência em seus pensamentos.

Os relatórios foram uma distração bem-vinda enquanto aguardava o sol nascer e sua comida. Ali estava uma história sobre uma limpadora que tinha sido xerife, mesmo que não por muito tempo. Um dos primeiros relatórios em sua pasta era do atual chefe do Silo 18, um memorando sobre a falta de qualificações da limpadora. Donald leu uma lista de razões para não dar poder à mulher, e era como se estivesse lendo sobre si mesmo. Parecia que a prefeita do 18, uma senhora de idade chamada Jahns, uma política como Thurman, tinha forçado para botar aquela mulher no cargo, recrutara-a apesar das objeções. Nem sequer estava claro se aquela Nichols, uma mecânica dos níveis inferiores, *queria* o emprego. Em outro relatório do chefe do silo, Donald leu sobre a desobediência que culminou em sua caminhada até desaparecer de vista e na recusa em fazer a limpeza. Aquilo mais uma vez parecia muito familiar a Donald. Ou seria porque ele estava à procura dessas semelhanças? Não era isso que as pessoas faziam? Viam nas outras o que temiam ou esperavam ver em si mesmas?

As colinas lá fora se iluminaram aos poucos. Donald tirou os olhos dos relatórios e observou os montes de terra. Lembrou-se do vídeo que haviam lhe mostrado, aquela limpadora desaparecendo por trás de um monte cinzento parecido com o da imagem. Agora o pânico entre seus colegas era de que os residentes do Silo 18 se enchessem de um tipo perigoso de esperança, o tipo de esperança que levava à violência. A ameaça muito mais grave, é claro, era de que aquela limpadora tivesse chegado a outra instalação, que as pessoas nesse outro silo pudessem descobrir que não estavam sozinhas.

Donald não achava aquilo provável. Ela não conseguiria sobreviver tanto tempo, e havia pouco a descobrir na direção em que ela se perdera. Ele puxou a outra pasta, a sobre o Silo 17.

Não houvera qualquer aviso antes de seu colapso, nenhum aumento na violência. Os gráficos populacionais pareciam normais. Ele folheou as páginas de documentos digitados por vários chefes de divisão em andares abaixo. Todos tinham sua teoria, e é claro que cada um deles via o colapso através das lentes da própria especialidade, ou o atribuía à incompetência de outra divisão. O Controle Populacional culpava um departamento de TI negligente. A TI botava a culpa em um problema de hardware. A Engenharia culpava a programação. E o oficial de comunicação em serviço, que fazia a ligação entre a TI e os chefes dos outros silos, achava que tinha sido sabotagem, uma tentativa de evitar uma limpeza.

Donald sentiu algo familiar na destruição do Silo 17, algo que não conseguia identificar. O telão parou de exibir as imagens das câmeras, mas não antes de mostrar uma visão rápida de pessoas saindo pela câmara pressurizada. Houvera um êxodo, pânico, histeria coletiva. E depois um apagão. A comunicação tinha feito várias chamadas. A primeira fora atendida pelo sombra da TI, o segundo em comando do 17. Houve uma conversa rápida com aquele sujeito, Russ, na qual os dois lados fizeram perguntas, e em seguida Russ interrompeu a ligação.

A chamada seguinte ficou horas sem resposta. Durante esse tempo, o silo ficou às escuras. E então alguém atendeu.

Donald tossiu protegendo a boca com o lenço e leu aquela conversa inusitada. O oficial de serviço afirmava que a pessoa que atendera parecia jovem. Era homem, não o sombra nem o chefe, e havia feito um monte de perguntas. Uma chamou a atenção de Donald. A pessoa no Silo 17 tinha perguntado o que estava acontecendo no nível quarenta.

Nível quarenta. Donald não precisava pegar uma planta para conferir, afinal ele tinha desenhado as instalações. Conhecia cada nível como a palma de sua mão. O quarenta era de uso misto: metade para habitação, um quarto para agricultura e o restante para atividades comerciais. O

que poderia estar acontecendo lá embaixo? E por que aquela pessoa, que devia estar lutando para sobreviver, estaria preocupada?

Ele tornou a ler o diálogo. Quase parecia que o último contato do jovem tinha sido com o nível quarenta, como se houvesse acabado de falar com eles. Será que ele viera de lá? Ficava só a seis andares de distância. Donald imaginou um garoto assustado subindo a escadaria com outros milhares. Notícias da abertura da câmara pressurizada, de morte nos níveis inferiores, de gente subindo. Aquele rapaz chega ao nível trinta e quatro e não aguenta a multidão. A TI já esvaziou. Ele descobre o caminho para a sala dos servidores...

Não. Donald balançou a cabeça. Isso não fazia sentido. Nada disso fazia sentido. O que o incomodava?

Era o apagão. Donald sentiu um frio na espinha. Era o número quarenta. Era o silo, não o andar. O relatório tremeu em suas mãos. Ele quis se levantar e sair andando pelo refeitório, mas tudo o que tinha era uma tênue relação, um princípio de sentido. Se esforçou para ligar os pontos antes que as ideias derretessem, perturbadas pela torrente de adrenalina.

Ele tinha falado com o *Silo* 40. O garoto estava nos fundos do posto de comunicação do 17. Ele não tinha a mínima ideia de que era um silo chamando. Era por isso que ele o havia chamado de nível e se perguntara o que estava acontecendo lá embaixo. Aquele apagão, aquela falta de contato, era exatamente como nos silos em que Anna estava trabalhando.

Anna...

Donald pensou no recado que ela deixara, pedindo a Thurman para despertá-la. Ela estava dormindo lá embaixo. Ela saberia o que fazer. Ela deveria ter sido acordada e posta no comando, não ele. Ele juntou os relatórios e documentos e os colocou de volta nas respectivas pastas. Trabalhadores estavam começando a chegar dos elevadores. O cheiro de ovos vinha da cozinha, as portas vaivém bombeando o aroma com o tráfego da agitada equipe do refeitório, mas Donald tinha esquecido sua fome.

Olhou para o telão na parede. Será que alguém naquele turno saberia do Silo 40? Talvez não. Eles não teriam ligado os pontos. Thurman e os outros mantiveram a revolta em segredo, não queriam causar pânico. Mas e se o Silo 40 ainda estivesse lá? E se eles tivessem entrado em contato com o 17? Anna disse que o sistema principal tinha sido hackeado, que o Silo 40 fizera isso. Eles haviam cortado o contato de várias instalações com o Silo 1 antes que Anna e Thurman fossem acordados para eliminar todos eles. Mas e se não tivessem feito isso? E se aquele Silo 17 não tivesse sido destruído? E se ele ainda estivesse lá, e aquela limpadora houvesse caído na depressão e encontrado...

Donald sentiu uma necessidade súbita de ir e ver por si mesmo, de sair e caminhar até o topo do morro, que se danasse o traje. Ele deixou o telão e seguiu para a câmara pressurizada.

Talvez ele precisasse despertar Anna, assim como Thurman tinha feito. Ele podia acomodá-la no arsenal. De acordo com seu último turno, existia um plano de como fazer isso, só que não havia ninguém em quem pudesse confiar para ajudar. Ele não sabia nada sobre acordar as pessoas. Mas estava no comando, certo? Ele podia exigir saber.

Deixou o refeitório e se aproximou da câmara pressurizada do silo, a grande porta amarela para o mundo do outro lado. O exterior não era tão ruim quanto ele tinha sido levado a crer. A menos que ele fosse simplesmente imune. Havia máquinas em seu sangue que o mantiveram inteiro enquanto estava congelado. Talvez elas o tivessem mantido vivo lá fora. Ele se aproximou da porta interna da câmara e espiou pela pequena escotilha. A lembrança de estar lá dentro o atingiu com violência repentina. Ele enfiou as duas pastas embaixo do braço e esfregou o lugar onde a agulha espetara sua carne muito tempo antes, botando-o para dormir. O que havia lá fora? A luz que atravessava as barras da cela de custódia tremeluziu quando uma nuvem de poeira passou, e Donald se deu conta de como era estranho terem um telão no Silo 1. As pessoas ali sabiam o que tinham feito com o mundo. Por que precisavam ver a ruína que haviam deixado para trás?

A menos que...

A menos que o objetivo fosse o mesmo dos outros silos. A menos que fosse para evitar que saíssem, uma lembrança assustadora de que o planeta não era seguro para eles. Mas o que eles realmente conheciam além dos silos? E como um homem podia tentar ver com os próprios olhos?

74

Ano 2345
Silo 1

Foram necessários alguns dias de planejamento e coragem antes que Donald fizesse o pedido, e mais alguns para que o Dr. Wilson marcasse um horário. Durante esse tempo, Donald contou a Eren sobre sua desconfiança em relação ao envolvimento do Silo 40. A grande atividade provocada por esse mero palpite rapidamente tomou conta do silo. Donald assinou uma requisição para um bombardeio, apesar de não entender exatamente o que estava assinando. Níveis pouco utilizados do silo, familiares a Donald pelo seu passado, voltaram a ser despertados. Dias depois, ele não ouviu o estrondo nem sentiu o chão tremer, mas outros disseram ter sentido. Tudo o que descobriu foi que uma nova camada de poeira havia assentado sobre suas coisas, caída do teto.

No dia de seu encontro com Dr. Wilson, ele foi em segredo ao principal andar das cápsulas criogênicas para testar seu código. Ainda não confiava totalmente no disfarce do seu macacão folgado e do crachá com o nome de outro homem. No dia anterior ele tinha visto uma pessoa na academia de ginástica que pensou reconhecer de seu primeiro turno. Aquilo o fez adotar o hábito de se esgueirar em vez de andar empertigado. Por isso caminhou discretamente pelo corredor de corpos congelados e digitou seu código no painel com todo o cuidado. Esperou luzes vermelhas e campainhas de alerta. Em vez disso, a luz acima do letreiro *Pessoal de Emergência* piscou em verde e a tranca emitiu um ruído

metálico. Donald olhou pelo corredor para ver se alguém estava observando enquanto abria a porta e entrava.

A câmara de criogenia pouco usada era bem menor do que as outras e tinha apenas um nível de profundidade. Parado do outro lado da porta, Donald pôde visualizar como o congelamento profundo principal envolvia aquela sala muito menor. Aquilo era apenas uma saliência no meio das paredes enormes que se estendiam quase a perder de vista. E apesar disso continha algo muito mais precioso. Pelo menos para ele.

Caminhou entre as cápsulas e observou os rostos congelados. Era difícil se lembrar de estar ali com Thurman em seu turno anterior, difícil se lembrar do ponto exato, mas ele acabou por encontrá-la. Ele conferiu o pequeno monitor e pensou que não importava qual era o nome dela, mas viu que não havia nenhum designado. Apenas um número.

— Oi, irmã.

As pontas de seus dedos cantaram sobre o vidro quando ele limpou o gelo que o cobria. Lembrou-se dos pais com tristeza. Ele se perguntou o quanto Charlotte sabia sobre aquele lugar e os planos de Thurman antes de ir até ali. Ele esperava que nada. Gostava de acreditar que ela era menos culpada que ele.

Vê-la trouxe de volta à sua memória a visita a Washington. Ela tinha gastado uma preciosa licença fazendo campanha para Thurman e visitando o irmão. Charlotte dera uma bronca em Donald quando descobriu que ele vivia em Washington havia dois anos e não tinha ido a nenhum dos museus. Não importava o quanto ele estivesse ocupado. Era imperdoável. “A entrada é gratuita”, ela havia lhe dito, como se isso fosse razão suficiente.

Então eles foram ao Museu Aeroespacial juntos. Donald se lembrava da fila para entrar. Lembrava-se de um modelo em escala do sistema solar na calçada em frente à entrada do museu. Apesar de os planetas do meio ficarem localizados a apenas alguns passos, Plutão ficava a quarteirões de distância, depois do Museu Hirshhorn, inacreditavelmente distante. Agora, enquanto olhava para a forma

congelada da irmã, aquele dia em sua lembrança lhe provocava a mesma sensação. Inacreditavelmente distante. Um ponto minúsculo.

Naquela tarde, algumas horas depois, ela o arrastara para o Museu do Holocausto. Donald evitava ir lá desde que se mudara para Washington. Talvez fosse o motivo por que não caminhasse pelo National Mall. Todo mundo dizia que era algo que ele tinha que ver. "Você precisa ir", diziam. "É importante." Usavam palavras como "forte" e "impressionante". Diziam que ia mudar a vida dele. Diziam isso, mas seus olhos o alertavam.

Sua irmã o arrastara pelas escadas. Seu coração estava pesado de pavor. O prédio tinha sido construído como um memorial, mas Donald não queria aquelas memórias. Na época estava tomando remédios que o ajudassem a esquecer o que estava lendo na Ordem, para evitar que se sentisse como se o mundo pudesse acabar a qualquer momento. Barbaridades como as que aquele prédio continha estavam enterradas no passado, dissera a si mesmo, para nunca mais serem repetidas ou trazidas à luz.

Resquícios do sexagésimo aniversário do museu, letreiros e banners sombrios, ainda estavam pendurados. Uma nova ala havia sido aberta; cordas e estacas sustentavam novas árvores, e o ar tinha cheiro de terra molhada. Lembrou-se de ver um grupo de turistas saindo em fila, esfregando os olhos e se protegendo do sol. Quis virar e sair correndo, mas a irmã segurou sua mão, e o homem na bilheteria já havia sorrido para ele. Pelo menos estava tarde, então eles não podiam ficar lá muito tempo.

Donald apoiou as mãos na cápsula parecida com um caixão e se lembrou da visita. Havia cenas de tortura e fome. Uma sala cheia de sapatos. Paredes exibiam imagens de corpos nus amontoados, olhos arregalados sem vida, costelas e genitais expostos, montes de pessoas jogadas em uma vala, em um buraco cavado na terra. Donald não aguentou olhar para aquilo. Tentou, em vez disso, se concentrar no trator, olhar para o homem que dirigia a máquina, para o rosto sereno, com um cigarro entre os lábios apertados, uma expressão de

concentração. Um emprego. Não havia onde encontrar consolo em nenhum lugar naquela cena. O homem dirigindo o trator era na verdade a parte mais aterrorizante.

Donald tinha se encolhido de pavor daqueles objetos horrendos e acabou se perdendo da irmã na escuridão. Aquele era um museu de horrores que nunca deveriam ser repetidos. Enterros coletivos realizados com o contrário de uma cerimônia, com completa apatia. Pessoas marchando calmamente para as câmaras de gás.

Ele havia buscado refúgio em uma nova exposição chamada *Arquitetos da morte*, atraído pelas plantas baixas, pela promessa do familiar e da ordem. Em vez disso, encontrou um espaço claustrofóbico com paredes cobertas de projetos de massacres. Aquela exposição não estava sendo fácil. Havia um cartaz na parede que explicava a ação de negar o Holocausto, mesmo depois de ele ter acontecido.

O conjunto de plantas baixas tinha sido usada como prova. Aquele era o objetivo da sala. Plantas que tinham sobrevivido aos incêndios e expurgos com a aproximação dos russos, a assinatura de Himmler em várias delas. A planta de Auschwitz, as câmaras de gás, tudo identificado com clareza. Donald esperara que os projetos fossem lhe dar algum alívio do que tinha visto em outras partes do museu, mas ali descobrira que desenhistas judeus haviam sido forçados a colaborar. Suas canetas haviam traçado os próprios muros que os cerravam. Eles haviam sido coagidos a criar a casa onde no futuro sofreriam violência.

Donald se lembrou de ter procurado um vidro de comprimidos enquanto a salinha girava ao seu redor. Ele se lembrou também de ter se perguntado como aquelas pessoas tinham aceitado aquilo, como podiam ter visto o que estavam desenhando e não saber. Como podiam não saber, não ver para que serviria o que estavam fazendo?

Tentando conter as lágrimas, ele percebeu onde estava parado. As cápsulas em suas fileiras organizadas eram novidade para ele, mas as paredes e o piso eram bastante familiares. Ele ajudara a projetar aquele lugar. O lugar existia por sua causa. E quando ele tentara escapar,

trouxeram-no de volta. Ele gritava, esperneava. Um prisioneiro atrás das próprias paredes.

Um bipe no painel fora da sala espantou aqueles pensamentos perturbadores. Donald se virou quando a enorme placa de aço, com dobradiças do tamanho dos braços de um homem, se moveu para dentro. Dr. Wilson, o médico daquele turno, adentrou a sala. Ele viu Donald e franziu a testa.

— Senhor? — exclamou ele, surpreso.

Donald pôde sentir uma gota de suor escorrer pela têmpora. Seu coração continuava acelerado devido à lembrança da exposição. Sentiu uma quentura por dentro, apesar de ver o próprio hálito se condensando à sua frente.

— Esqueceu nosso compromisso? — perguntou Dr. Wilson.

Donald esfregou a testa e secou a palma da mão na parte de trás do macacão.

— Não, não — disse ele, esforçando-se para não deixar transparecer o tremor em sua voz. — Só perdi a noção do tempo.

O Dr. Wilson assentiu.

— Eu vi o senhor em meu monitor e achei que fosse isso. — Ele olhou para a cápsula mais perto de Donald e franziu a testa. — Alguém conhecido?

— Humm? Não. — Donald tirou a mão, que tinha ficado fria devido ao contato com a cápsula. — Uma pessoa com quem trabalhei.

— Bem, está pronto?

— Estou — disse Donald. — É bom refrescar a memória. Faz tempo que eu não vejo esses protocolos.

O Dr. Wilson sorriu.

— É claro. Agora vamos despertar o novo técnico do reator para seu quarto turno. Estamos só aguardando o senhor. — Ele fez um gesto na direção do corredor.

Donald deu um tapinha na cápsula da irmã. Ela tinha esperado centenas de anos. Mais um dia ou dois não doeriam. E então os dois

iam ver exatamente o que ele tinha ajudado a construir. Os dois iam descobrir juntos.

75

Ano 2313 — Ano Dois
Silo 17

Jimmy não tinha coragem de escrever. Ele estava se afogando em papel, mas não ousava usar as margens para anotações. Aquelas páginas eram sagradas. Aqueles livros eram valiosos demais. Por isso ele contava os dias usando a chave pendurada em seu pescoço e os painéis do servidor identificado com o "17".

Aquele era o seu silo, ele aprendera. Era o número gravado no seu exemplar da Ordem. Era a etiqueta do mapa na parede com todos os silos. Ele sabia o que aquilo significava. Podia estar completamente sozinho em seu mundo, *mas o seu não era o único mundo.*

Toda noite antes de ir para a cama, ele riscava outra brilhante marca prateada na tinta negra do enorme servidor. Jimmy só riscava os dias à noite. Parecia precipitado fazer isso pela manhã.

O Projeto começou de modo negligente. Ele não acreditava que seriam muitas marcas, por isso as fez no meio da máquina e grandes demais. Após dois meses de martírio, começou a ficar sem espaço e percebeu que teria que começar a marcar no alto. Então riscou as que já tinha feito, passou a limpo para o outro lado do servidor e começou de novo. Agora ele as fazia pequenas e organizadas. Quatro traços verticais e um quinto cortando-os, como sua mãe marcava os dias consecutivos em que ele se comportava. Uma fileira com seis conjuntos significava um mês. Doze fileiras, com cinco linhas sobrando, e ele tinha um ano.

Ele fez a marca final no último conjunto e se afastou. Um ano ocupou metade da lateral de um servidor. Era difícil acreditar que um ano inteiro tinha se passado, um ano de vida no nível intermediário abaixo dos servidores. Ele sabia que aquilo não podia durar. Era insuportável imaginar os outros servidores cobertos daquelas marcas. O pai dissera que havia comida por dez anos para duas ou quatro pessoas. Ele não conseguia lembrar quantas. Isso significava pelo menos vinte com ele totalmente só. Vinte anos. Deu a volta no servidor e olhou para o corredor entre as fileiras. A porta prateada maciça ficava bem no final. Em algum momento, ele sabia que teria de sair. Iria enlouquecer se não fizesse isso. Já estava ficando louco. Aqueles dias eram cheios demais da mesma coisa.

Foi até a porta e tentou ouvir algum som do outro lado. Estava quieto, como às vezes ficava, mas ele ainda podia ouvir pancadas distantes ecoando em sua memória. Jimmy pensou em digitar os quatro números e dar uma olhada lá fora. Não conseguir ver o que havia do outro lado era a pior sensação imaginável. Quando as telas das câmeras pararam de funcionar foi como se um de seus cinco sentidos tivesse sido arrancado. Restou-lhe uma vontade enorme de abrir a porta, entreabrir um olho mantido fechado por tempo demais. Um ano contando dias. Contando os minutos desses dias. Um garoto não podia contar mais que isso.

Ele se afastou do teclado. Ainda não. Havia gente má lá fora, gente que queria entrar, que queria saber o que havia lá dentro, por que ainda havia energia naquele nível, quem ele era.

— Não sou ninguém — Jimmy dizia a eles quando tinha coragem de falar. — Ninguém.

Ele não tinha essa coragem com frequência. Sentia-se corajoso o suficiente só para ouvir os homens com os outros rádios lutarem. Corajoso por permitir que suas discussões enchessem seu mundo e sua cabeça, por ouvi-los discutir e contar quem tinha matado quem. Um grupo estava trabalhando nas fazendas, outro tentava impedir que a inundação saísse das minas e submergisse a Mecânica. Um tinha armas e

tomava cada migalha que os outros conseguissem encontrar. Uma mulher solitária chamou uma vez, gritando por ajuda, mas que ajuda Jimmy poderia oferecer? Pelos seus cálculos, devia haver cem pessoas ou mais lá fora em pequenos grupos, lutando e matando. Mas eles logo iriam parar. Tinham que parar. Mais um dia. Um ano. Não podiam continuar para sempre, podiam?

Talvez pudessem.

A passagem do tempo tinha ficado estranha. Era algo em que mais se *acreditava* do que se via. Ele precisava confiar até no fato de que o tempo estava passando. Não havia o reduzir da iluminação da escadaria nem o apagar das luzes para representar a chegada da noite. Não havia viagens para o topo e o brilho do sol para dizer que era dia. Havia apenas números em uma tela de computador contando tão lentamente que dava vontade de gritar. Números que, dia e noite, pareciam os mesmos. Era preciso contar com atenção para perceber que havia se passado um dia. A contagem fazia com que soubesse que estava vivo.

Jimmy pensou em dar uma corrida entre os servidores antes de ir para a cama, mas já tinha feito isso na véspera. Pensou em arrumar latas na ordem em que iria comê-las, mas já tinha três meses de refeições enfileiradas. Havia prática de tiro ao alvo, livros para ler, um computador no qual mexer, tarefas a fazer, mas nada disso parecia divertido. Ele sabia que provavelmente ia apenas rastejar para a cama e ficar olhando fixamente para o teto até que os números lhe dissessem que era o dia seguinte. Então ia pensar no que fazer.

76

Ano 2313 — Ano Dois
Silo 17

Semanas se passaram, marcações se acumularam, e a ponta da chave pendurada no pescoço de Jimmy já estava gasta. Ele despertou em mais uma manhã com remela nos olhos, como se tivesse chorado durante o sono, e levou seu café da manhã, uma lata de pêssegos e outra de abacaxi, até a grande porta de aço. Tirou a arma do ombro e sentou-se encostado no servidor número oito, apreciando o calor da máquina em funcionamento contra sua coluna.

Foi necessário muito raciocínio para entender como a arma funcionava. O pai tinha desaparecido com a que estava carregada, e quando Jimmy descobriu as caixas de armas e munição, o método de inserir os cartuchos brilhantes dentro da máquina se revelou um quebra-cabeça. Ele transformou a tarefa em um Projeto, como o pai costumava fazer com suas tarefas e reparos domésticos. Desde pequeno, Jimmy observara o pai desmontar computadores e outros equipamentos eletrônicos, arrumar todas as peças — cada pino, cada parafuso com sua respectiva porca — em um padrão organizado, para saber onde se encaixavam de novo. Jimmy fez o mesmo com um dos rifles. E depois com um segundo rifle, após ter derrubado acidentalmente as peças do primeiro com a bota.

Com o segundo, viu onde a munição ia parar e como chegava lá. A mola no carregador era dura, o que tornava difícil carregá-lo. Aprendeu que aquilo se chamava "pente" depois de ler o verbete "rifle" em um dos

volumes das caixas cheias de livros. Isso foi feito semanas após descobrir sozinho como a coisa funcionava, o que teve como resultado um buraco no teto.

Ele botou a arma no colo, sobre as coxas, e equilibrou as latas de frutas na parte larga da coronha. Abacaxi era sua favorita. Ele comia todo dia e via com tristeza o suprimento nas prateleiras diminuir. Nunca tinha ouvido falar em tal fruta, teve de procurar em outro dos livros. Os abacaxis o levaram a uma viagem atordoante pelas caixas de livros. O verbete *praias* o levou a *oceanos*. Este o confundiu com sua noção de escala. E depois foi a *peixes*. Ele se esqueceu de comer naquele dia enquanto explorava, e a sala do rádio e seu colchão ficaram atulhados com livros e caixas abertas. Precisou de uma semana para botar as coisas de volta no lugar. Depois daquilo, tornou a se perder inúmeras vezes em outras excursões.

Jimmy pegou seu abridor de latas enferrujado e o garfo favorito no bolso no peito e abriu a lata de pêssegos. Ouviu a saída do ar ao fazer o primeiro furo. Jimmy aprendera a não comer o conteúdo se não fizesse aquele som. Por sorte, os banheiros ainda estavam em funcionamento quando aprendeu essa lição. Jimmy sentia muita falta dos banheiros.

Ele comeu os pêssegos, saboreando cada mordida antes de beber a calda. Não tinha certeza se devia beber essa parte, o rótulo não dizia, mas era sua favorita. Pegou a lata de abacaxi e o abridor. Estava esperando ouvir a saída do ar quando ouviu o bipe do painel da grande porta de aço.

— Um pouco cedo — murmurou para os visitantes.

Ele pôs a lata de lado, lambeu o garfo e o botou de volta no bolso do macacão. Apoiou a arma embaixo do braço, sentou-se e esperou que a porta abrisse. Uma fresta, e ele abriria fogo.

Em vez disso, ouviu quatro bipes do teclado correspondentes a quatro números digitados seguidos por uma campainha que avisava que era o código errado. Jimmy segurou a arma com firmeza enquanto tentavam de novo. O mostrador do teclado só tinha espaço para quatro algarismos. Isso significava dez mil combinações, se você incluísse o

zero. A porta permitia três tentativas erradas antes de não aceitar novas até o dia seguinte. Jimmy tinha aprendido essas coisas muito tempo antes. Ele sentia como se sua mãe tivesse lhe ensinado essa regra, mas isso era impossível. A menos que ela o tivesse feito em sonho.

Ele ouviu os bipes do teclado, indicando outra tentativa, e em seguida a campainha. Mais um número eliminado, o que significava que o tempo estava se esgotando. O código era doze-dezoito. Jimmy criticou a si mesmo apenas por ter pensado o número; seu dedo foi para o gatilho, à espera. Mas pensamentos não podiam ser ouvidos. Ele costumava esquecer isso, porque ouvia os próprios pensamentos o tempo inteiro.

A terceira e última tentativa do dia teve início, e Jimmy mal podia esperar para comer seus abacaxis. Ele e aquelas pessoas tinham aquela rotina, aquelas três tentativas toda manhã. Apesar de assustador, era sua única dose de contato humano, e ele passara a contar com aquela regularidade. No servidor a suas costas, ele havia feito as contas. Imaginara que eles haviam começado no 0000 e estavam subindo a partir daí. Com três tentativas por dia, isso significava que iam acertar o código no dia 406, na segunda tentativa. Faltava menos de um mês para esse dia chegar.

Mas as contas de Jimmy não incluíam tudo. Havia o medo permanente de que pudessem ter pulado alguns números, que tivessem começado em outro ponto ou que pudessem ter sorte se estivessem digitando os códigos aleatoriamente. Pelo que Jimmy sabia, mais de um código podia abrir a porta. E como ele não tinha prestado atenção em como o pai alterara o código, ele não podia mudá-lo para outro mais próximo de 9999. Podia movê-lo para mais baixo também, é claro, na esperança de passar para um que eles já tivessem testado. Mas e se eles ainda não o houvessem experimentado? Tomar uma decisão e deixá-los entrar acidentalmente seria pior que não fazer nada e morrer. Ele não queria morrer, nem queria matar ninguém.

Seu cérebro girava nesse ritmo quando digitaram os quatro números seguintes. Quando a campainha do painel soou pela terceira e última vez

naquele dia, ele relaxou a empunhadura. Jimmy secou as mãos suadas nas coxas e apanhou o abacaxi.

— Olá, abacaxis — murmurou.

Ele baixou a cabeça e furou a lata, ouvindo com atenção.

Os abacaxis murmuraram em resposta. Disseram a ele que era seguro comê-los.

77

Ano 2313 – Ano Dois
Silo 17

A vida em sua essência, Jimmy aprendeu, era uma sucessão de refeições e movimentos intestinais. Havia algum sono no meio disso, também, mas era necessário pouco esforço. Ele só aprendeu essa grande Regra do Mundo quando a água parou de correr. Ninguém pensa em seu processo digestivo até a água parar de correr. Então isso passa ser a única coisa em que se pensa.

Jimmy começou a se aliviar em um canto da sala dos servidores, o mais longe possível da porta. Fez xixi na pia até terminar a água da torneira e começar a feder. Quando isso aconteceu, ele passou a utilizar a cisterna. A Ordem disse a ele em que página procurar e o que fazer. Era um livro terrivelmente chato, mas às vezes útil. Jimmy achou que esse era o objetivo. A água na cisterna, porém, não ia durar para sempre, por isso ele começou a beber o máximo possível do caldo das latas. Ele odiava sopa de tomate, mas tomava uma lata por dia. Seu xixi ficou laranja.

Certa manhã, Jimmy estava sugando as últimas gotas de uma lata de maçãs quando os homens chegaram para tentar os códigos. Aconteceu muito rápido. Quatro números, e o teclado bipou. A campainha não soou. Não rosnou nem gritou nem pareceu ter raiva. O teclado emitiu um bipe. E uma luz, que sempre tinha sido vermelha, pelo menos desde que Jimmy se lembrava, acendeu brilhante e assustadoramente verde.

Jimmy levou um susto. A lata aberta de pêssegos em seu joelho voou para longe e caiu no chão, espalhando calda para todo lado. Faltavam dois dias. Estavam dois dias adiantados.

A grande porta de aço fez barulhos. Jimmy deixou seu garfo cair e pegou a arma. Tirou a trava de segurança. Um *clique* com o polegar, um *tum* na porta. Vozes, vozes. Excitação de um lado, medo do outro. Ele apoiou a arma no ombro e desejou ter praticado na véspera. Amanhã. Ele ia se preparar amanhã. Eles estavam dois dias adiantados.

A porta fez barulhos, e Jimmy se perguntou se ele tinha deixado de marcar um ou dois dias. Teve a vez em que ele ficara doente e teve febre. Outra em que dormira lendo e não lembrava que dia era quando despertou. Talvez tivesse deixado de marcar um dia. Talvez as pessoas no corredor tivessem pulado um número. A porta se entreabriu.

Jimmy não estava preparado. A arma estava escorregando das suas mãos. Seu coração estava acelerado. Aquela era uma das coisas por que ele esperava havia muito tempo. Estava esperando tanto, com tanto fervor e concentração, mas era como soprar um balão, vendo-o se encher e se esticar cada vez mais, se esgarçando diante dos olhos, sabendo que está prestes a estourar, sabendo o tempo todo, mas quando explode, você se assusta, como se estivesse totalmente desprevenido.

Era uma dessas coisas. A porta se abriu mais. Havia uma pessoa do outro lado. E, por um instante, pela mais breve das pausas, Jimmy reconsiderou um ano de planejamento, um calendário de medo. Ali estava uma pessoa com quem falar e ouvir. Alguém com quem se revezar com a chave de fenda e o martelo agora que o abridor de latas estava quebrado. Alguém com um abridor de latas novo, talvez. Ali estava um Parceiro de Projeto, como seu pai costumava...

Um rosto. Um homem com um esgar de raiva. Um ano de planejamento, de tiros em latas de tomate vazias, ouvidos apitando, recarregando, lubrificando canos, lendo, e agora um rosto humano na abertura da porta.

Jimmy puxou o gatilho. O cano saltou para cima. E a expressão de raiva virou outra coisa: espanto misturado com pesar. O homem caiu,

mas outro abriu caminho, passou por ele e entrou na sala com algo preto na mão.

O cano saltou outra vez, e mais uma, e os olhos de Jimmy piscavam a cada disparo. Três tiros. Três balas. O homem que corria continuava a se aproximar, mas tinha o mesmo semblante triste, que foi desaparecendo enquanto caía e desmoronava a poucos passos de distância.

Jimmy esperou pelo homem seguinte. Ele o ouviu lá fora, xingando alto. E o primeiro homem em quem atirara ainda estava girando, como uma lata vazia que rolava e rolava muito tempo depois de ser acertada. A porta estava aberta. O exterior e o interior estavam ligados. O homem que tinha aberto a porta levantou a cabeça, com algo pior que tristeza no rosto, e de repente era seu pai lá fora. O pai no chão logo além da porta, morrendo no corredor. E Jimmy não sabia como aquilo era possível.

Os xingamentos ficaram mais baixos. O homem no corredor estava se afastando, e Jimmy encheu os pulmões pela primeira vez desde que o bipe da porta havia soado e a luz ficara verde. Ele não tinha pulsação. Havia uma única e longa batida do coração. Um zunido como o interior de um servidor em funcionamento.

Jimmy ouviu o último homem escapar e soube que era sua chance de fechar a porta. Ele se levantou e correu em volta do homem morto caído na sala do servidor com uma pistola perto da mão sem vida. Jimmy baixou a arma e se preparou para fechar a porta com o ombro quando pensou no dia seguinte, ou naquela noite, ou na próxima hora.

O homem que fugira agora sabia o número, levava-o com ele.

— Doze-dezoito — murmurou Jimmy.

Colocou a cabeça para fora da porta para dar uma olhada. Captou um vislumbre rápido de um homem desaparecendo em uma sala. Apenas o tremeluzir de um macacão verde, depois um corredor vazio absurdamente comprido e iluminado.

O homem moribundo em frente à porta gemia e se contorcia. Jimmy o ignorou. Empunhou a arma como havia praticado. Apontou na direção da abertura da porta da sala. Jimmy imaginou uma lata de sopa lá fora, pairando no corredor. Respirou e esperou. O homem gemendo

no chão rastejou para mais perto, com as mãos ensanguentadas tateando um ponto no chão. Havia aquela dor bem no meio da cabeça, uma velha cicatriz que cortava suas lembranças. Jimmy mirou o vazio no corredor e pensou na mãe e no pai. Parte dele sabia que estavam mortos, que tinham ido para algum lugar e nunca mais voltariam. O cano de sua arma tremeu.

O homem a seus pés se aproximou. Os gemidos tinham se reduzido a um murmúrio. Jimmy olhou para baixo e viu bolhas vermelhas espumando nos lábios do homem. A barba dele era mais cheia que a de Jimmy e estava encharcada de sangue. Jimmy virou o rosto, olhou para o ponto no corredor para onde seu rifle estava apontado e contou.

Estava em trinta e dois quando sentiu dedos tocarem suas botas, sem força.

Estava em cinquenta e um quando uma cabeça surgiu do lado de fora como uma lata de sopa arisca.

Os dedos de Jimmy fizeram pressão. Houve um golpe em seu ombro, e um ponto no fim do corredor ficou vermelho.

Ele esperou um instante, respirou fundo, depois afastou a bota da mão que tentava agarrar seu tornozelo. Encostou o ombro na porta que estava perigosamente aberta e empurrou. Trancas giraram e fizeram sons metálicos nas profundezas das paredes. Ele só os ouviu vagamente. Largou a arma e cobriu o rosto com as mãos enquanto perto dele, no chão da sala dos servidores, um homem morria. Dentro da sala dos servidores. Jimmy chorou, e o teclado bipou contente antes de ficar em silêncio, aguardando pacientemente por outro dia.

78

Ano 2345
Silo 1

Havia uma fileira de pranchetas familiares penduradas na parede do consultório do Dr. Wilson. Donald se lembrou de assinar seu nome em uma delas com uma falsa cerimônia. Lembrou de assinar a própria dispensa, autorizando o próprio congelamento profundo. Sentiu uma pontada de desconforto ao pensar em assinar aqueles formulários agora. O que escreveria? Sua mão tremeria ao escrever o nome de outra pessoa.

No meio do consultório, uma maca vazia trouxe de volta lembranças ruins. Um lençol limpo tinha sido esticado sobre ela com precisão militar, pronto para o próximo a ser posto para dormir. O Dr. Wilson conferiu seu computador à procura do próximo a ser despertado enquanto seus dois assistentes faziam os preparativos. Um deles dissolvia duas colheres de um pó verde em um recipiente com água morna. Donald podia sentir o cheiro do preparado do outro lado da sala. Aquilo fez seu rosto se contorcer, mas ele observou cuidadosamente de que armário viera o pó, que quantidade tinha sido usada e fez todas as perguntas que passaram por sua cabeça.

O outro assistente dobrou um cobertor limpo e o ajeitou sobre o encosto de uma cadeira de rodas. Havia uma bata de papel. Um kit de primeiros socorros foi aberto e devolvido à embalagem: luvas, medicamentos, gaze, ataduras, esparadrapo. Tudo era feito com

silenciosa eficiência. Aquilo fez Donald se lembrar dos homens atrás do balcão que serviam o café da manhã com o mesmo cuidado habitual.

Um número foi lido em voz alta para confirmar quem eles iam despertar. Aquele técnico do reator, como a irmã de Donald, tinha sido reduzido a um número, um lugar em um esquema, uma célula de uma planilha. Como se nomes inventados fossem melhores. De repente, Donald viu como sua troca podia ter sido feita facilmente. Ele observou uma papelada ser preenchida — sua assinatura não foi necessária — e jogada em uma caixa. Aquela era uma parte do processo que ele podia ignorar. Não haveria traço do que ele tinha planejado.

O Dr. Wilson saiu primeiro pela porta. Os assistentes seguiram com a cadeira de rodas cheia de suprimentos, e Donald foi atrás.

O técnico que iam acordar estava dois níveis abaixo, o que significava pegar o elevador. Um dos assistentes observou distraidamente que restavam três dias para terminar seu turno.

— Sorte a sua — disse o outro assistente.

— É, então pega leve com meu cateter — brincou ele, e até o Dr. Wilson riu.

Donald não riu. Estava ocupado se perguntando como seria o turno *final*. Ninguém parecia pensar muito além do turno seguinte. Eles ansiavam pelo fim de um e ficavam apreensivos por terem que fazer outro. Aquilo o lembrava de Washington, onde todos com quem tinha trabalhado esperavam chegar até o fim e cumprir outro mandato, apesar de odiarem ter que disputá-lo. Donald havia caído na mesma armadilha.

As portas do elevador se abriram para outro corredor gelado. Ali havia salas cheias de trabalhadores de turnos, a maioria da população reserva do silo espalhada por dois níveis idênticos. O Dr. Wilson os conduziu pelo corredor e liberou com sua senha a passagem pela terceira porta à direita. Uma câmara de corpos adormecidos se estendia a distância até encontrar a pele de concreto do silo.

— Fileira vinte, coluna quatro — disse ele, apontando.

Foram até a cápsula. Era a primeira vez que Donald via aquela parte do procedimento. Ele havia ajudado a botar outros para dormir, mas

nunca ajudara a despertar ninguém. Armazenar o corpo de Victor tinha sido algo totalmente diferente. Aquilo tinha sido um funeral.

Os assistentes se dispuseram em torno da cápsula. O Dr. Wilson se ajoelhou junto ao painel de controle, parou e olhou para Donald, esperando.

— Certo — disse Donald.

Ele se ajoelhou e observou por cima do ombro o médico.

— A maior parte do processo é automatizada — admitiu o médico, um tanto envergonhado. — Na verdade eles podiam me substituir por um macaco de circo e ninguém notaria a diferença. — Ele virou e olhou para Donald enquanto digitava sua senha e apertava um botão vermelho. — Sou como o senhor, Pastor. Só estou aqui para o caso de alguma coisa dar errado.

O médico sorriu. Donald não.

— Vai demorar alguns minutos até a trava abrir. — Ele tocou o mostrador. — A temperatura aqui vai subir até trinta e um graus Celsius. A corrente sanguínea está recebendo uma injeção enquanto essa luz estiver piscando.

A luz estava piscando.

— Injeção de quê? — perguntou Donald?

— Nanos. O processo de congelamento mataria um ser humano normal, razão pela qual imagino que tenha sido proibido por lei.

Um ser humano normal. Donald se perguntou o que diabo ele era, então. Ele ergueu a palma da mão e estudou as manchas vermelhas. Ele se lembrou de uma luva rolando por uma encosta.

— Vinte e oito — disse o Dr. Wilson. — Quando chegar a trinta, a tampa vai se soltar. Agora é quando gosto de agir e interromper o dial de temperatura, em vez de esperar até o fim. Para não esquecer. — Ele girou o dial abaixo do leitor de temperatura. — Ele não para o processo. Depois de começar, ele só segue em uma direção.

— E se alguma coisa der errado? — perguntou Donald.

O Dr. Wilson franziu a testa.

— Eu disse ao senhor. É por isso que estou aqui.

— Mas e se alguma coisa acontecesse com o senhor? Ou se o senhor fosse chamado com urgência.

O médico puxou o lobo da orelha.

— Eu aconselharia a botá-los para dormir outra vez até que eu pudesse voltar. — Ele riu. — Claro, talvez os nanos pudessem consertar as coisas antes de mim. Se você voltar o dial da temperatura para o início, é só fechar a tampa. Mas eu não vejo como isso poderia acontecer.

Donald via. Ele observou a temperatura subir até vinte e nove. Os dois assistentes se prepararam enquanto esperavam a cápsula abrir. Um carregava uma toalha junto com o cobertor e a bata de papel. A embalagem com o kit de primeiros socorros estava sobre a cadeira de rodas, aberta. Os dois homens usavam luvas de borracha azuis. Um deles puxou um pedaço de esparadrapo e o prendeu na haste que servia para empurrar a cadeira de rodas. Uma embalagem de gaze foi bruscamente rasgada e o recipiente com a bebida amarga foi agitado com força.

— E minha senha dá início a esse processo? — perguntou Donald, pensando se estaria se esquecendo de alguma coisa.

O Dr. Wilson riu. Ele pôs as mãos nos joelhos e levantou com dificuldade.

— Imagino que sua senha abra a câmara pressurizada. Será que tem alguma coisa à qual o senhor não tenha acesso?

Uma luva estalou. A tampa emitiu um chiado quando a trava se soltou.

À verdade, queria dizer Donald. Mas ele estava planejando chegar a ela muito em breve.

A tampa emitiu um estalido e uma fresta se abriu, depois um dos assistentes a ergueu e a levantou totalmente. Dentro havia um homem jovem e bonito. Seu rosto se contraía à medida que ele recobrava a consciência. Os assistentes começaram a trabalhar, e Donald tentou se lembrar de cada detalhe do procedimento. Pensou na irmã no salão acima dele, deitada adormecida, à espera.

— Quando nós o levarmos até o consultório — disse o Dr. Wilson —, vamos verificar seus sinais vitais e extrair amostras para exames. Se eles têm algum objeto nos escaninhos, mandamos um dos rapazes buscar.

— Escaninhos? — Donald observou a remoção de um cateter, uma agulha ser extraída de um braço.

Esparadrapo e gaze foram aplicados enquanto o homem na cápsula sugava o líquido por um canudo, fazendo cara feia por causa do sabor amargo.

— Objetos pessoais. Qualquer coisa deixada dos turnos anteriores. Pegamos para eles.

Os assistentes ajudaram o homem a vestir a bata, depois grunhiram ao erguê-lo da cápsula vaporosa. Donald afastou o kit de primeiros socorros e segurou a cadeira de rodas para eles. O cobertor já estava estendido sobre o assento. Enquanto colocavam o homem no lugar, Donald pensou no envelope com a palavra *Turno* deixado em sua cama, o que tinha em seu interior os objetos pessoais de Thurman. Havia um pequeno número escrito no envelope parecido com o que havia no recado de Anna. Aquele número no bilhete não era uma data.

Então ele entendeu. *RSC.* era um erro de digitação. Ele procurou onde o E e o R ficavam no teclado, se era um erro provável. Será que Anna quisera escrever ESC., abreviatura de escaninho?

A confluência de pistas atravessou o frio do ambiente e, por um instante, a ideia de acordar sua irmã foi esquecida. Outros fantasmas adormecidos estavam sussurrando para ele, nublando sua mente.

79

Ano 2345
Silo 1

Donald ajudou a acompanhar o homem grogue até os consultórios médicos enquanto um dos assistentes ficou para trás para limpar a cápsula. Sem se preocupar em ver o Dr. Wilson extrair as amostras, Donald se ofereceu para ir buscar os objetos pessoais do técnico. O assistente lhe deu instruções para ir até um dos níveis de armazenamento no coração do silo.

Havia ao todo dezesseis níveis de depósitos, sem contar o arsenal. Donald entrou no elevador e apertou o botão desgastado para o almoxarifado no cinquenta e sete. O número de identificação do técnico do reator tinha sido anotado em um pedaço de papel. O número do recado de Anna estava vivo em sua mente. Ele imaginara que era uma data, 2 de novembro de 2039. Tornava o número fácil de lembrar.

O elevador desacelerou e parou, e Donald atravessou suas portas para a escuridão. Passou a mão pelo painel de interruptores de luz na parede. As lâmpadas no teto ganharam vida com os distantes estampidos surdos de transformadores e relés antigos entrando subitamente em ação. Um labirinto de estantes altas surgiu à medida que as luzes iam se acendendo, primeiro a distância, depois mais perto, e em seguida à direita, como se um mosaico que se revela, uma peça aleatória por vez. Os escaninhos ficavam bem no fundo, depois das estantes. Donald começou a longa caminhada enquanto as últimas lâmpadas ainda acendiam.

Um precipício de estantes de aço, carregadas de vasilhas plásticas lacradas, o engoliu. Os recipientes pareciam se inclinar sobre sua cabeça. Se olhasse para cima, quase esperava que as estantes se tocassem bem no alto, que se encontrassem como trilhos de trem. Muitos recipientes estavam vazios e sem identificação, à espera que turnos futuros os preenchessem. Todas aquelas anotações que ele e Anna haviam produzido em seu último turno deviam estar em recipientes como aqueles. Eles deviam preservar a história do Silo 40 e todas aquelas instalações infelizes ao seu redor. Eles iriam contar sobre as pessoas do Silo 18 e os esforços de Donald para salvá-las. Mas e se não fosse assim? E se essa crise atual, essa limpadora perdida, fosse de algum modo culpa dele?

Ele passou por caixas classificadas por datas, por silo, por nome. Havia passagens entre as estantes, corredores estreitos, largos o suficiente para os carrinhos retirarem dali papel em branco e cadernos e levá-los de volta pesando só um pouco mais por causa da tinta. Aliviado de sua claustrofobia, Donald deixou as estantes e chegou à parede dos fundos da instalação. Ele olhou para trás por cima do ombro e viu a distância que tinha percorrido, imaginou as luzes se apagando de repente e ele incapaz de encontrar o caminho de volta até o elevador. Talvez cambaleasse em círculos até morrer de sede. Olhou para as luzes acima e se deu conta da própria fragilidade, de como dependia da energia e da luz. Foi tomado por uma onda de medo familiar, o pânico de ser enterrado no escuro. Donald se encostou por um instante em um dos escaninhos para recuperar o fôlego. Tossiu protegendo a boca com o lenço e lembrou a si mesmo que a morte não seria a pior das coisas.

Quando o pânico passou e ele superou a vontade de correr de volta para o elevador, entrou no corredor de escaninhos. Devia haver milhares deles. Muitos eram pequenos como caixas postais, com aproximadamente vinte centímetros de largura e uma profundidade do tamanho de seu braço, considerando a largura das unidades. Ele murmurou para si mesmo o número que estava no recado de Anna. O de Erskine também estaria ali embaixo, e o de Victor. Perguntou-se se

aqueles homens tinham algum segredo escondido e se lembrou de voltar e conferir.

Os números nos escaninhos cresciam à medida que ele caminhava por um dos corredores. Os dois primeiros dígitos estavam longe do número de Anna. Ele entrou em uma transversal para buscar o lugar certo e viu um grupo que começava com quarenta e três. Seu número de identificação começava com quarenta e quatro. Talvez seu escaninho ficasse ali perto.

Donald imaginou que estivesse vazio, mesmo ao se ver atraído por seu número de identificação. Ele nunca havia deixado nada de um turno para outro. Os números avançavam em uma série previsível até que ele se encontrou parado diante de uma pequena porta de metal com seu número de identificação nela, o número de Troy. Não havia trinco, só um botão. Ele o apertou com o nó do dedo, preocupado que houvesse um escâner de impressões digitais ou algo igualmente merecedor de sua paranoia. O que iriam pensar se vissem Thurman olhando o escaninho daquele homem? Era fácil esquecer aquela farsa. Era parecido com a demora entre ouvir o nome do senador e perceber que era com Donald que estavam falando.

Houve um suspiro suave quando a porta do escaninho se entreabriu, seguido pelo ranger de dobradiças sem uso. O som lembrou a Donald que tudo lá embaixo, as caixas, vasilhas e escaninhos, era protegido do ar. Mesmo o ar que respiravam era cáustico e cheio de coisas invisíveis, como oxigênio corrosivo e outras moléculas famintas. A única diferença entre o ar bom e o ar ruim era a velocidade com que trabalhavam. As pessoas viviam e morriam rápido demais para ver a diferença.

Pelo menos antes era assim, pensou Donald ao enfiar a mão no escaninho.

Surpreendentemente, ele não estava vazio. Havia uma embalagem plástica em seu interior, enrugada e fechada a vácuo como a de Thurman. Só que no alto daquela embalagem estava escrito *Legado* em vez de *Turno*. Dentro dele, encontrou calças marrons e uma camisa vermelha familiares. As roupas o martelaram com recordações. Elas o

fizeram se lembrar do homem que costumava ser, de um mundo em que costumava viver. Donald apertou a embalagem, densa devido à ausência de ar, e olhou para o corredor vazio de alto a baixo.

Por que eles guardariam aquelas coisas? Seria para que pudesse emergir do subsolo vestido do mesmo jeito que estava quando chegou? Como um presidiário saindo, hesitante, piscando e protegendo os olhos, vestindo roupas fora de moda? Ou era porque armazenamento era a mesma coisa que depósito de lixo? Havia dois níveis inteiros em cima daquele nos quais o lixo não reciclável era compactado em cubos tão densos quanto ferro e empilhados até o teto. Aonde mais eles deviam botar seu lixo? Em um buraco no chão? Eles viviam em um buraco no chão.

Donald ficou intrigado com isso enquanto abria o zíper plástico no alto da embalagem. Um leve odor de lama e grama escapou, um sopro de dias passados. Ele abriu mais o saco, e suas roupas desabrocharam para a vida quando o ar penetrou em seu interior. Houve um impulso para vestir as roupas velhas, fingir que aquele mundo não havia acabado. Em vez disso, resolveu enfiar a embalagem de volta no escaninho, e então seus olhos captaram um reflexo, um brilho amarelo.

Donald enfiou a mão além das roupas e pegou sua aliança. Enquanto a puxava, sentiu um objeto duro. Ele segurou a aliança em uma das mãos e enfiou a outra novamente, tateou e procurou em meio às dobras das roupas. O que ele estava carregando naquele dia? Não eram seus comprimidos. Ele os havia perdido em uma queda. Não eram as chaves do quadriciclo, que Anna tinha tomado dele. Suas chaves e sua carteira estavam no paletó, não chegaram ao subsolo para a orientação...

O telefone. Donald o encontrou no bolso da calça. Sentiu o peso do objeto, a curva de sua forma de plástico. Era como se o celular tivesse voltado para casa. Ele devolveu a embalagem ao escaninho, enfiou a aliança no bolso do macacão e apertou o botão de ligar no velho celular. Claro que estava descarregado. Havia muito tempo. Nem no dia em que ele tinha perdido Helen o aparelho estava funcionando direito.

Donald botou o telefone no bolso por força de hábito, o tipo de hábito que o tempo não pôde afetar. Tocou a aliança no bolso, pegou-a e certificou-se de que ainda cabia, e se lembrou da mulher. Pensar em Helen o levou a pensar em Mick e seus filhos juntos. Tristeza e náusea se misturaram. Ele enfiou as roupas no fundo do escaninho e fechou a porta, tirou a aliança e a jogou no bolso com o telefone velho. Donald virou e seguiu na busca do escaninho de Anna. Ele ainda tinha que pegar também os objetos pessoais do técnico.

Algo o incomodava enquanto procurava os escaninhos, alguma conexão, mas ele não conseguia descobrir o que era.

Para um dos lados, havia uma área do depósito ainda às escuras, onde uma lâmpada estava apagada, e Donald pensou no Silo 40 e na disseminação de escuridão no turno anterior. Eren dera fim ao que quer que estivesse acontecendo por lá. Uma bomba fizera a poeira cair dos canos que trepidaram no teto. E agora as profundezas de sua mente se agitavam e faziam conexões ainda mais complexas. Relacionadas a Anna. Por alguma razão ele havia sido levado a seu escaninho. Ele envolveu o celular na mão dentro do bolso e lembrou por que ela fora acordada da última vez. Lembrou sua especialização em sistemas sem fio, com hackeamento.

A distância, uma luz se apagou com um barulho, e Donald sentiu a escuridão se fechar sobre ele. Não havia nada lá embaixo para ele, nada além de lembranças ruins e a compreensão de coisas horríveis. Seu coração bateu mais forte à medida que algo em que ele encarecidamente não queria acreditar foi tomando forma. Seu telefone não havia funcionado direito no dia em que as bombas caíram; ele não havia conseguido entrar em contato com Helen. Além disso, houve todas as vezes antes em que ele não conseguira falar com Mick, as noites em que ele e Anna passaram sozinhos.

E agora tinham sido deixados sozinhos de novo, naquele silo. Mick havia trocado de lugar com ele na última hora. Donald se lembrava de uma conversa em um apartamento pequeno. Mick fizera um tour com

ele, levara-o a uma sala e lhe dissera que se lembrasse dele ali embaixo, que era o que ele desejava.

Donald deu um tapa em um dos escaninhos. O barulho alto abafou seu xingamento. Devia ser Mick ali, congelando e derretendo, enlouquecendo aos poucos. Em vez disso, Mick havia lhe roubado a vida familiar com a qual sempre implicara. E ele tinha ajudado a fazer isso.

Donald se apoiou nos escaninhos. Pegou o lenço, levou-o à boca e tossiu. Imaginou o amigo consolando Helen. Pensou nos filhos e netos que eles tiveram juntos. Uma raiva assassina fervilhou dentro dele. Aquele tempo todo se culpando por não conseguir chegar até Helen. Todo aquele tempo culpando Helen e Mick pela vida que ele havia perdido. E tinha sido Anna, a engenheira. Anna quem destruíra sua vida. Ela tinha feito aquilo com ele. Ela o levara até ali.

80

Ano 2345
Silo 1

Donald apanhou as coisas nos outros dois escaninhos como se estivesse em um sonho. Entorpecido, pegou o elevador de volta para o consultório do Dr. Wilson e lá deixou os objetos pessoais do técnico do reator. Pediu ao Dr. Wilson alguma coisa que o ajudasse a dormir aquela noite e prestou bastante atenção ao local de onde vinham os comprimidos. Quando Wilson saiu para o laboratório com suas amostras, Donald pegou mais comprimidos. Ele os esfarelou, acrescentou duas colheres do pó e fez uma bebida amarga. Ele não tinha plano. Suas ações seguiam-se roboticamente uma após outra. Havia uma crueldade em sua vida com a qual ele desejava acabar.

Desceu até o congelamento profundo. Empurrando à sua frente uma cadeira de rodas, ele encontrou a cápsula sem dificuldade. Donald passou o indicador pela superfície lisa da máquina com cautela, como se ela pudesse cortá-lo. Lembrou-se de tocar o corpo dela daquela maneira, sempre com medo, nunca conseguindo se entregar direito nem repeli-la. Quanto mais prazer sentia, mais doía. Cada carícia tinha sido um desrespeito para com Helen.

Tirou o dedo e o segurou com a outra mão para deter algum sangramento imaginário. Era perigoso estar perto dela. A nudez de Anna estava do outro lado daquela cápsula blindada, e ele estava prestes a abri-la. Olhou ao redor para os vastos corredores do congelamento

profundo e ainda estava completamente só. O Dr. Wilson estaria em seu laboratório por algum tempo.

Donald se ajoelhou na extremidade da cápsula e digitou sua senha. Uma pequena parte dele torceu para que não funcionasse. Aquele era um poder grande demais, a habilidade de dar e tirar vidas. Mas o painel emitiu um bipe. Donald firmou a mão e girou o dial como lhe fora mostrado.

O resto era esperar. As temperaturas subiam, e sua raiva diminuía. Donald pegou a bebida e a agitou. Ele se assegurou de que tudo estava no lugar.

Quando a tampa se abriu um pouco com um chiado, Donald enfiou os dedos na fresta e a abriu por completo. Com as mãos no interior, removeu cuidadosamente os tubos da agulha do braço de Anna. Um fluido espesso vazou da agulha. Ele viu como a válvula de plástico na extremidade funcionava e a girou até estancar o gotejamento. Desdobrou um cobertor que estava no encosto da cadeira de rodas e o enrolou em volta dela. Seu corpo já estava quente. O gelo derretia na superfície interna da cápsula e se juntava em pequenas canaletas de escoamento. O cobertor, percebeu, era principalmente para ele.

Anna estremeceu. Donald afastou o cabelo da testa dela enquanto seus olhos piscavam. Seus lábios se entreabriram, e ela emitiu um gemido suave, cheio de décadas de sono. Donald conhecia aquela rigidez, aquela frieza profunda nas articulações. Ele odiava fazer aquilo com ela. Odiava o que havia sido feito com ele.

— Calma — disse ele quando ela começou a tatear o ar com membros trêmulos.

Sua cabeça balançava sem forças de um lado para outro, murmurando alguma coisa. Donald a ajudou a se sentar e ajeitou o cobertor para mantê-la aquecida. A cadeira de rodas permanecia silenciosa ao lado dele com um kit de primeiros socorros e uma garrafa térmica. Donald não fez nenhum movimento para tirá-la dali nem para ajudá-la a ir até a cadeira de rodas.

Olhos que piscavam e viam tudo ao redor finalmente pararam em Donald. Eles se estreitaram ao reconhecê-lo.

— Donny...

Ele leu seu nome nos lábios dela tanto quanto a escutou.

— Você veio me buscar — sussurrou ela.

Donald a observava tremer; lutou contra a vontade de esfregar suas costas ou envolvê-la em seus braços.

— Que ano? — perguntou ela, lambendo os lábios. — Está na hora?

Seus olhos agora estavam bem abertos e molhados de medo. Gelo derretido escorria por seu rosto.

Donald se lembrava de despertar daquela maneira, com seus sonhos mais recentes ainda nublando os pensamentos.

— É hora da verdade — disse ele. — Você é a razão de eu estar aqui, não é?

Anna o olhou fixamente, sem qualquer expressão, com a mente enevoada. Ele podia perceber isso no movimento de seus olhos, no modo como seus lábios secos permaneceram afastados, na lentidão do processamento que ele bem conhecia das vezes que haviam feito aquilo com ele, das vezes que o haviam despertado.

— Sou. — Ela balançou a cabeça muito levemente. — Meu pai nunca ia nos despertar. O congelamento profundo... — A voz dela era um sussurro. — Ainda bem que você veio. Eu sabia que você viria.

Uma de suas mãos escapou do cobertor e segurou a beira da cápsula como que para sair dali. Donald pôs a mão em seu ombro. Ele se virou e pegou a garrafa térmica na cadeira de rodas. Tirou a mão dela da cápsula e fez com que segurasse a bebida. Ela se agitou, liberou o outro braço e segurou a garrafa térmica contra os joelhos.

— Eu quero saber por quê — disse ele. — Por que você me trouxe *para cá*? Para este lugar.

Ele olhou para as cápsulas ao redor, aqueles túmulos contrários às leis da natureza que mantinham a morte afastada.

Anna olhou para ele. Estudou a garrafa térmica e o canudo. Donald soltou o braço dela, enfiou a mão no bolso e pegou o celular. Anna

voltou sua atenção para o aparelho.

— O que você fez naquele dia? — perguntou ele. — Você me manteve longe dela, não foi? E a noite em que nos encontramos para finalizar os projetos, todas as vezes que Mick faltava uma reunião, isso também era você.

Uma sombra passou pelo rosto de Anna. A percepção de algo profundo e sombrio. Donald estava esperando uma resposta dura, com determinação de aço, negações. Em vez disso, Anna pareceu triste.

— Faz tanto tempo — disse ela, balançando a cabeça. — Sinto muito, Donny, mas isso faz tanto tempo.

Os olhos dela moveram-se para além dele, na direção da porta, como se ela estivesse esperando perigo. Donald olhou para trás por cima do ombro e não viu nada.

— Precisamos sair daqui — resmungou ela com voz fraca e distante. — Donny, meu pai, eles fizeram um pacto...

— Eu quero saber o que você fez — disse ele. — Me conte.

Ela balançou a cabeça.

— O que Mick e eu fizemos... Donald, na época parecia a coisa certa. Desculpe. Mas eu preciso contar outra coisa a você. Uma coisa mais importante. — A voz dela estava baixa e hesitante. Ela umedeceu os lábios e olhou para o canudo, mas Donald mantinha a mão em seu braço. — Meu pai me acordou para outro turno enquanto você estava no congelamento profundo. — Ela levantou a cabeça e fixou os olhos nele. Seus dentes batiam enquanto ela organizava os pensamentos. — E eu descobri uma coisa...

— Pare — disse Donald. — Chega de histórias. Sem mentiras. Só a verdade.

Anna afastou o olhar. Seu corpo foi atravessado por um espasmo, um grande tremor. Seu cabelo emanava vapor, e a condensação descia correndo pela superfície da cápsula em surtos repentinos de velocidade.

— Era para ser desse jeito — disse ela. A confissão estava no modo como ela disse isso, na sua recusa em olhar para ele. — Era para ser. Você e eu juntos. Nós construímos isso aqui.

Donald se agitou com raiva renovada. Suas mãos tremiam mais que as dela.

Anna se inclinou para a frente.

— Eu não podia suportar a ideia de você morrer lá sozinho.

— Eu não teria ficado sozinho — rosnou entre os dentes. — E não cabia a você decidir essas coisas. — Ele agarrou a beirada da cápsula com as mãos e a apertou até os nós de seus dedos ficarem brancos.

— Você precisa ouvir o que eu tenho a dizer — interrompeu Anna.

Donald esperou. Qual seria a explicação ou desculpa? Ela havia tirado dele o pouco que o pai dela havia deixado. Thurman destruíra o mundo, e Anna destruíra o mundo de Donald. Ele esperou para ouvir o que ela tinha a dizer.

— Meu pai fez um pacto — disse ela, com a voz ganhando força. — Nós nunca deveríamos ser despertados. Temos que sair daqui. Preciso de sua ajuda...

Aquilo de novo. Ela não se importava que o tivesse destruído. Donald sentiu sua raiva diminuir. Ela se dissipou por todo seu corpo, parte dele, uma energia poderosa que ia e vinha como uma onda no oceano, sem força suficiente para se manter de pé, quebrando com um chiado e um suspiro.

— Beba — disse para ela, erguendo seu braço com delicadeza. — Depois você pode me contar. Pode me contar como posso ajudar você.

Anna piscou. Donald pegou o canudo e o levou aos lábios dela. Lábios que iriam lhe contar qualquer coisa, mantê-lo confuso, usá-lo para que ela se sentisse menos vazia, menos sozinha. Ele tinha ouvido o suficiente de suas mentiras, de todo o seu veneno. Dar a ela um ouvido era oferecer-lhe uma veia.

Os lábios de Anna se fecharam em torno do canudo, e suas bochechas se encolheram enquanto sugava. Uma coluna de um verde repugnante subiu pelo canudo.

— Tão amargo — murmurou depois do primeiro gole.

— Shhh — fez Donald. — Beba. Você precisa disso.

Ela bebeu enquanto Donald segurava a garrafa térmica. Anna parava entre goles para contar a ele que precisavam sair dali, que não era seguro. Ele concordava e conduzia o canudo de volta aos seus lábios. Ela era o perigo.

Ainda restava um pouco da bebida quando ela olhou para ele, confusa.

— Por que estou... com sono? — perguntou.

Anna piscou lentamente, lutando para manter os olhos abertos.

— Você não devia ter me trazido para cá — disse Donald. — Não era para nós vivermos desse jeito.

Anna esticou o braço e segurou o ombro de Donald. Ela pareceu entender. Donald sentou-se na beirada da cápsula e passou o braço em torno dela. Enquanto ela se jogava sobre ele, ele se lembrou da noite do primeiro beijo dos dois. Na época da faculdade, ela tinha bebido demais e acabou dormindo no sofá da casa de sua fraternidade, com a cabeça em seu ombro. E Donald passou o restante da noite daquele jeito, com o braço preso e dormente, enquanto uma festa acontecia até que finalmente terminasse. Eles acordaram na manhã seguinte, com Anna se movendo antes dele. Ela sorriu e lhe agradeceu, chamou-o de seu anjo da guarda e o beijou.

Isso parecia ter sido vários séculos antes. Várias eras. As vidas não deviam durar tanto tempo. Mas Donald se lembrava do som da respiração de Anna naquela noite como se tivesse sido ontem. Lembrava-se de dividirem uma cama em seu último turno, da cabeça dela em seu peito enquanto dormiam. E então ele a ouviu, bem ali naquele instante, quando ela inspirou, de modo trêmulo e repentino, pela última vez. Um suspiro. Seu corpo se enrijeceu por um instante, em seguida unhas frias e trêmulas se afundaram em seu ombro. E Donald a segurou enquanto aquele toque relaxava aos poucos, enquanto Anna Thurman dava seu último suspiro.

81

Ano 2318 — Ano Sete
Silo 17

Algo ruim estava acontecendo com as latas. No início, Jimmy não tinha certeza. Havia percebido pequenas manchas marrons em uma lata de beterraba meses antes e não dera importância. Agora, cada vez mais latas estavam cobertas por elas. E o conteúdo também estava com gosto um pouco diferente. Essa parte podia ser sua imaginação, mas com certeza estava passando mal do estômago com mais frequência, o que estava deixando a sala dos servidores com um cheiro horroroso. Ele não gostava de passar nem perto do canto do cocô — as moscas estavam rondando demais por ali, o que significava ter de defecar em outros lugares, cada vez mais longe. Com o tempo, acabaria defecando em toda parte, e as moscas não levavam seus dejetos embora com a rapidez que ele os produzia.

Ele sabia que precisava sair. Não tinha escutado nenhuma atividade recente nos corredores, ninguém tentando a porta. Mas a sala que antes parecia uma prisão agora parecia o único lugar seguro. E a ideia de sair, antes desejável, agora o deixava morto de medo. Ele só conhecia a própria rotina. Fazer algo diferente parecia loucura.

Ele adiou por dois dias, transformando a preparação em Projeto. Desmontou seu rifle favorito e lubrificou todas as peças antes de montá-lo outra vez. Havia uma caixa de munição da sorte, da qual bem poucas haviam falhado ou travado durante jogos de tiro ao alvo, por isso esvaziou dois pentes e os encheu apenas com aquelas balas mágicas. Um

macacão extra foi transformado em mochila amarrando as pernas nas mangas para fazer as alças e amarrando o buraco do pescoço. O zíper na frente era um ótimo fecho. Ele encheu aquilo com duas latas de salsicha, duas de abacaxi e duas de suco de tomate. Não achava que fosse demorar tanto, mas não tinha como saber.

Tocou o peito para se assegurar de que sua chave estava pendurada no pescoço. Ele nunca a tirava, mas tinha o hábito de tocar o peito mesmo assim para garantir que ela estava mesmo lá. Uma marca roxa na altura de seu esterno indicava que fazia isso com demasiada frequência. Pôs um garfo e uma chave de fenda enferrujada no bolso da frente do macacão, para perfurar e abrir as latas. Jimmy precisava muito encontrar um abridor. Isso e pilhas para sua lanterna eram as prioridades. A energia só tinha falhado duas vezes ao longo dos anos, mas ambas as vezes o haviam deixado com terror do escuro. E conferir o tempo todo se a lanterna estava funcionando gastava as pilhas.

Cofiando a barba, pensou no que mais iria precisar. Não lhe restava muita água na cisterna, mas talvez encontrasse alguma lá fora, por isso pegou duas garrafas vazias de anos anteriores. Deu um pouco de trabalho encontrá-las. Ele teve de procurar atrás da montanha de latas vazias em um canto da despensa, com moscas o atormentando e gritando para que as deixasse em paz.

— Estou vendo vocês, estou vendo vocês — respondia ele. — Sumam daqui.

Na cozinha, ele pegou a faca grande, a que não tinha quebrado a ponta, e também botou na mochila improvisada. Quando reuniu coragem para sair, no segundo dia, decidiu que era tarde demais para começar. Por isso desmontou a arma e a lubrificou mais uma vez e prometeu a si mesmo que sairia na manhã seguinte.

Jimmy não dormiu bem aquela noite. Ele deixou o rádio ligado para o caso de haver alguma conversa, e o chiado o fez sonhar com o ar do exterior vazando pela grande porta de aço. Acordou mais de uma vez sem conseguir respirar e teve dificuldade para voltar a pegar no sono.

De manhã, verificou as câmeras, mas elas continuavam sem funcionar. Desejou ter a do corredor. Tudo o que ela mostrava era negro. Disse a si mesmo que não havia ninguém lá, mas logo haveria. Estava prestes a ir lá para fora. *Fora*.

— Está tudo bem — disse a si mesmo.

Pegou o rifle, que cheirava a óleo, e ergueu sua mochila, que podia usar como roupa em uma emergência, se fosse necessário, pensou de repente. Riu de seu pensamento e seguiu para a escada.

— Vamos, vamos — disse, animando a si mesmo enquanto subia.

Tentou assoviar, em geral assoviava muito bem, mas sua boca estava seca demais. Em vez disso, cantarolou uma música que seus pais costumavam cantar para ele.

A bolsa e a arma estavam pesadas. Penduradas em seu antebraço, atrapalhavam na hora de abrir a tranca no alto da escada, mas ele finalmente conseguiu. Botou a cabeça para fora e parou para admirar o ruído suave das máquinas. Algumas emitiam baixos estalidos como se suas entranhas estivessem ocupadas. Ao longo dos anos, ele havia tirado a maioria dos painéis traseiros para olhar seu interior e ver se continham segredos, mas todas tinham interiores parecidos com os dos computadores que seu pai costumava montar.

O fedor de seus próprios dejetos o saudou enquanto se movia entre as torres altas. Não era assim que se devia saudar alguém, pensou. As caixas pretas produziam um calor terrível, que só tornava o cheiro pior.

Ele parou em frente à grande porta de aço e hesitou. O mundo de Jimmy estava encolhendo a cada dia. Primeiro, ele estava confortável naqueles dois níveis, a sala com as máquinas e o labirinto abaixo. Depois, passou a ficar confortável apenas embaixo. Em seguida, até o corredor escuro e a escada alta começaram a assustá-lo. Logo ele se limitou à sala dos fundos com todas as camas e depósitos com seus cheiros estranhos, até que o único lugar em que se sentia seguro era em sua cama improvisada junto à mesa do computador, com o estalar do rádio ao fundo.

E agora ele estava parado diante daquela porta pela qual seu pai o havia arrastado, o lugar onde matara três homens, e pensou em seu mundo se expandindo.

Suas mãos estavam úmidas quando as estendeu até o teclado. Parte dele temia que o exterior fosse tóxico, mas ele provavelmente estava respirando o mesmo ar, e as pessoas tinham vivido por anos lá fora, falando de vez em quando no rádio. Ele digitou os primeiros dois dígitos, nível doze, depois pensou sobre os dois seguintes. Dezoito. Jimmy se imaginou indo em casa e pegando roupas diferentes, usando um vaso sanitário no banheiro. Ele visualizou a mãe sentada na cama dos pais, esperando por ele. Viu-a deitada de costas, de braços cruzados, nada além de ossos.

Sua mão tremeu quando foi digitar o um e, em vez disso, apertou o quatro. Esfregou as mãos nas coxas e esperou.

— Não tem ninguém do outro lado — disse para si mesmo. — Ninguém. Estou sozinho. Estou sozinho.

De algum modo, isso o tranquilizou.

Ele digitou os dois primeiros algarismos outra vez, os da escola, depois os números de sua casa.

O teclado emitiu um bipe. A porta começou a fazer ruídos. E Jimmy Parker deu um passo para trás. Ele pensou na escola e em seus amigos, se perguntou se haveria algum deles vivo. Se ainda havia *alguém* vivo. Pegou a alça do rifle, puxou-o por cima da cabeça e o empunhou. A porta destrancou com um barulho. Tudo o que ele precisava fazer era abri-la.

82

Ano 2318 — Ano Sete
Silo 17

Havia sinais de vida e morte à espera dele no corredor. Um círculo chamuscado no chão e cinzas espalhadas indicavam os restos de uma antiga fogueira. O exterior da porta de aço estava coberto de arranhões e mossas. As últimas o lembraram de seus erros durante a prática de tiro com as latas, o beijo inútil de balas contra a solidez do aço. Bem a seus pés, Jimmy percebeu uma mancha no chão, uma faixa de respingos marrons, e se lembrou de um homem morrendo ali. Jimmy afastou o olhar daqueles sinais dos vivos e dos mortos e saiu para o corredor.

Quando começou a puxar a porta para fechá-la, algo o fez hesitar. Jimmy se perguntou se seu código talvez não funcionasse do exterior. E se a porta trancasse e ele nunca mais pudesse entrar de novo? Conferiu o teclado e viu as ranhuras em torno de seu painel de aço, sinal de que alguém tentara arrancá-lo da parede. Aquilo o lembrou de quanto tantos outros estiveram desesperados para entrar ao longo dos anos. Recordar aquilo fez com que se considerasse um maluco por querer sair.

Antes que pudesse ficar mais preocupado, fechou a porta de aço e seu coração permaneceu apreensivo por um momento, com o ruído das engrenagens e das trancas deslizando para dentro da parede. Houve uma pancada abafada, o som de uma terrível finalização.

Jimmy apressou-se até o teclado, o coração na boca, a sensação de homens correndo pelos três corredores para pegá-lo, com gritos de gelar

o sangue e porretes erguidos acima da cabeça...

Ele digitou o código, e a porta vibrou e se abriu. Empurrou a alavanca, respirou um pouco seu lar... e quase vomitou com o cheiro dos próprios dejetos aquecidos pelo calor dos servidores.

Não havia ninguém correndo pelos corredores. Ele precisava de um abridor de latas novo. Precisava encontrar um banheiro que funcionasse. Precisava de um macacão que não estivesse em farrapos. Precisava respirar e encontrar um novo depósito de comida e água.

Jimmy fechou a porta com relutância novamente. E apesar de ter acabado de testar o teclado, o medo de nunca voltar a entrar retornou. As engrenagens podiam estar gastas. O código podia só funcionar do exterior uma vez por dia, uma vez por ano. Parte dele sabia, a parte obsessiva dele sabia, que podia checar o código cem vezes e ainda ficar preocupado que não funcionasse na vez seguinte. Podia conferir para sempre e nunca estar satisfeito. Sua pulsação martelava em seus ouvidos enquanto ele se afastava da porta.

O corredor estava bem-iluminado. Jimmy manteve o rifle empunhado e passou em silêncio por escritórios saqueados. Tudo estava quieto, exceto pelo zumbido da última lâmpada de uma luminária e do farfalhar de uma folha de papel em uma mesa sob uma saída de ventilação em funcionamento. O posto da segurança estava abandonado. Jimmy rastejou por baixo do portão, lembrando-se de Yani, imaginando a escadaria lá fora repleta de gente, um homem com traje de limpeza saindo e se misturando às massas, mas, quando abriu a porta e olhou para fora, a plataforma do andar estava vazia.

Estava escura. Só as luzes verdes de emergência estavam acesas. Jimmy fechou a porta devagar para que as dobradiças enferrujadas não fizessem barulho. Havia um objeto sobre a grade a seus pés. Jimmy o empurrou com a bota, um cilindro branco do tamanho de seu antebraço. Um osso. Ele o reconheceu dos restos de um homem que tinha se decomposto junto dos servidores, arrastado para perto de seu monte de merda.

Jimmy soube com toda a certeza que seus ossos ficariam expostos um dia. Talvez naquele dia. Ele nunca conseguiria voltar para sua casinha segura sob os servidores. E aquilo o amedrontou menos do que deveria. A descarga de adrenalina inebriante de estar lá fora, no exterior, o ar fresco e o brilho verde da escadaria, até os restos de outro ser humano, foram um alívio repentino e bem-vindo da claustrofobia de ficar aprisionado. O que tinha sido sua prisão, os andares e níveis do silo, agora era o grande exterior. Ali estava uma terra de mortes infinitas e de esperançosas oportunidades.

83

Ano 2318 — Ano Sete
Silo 17

Ele não tinha nenhum plano, nenhum lugar real para ir, mas a atração era para cima. As pilhas de sua lanterna estavam ficando fracas, por isso precisava explorar os níveis com cuidado. Tateando em um apartamento, ele procurou um banheiro, se aliviou como Deus mandava, e ficou decepcionado por não haver descarga. A pia também não funcionava. Nem a ducha ao lado do vaso sanitário, o que o obrigou a usar um lençol na escuridão total.

Ele começou a subir. Havia um mercado no dezenove, bem abaixo de sua casa. Ele ia procurar baterias por lá, apesar de temer que, àquela altura, a maioria das coisas úteis já tivesse sido levada. O distrito de vestuário, porém, teria macacões. Disso tinha certeza. Um plano estava se formando.

Até que uma vibração nos degraus o alertou.

Jimmy parou e ouviu passos. Eles vinham de cima. Podia ver a plataforma seguinte, uma volta além da coluna central. Estava mais próxima da plataforma de cima que da de baixo. Então ele correu, o rifle batendo contra as garrafas amarradas à sua mochila improvisada, as botas pisando pesada e rapidamente nos degraus, ao mesmo tempo com medo e alívio por não estar sozinho.

Ele deu um puxão e abriu as portas do andar seguinte, depois as puxou outra vez para fechar, deixando apenas uma fresta. Encostou o rosto na porta, espiou pela abertura e ficou prestando atenção. O

barulho dos passos ficou cada vez mais alto. Jimmy prendeu a respiração. Uma pessoa passou, com a mão guinchando no corrimão, e logo atrás veio outra figura, gritando ameaças. As duas não passaram de borrões. Ele permaneceu na escuridão no fim de um estranho e silencioso corredor, até que o barulho diminuiu e ele pôde sentir coisas rastejando em sua direção pelas lajotas do piso, mãos com garras se esticando na escuridão para se emaranhar em seu cabelo comprido, e Jimmy se viu de volta à plataforma sob o brilho verde mortiço das luzes de emergência, ofegante e sem saber em que acreditar.

Ele estava sozinho, de um jeito ou de outro. Mesmo se houvesse sobreviventes ao seu redor, a única companhia encontrada era do tipo que perseguia ou matava você.

Para cima outra vez, com ouvidos mais atentos para os passos, com uma das mãos sempre no corrimão para sentir qualquer vibração, Jimmy subiu em espiral além da estação de tratamento no trinta e dois, a fazenda de terra no trinta e um, passou pelo saneamento no vinte e seis, mantendo-se junto das luzes verdes e seguindo na direção do mercado. Os músculos em suas pernas se aqueceram com o uso, mas de um jeito bom. Ele passou por pontos de referência conhecidos, níveis de outra vida com um desgaste de anos e um emaranhado de cabos e tubulações. O mundo tinha ficado tão enferrujado quanto a memória dele.

Chegou ao mercado e o encontrou praticamente vazio, exceto pelo corpo de uma pessoa preso embaixo de uma estante tombada. As botas que se projetavam para fora eram pequenas, de mulher ou criança. Ossos brancos de tornozelo ocupavam o espaço entre a bota e a barra da calça. Havia produtos presos embaixo da prateleira junto do corpo, mas Jimmy não sentiu pressa para investigar. Procurou por pilhas ou um abridor de latas entre os itens espalhados nas outras prateleiras. Havia brinquedos, quinquilharias e outras coisas inúteis. Jimmy sentiu que muitas sombras haviam caído sobre aqueles produtos. Ele poupou sua lanterna e saiu dali furtivamente na escuridão.

Revistar seu velho apartamento também não valeu a pena. Não parecia mais sua casa. Havia uma tristeza no interior que ele não sabia

explicar, uma sensação de que tinha falhado com os pais, uma dor antiga no meio da cabeça como costumava sentir quando chupava gelo. Jimmy deixou o apartamento e continuou a subir. Algo ainda o chamava do alto. E só descobriu o que era faltando meia volta para alcançar o andar da escola. O passado distante estava tentando se comunicar com ele. O dia em que tudo começou. Sua sala de aula, onde ele se lembrava de ter visto a mãe pela última vez, onde, em sua mente perturbada, seus amigos ainda estavam sentados, onde os acontecimentos — se ele permanecesse, se pudesse simplesmente voltar no tempo e se sentar em sua carteira e deixar que se desenrolassem outra vez — teriam de se dar de outra maneira.

84

Ano 2318 — Ano Sete
Silo 17

Jimmy manteve a lanterna acesa enquanto seguia até a sala de aula. Não era possível voltar no tempo, ele logo viu. Ali, no meio da sala, estava sua velha mochila. Várias carteiras fora do lugar, as fileiras antes organizadas rompidas como ossos partidos, e Jimmy pôde ver em sua mente os amigos saindo dali, pôde ver os caminhos que tomaram, pôde vê-los correr na direção da porta. Tinham levado as bolsas com eles. A de Jimmy ficara e jazia imóvel como um cadáver.

Ao dar um passo para dentro, com a sala iluminada por sua lanterna, sentiu a Srta. Pearson tirar os olhos de um livro, encará-lo e sorrir, sem dizer nada. Barbara sentada em sua carteira, perto da porta. Jimmy se lembrava da mão dela na sua durante uma excursão da turma aos currais de criação. Foi na volta, depois dos cheiros estranhos de tantos animais, de mãos se estendendo através de grades para acariciar pelo e pena e gordura, porcos sem pelo. Jimmy tinha quatorze anos, e algo sobre os animais o havia animado ou mudado. Tanto que quando Barbara ficou para trás, no fim daquela fila de colegas de turma subindo a escadaria, e segurou sua mão, ele não a tirou.

Aquele toque prolongado foi uma amostra do que poderia ter sido. Ele alisou a superfície da carteira de Barbara com a ponta dos dedos e deixou trilhas na poeira. A carteira de Paul, seu melhor amigo, era uma das que tinham sido movidas. Ele passou pelo espaço deixado por ela, vendo todos saindo ao mesmo tempo, sua mãe lhe permitindo uma

vantagem, até que parou no meio da sala, ao lado de sua mochila, completamente sozinho.

— Estou completamente só — disse ele. — Eu sou solidão.

Seus lábios estavam secos e grudados um no outro. E, quando ele falou, se separaram como se estivessem se abrindo pela primeira vez.

Ao se aproximar de sua mochila, percebeu que ela tinha sido esvaziada. Ele se ajoelhou e a abriu. Havia um resto de plástico que sua mãe usara mais de uma vez para embrulhar seu almoço, mas seu almoço tinha desaparecido havia muito tempo. Duas barras de cereal e um brownie de aveia. Era impressionante como lembrava de algumas coisas e não de outras.

Ele procurou mais fundo, se perguntando se haviam pegado muito mais. A calculadora que seu pai construíra com sucata ainda estava lá, assim como os soldadinhos de vidro que o tio lhe dera em seu aniversário de treze anos. Ele transferiu sem pressa tudo de sua bolsa improvisada para sua velha mochila. O zíper estava duro, mas ainda funcionava. Ele estudou o macacão amarrado e chegou à conclusão de que estava em piores condições do que aquele que vestia, por isso o abandonou.

Jimmy levantou e examinou a sala, varrendo o caos com sua lanterna. No quadro-negro, alguém tinha deixado sua marca. Jogou a lanterna sobre a cena e viu a expressão *foda-se* escrita várias e várias vezes. Parecia uma fileira de letras, assim: *foda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-se.*

Ele encontrou o trapo que servia de apagador atrás da mesa da Sra. Pearson. Estava duro e cheio de crostas, mas as palavras saíram mesmo assim. Ficou um borrão, e Jimmy se lembrou dos dias felizes em que escrevia no quadro diante da turma. Lembrou-se dos trabalhos que precisava entregar. A Sra. Pearson uma vez elogiou sua poesia, provavelmente só para ser simpática. Passou a língua nos lábios, pegou um velho pedaço de giz no suporte e pensou em algo para escrever. Não havia o nervosismo de estar diante da turma. Não tinha ninguém olhando. Ele estava completamente sozinho.

Meu nome é Jimmy, escreveu no quadro. Enquanto escrevia, a lanterna projetava um halo estranho, um anel de luz mortiça. O pedaço de giz estalava a cada traço. E rangia, e gemia. O ruído era como companhia, e mesmo assim ele escreveu um poema sobre estar sozinho, um gesto mecânico dos velhos tempos:

Os fantasmas observam. Os fantasmas observam.
Eles me observam caminhar sozinho
Os cadáveres riem. Os cadáveres riem.
Eles se calam quando passo sobre eles.
Meus pais desapareceram. Meus pais desapareceram.
Estão esperando que eu volte para casa.

Não estava seguro sobre esse último verso. Jimmy passou a luz sobre o que escrevera, que ele não achava grande coisa. Escrever mais não iria melhorá-lo, mas ele o fez mesmo assim.

O silo está vazio. O silo está vazio. Está cheio de morte
do fundo à borda.
Meu nome era Jimmy, meu nome era Jimmy. Mas
ninguém me chama mais assim.
Estou sozinho, os fantasmas observam, e a solidão
me fortalece.

A última parte era mentira, ele sabia, mas era poesia, por isso não importava. Jimmy se afastou do quadro e analisou as palavras com sua lanterna tremeluzente. As palavras corriam para o lado e desciam, cada linha se inclinando mais que a anterior, as letras ficando menores à medida que se aproximavam do fim de cada verso. Era um problema que ele sempre tinha com o quadro-negro. Ele começava grande e, à medida que avançava, parecia encolher. Enquanto cofiava a barba, se perguntou o que aquilo dizia sobre ele, o que prenunciava.

Havia muita coisa errada no que escrevera, pensou. O décimo verso não era verdade, sobre ninguém chamá-lo mais de Jimmy. Acima do

poema, ele escrevera *Meu nome é Jimmy*. Ele ainda se via como Jimmy.

Pegou o trapo endurecido que havia deixado na bandeja de giz, parou em frente a seu poema e começou a apagar a linha que não estava correta. Mas algo o deteve. Foi o medo de deixar o poema pior ao tentar corrigi-lo, o temor de tirar um verso e não ter nada bom para botar em seu lugar. Aquela era sua voz, e era algo raro demais para reprimir.

Jimmy sentiu os olhos da Sra. Pearson sobre ele. Sentiu os olhos de seus colegas de turma. Os fantasmas estavam observando; os cadáveres riam enquanto ele estudava o problema no quadro.

Quando encontrou a solução, ela trouxe a empolgação familiar de acertar uma questão. Jimmy levantou o braço e esfregou o trapo empoeirado no quadro para apagar a primeira coisa que tinha escrito. As palavras *Meu nome é Jimmy* desapareceram em um borrão branco e uma nuvem de pó. Ele pôs o trapo de lado e começou a escrever uma verdade no lugar.

Eu sou Solidão, começou a escrever. Ele gostou de como aquilo soava. Parecia poético e cheio de significado. Mas como a poesia costumava fazer, as palavras tinham vontade própria; seus pensamentos profundos intervieram, por isso escreveu algo diferente. Ele encurtou o que ia escrever para um traço sinuoso, dois círculos pequenos e precisos e uma barra vertical. Então pegou a mochila, deixou a sala e seus velhos amigos para trás. Tudo o que restou foi um poema e um chamado para ser lembrado, uma marca para provar que ele estivera ali.

Eu sou Solo.

85

Ano 2345
Silo 1

Donald empurrou a cadeira de rodas vazia de volta para o consultório do Dr. Wilson. Havia um cobertor molhado jogado em cima dos braços, as pontas se arrastando pelas lajotas do piso. Ele se sentia entorpecido. Naquela manhã, seu sonho era dar vida, não tirar. Estava começando a tomar consciência da permanência do que fizera e sentiu dificuldade para engolir, para respirar. Parou no corredor e avaliou aquilo em que tinha se transformado. Arquiteto inconsciente. Prisioneiro. Marionete. Carrasco. Ele usava as roupas de outro homem. Sua transformação o horrorizava. Seus olhos se encheram de lágrimas, e eles as enxugou com raiva. Só foi preciso pensar em Helen e Mick, na vida que lhe fora roubada. Tudo que o levara àquele momento no tempo, a seu despertar naquele silo, fora obra de outra pessoa. Ele podia sentir fios pendendo de seus joelhos e cotovelos. Ele era uma marionete livre empurrando uma cadeira de rodas vazia de volta para seu lugar.

Donald estacionou a cadeira e acionou os freios. Tirou o frasco plástico do bolso e pensou em roubar mais uma ou duas doses. Ele temia que o sono não viesse fácil.

O frasco voltou para o armário cheio de outros vazios. Donald se virou para ir embora quando viu o bilhete deixado no meio da maca:

O senhor esqueceu isso.
— Wilson

O bilhete estava preso a uma pasta fina. Donald se lembrou de entregá-la ao Dr. Wilson junto com os pertences do técnico do reator. A viagem aos outros dois escaninhos tinha sido um borrão. Tudo de que conseguia se lembrar era ter agarrado seu telefone, os fatos se encaixando, e ter se dado conta de que Anna fizera Mick e Thurman realizarem uma troca de última hora que não fazia sentido, que só podia acontecer devido à insistência de uma filha com seu pai. Dessa maneira, sua vida havia sido roubada.

A pasta estava no escaninho que Anna mencionara para o pai na mensagem. Agora, não parecia importante. Donald amassou o bilhete do Dr. Wilson e o jogou na lata de lixo reciclável. Pegou a pasta com a intenção de voltar para sua cama e tentar dormir, mas, em vez disso, resolveu abri-la. Havia uma única folha de papel em seu interior. Uma folha de papel antiga. Estava amarelada, com as bordas irregulares onde parte do papel havia se desfeito ao longo dos anos. Abaixo das linhas impressas em espaçamento simples, havia cinco assinaturas, uma mistura de caligrafias floreadas e delicadas. No alto do documento, em negrito, lia-se: *RE: O PACTO.*

Donald ergueu os olhos para a porta. Virou-se e foi até a mesa pequena com o computador, pôs a pasta ao lado do teclado e se sentou. A mensagem de Anna para o pai tinha as mesmas palavras no campo do assunto, junto com *Urgente*. Ele tinha lido o recado uma dezena de vezes para tentar adivinhar seu significado. E o número na mensagem o levara àquela pasta.

Ele estava suficientemente familiarizado com o Pacto dos silos, o documento de governo que mantinha todas as instalações na linha, que controlava suas populações com loterias, que ditava suas punições, de multas à limpeza. Mas aquilo era curto demais para ser o Pacto. Parecia um memorando de seus dias na Colina do Capitólio.

Donald leu:

A todos:

Foi discutido anteriormente que dez instalações seriam suficientes para nossos objetivos, e que uma janela de tempo de um século resultaria em uma limpeza adequada. Os membros deste Pacto estão familiarizados com déficits de orçamento e com o modo como os planos de batalha se revelam infrutíferos após o primeiro disparo. Por isso não deve surpreender ninguém que os fatos tenham alterado nossas previsões. Agora precisamos de trinta instalações e uma janela de tempo de dois séculos. A equipe técnica me garante que seu progresso faz com que este número seja realista. Tais números podem ser revistos.

Na última reunião, houve uma discussão sobre permitir que duas instalações alcançassem o Dia-E por redundância (ou a possibilidade de manter uma instalação de reserva). Isso foi considerado desaconselhável. É melhor botar todas as cestas em um ovo do que correr o risco de colocar todos os ovos em uma cesta e permitir que dois ou mais ovos choquem. Como é fonte de grande controvérsia, esta emenda ao Pacto original deve, portanto, ser assinada por todos os fundadores e considerada lei. Vou tomar para mim a responsabilidade de trabalhar no Turno-E e puxar a alavanca. As probabilidades de sobrevivência a longo prazo são de quarenta e dois por cento nos modelos mais recentes. Um progresso maravilhoso, para todos.

V.

Donald examinou as assinaturas pela segunda vez. Havia uma rubrica simples de Thurman, reconhecível pelos inúmeros memorandos e leis no Capitólio. Outra assinatura parecia de Erskine. A seguinte parecia ser de Charles Rhodes, o governador fanfarrão de Oklahoma. As demais eram ilegíveis. Não havia data no memorando.

Ele o leu mais uma vez. A compreensão foi lenta, no início cheia de dúvidas, mas se solidificou aos poucos. Lembrava-se de uma lista de seu turno anterior, um ranking de silos. O número 18 estava entre os primeiros. Era por isso que Victor lutara tanto para salvá-lo. Aquela decisão mencionada no memorando, puxar a alavanca. Ele dissera algo

sobre aquilo em sua mensagem para Thurman? Em sua confissão antes de se matar? Victor não sabia mais de se poderia tomar alguma decisão.

Cestas em um ovo. O ditado não era assim. Donald se recostou na cadeira, e uma das lâmpadas na luminária sobre a mesa do Dr. Wilson piscou. Parando de funcionar elas deixavam tudo escuro, mas isso era uma redundância.

Um ovo. O que eles fariam uns com os outros se permitissem que mais de um chocasse?

A lista.

A razão para Donald ter entendido tudo com tanta facilidade era porque já sabia. Ele sempre soube. Como podia ser diferente? Aqueles desgraçados não tinham nenhum plano de libertar homens e mulheres dos silos. Não. Só podia haver um. Pois o que eles fariam uns com os outros caso se encontrassem centenas de anos no futuro nas colinas lá fora? Donald havia projetado aquele lugar. Ele devia ter percebido. Ele era um arquiteto da morte.

Pensou sobre a lista, no ranking de silos. O que estava no topo era o único que importava. Mas qual era o critério de avaliação? Quanto essa decisão era arbitrária? Todos aqueles ovos abatidos, com exceção de um. Com que esperança? Que plano? Que as diferenças e disputas entre as pessoas de um silo pudessem ser superadas? Mas que as diferenças entre os próprios silos eram grandes demais?

Donald levou a mão trêmula à boca e tossiu. Ele entendeu o que Anna estava tentando lhe dizer. E agora era tarde demais. Tarde demais para respostas. Ele havia esquecido que assim funcionam a vida e a morte, e em um lugar que ignorava as duas coisas. Não havia como despertar ninguém. Apenas confusão e pesar. Sua única aliada estava morta.

Mas havia outra que ele podia acordar, a que ele esperava acordar desde o início. Aquele era um poder sério, a habilidade de despertar os mortos. Donald sentiu um calafrio ao se dar conta do que o Pacto realmente significava, aquele pacto entre os loucos que haviam conspirado para destruir o mundo.

— É um pacto de suicídio — murmurou.

As paredes de concreto do silo se fecharam à sua volta; elas o envolveram como uma casca de ovo. Um ovo que nunca deveria chocar. Pois eles eram o mais perigoso de todos, aquele ninho de víboras, e nenhum mundo jamais estaria seguro com a presença deles. As mulheres e as crianças estavam em botes salva-vidas apenas para estimular os homens do Silo 1 a continuarem fazendo seus turnos. Mas todos estavam destinados a morrer. Até que não restasse mais ninguém.

86

Ano 2323 — Ano Doze
Silo 17

Solo não tirou um dia para mergulhar nas profundezas do silo, isso simplesmente aconteceu. Ele seguiu para o Suprimentos em busca de pilhas ou um abridor de latas, mas encontrou apenas um campo de batalha coberto de ossos e parafusos. Procurando nas prateleiras altas e pelos corredores escuros, achou outra lanterna, o que era ainda melhor que ter encontrado pilhas. Ela tinha sido abandonada ligada, era quente ao toque, e um tempo se passou até que ele percebesse o que isso significava. Solo fugira do Suprimentos com a promessa de nunca mais voltar. Desceu correndo, apressado, perseguido por fantasmas, até suas botas se chocarem contra a água fria.

Solo levou um susto e soltou o corrimão. Ele escorregou, tentou se equilibrar e caiu sobre um dos joelhos. Ficou encharcado de água até a altura da virilha, o rifle escorregou do ombro e a mochila ficou molhada.

Xingando, levantou com dificuldade. O cano da arma pingava, uma torrente de balas líquidas. Seu macacão estava grudado à sua pele onde tinha molhado, deixando-o com muito frio.

— Idiota — xingou-se ele.

Ele recuou um degrau e observou a superfície agitada se acalmar aos poucos. O silo estava inundado. Olhando através da superfície turva, viu que as escadas seguiam em espiral a perder de vista, penetrando nas profundezas escuras. Solo observou o ponto em que a água tocava o

corrimão e esperou para ver se a o nível da água estava subindo. Se estivesse, era muito mais lenta do que ele podia perceber.

Uma das portas no nível cento e trinta e sete ia e vinha com as ondas que seu tombo provocara. A água estava sessenta centímetros ou mais acima do nível da plataforma. Estava a essa altura do outro lado da porta, também. Todo o silo estava se enchendo de água, pensou. Havia levado anos para chegar àquela altura. Será que aquilo continuaria para sempre? Quanto tempo até que enchesse sua casa lá em cima no trinta e quatro? Quanto tempo até chegar ao topo?

Pensar em se afogar lentamente arrancou um som estranho da boca de Solo, um ruído como uma lamúria triste. A água pingava de sua roupa de volta ao seu lugar de origem, e depois Solo ouviu o som lamurioso outra vez. Não estava vindo dele, não.

Ele se agachou e observou o andar inundado, com ouvidos atentos. Ali. O som de alguém chorando. Vinha de um dos andares alagados. Parecia um bebê.

Solo olhou para a água a seus pés. Teria que entrar e caminhar para alcançar o nível. As luzes verdes no teto, fracas, emprestavam ao mundo uma palidez fantasmagórica. O ar estava frio, e a água, ainda mais.

Ele subiu de volta alguns degraus e deixou a mochila em um local seco. As pernas de seu macacão estavam ensopadas. Ele as enrolou até a metade das canelas, depois começou a desamarrar os cadarços das botas.

Tentou ouvir o choro outra vez. Não conseguiu. Ele se perguntou se iria enfrentar a água e o frio por algo que tinha imaginado, por outro fantasma que iria desaparecer assim que desse alguma atenção a ele. Tirou a água das botas antes de deixá-las de lado. Tirou as meias — em uma delas, seu dedão saia por um buraco. Ele as torceu, depois as pendurou no corrimão para secar.

Passou a mochila para quatro degraus acima da linha da água e achou ter ouvido o bebê outra vez. Ele tinha idade suficiente para ter um bebê, pensou. Ele fez as contas. Raramente fazia essa conta. Tinha vinte e seis? Vinte e sete? Mais um aniversário tinha chegado e passado sem ninguém para lembrar.

Ele entrou na água e caminhou na direção da porta, os pés ficando dormentes com o choque do frio. A película colorida na superfície se misturou e flutuou ao redor das colunas que sustentavam a grade de proteção da plataforma. Solo parou e tentou olhar além dali. Parecia estranho estar tão longe do fundo do silo e ver aquele fluido se estendendo até as paredes de concreto. Se ele caísse, a água reduziria a velocidade de sua queda até o fundo? Ou ele boiaria na superfície como um pedaço de lixo? Achava que afundaria, então foi pisando com muito cuidado. Algo prateado reluziu sob a grade, mas ele achou ser só seu reflexo ou o brilho metálico cintilando na superfície.

— É melhor que você faça isso valer a pena — disse ele para o fantasma de algum bebê no fim do corredor.

Ele esperou que o fantasma respondesse, mas ele não estava mais chorando. A luz além das portas caiu em total escuridão, por isso ele sacou a lanterna do bolso do peito e a acendeu. A camada de água agitada captou e difundiu o feixe de luz. Ondas luminosas dançaram pelo teto.

— Olá? — chamou ele.

Sua voz ecoou de volta. Ele apontou a luz para o fundo do corredor, que se ramificava em três direções. Dois caminhos faziam uma curva como se fossem se cruzar do outro lado da escadaria. Era um dos níveis que pareciam um aro raiado de bicicleta. Solo riu. *Bicicletas*. Ele pensou no verbete e se deu conta de onde vinham as palavras.

Um choro. Com certeza, dessa vez, ou então ele estava mesmo ficando louco. Solo virou e apontou a lanterna para o corredor que fazia uma curva. Esperou. Silêncio. O murmúrio das marolas batendo nas paredes do corredor. Ele seguiu na direção do barulho, levantando mais ondas com o movimento das pernas. Ele flutuava como um fantasma. Não conseguia sentir seus pés.

Era um andar de apartamentos. Mas por que alguém viveria ali embaixo com as águas invadindo? Parou fora de uma sala de recreação comunitária e dissipou a escuridão com a lanterna. Havia uma mesa de pingue-pongue no meio da sala. A ferrugem corroera as pernas de metal

como se a água as tivessem perseguido. As raquetes ainda estavam sobre o tampo empenado da mesa verde apodrecida. *Verde, vegetal, grama*, pensou Solo. Os livros do Legado faziam o mundo parecer diferente para ele.

Algo bateu em sua perna, e Solo levou um susto. Apontou a lanterna para baixo e viu uma almofada de espuma flutuando a seus pés. Ele a afastou e seguiu pela água na direção da porta seguinte.

Uma cozinha comunitária. Ele reconheceu a disposição das mesas espaçosas e todas as cadeiras. A maioria das cadeiras estava tombada de lado, parcialmente submersa. Algumas pernas se projetavam para cima. Havia dois fogões no canto e uma parede de armários. O ambiente estava escuro; a luz da escadaria quase não chegava ali. Solo imaginou que, se suas pilhas acabassem, ele teria de tatear para encontrar a saída. Devia ter levado a lanterna nova, não sua velha.

Um gemido. Dessa vez mais alto. Mais próximo. Em algum lugar daquele ambiente.

Solo correu a luz da lanterna ao seu redor, mas não podia ver todos os cantos ao mesmo tempo. Armários e balcões. Um vislumbre de movimento, pensou. Apontou a luz um pouco para trás, e algo se moveu em um dos balcões. Pulou direto para cima, aterrissando sobre um armário aberto acima do balcão, o som da superfície sendo arranhada por garras, depois o rápido movimento de uma cauda peluda, antes que uma sombra negra desaparecesse na escuridão.

87

Ano 2323 — Ano Doze
Silo 17

Um gato! Algo vivo. Algo vivo que ele não precisava temer, que não podia lhe fazer mal. Solo entrou na sala caminhando com dificuldade e chamando:

— Aqui, gatinho! Aqui, gatinho! Aqui, gatinho!

Lembrou-se de vizinhos tentando encurralar aquele animal sem cauda que vivia no corredor do andar de seu antigo apartamento.

Alguma coisa se mexeu no interior dos armários. Uma das portas fechadas balançou e abriu, depois bateu e fechou de novo. Ele só conseguia ver um ponto de cada vez, para onde apontava a lanterna. Suas canelas roçaram em alguma coisa. Ele apontou o feixe de luz para baixo e viu lixo e destroços boiando. Ouviu um guinchado e um barulho de algo caindo na água. Procurou com a lanterna e viu pequenas ondas formando um V atrás do que achou ser um rato nadando. Solo não queria mais ficar naquela sala. Ele tremeu e esfregou o braço com a mão livre. O gato fazia barulho dentro do armário.

— Aqui, gatinho — disse ele com menos entusiasmo.

Enfiou a mão no bolso do peito, pegou uma barrinha que recebiam como ração e rasgou a embalagem com os dentes. Deu uma mordida na barra envelhecida e estendeu o restante à sua frente. O silo estava morto havia doze anos. Ele se perguntou quantos anos viviam os gatos, como aquele tinha durado tanto. E comendo o quê? Será que era um gato novo?

Os pés descalços tocaram algo dentro da água. O reflexo da luz tornava difícil enxergar, mas então o osso branco irrompeu na superfície antes de voltar a afundar. Havia restos de alguém em torno de seus tornozelos.

Solo fingiu que era apenas lixo. Levou a mão ao armário de onde vinha o barulho, segurou um puxador e o abriu. Ouviu algo sibilar na escuridão. Latas e caixas apodrecidas se moveram à medida que o gato chegava mais para o fundo. Solo cortou um pedaço da barrinha envelhecida e o pôs na prateleira. Ele esperou. Houve outro guinchado no canto da sala, o som de água batendo nos móveis, e nada se movia no interior do armário. Ele manteve a lanterna apontada para baixo para não assustar o animal.

Os olhos se aproximaram como luzes flutuantes e se detiveram em Solo por uma pequena eternidade. Ele começou a se perguntar seriamente se poderia perder os pés por conta do frio. Os olhos se aproximaram e desviaram para baixo. Era um gato preto, da cor de uma sombra na água, escorregadio como óleo. O gato mastigou ruidosamente o pedaço da barra.

— Bom gatinho — murmurou ele, ignorando os ossos espalhados a seus pés.

Cortou outro pedaço da barra e ofereceu ao animal. O gato recuou. Solo pôs o alimento na beirada da prateleira e observou o animal vir mais rápido dessa vez. O gato pegou o pedaço seguinte em sua mão. Ele ofereceu o restante da barrinha, e quando o gato se aproximou para aceitar, Solo tentou pegá-lo com as duas mãos. E aquela coisa, aquela companhia que ele esperava não lhe fazer mal, agarrou-se a um de seus braços, cravando as garras em sua carne.

Solo gritou e jogou os braços para o alto. A lanterna girou no ar. Houve o barulho de algo caindo na água quando o gato desapareceu. Um miado e um rosnado, um barulho violento, Solo tateando embaixo da água em busca do brilho opaco da lanterna, que piscou uma, duas vezes, depois o deixou na escuridão.

Ele tateou às cegas, pegou algo sólido de formato cilíndrico, sentiu as extremidades nodosas onde as pernas se encaixavam no quadril. Deixou o osso cair, enojado. Pegou mais dois ossos até achar a lanterna, que estava queimada. Ele a resgatou mesmo assim ao ouvir algo se aproximando rapidamente na água. Seus braços estavam pegando fogo. Tinha visto sangue neles durante o último giro da lanterna. De repente, havia algo em sua perna, em sua canela, mandíbulas mordendo suas coxas, o maldito gato o escalando como se ele fosse a perna de uma mesa.

Solo pegou o pobre animal para tirar as garras de seu corpo. O gato estava encharcado, era apenas um pouco maior que a lanterna. Ele tremia em seus braços e se esfregava contra uma área seca de seu macacão, miando em protesto. Começou a farejar seu bolso do peito.

Solo segurou o animal contra o peito com o antebraço, fazendo uma espécie de poleiro, e enfiou a mão no bolso para pegar outra barrinha. Estava totalmente escuro ali dentro, tão escuro que fazia seus olhos doerem. Ele rasgou a embalagem e segurou a barra com firmeza. Pequenas patas envolveram sua mão, e ouviu-se um som de mastigação.

Jimmy sorriu. Ele caminhou na direção onde achava que a porta deveria estar, esbarrando nos móveis e em ossos velhos no caminho; não era mais Solo.

88

Ano 2345
Silo 1

O apartamento de Donald tinha se transformado em uma caverna, uma caverna onde havia anotações espalhadas em meio a ossos muito brancos, onde as carcaças de pastas decoravam as paredes e as caixas com mais anotações eram pedidas dos arquivos como abates recentes. Semanas tinham passado. O andar pesado no corredor diminuíra. Donald vivia sozinho com fantasmas e lentamente desvendou o propósito daquilo que ajudara a construir. Ele estava começando a ver o quadro completo, sua visão se afastando do mapa, como num zoom out, até que o todo ficou exposto.

Ele tossiu protegendo a boca com um pano rosa e voltou a examinar sua última descoberta. Era um mapa que ele encontrara uma vez antes no depósito, um mapa de todos os silos com uma linha saindo de cada um deles, convergindo em um único ponto. Aquele era um dos muitos mistérios que restavam. O documento estava identificado como *Semente*; entretanto, não encontrou mais nada sobre ele.

Donald podia ouvir Anna sussurrando para ele. Ela estava tentando lhe dizer alguma coisa. O bilhete por causa de Thurman, ela estava tentando dizer, havia sido deixado para ele. Era tão óbvio, agora. Ela nunca poderia ser acordada, não uma mulher. Ela precisava dele, precisava de sua ajuda. Donald a imaginou planejando tudo aquilo em algum turno recente, sozinha e aterrorizada, com medo do próprio pai, sem ninguém a quem recorrer. Por isso ela tirara o pai do poder e o

passara para Donald, trocara-o por outro homem pela segunda vez, e deixara uma mensagem para despertá-la. E, em vez disso, o que Donald tinha feito?

Houve uma batida na porta.

— Quem é? — perguntou Donald, com uma voz que não parecia a sua.

A porta se entreabriu.

— Sou eu, Eren, senhor. Recebemos um chamado do 18. O sombra está pronto.

— Só um instante.

Donald levou o lenço à boca e tossiu. Ele levantou lentamente e foi até o banheiro, passando por cima de duas bandejas com pratos velhos. Esvaziou a bexiga, deu descarga e se examinou no espelho. Segurou a borda da bancada e fez uma careta para sua imagem, aquele homem com cabelo emaranhado e barba por fazer. Parecia meio louco, e mesmo assim as pessoas confiavam nele. Aquilo as tornava mais loucas que ele. Donald deu um sorriso amarelo e pensou na longa história de loucos que permaneciam no comando só porque ninguém os desafiava.

Dobradiças rangeram quando Eren enfiou a cabeça pela porta.

— Estou indo — disse Donald.

Ele passou por cima dos relatórios, deixando uma trilha de pegadas, e a impressão em sangue da palma de sua mão na beirada da bancada.

— Estão chamando o sombra agora, senhor — informou Eren do corredor. — Precisa de mais tempo para se aprontar?

— Não — disse Donald. — Estou bem.

Ele parou junto à porta, lutando para lembrar o motivo daquela reunião. Um Ritual de Iniciação. Ele se lembrava daquilo, apesar de serem responsabilidade de Gable.

— Por que precisam de mim outra vez? — perguntou. — Nosso chefe não devia estar cuidando disso?

Donald lembrou de conduzir um desses Rituais em seu primeiro turno.

Eren jogou algo na boca e mastigou. Balançou a cabeça.

— Sabe, com todas as coisas que anda lendo aqui, podia estudar a Ordem um pouco. Parece que ela mudou desde a última vez que o senhor a leu. A principal autoridade do turno completa o Ritual. Normalmente, eu seria essa pessoa...

— Mas como estou acordado, sou eu — concluiu Donald.

Ele fechou a porta. Os dois caminharam pelo corredor.

— Isso mesmo. Os chefes aqui fazem cada vez menos coisas em seus turnos. Houve... problemas. Depois eu explico para o senhor, para que entenda a situação. Ah, e o senhor queria saber quando terminava o turno dos pilotos. O último vai ser posto para dormir agora mesmo. Eles estão só arrumando as coisas lá embaixo.

Isso chamou a atenção de Donald. Finalmente. Aquilo pelo que estava esperando.

— Então o depósito está vazio? — perguntou, sem conseguir esconder a satisfação.

— Sim, senhor. Acabaram as requisições de voo. Sei que o senhor a princípio foi contra usá-los.

— Sim, sim. — Donald fez um gesto com a mão quando fizeram a curva. — Feche o acesso ao depósito quando eles terminarem. Ninguém deve ter permissão de entrar lá além de mim.

Eren reduziu o passo.

— Só o senhor?

— Enquanto durar meu turno — disse Donald.

Eles passaram por Gable no corredor, que tinha três xícaras de café aninhadas entre os dedos. Gable sorriu e balançou a cabeça. Donald se lembrou de buscar café para as pessoas quando era chefe do silo. Agora, aquilo era praticamente tudo o que um chefe fazia. Donald não conseguiu deixar de pensar que aquilo se devia, em parte, a seu primeiro turno.

Eren baixou a voz.

— O senhor conhece a história dele, não conhece? — Ele deu mais uma mordida em alguma coisa e mastigou.

Donald virou a cabeça e olhou para trás.

— Quem, Gable?

— É. Ele era da Operações até alguns turnos atrás. Surtou. Tentou ir para o congelamento profundo. O médico em serviço na época conseguiu convencê-lo a desistir. Estávamos perdendo gente demais, e os turnos estavam começando a se sobrepor.

Eren fez uma pausa e deu outra mordida. Havia um aroma familiar. Eren viu que ele o estava observando.

— Bagel? — ofereceu. — Estão fresquinhos.

Donald podia sentir o cheiro. Eren partiu um pedaço. Ainda estava quente.

— Não sabia que eles podiam fazer isso — disse ele, jogando o pedaço na boca.

— Começou o turno de um novo chef de cozinha. Ele tem experimentado todo tipo de coisa. Ele...

Donald não ouviu o restante. Ele se deteve por um longo tempo nas recordações. Um dia fresco em Washington, uma visita de Helen; ela levara o cachorro, tinha partido de Savannah de carro. Eles passearam perto do Lincoln Memorial uma semana antes do florescer das cerejeiras, mas já havia pontos de cor espalhados aqui e ali. Pararam para comprar bagels frescos, ainda quentes, o cheiro de café...

— Acabe com isso — disse Donald, apontando o resto do bagel de Eren.

— Senhor?

Eles estavam quase na curva no corredor que levava à sala de comunicação.

— Não quero mais que esse chef faça experiências. Quero que ele se atenha ao habitual.

Eren pareceu confuso. Depois de alguma hesitação, balançou a cabeça.

— Sim, senhor.

— Nada bom pode sair disso — explicou Donald.

E enquanto, dessa vez, Eren se esforçava mais para concordar, Donald percebeu que tinha começado a pensar do mesmo modo que as

pessoas que odiava. Um véu de decepção se abateu sobre o rosto de Eren, fazendo com que Donald subitamente se arrependesse da ordem. Teve vontade de segurar o homem pelo ombro e lhe perguntar que diabo achavam que estavam fazendo, toda aquela desgraça e aquele sofrimento. Eles deviam comer coisas de que lembravam, é claro, e conversar sobre o passado.

Em vez disso, Donald não disse nada, e os dois seguiram pelo corredor em silêncio e se sentindo desconfortáveis.

— Vários chefes deste silo vieram da Operações — disse Eren após algum tempo, dirigindo-se a Gable. — Eu fui oficial de comunicação em meus dois primeiros turnos, sabia? O sujeito que substituí, o chefe da Operações do último turno, veio do departamento médico.

— Então você não é psiquiatra? — perguntou Donald.

Eren riu, e Donald pensou em Victor estourando os miolos. Aquele lugar não ia durar. Havia lajotas rachadas no meio do corredor. Lajotas que não tinham reposição. As que ficavam nas laterais estavam em melhor estado. Ele saiu da sala de comunicação e examinou o desgaste daquele lugar com séculos de idade. Havia marcas de fricção na parte baixa das paredes, na altura das mãos e dos ombros, menos nos outros lugares. Os padrões dos passos no chão por toda a instalação mostravam onde as pessoas andavam. O desgaste naquele lugar, como em seus habitantes, não era distribuído igualmente.

— Acredito que estão esperando por nós, senhor.

Donald virou-se das marcas para Eren, aquele homem jovem com olhos vivos e hálito de bagel, com cabelo cheio de cor e os cantos da boca levemente erguidos, um sorriso débil como uma cicatriz de esperança.

— Certo — disse Donald.

Fez um sinal para que Eren entrasse na sala, seguiu-o, pisando bem no centro como todo mundo.

89

Ano 2345
Silo 1

Donald se familiarizou com o roteiro enquanto Eren sentava na cadeira a seu lado e botava um fone no ouvido. O programa iria descaracterizar suas vozes, tornando-as iguais. Os chefes de silo não precisavam saber quando um homem saía de turno e outro o substituía. Era sempre a mesma voz, a mesma pessoa, pelo menos para eles.

O operador do turno ergueu uma caneca e tomou um gole. Donald podia ver que havia algo escrito nela com um marcador. Dizia: *Somos o nº 1.* Donald se perguntou se quem tinha escrito aquilo estava se referindo ao silo. O operador baixou a caneca e fez um gesto para que Donald começasse.

Donald cobriu o microfone e pigarreou. Ele pôde ouvir alguém falar do outro lado da linha enquanto um fone era colocado. Havia um roteiro a ser seguido durante a primeira metade da ligação. Donald se lembrava da maior parte. Eren virou para o lado e terminou o bagel com sentimento de culpa. Quando o operador deu a eles o sinal para que começassem, Eren apontou para Donald pedindo que ele fizesse as honras. Tudo em que Donald conseguia pensar era terminar com aquilo e descer para o arsenal vazio.

— Nome — disse ele em seu microfone.

— Lukas Kyle — veio a resposta.

Donald observou as linhas dos gráficos saltarem com a leitura feitas através do fone. Sentiu pena daquela pessoa que assumia a chefia de um

silo quase em ruínas. Tudo parecia sem esperança, e Donald estava ali cumprindo formalidades.

— Você foi sombra na TI — disse ele.

Houve uma pausa.

— Sim, senhor.

A temperatura do jovem estava elevada. Donald podia ver isso no mostrador. O operador e Eren estavam comparando anotações e apontando para alguma coisa. Donald conferiu o roteiro. Ele listava perguntas fáceis cujas respostas todos conheciam.

— Qual é o seu principal dever com o silo? — perguntou, lendo a frase.

— Manter a Ordem.

Eren manteve a mão erguida enquanto os gráficos evidenciavam a leitura das informações. Quando as linhas se estabilizaram, fez sinal para que Donald continuasse.

— O que você deve proteger acima de tudo?

Mesmo com a ajuda do software, Donald tentou manter a voz inalterada. Houve um salto em um dos gráficos. Os pensamentos de Donald se concentraram na saída dos pilotos de seu espaço, um espaço que, ele sentia, lhe pertencia. Ele ia terminar com aquilo e programar seu relógio para despertar. Naquela noite. Naquela noite.

— A vida e o Legado — recitou o sombra.

Donald se perdeu. Precisou de um instante para encontrar a linha seguinte.

— E o que é preciso para proteger essas coisas que nos são mais preciosas?

— Sacrifício — disse o sombra após uma breve pausa.

O chefe da comunicação fez sinal de OK para Donald e Eren. As leituras formais estavam terminadas. Agora era o momento das questões importantes, fora do roteiro. Donald nem sequer tinha certeza do que dizer. Ele assentiu para Eren, na esperança de que ele assumisse a partir dali.

Eren cobriu seu microfone por um segundo como se estivesse prestes a discutir, mas deu de ombros.

— Por quanto tempo ficou no Laboratório de Trajes? — perguntou ao sombra, estudando o monitor à sua frente.

— Não muito, senhor. Bernar... Hã, meu chefe pretende que eu passe algum tempo nos laboratórios depois que, o senhor sabe...

— Sim. Eu sei. — Eren assentiu. — Como anda o problema nos seus níveis inferiores?

— Hum, bem. Só sou informado do progresso geral, e parece bom. — Donald ouviu o sombra pigarrear. — Quer dizer, parece que estão avançando, que não deve demorar muito.

Uma pausa mais longa. Uma respiração profunda. As ondas nos gráficos vibrando menos. Eren olhou para Donald. O operador fez sinal para que eles continuassem.

Donald tinha uma pergunta, uma acerca de seus próprios arrependimentos.

— Você teria feito algo diferente, Lukas? — indagou ele. — Desde o começo?

Houve picos vermelhos nos monitores, e Donald sentiu a própria temperatura subir. Talvez estivesse perguntando algo pessoal demais.

— Não, senhor — disse o jovem sombra. — Tudo seguiu de acordo com a Ordem. Está tudo sob controle.

O chefe da comunicação tinha chegado a seus controles e cortara o som de todos os fones.

— Estamos obtendo leituras limítrofes — disse para eles. — Os nervos dele estão à flor da pele. O senhor pode pressioná-lo mais?

Eren assentiu. O operador do outro lado deu de ombros e tomou um gole de sua caneca nº 1.

— Mas acalme-o primeiro — falou o chefe da comunicação.

Eren virou para Donald.

— Dê a ele os parabéns, depois veja se consegue deixá-lo emotivo. Tranquilize-o, depois pegue-o de surpresa.

Donald hesitou. Aquilo era artificial e manipulador demais. Ele se esforçou para permanecer calado. Os microfones estavam ligados.

— O senhor é o próximo na fila para o controle e operação do Silo 18 — disse ele com rigidez, triste por estar condenando aquela pobre alma àquilo.

— Obrigado, senhor. — O sombra pareceu aliviado. As ondas se desfizeram como se tivessem acertado um cais.

Agora Donald procurava um modo de pressionar aquele jovem. O chefe da comunicação acenando para ele não ajudava. Donald ergueu os olhos para o mapa dos silos na parede. Ele levantou, esticando o cabo do fone, e estudou os vários silos riscados, um deles com o número "12". Donald considerou a seriedade que envolvia o que esse jovem tinha acabado de assumir, o que seu trabalho exigia, quantos tinham morrido em outros lugares porque seus líderes falharam com eles.

— Sabe qual é a pior parte do meu trabalho? — perguntou Donald.

Ele podia sentir que as pessoas na sala de comunicação o observavam. Donald se sentiu de volta a seu primeiro turno, iniciando aquele outro jovem. Estava de volta a seu primeiro turno, fechando um silo.

— O quê, senhor? — perguntou a voz.

— Ficar aqui olhando para um silo neste mapa e fazer um X vermelho em cima dele. Você pode imaginar a sensação?

— Não, senhor.

Donald balançou a cabeça. Ele gostou da resposta honesta. Lembrou-se da sensação de ver aquelas pessoas saindo do 12 para morrerem no exterior. Ele piscou para conseguir enxergar.

— É como um pai que perde milhares de filhos, todos de uma vez só — disse Donald.

O mundo parou por um instante ou dois. O operador e o chefe da comunicação estavam com olhos fixos em seus monitores, à espera de um som. Eren observava Donald.

— Você vai ter que ser cruel com seus filhos para não perdê-los — instruiu Donald.

— Sim, senhor.

As ondas do gráfico começaram a pulsar suavemente. O chefe da comunicação fez sinal de positivo com o polegar para Donald. Ele tinha visto o suficiente. O rapaz tinha passado, e agora o Ritual tinha realmente terminado.

— Bem-vindo ao Sistema de Intervenção 50 Operativos, Lukas Kyle — disse Eren, lendo o roteiro e assumindo depois de Donald. — Agora, se tiver uma ou duas perguntas, tenho tempo para respondê-las, mas seja breve.

Donald se lembrou dessa parte. Ele tinha sua responsabilidade nisso. Ele se recostou em sua carteira, repentinamente exausto.

— Só uma, senhor. E já me disseram que não é importante, e entendo o porquê, mas acho que vai tornar meu trabalho aqui mais fácil se eu souber. — O jovem fez uma pausa. — Existe... — Um novo pico vermelho em seu gráfico. — Como isso tudo começou?

Donald prendeu a respiração. Olhou ao redor da sala, mas todo mundo ali estava olhando para seus próprios monitores como se qualquer pergunta não fizesse diferença.

Donald respondeu antes que Eren conseguisse reagir.

— Quanto você quer saber isso? Por quê? — perguntou ele.

O sombra respirou fundo.

— Não é crucial — respondeu ele. — Mas eu gostaria de perceber a dimensão do que estamos fazendo aqui, a que sobrevivemos. Acho que isso me daria... que dá a todos nós um propósito, entende?

— A razão é o propósito — disse Donald. Foi o que ele estava começando a aprender com seus estudos. — Antes de contar a você, eu gostaria de saber o que você acha que aconteceu.

Ele pensou ouvir o sombra engolir em seco.

— O que eu acho? — perguntou Lukas.

— Todo mundo tem teorias — disse Donald. — Está sugerindo que você não tem?

— Eu acho que era algo que previámos que ia acontecer.

Donald ficou impressionado. Ele teve a sensação de que aquele jovem sabia a resposta e queria apenas a confirmação.

— Isso é uma possibilidade — concordou. — Pense no seguinte... — Ele pensou na melhor forma de dizer aquilo. — E se eu lhe dissesse que há apenas cinquenta silos no mundo, e que estamos nessa parte infinitamente pequena?

No monitor, Donald podia praticamente assistir ao homem pensar, as leituras de suas reações oscilando para cima e para baixo como a versão cerebral de uma pulsação cardíaca.

— Eu diria que nós somos os únicos... — Um pico vermelho no monitor. — Eu diria que somos os únicos que *sabiam*.

— Muito bom. E por quê?

Donald desejou ter pensado em registrar as linhas que oscilavam na tela. Transmitia certa calma observar outro ser humano, agarrado a seus resquícios de sanidade, ver suas dúvidas desaparecendo.

— Porque... Não é porque sabíamos. — Houve uma expressão de susto do outro lado da linha. — É porque fomos nós que *fizemos isso*.

— Isso — disse Donald. — E agora você sabe.

Eren virou para Donald e pôs a mão em cima de seu microfone.

— Já tivemos mais que o suficiente. O garoto vai surtar.

Donald assentiu.

— Nosso tempo acabou, Lukas Kyle. Parabéns pela nova função.

— Obrigado. — Os monitores tremeluziram pela última vez.

— Ah, e Lukas? — chamou Donald, lembrando-se do gosto do rapaz por observar as estrelas, por sonhar, por se encher de uma perigosa esperança.

— Sim, senhor.

— De agora em diante, sugiro que se concentre no que está ao seu alcance. Chega dessa história de estrelas, está bem, filho? Sabemos onde está a maioria delas.

90

Ano 2327 — Ano Dezesseis
Silo 17

Jimmy não sabia ao certo como a matemática funcionava, mas alimentar duas bocas dava mais que o dobro de trabalho. E ainda assim, não gerava nem metade do cansaço. Ele desconfiava de que tivesse a ver com quanto era agradável cuidar de alguma coisa que não fosse ele próprio. A satisfação de ver o gato comer e se acostumar com ele o fez abrir mão de refeições e de sair da sala com mais frequência.

Mas o início tinha sido difícil. O gato ficara arisco após ser resgatado. Jimmy havia se secado com uma toalha encontrada dois níveis acima, e em seguida o gato agira como louco enquanto ele o secava. O processo pareceu uma mistura de amor e ódio: em um minuto rolavam juntos, em outro ele atacava as mãos de Jimmy. Finalmente seco, o animal dobrara de tamanho. E mesmo assim ainda era patético e faminto.

Jimmy encontrou uma lata de feijão embaixo de um colchão. O metal não estava tão enferrujado. Ele abriu a lata com uma chave de fenda e alimentou o gato com os feijões grudentos, enquanto seu próprio pé descongelava, formigando como se uma corrente elétrica passasse por eles.

Depois dos feijões, o gato passara a segui-lo a todos os lugares onde ele ia procurar outras coisas. Aquilo transformou a busca por comida em algo divertido, em vez de uma guerra sem fim contra o próprio estômago roncando. Divertido, mas também muito trabalhoso. Foram até o alto da

escada, ele outra vez de botas, o gato caminhando em silêncio atrás dele, às vezes à sua frente.

Jimmy logo havia aprendido a confiar no equilíbrio do gato. Nas primeiras vezes que o animal ficou na beirada da proteção externa, se projetando além dela e voltando enquanto subia a escada, Jimmy quase teve um ataque do coração. O gato parecia querer se matar, ou apenas não ter ideia do que significava cair. Mas ele logo aprendeu a confiar no animal, assim como o gato aprendeu a confiar nele.

E naquela primeira noite, enquanto ele estava deitado encolhido embaixo de sua lona nas fazendas nos níveis inferiores — ouvindo os cliques das bombas e das luzes ligando e desligando, além dos barulhos que ele confundia com outros, o gato se enfiou embaixo de seu braço e se enroscou no espaço entre sua barriga e suas pernas quando ele as encolheu. O animal começou a tremer como uma bomba instalada em suportes frouxos.

— Você estava bem sozinho, hein? — sussurrara Jimmy.

Ele havia ficado desconfortável, mas não queria se mexer. Ficara com uma dor no pescoço enquanto uma estranha rigidez desaparecia de suas próprias profundezas, uma rigidez que ele não sabia estar ali até ter desaparecido.

— Eu também estava sozinho — dissera com carinho para o gato, fascinado com o fato de cada vez mais se comunicar com o animal. Era melhor que falar com sua sombra e fingir que era uma pessoa.

— Esse é um bom nome — falara Jimmy.

Ele não sabia que nomes as pessoas davam aos gatos, mas Sombra soava bem. Como as sombras onde ele tinha encontrado o bicho, outro ponto de escuridão para seguir Jimmy. E naquela noite, anos antes, os dois haviam caído no sono em meio ao ruído das bombas, ao gotejar da água, ao zumbido dos insetos e a todos os sons estranhos das profundezas das fazendas que Jimmy preferia não mencionar.

* * *

Isso tinha sido anos antes. Agora, pelo de gato e de barba se acumulavam juntos nas lombadas dos livros do Legado. Jimmy aparava a barba enquanto lia sobre cobras. As tesouras faziam um barulho de trituração quando ele pegava numa mecha de pelo do queixo, esticava e cortava com as lâminas cegas. Ele jogava a maior parte do pelo em uma lata vazia. O restante flutuava e caía entre as páginas, uma pontuação intrometida se misturando ao pelo do gato, que não parava de andar de um lado para outro, arqueando as costas e passando por cima das frases.

— Estou tentando ler — reclamou Jimmy.

No entanto, largou a tesoura e acariciou docilmente o animal do pescoço até o rabo; Sombra esfregava as costas na palma da mão de Jimmy. Ele miou e ronronou como se o coração fosse explodir, e implorou por mais.

As garras perfuraram a imagem de uma cobra, e Jimmy colocou o animal no chão. Sombra deitou de costas com as patas para o ar, observando Jimmy com atenção. Era uma armadilha. Jimmy podia esfregar sua barriga por apenas um instante antes que o gato decidisse de repente que odiava aquilo e atacasse seu pulso. Jimmy não entendia gatos tão bem assim, mas tinha lido o verbete sobre eles umas dez vezes. Uma coisa que odiara aprender foi que eles não viviam tanto quanto humanos. Tentava não pensar nesse dia. No dia em que voltaria a ser Solo, e preferia muito mais ser Jimmy. Jimmy falava mais. Solo tinha pensamentos esquisitos, era o que olhava além da grade de proteção, que cuspia na direção das profundezas e observava o cuspe girar e despencar na velocidade alucinada de sua queda.

— Está entediado? — perguntou Jimmy.

Sombra olhou para ele como se estivesse. Parecia com a expressão que sinalizava estar faminto.

— Quer sair para explorar?

A orelha do gato se mexeu, o que era sinal suficiente.

Jimmy resolveu checar o topo de novo. Ele só tinha ido lá em cima uma vez desde que os dias haviam escurecido, e só para dar uma espiada. Se houvesse no silo um abridor de lata que funcionasse, estaria lá. Não

precisaria mais das chaves de fenda enferrujadas nem cortaria as mãos em tampas abertas grosseiramente.

Eles partiram depois do almoço e fizeram uma pausa rápida nas fazendas. Quando chegaram ao refeitório, o encontraram em silêncio absoluto e brilhando com a luz verde projetada pelas escadarias. Sombra subiu correndo sozinho os últimos degraus, corajoso como sempre. Jimmy seguiu direto para a cozinha e a encontrou em ruínas depois de ter sido saqueada.

— Quem pegou todos os abridores? — perguntou para Sombra.

Mas Sombra não estava lá. Estava perto da parede dos fundos, agitado.

Jimmy se agachou atrás do balcão de atendimento e remexeu entre os garfos com a intenção de substituir o que sempre usava quando ouviu um miado. Lançou um olhar pelo amplo refeitório e viu Sombra andando de um lado para outro, se esfregando contra uma porta fechada.

— Quieto — gritou Jimmy para Sombra.

O gato não sabia que só podia arranjar problema fazendo um barulho daquele? Mas Sombra não estava ouvindo. Ele miava e miava, arranhava a porta com as unhas e se esticava, até que Jimmy cedeu. Ele correu em meio ao labirinto de cadeiras viradas e mesas retorcidas para descobrir a razão daquele barulho.

— É comida? — perguntou.

Com Sombra, quase sempre era comida. Seu companheiro era atraído por comida como um ímã, o que Jimmy passara a achar bem prático. Ao se aproximar da porta, ele viu o que restava de uma corda enrolada na maçaneta, reduzida a farrapos pelos anos. Jimmy experimentou a maçaneta e viu que a porta estava destrancada. Ele a empurrou.

A sala estava escura, sem nenhuma das luzes de emergência como no alto da escadaria. Jimmy procurou a lanterna enquanto Sombra desapareceu pela porta entreaberta, seu rabo balançando no vazio.

Houve um rosnado assustado assim que a lanterna acendeu. Jimmy parou, com a bota quase dentro do cômodo, quando o feixe de luz de sua lanterna pousou sobre um rosto que o encarava com olhos abertos e sem vida. Corpos apoiados na porta e um braço pendurado para fora sobre seu pé.

Jimmy gritou e caiu para trás. Chutou a mão pálida e carnuda e chamou Sombra, que veio correndo pela porta, com o pelo arrepiado. Havia um gosto metálico na língua de Jimmy, uma onda de adrenalina enquanto se apressava em fechar a porta. Ele levantou o braço inerte e o empurrou de volta para o interior, as roupas se desfazendo ao seu toque, a carne por baixo firme e esponjosa.

A última coisa que viu foram bocas abertas e dedos encolhidos. Pilhas de corpos, frescos como se tivessem morrido naquela manhã, congelados onde haviam rastejado uns por cima dos outros, as mãos tentando alcançar a porta.

Quando ouviu o som da trava fechando, Jimmy começou a empurrar mesas e cadeiras contra a porta. Criou um grande emaranhado com os móveis, jogando mais cadeiras no alto da pilha, tremendo e xingando enquanto Sombra andava em círculos.

— Nojento, nojento, nojento — dizia para Sombra, cujo pelo ainda não tinha voltado ao normal.

Ele examinou sua barricada para se proteger da pilha de mortos e torceu para que fosse eficaz, para que não tivesse deixado sair fantasmas demais. Os restos da corda velha balançavam na maçaneta, e Jimmy agradeceu a quem quer que tivesse mantido aquelas pessoas ali, afastadas.

— Vamos.

Sombra se esfregou em suas pernas em busca de conforto. Não havia nada para ver no telão apagado na parede, nenhum alimento nem ferramentas que pudessem ser usados. Já tivera sua dose do topo, que de repente pareceu lotado de mortos.

91

Ano 2327 — Ano Dezesseis
Silo 17

Além de comida, Sombra tinha faro para problemas. Faro para provocá-los. Certa manhã, Jimmy despertou com um som agudo horrível, um miado patético que vinha pelo corredor. Jimmy subiu a escada meio dormindo e encontrou Sombra no topo, perto do último degrau. Ele não sabia como o gato tinha chegado até ali, e o gato não sabia descer. Jimmy liberou a escotilha acima de suas cabeças e abriu-a. Viu Sombra escalar com as garras a trama de metal atrás da escada, com as costas apertadas contra os degraus, e sair.

Duas manhãs depois, a mesma coisa aconteceu, e foi quando Jimmy resolveu deixar a escotilha aberta o tempo inteiro. Estava cansado de abri-la e fechá-la sempre que chegava e saía, e Sombra gostava de explorar a sala dos servidores sempre que tinha vontade. Fazia muito tempo que não havia combates, e a grande porta de aço ainda piscava em vermelho.

Sombra amava os servidores. Na maioria das vezes, Jimmy o encontrava no servidor número quarenta, onde o metal era tão quente que Jimmy mal conseguia tocá-lo. Mas Sombra não se importava. Ele dormia lá em cima ou espiava o chão pela beirada, à espera de insetos sobre os quais saltar.

Outras vezes, Jimmy o encontrava parado no canto onde o homem em quem atirara muito tempo antes se decompusera. Sombra gostava de farejar as manchas de ferrugem e tocar a grade com a língua. Era por

essa liberdade que a escotilha ficava aberta. E foi assim, quando a energia acabou de vez, que os homens maus entraram. Foi assim que Jimmy acordou um dia com um estranho parado em frente à sua cama.

* * *

O apagão o despertara no meio da noite. Jimmy dormia com as luzes acesas, para manter os fantasmas afastados. Ele até gostava um pouco da estática do rádio para encher o ambiente, de modo a não ouvir nenhum murmúrio. Quando o silêncio e a escuridão vieram ao mesmo tempo com um baque alto, Jimmy acordou assustado e saiu à procura da lanterna, pisando no rabo de Sombra. Esperou que as luzes voltassem, mas elas permaneceram apagadas. Cansado demais para pensar no que fazer, voltou a dormir, segurando a lanterna com as duas mãos, e Sombra enroscado cautelosamente em seu pescoço.

O ruído de alguém descendo a escada foi o que o despertou mais tarde. Jimmy estava vagamente consciente da presença de alguém no ambiente. Era uma sensação que costumava sentir, mas aquela presença parecia alterar o modo como o silêncio se refletia, o modo até como sua respiração ecoava. Ele abriu os olhos e viu uma lanterna apontar para ele, um homem parado ao pé de sua cama.

Jimmy gritou, e o homem avançou como se quisesse silenciá-lo. Um vislumbre de barba e dentes amarelos havia captado o feixe de luz; depois, um movimento de uma barra de aço.

Jimmy sentiu uma pontada de dor no ombro. O homem se preparou para golpeá-lo outra vez com seu pedaço de cano. Jimmy levantou os braços para proteger a cabeça. O cano o acertou no pulso. Houve um guincho perto de sua cabeça, depois uma forma negra correndo em meio às sombras.

O homem com o cano gritou e deixou a lanterna cair, e ela pousou no meio de lençóis. Jimmy saiu dali correndo. Sua mente não conseguia explicar a presença de uma pessoa em sua casa. Uma pessoa em sua casa.

O medo de anos e anos se tornando real em um instante. Ele tinha diminuído suas precauções. Todas aquelas saídas se arriscando. *Descuidado, descuidado*, disse para si mesmo, engatinhando.

Sombra emitiu um guincho terrível, o som que fazia quando pisavam em seu rabo. Seguiu-se um grito de dor. Jimmy sentiu a raiva crescer e se misturar com seu medo. Rastejou para o canto, bateu na mesa, procurou onde ela devia estar encostada...

Suas mãos envolveram a arma. Fazia anos que ele não a usava. Não lembrava nem se estava carregada. Mas ainda podia usá-la como um porrete se precisasse. Ele a aninhou contra o ombro e apontou o cano para a escuridão. Sombra guinchou de novo. Houve o baque seco de um corpo pequeno acertando algo com força. Jimmy não conseguia respirar nem engolir. Não conseguia ver nada além do brilho fraco que se erguia das dobras de sua cama.

Ele apontou a arma para uma faixa de escuridão que parecia se mover e apertou o gatilho. Houve um brilho ofuscante na ponta do cano, um estrondo que encheu completamente o pequeno ambiente. Nesse breve piscar de luz, pôde entrever a imagem feroz de um homem correndo em sua direção. Mais um tiro enfurecido. Outro vislumbre desse estranho no espaço de Jimmy, um homem magro com barba longa e olhos brancos. E naquele momento Jimmy soube onde ele estava, e o terceiro tiro não ecoou. Seu impacto se perdeu em meio aos gritos. Os gritos encheram a escuridão, depois um último tiro deu fim a eles.

* * *

Os olhos de Sombra brilhavam embaixo da mesa. Ele espiava com cautela Jimmy e sua lanterna nova.

— Você está bem? — perguntou Jimmy.

O gato piscou.

— Fique aí — murmurou Jimmy.

Ele aninhou a lanterna entre o rosto e o ombro e conferiu o carregador da arma. Antes de sair, empurrou para seus lençóis o homem sangrando. Jimmy sentiu um entorpecimento estranho ao ver alguém ali embaixo, mesmo morto. Prestou atenção para tentar escutar a presença de mais intrusos enquanto seguia na direção da escada.

O apagão e aquele ataque não tinham sido coincidência, disse a si mesmo. Alguém havia aberto as portas. Tinham decifrado o código ou arrombado o painel. Jimmy torceu para que o homem tivesse feito tudo sozinho. Não reconheceu o rosto, mas muitos anos tinham passado. Barbas haviam crescido e ficado grisalhas. O macacão cinza indicava que era alguém que talvez soubesse como entrar ali. A dor no ombro e no pulso sugeria que não eram seus amigos.

Não havia ninguém na escada. Jimmy jogou o rifle por cima do ombro e desligou a lanterna para que ninguém o visse se aproximar. Suas mãos provocavam rangidos muito suaves nos degraus metálicos da escada. Ele estava na metade da subida quando sentiu Sombra se espremendo e escalando pelo espaço entre os degraus e a parede.

Jimmy sussurrou para que o gato ficasse parado, mas ele desapareceu à sua frente. No alto da escada, Jimmy tirou o rifle das costas e o segurou na mão. Com a outra, apertou a lanterna contra a barriga e a acendeu. Afastando-a do macacão aos poucos, projetou luz suficiente apenas para iluminar seu caminho entre os servidores.

Havia um ruído mais à frente, não sabia dizer se era Sombra ou uma pessoa. Jimmy hesitou antes de continuar. Levou uma eternidade para atravessar o grande salão com as máquinas na escuridão daquele jeito. Ele ainda podia ouvi-las funcionando, ainda gerando calor. Mas, quando se aproximou da porta, o teclado não estava mais piscando sua luz de sentinela para ele. E havia um vazio além da porta reluzente; uma porta estava semiaberta.

Mais barulho do lado de fora. O farfalhar de tecido, de uma pessoa em movimento. Jimmy apagou a lanterna e posicionou o rifle. Podia sentir o gosto do medo em sua boca. Queria gritar e mandar aquelas pessoas o deixarem em paz. Queria avisar o que havia feito com todos os

que tinham entrado. Queria largar a arma, gritar e implorar para nunca mais ter que fazer aquilo.

Enfiou a cabeça no corredor e se esforçou para ver na escuridão, torcendo para que aquela outra pessoa não pudesse vê-lo também. O corredor estava vazio, exceto pelo som da respiração de duas pessoas. Havia a consciência crescente de que o espaço escuro estava sendo compartilhado com mais alguém.

— Hank? — sussurrou uma voz.

Jimmy virou e apertou o gatilho. Houve uma rajada de luz. O rifle lhe deu um coice no ombro. Ele recuou para a sala dos servidores e esperou pelos gritos e passos de botas. Esperou pelo que pareceu uma eternidade. Algo tocou sua bota e Jimmy gritou. Era Sombra ronronando e se esfregando nele.

Ele apontou a lanterna, olhou além da curva e deixou que um pouco de luz vazasse. Havia uma forma ali, uma pessoa deitada de costas. Ele verificou os corredores profundos e escuros e não viu nada.

— Me deixem em paz! — berrou para todos os fantasmas e coisas mais sólidas.

Nem mesmo seu eco respondeu.

Jimmy olhou para aquele segundo homem apenas para descobrir que não era um homem. Era uma mulher. Seus olhos felizmente tinham se fechado. Um homem e uma mulher tinham vindo atrás de sua comida, tinham vindo para roubar dele. Aquilo deixou Jimmy com raiva. Então viu a barriga inchada da mulher e ficou duplamente com raiva. Não era como se estivessem morrendo de fome, pensou.

92

Ano 2345
Silo 1

Donald botou o relógio para despertar às três da manhã, mas havia pouca chance de que conseguisse dormir. Havia esperado semanas por aquilo. Uma chance de dar uma vida em vez de tirar. Uma oportunidade de redenção, e uma oportunidade para descobrir a verdade, uma chance de satisfazer suas suspeitas crescentes.

Ele encarou o teto e refletiu sobre o que estava prestes a fazer. Não era o que Erskine ou Victor esperavam que fizesse se alguém como ele estivesse no comando, mas aqueles homens tinham entendido muita coisa errado, inclusive quem ele era. Aquele não era o fim do fim do mundo. Era o início de alguma outra coisa. O fim de não saber o que havia lá fora.

Ele observou a própria mão à luz fraca que vinha do banheiro e pensou no exterior. Às duas e meia, decidiu que tinha esperado tempo suficiente. Levantou, tomou banho, fez a barba, vestiu um macacão limpo e calçou as botas. Pegou o crachá, prendeu-o no macacão, e saiu do apartamento com a cabeça erguida e o peito estufado. Desceu a passos largos um corredor com poucas luzes ainda acesas e com as batidas de um teclado soando ao longe, alguém trabalhando até tarde. A porta da sala de Eren estava fechada. Donald chamou o elevador e esperou.

Antes de descer até lá, escaneou o crachá e apertou o botão reluzente que dizia cinquenta e quatro para verificar se não ia ser perda de tempo.

A luz piscou, e o elevador deu um solavanco e começou a se mover. Até ali, sem problemas. O elevador não parou até chegar ao arsenal. As portas se abriram para uma escuridão familiar cheia de longas sombras — um negro precipício de estantes e caixas.

Donald pôs a mão na porta para evitar que se fechasse e entrou no salão. A vastidão do espaço de algum modo podia ser sentida, como se os ecos de seu batimento cardíaco acelerado estivessem sendo engolidos pela distância. Esperou que uma luz piscasse ao fundo, que Anna saísse andando mexendo no cabelo ou com uma garrafa de uísque na mão, mas nada naquele lugar se moveu. Tudo estava imóvel e silencioso. Os pilotos e a atividade temporária tinham terminado.

Ele voltou ao elevador e apertou outro botão. O elevador desceu. Passou por mais níveis de armazenamento, além do reator. As portas se abriram na ala médica. Donald pôde sentir as dezenas de milhares de corpos organizados a sua volta, todos virados para o teto, com as pálpebras cerradas. Alguns estavam verdadeiramente mortos, pensou. Um estava prestes a ser acordado.

Ele foi direto para o consultório do médico e bateu no batente da porta. O assistente em serviço levantou a cabeça atrás do monitor. Ele esfregou os olhos por trás dos óculos, ajustou-os no nariz, e piscou para Donald.

— Como estão as coisas? — perguntou Donald.

— Hum. Bem. — O jovem balançou o pulso e checou o relógio; era algo antigo. — Tem alguém entrando em congelamento profundo? Eu não fui informado. Wilson está acordado?

— Não, não. Eu só estava sem sono. — Donald apontou para o teto. — Fui ver se havia alguém acordado no refeitório, depois achei que, como estava sem sono, podia descer aqui e ver se queriam que eu terminasse o turno de vocês. Posso ficar sentado vendo um filme como qualquer outra pessoa.

O assistente olhou para o monitor e riu, culpado.

— É. — Ele tornou a olhar para o relógio, de algum modo já havia esquecido do que ele lhe dissera. — Faltam duas horas. Eu não me

importaria de ir descansar. O senhor me acorda se acontecer alguma coisa? — Ele levantou, se espreguiçou e cobriu um bocejo com a mão.

— Claro.

O assistente do médico saiu cambaleante de trás da mesa. Donald fez a volta, puxou a cadeira, sentou e pôs os pés na mesa como se não fosse a lugar algum por horas.

— Eu lhe devo uma — disse o rapaz, pegando o casaco atrás da porta.

— Ah, estamos quites — respondeu Donald baixinho assim que o homem saiu.

Ele esperou pelo sinal sonoro do elevador antes de entrar em ação. Havia um recipiente plástico para bebidas no escorredor perto da pia. Ele o pegou e encheu de água. O tom musical do recipiente enchendo soava como uma crescente ansiedade.

Ele abriu a tampa do pó. Duas medidas. Mexeu com um dos longos abaixadores de língua de plástico, atarraxou de volta a tampa e guardou o pó de volta na geladeira. A princípio a cadeira de rodas não quis se mexer. Viu que os freios estavam acionados, os pequenos braços de metal pressionando a borracha macia. Ele os soltou, pegou um cobertor e uma bata cirúrgica de papel no armário alto e os jogou no assento. Assim como antes. Mas, dessa vez, ele ia fazer direito. Pegou o kit de primeiros socorros e se assegurou de ter um par de luvas novo.

A cadeira de rodas saiu chacoalhando pela porta e seguiu pelo corredor. As mãos de Donald suavam enquanto a empurrava. Para manter as rodas dianteiras em silêncio, ele guiava a cadeira apoiando-a apenas nos grandes pneus traseiros de borracha. As rodinhas giravam preguiçosamente no ar enquanto ele seguia apressado.

Digitou seu código no teclado e esperou uma luz vermelha, algum impedimento, algum bloqueio. A luz verde piscou. Donald abriu a porta e caminhou desviando das cápsulas na direção da que guardava sua irmã.

Havia uma mistura de expectativa e culpa. Aquele era um passo tão ousado quanto sua fuga colina acima em um traje. Os riscos eram maiores por envolver a família, por despertar alguém naquele mundo

inclemente, por submetê-la à mesma brutalidade que Anna o impingira, que Thurman a impingira, e assim por diante, em uma infelicidade infinita de turnos.

Ele deixou a cadeira de rodas no lugar e se ajoelhou junto ao painel de controle. Hesitante, levantou e olhou através da escotilha de vidro, só por garantia.

Ela parecia tão serena ali dentro, provavelmente não era atormentada por pesadelos como ele. As dúvidas de Donald aumentaram. Então ele a imaginou despertando sozinha; imaginou-a consciente e batendo no vidro, pedindo para sair. Viu seu espírito irritadiço, ouviu-a exigir que não mentissem para ela e soube que, se ela estivesse ali com ele, ia lhe pedir que fizesse aquilo. Ia preferir saber e sofrer do que ser deixada dormindo na ignorância.

Ele se agachou mais uma vez ao lado do teclado e digitou sua senha. O teclado emitiu um bipe com alegria quando ele apertou o botão vermelho. Houve um clique no interior da cápsula, como o de uma válvula se abrindo. Ele girou outro botão e observou o indicador da temperatura, esperou que começasse a subir.

Donald levantou e ficou parado ao lado da cápsula criogênica, e o tempo pareceu passar mais devagar. Ele achava que alguém fosse aparecer e encontrá-lo antes de terminar o processo. Mas a tampa emitiu um novo estalido e um chiado. Pegou a gaze e o esparadrapo. Separou o par de luvas e começou a calçá-las, fazendo uma nuvem de talco enevoar o ar quando a borracha estalava na pele.

Abriu a tampa até o final.

Sua irmã estava deitada de costas, com os braços ao lado do corpo. Ela ainda não tinha se mexido. Ele foi tomado pelo pânico ao repassar o procedimento. Será que tinha esquecido alguma coisa? Santo Deus, será que ele a havia matado?

Charlotte tossiu. Água escorreu por seu rosto quando o gelo em suas pálpebras derreteu. Então seus olhos piscaram sem forças antes de ficarem apenas entreabertos contra a luz.

— Aguente firme — disse Donald.

Ele apertou um pedaço quadrado de gaze sobre o braço dela e removeu a agulha. Pôde sentir o aço deslizar sob o tecido e seus dedos enquanto ele a extraía do braço dela. Segurando a gaze no lugar, ele pegou um pedaço de esparadrapo pendurado na cadeira de rodas e fez um curativo. O último foi o cateter. Ele a cobriu com uma toalha, pressionou e removeu o tubo. E então ela estava livre da máquina, de braços cruzados e trêmula. Ele a ajudou a vestir a bata de papel, deixou a parte de trás aberta.

— Vou levantá-la e tirá-la daí — disse ele.

Os dentes dela bateram em resposta.

Donald empurrou os pés dela na direção das costas para erguê-la pelos joelhos. Enfiou um braço sob o dela, sentiu a carne fria, e o outro sob as pernas, levantando-a com facilidade. Parecia que ela pesava muito pouco. Ele podia sentir o cheiro do interior da cápsula em sua pele.

Charlotte murmurou alguma coisa enquanto ele a botava na cadeira de rodas. O cobertor foi arrumado no assento, de modo que ela se sentasse sobre o tecido, não na cadeira gelada. Assim que ela estava instalada, ele a envolveu com o cobertor. Charlotte preferiu se manter encolhida em posição fetal, abraçando as pernas em vez de colocar os pés nos apoios.

— Onde estou? — perguntou ela, com a voz frágil como uma camada de gelo.

— Fique calma — disse Donald.

Ele fechou a tampa da cápsula, tentou lembrar se havia mais alguma coisa, tentou se lembrar de algo que podia ter esquecido.

— Você está comigo — disse enquanto a empurrava na direção da saída.

Era onde os dois estavam: um com o outro. Não havia lar, nenhum lugar na Terra para receber mais nenhum deles, só um pesadelo infernal para o qual arrastar o outro apenas para ter uma triste companhia.

93

Ano 2345
Silo 1

A parte mais difícil foi fazê-la esperar para comer. Donald conhecia aquela fome. Ele a fez passar pela mesma rotina que ele suportara algumas vezes: a fez beber o líquido amargo, a fez usar o banheiro para limpar o organismo, a fez se sentar na beira da banheira e tomar uma ducha morna, depois a vestiu com uma roupa limpa e lhe deu um cobertor novo.

Ele a observou terminar a bebida. Seus lábios aos poucos foram do azul-claro para o cor-de-rosa. A pele estava muito pálida. Donald não conseguia lembrar se ela era assim antes da orientação. Talvez tivesse acontecido quando estava no exterior, sentada dentro daqueles trailers escuros, iluminada só pela luz dos monitores.

— Preciso ir agora — disse para ela. — Todo mundo deve estar acordando. Vou trazer o café da manhã para você quando voltar.

Charlotte estava sentada quieta em uma das cadeiras de couro em volta da velha mesa de planejamento de guerra, com os pés sob o corpo. Ela não parava de mexer na gola do macacão, como se ele estivesse pinicando sua pele.

— Mamãe e papai morreram — disse ela, repetindo o que ele lhe dissera antes.

Donald não tinha certeza do que ela ia ou não se lembrar. Ela não tomara os remédios para o estresse pós-traumático por tanto tempo nem

tão recentemente quanto ele. Mas isso não importava. Ele podia contar a ela a verdade. Contar a ela e se odiar por fazer isso.

— Eu volto daqui a pouco. Só fique aqui e tente descansar. Não saia desta sala, está bem?

As palavras ecoaram no vazio enquanto ele corria pelo depósito na direção do elevador. Donald se lembrou de ouvir dos outros logo após despertar que ele devia descansar um pouco. Charlotte tinha dormido quase três séculos. Enquanto escaneava seu cartão de identificação e esperava o elevador, ele pensou em quanto tempo tinha se passado e como pouca coisa havia mudado. O mundo ainda era a ruína deixada por eles. Ou, se não era, eles estavam prestes a descobrir.

Ele subiu até o nível da Operações e se apresentou a Eren. O chefe da Operações já estava em sua mesa cercado por arquivos, uma das mãos desgrenhando o cabelo, o cotovelo em cima de pilhas de papéis. Não subia vapor de sua caneca de café. Ele estava em sua mesa havia algum tempo.

— Thurman — disse ele, erguendo os olhos.

Donald levou um susto e olhou para o corredor, à procura de outra pessoa.

— Algum progresso com o 18?

— Eu, hã... — Donald tentou se lembrar. — A última notícia que tive foi que haviam rompido a barreira nos níveis inferiores. O chefe de lá acha que a luta termina em um ou dois dias.

— Ótimo. Bom que o sombra esteja resolvendo. Hora assustadora para não ter um. Certa vez aconteceu isso. No meu terceiro turno, eu acho, quando perdemos um chefe enquanto ele estava entre sombras. Foi um inferno achar um recruta. — Eren se recostou na cadeira. — O prefeito não era uma opção. O chefe da segurança era tão brilhante quanto um pedaço de carvão. Por isso tivemos que...

— Desculpe interromper — interveio Donald, apontando para o corredor. — Preciso voltar lá...

— Ah, é claro. — Eren gesticulou com a mão, pareceu constrangido. — Certo. Eu também.

— ...é só que tenho muita coisa para fazer hoje. Vou pegar o café da manhã e levar para a minha sala. — Ele apontou com a cabeça a sala vazia no lado oposto do corredor. — Diga para Gable que ele não precisa se preocupar comigo hoje, está bem? Não quero ser incomodado.

— Claro, claro. — Eren gesticulou com as mãos para que ele fosse embora.

Donald virou na direção do elevador. Subiu para o refeitório. O estômago roncou aprovando seu caminho. Ele passara a noite em claro e sem comer. Estava acordado e sem comer havia tempo demais.

94

Ano 2345
Silo 1

Ele estava desrespeitando o período de jejum deixando-a comer uma hora mais cedo, mas era difícil dizer não. Donald a encorajou a dar mordidas pequenas, a ir devagar. E enquanto Charlotte mastigava ele a atualizou. Ela soube sobre os silos na orientação. Ele contou a ela sobre os telões nas paredes, sobre os limpadores, que ele tinha sido despertado porque alguém havia desaparecido. Charlotte teve dificuldade para entender tudo aquilo. Foi necessário repetir várias vezes até que aquilo soasse estranho mesmo para seus ouvidos.

— Eles deixam que essas pessoas nos outros silos vejam lá fora? — perguntou ela, mastigando um pedacinho de biscoito.

— Sim. Uma vez perguntei a Thurman por que nós instalamos os telões. Sabe o que ele me disse?

Charlotte deu de ombros e bebeu um gole de água.

— Que eles existem para evitar que queiram sair. Temos que mostrar a eles a morte para mantê-los dentro do silo. Do contrário, sempre vão querer saber o que há do outro lado de fora. Thurman disse que é a natureza humana.

— Mas alguns deles vão mesmo assim.

Ela limpou a boca com o guardanapo, pegou o garfo com a mão trêmula e puxou em sua direção o café da manhã parcialmente comido de Donald.

— É, alguns vão mesmo assim — concordou Donald. — E você precisa ir com calma.

Ele a observou mergulhar em seus ovos e se lembrou de sua própria viagem pelo elevador de lançamento dos drones. Ele era uma dessas pessoas que tinham saído. Ela não precisava saber disso.

— Nós temos uma dessas telas — disse Charlotte. — Lembro de ver o movimento das nuvens. — Ela ergueu os olhos para Donald. — Por que nós temos uma?

Donald pegou rapidamente seu lenço, levou-o à boca e tossiu.

— Porque somos humanos — respondeu, guardando o pedaço de tecido. — Se acharmos que não faz sentido sair, que vamos morrer se fizermos isso, vamos ficar aqui e fazer o que nos mandarem. Mas eu sei de uma maneira de ver o que há lá fora.

— Ah é?

Charlotte raspou o resto dos ovos com seu garfo e o levou à boca. Ela esperou.

— E vou precisar de sua ajuda.

* * *

Eles puxaram a lona que cobria um dos drones. Charlotte passou a mão trêmula pela asa e caminhou hesitante ao redor da aeronave. Segurou o flap na traseira da asa e o moveu para cima e para baixo. Fez o mesmo com a cauda. O drone tinha uma cúpula e um bico negro que davam a ele algo parecido com um rosto. Ele ficava imóvel, em silêncio, enquanto Charlotte o examinava.

Donald percebeu que faltavam três dos outros drones. O piso onde ficavam, cobertos pelas respectivas lonas, estava reluzente. E faltavam algumas bombas no alto da pirâmide organizada na estante de munições. Sinais do uso do arsenal nas semanas anteriores. Donald foi até a porta do hangar e a abriu.

— Sem equipamento? — perguntou Charlotte.

Ela espiou por baixo de uma das asas, onde coisas ruins eram presas.

— Não — disse Donald. — Para isso, não — Ele voltou correndo e a ajudou a empurrar. Os dois moveram o drone na direção das portas abertas do elevador. As asas quase não cabiam.

— Deve haver alguma corrente ou encaixe — disse ela. Em seguida abaixou rapidamente, rastejou por trás do drone e seguiu para baixo da asa.

— Tem alguma coisa no chão — disse Donald, lembrando-se da peça de metal que se movia ao longo do trilho. — Vou buscar algo para iluminar.

Ele pegou uma lanterna em um dos contêineres, verificou se estava funcionando e a levou para ela. Charlotte prendeu o drone ao mecanismo de lançamento e se espremeu para sair dali. Ela parecia estar demorando demais para levantar, por isso ele lhe estendeu a mão.

— E você tem certeza de que esse elevador vai funcionar? — Ela passou a mão no cabelo, ainda molhado da ducha, e o afastou do rosto.

— Absoluta — disse Donald.

Ele a conduziu pelo corredor, passou pelos alojamentos e banheiros. Charlotte ficou tensa quando ele a levou até a sala de pilotagem e tirou as coberturas de plástico. Donald ligou os controles do elevador. Ela olhava sem expressão para um dos equipamentos com joysticks, mostradores e telas.

— Você sabe operar isso, certo? — perguntou ele.

Ela saiu de seu transe e o encarou por um instante, em seguida balançou a cabeça.

— Se eles ligarem.

— Vão ligar.

Donald viu a luz acima dos controles do elevador piscar enquanto Charlotte se instalava diante de uma das mesas de controle. A sala estava extremamente silenciosa com todos os outros equipamentos cobertos. Donald viu que não estavam empoeirados. O lugar tinha sido visitado não muito tempo antes. Ele se lembrou das requisições de voo que assinara, cada uma delas a custo considerável. Lembrou-se do risco

de que fossem vistos nos telões, da necessidade de voar no interior das nuvens revoltas. Eren destacara a característica de utilização única dos drones. O ar no exterior era nocivo para eles, dissera. Seu alcance era limitado. Donald pensara no motivo daquilo e procurara nos arquivos de Thurman.

Charlotte acionara várias chaves. Os cliques romperam o silêncio, e a mesa de controle começou a funcionar.

— O elevador demora um tempo — disse para ela. Não explicou como sabia, mas lembrou da subida tantos anos antes. Lembrou-se de sua respiração embaçando o visor do capacete enquanto subia para o que esperava ser sua morte. Agora tinha uma esperança diferente. Pensou no que Erskine lhe dissera sobre limpar a terra. Pensou no bilhete de suicídio de Victor para Thurman. Aquele projeto deles era sobre recomeçar a vida do zero. E Donald, fosse por loucura ou razão, tinha se convencido de que a iniciativa era mais precisa do que qualquer um tinha o direito de pensar.

Charlotte ajustou sua tela. Ela apertou uma tecla, e uma luz surgiu no monitor. Era o brilho da porta de aço do elevador, iluminada pelo farol dianteiro do drone e vista por suas câmeras.

— Faz tanto tempo — disse ela.

Donald olhou para baixo e viu que as mãos da irmã estavam tremendo. Ela as esfregou antes de voltar aos controles. Remexendo-se em seu assento, ela localizou os pedais com os pés, em seguida ajustou o brilho do monitor para que não ficasse tão ofuscante.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou Donald.

Charlotte riu e balançou a cabeça.

— Não. Parece estranho não estar seguindo um plano de voo ou algo assim. Normalmente eu tenho um alvo, sabia?

Ela virou, olhou para Donald e sorriu. Ele apertou o ombro dela. Era bom tê-la por perto. Ela era tudo o que lhe restava.

— Seu plano de voo é voar o mais longe e mais rápido possível — disse.

Sua esperança era a de que, sem uma bomba, o drone conseguisse ir mais longe. Sua esperança era a de que o alcance limitado de algum modo não fosse programado. Uma luz começou a piscar nos controles do elevador de lançamento. Donald correu para ver o que era.

— A porta está subindo — informou Charlotte. — Acho que temos luz do dia.

Donald voltou correndo. Ele olhou pela porta e para o corredor, pensando ter ouvido alguma coisa.

— Testando motores — disse Charlotte. — Ignição confirmada.

Ela se mexeu na cadeira. O macacão que ele roubara para ela era grande demais, estava enrolado em volta dos braços. Donald estava de pé atrás dela e observava o monitor, que mostrava uma imagem do céu revolto no alto de uma rampa inclinada. Ele se lembrava daquela vista. E ficou sem fôlego ao ver aquilo. O drone foi puxado do elevador e posicionado na rampa. Charlotte apertou outra tecla de comando.

— Freios acionados — disse ela, esticando a perna. — Potência acionada.

Sua mão deslizou para a frente. A imagem da câmera apontava para baixo conforme o drone fazia força contra os freios.

— Tem muito tempo que não faço isso sem um lançador — disse ela, nervosa.

Donald estava prestes a perguntar se isso era um problema quando ela levantou os pés, e a imagem na tela se ergueu. O túnel de metal começou a vibrar e a passar em alta velocidade. As nuvens agitadas encheram a tela até se tornarem tudo o que existia.

— Decolar — disse Charlotte.

Depois, moveu o controle com a mão direita. Donald se percebeu inclinando para o lado conforme o drone fazia a curva. Ele viu brevemente o solo antes que tudo fosse engolido por nuvens espessas.

— Para onde? — perguntou ela.

Acionou um controle e o terreno abaixo surgiu no radar, algo que podia atravessar as nuvens.

— Acho que não importa — disse ele. — Só em frente.

Ele se inclinou para mais perto para observar a paisagem estranha mas familiar. Havia as grandes depressões que ele ajudara a criar. Havia outra torre no meio de uma depressão. Os restos da convenção — as tendas, os estandes e palcos — há muito tinham desaparecido, devorados pelas máquinas minúsculas no ar.

— Apenas uma linha reta — disse ele, apontando.

Era uma teoria. Uma ideia maluca, mas ele precisava ver por si mesmo antes de ousar dizer qualquer coisa.

O padrão de depressões terminava a distância. As nuvens às vezes rareavam, dando a ele um vislumbre real do solo. Donald se esforçava para ver além das depressões quando Charlotte soltou o acelerador e se dirigiu a um painel de controles e mostradores.

— Hum... acho que temos um problema. — Ela mexeu um controle de um lado para outro. — A pressão do óleo está caindo.

— Não. — Donald observava a tela enquanto as nuvens se agitavam e a terra parecia se elevar. Era cedo demais. A menos que ele tivesse deixado passar algum procedimento, alguma precaução. — Continue em frente — disse baixo, tanto para o drone quanto para a piloto.

— Ele está se comportando de modo estranho — afirmou Charlotte. — Tudo parece estar se soltando.

Donald pensou em todos os drones no hangar. Eles podiam lançar outro. Mas desconfiava que o resultado seria o mesmo. Ele podia ser resistente ao que quer que estivesse lá fora, mas as máquinas não eram. Pensou nos trajes de limpeza, em como as coisas eram feitas para se estragar após determinado tempo, em determinado ponto. Destruidores invisíveis tão precisos que podiam soltar sua vingança assim que um limpador atingisse uma colina, alcançasse uma altitude específica, assim que ousassem subir. Ele pegou seu lenço e tossiu, e teve uma vaga lembrança de trabalhadores esterilizando a câmara de pressurização depois de puxá-lo para dentro.

— Você está no limite — disse ele, apontando para o último dos silos no radar quando a depressão desapareceu sob a câmera do drone. — Só mais um pouquinho.

Na verdade, porém, ele não tinha ideia de quão mais longe seria necessário ir. Talvez fosse possível seguir direto, dar a volta ao mundo e voar até o ponto onde havia começado, e isso ainda não fosse longe o bastante.

— Estou perdendo altitude — disse Charlotte. Suas mãos eram borrões idênticos. Iam do manche para o painel com botões e voltavam. — Perdemos o segundo motor — informou ela. — Estou planando. — Altitude de duzentos pés.

Parecia muito menos na tela. Tinham passado pela última colina. As nuvens estavam mais esparsas. Havia uma cicatriz na terra, uma trincheira que podia ter sido um rio, palitos negros como ossos carbonizados se projetavam com extremidades afiadas como pontas de lápis, tudo o que restava de árvores antigas, talvez. Ou as colunas de aço de uma grande cerca de segurança devorada pelo tempo.

— Não pare, não pare — sussurrou ele.

Cada segundo no ar fornecia uma nova imagem, uma nova vista. Ali havia um alento de esperança. Ali havia uma fuga do inferno.

— A câmera está morrendo. Altitude em cento e cinquenta pés.

Houve um clarão na tela como um único pulso elétrico antes do fim. Em seguida, os sensores queimando mostraram uma sombra arroxeada, depois um azul lavado onde antes só havia marrom e cinza.

— Altitude, cinquenta pés. A aterrissagem vai ser brusca.

Os olhos de Donald lacrimejavam enquanto o drone mergulhava e a terra passava a toda velocidade para se chocar com a aeronave. Piscou para desembaçar a visão e observar o monitor: não havia nada errado com a câmera.

— Azul... — disse ele.

Uma confirmação pouco antes de uma paisagem verde e viva engolir o drone moribundo. O monitor apagou do verde para a escuridão. Charlotte soltou os controles e xingou. Deu um tapa no painel, mas quando virou para se desculpar, Donald já a estava abraçando, apertando-a e beijando seu rosto.

— Você viu? — perguntou ele. Sua voz era um sussurro ofegante. — Você viu?

— Vi o quê? — Charlotte se afastou. Seu rosto demonstrava uma grande decepção. — Os sensores queimaram no fim. Maldito drone. Provavelmente ficou tempo demais parado...

— Não, não — disse Donald. Ele apontou para a tela, que agora estava escura e sem vida. — Você conseguiu — continuou. — Eu vi. Havia céu azul e grama verde lá fora, Charla! Eu vi!

95

Ano 2331 — Ano Vinte
Silo 17

Sem querer, Solo se transformou em um especialista em lidar com a deterioração das coisas. Dia após dia ele observava ferro e aço virarem pó, via pintura descascar e manchas cor de laranja se enrugarem, via poeira negra se acumular enquanto o metal se dissolvia em pó. Aprendeu como ficava a borracha ao endurecer, secar e rachar. Aprendeu como os adesivos perdiam a cola quando as coisas que ficavam presas nas paredes e no teto surgiam no chão, objetos movidos violenta e repentinamente pelos deuses gêmeos da gravidade e da destruição. Acima de tudo, ele aprendeu como os corpos apodreciam. Eles nem sempre desapareciam rapidamente, como uma mãe empurrada escadaria acima por uma multidão extremamente agitada ou um pai deslizando para as sombras de um corredor às escuras. Em vez disso, costumavam ser devorados e levados em pedaços invisíveis. O tempo e os vermes criavam asas, da mesma forma; eles voavam e levavam todas as coisas com eles.

Solo arrancou a página de um dos artigos chatos daqueles volumes e o dobrou no formato de uma cabana em V. O silo, pensou, de muitas formas pertencia aos insetos. Em toda parte que corpos se acumulavam, os insetos enxameavam em nuvens escuras. Tinha lido sobre eles nos livros. De algum modo, os vermes se transformavam em moscas. Coisas brancas que se retorciam se transformavam em coisas negras que zumbiam. As coisas se deterioravam e mudavam.

Ele passou vários fios através do pedaço de papel dobrado para fazer com que sustentasse o peso. Era nesse momento que Sombra normalmente chegava, arqueava as costas à procura do braço de Solo e pisava no que quer que ele estivesse fazendo, deixando-o irritado e fazendo-o rir ao mesmo tempo. Mas Sombra não o interrompeu.

Solo deu pequenos nós no barbante para evitar que corresse. O papel foi dobrado outra vez sobre os furos para que não rasgasse. Ele sabia bem como as coisas estragavam. Era especialista em coisas que desejava poder desaprender. Solo podia dizer apenas com o olhar quanto tempo fazia que uma pessoa estava morta.

As pessoas que matara havia anos estavam rígidas quando ele as moveu, mas aquilo havia durado pouco tempo. Logo as pessoas começavam a inchar e feder. Seus corpos soltavam gases e as moscas enxameavam. As larvas se banqueteavam.

O fedor fez seus olhos lacrimejarem e sua garganta arder. E os corpos logo ficavam macios. Solo uma vez precisou mover alguns deles na escadaria, pois onde estavam dificultavam a passagem, e a carne se despedaçou. Parecia o queijo cottage que ele comia na época em que ainda havia leite e animais para fornecê-lo. A carne saía quando a pessoa não estava mais naquele corpo para se manter inteira. Solo se concentrava em se manter inteiro. Ele amarrou as outras extremidades do fio a uma arruela de metal do Suprimentos. Fez com a boca os nós mais delicados.

Fios e tecido também não resistiam, mas roupas duravam mais que gente. Em um ano, sobravam apenas roupas e ossos. E cabelo. O cabelo parecia ser o último. Ele se prendia aos ossos e às vezes caía por cima de globos oculares fixos e vazios. O cabelo deixava as coisas piores. Dava identidade aos ossos. A barba sinalizava quais corpos eram de homens, os outros deviam ser de jovens ou mulheres.

Em cinco anos, até as roupas se decompunham. Depois de dez, restavam principalmente ossos. Naqueles dias, tanto tempo depois de o silo ficar às escuras e em silêncio, mais de vinte anos depois de lhe mostrarem o refúgio secreto sob os servidores, restavam apenas os ossos.

Menos lá no alto no refeitório. A podridão em todos os outros lugares tornava os corpos atrás daquela porta ainda mais curiosos.

Solo ergueu seu paraquedas, uma tenda de papel com pequenos fios presos a uma arruela pequena. Ele tinha dezenas e dezenas de pedaços de fio emaranhados em cima do livro aberto. Restava um punhado de arruelas. Deu um puxão nos fios de seu paraquedas e pensou nos corpos lá em cima, no refeitório. Atrás daquela porta, havia pessoas mortas que não iam se deteriorar como os outros. Quando ele e Sombra as descobriram, ele supusera que tivessem morrido pouco tempo antes. Dezenas de pessoas morrendo juntas e empilhadas como se tivessem sido jogadas ali ou subido umas em cima das outras. Solo sabia que a porta para o exterior proibido estava logo atrás delas. Mas ele não havia ido tão longe. Fechara a porta e saíra apressado, com medo dos globos oculares sem vida e da sensação estranha de ver um rosto que não o seu olhando-o daquela maneira. Ele deixara os corpos e não voltara por muito tempo. Havia esperado que eles se transformassem em ossos. Mas isso nunca aconteceu.

Ele foi até a grade de proteção e olhou para baixo. Verificou se o pedaço de papel estava bem-amarrado, pronto para deter o ar. Havia uma corrente ascendente de ar frio que vinha das profundezas inundadas. Solo debruçou além da grade de proteção do nível três, segurando o fino papel entre dois dedos de uma das mãos, a arruela repousando na palma da outra. Ele se perguntou por que algumas pessoas entravam em decomposição e outras continuavam da mesma maneira. O que as fazia deteriorar?

— Deteriorar — disse ele em voz alta.

Às vezes gostava de como sua voz soava. Ele era um especialista em como as coisas se deterioravam. Sombra devia estar ali, se esfregando em seus tornozelos, mas não estava.

— Sou um especialista — disse Solo para si mesmo. — Deteriorar, deteriorar.

Ele estendeu os braços e liberou o paraquedas, observou-o mergulhar por um instante até que os fios se esticaram. Então ele balançou e girou

no ar enquanto caía nas profundezas que se reduziam a distância.

— Descendo, descendo, descendo — gritou para o paraquedas. Até o final. Afundando até cair na água, invisível, ou ficar preso no caminho.

Solo sabia como os corpos apodreciam. Ele coçou a barba e estreitou os olhos para ver o paraquedas desaparecendo, depois sentou e cruzou as pernas, com o joelho saindo por uma abertura no macacão velho. Murmurou consigo mesmo, adiando o que deveria ser feito, seu Projeto do dia, e em vez disso rasgou outra página do livro que ia ficando cada vez mais fino, tentando não pensar em outra carcaça que logo iria encolher com o tempo.

96

Ano 2331 — Ano Vinte
Silo 17

Havia coisas que Solo passava dias e semanas procurando. Havia coisas de que precisava que tinham consumido suas buscas por anos. Frequentemente, ele achava coisas úteis muito mais tarde, quando não precisava mais delas. Como da vez em que encontrou um suprimento de lâminas de barbear. Uma caixa enorme delas em um consultório médico. Todas as coisas importantes, como ataduras, remédios e esparadrapo, tinham sido levadas muito tempo antes por pessoas que lutavam pelo que havia restado. Mas uma caixa de lâminas novas, com muitas delas ainda brilhando, foi uma provocação. Havia muito ele se resignara à própria barba, mas também houvera vezes que teria matado por uma lâmina dessas.

Em outras ocasiões, ele encontrou uma coisa antes mesmo de saber que precisaria dela. Foi assim com o facão. Uma lâmina enorme encontrada sob o corpo de um homem morto não fazia muito tempo. Solo o pegara apenas para que mais ninguém se apossasse do objeto assassino. Ele se trancara abaixo da sala dos servidores por três dias, apavorado com a visão de outro corpo ainda quente. Isso tinha sido muitos anos antes. Levou um pouco mais para o mato tomar conta das fazendas e o facão se tornar necessário. Nessa época, passou a sair sem levar o rifle, pois não precisava mais dele, e o facão se tornou um companheiro constante, algo encontrado antes que ele soubesse que seria necessário.

Solo soltou o último dos paraquedas e observou-o quase prender na plataforma do nível nove. O papel dobrado sumiu de vista. Ele pensou nas coisas que Sombra o ajudara a encontrar ao longo dos anos, principalmente comida. Mas houve uma vez em que Sombra fugira por vontade própria. Foi durante uma excursão ao Suprimentos, quando o gato saiu correndo na frente e sumiu em um andar. Solo fora atrás dele com sua lanterna.

Sombra miara muito perto de uma porta — Solo temera uma nova pilha de corpos —, mas o apartamento estava vazio. O gato subiu na pia da cozinha, inquieto, e ficou tocando com as patas um armário cheio de latinhas. O móvel era velho e todo manchado de ferrugem, com fotos de gatos nele. Sombra parecia louco e lá, com um fio curto plugado na parede, havia um aparelho em mau estado, um abridor de latas elétrico.

Solo sorriu e olhou por cima da grade de proteção, pensando nas coisas que tinha encontrado e perdido ao longo dos anos. Lembrou-se de apertar o botão no alto daquele aparelho pela primeira vez, como Sombra entrara num frenesi, como as tampas haviam sido perfeitamente abertas. Lembrou-se de não se impressionar nem um pouco com o alimento nas latas, mas Sombra tinha outra opinião.

Solo virou-se e estudou o livro com as páginas rasgadas, sentindo-se triste. As arruelas tinham acabado, por isso deixou o livro de lado e desceu com relutância na direção das fazendas. Estava indo fazer o que tinha que ser feito.

* * *

Golpeando a folhagem com seu facão, Solo ficou impressionado por as fazendas não terem apodrecido e ficado destruídas sem pessoas para cuidar delas. Mas as luzes estavam ajustadas para acender e apagar, e mais da metade ainda funcionava. Água ainda gotejava dos canos. Bombas ligavam e desligavam com zumbidos altos e furiosos. Eletricidade roubada daqueles domínios em níveis inferiores era levada

para cima por cabos que serpenteavam pelas paredes da escadaria. Nada funcionava perfeitamente, mas Solo via que a relação do homem com as plantações consistia principalmente em consumi-la. Agora era apenas ele comendo. Ele e os ratos e as minhocas.

Carregou seu fardo percorrendo as áreas mais densas, com a intenção de alcançar os cantos mais afastados da fazenda onde as luzes não iluminavam mais, onde o solo era frio e úmido, onde mais nada crescia. Um lugar especial. Longe de suas excursões semanais para coletar comida. Um lugar aonde iria intencionalmente em vez de passar apenas porque ficava no caminho.

Ao deixar o calor das luzes, ele entrou em um lugar escuro. Gostava dali. Aquilo lhe lembrava a sala embaixo dos servidores, um local reservado e seguro onde era possível se esconder e não ser incomodado. E ali, espalhada em meio a outras ferramentas abandonadas e esquecidas, havia uma pá. Uma coisa de que precisava muito quando precisava dela. Aquela era outra maneira de encontrar coisas. Era quando o silo estava em um estado de espírito generoso. E não era um estado frequente.

Solo se ajoelhou e pôs sua carga na beirada da cerca. O corpo no saco tinha entrado naquela fase de rigidez. Logo ia amolecer. Depois disso...

Solo não queria pensar depois disso. Ele era especialista em algumas coisas que preferia não saber.

Ele pegou a pá e passou por cima da cerca, estava escuro demais para procurar o portão. A ferramenta escavava ruidosamente a terra, e ele lançava no ar o conteúdo de cada pá cheia. Suspiros baixos e pequenas pilhas surgiam. Algumas coisas só eram encontradas no momento em que se precisava delas, e Solo pensou nos anos que tinham passado tão rápido com seu amigo. Ele já sentia falta do modo como Sombra se esfregava em sua perna enquanto ele trabalhava, sempre em seu caminho, mas esperto o bastante para não se deixar pisar, chegando como um raio sempre que Solo assoviava, bem ali, na hora certa. Algo encontrado muito antes de ele saber que precisava.

97

Ano 2345
Silo 1

As botas de Donald ecoaram no armazenamento dos turnos nos níveis inferiores, onde havia milhares de cápsulas criogênicas tão coladas umas nas outras que pareciam pedras reluzentes. Ele se agachou para conferir outra placa de identificação. Tinha perdido a conta de sua posição ao longo do corredor e estava preocupado que tivesse que começar tudo de novo. Levou um pano à boca e tossiu. Limpou os lábios e seguiu em frente. Havia algo pesado e frio em um de seus bolsos pressionando sua coxa. Havia algo pesado e frio dentro de seu peito.

Ele finalmente encontrou a cápsula com o nome de *Troy*. Donald esfregou o vidro e olhou no interior. Havia um homem ali, mais velho do que ele parecia. Mais velho do que Donald se lembrava. Uma tonalidade azul dominava a carne pálida. Cabelo e sobrancelhas brancos passaram a ter uma coloração azulada.

Donald estudou o homem, hesitou, reconsiderou. Ele tinha ido até ali sem cadeira de rodas, sem kit de primeiros socorros. Apenas com uma aflição fria. Um vislumbre da verdade e um desejo de saber mais. Às vezes uma coisa precisava ser aberta antes mesmo de se descobrir como fechá-la.

Ele debruçou sobre o painel de controle e repetiu o procedimento que havia libertado sua irmã. Pensou em Charlotte lá em cima no alojamento quando digitou sua senha. Ela não tinha como saber o que

ele estava fazendo ali embaixo. Ela não podia saber. Thurman havia sido como um segundo pai para os dois.

O botão foi girado para a direita. Números piscaram, depois aumentaram um grau. Donald levantou e começou a andar. Deu a volta na cápsula com um nome, o nome de um homem no qual eles o haviam transformado, aquele sarcófago que agora guardava seu criador. O frio no coração de Donald se espalhou para seus membros enquanto Thurman se aquecia. Donald levou o tecido manchado de rosa à boca e tossiu. Ele o enfiou de volta no bolso e puxou um pedaço de corda.

Lembrou-se de um relatório dos arquivos de Victor enquanto estava ali parado, os papéis invertidos: era ele quem estava descongelando o Senhor Degelo. Victor tinha escrito sobre experimentos antigos nos quais guardas e prisioneiros trocavam de lugar, e os que sofriam maus-tratos logo passavam a cometê-los. Donald achou a ideia detestável, que as pessoas mudassem tão rapidamente. Os resultados pareciam inacreditáveis. Mas ele vira homens e mulheres bons chegarem ao Capitólio cheios de boas intenções, havia visto a mudança. Donald recebera uma dose de poder naquele turno e podia sentir sua sedução. A descoberta foi que homens maus surgiam de sistemas maus, e que todo homem tinha o potencial de ser corrompido. E era por isso que alguns sistemas deviam ser extintos.

A temperatura subiu, e a tampa destravou. Ela abriu com um suspiro. Donald enfiou a mão em seu interior e a ergueu até o fim. Ele meio que esperava que uma mão saísse dali e agarrasse seu pulso, mas havia apenas um homem deitado no interior, imóvel e emanando vapor. Apenas um homem, patético e nu, com um tubo penetrando em seu braço, outro no meio de suas pernas. Músculos flácidos. Carne pálida reunida em dobras de tecido enrugado. Fios ralos de cabelo.

Donald segurou as mãos de Thurman e as juntou. Enrolou a corda em torno dos pulsos do homem, entrelaçou-a entre as mãos, depois deu um nó para amarrar bem. Donald se afastou e observou as pálpebras enrugadas de Thurman em busca de algum sinal de vida.

Os lábios se moveram. Eles se entreabriram e pareceram inspirar, de modo experimental, como se fosse a primeira vez. Era como ver os mortos ressuscitarem, e Donald apreciou pela primeira vez o milagre daquelas máquinas. Ele levou a mão à boca e tossiu quando Thurman se mexeu. Os olhos do velho piscaram antes de permanecerem abertos. Gelo derretido escorria dos cantos, dando a ele um quê de falsa humanidade. Mãos enrugadas se ergueram para esfregar a camada de gelo, e Donald conhecia aquela sensação, pálpebras que não se abriam totalmente, que pareciam ter grudado. Thurman emitiu um grunhido enquanto tentava se livrar da corda. Ele ficou mais consciente e viu que havia algo errado.

— Fique quieto — disse Donald. Ele colocou uma das mãos na testa do velho, pôde sentir o frio que ainda tomava sua carne. — Calma.

— Anna... — murmurou Thurman.

O homem passou a língua nos lábios, e Donald se deu conta de que não tinha sequer levado água, não tinha levado o líquido amargo. Não havia dúvida do que ele estava ali para fazer.

— Pode me ouvir? — perguntou.

As pálpebras de Thurman piscaram outra vez; suas pupilas se dilataram. Ele pareceu se concentrar no rosto de Donald, com os olhos se movendo sem parar por causa do reconhecimento tardio.

— Filho? — Sua voz estava rouca.

— Fique quieto — disse Donald, enquanto Thurman virava de lado e tossia nas mãos amarradas.

O velho olhou para as cordas em torno de seus pulsos com expressão confusa. Donald virou e conferiu a porta a distância.

— Preciso que me escute — começou Donald.

— O que está acontecendo?

Thurman agarrou a borda da cápsula e tentou se levantar. Donald pegou a pistola em seu bolso. Thurman olhou para o aço negro quando o cano foi apontado para ele. Sua consciência descongelou em um instante. Ele permaneceu absolutamente imóvel. Mexeu apenas os olhos, encontrando o olhar de Donald.

— Em que ano estamos? — perguntou.

— Duzentos anos antes de você matar todos nós — disse Donald.

O cano da arma tremia de ódio. Ele envolveu a coronha da arma com a outra mão e deu meio passo para trás. Thurman estava fraco e amarrado, mas Donald não ia correr riscos. O velho era como uma cobra pronta para dar o bote em uma manhã fria. Donald não conseguia evitar pensar no que ele seria capaz de fazer à medida que o dia esquentasse.

Thurman passou a língua nos lábios e estudou Donald. Ondas de vapor subiam dos ombros do velho.

— Anna contou a você — disse ele, por fim.

Donald teve um impulso sádico de dizer a ele que Anna estava morta. Sentiu uma pontada de orgulho e quis insistir que tinha descoberto tudo sozinho. Em vez disso, simplesmente assentiu.

— Você precisa saber que esse é o único jeito — murmurou Thurman.

— Há milhares de maneiras — rebateu Donald.

Ele trocou a arma de mão e secou sua palma suada no macacão.

Thurman olhou para a arma, depois, com o olhar, procurou ajuda na sala atrás de Donald. Após uma pausa, ele tornou a recostar na cápsula. Vapor continuava a subir no interior dela, mas Donald podia vê-lo começar a tremer por causa do frio.

— Eu costumava pensar que você estava tentando viver para sempre — disse Donald.

Thurman riu. Ele examinou a corda cheia de nós mais uma vez, olhou para a agulha e o tubo presos a seu braço.

— Só o suficiente.

— O suficiente para quê? Para reduzir a humanidade a nada? Para libertar um desses silos e depois sentar aqui e destruir o restante?

Thurman assentiu. Ele puxou os pés para perto do corpo e abraçou as pernas. Parecia magro e frágil demais sem o macacão, sem seu orgulhoso peito estufado.

— Você salvou todas essas pessoas só para matar a maioria delas. E nós também.

Thurman murmurou uma resposta.

— Mais alto — disse Donald.

O velho fez um gesto de beber alguma coisa. Donald lhe mostrou a arma. Era tudo o que tinha. Thurman bateu no peito e tentou voltar a falar, e Donald deu um passo cauteloso à frente.

— Explique-me por quê — ordenou Donald. — Eu estou no comando aqui. Eu. Conte-me ou juro que vou deixar todo mundo sair de seus silos agora mesmo.

Os olhos de Thurman se estreitaram.

— Tolo — rosnou. — Eles vão matar uns aos outros.

Sua voz mal era audível. Donald podia escutar o ruído de todas as cápsulas criogênicas ao seu redor. Ele se aproximou ainda mais. A cada momento que passava, ficava mais confiante de que aquela era a coisa certa a fazer.

— Sei o que acha que eles vão fazer uns com os outros — disse Donald. — Sei sobre essa grande limpeza, isso que chamam de reset. — Ele empurrou a arma contra o peito de Thurman. — Sei que você vê esses silos como espaçonaves que estão levando as pessoas para um mundo melhor. Li cada bilhete, memorando e arquivo ao qual você tem acesso. Mas tem uma coisa que quero ouvir de você antes que morra...

Donald sentiu as pernas bambas. Foi tomado por um acesso de tosse. Tentou pegar o lenço, mas gotas cor-de-rosa atingiram a cápsula prateada antes que conseguisse proteger a boca. Thurman observou. Donald se equilibrou, tentou lembrar o que estava dizendo.

— Quero saber por que tanto sofrimento — disse Donald com voz rouca, a garganta ardendo. — Todas essas vidas desgraçadas indo e vindo, as pessoas aqui embaixo que você planeja matar, nunca despertar. Sua própria filha... — Ele estudou o rosto de Thurman à procura de alguma reação. — Por que não nos congelar por mil anos e nos despertar quando tudo estiver terminado? Agora sei o que o ajudei a construir. Quero saber por que não pudemos dormir durante tudo isso. Se você queria um lugar melhor para nós, por que não nos levar para lá? Por que o sofrimento?

Thurman permanecia perfeitamente imóvel.

— Explique por quê — insistiu Donald. Sua voz estava alterada, mas ele fingiu não perceber. Voltou a erguer o cano da arma, que tinha baixado.

— Porque ninguém pode saber — disse por fim Thurman. — Tem que morrer conosco.

— O que tem que morrer?

Thurman umedeceu os lábios.

— O conhecimento. As coisas que deixamos fora do Legado. A capacidade de acabar com tudo com o apertar de um botão.

Donald riu.

— Acha que não vamos descobrir de novo? As maneiras de destruir a nós mesmos?

Thurman deu de ombros, nu. O vapor que emanava deles tinha se dissipado.

— Com o tempo. O que é bem mais distante que agora.

Donald apontou a arma para as cápsulas à sua volta.

— E portanto tudo isso vai ser destruído também. Nós temos que escolher uma tribo, uma de suas espaçonaves para aterrissar, e todo o resto vai ser eliminado. Foi esse o pacto que vocês fizeram?

Thurman assentiu.

— Bem, alguém quebrou o pacto — disse Donald. — Alguém me botou aqui no seu lugar. Eu agora sou o pastor.

Os olhos de Thurman se arregalaram. Seu olhar foi da arma para o crachá preso à gola de Donald. O bater de seus dentes foi silenciado pelo movimento de cerrar e descerrar as mandíbulas.

— Não — disse ele.

— Eu nunca pedi esse emprego — falou Donald, mais para si mesmo que para Thurman. Ele firmou o cano da arma. — Nenhum desses empregos.

— Nem eu — retrucou Thurman.

Donald foi lembrado mais uma vez daqueles prisioneiros e guardas. Podia ser ele naquela cápsula. Podia ser qualquer um parado ali com

aquela arma. Era o sistema.

Havia centenas de outras coisas que ele gostaria de perguntar ou falar. Queria dizer àquele homem que ele tinha sido como um pai para ele; mas o que aquilo significava quando pais podiam ser tão abusivos quanto amorosos? Ele queria gritar com Thurman pelo mal que tinha feito ao mundo, mas parte dele sabia que o mal fora feito muito tempo antes e que era irreversível. E, finalmente, havia uma parte dele que queria implorar por ajuda, libertar aquele homem de sua cápsula; uma parte que queria trocar de lugar com Thurman, se encolher ali dentro e voltar a dormir; uma parte que achava que ser prisioneiro era muito mais fácil que permanecer como guarda. Mas sua irmã estava lá em cima se recuperando. Os dois tinham mais perguntas que precisavam de respostas. E em um silo, não muito longe, estava ocorrendo uma transformação, o fim de um levante, e Donald queria ver como aquilo ia se desenrolar.

Tudo isso e muitas outras coisas passavam a toda velocidade pela mente de Donald. Não ia demorar até que o Dr. Wilson voltasse à sua mesa e possivelmente olhasse para uma tela no momento em que as imagens daquela câmera específica fossem exibidas. E quando a boca de Thurman se entreabriu para dizer alguma coisa, Donald se deu conta de que acordar o velho para ouvir suas desculpas tinha sido um erro. Havia pouco a aprender ali.

Thurman se inclinou para a frente.

— Donny — disse.

Tentou pegar a pistola da mão de Donald com os punhos. Seus braços se moveram lentamente e sem forças, não com esperança — Donald achava que não — de conseguir tomar a arma, mas possivelmente com o desejo de puxá-la para perto, de apertá-la contra o peito ou a boca do jeito que Victor fizera, tal era a tristeza nos olhos do velho.

Donald por pouco não entregou a arma a ele, só para ver o que faria com ela. Em vez disso, puxou o gatilho. Puxou o gatilho antes que pudesse se arrepender.

A explosão foi absurdamente alta. Houve um grande clarão, um ruído horrível que ecoou através de mil almas adormecidas, e depois um homem desabou dentro de um caixão.

A mão de Donald tremia. Ele lembrou dos primeiros dias de seu mandato, tudo o que aquele homem fizera por ele, aquela reunião bem no início. Ele tinha sido contratado para um trabalho que não era qualificado. Tinha sido contratado para um trabalho que no princípio não conseguiu compreender. Naquela primeira manhã, quando despertou deputado, perceber que ele e apenas alguns poucos outros estavam no comando de uma nação poderosa lhe dera uma sensação de realização e de medo. E durante todo o tempo, ele fora um interno a quem pediram para construir os muros de sua própria reclusão entorpecida.

Dessa vez seria diferente. Dessa vez, ele ia aceitar a responsabilidade e liderar sem medo. Ele e a irmã, em segredo. Eles iam descobrir o que havia de errado com o mundo e consertar. Restabelecer a ordem a tudo que fora perdido. Um experimento havia começado em outro silo, uma mudança de guarda, e Donald pretendia ver os resultados.

Ele levantou o braço e fechou a tampa da cápsula. Havia gotas cor-de-rosa sobre a superfície reluzente. Donald tossiu uma vez e limpou a boca. Enfiou a pistola no bolso e se afastou da cápsula. O coração estava acelerado por causa do que havia feito. E a cápsula com um homem morto em seu interior vibrava silenciosamente.

98

Ano 2345 – Ano Trinta e Quatro
Silo 17

Solo passou a corda pelas asas das jarras de plástico vazias. Elas chacoalhavam juntas e produziam uma espécie de música. Ele recolheu a mochila de lona e ficou parado de pé um instante, mexendo na barba, esquecendo alguma coisa. O que ele havia esquecido? Ao passar a mão no peito, tinha se certificado de que estava com a chave. Era um velho hábito do qual não conseguia se livrar. A chave, é claro, não estava mais ali. Ele a havia guardado em uma gaveta quando as coisas não precisaram mais ser trancadas, quando não restou mais ninguém de quem ter medo.

Encheu dois sacos com latas vazias de sopa e de legumes, o que era quase nada diante da enorme pilha de lixo. Com as mãos cheias e cada passo provocando um chacoalhar metálico, ele levou suas coisas pela passagem escura até a luz na outra extremidade.

Precisou de duas viagens escada acima para levar tudo. Passou por baixo das máquinas negras, muitas das quais tinham ficado silenciosas com o passar dos anos, vítimas do calor, talvez. O arquivo teve que ser mudado de lugar para que a porta pudesse ser aberta. O silo não tinha trancas nem gente, mas também nenhum idiota. Ele puxou a porta pesada, pôde sentir a presença do pai, como sempre, e saiu para o vasto mundo onde havia apenas fantasmas e coisas tão ruins que não conseguia se lembrar delas.

Os corredores estavam iluminados e vazios. Quando passou, Solo acenou para onde sabia haver câmeras. Ele sempre achava que um dia ia se ver nos monitores, mas as câmeras tinham parado de funcionar muito tempo antes. E, além disso, seria preciso haver dois deles para que isso acontecesse. Um para ficar ali e acenar, outro junto aos monitores para vê-lo. Ele riu de como era tolo. Ele era Solo.

Sair na plataforma lhe trouxe ar fresco e uma sensação perturbadora de altura. Solo pensou no nível da água que subia. Quanto tempo até alcançá-lo? Tempo demais, pensou. Ele estaria morto quando acontecesse. Mas era triste pensar que um dia sua pequena casa sob os servidores ficaria cheia de água. Todas as latas vazias na enorme pilha junto da estante iam boiar até o alto. O computador e o rádio iam soltar pequenas bolhas de ar. Aquilo o fez rir, pensar nos objetos gorgolejando e nas latas boiando na superfície, e ele não se importou mais se acontecesse ou não. Jogou os dois sacos de latas vazias por cima da grade de proteção e ouviu-as se estatelar lá embaixo na plataforma do trinta e cinco. Elas tinham cumprido seu dever. Ele voltou para a escadaria.

Para cima ou para baixo? Para cima significava tomates, pepinos e abobrinha. Para baixo significava frutas vermelhas, milho e cavar para colher batatas. Para baixo exigia mais cozimento. Solo subiu.

Ele contou os degraus enquanto caminhava.

— Oito, nove, dez — sussurrava.

Cada degrau era diferente. Havia vários deles. Eles tinham todos o tipo de companhia, todos os tipos de amigos degraus, dos dois lados. Mais coisas iguais a eles.

— Olá, degrau — disse ele, se esquecendo de contar.

O degrau não disse nada. Solo não falava o que quer que eles falavam, a música das botas solitárias retinindo para cima e para baixo.

Um ruído. Ele ouviu um ruído. Parou e ouviu, mas normalmente os ruídos sabiam quando ele estava fazendo isso e ficavam tímidos. Aquele era outro desses ruídos. Ele ouvia coisas que não existiam o tempo todo. Havia bombas e luzes conectadas por toda parte, e elas ligavam e desligavam a seu bel-prazer. Uma dessas bombas tivera um vazamento

anos antes, e o próprio Solo a consertara. Ele precisava de um Projeto novo. Estava repetindo os mesmos muitas vezes, como cortar a barba quando chegava à altura do peito, e todos esses Projetos eram chatos.

Só uma pausa para beber e fazer xixi até chegar às fazendas. Suas pernas estavam bem. Mais fortes até do que quando era mais jovem. Quanto mais você fazia as coisas difíceis, mais fáceis elas ficavam. Mas isso não tornava as coisas difíceis mais divertidas. Solo desejava que elas fossem fáceis na primeira vez.

Ele fez a última curva antes da plataforma do trinta. Estava prestes a assoviar uma canção de colheita quando percebeu que havia deixado a porta aberta. Não sabia ao certo como. Solo nunca deixava a porta aberta. Nenhuma porta.

Havia alguma coisa apoiada no canto contra a grade. Parecia sobra de material de um de seus Projetos. Um pedaço de cano de plástico quebrado. Ele o pegou. Estava cheio de água. Solo o cheirou, tinha um odor estranho, e ele começou a derramar a água por cima da grade de proteção quando o cano escorregou de seus dedos. Ele congelou e esperou o som das batidas distantes. Ele nunca ocorreu.

Desastrado. Ele se xingou por ser esquecido e desastrado. Deixar uma porta aberta. Ele estava entrando de volta quando viu o que a mantinha aberta. Uma haste negra. Estendeu a mão para pegá-la e viu que era o cabo de uma faca enfiada na grade.

Havia barulho no interior, nas profundezas das fazendas. Solo permaneceu totalmente imóvel por um instante. Aquela faca não era dele. Ele não era tão esquecido. Puxou a lâmina e deixou que a porta fechasse enquanto milhares de pensamentos passavam por sua mente alerta. Um rato não podia fazer uma coisa daquelas. Só uma pessoa podia. Ou um fantasma poderoso.

Ele devia fazer alguma coisa. Devia prender as maçanetas ou enfiar algo embaixo das portas para travá-las, mas estava com medo demais. Em vez disso, virou e saiu correndo. Correu pelas escadas abaixo, com as jarras chacoalhando juntas, sua mochila vazia batendo em suas costas e segurando a faca de outra pessoa. Quando as jarras prenderam no

corrimão, a corda esticou, e ele puxou duas vezes antes que ela arrebentasse e o soltasse. Seu buraco. Ele tinha que chegar ao seu buraco. Respirando com dificuldade, continuou a correr. As vibrações de *outro* perturbavam sua solidão. Ele não tinha que parar para escutá-las. Aquele era um fantasma barulhento. Barulhento e sólido. Solo pensou em seu facão, que tinha quebrado ao meio anos antes. Mas ele tinha aquela faca. Aquela faca. Deu voltas e voltas na escadaria, completamente apavorado. Chegou à plataforma. Plataforma errada! Trinta e três. Faltava um. Parou de contar, parou de contar. Quase caiu, corria rápido demais. Suava. Em casa.

Bateu as portas às suas costas e respirou fundo, apoiando as mãos nos joelhos. Pegou a vassoura no chão e a enfiou entre os puxadores da porta. Ela mantinha os fantasmas silenciosos afastados. Ele esperava que também funcionasse com os barulhentos.

Solo passou pelo portão de segurança arrebentado e desceu os corredores a toda velocidade. Uma das luzes do teto estava apagada. Um Projeto. Mas não havia tempo. Ele alcançou a porta de metal e a empurrou. Correu para dentro. Parou e correu de volta. Solo se apoiou na porta e a empurrou até que fechasse. Ele se abaixou, encostou o ombro no arquivo e o empurrou contra a porta, em um arrastar terrivelmente agudo. Achou ter ouvido passos do lado de fora. Alguém rápido. Escorria suor de seu nariz. Ele agarrou a faca e correu por entre os servidores. Houve um rangido atrás dele, de metal contra metal. Solo não estava sozinho. Eles tinham chegado para pegá-lo. Estavam chegando, chegando. Ele podia sentir o gosto do medo na boca, como o de metal. Correu até a grade, desejou tê-la deixado aberta. Pelo menos as trancas estavam quebradas. Enferrujadas. Não, isso não era bom. Ele precisava das trancas. Solo desceu pela escada e segurou a grade, começou a baixá-la sobre a cabeça. Ele ia se esconder. Esconder. Como nos primeiros anos. De repente, havia alguém puxando a grade de suas mãos. Ele começou a golpear com a faca. Houve um grito de susto, uma mulher. Ela respirava com dificuldade, olhava para ele e lhe dizia para ficar calmo.

Solo tremia. Sua bota deslizou um pouco na escada, mas ele se segurou. Ele se segurou bem firme enquanto aquela mulher falava. Os olhos dela estavam arregalados e vivos. Seus lábios se moviam. Ela estava ferida, não queria machucá-lo. Só queria saber o nome dele. Estava feliz em vê-lo. A umidade nos olhos dela era de felicidade em vê-lo. E Solo achou que talvez ele mesmo fosse como uma pá, um abridor de latas ou alguma daquelas coisas enferrujadas espalhadas. Ele era uma coisa que podia ser encontrada. Ele podia ser encontrado. E alguém havia feito isso.

EPÍLOGO

Ano 2345
Silo 1

Donald sentou sozinho na sala de comunicação. Tinha todos os aparelhos para si. Havia mandado todos os outros almoçar e dito aos que não estavam com fome que tirassem uma folga. E eles o obedeceram. Eles o chamavam de Pastor, não sabiam mais nada sobre Donald exceto que estava no comando. Eles entravam e saíam de seus turnos, e faziam o que ele mandava.

Uma luz piscando na estação de comunicação ao lado indicava que o Silo 6 estava tentando fazer uma ligação. Donald sentou e escutou o som de chamada em seu fone de ouvido enquanto ele mesmo fazia uma ligação.

Chamou e chamou. Ele conferiu o cabo, seguiu-o até a conexão, certificou-se de que o plugue estava encaixado corretamente. Entre as duas estações de comunicação havia um jogo de cartas inacabado, deixado de lado quando Donald mandou que todos saíssem da sala. Havia uma pilha de descarte com uma dama de espadas no topo. Finalmente, ouviu um clique em seu fone.

— Alô? — disse ele.

Esperou. Achou que estava ouvindo alguém respirar do outro lado.

— Lukas?

— Não — disse a voz.

Era uma voz mais suave. E ainda assim, mais dura.

— Quem é? — perguntou. Ele estava acostumado a falar com Lukas.

— Não importa quem é — disse a mulher.

E Donald soube perfeitamente. Ele olhou para trás, assegurou-se de que ainda estava sozinho, em seguida inclinou-se para a frente em sua cadeira.

— Não estamos acostumados a conversar com prefeitos — disse ele.

— E eu não estou acostumada a ser uma.

Donald praticamente podia ouvir a mulher zombar dele.

— Eu não pedi meu emprego — confidenciou ele.

— E apesar disso, aqui estamos nós.

— Aqui estamos nós.

Houve uma pausa.

— Sabe — disse Donald —, se eu fosse bom em meu cargo, apertaria um botão agora mesmo e acabaria com seu silo.

— Por que não faz isso?

A voz da prefeita se mantinha inalterada. Curiosa. Parecia uma pergunta de verdade, não um desafio.

— Duvido que você acreditasse em mim se eu contasse.

— Experimente — disse ela.

E Donald desejou ainda ter em mãos a pasta sobre aquela mulher. Ele a havia carregado por toda parte durante as primeiras semanas de seu turno. E agora, quando ele precisava dela...

— Há muito tempo — contou para ela —, eu salvei seu silo. Seria uma vergonha acabar com ele agora.

— Você tem razão. Eu não acredito em você.

Houve um barulho no corredor. Donald destampou um dos ouvidos e olhou de relance para trás. Seu engenheiro de comunicação estava parado do lado de fora da porta com uma garrafa térmica em uma das mãos e uma fatia de pão na outra. Donald ergueu o indicador e pediu a ele que esperasse.

— Sei onde você esteve — disse Donald àquela prefeita, àquela mulher enviada para a limpeza. — Sei o que você viu. E eu...

— Você não sabe nada sobre o que eu vi — retrucou ela, com palavras cortantes como lâminas afiadas.

Donald sentiu sua temperatura subir. Aquela não era a conversa que ele queria ter com aquela mulher. Não estava preparado. Protegeu o microfone do aparelho com a mão, podia sentir que perdia seu tempo e que a estava perdendo.

— Cuidado — falou ele. — É tudo o que vou dizer...

— Me escute — pediu ela. — Estou sentada aqui em uma sala cheia de verdade. Eu vi os livros. Vou cavar todas as informações até descobrir o que vocês realmente fizeram.

Donald podia ouvir a respiração dela.

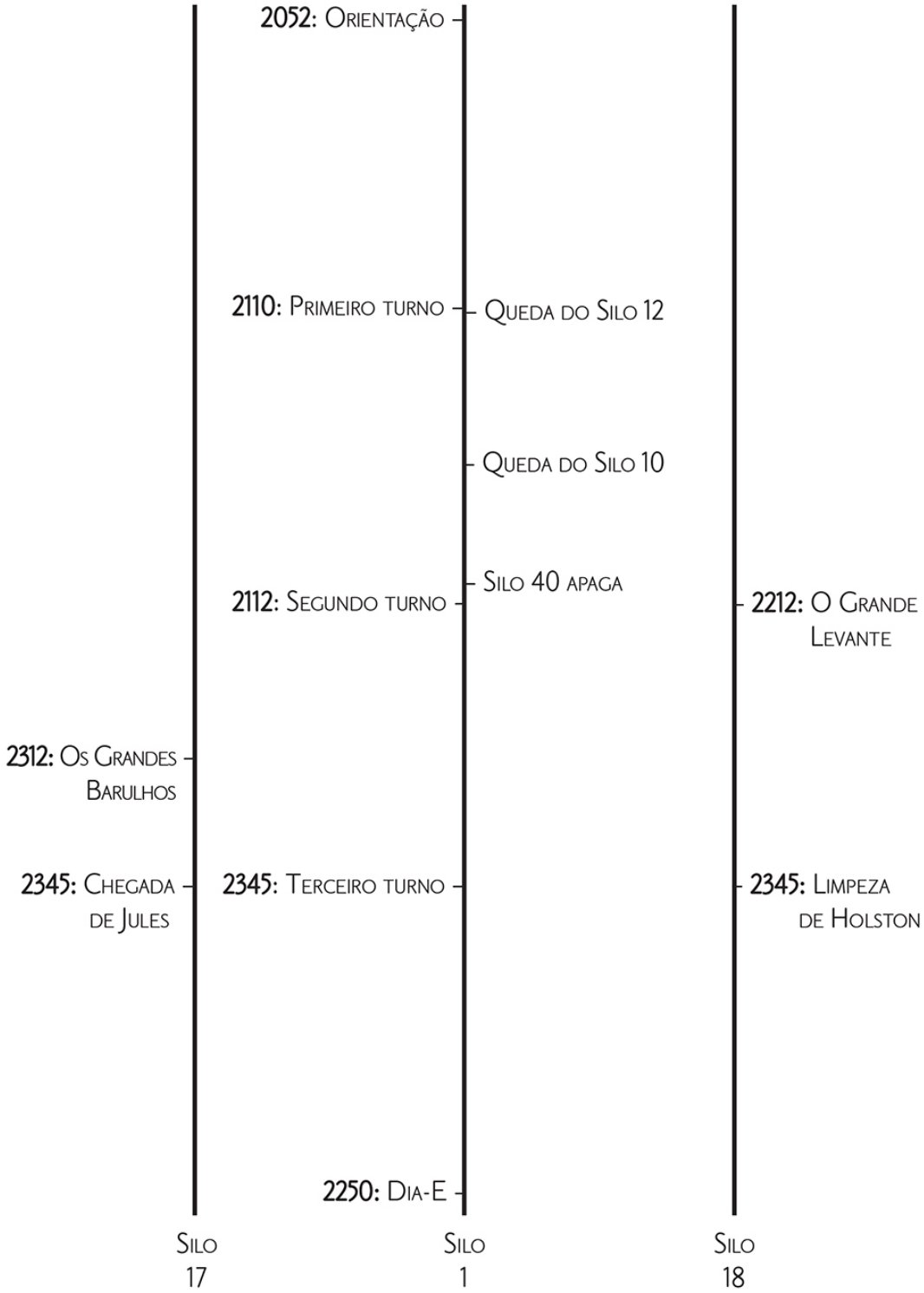
— Eu sei a verdade que você está procurando — disse ele em voz baixa. — Pode ser que você não goste do que descobrir.

— Ou melhor, *você* pode não gostar do que eu descobrir.

— Só... tenha cuidado. — Donald baixou a voz. — Cuidado onde você vai cavar para procurar.

Houve uma pausa. Donald olhou para trás, para o engenheiro. O homem dava um gole em sua garrafa térmica.

— Ah, vamos tomar cuidado onde vamos cavar — respondeu aquela Juliette, por fim. — Eu odiaria que vocês nos ouvissem chegando.


2052: Orientação
2110: Primeiro turno
Queda do Silo 12
Queda do Silo 10
Silo 40 apaga
2112: Segundo turno
2212: O Grande Levante
2312: Os Grandes Barulhos
2345: Chegada de Jules
2345: Terceiro turno
2345: Limpeza de Holston
2250: Dia-E
Silo 17
Silo 1
Silo 18

Leia um trecho de

LEGADO,

o último volume da série

SILO

Silo 18

Chovia poeira nos corredores da Mecânica; ela caía em função da violenta vibração provocada pela escavação. Cabos no teto balançavam em seus suportes. Canos chacoalhavam. E da sala do gerador, pancadas ritmadas enchiam o ar, ricocheteavam nas paredes e traziam à mente uma época em que máquinas desreguladas giravam perigosamente.

No exato lugar daquela atividade ilegal, Juliette Nichols estava parada com o zíper do macacão aberto até a cintura, os braços da vestimenta amarrados em torno dos quadris, pó e suor se transformando em lama e manchando sua camiseta. Ela apoiava o corpo contra a escavadeira, seus braços magros e com músculos bem-definidos tremendo enquanto o pistão pesado da máquina batia sem parar contra a parede de concreto do Silo 18.

Ela podia sentir as vibrações nos dentes. Todos os ossos e articulações de seu corpo tremiam, e velhas feridas doíam com as lembranças. Afastados, os mineiros que em geral operavam a escavadeira observavam insatisfeitos. Juliette tirou os olhos do concreto empoeirado e viu como os homens estavam parados de braços cruzados sobre os peitos largos, os maxilares tensos em expressões fechadas, com raiva talvez pela apropriação de sua máquina. Ou talvez pelo tabu de cavar onde cavar era proibido.

Juliette engoliu a poeira e a greda acumuladas em sua boca e se concentrou na parede que estava destruindo. Havia outra possibilidade, uma que ela não podia deixar de levar em consideração. Bons mecânicos e mineiros tinham morrido por causa dela. Lutas brutais haviam eclodido quando ela se recusara a fazer a limpeza. Quantos daqueles

homens e mulheres que a observavam escavar tinham perdido uma pessoa amada, um melhor amigo, um membro da família? Quantos deles a culpavam? Era impossível que ela fosse a única.

A escavadeira escoiceou e houve o som estridente de metal contra metal. Juliette afastou a caçamba que martelava contra a parede quando mais ossos de vergalhões apareceram na carne branca do concreto. Ela já tinha aberto uma verdadeira cratera na parede externa do silo. As pontas irregulares de uma primeira fileira de vergalhões pendiam do alto, com extremidades lisas como velas derretidas onde ela aplicara o maçarico. Mais sessenta centímetros de concreto e outra fileira de barras ferro surgira. A parede do silo era mais grossa do que ela havia imaginado. Com membros dormentes e nervos em frangalhos, ela conduziu a máquina à frente, com a caçamba esmagando a rocha entre os vergalhões. Se ela mesma não tivesse visto o projeto, se ela não soubesse que havia outros silos lá fora, já teria desistido. Parecia que ela estava mastigando a própria terra. Seus braços tremiam, suas mãos eram um borrão. Ela estava atacando a parede do silo, martelando-a com disposição de perfurar aquela droga, abrir um buraco até o lado de fora.

Os mineiros não se sentiam nem um pouco à vontade. Juliette desviou o olhar deles para o ponto na parede no qual estava trabalhando enquanto a caçamba batia novamente contra mais aço. Ela se concentrou na fenda de pedra branca entre os vergalhões. Com a bota, chutou a alavanca para acionar a máquina, e se debruçou na escavadeira, que avançou lentamente girando as esteiras enferrujadas mais alguns centímetros. Ela devia ter parado um pouco algum tempo antes. A greda em sua boca a fazia engasgar. Ela estava morrendo de sede. Seus braços precisavam de descanso. A base da escavadeira e seus pés estavam cobertos de entulho. Ela chutou alguns dos pedaços maiores do caminho e continuou a perfurar.

Seu medo era que, se parasse de novo, não ia conseguir convencê-los a deixá-la continuar. Prefeita ou não, chefe de turno ou não, homens que ela achava corajosos haviam deixado a sala do gerador aborrecidos. Eles pareceram aterrorizados com a ideia de que ela pudesse perfurar uma

vedação sagrada e permitir que o ar sujo e assassino entrasse. Juliette viu o modo como olhavam para ela, sabendo que estivera lá fora, como se ela fosse algum tipo de fantasma. Muitos mantinham distância, como se ela tivesse alguma doença.

Juliette cerrou os dentes, esmagando grãos de concreto com gosto ruim, e chutou a alavanca com a bota para que a máquina se movesse para a frente mais uma vez. As esteiras da escavadeira andaram mais alguns centímetros. Só alguns. Juliette xingou a máquina e a dor em seus pulsos. Maldita luta e seus amigos mortos. Malditos os pensamentos sobre Solo e as crianças sozinhos, a uma eternidade rochosa de distância. E maldita a maluquice da prefeita, pessoas olhando-a como se de repente ela chefiasse todos os turnos em todos níveis, como se ela soubesse que diabo estava fazendo, como se eles tivessem que obedecê-la mesmo temendo-a...

A escavadeira avançou bruscamente alguns centímetros, e a broca de perfuração emitia um grito agudo penetrante. Uma das mãos de Juliette se soltou, e a máquina acelerou de tal forma que parecia prestes a explodir. Os mineiros saltaram de espanto como pulgas. Vários deles correram na direção dela, suas sombras convergindo. Juliette apertou o botão vermelho de desligar, que estava quase invisível sob uma camada de poeira branca. A escavadeira se sacudiu e chacoalhou ao reduzir bruscamente de uma aceleração perigosa.

— Atravessou! Você atravessou!

Ralph a puxou para trás, seus braços pálidos, fortes de anos nas minas, envolveram os membros dormentes de Juliette. Outros gritavam para ela que tinha acabado. Terminado. A escavadeira fizera um barulho como se uma biela tivesse se rompido; houve aquele guincho perigoso de um motor poderoso girando sem atrito, sem nenhuma resistência. Juliette soltou os controles e caiu nos braços de Ralph. Um desespero voltou, a lembrança de seus amigos enterrados vivos naquela tumba de um silo vazio e ela incapaz de alcançá-los.

— Você atravessou, chegue para trás!

Uma mão que fedia a graxa e trabalho tapou sua boca, protegendo-a do ar que vinha de fora. Juliette não conseguia respirar. A sua frente, havia uma faixa negra de espaço vazio e uma nuvem de concreto se dissipando.

E ali, entre duas barras de ferro, havia um vazio escuro. Um vazio entre as grades de uma prisão com dois andares de profundidade, e seguia por toda a volta deles, da Mecânica direto até o topo.

Ela tinha atravessado. *Atravessado*. Ela agora tinha um vislumbre de outro exterior, um *exterior diferente*.

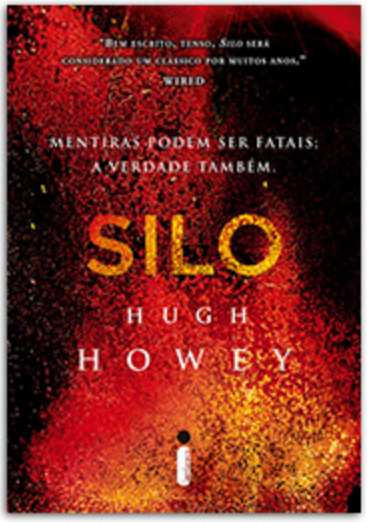
— O maçarico — balbuciou Juliette, afastando a mão calejada de Ralph de sua boca e arriscando inspirar uma golfada de ar. — Peguem o maçarico de corte. E uma lanterna.

Sobre o autor

© Amber Lyda

HUGH HOWEY escreveu a trilogia *Silo* enquanto trabalhava em uma livraria, dedicando ao manuscrito suas manhãs e horas de almoço ao longo de quase três anos. Originalmente publicados em e-book de forma independente, os livros se tornaram best-sellers da Amazon e do *New York Times*. Howey mora em Jupiter, na Flórida, com a esposa, Amber, e a cadela, Bella.

Conheça o primeiro livro da série



Silo

Leia também

A hospedeira
Stephenie Meyer

Réquiem
Lauren Oliver